

Pecado

E OUTRAS COISAS

Série Ravina 03

RED R.

Pecado

E OUTRAS COISAS



AUTORA



Os direitos autorais dessa história pertencem à autora.

Esta é uma obra de ficção.
Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução total ou parcial
de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios.

Leitura Crítica: Adriana Mantovanelli
Revisão e Projeto Gráfico: AB Serviços Editoriais

Criado no Brasil.

Para os meus leitores
fodidos da cabeça e que não
têm medo de pecar.

Aviso de gatilho

Pecado e Outras Coisas faz parte de uma série. Embora seja aconselhado, não é necessário ler os dois primeiros livros para entender esse. Porém, pode conter spoiler das obras anteriores.

Esse livro é um Dark Romance, ou seja, foca no lado sombrio do ser humano. Aqui os personagens vão ao extremo das emoções e comportamentos considerados inaceitáveis socialmente.

A autora não pratica ou compactua com comportamentos ilícitos e inaceitáveis socialmente.

Existe um grande tabu envolvendo fé com a personagem Maria. Atente-se a isso antes de iniciar a leitura. Também abordo uma relação incestuosa e sadomasoquista.

Fora esses avisos e ressalvas iniciais, a narrativa poderá conter gatilhos de palavrões, profanação, cenas gráficas de sexo, tortura física e psicológica, violência, luto, consentimento duvidoso e automutilação.

Obra destinada a leitores maiores de 18 anos.

“Há pecados tão agradáveis que, se os confessasse,
cometia o pecado do orgulho”.
Sophie Arnould

Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28

Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Epílogo
Agradecimentos
Nota da Autora

Tenha uma melhor experiência
de leitura ouvindo a playlist.





CAPÍTULO 1

Só sei cuidar assim



“As coisas não são mais do jeito que eram antes
Você sequer me reconheceria mais
Não que você me conhecesse naquela época
Mas tudo voltou para mim (no fim)”.
In The End - Linkin Park

Me sento, trincando a testa, tentando enxergar na penumbra do quarto. Enchi a cara com Josiah e Harry, e o álcool ainda está dando as caras, com minha garganta ressecada e a dor de cabeça sendo resultado disso. Olho para o relógio vermelho no nicho do painel de madeira da TV, posicionado bem em frente a minha cama. São quatro e meia da manhã. Tem o quê? Quatro horas que cheguei em casa trocando os pés e me atirei na cama? Minha cabeça ainda tá um pouco zonza.

Às vezes, sou derrubado pela bebida. Porém, ela me ajuda a não pensar tanto no que perdi. No quanto ele me tirou. Em toda a vida que foi roubada de mim.

Eu não devia ter misturado vodca com tequila e cerveja, até estou ouvindo vozes, e olha que nem estou mais tão bêbado. Acabei de acordar em um pulo, jurando que minha mãe me gritou lá na rua. E não é como se fosse possível que minha mãe me chamasse às três da manhã. Afinal, eu moro na Zona Norte do Rio de Janeiro, na Tijuca, enquanto ela vive na Baixada Fluminense, a quarenta minutos de carro daqui.

“Bebe mais, puto!”, resmungo, me virando de bruços e abraçando um travesseiro.

Quando já começo a velejar para águas distantes no embalo do sono, ouço a voz dela, dessa vez é mais alto e nítido:

“André! Sou eu!”.

A campainha soa. Alta, estridente, fazendo minha cabeça se esforçar para não explodir. Puta que pariu! Me sento, dividindo-me entre xingar e ficar preocupado. Por que ela viria aqui a essa hora? Por que não ligar antes? Bom, talvez recusar sua ligação por tantos anos, respondendo-a apenas por mensagens de texto já responda minha pergunta.

Corro para fora, ainda um pouco torpe por ter enchido o cu de bebida. E a campainha começa a ser tocada com mais intensidade. Tento avisar que estou indo, enquanto ela continua a gritar o meu nome.

— Mãe?

— Filho, pelo amor de Deus, deixa a gente entrar — Dona Vanessa diz, com seu rosto redondo e corado de sol contorcido, com rugas ainda mais proeminentes de preocupação.

— O que tá rolando, hein? — pergunto, segurando a testa, pela pontada cortante de dor nas têmporas.

Olhar para ela é um lembrete. Um letreiro em neon de todas as coisas que luto para tentar esquecer.

Foda como a sensação de calor e frio me tomam ao mesmo tempo, com a ameaça iminente de ter algum problema rolando com meu pai, e por isso ela estar aqui a essa hora.

Minha mãe olha por cima do ombro, e, mesmo em meio à luz fraca dos postes que iluminam a calçada, junto a minha embriaguez, consigo identificar medo em seus olhos verdes, por trás dos óculos de lentes quadradas, enquanto sonda a rua. Sou como um animal faminto, capaz de farejar essa emoção a distâncias absurdas.

Eu sou perito em enxergar o medo nas pessoas.

Como se fosse uma ave de rapina rondando a carne apodrecida.

Abro mais o portão vazado branco e fico de lado, esperando que minha mãe entre. Ela tem uma espécie de mochila rosa esfarrapada sobre um dos ombros. Dona Vanessa guia seu corpo gordinho e pequeno para dentro do meu quintal, espalhando pelo ar um aroma de perfume de alfazema. Me preparo para fechar o portão, mas, antes que eu consiga, um corpo minúsculo e magro entra, como uma flecha, correndo atrás da minha mãe.

Eu quase acreditaria que é um bichinho assustado, se não visse os vestígios longos do cabelo liso e escuro esvoaçando no ar enquanto ela corria.

Pisco, sem entender, apenas sendo assaltado por um cheiro incrível. A mina deixou a porra de um perfume muito doce, feito um rastro, por onde passou. Balanço a cabeça, tendo uma ligeira impressão de que estou sendo enfiado em alguma confusão, sem querer estar nela. Bato o portão e, meio contrariado, volto para dentro de casa.

Mesmo preocupado com alguma treta grande estar acontecendo, sei que ao menos minha mãe está bem, intacta. Meu coração ainda está batendo um pouco frenético, afinal, qualquer um teria adrenalina disparada em seu sistema com sua mãe surgindo de madrugada, aos berros, em seu portão.

Ouço os passos dela e da garota atrás de mim. Acendo a luz da sala e espero que elas adentrem o local. O ambiente amplo, de paredes altas e claras, parece engolir as duas. O pé direito dessa casa inteira é bem alto. Esfrego os olhos com as costas das mãos, depois finalmente consigo ver minha mãe e sua acompanhante melhor.

Quando as duas estão dentro da minha casa, olhando tudo ao redor, e a porta devidamente fechada, sigo para a cozinha em conceito aberto. Me encaminho até a geladeira de inox e, munido de uma garrafa de água, vou até a ilha feita de mármore escuro no centro do cômodo. Encho um copo e engulo em segundos, com profundas goladas. Parece até que andei por horas pelo deserto, de tão sedento. Fecho os olhos e exalo o ar com força pela boca, depois levo os outros dois copos cheios até as duas mulheres.

Entrego a bebida a minha mãe, que aceita de imediato. Aproximo-me da menina. Oferto o copo que restou a ela e, quando olho bem dentro dos seus olhos, tenho a ligeira impressão de tê-los visto antes. Ela não aceita, mordiscando a parte inferior dos lábios machucados e cheios, negando com um sutil e tímido movimento de cabeça. Tem feridas na sua boca, como se a mordesse constantemente.

— Beba! — ordeno, encarando-a com um semblante impassível, sem descer a mão.

Após alguns segundos de indecisão e até medo, a garota aceita. Aguardo pacientemente que ela termine de ingerir o líquido e, de cabeça baixa, devolva-me o copo.

Quando olho para a minha mãe, ela está me encarando, com pavor no rosto:

— André, meu filho, eu preciso muito da sua ajuda! — fala, alisando o coração com a mão que está livre.

Só agora eu noto que está usando uma camisola, com bobes rosa na cabeça, enrolados nos seus fios de um castanho claro. Seja lá o que houve, ela mal teve tempo de trocar de roupa.

— O que aconteceu? É algo com o meu pai?

O desespero começa a disparar em mim, mas me mantenho sereno por fora. Será que meu coroa tá bem? Por que ela viria aqui assim?

— Não, aquele velho insuportável está ótimo. — Jogo o ar para fora, de uma só vez, com uma lufada intensa escapando dos lábios e eliminando o medo pesado que começava a me assombrar. É, esse é o jeito que minha mãe se refere ao seu marido. Quem ouve até pensa que o detesta, mas morre de amores pelo Seu Luís. E só por a ouvir falar desse jeito, fico aliviado. — Essa aqui é a Maria, sua prima. Ela precisa ficar aqui com você!

— O quê? — vocifero, correndo o olhar até ela.

Encaro a garota da cabeça aos pés. Ela está parada, na frente da porta, parecendo uma coisinha esmirrada, agarrada a uma máquina de costura pequena e velha, apavorada. Se eu não estivesse puto pra caralho, ia ficar duro só com esse olhar enorme, amedrontado e inteiramente dedicado a mim. Seus olhos grandes, os cílios longos, densos, piscando sem parar...

Quando sorrio, me esforçando para soar bem diabólico, de propósito, Maria se encolhe ainda mais contra a porta. Sei, sou um filho da puta sádico, mas foi impossível me barrar de fazer algo para a assustar, só para ver até onde ia o semblante de pavor.

Balanço a cabeça, forçando-me a parar com isso. Sei que estou bêbado ainda, e isso me deixa um pouco mais “solto” do que costumo ser. Reforço para minha mente que ela não é uma presa.

Tem coisa mais séria que merece atenção. Minha mãe quer enfiar essa garota aqui dentro e atrapalhar minha rotina. Preciso me concentrar no problema.

— Ela é a filha mais nova da sua tia Isaura — Vanessa diz, se enfiando na minha frente, para que eu deixe de encarar a minha prima como se fosse morder seu pescoço a qualquer momento. Nem percebi que tinha voltado a encarar a Maria. E dizer que a garota é filha da Isaura é foda, porque minha tia tem seis filhas. E desde o vendaval que aconteceu há anos, eu nunca mais vi as outras pessoas da família além do meu pai e, poucas vezes, minha mãe. Talvez mal

reconheça as filhas mais velhas da Isaura. Maria é mais nova, provavelmente eu nunca a tenha conhecido. — Aconteceu um problemão lá na comunidade em que elas moram, e você é a única pessoa da família que pode abrigar a Maria por uns dias. Até a gente conseguir resolver um lugar pra ela ficar em segurança.

Deve ter se engraçado com o dono do morro, e agora a peteca vai sobrar pra mim...

— Leva ela para um hotel — aconselho, tentando me controlar e não falar algo rude.

— Não temos dinheiro, filho. A gente até juntou uma quantia com as irmãs dela, mas só pra Maria conseguir ficar aqui por um tempo. Não dá pra custear um hotel, e, além do mais, ela está muito traumatizada. Não pode ficar sozinha.

— Mãe, você não pode simplesmente surgir aqui, de madrugada, e largar uma mulher que eu nem conheço na minha casa — aviso, coçando a cabeça.

Tentei não ser tão grosso, ainda mais na frente da garota, mas não consegui evitar. Nunca ouvi um absurdo tão grande. E minha mãe só tá soltando coisas repicadas. A menos que seja algo de vida ou morte, Maria pode muito bem ir ficar com uma das cinco irmãs!

— Não vou largar mulher nenhuma na sua casa! Ela é uma menina que mal fez dezoito anos. E sua família. Filha da minha irmã. Sangue do seu sangue. E Maria corre risco de vida, ou de ser... — ela grita, mas para antes de concluir o raciocínio, limpando o suor da testa, como se fosse uma panela de pressão aberta antes da hora. Pelo visto, a menina realmente tá perigando se ferrar na favela. Dou as costas a elas e caminho até a porta de correr no canto direito da cozinha. Adentro o banheiro em tons de mármore negro e vou até a pia, então jogo um pouco de água gelada no rosto, ouvindo minha mãe falando sem parar. — Seja mais sensível, André! Eu te criei pra isso? Para fechar as portas para a família desse jeito? — ela aumenta o tom de voz, enquanto caminho pro chuveiro. — Olha, você é um bom filho, mesmo com tudo o que aconteceu contigo... — Ouço-a dizendo, enquanto fecho a porta do box. Reviro os olhos, sentindo a quentura da raiva se espalhando em meu peito. Ela nem tem a porra do direito de falar sobre aquilo. De mencionar a destruição pela qual passei. — Tem horas que sinto muito orgulho de tudo o que faz por mim, mesmo que me culpe tanto... — Continua a ladainha.

A última coisa que ouço minha mãe dizendo é que colocou meu nome no grupo de preces da igreja, porque só quero saber de tatuar demônios na pele dos

meus clientes, antes de tirar a roupa e me jogar embaixo do chuveiro. Deixo jatos fortes de água caírem em cima da minha cabeça, em uma última tentativa de aplacar a explosão. Se ela soubesse o que mencionar o seu Deus inventado faz dentro de mim... Se ela fizesse ideia das lembranças cruéis que engatilha na minha mente a cada maldito momento em que respira na minha frente.

Eu a amo.

Mas odeio vê-la.

Ela me lembra.

E eu sou destruído quando as memórias voltam.

Eu deixo a água gelada escorrer por meus cabelos aparados bem rente à raiz, lutando para que a temperatura fria aplaque os sentimentos que fervem em minha pele. E fico embaixo do chuveiro até que seja seguro sair. Até que todas as palavras presas na minha língua recuem, cavem espaço por meu organismo, até voltarem a se perder no emaranhado de carne dentro de mim.

Ela veio em minha casa para me enfiar em um problema em que não tenho a menor obrigação de estar. Porra! Eu sou solteiro. O que tá dando na mente da minha mãe para ela querer enfiar uma garota cheirando a maçã aqui dentro? Não que eu queira ser algum tipo de doido que tenta comer a prima, ainda mais uma garota que mais parece ter quinze anos, de tão mirrada. Mas e a minha vida particular? A única parede interna da minha casa é a que separa o banheiro do resto da casa, nem o quarto é fechado. Não terei privacidade nenhuma. Até a mina vai ficar desconfortável. Fora o fato de que vai ser foda subir com alguém lá pro “Purgatório”. Ou seja, vai atrapalhar até meus rolos com outras mulheres.

Pior é que não tem como fugir dessa confusão, porque, se a dona Vanessa veio até mim, mesmo tendo um mundo inteiro de parentes espalhados lá pela Baixada Fluminense, nenhum deles pode acolher a Maria.

E eu tenho muita dor dentro do meu corpo pelo que me foi tirado, mas não quero mais uma montanha de culpa pesando em meus ombros. Se eu recusar abrigar essa garota e algo acontecer a ela, nunca vou me perdoar.

Saio do banho, seco meu corpo e visto a mesma roupa. Sei como funciona a lei da favela, morei em uma por alguns anos com os meus pais, quando a vida era bem difícil para nós e eu trabalhava varrendo cabelo em uma barbearia para ajudar nas contas da casa. No mínimo vacilo, as minas podem terminar carecas, ou até mesmo queimadas no topo do morro. Seja lá o que essa garota tenha aprontado, vou fazer o que minha mãe está pedindo.

Sento-me no sofá da sala, apoiando os pulsos nos joelhos, enquanto encaro minha mãe, que está ao lado da garota, secando a corrente de lágrimas que escorre pelas bochechas dela.

— Olha o estado dela! Maria é uma menina, não merece tudo o que está vivendo, Bill — diz, chamando-me pelo apelido, sendo mais carinhosa porque está tentando me convencer. Conheço bem a minha mãe e o tom de voz que costumava usar quando queria algo de mim. — Ela precisa ficar escondida, ou pode acabar morta se a encontrarem.

— Por quanto tempo?

— O quê?

As duas me encaram, ao mesmo tempo, me irritando com a dose de esperança mútua permeando-lhes os olhos. Travo a língua entre os dentes, brigando comigo para não dar para trás da decisão imbecil de acolher essa garota que mal conheço. Meu juízo briga com meu egoísmo... Mas a razão acaba vencendo a batalha.

Minha mãe tira a máquina de costura dos braços da minha prima, caminhando e pousando-a em cima da minha mesinha de centro, ao lado da mochila rosa. Fico encarando a dona Vanessa ajudando a garota a vir até o sofá. E ela só chora, chegando a soluçar, sentando-se na outra ponta, longe de mim.

O que será que essa menina fez para acabar aqui?

Olhando para ela, assim, tão indefesa, é impossível imaginar que seja capaz de fazer algo de errado. Pelo contrário, a saia jeans que quase chega aos joelhos, atrelada à blusa que tapa completamente o colo, já deixam claro que é religiosa. Fora o cabelo castanho e que chega abaixo da linha do quadril, sem qualquer vestígio de tinta ou corte.

— Quanto tempo ela vai ficar aqui? — finalmente completo a pergunta.

— Até a mãe dela conseguir ajeitar um canto distante para a levar. Um lugar seguro.

— O que ela fez?

O telefone da minha mãe vibra, bem na hora que seus lábios finos se abriam para me dar a resposta. Ela, sem qualquer pudor, faz o que mais me deixa puto a vida inteira. Abaixa as alças da camisola em um tom de rosa apático e retira o telefone de dentro do sutiã enorme e bege. Ao menos, dessa vez, ela está usando sutiã.

— Pressão? 18? — minha mãe grita, com o tom de voz habitual que usa ao telefone.

Ela tem quase setenta anos, e provavelmente veio dirigindo seu Uno quadrado 2013 até aqui.

— Diga a esse velho que, se ele morrer, vou junto para dar na cara dele! — minha mãe berra no telefone, tirando a chave do carro de um dos lados do peito.

Balanço a cabeça, pensando que toda essa confusão deve ter feito a pressão do meu pai ir às alturas.

— Tia, é a minha mãe? Me leva de volta para lá. Eu quero ficar com ela — Maria diz, voltando a se levantar do sofá, agarrando a máquina de costura.

Deito as costas no encosto do assento, lutando para não bufar com toda essa confusão. Minha mãe fala por quase dez minutos ao telefone, enquanto Maria fica ansiosa, olhando-a, esperando por qualquer notícia da minha tia Isaura. Quando por fim desliga o aparelho antigo, de teclas enormes para que ela consiga enxergar os números, alisa o rosto da Maria.

— Minha filha, sua mãe está ajudando meu velho a não morrer de pressão alta. Ele tá muito nervoso com todo esse problema — diz, retirando novamente a máquina velha dos braços da Maria, que já estava prestes a pedir para ir embora de novo.

— Ela tá bem?

— Sim, sua mãe está bem. Preocupada, mas ela sabe que aqui você está segura. Esse condomínio tem portaria 24 horas, e, ficando sempre junto ao Bill, nada vai te acontecer — aconselha, depois envolve a menina em seus braços.

— Como vocês conseguiram passar pela portaria, afinal?

— Ah, eu liguei para a esposa daquele seu amigo, o que só veste preto e te levou pro mal caminho. Ela autorizou minha entrada, quando contei que você não me atendia e eu tinha urgência em vê-lo. Aí ela falou com o porteiro e me deixou entrar.

Eu disse para a Ana não dar o seu número à minha mãe. Ela é a esposa do Josiah, meu sócio no estúdio, e, como estamos sem telefonista, ela tem ficado lá agendando as tatuagens e atendendo o telefone no último mês. Minha mãe ficou alugando-a por quase uma hora dias atrás, perguntando sobre a minha vida. E a Ana, fofoqueira que só, contando tudo. Fiquei doido para puxar o fio do telefone e desligar a chamada à revelia...

Após meia hora de instruções sobre não deixar a Maria sozinha de jeito algum, minha mãe finalmente se despede de nós dois. Maria está sentada no meu sofá, quando levo minha coroa até o portão.

— Posso ir dirigindo o seu carro e volto de Uber — ofereço, contrariado, quando ela me abraça, com seus bobes arranhando o meu queixo.

O cheiro dela, sua voz, seu rosto: tudo isso me lembra. Porra! Eu quero que ela vá embora logo, mesmo preocupado com seu retorno ao dirigir sozinha por aí.

— Não! Fique com a Maria e cuide dela. A coitada está muito assustada — pede, e então me afasta com urgência e encara-me no fundo dos olhos. — Ela é sangue do seu sangue! Uma moça de família. Não faça nenhuma besteira!

— Tá doida, mãe? — retruco, nervoso, fugindo dos apertos que está dando em meus braços. Como ela pode sugerir que eu vá fazer algo com a minha prima? — Essa história toda é uma merda, hein... Vou dar um jeito de alugar um canto para a Maria morar.

— Não! Ela não pode ficar sozinha, André! — Merda! Sei que isso me faz parecer um idiota, mas queria um dos meus amigos aqui para pedir um conselho. — Prometa que vai cuidar dela!

Esse olhar enrugado, cheio de esperança, me irrita. Ela precisa ir embora. Estou travando as lembranças que esse mesmo olhar de fé me traz.

— Eu prometo que vou tentar — respondo, porque sei que ela não vai arredar o pé até ouvir uma promessa. — O que ela fez? — repito a porra da pergunta que até agora foi ignorada. Só porque está me corroendo não saber o que aquela mulher aprontou para acabar aqui. — Por que está precisando se esconder?

— Ela não fez nada! A pergunta é: o que fizeram com ela?

— Sei... Vai, me conta então!

Quando ela vai me responder, a porra do telefone dela esperneia, o que me deixa muito puto. Meu rosto esquenta de raiva, com a frustração me fazendo juntar as mãos e estalar os dedos. Minha mãe simplesmente me dá as costas, berrando com a pessoa do outro lado sobre dar o remédio de pressão ao meu pai.

E, mais uma vez, fico sem a resposta da verdadeira causa de ter um estorvo parado bem na sala da minha casa. Entendi por que minha mãe me fez prometer, ela sabe que promessas são lei para mim. Então, mesmo profundamente

enraivecido, vou realmente tentar cuidar dessa mulher. Ao menos deixando-a ficar aqui em casa, mantendo-a segura e com suas necessidades supridas.

Quando entro na sala, vejo que Maria está diante da janela imensa que dá para a frente da casa. Ela me olha, cruzando os braços e abraçando o próprio corpo. Seu rosto tem contornos suaves, redondos, fazendo-a parecer uma pequena boneca de porcelana. Exalo o ar pelo nariz, quando me dou conta de que paralisei, sondando-a com mais curiosidade do que deveria.

— Acho que não nos conhecemos — digo, indo até o quarto. Minha casa é pequena, embora tenha paredes altas e amplas. Como não tem divisórias internas separando os cômodos, tudo parece um enorme loft. Abro meu guarda-roupas espelhado, pego um cobertor escuro e macio e o coloco sobre a cama. Está muito calor, mesmo que o ar-condicionado esteja na temperatura mais baixa. Coloquei o cobertor, porque, magricela do jeito que Maria é, vai morrer de frio enquanto dorme. Eu sou grande e costumo suar muito, então não vai rolar dormir com ar desligado. — Pode ficar com a cama. Só tem essa. — Pego um dos travesseiros com fronha branca e me jogo no sofá cinzento. Já posso esperar uma boa dose de torcicolo. Tenho dois metros de altura. Mal caibo nessa porra. Com um controle remoto, desligo as luzes da sala. A garota ainda está parada em frente à janela, e ouço-a fungando, porque não para de chorar. — Vai dormir, Maria! Ainda é madrugada, e preciso trabalhar em poucas horas. Quando acordarmos, você vai me contar direitinho que confusão é essa em que nos meteu.

Eu não espero que ela responda, porque não é uma pergunta. Minha ordem é incisiva, embora meu tom de voz seja tranquilo.

Minha mãe mandou eu cuidar dela. E vou cuidar.

Mas eu só sei cuidar de um jeito: dominando.

Ela só tem uma opção: me obedecer.



CAPÍTULO 2

Medo



Maria

“Eu sentei sozinha na cama até a manhã
Estou chorando, eles estão vindo atrás de mim
E eu tentei guardar estes segredos dentro de mim
Minha mente é como uma doença mortal”.
Control - Halsey

É frio aqui.

E muito escuro.

Estou tremendo, mesmo que encolhida embaixo de uma grossa coberta. A cama tem um cheiro forte, de cigarro, suor e perfume. Acho que gosto. É diferente da casa da minha mãe, que cheira eternamente a desinfetante de eucalipto.

A vida inteira, nunca saí de Mesquita, a minha cidade natal. Ela é pequena, não tem nada, mas também tem tudo o que eu preciso: minha mãe. Porém, gostava de imaginar que, em algum momento, as coisas mudariam e eu veria coisas novas. Sempre quis isso. Ter outra vida... Mas não assim.

Talvez estar aqui seja um castigo divino por ter cobiçado uma realidade nova. Por ter olhado para a lua todos os dias e imaginado vê-la de outro lugar do mundo. Eu desdenhei da vida que eu tinha, e, agora, ela foi resumida a cinzas.

Nunca vou entender como tudo simplesmente virou de cabeça para baixo.

Minha mãe sempre dizia que nossos pensamentos podiam nos condenar. Que não era preciso proferir algo para que fosse pecado. E eu sei que errei por questionar seus ensinamentos, por duvidar deles, por odiar a criação rígida que dedicou apenas a mim.

Errei por tentar punir meus pensamentos com atitudes profanas.

E agora estou aqui...

Castigada.

Condenada.

Sozinha.

Em meio ao escuro perturbador que permeia essa casa, tento ficar de olho nele. André está cheirando a bebida. E me olhou de um jeito assustador. Eu não tenho escolha, a não ser ficar nessa casa e tentar fazer com que ele não me deteste por eu ser um estorvo ambulante.

Eu mal consigo vê-lo. Está imerso em escuridão. O piso da casa é preto, alguns móveis e poucas paredes, também. Parece que isso ajuda a ficar parecendo que estou acordada, mas dentro de um pesadelo.

A casa dele é diferente do que eu imaginei. Sei algumas coisas sobre ele, mesmo que o meu primo ache que não nos conhecemos. Eu sempre o vi, desde pequena, nas reuniões familiares. Quando eu era uma menina, o via com mais frequência, mas, depois que algumas coisas aconteceram com ele, André sumiu.

Soube que ele havia entrado para o exército, depois sido expulso e então virado tatuador. Por isso, quando olho para essa casa sofisticada, nesse condomínio chique, me pergunto o quanto um tatuador ganha. Não deve ser tanto assim... A menos que ele seja muito famoso no que faz.

Uma chuva forte começa a despencar lá fora, fazendo barulho. O vento uiva feito um lobo faminto, fazendo tudo ao meu redor soar afiado, e o vendaval dentro do meu peito se tornar mais potente. Eu me sento, tentando silenciar o medo que cada silvo da tempestade causa dentro de mim.

Uma chuva forte pode silenciar ruídos de passos.

Ele pode estar lá fora.

Ele pode simplesmente entrar por uma janela ou porta.

Luto para silenciar meu coração.

"É apenas uma chuva, Maria", tento sussurrar para mim, mas minha mente aterrorizada é incapaz de compreender as palavras. Eu pisco para o escuro, com a respiração tão forte, que quase sobrepõe o barulho da tempestade em meus ouvidos. Na ponta dos pés, tremendo tanto que meus dentes rangem, puxo o cobertor comigo para longe da cama.

Cada vez que chego mais perto do André, consigo enxergá-lo em meio às sombras do ambiente. Um fino filete de luz entra pela janela que vai do chão ao teto, e dá para o quintal frontal. A luz ilumina fracamente alguns traços do seu rosto. É tão... bonito. A aparência dele é de algo grosseiro. Meu primo é assustadoramente grande e forte, até o rosto dele tem traços pesados.

Ele é estranhamente lindo.

Parece uma revista em quadrinhos, com tantos desenhos em sua pele...

E certamente já me detesta por ter que me aceitar aqui.

Fico de joelhos no chão, então, aos poucos, me deito de costas para ele, no tapete bem abaixo do sofá. Estou tão traumatizada, que esse homem que mal conheço faz eu me sentir mais segura do que ficar sozinha.

Fecho os olhos, enrolada na coberta, ouvindo os roncos baixos do sono dele. E parece que esse som consegue me acalmar. Sentir que ele está aqui é uma pequena injeção de calmante.

Talvez eu não esteja tão sozinha assim...



Ouço, ao longe, aquela voz grossa que parece uma trovoada. Abro os olhos e, em um salto, levanto do chão, piscando sem parar. Eu não sei quando peguei no sono, mas acabo de acordar e dar de cara com o meu primo.

Ele está com o rosto amarrotado, agachado na minha frente. Seus músculos imensos se comprimem ao redor da regata preta, e as coxas grossas e torneadas até brilham com a luz do dia.

— O que está fazendo aí no chão? Quase pisei em você!

Engulo em seco, tentando controlar o meu peito, que está acelerado ao ponto de me tomar o ar.

— Eu... Eu... fiquei assustada com a tempestade — conto, tirando o cabelo da frente do rosto.

Eu puxo os fios para cima, enrolando-os em um coque frouxo. Preciso achar um elástico, pois os fios são lisos ao ponto de não se segurarem por muito tempo. É tarde demais quando percebo para onde está indo o olhar do homem diante de mim. Bill trinca as sobrancelhas para as minhas mãos e, sem sutileza, puxa uma delas para si e encara os furos no dorso dela.

Meus olhos arregalam quando ele inspeciona os pequenos ferimentos, porque meu primo parece respirar feito um animal. Os olhos dele estão inflamados, seu peito sobe e desce a todo vapor. Eu tento puxar a mão, mas ele

não deixa. Bill alisa os furinhos com o polegar, de um jeito calmo, carinhoso, hipnotizado.

— O que é isso? — pergunta. Sua voz está baixa, rouca.

Ele desvia o olhar dos ferimentos com esforço e então trucida-me com uma encarada que faz minha espinha inteira arrepiar. A mão dele é possessiva, quente, áspera.

— Nada — minto, finalmente conseguindo puxar a mão. Me arrasto para trás involuntariamente, colocando as costas no sofá e abraçando os meus joelhos. — Me machuquei com a agulha da máquina de costura.

Ele levanta uma das sobrancelhas. Desvia o olhar por breves segundos e engole em seco, fazendo sua garganta subir e descer. Quando seus olhos voltam para mim, são como buracos negros me sugando, impedindo que eu consiga desviar. É estranho ter um homem tão perto, tentando me enxergar do avesso ao segurar o meu olhar.

Por que ele está tão interessado nos furinhos?

— Na sua religião, mentir não é feio? — zomba, levantando-se e me dando as costas. — Vou tomar um banho, depois vamos conversar! Levante-se, arrume a cama em que dormiu e me espere na cozinha!

Ele nem espera que eu diga nada, apenas me dá as costas e, feito um rei que conhece bem o seu castelo, some do meu campo de visão. Abro a boca, chocada com a forma como ele simplesmente me deu ordens.

Ele é pior do que a minha mãe!

Vai ser assim? André vai me tratar como sua subordinada por que vou precisar ficar morando aqui? E por que eu me vejo na obrigação de obedecê-lo?

Após deixar a cama feita, procuro um elástico em minha mochila. Trouxe algumas poucas roupas, o que deu pra colocar dentro dela correndo. Acabei esquecendo o meu celular, porque fiquei tão obcecada em trazer a Laila, minha máquina de costura, que acabei não dando a mínima em trazer algo tão importante quanto o telefone.

Após prender o meu cabelo em um rabo de cavalo, caminho até a cozinha. Olho ao redor, ouvindo o barulho do chuveiro. Bill ainda está no banho. Então, decido que é melhor fazer o café da manhã. Ele claramente está incomodado comigo, e se eu mostrar que posso ser útil, talvez meu primo não me deteste tanto assim.

Procuro itens nos armários da cozinha, e vejo que quase não tem comida. Com o que encontro, começo a preparar uma crepioca de queijo e tomate. Aproveito e já coloco a cafeteira para trabalhar. Tento, a todo custo, não pensar na conversa tensa que me espera com ele.

Enquanto viro a comida no prato, penso na ironia da vida. Minha mãe sempre me sufocou, guiando-me no caminho do que ela julgava virtuoso. Nunca me deixou sozinha com homens, e nem me permitia namorar. Não que eu já tenha me apaixonado. Mas eu sempre tive uma rotina diferente das minhas irmãs mais velhas. Eu sou a caçula. A única "pata feia" e magricela, que todas as minhas irmãs pareciam se unir para detestar.

A questão é que fui adotada pela Isaura, porque minha mãe, Rosa, morreu no parto. Ela era irmã da tia Vanessa e da Isaura. E, por isso, minha mãe me adotou. Ela sempre me amou e tratou como um presente. Acho que isso enfurecia minhas irmãs. A vida inteira elas se esforçaram em me fazer perceber que era uma estranha no ninho. Mas minha mãe, não... Ela me levava à igreja e me fazia acreditar em algo maior. Porém, com o tempo, foi ficando muito rígida e focada em me tornar diferente das outras filhas. Que eram namoradeiras, até hoje amam beber e ir ao pagode. E Isaura, extremamente religiosa, sempre sentiu desgosto disso.

Com o tempo, as meninas casaram, e só eu fiquei em casa. Minha rotina sempre foi "casa, escola e igreja". Nunca pude ter amigas, porque minha mãe dizia que todas as meninas da escola eram "putas", então meu círculo de colegas eram os do grupo jovem da igreja. A única vez que dei um selinho em um garoto, foi lá. Minha mãe teria um treco se descobrisse.

É tão irônico que, diante de tudo o que ela lutou para que não acontecesse comigo, a única forma de salvar minha vida é me deixar em uma casa, sozinha com um homem.

Quando Bill sai do banho, abro a boca para dizer que fiz o café, mas ele apenas vai para o quarto, com uma toalha branca enrolada no quadril. Eu luto para desviar o olhar das costas tatuadas que dançam diante dos meus olhos. E consigo. É errado ficar reparando em homens sem camisa. Droga! Minha respiração aumentou de temperatura, e aposto que está mais quente do que o café que acabo de despejar em uma caneca branca. Procuro açúcar, mas o que encontro é um frasco de adoçante ao lado da pia. Me viro com ele e adoço a

bebida, então tento não tremer tanto quando Bill volta à cozinha. Queimo a língua ao notar que está apenas de cueca.

Olho para a caneca em minhas mãos, recusando-me a acreditar que ele realmente está seminu na minha frente. André não parece se importar com isso, agindo com naturalidade, quando me rodeia, pegando talheres para a refeição, depois sentando-se do outro lado do balcão e comendo.

Meu coração está tamborilando, minha testa, sambando em suor.

— Está muito bom! Obrigado por fazer o café! — elogia, enquanto mastiga a comida. Meu rosto está pegando fogo e nem consigo olhar para ele. — Por que está vermelha assim?

Tento resgatar a minha voz, embora minhas cordas vocais pareçam desobedientes, lutando para desviar da ordem. Por fim, consigo falar:

— Você está de cueca.

Finalmente subo os olhos.

— Ah, merda! — ele pragueja, então levanta do balcão e vai para o quarto. Daqui dessa banqueta onde estou sentada, a única coisa que vejo do cômodo é a cama. A parede do banheiro atrapalha a vista do quarto. — Desculpe! Estou acostumado a ficar sozinho... Nem percebi.

Quando volta a se sentar diante de mim, inabalado, termina sua comida. Após uma prece silenciosa agradecendo a Deus pela refeição, finalmente resolvo comer a minha, pois já estou morrendo de fome. Tento disfarçar a tremedeira, mas o garfo chacoalhando em meus dedos não ajuda. Mastigo, forçando meu olhar a se prender no prato, com o corpo inteiro ansioso pelas perguntas que devem estar queimando em sua língua para serem ditas. E mesmo com o ar gelado que parece sair até mesmo pelas paredes da casa, minha nuca começa a suar em coro com minha testa.

— Não tem muita comida aqui em casa — diz, conseguindo que eu tenha coragem suficiente de investigar seu rosto perfeito. — Vou deixar o meu cartão de crédito para você comprar as coisas que precisar para cozinhar, e seus itens de necessidade pessoal — fala, com a boca cheia, olhando-me por cima dos olhos. — Ou tem problema sair por aqui sozinha?

Respiro fundo e pouso o garfo sobre o pequeno prato de cerâmica clara. Tento controlar todos os sintomas de pânico que surgem quando penso em pisar ao ar livre desacompanhada. Eu travo as imagens aterrorizantes. Eu proíbo aquele maldito de surgir na minha mente.

— Prefiro não sair sozinha — respondo, dando um gole no café, torcendo os dedos dos pés, pousados no aço do apoio do banquinho.

— Tá! Tem o número de um mercadinho que faz entregas ali naquele ímã da geladeira. Pede as coisas que precisa e manda entregar aqui — ele diz, com a voz calma, então pega o celular em cima do balcão e passa a mexer.

— Estou sem telefone — aviso, baixinho, me sentindo mal por estar tão dependente dele para tudo. Isso é muito embaraçoso. Tão... bosta! Poxa! Não devo usar esse palavreado, nem na minha mente! — Tem telefone fixo aqui?

— Tem, sim. Ali... — Bill aponta para o rack da sala, e então vejo o aparelho em tom escuro e sem fio. — Vou deixar alguns números que você pode ligar para falar comigo quando eu estiver no trabalho.

— Ok! — Tento não mostrar que estou triste ao pensar que ele vai sair e ficarei sozinha aqui. — E obrigada por me ajudar.

Ainda consigo agradecer e afastar as lágrimas que surgem quando penso no quanto preciso dele agora. Não quero que vá trabalhar. Estou com medo de ficar sozinha e aquele cão do inferno surgir por uma fenda no espaço e me pegar de algum jeito.

— Por que você está aqui? — pergunta, pousando o telefone sobre o balcão e encarando-me muito profundamente. Desvio os olhos para a pia, pousando a caneca sobre ela e cruzando as mãos. Enfio as unhas em minhas cutículas, com força, até arrebentar a pele e aliviar um pouco a queima lenta dos sentimentos pesados dentro de mim. — Responda, Maria!

Sua ordem é calma. Mas, quando ergo a cabeça e vejo o seu rosto sob o mar denso das lágrimas acumuladas em meus cílios, vejo que ele não está para brincadeira. André está exigindo uma resposta de mim.

— Sinto muito! Eu não consigo falar sobre isso — digo, engolindo um soluço.

Ficamos nos encarando por um bom tempo. Tanto tempo, que quase consigo ouvir o tique-taque dos ponteiros do relógio redondo na parede ao nosso lado.

— Por que não consegue falar?

— Porque dói. As palavras ficam presas na minha garganta.

E voltamos ao silêncio constrangedor, por mais tempo dessa vez. Ele parece que está me interrogando, como os investigadores dos livros de Romance

Policial que lia escondido da minha mãe. Ele faz contato visual, sem parar, até que eu ceda e desvie dos ímãs escuros que são seus olhos.

— Tenho que trabalhar agora! — diz, saindo da banqueta e vindo até mim. É como se houvesse alguma espécie de magnetismo saindo do corpo dele, uma onda elétrica que faz meu corpo arrepiar quando pousa ao meu lado. Não sei o que ele pretende, parado assim, tão perto que o tecido de sua calça jeans roça meu cotovelo. Estou engolindo em seco em tempo recorde, muitas vezes por segundo. Não sei se estou alucinando, mas ele parece sorrir enquanto observa meu nervosismo. Porém, tudo que faz é abrir a primeira gaveta da ilha, depois pegar um pequeno bloquinho com caneta. — Vou deixar os números aqui, do meu estúdio, o meu celular e dos meus amigos que trabalham lá. Precisando de alguma coisa, nos ligue. Eu costumo sair às 21 horas. Porém, hoje vou passar algumas tatuagens pro meu amigo e tentar vir mais cedo pra gente conversar. Até lá... — fala, entregando-me o papel — encontre um jeito de me contar a merda que tá rolando. Eu não posso ficar sem saber em que tipo de cilada você está metida, entendeu?

Agora sua voz soou rude. Ele estava calmo, mas sua última frase é um ultimato. Quando não respondo, encurta a distância, e meu coração dispara quando meu primo arrasta minha banqueta para o lado, forçando-me a ficar de frente para ele. André não toca o meu corpo, mas se inclina e aperta o pequeno apoio para lombar da banqueta, segurando com força o metal e respirando tão perto de mim, que sinto o hálito de pasta de dente e café se chocando contra o meu ouvido.

— Você entendeu, Maria?

— E se eu não tiver entendido? — pergunto, incomodada com a forma como está falando comigo.

Vejo, de perfil, a forma como comprime os lábios e os olhos ao mesmo tempo. Parece se segurar para não fazer ou dizer algo. Uma sensação ruim engatinha pela minha espinha, feito um rastro frio. Então vem o arrepio que eriça cada minúsculo pelo do meu corpo. É medo!

— Como vou te proteger se eu não souber no que está metida? — pergunta, agora arrastando a face da lateral para a frente do meu rosto. Eu não tenho experiência com homens, mas sei que essa postura dele é errada. Está muito perto de mim. — Preciso que me conte, porque eu prometi a minha mãe que tentaria cuidar de você. Entendeu?

Assinto, porque dá para perceber uma certa preocupação em seu rosto.

Abro a boca para falar, mas ele já está se afastando. Estou piscando, incapaz de mover qualquer membro. Como contar a ele sem soar absurdo? Assim como a minha mãe, sei que o Bill vai pensar que a culpa é minha. Que eu fiz algo errado. Vai achar que sou uma puta.

A voz de zombaria das minhas irmãs, reunidas na sala da minha casa, volta na minha cabeça. Elas ecoam como trombetas na minha mente. Sem parar. Me culpando, rindo, dizendo que eu procurei aquilo.

Pisco, saindo dos pensamentos destrutivos quando Bill ressurge, pegando a minha mão de maneira gentil, virando a palma para cima e pousando um cartão de crédito sobre ela:

— Pode comprar tudo o que precisar para você e para a casa. E, qualquer coisa, me liga, ok? Se tiver alguma emergência, também pode interfonar para a portaria e chamar um dos seguranças.

Encaro sua bochecha levemente corada de sol, a barba rala e por fazer. Ele tem uma pequena fenda no queixo. Limpo algumas lágrimas e então assinto. Observo-o, saindo de casa em sua calça jeans e trajando uma blusa preta. Ele ajeita um boné sobre a cabeça, com a aba voltada para trás. Dedica-me uma última olhada por cima do ombro, quase pesarosa, então vai embora.

Fico parada, no mesmo lugar onde me deixou ao arrastar o banco comigo em cima, pensando em como minha vida mudou, balançou com força, e terminei aqui. Chorando porque um homem que mal conheço precisou me deixar sozinha... Porque ele é a única coisa que faz eu me sentir segura nesse momento.

Só posso estar sendo punida por ser uma pecadora!



CAPÍTULO 3

Eu sou podre



“Você é desequilibrado como eu?
Você é estranho como eu?
Acendendo fósforos apenas
para engolir a chama como eu?”.
Gasoline - Halsey

Estaciono minha moto em frente ao estúdio de tatuagem. Pela picape *Ranger* preta ocupando uma vaga em frente ao Ravina, sei que Josiah já chegou. Sua fachada escura, com largas e extensas vidraças e o logo de um corvo cinza no alto, me remete ao paraíso. Quando adentro o local, a sensação de pertencimento me atinge.

O ar gelado do ambiente se choca como uma parede invisível contra o meu corpo, gerando um alívio imediato. Tá um calor de fritar a pele do lado de fora, bem típico da Cidade Maravilhosa. Solto o peso que parecia carregar sobre os ombros, exalando o ar, aliviado, dentro da pequena recepção decorada em tons escuros. Foi impossível impedir que o Josiah metesse preto na porra toda quando decoramos o estúdio. Meu amigo é obcecado por essa cor.

O chão de concreto polido, as paredes pretas, a bancada da recepção de cor escura e o tampo em uma madeira rajada entre amêndoa e cinza... De algum jeito atípico e rude, tudo nesse lugar tem a nossa cara.

O cara alto, magro e repleto de piercings, parado em frente ao balcão da recepção, me recebe com um sorriso largo. A felicidade é algo capaz de irradiar dele, escapando por cada átomo de seu corpo, enquanto ergue a mão para me cumprimentar. Revido o seu sorriso, do único jeito torto e apagado que sou capaz de fazer.

— Fala aí, meu parceiro! — O piercing “smile” em seu freio do lábio superior aparece conforme fala. — A Ana disse que tua mãe apareceu de madrugada lá na sua porta.

Nem se preocupa em disfarçar a curiosidade, enquanto abocanha um pedaço de sanduíche. Um pouco da pasta de frango escorre do pão de forma, caindo em sua regata branca. Ele ignora. Perde-se em meu rosto, com os olhos puxados e castanhos sondando-me com curiosidade.

Tá pra nascer um homem mais fofoqueiro que ele!

— Bom dia para você também, cuzão! — retruco, recusando quando ele vai até um pote plástico no balcão, pega um sanduíche e me oferece. — Já tomei café.

Estou acostumado a suprir a fome fora de casa. Foi bom comer um pouco de comida caseira, para variar. Fora as bochechas vermelhas que Maria me deu de presente ao ficar com vergonha de mim ainda há pouco, seu café da manhã foi a única coisa boa que conseguiu me entregar até agora. A coitada parece só ter surgido para me trazer confusão.

Senti pena ao vê-la encolhida perto de mim, assim que despertei com uma baita dor no pescoço, por ficar espremido naquela merda de sofá. Foi como se ela tivesse buscado segurança em mim.

— Fala aí, Bill! — com um sorriso largo, trajando-se de preto da cabeça aos pés, Josiah me saúda. — Tá tudo bem?

Sei que está curioso com o lance da minha mãe precisar da Ana para entrar lá no La Grassa, nosso condomínio. Diferente do Harry, ele é um pouco mais sutil em suas falas.

— Porra, acredita que tô com a minha prima morando na minha casa? — solto a bomba, caminhando pelo corredor estreito, com paredes entupidas de quadros psicodélicos em moldura branca, adentrando a pequena saleta que é nossa copa. Pouso meu capacete preto em um barril de latão vermelho e me jogo no sofá de couro escuro. Deixo a cabeça despencar para frente com o entulho de preocupação rondando minha mente.

Os furos na mão dela piscam por trás dos meus olhos, como se estivessem diante de mim agorinha. Ela é uma pequena mentirosa. Conheço bem o que causa aquelas marcas, e, mais uma vez, desde que enfiou seu corpo pequeno dentro da minha casa, ela conseguiu despertar o sádico que espreita nas sombras.

Maria é minha prima, porra! E tem poucas horas em que a conheço. Contudo, minha mente pervertida disparou desejo três vezes desde então.

A primeira, com sua postura de medo assim que chegou.

A segunda, por ter deitado no chão perto de mim.

E a derradeira foi a porra dos furos causados por agulhas, mas não de costura. Ou alguém atravessou esses objetos na pele dela, ou Maria fez isso em si mesma. A primeira opção me deixa com raiva. A segunda, excitado, mesmo que a contragosto.

— Caralho, conta essa porra direito, mané! — Harry escancara a geladeira de inox, pegando uma latinha de *Monster Juice*, e nem se preocupa em mastigar a comida antes de falar. Ele senta ao lado do Josiah, em um banco de madeira preta. — Ela é gata pelo menos?

— Ah, Harry, vai se foder! — xingo, fazendo Josiah convulsionar em risadinhas da minha cara de irritação. — O assunto é sério, cara! — Por que meus dentes estão rangendo, com algo primitivo me tomando só de imaginá-lo com aquela cara de tarado que costumeiramente dedica a mulheres para cima da Maria? — Minha mãe só a largou na minha casa porque corre perigo de vida lá na comunidade em que morava.

E se ela é bonita?

Parece profano ser tão bela assim.

Ou é profano que eu a ache perfeita? As maçãs coradas do rosto, o nariz arrebitado e pequeno, as sardas claras tomando conta das bochechas e aqueles lábios grossos que ela morde o tempo todo e deixa machucado. Até o cabelo marrom tem um contraste perfeito com a pele tão clara. Ela exala o tipo de pureza que eu adoraria corromper.

— Que merda, mano! — Jow diz, sentando-se em um puff escuro. Ele é único cara que conheço que é quase do meu tamanho, chegando a ficar desajeitado sobre o objeto. — E não tinha outro parente para ajudá-la?

Foi o mesmo que pensei.

Minha mãe sabe dos meus impulsos. Não foi à toa que resolveu me lembrar que Maria é sangue do meu sangue. Não uma parente distante. E quando deu o lembrete, era como se estivesse falando diretamente com o monstro que se alimenta de dor dentro de mim.

Mas, quando me mandou prometer cuidar dela, também não foi em vão.

Eu entendi todas as nuances daquele pedido. E, infelizmente, minha mãe também.

Dizem que as mães conhecem bem os seus filhos...

— É, não tinha, tipo... uma mulher para ajudar tua prima? — Harry diz, despertando-me do transe. — Meio aleatório colocarem uma mina na tua casa.

— Nossa família em peso é lá da Baixada. E sabe que eles não têm dinheiro, né? Não tinham como abrigá-la ou mandar pra um hotel. E até me propus a pagar um local para a Maria morar, no fim das contas. Mas minha mãe disse que a mina tá traumatizada — conto, aceitando uma latinha de energético que o Harry me oferta. — E ela realmente está ferrada, tanto que acordei com a mina deitada no tapete, embaixo de mim. Deixei a cama para ela e dormi no sofá, mas a garota estava toda encolhida no chão, porque se assustou com a chuva.

As sobrancelhas erguidas e os cílios batendo dos meus amigos deixam bem nítido que eles compartilham do meu choque. Foi assim que fiquei enquanto a encarava parecendo um bichinho sobre o tapete.

— Imagino que alguma coisa bem tensa tenha rolado, para ela estar assim — o homem de maxilar marcado comenta, estalando os dedos tatuados, com uma aliança de ouro bem grossa no anelar esquerdo reluzindo quando fiapos de luz a iluminam.

— Pode crer — Harry concorda com Josiah, comprimindo a boca grossa, parecendo com pena. — Pra deitar no chão perto de tu, tá com medo mesmo. E foi buscar segurança logo em você, taradão. — Sua zombaria causa gargalhadas fortes em nosso amigo, que chega a chacoalhar os ombros. Reviro os olhos e trinco o maxilar para os dois. — Oh, comer a prima é pecado, hein...

— Harry, não tô pra zoeira! — aviso, dedicando um dedo médio a ele. — Estou contando uma parada bem séria!

— E o que rolou? — Josiah dá um “pescotapa” em Harry, que faz cara de assustado. Encarando-me com os olhos verdes, prossegue: — Por que ela tá correndo perigo de vida?

— Sei lá. — Mordisco o lábio inferior, ponderando a ideia de ligar para a minha mãe e a questionar novamente, já que Maria não está conseguindo me contar. Me contorço internamente com a dúvida entre procurar a resposta para esse quebra-cabeças com a dona Vanessa, ou esperar para ouvir tudo dos lábios

da garota que agora mora comigo. — Até tentei arrancar isso da Maria hoje, mas nem consegue me contar. Disse que dói falar sobre essa merda toda.

— Imagino que vai ser bem tenso ela morando contigo, porque a casa é toda aberta.

Meneio a cabeça, em concordância para a frase do Josiah. Foi ele quem me vendeu aquela casa. Ainda estou pagando, aos poucos, com uma porcentagem dos lucros do estúdio. Ele tentou me dar, mas eu não aceitei. Ia me sentir mal, tipo um desses amigos encostados por ele ter muita grana.

Eu tava sem vida, enfiado em uma carreira que me punia, perdido em uma escola de sargentos do exército, quando os encontrei. E, assim como eu, Josiah e Harry não se encaixavam naquele lugar.

Eu era só uma sombra, sem alma alguma, sobrevivendo com pele e ossos, e nada além disso. E Josiah me deu a possibilidade de tornar real um sonho que eu julgava tolo: montar o Ravina. Eu tinha a ideia, e ele, o capital necessário. Então criamos esse lugar. E minha vida mudou desde então.

Inicialmente, o Ravina ficava lá na casa em que eu moro. No andar de cima. Tinha todo um rolo do Jow com a esposa, Ana, envolvendo a filha deles. Por isso, ele montou o Ravina lá dentro do condomínio. Não tinha tanto movimento, porque, para entrar cliente, tínhamos que autorizar na portaria, o que atrapalhava o trabalho. Passado algum tempo, conseguimos mover o estúdio para cá, uma rua movimentada, o que melhorou exponencialmente o fluxo de clientes. Tudo cresceu: o nosso lucro, o tamanho do estúdio e o nosso contentamento com o trabalho.

Eu amo esse lugar e adoro esses caras. Eles me trouxeram de volta à vida.

E me trouxeram *ela*...

Mas desvio do pensamento feito um roedor quando encontra um gato. Evitar pensar nisso é o ideal. Na real, evitar pensar em tudo que já fodeu minha mente me ajuda a seguir vivendo.

— Por que não compra um sofá-cama?

Pondero a ideia do Josiah. Tenho que fazer algo mesmo, porque aquele sofá é muito pequeno. Toda vez que mexo a porra do pescoço, uma picadinha de serpente parece atacar minhas juntas, de tão bosta que foram aquelas poucas horas apagado sobre aquele móvel mais duro do que um bloco de concreto.

Na verdade, agora que minha prima virou minha responsabilidade, e sabe-se lá quanto tempo vai passar comigo, tem várias coisas que vou precisar ajustar

naquela bosta pra dar algum conforto a ela.

— Bora comigo comprar um na hora do almoço? — Josiah assente tranquilamente após meu convite. — Também tenho que comprar um celular...

— Já quebrou o novo? — A voz do Harry é de pura indignação, enquanto fica de pé e segura o quadril. — Caralho, tá tocando tanta punheta que tua mão não fica mais firme, né?

— É pra Maria, cara! — digo, mas sou incapaz de não rir da sua piada imbecil. Eu realmente tenho um recorde de telefones quebrados. Porém, meu amigo nunca entenderia a razão de os ter atirado contra a parede tantas vezes. Ou por mentir que os deixo cair acidentalmente. E só ao ter pequenos lapsos desses momentos voltando à mente consciente, meu coração é esmagado e um gosto amargo me percorre a boca. — O que você me deu ainda está aqui.

Driblo meus pensamentos, pegando o *iPhone* no bolso frontal do jeans e mostrando-o a ele. Dessa vez, jurei a mim mesmo que não irei quebrar, pois Harry me deu de presente de aniversário no ano passado, o que foi um puta gesto de carinho, vindo de um mão de vaca como ele, que sempre se esquiva de dividir uma conta de bar.

Desde que fora deserdado pelo avô, um ricaço, após se envolver na empreitada que acabou com nossa carreira no exército, ele vive com menos grana do que eu. Harry tem ao menos a segurança de seu salário como militar reformado, além do dinheiro que ganha sendo nosso Body Piercer[1]. E mesmo que seu vovô o tenha tirado do testamento, ou deixado de lhe dar a mesada robusta, não tomou o apartamento dele na Zona Sul. Harry o vendeu, e agora mora na nossa rua, em um loft simples do outro lado da pista.

Tagarelo com meus caras por um bom tempo, indo de fofocas que Harry nos conta sobre pessoas aleatórias, até as queixas do Josiah sobre a creche da filha, antes de seguirmos nossas rotinas diárias.

Em minha sala, que eu apelido mentalmente de “paraíso”, coloco *Monster*, do *Skillet*, para tocar em minha caixinha de som. Passeando pelo ambiente de paredes escuras, varro o chão e limpo a sujeira que deixei do dia anterior. Limpo o couro escuro da cadeira para tatuar e do meu banquinho com álcool. Separo cada biqueira descartável para a máquina de tatuar que usarei no dia, bem como as luvas e cada pequeno instrumento que vai me auxiliar a fazer a coisa que julgo uma diversão: tatuagens.

Consumido pela música boa, focado em meu trabalho, com o cheiro da tinta fresca, o barulho da máquina de tatuagem deixando marcas eternas nas peles dos meus clientes, a manhã se esvaiu em um piscar de olhos.

Agora, sentado no banco do carona da picape do Josiah, dou gargalhadas com Harry cantando a versão *proibidona* de um funk que, por si só, já tem uma letra ultrajante. A gente ama rock, mas somos estranhos, acima de qualquer coisa. Josiah e eu amamos ouvir um pagodinho de vez em quando, Harry sabe todos os funks de cor e salteado. Porém, se nos olham de fora, pensam que somos um bando de roqueiros esquisitos com a alma vendida ao capeta, dada a nossa aparência nada convencional. Josiah é quase tão tatuado quanto eu. Porém, ele privou o rosto dos desenhos. Harry tem tantos piercings pela cara, que me pergunto como consegue chupar uma boceta sem machucar a mulher.

— Você nunca consegue ficar em silêncio, não é? — digo, por cima do ombro, irritado com a quantidade de vezes em que ele batuca o apoio de cabeça do meu banco.

— Silêncio? Harry conhece essa palavra? — Josiah brinca, sem retirar os olhos da direção. — Deve foder as mulheres fazendo piadas sem graça sobre sexo.

— Pergunte a sua avó, aposto que ela gostou quando soquei naquela boca desdentada — revida, voltando a cantar, inabalado.

A risada sai das minhas entranhas, compartilhada com Josiah, que chega a quicar enquanto agarra o volante. Minha barriga dói, e tento me forçar a parar de rir.

— Ficou putinho? — Jow continua a zoeira. — O que você fala quando as fode? Que pode as fazer gozar contando piadas sobre rola?

— Que sou especialista em arrancar o gozo delas comendo o cu. Tipo quando comi o seu, otário! — ele retruca, entrando na diversão. — Tô zoando, mané... Eu não curto ficar em silêncio. Faz a vida parecer triste. Mas garanto que, na arte de foder, eu sou mestre. Pergunte ao Bill!

— Eu o caralho! Tu nunca me fodeu!

Harry ri alto, enquanto viro e mando outro dedo do meio para ele. É foda como ele consegue fazer a gente parecer um bando de moleque imaturo. Sempre sendo a parte divertida do rolê...

— Vai fazer terapia, seu merdinha! — Jow aconselha, enquanto estacionamos em frente à fachada enorme de uma loja de móveis.

— Minha terapia é uma boa cerveja gelada e uma gostosa diferente me montando a cada semana.

Reviro os olhos e pego um palito de fósforo dentro da minha calça jeans. Estou conseguindo parar de fumar. Porém, sigo com o hábito doido de colocar um palito entre os dedos como se fosse fumo. Às vezes, apago o fogo na ponta da língua.

Reflito sobre a frase que meu amigo acabara de dizer. Harry realmente nunca teve namorada. Em cada reunião na casa do Josiah, ele costuma aparecer com uma garota diferente. Eu também saio com ele para pegar mulheres e encher a cara, mas gosto de ter ficantes fixas. Sou monogâmico. Transar é uma necessidade simples de suprir, mas minha outra face não é tão fácil de alimentar. É raro encontrar uma garota legal, que o beijo encaixe, aguente minha rola sem ficar choramingando e que se entregue do outro jeito, que me dê sua carne para dar de comer ao sádico que sou.

No ano passado, tive uma amizade colorida com a Bianca. Ela era tudo o que eu precisava, inclusive tinha bastante carinho por ela. Transávamos feito duas bestas esfomeadas por horas, e depois ela aguentava que eu machucasse o seu corpo, e até gozava assim... Mas precisou se mudar para estudar fora do país. Agora arrumou uma gringa com quem está saindo. Antes ainda trocávamos nudes e gozávamos por vídeo chamada. Agora, mal me manda “oi”.

E estou sozinho desde que ela foi embora. Tenho saído com Harry nos finais de semana para ao menos encontrar alguém disposta a um sexo casual e esvaziar o peso no meu saco, mas nada animador de verdade. Nada que realmente faça o olho brilhar. O Purgatório vai dar teias daqui a pouco...

Enquanto passeamos pela ala de sofás da loja, Harry some de vista. Josiah se joga em um dos sofás e exala profundamente. Puxo uma alça na parte baixa de um sofá cinza, bem macio e grosso, reclinando para que vire uma cama. Me deito nele, observando se suporta bem minha altura. Bom, meus pés ainda ficarão para fora, mas é macio o suficiente e não parece que vai me dar torcicolo.

— Ana tá menstruada.

O peso da frase do Josiah me faz fitar seus olhos. Cerro os lábios, tentando encontrar a coisa certa a ser dita. Tem dor em seu rosto. Seu cabelo liso, oleoso e escuro brilha com a luz que os lustres ao redor disparam.

— Que merda...

É o que consigo dizer. Eles estão tentando um segundo bebê há um tempo. A cada mês em que não conseguem, Jow começa a ficar depressivo. É tão bonito ver o quanto esse cara ama a família que tem com a esposa. Ele a venera. Ama tanto, que às vezes me pergunto se ele ama mais a Ana do que a si mesmo. E tenho até medo da resposta. Me levanto e o encaro nos olhos, vendo que já começam a marejar.

— Sabe, vocês podem tentar uma inseminação — aconselho, enquanto Harry surge diante de nós, assoprando um pequeno copinho de café.

— Não conseguiram esse mês também? — É o que sai da boca do nosso amigo, quando ele fita a lágrima grossa escorrendo pelo nariz reto do Jow.

Josiah assente para Harry, seu semblante perdendo-se em dor.

— Bom, vocês têm a Júlia, e creio que podem curtir a infância dela, enquanto o outro bebê não vem.

— É que... Eu meio que sonho em poder ver a Ana grávida, acompanhar a gravidez dela desde o começo, como não foi com a nossa filha.

— Cara, se liga em uma coisa... — Harry se senta ao lado dele, sorvendo rapidamente um gole do café antes de prosseguir. — Você conseguiu uma coisa incrível: encontrou uma mina que você sabe que é tua alma gêmea, se casou com ela, tem uma filha que parece um anjo. Você já tem tudo — fala com tanta seriedade, que, por um breve momento, parece outra pessoa. Distante do homem que é um eterno garoto. — Ter um novo filho é algo que você quer e sonha, mas não estar conseguindo não pode apagar o brilho da vida incrível que você e sua esposa têm juntos. Saca?

— Certo! Tem razão. Tenho uma vida incrível com a mulher mais perfeita do mundo — Josiah assente, apoiando os cotovelos nos joelhos e secando outra lágrima. Solta um sorriso tímido e nos encara. — Me contem algo para me tirar dessa *frescuragem* toda...

— Apareci de cueca na cozinha e a Maria quase teve um troço...

Josiah me encara, e, quando seu rosto se ilumina e ele solta uma gargalhada, vejo o quanto amo esse mané. Detesto vê-lo chorar. E já vi vezes demais. Harry ri, dá um soquinho no meu ombro e me encara com um semblante que parece dizer um “mandou bem”, por Jow ter sorrido.



Os arrombados demoraram uma semana para entregar a porra do sofá. E foram sete longos dias acordando com uma dor no pescoço que só piorava. Nem ter sido um grosso com a gerente da loja os fez entregar aquela merda.

Recebi uma mensagem da Maria hoje mais cedo. Uma tímida selfie mostrando o sofá na sala de casa. Enquanto termino de limpar minha sala, pego novamente o telefone e encaro a foto. Ela nunca as tira. Nem no seu perfil do *WhatsApp* tem algum retrato. É o desenho de um cisne. Mas a selfie é linda. Seu rosto corado, como se tivesse acabado de pegar um pouco de sol, como já a vi fazendo várias vezes de manhãzinha. Suas bochechas avermelham e ela fica ainda mais bonita. Me obrigo a desviar os olhos da tela e de sua imagem, que parece conter alguma espécie de substância viciosa.

É estranho morar com ela. Como se tivesse um muro entre a gente, que vez ou outra escalamos para conversas rasas, onde sabemos, de gota em gota, um pouco do oceano que é o outro. Em geral, conversamos durante o jantar ou o café da manhã. E quando terminam as refeições, voltamos a nos esconder atrás de nossas muralhas.

Eu o faço para não me conectar tanto com ela.

Protegendo-a de mim mesmo.

Ela... Acho que por timidez.

Maria passa o dia cuidando da casa. Ela parece gostar disso. Limpa tudo, e às vezes a vejo bufar quando vê que deixei roupas espalhadas pela casa, especialmente se jogo a toalha molhada sobre a cama. Chega a ficar de cara emburrada quando a recolhe. Em dados momentos, rendido pela vontade de vê-la com o bico mais lindo do mundo de tanta raiva, o faço de propósito.

Desde que lhe dei o celular, também me manda coisas no *WhatsApp*, em geral pedindo para comprar algo para casa ou algum vídeo de bichinho fofo. Também costuma me perguntar sobre a hora que vou voltar do trabalho. Minha prima tem tentado se aproximar de mim desse jeito. Pessoalmente, costuma ficar mais retraída, mas tenta puxar mais assunto por mensagens.

Não sei bem o que sinto sobre ela. Já tem carinho em meu peito de merda, mas, ao mesmo tempo, não queria ter a responsabilidade de cuidar dela. Sempre esquiva de me contar o que houve, nem mesmo meu pai ou minha mãe quiseram me contar. Disseram-me que Maria os proibiu, que ela mesma quer contar quando se sentir bem. A única coisa que percebi, é que eles não têm a menor ideia de quando vão levar essa menina embora. Ou seja, por tempo indeterminado, ela é minha responsabilidade.

Se fosse minha, eu a amarraria durante o sono e a espancaria até acordar e resolver falar o que fez que a trouxe até mim. Como não é, fico puto com a curiosidade que sempre cresce quando a vejo se assustando com qualquer barulho externo e correndo ao meu encontro pela casa. Ela também tem se recusado a sair para qualquer lugar. Por conta dessa fobia toda, Ana resolveu marcar um almoço em sua casa no domingo, assim talvez Maria consiga se entrosar e ter companhia para enfim se desencastelar.

Passei o dia resistindo à ideia de telefonar para saber se ela estava bem, pois só enviou a selfie e nada mais. Não quero me conectar demais com a Maria, pois me conheço o bastante para saber que preciso manter uma certa distância, porque ela já causou curiosidade demais em mim.

É estranho o que sinto no peito quando paro a moto na fachada branca e envidraçada. Costumeiramente, as cortinas da casa estão fechadas, mas Maria as tem aberto desde que veio morar comigo. Daqui de fora, pelo portão em ferro vazado, consigo ver a garota se movendo lá dentro. Pela janela da sala, noto que está costurando um dos meus shorts, sentada no sofá, com os cabelos presos em um rabo de cavalo. Alguns fios escapando e pousando na frente do seu rosto.

Linda pra caralho!

É por isso que eu não acredito em nada. Que tipo de Deus colocaria uma garota inocente e perfeita na casa de um merda como eu? Meu pau tá duro, porque uma das alças da roupa está caída, exibindo o ombro branco e imaculado para mim.

Eu tenho fetiche por ombros.

E morderia os dela até deixá-los em carne viva.

Puta que pariu!

Ao invés de entrar em casa, pego a caixa de fósforos em meu bolso e agarro um palito. Eu risco o fósforo e o apago na língua, com o gosto amargo se alastrando por ela. Olho para o céu, as nuvens grossas e cheias tomam conta do

cenário aos poucos, deixando tudo melodramático e apagado. Parecem zombar da minha cara quando a primeira gota desaba em minha bochecha. Decido ser menos covarde e guio meus passos para dentro de casa.

Quente.

Acolhedor.

Cheiroso.

Deixei para trás a minha residência estranha, suada e bagunçada há sete dias. Agora, sempre sou recebido por um ambiente cálido, arejado e organizado. A casa cheira a desinfetante, comida fresca e ao perfume inconfundivelmente doce da Maria.

Parado diante da porta de entrada, noto que o ar está desligado. Encaro a garota no sofá, com as pernas dobradas ao lado do corpo. Pisca para mim, tentando dividir o semblante entre medo do inesperado e um sorriso tímido.

Grito para meu pau amolecer, mas, como se fosse rebelde, ele chega a latejar. Essa porra tem acontecido com mais frequência... Isso de ficar duro quando olho para ela.

— Boa tarde, André! — diz, pousando o short escuro que estava costurando sobre o sofá.

Gostava de usá-lo esburacado. É uma peça velha e surrada, e geralmente o uso para dormir. A ideia de ela estar cuidando de algo meu me satisfaz, então aceito o fato de que o furo no short que permitia que o ar entrasse e arejasse meu saco não me fará falta.

Presa em meu semblante, encara-me com curiosidade. Tento resistir a inspecionar todo o seu corpo com meus olhos abusados, mas o que faço é trucidá-la. Investigo cada pedaço de pele desse pecado que sussurra ao meu ouvido para ser cometido.

Está usando um vestido amarelo, florido, solto e que chega quase até os joelhos. Bem mais angelical do que as saias jeans que costuma usar, e, por sinal, são horrorosas. Berrando contra o cretino que tem dentro do meu corpo, reviro os olhos e abro minha mochila preta. Pego uma caixa de chocolate e entrego a ela.

Ameaçado por meus próprios sentimentos, tento não me comover com o semblante alegre que me brinda quando minha prima percebe o que acabo de lhe dar.

“Serei indiferente à presença dela”, fora o que vim sussurrando enquanto dirigia para casa, ainda há pouco. Como sou um fraco diante de meus impulsos,

deveria imaginar que levaria uma rasteira de mim mesmo, quando cedi e entrei em uma chocolateria mais cedo. Porque ela está menstruada e já ouvi o Jow dizendo que chocolates deixam mulheres felizes quando estão assim.

— Boa tarde! — digo, encarando suas piscadas surpresas para o presente. — Meu amigo disse que vai deixar você feliz — aviso, apontando a embalagem em seus dedos, envergonhado. Minha voz é quase um sussurro — Como passou o dia? Melhorou da cólica?

Maria gemeu de dor a madrugada toda, e ainda tive que encontrar uma farmácia 24 horas para comprar remédio e uma bolsa térmica para ela. Só depois disso é que foi conseguir dormir.

Disse que costuma sentir muita cólica quando está menstruada. E ter coragem de me contar isso foi outra lenha, porque tava com vergonha de explicar de onde vinha a dor, e eu, já nervoso, queria era arrastá-la pra um hospital.

Seus dedos finos não perdem tempo em abrir a caixa. Quando atira um dos quadrados de chocolate na boca rosada, chega a exalar com paixão por parecer amar o sabor. Ela me encara por cima dos olhos, com um sorrisinho tímido. Seus cílios longos piscam, perdidos em mim, em um agradecimento que vem pelo olhar, antes de ela abrir a boca:

— Obrigada! — O sorriso largo é o golpe derradeiro. Ela fica linda sorrindo. E eu sou um pervertido, porque preciso tocar uma urgente, ou meu pau vai explodir. — Fora a cólica, meu dia foi tran...

— Me conte depois, agora vou tomar um banho!

Sem esperar por resposta, caminho para o banheiro. Não me preocupo em ser calmo ou em chegar até o box, apenas abro o zíper da calça, coloco meu pau pra fora e me permito bater uma com a imagem fixa daquele ombro lindo e branco em minha mente, até finalmente jogar no vaso o maldito fruto dos meus pensamentos de merda.

Fraco!

Pervertido!

Eu não posso ficar duro pensando nela, caralho! Sempre fui um cara sem escrúpulos, mas Maria é minha prima, e parece virgem, e pura... Mas que merda!

Fico muito tempo embaixo da água gelada após a punheta, pensando em mandar uma mensagem para o Harry e remarcar nosso barzinho de hoje à noite. Desmarquei porque a Maria sempre fica com cara de choro se eu for sair para uma noitada. Porém, sentindo-me tão filho da puta por ter me masturbado

pensando nela, quero sair e encher a cara, foder alguma mulher para ver se isso ameniza essa bosta de desejo que tem crescido feito uma peste em meu corpo.

Decidido a mandar uma mensagem ao meu amigo, saio do banho, enrolado em uma toalha, e vou direto pro quarto. Se Maria está vermelha por eu estar seminu, eu prefiro não ver, para não alimentar nada. Apenas pego uma muda de roupas e volto ao banheiro para me vestir. Quando saio, ela está com um sorriso de orelha a orelha, na frente da porta. Seus dentes são tão brancos quanto sua pele, e irradiam, quase parecem refletir a luz do ambiente inteiro.

— Amei o chocolate. Foi fofo você trazer para mim. — Sua voz é animada, como todo o seu semblante. Isso faz meu peito doer, e mais uma chicotada do meu inconsciente me condena, fazendo eu me sentir a porra de um tarado. — Eu mandei mensagem para a minha mãe, e ela pediu para agradecê-lo por você estar me ajudando.

— Que bom que gostou! — falo, dedicando-lhe um sorriso cinza, enquanto resisto ao ímpeto de alisar sua bochecha corada. — E vi que está costurando meu short. Obrigado!

Me preparo para avisar que vou sair. Acho que ela já sabe, por ver que coloquei outra calça jeans e uma camisa de botões amarela, de mangas curtas. Tô sempre usando alguma variação desse estilo.

— É o mínimo que posso fazer. Ah, André, eu fiz um bolo de milho. Você gosta? — pergunta, mas nem espera que eu lhe dedique uma resposta. Pousa o celular na ilha da cozinha e já começa a cortar um pedaço do bolo, uma bomba calórica que vai ferrar com o resultado do meu treino da semana inteira. Nem consigo recusar, quando empurra o prato pequeno para mim, grudando a cabeça à nuca, para conseguir me encarar nos olhos. — Vê se ficou bom...

Reviro os olhos para essa pequena manipuladora. Acho que não quer que eu saia, dá pra ver certo desespero em seus olhos castanhos. Tem um temporal lá fora, com trovões ressoando e raios iluminando o céu. Posso ver a chuva caindo contra o janelão da sala. E não foi exatamente uma tempestade que a fez dormir no chão noites atrás?

— Não quer que eu saia? — provoco, aceitando o garfo de sobremesa que me oferta.

Maria cora tanto, que parece que sua cabeça vai explodir.

— Não quero ficar sozinha. Já fiquei o dia inteiro — confessa, cruzando as mãos atrás do corpo, balançando-se para frente e para trás. — Odeio quando sai

à noite...

Tentando me blindar de sua confissão e do que saber que me quer perto causa em mim, corto calmamente um pedaço do bolo, fitando-a de esguelha. Seu semblante parece sustentar toda a expectativa do mundo, e, feito um tolo cético, engulo a primeira garfada. Surpreso com a explosão de sabor sobre a língua, devoro o prato sem o menor pudor ou educação.

— Caralho, cê cozinha tão bem! — elogio, me segurando para não comer mais uma porção. — Não canso de dizer isso.

— Obrigada! — Sorri largamente. — Cozinho mesmo!

Convencida!

Solto a risada em uma lufada, tentando não cair no feitiço que sua gargalhadinha se torna. É um som perfeito. Parece outra garota, diante da versão triste que conheci nos últimos dias. Raramente essa menina sorri.

— Então não quer que eu saia de casa? — insisto, tentando e falhando miseravelmente em não sorrir de volta, quando ela puxa um farelo de bolo do meu prato com o dedo, depois o lambe, negando com a cabeça. — E como vai me pagar por isso?

Ela, até então despreocupada, lambia seu indicador. E, se de propósito ou não, provocava meu pau no processo. Mas a pergunta pareceu fazê-la perder a diversão. Arregalou os olhos, chocada, como se eu tivesse algo indecente em mente.

Limpo os dentes com a língua e me permito olhar para seus ombros mais uma vez. Tão magros e delicados... Uma tatuagem singela sobre algum deles cairia perfeitamente.

— Não entendi! — Seu semblante como uma muralha...

— Quero que me conte o que venho perguntando todos os dias! — digo, por fim, chocando-a. — Achou que eu fosse pedir o quê? — provoco, rondando-a feito uma ave de rapina.

Maria se encolhe, perdida no meio da minha cozinha. Olha para o ambiente ao redor, como se quisesse fugir da minha presença. Se ela correr, piora tudo, e, feito um animal que se excita com perseguições, acabaria indo atrás. Então, é bom que trema com minha investida. Que sinta medo e vergonha, como está fazendo, mas paradinha, estática.

— Nada... — Encerra minha diversão e, como se fosse capaz de ler meus pensamentos, aumenta a distância entre nós dois aos poucos, caminhando para

trás até dar com o quadril na ilha. Maria imediatamente volta-se para a pia, se pondo a lavar o prato que sujei. Ela respira forte, os olhos abrindo-se a ponto de poder expulsar as órbitas. Um arrepio gelado me percorre, quando uma fina camada de vento sopra pelo basculante do banheiro. — A frase é que soou um pouco estranha.

Engulo em seco, lutando para não ficar tão hipnotizado quando o mesmo vento levanta um pouco seu vestido. Frações da sua coxa se exibem a mim, mas desvio os olhos.

— Bom, posso ficar em casa se for me contar do que está fugindo. Ou sair com meu amigo e só voltar de manhã. O que acha?

Empertigando a postura, parecendo irritada, suas mãos travam no meio do trabalho, molhadas e repletas de espuma. Ela cerra os olhos, parecendo brava e contendo algo bem sujo na ponta da língua.

— Isso é uma chantagem?

— Ora, não — minto, segurando um sorrisinho no canto da boca. Meu peito inteiro iluminado com a possibilidade de ver esse rosto exibindo irritação. É tudo novo nela. Fico ansioso, querendo ver cada nova nuance de emoção em sua face. — Mas, garotinha, eu sou um pobre trabalhador que passou o dia fora e quer curtir uma noite de sexta-feira com o amigo.

— O que quer tanto saber sobre mim, hein? — Parecendo brava, coloca com força a louça no escorredor. Seca as mãos em um pano de prato e posiciona a tampa na boleira que eu nem me lembrava de ter. Depois, irritada, pisa duro até mim. Parecendo uma anã de argila pronta para enfeitar um jardim qualquer, me encara, torcendo tanto o pescoço para tal, que não consigo me conter e dou um peteleco em seu nariz arrebitado. — Argh!

E aí está, uma carinha de raiva, que facilmente se desfaz em um sorriso após o meu gesto travesso. Tem carinho por ela em mim. Um sentimento protetor, mas que não me ilude. Eu sei bem o que difere essa coisa crescendo por ela aqui dentro de algo fraterno.

— No que andou de se metendo?

— E se eu contar, poderei perguntar sobre sua vida também? — Sua voz contém um fio de aspereza, mesmo sendo doce. Assinto, pensando que certamente só responderei sobre o que eu quiser. Não vai arrancar nada que eu não lhe ofereça de bom grado. — Então eu começo. Uma resposta por outra, ok? — Assinto para sua oferta. — O que tem lá em cima?

Maria até tenta ser ousada, mas, ao invés de disparar curiosidade a ponto de eu lhe entregar uma resposta, mexe em algo muito perigoso. Meu corpo todo ferve enquanto cerro os olhos, tentando controlar minhas mãos.

— Foi ao segundo andar? — Quando abro os olhos, questiono, bravo. Maria pisca para mim. Os segundos de descontração se esvaem no tempo, feito centelhas de nada que somem como poeira. Trinco os dentes, irritado com isso. Ela nega, apenas balançando a cabeça. Respiro fundo, exalando o ar com força desnecessária, como se tivesse chumbo em minha respiração. Com raiva. Com medo. Medo de mim mesmo. — Então por que o interesse?

— Tentei achar um lugar para estender as roupas, porque não sei usar sua máquina de secar ainda. — Sua garganta sobe e desce com muita constância pelas vezes em que engole em seco. — Choveu um pouco à tarde e não deu para estender no quintal. Então achei que lá em cima tivesse algum espaço para o varal de chão — explica, torcendo os dedos. Sua voz vacila, chorosa, parecendo perceber que estou nervoso de verdade. E ela está mentindo. Se Maria fosse o Pinóquio, seu nariz atravessaria o quarteirão. — E vi que tem um cadeado na porta. Por isso, fiquei curiosa. Me desculpe!

— Desculpas não contam muito se não são acompanhadas de promessas. — Minha voz é como a parte afiada de uma navalha. — Prometa agora que nunca mais irá lá em cima! — ordeno, jogando fora qualquer pudor e agarrando o queixo dela com uma mão, e enrolando a outra em punhados do seu cabelo. Exagero na força, com o pau mais duro do que nunca, a cada pequena lágrima que ela deixa escapar, deixando-o ainda mais acordado. Minhas mãos tremem com a posse, e chego a ranger os dentes para controlar a vontade de cravá-los na pele dela e jogar qualquer juízo bem na puta que pariu. Tem pavor em sua face, enquanto minha prima engasga e faço o momento do apertão em seu rosto durar mais que o necessário. — Prometa logo!

— Prometo que nunca mais irei lá em cima... — sussurra em meio ao choro.

— Agora, repita comigo: nunca mais mentirei para o meu primo!

— Nunca... — Engole o choro, erguendo as mãos e segurando um dos meus pulsos, o que está próximo ao seu rosto. Fica na ponta dos pés, tentando lidar com minha grosseria, com uma careta de dor. — Nunca mais vou mentir para você.

É uma verdadeira guerra forçar meu corpo a soltá-la. Quando me afasto, com o coração ribombando em meus ouvidos, a pele pegando fogo em ira, vejo que os olhos dela caem, em um semblante ainda mais triste do que vi quando chegou a minha casa. Sinto-me culpado por pegá-la assim. E com raiva. Mas eu não a quero lá. Não a quero nem pensando naquela merda!

Irritado com essa porra toda, me viro e caço a chave do meu jipe, a droga do telefone, e também agarro minha carteira. Enfio tudo nos bolsos da calça jeans desbotada.

— Você é um grosseiro! — ela ofende em um grito agudo, cerrando as mãos em punhos ao lado do corpo. Está com um rosto raivoso e um olhar injetado me marcando, como se pronta para me assassinar, mesmo com o rosto completamente molhado por lágrimas. — Não gosto mais de você, seu animal rude!

Tento segurar o impulso, mas... Vê-la falar assim comigo me enlouquece. Eu a calo, agarrando-a pela nuca, mas, dessa vez, puxando-a com tudo para sentir o que tem no meio da minha calça.

Foda-se!

Eu sabia que ia dar nisso, ficar com a porra de uma garota linda agindo com uma esposa dentro da minha casa. Ela se choca com o quão safada é a forma como me esfrego em sua barriga, com o quanto luto para sentir prazer friccionando minha pica bem dura em seu corpo. Segura meus pulsos com tanta força, que parece louca para deixar marcas com seus apertões. Maria arfa com desespero. Assustada, encontra meu olhar. É quase indecifrável a emoção que traça o rosto dela.

O sangue em meu corpo é como um rio, correndo em um ritmo frenético, fazendo meu coração ir à loucura com o quanto bate desesperado.

— O que tem lá em cima é podre, como tudo em mim. Eu sou podre. E você é uma garotinha inocente que caiu de paraquedas na imundice que é a minha vida — sussurro, puxando o cabelo sedoso dela entre os dedos, apertando seu quadril com a outra mão, com tanta força, que ela geme quando colo minha testa na sua. — É bom não despertar o lado em mim que usa o andar de cima, ou posso resolver que você ficaria perfeita lá dentro! Que essa merda dolorosa e dura em minha calça ficaria muito bem enterrada em você!

Segundos demais se passam, com o rosto dela abandonando o semblante de medo. Posso jurar que uma ponta de ousadia brilha em suas pupilas, mas,

condenado demais para voltar atrás, saio de casa e me afasto dela.

Maria está mais segura se eu ficar longe. Ou se eu apagar da mente o que juro ter visto em seus olhos: desafio.



CAPÍTULO 4

Na noite



BILL

“Não é sua culpa que eu não sou
o que você precisa
Amor, anjos como você não podem
voar para o inferno comigo”.
Angels Like You - Miley Cyrus

Resolvi sair com Harry após descobrir que a Maria havia tentado bisbilhotar o segundo andar. Já vim com o intuito de encontrar alguém para foder e tirar um pouco da porra acumulada e pesando no saco.

— Mudou de ideia por quê? — Harry pergunta, girando a aliança de prata em seus dedos, que faz as vezes de pingente em seu cordão, sempre feito um amuleto em seu pescoço.

A chuva fraca caindo ao redor da lona que protege as mesinhas externas do bar dá um ar melancólico ao que deveria ser apenas uma noite de diversão. Mas como me divertir se minha mente não para de disparar imagens daquela... daquela Maçãzinha?

Foco nos olhos castanhos do meu amigo, encaram-me querendo resposta.

— Ah, tô meio puto porque a Maria subiu lá no segundo andar, parecendo querer xeretar minhas coisas. Aí mudei de ideia e resolvi vir pra cá.

Meu amigo, que até então batucava o tampo da mesa com a ponta dos dedos, paralisa quando finalmente assimila minha frase.

— Caralho! E ela viu o que tem lá em cima? — É como se os olhos dele dilatassem de tanto interesse.

Sou incapaz de travar o cenário mental se formando, embaçando tudo ao redor e colocando minha prima no centro do mundo, como se estivesse diante de mim. Imagino Maria assustada lá no segundo andar, com sua carinha toda vermelha de medo, observando tudo e prestes a sair correndo. Mas, justamente porque não quero ficar com essa imagem deliciosa na mente, é que briguei com ela para que nunca mais tente entrar naquela porra.

Eu tô tentando me conter, caralho! Lutando pra dominar minha mente doente e não ficar com tanto desejo nela, mas é como se a Maria estivesse prestes a abrir uma porta. Uma porta que estou tentando segurar, para que não saia algo capaz de devorá-la.

— Não, né! Coloquei um cadeado lá em cima assim que ela veio morar comigo — conto, esfregando as mãos e balançando uma das pernas sem parar. — Maria tentou bisbilhotar e ainda mentiu, dizendo que tinha subido só para estender roupa.

Harry balança a cabeça, rindo com descrença, mas projetando o corpo para a frente para falar:

— Ah, mas pensa pela ótica da mina. Qualquer um ia ficar interessado em saber sobre o que tem no segundo andar da casa em que mora. — Sua boca, se alargando enquanto fala, me faz prever a zoação. — Vai que mora com um maluco, criminoso, pervertido e que esconde um monte de parada errada em casa.

Torço a boca em um sorriso que não se contém para sua piadinha esperta. Por mais que ele tenha razão sobre a curiosidade da Maria, ainda estou puto. Ou talvez também esteja frustrado comigo mesmo por todas as merdas rondando minha mente, por ter me masturbado pensando nela. E mesmo que ter jogado um pouco de porra fora tenha aliviado, a montanha de culpa que me tomou foi uma surpresa ruim. Eu não costumo me sentir culpado. Mas ter feito aquilo pareceu errado...

O foda é que sempre acho erros uma boa opção.

— Pega leve com ela — meu amigo aconselha, usando um abridor na tampa de uma garrafa de cerveja. — Por tudo o que você vem contando, ela é uma menina muito nova e boazinha.

— Apertei a cara dela...

— Fica difícil passar pano para você, seu arrombado. — Harry balança a cabeça.

— Mas é bom ver que tu é meu parça e ao menos tenta me passar um pano.

— Apenas porque amo você, seu maluco de merda!

— Eu sei, e você também pode contar comigo sempre, seu otário!

Algumas horas se passam, com meu amigo usando seu lado sábio e controlado, que costuma guardar a sete chaves e só exibir quando quer, para me dar conselhos sobre a Maria. Mesmo que minha mente fodida não tenha absorvido nada.

Nem a chuva ou o ventinho gelado impediu as pessoas de começarem a lotar as mesas que nos rodeiam. E depois de encher a cara, Harry começou a rondar o bar, procurando conhecer alguma mina maneira para compartilhar a cama.

Dou uma ávida golada na garrafa de cerveja, que já é a quarta da noite. Observo o meu amigo a cinco mesas daqui. Harry está com seu visual costumeiro, calças jogger com correntes, e regata preta que deixa seus piercings no peito à mostra.

Seus lábios volumosos exibem um sorriso largo, enquanto ele flerta abertamente com uma dupla de gostosas na mesa que se convidou para sentar. A ruiva cavalona joga seus cabelos para trás, e só o jeito como projeta os seios para frente, apoiando os cotovelos e até mesmo balançando a mesa, já deixa bem claro o quão afim dele ela está. A outra amiga enrola algumas mechas de seus cabelos escuros nos dedos e mexe no telefone. Ela é bem magra, porém alta!

Enquanto troco a garrafa vazia por uma nova, observo que é ótimo que meu amigo tenha pegado uma das mesas ao ar livre para nós dois, assim posso jogar todo meu progresso recente no fundo do poço e me enterrar em um maço de *Exotic Mint Caramel* com meu favorito sabor de

limão. Na avenida a nossa frente, carros passam a todo momento, mas não perto o suficiente para incomodar ou atirar água das poças na pista sobre as mesas.

Prédios altos cerceiam nosso singelo bar, que, com a música ao vivo e a bebida barata, consolidou-se como um dos points da boemia em nosso bairro. Me rendo a mais doses do álcool amargo rastejando minha garganta adentro, enquanto pego o celular e abro o contato da Maria no *WhatsApp*. Ela está online. E quase sou capaz de visualizá-la deitada na cama, com uma cara passeando de brava a triste. Sinto que deve estar assustada com a chuva, e isso me faz ter novamente a droga da culpa alfinetando meu peito, por ter saído e a largado lá daquele jeito.

Toda hora, a cara dela volta à minha mente, aquele semblante de pavor enquanto eu apertava o seu rosto, ou quando me esfregava contra ela. Caralho... Mais uma anotação no diário dos meus pecados é cravada, porque meu pau endurece toda vez em que isso acontece.

Eu fodi tudo. Me rendi ao desejo, e agora não faço ideia se há como voltar atrás, e nem sei se quero. Eu não faço ideia se ficar com prima realmente é pecado, mas, se eu disser que ligo pra essa porra, até o diabo gargalharia da minha mentira em seu trono.

Eu tô pouco me fodendo pra essa questão.

Mas e os meus pais? Minha mãe já sente vergonha de muitas merdas do passado. Se eu pegar a Maria, ela vai me odiar. E embora muita mágoa permeie nossa relação, ainda a amo.

Por que aquela santinha teve que subir lá?

Ah, também não posso dar uma de hipócrita. Cedo ou tarde, eu ia ceder e tentar dominá-la, me achar dono dela. Meus limites entre cuidar e querer tomar as coisas que quero para mim são linhas finas, quase inexistentes.

E ela é abusada. Teve coragem de me ofender, mesmo vendo que eu não estou pra gracinhas e quem posso ser quando estou bravo.

Aquela porra de olhar de medo e submissão me atingiu por inteiro. Me fez ser dominado pela luxúria e engolido por minhas perversões ao ter

pequenas faíscas de desejo, uma coisa querendo gritar por arrancar aquele olhar dela novamente.

E preciso me aliviar. Se eu não passar a noite fodendo, nem sei como chegar em casa e encarar aquela baita gostosa com cara de santa, sem querer fazer merda. Então, olho para a mesa onde Harry está e vejo que está apontando para mim, quando a morena sorri e dá um pequeno aceno. Meu pau já cresce, e aceito que vou descarregar meu saco nela essa noite.

E, quem sabe, se eu der sorte e a mina for maneira, podem rolar coisas mais... E essa garota pode me ajudar a esquecer de vez a perversão crescendo ao redor da imagem da minha prima. Com a garrafa de cerveja entre os dedos, apago meu cigarro no cinzeiro da mesa e enfio meu celular em meu bolso da frente, depois vou até ela:

— Boa noite! — cumprimento as duas. Só para ser educado, dou dois beijinhos na ruiva, mas nem presto atenção no nome escapando de seus lábios pintados de vermelho. Quando me aproximo para fazer o mesmo na bochecha da amiga, sou bem mais demorado no contato, e sutilmente aliso seus ombros e meço o tamanho deles em minhas mãos antes de me afastar. — Prazer, André! Mas pode me chamar de Bill!

— Sou a Eva! — Puta que pariu. Só pode ser o destino debochando na minha cara, com esse nome que remete a pecado. — Satisfação, Bill! *Mó* maneiro conhecer você.

É como se ela girasse uma chave capaz de fazer meu pau brochar do nada. Eu não curto mina que usa gíria demais. Me brocha de um jeito meio inexplicável, mas nada que eu não resolva tapando a boca dela pra foder.

— Eva tava dizendo que é maquiadora — Harry diz, tentando deixar claro que ele quer a ruiva, quando só fala da amiga.

A morena sorri com vontade, aprofundando uma covinha em uma das bochechas. É bonita, mas, estranhamente, parece que meu padrão mudou nos últimos sete dias. Essa menina nem chega aos pés da Maria. Seu rosto é um pouco comprido, mas seus seios grandinhos fazem minha boca inundar.

— Show! — elogio. — Quantos anos você tem?

— 25, e você?

— 26. — Me sento ao lado dela, nem disfarçando quando puxo a cadeira para ficar com as pernas abertas ao redor do seu corpo. Seu cheiro é de lavanda. De algum jeito, combina com ela. — Mora por aqui?

Às vezes, sou mais legal e calmo quando conheço uma mulher. Eu gosto de ouvir sobre a vida dela, bater papo até que aumente o interesse. Mas hoje eu tô sendo mais descarado, porque estou faminto. E minha fome não é apenas por sexo, o sádico é quem está mais desesperado.

Então, quase uma hora e dois baldes de cerveja depois, estou com a Eva montando na minha pica e gemendo baixinho enquanto rebola sua boceta apertada. Envolvo suas coxas com força em minhas mãos, mordendo os lábios para a visão incrível que é ela sentando. Seus peitos balançam, e, porra, como isso é gostoso!

— Porra, morena, você é tão gostosa, que adoraria te morder inteira!

Quando dou por mim, a oferta já escapou. Ela ri, cravando os dentes nos lábios inferiores enquanto geme. Olha para baixo, direto pros meus olhos, com seus cabelos caindo para frente e cobrindo os seios. Deslizo as mãos para sua bunda enquanto ela se inclina, deitando sobre mim.

— Hum... — geme, depois me beija com tanta vontade, que sua boceta aperta o meu pau na mesma intensidade em que sua boca suga minha língua. — Mordidas?

— Sim! Você é uma delícia fodendo, mas nossa transa seria inesquecível se eu pudesse te morder.

Os olhos escuros dela brilham, com sua respiração fervendo e tocando minha face. Não há uma hesitação, como esperava. Na verdade, ela está sorrindo, parecendo até sonolenta, rebolando devagar, sem sair do lugar, e me fazendo engolir a vontade de rugir de tesão.

— Morder de leve?

Eva parece interessada na proposta, o que me anima, faz meu pau conseguir endurecer ainda mais dentro dela. Antes de falar, aproveito para socar um pouco mais a minha pica na sua carne encharcada, sentindo a cabeça do meu pau estocando contra o ponto mais profundo em sua boceta. Ela não geme, choraminga. Solto uma mão do seu rabo durinho e macio, apenas pelo tempo necessário para alcançar o seu pescoço.

— Gosto assim, mais bruto, gostosa. — Mordo o ombro dela com pouca força, sem parar de foder, em uma pequena demonstração do que ela pode ter. — E se me deixar morder um pouco mais forte o seu corpo inteiro, prometo te recompensar muito bem com minha língua pelo restante da noite.

Ela não responde com palavras, tão fora de si, contraindo a boceta como se quisesse estourar meu pau envolto pela camisinha. Enfia a mão na minha nuca e puxa a minha boca contra seu ombro, ofertando-se como o banquete perfeito para ser devorado.

Do outro lado do quarto de motel barato na esquina do barzinho, Harry chupa a ruiva na borda da hidromassagem, e nem preciso olhar muito para vê-la esguichando enquanto meu amigo a fode com os dedos. Ela tá berrando feito uma cadela, e tudo isso me deixa ainda mais animado.

É uma ótima forma de curtir a noite, embora nada disso realmente me desvie da crença de que, na minha casa, uma coisa inocente e intocada ainda será minha!



CAPÍTULO 5

Não sou sua propriedade



Maria

“Odiaria ser quem te avisou
Você ultrapassou o limite
Você não tem mais tempo”.
COPYCAT - Billie Eilish

Meu rosto ainda dói, como se meu primo tivesse sido capaz de marcar minha pele a fogo, de um jeito que seu toque não me deixa, mesmo que agora ele esteja bem longe. E estou com raiva do André por muitas coisas.

Desde que saiu, após me deixar completamente perdida, sigo enrolada no cobertor, sem conseguir parar de chorar. É como se a parte quente dentro do meu peito que ele foi conquistando nesses sete dias estivesse dividida. Metade congelando com o jeito neandertal como me tratara há algumas horas, e a outra metade, a que dá sorrisos bobos quando ele age com naturalidade ao sair de madrugada para comprar remédio de cólica, traz chocolate ou elogia o jeito que cuido da casa, a que acha cada traço do rosto dele lindo, que busca nele alguma segurança... Essa não sabe o que sentir.

Mas, se tem uma coisa que aprendi com todos esses anos sendo podada e impedida de florescer do jeito certo, é que, cada vez que alguém denomina algo como intocável, maior é a vontade de ir contra as regras e enfiar a mão. E se eu tivesse algo que quebrasse cadeados agora mesmo, subiria naquela porcaria e veria de uma vez por todas o que tem lá.

Meu celular apita contra os meus seios. Deitada de lado, de frente para a porta, tento não me animar com a esperança infantil de que seja o André me dizendo que está voltando para casa, ou, de algum jeito muito improvável, me pedindo desculpas.

Gosto de pensar que não quero que ele saia a noite apenas pelo medo de que o meu maior "monstro papão" vá sair de baixo da cama e me pegar. Mas a verdade é que fico feliz com André por perto.

O silêncio desse lugar me mata. É como uma dose de veneno me corroendo aos poucos. Por isso, meio tola, envio mensagens ao meu primo durante o dia, tentando quebrar a espessa camada de gelo entre nós, ansiando fazer amizade. Louca para ter alguém que faça com que não me sinta uma estranha no ninho.

E se Deus tem outros planos para nós, que envolva meu primo nunca querer gostar de mim, eu prefiro não acreditar. Quero que o André não me odeie. Mas meu primo acabou de traçar um limiar. Foi isso que o André desenhou ao fazer aquelas coisas comigo.

— Ninguém que realmente deteste outra pessoa esfrega o pênis nela... — murmuro para mim mesma, olhando sem emoção o salmo que minha mãe acaba de enviar ao meu *WhatsApp*.

A linha tracejada no chão é simples, e, embora essa mesma mulher que acaba de me lembrar sobre o dever de andar nos caminhos da virtude deseje que eu nunca a cruze, me pergunto se o André não acaba de me puxar pelos cabelos, como se fossem rédeas, para o outro lado da marca.

A linha define onde está o juízo e onde começa o pecado.

Com mais lágrimas de raiva lembrando-me do jeito como o homem por quem criei um carinho instantâneo acaba de me humilhar, tento dispersar os pensamentos e dormir. Mas enxurradas frenéticas de imagens dele me trucidam.

Meu primo me obrigou a prometer que nunca vou mentir para ele.

E como esse homem pensa que vai saber se eu minto ou não?

Ele não é Deus, oras! Embora certamente esteja agindo como se fosse um.

Está mais para o diabo!

Irritada ao extremo, limpo uma lágrima patética e me sento na cama. Agarro o telefone que me fez ficar encantada ao receber de presente, deu-me a ilusão de que ele era um anjo em meu caminho para me ajudar. Que, diferente da maioria das pessoas na minha vida, talvez tivesse gostado de mim.

Tola!

Aquela droga de pau contra a minha barriga me mostrou que o André é só mais um canalha doido para se aproveitar do que prometi entregar apenas ao meu futuro marido. Ao homem que será meu grande amor e me dará uma família. E

certamente não será esse roqueiro, de alma vendida ao diabo e mandão! Nunca me casaria com um cara que curte músicas profanas, como o vejo cantarolando pela casa, jurando que não sei inglês e não entendo tudinho das merdas envolvendo vender a alma, ou orar feito um cão dentro da igreja, e tantas outras coisas. Fora que ele é meu primo!

Céus! Tá impossível controlar a enxurrada de pensamentos corrompidos, raivosos e... Nossa, eu adoraria poder xingar agorinha. Falaria todos os palavrões possíveis, se não fosse errado e mundano. E que Deus me ajude a me livrar desses pensamentos!

Perdida em minha raiva, brigo com minha sanidade, tentando não me render e enviar uma torrente de ofensas a ele por mensagem. Penso em dizer que vou embora dessa casa, caso volte a me tratar com tamanha violência e imprudência. Ou em desejar que o Bill se engasgue com a bebida e fique com a garganta dolorida!

— Que droga! — grito, a plenos pulmões, para em seguida tapar a boca e me punir mentalmente.

"Maria, controle essa boca!", minha mãe diria se estivesse aqui.

Foi assim que as coisas começaram a dar errado na minha vida, tudo saiu do eixo, me desnorteei e acabei nesta casa. Tudo ruiu quando me rendi à raiva. Tenho que controlar a minha mente! Mas talvez... já esteja corrompida demais e não tenha como voltar atrás, que não tenha mais salvação para a forma como as crenças estão mudando dentro de mim.

Eu sou uma confusão.

Por mais que os pensamentos remem contra a maré de sono que passa a me dominar, a cada vez que o ponteiro do relógio se move na cozinha, eles são incapazes de impedir que minhas pálpebras pesadas dominem e eu mergulhe em um sono profundo.



Pisco com a claridade exagerada se chocando contra o meu rosto. Me esqueci de fechar as cortinas da casa ontem, e o sol brilhando lá fora até mesmo

me arranca uma camada de suor do corpo. Esperançosa, olho para o sofá, mas não há nada animado sobre ele. Apenas o travesseiro e a manta que coloquei para o André ontem à noite. Mesmo com raiva, mesmo triste, ainda me preocupei com ele dormir bem...

Penso em ficar na cama, com o peso da vida castigando-me os ombros, mas, sem coragem o suficiente de contrariar a rotina, me obrigo a fazer a prece silenciosa de toda manhã. Agradeço a Deus pela dádiva da minha existência, e peço dessa vez para me ajudar e um dia eu poder voltar para casa, para a minha mãe...

Evitando chorar, exalo profundamente e me forço a sair da cama. Abro o guarda-roupas embutido e com portas espelhadas, e, em meio ao mar de roupas do André, encontro uma bermuda jeans e uma baby look branca. Tenho poucas roupas, por isso ainda não separei uma parte só para mim.

Após um banho, no qual foi impossível não despejar mais doses de fragilidade e autodepreciação em forma de lágrimas, passo um café. Não procuro algo para comer, afinal, meu estômago traiçoeiro sempre é capaz de jogar a comida para fora caso eu esteja triste. É por isso que estou mais magra do que nunca.

Com uma caneca bem quente do meu cafezinho, me sento em uma cadeira de praia nos fundos da casa. Abaixo de uma amendoeira, sorvendo o líquido aos poucos e pensando em como o cretino conseguiu deixar hematomas no meu quadril apenas com poucos apertões, reviro os olhos para o céu.

Descalça, deixo que meus dedos se rocem um pouco na grama úmida, porque o sol ainda não secou completamente os gracejos da chuva que durou a madrugada inteira. É incrível como toda a dose de estresse da briga com o André conseguiu apagar o medo que sinto de ficar sozinha. Só consegui pensar em como vai ser o meu futuro.

A única coisa que desperta meus pensamentos é a mulher do outro lado do muro branco, na janela da casa amarela ao lado. Ela acena para mim. Seus cabelos loiros balançam, conforme um rodopio do vento os encontra. Seu rosto redondo se abre em um sorriso gentil. Mas sua roupa curta me choca. Consigo ver sua barriga de fora e um piercing sobre seu umbigo, porque usa um top rendado e vermelho que mais parece um sutiã.

— Oi! Você vai ao almoço na Ana amanhã?

Trinco as sobrancelhas para o seu grito. Mas, tentando ser educada, me levanto da cadeira e me aproximo da lateral esquerda da casa.

— Olá! — digo, alto o suficiente para me fazer ser ouvida, e de uma distância adequada para que meu corpo não seja sobreposto pelo muro. — A esposa do sócio do André?

Me recordo do meu primo me avisando que iríamos a um almoço amanhã, na casa de uma mulher chamada Ana.

Não me perguntou se eu queria ir.

Me comunicou.

Tem uma enorme diferença entre os dois.

— Sim. Ela mesma. Sou a Isabela, amiga desse povo doido todo. Josiah, Bill, Ana, Harry... — ela conta nos dedos enquanto fala, como se eu soubesse quem são todos.

— Me chamo Maria — digo, tentando sobrepor a onda de timidez que me faz querer sair correndo.

— Vai ser minha vizinha agora, né? Então, já saiba que volta e meia vou bater na tua porta para pedir alguma coisa. — Ela é muito bonita e sua simpatia já me conquista, arrancando-me um sorriso. Minha mãe certamente a chamaria de puta e diria que vai me desvirtuar, me obrigaria a ficar longe. Mas Isaura não está aqui agora. E não acho que Deus ligue para eu fazer amizade com alguém que pensa diferente de mim. Somos todos filhos dele, afinal! — Bem-vinda à vizinhança, Maria! Nos vemos lá na minha Bostinha amanhã!

— Obrigada pela gentileza, Isabela, e até amanhã!

Mordo o lábio, tentando entender o que a mulher quis dizer com "Bostinha", mas ela já saiu do alcance dos meus olhos. Quando volto à minha cadeira, tento não derrubar a caneca, com a tremedeira absurda que toma conta de mim subitamente. Diante da porta de vidro da cozinha, que dá aqui nos fundos da casa, está o meu primo. Não sei se engulo seco por não fazer ideia do que acontece agora, ou por ele estar com a camisa pendurada em um dos ombros, com uma cueca boxer branca aparecendo por cima do cós da calça jeans. Eu juro, por tudo o que tenho de mais sagrado, que meus olhos lutam para desviar da infinidade de tatuagens em seu peitoral malhado, mas, ao mesmo tempo, tento reparar em cada uma. Só consigo ver bem as maiores. Um gavião de asas abertas toma seu peito inteiro, e é quase hipnótico de tão perfeito. Porém, minha curiosidade morre no exato momento em que ele se move.

Dou alguns passos para trás, porque o Bill me encara, sem ao menos piscar, como se estivesse doido para me agarrar. Indecisa entre correr ou apenas ficar imóvel, acabo deixando que meu primo dite as regras, fazendo-me recuar a cada vez que investe em minha direção, e derrubar a caneca que carregava no processo. Todas as oportunidades de escapar se findam quando dou de costas no tronco largo da amendoeira e ele me alcança.

— André? — pergunto, espalmando as mãos no tronco áspero da árvore ao lado do meu quadril, caçando alguma brecha de sair do seu domínio.

Não é possível que ele ainda esteja bravo...

Meus olhos se perdem no rosto dele, com tanto foco, que até respirar se torna uma necessidade secundária. Seu hálito quente, cheirando a cigarro e bebida barata, quase se funde ao meu, quando meu primo se curva e aproxima tanto o rosto, que posso jurar que vai me beijar. Por um segundo, é como se a Terra parasse de girar, com o verdadeiro colapso que são meus sentimentos nesse momento. Medo, raiva, curiosidade rodopiam em espirais dentro da minha cabeça. Ao invés de seus lábios carnudos se chocarem contra os meus, encontram minha testa. E sua boca úmida contra minha pele faz algo quente descer pelo meu peito, serpenteando até as partes mais baixas. Céus... Isso é errado! A barba rala dele roça a minha pele, e sinto o arrepio começando a rastejar na minha espinha.

Fecho os olhos, com o choque que suas mãos, novamente grudando-se em meu quadril, causam. A pele arde no exato ponto onde seus dedos se fecham em minha carne, possessivos, como se tocasse algo dele. Bill ainda não colou seu corpo no meu, e rogo mentalmente para que não o faça. Não quero sentir suas partes em mim mais uma vez.

Ele está cruzando a linha.

De novo!

Sem permissão.

— André? — chamo mais uma vez. A voz como um fiapo. Mas, quando minha própria respiração se choca contra o pescoço dele, me irando ao sentir o cheiro inconfundível de perfume de mulher, ele tira uma das mãos da lateral do meu corpo e a leva a minha nuca. O jeito como esse homem roça o polegar no meu pescoço faz com que eu me contorça, e isso me inunda de raiva dele e de mim mesma. — Para com isso!

— Bom dia, Maçãzinha! — diz, me obrigando a estremecer quando volta sua boca para o meu pescoço, roçando-a nele. A mistura do ar saindo por seus lábios e a umidade deles me deixam nervosa. Me contorço mais, com outra onda frenética de arrepio chicoteando minha espinha. Obrigo minhas mãos a não irem de encontro ao corpo dele, mesmo que elas queiram, querendo e não querendo afastá-lo. É tudo confuso, porque, quando ele novamente volta o rosto para a frente do meu, minha cabeça quase fica em branco, pelo tamanho da beleza que encontro ali. — Sentiu minha falta?

— Não! — minto, o peito disparando para cima e para baixo de um jeito intenso, lutando contra o que quer que esteja causando esse aguaceiro em minha boca, enquanto tento desviar do magnetismo que é ver os lábios dele se movendo assim, tão perto. — Se afaste, por favor!

— Sempre mentindo... — Estala a língua no céu da boca em reprovação, e, do mesmo jeito sem cerimônia com o qual acaba de me atacar, ele vira de costas e volta para dentro da casa.

Com o peito a mil por hora, suada, tremendo e fora de mim, tento entender que droga acaba de acontecer. Ele não pode simplesmente ficar me encurralando e me tocando, apertando meu quadril, deslizando sua mão amaldiçoada, enorme e quente contra o meu pescoço.

Ele é meu primo!

Não deveria me dar beijos na testa!

Não! Esse beijo não parece algo amigável... Parece... cruzar a bosta da linha!

E o cretino ainda estava com mulher. Se estava, por que vir me irritar novamente?

Enfio as unhas no casco da árvore. Sinto muita ardência quando percebo que uma delas se quebrou bem rente à pele, deixando um filete de sangue pequeno nela. Quando arranco uma fina farpa que tinha se grudado em minha pele, sou inundada por dor e outra coisa: alívio. Nunca sei exatamente qual dos dois é melhor. Mas não andam separados. E sei que isso é só mais um dos meus pecados.

Desviando os olhos para o céu azulado e com ausência de nuvens, me pergunto mais uma vez o que o destino quer me enfiando aqui. Pondero se devo ligar correndo para minha mãe e contar tudo, para ver se assim ela dá um jeito de me tirar dessa casa antes que meus sentimentos se misturem... mais.

Quando me preparo para entrar em casa, a mesma mulher loira me encara, de boca aberta, com uma vassoura na mão, e me pergunto se ela é fofoqueira sempre, ou apenas ficou chocada com esse showzinho particular enquanto limpava a sua casa. Mas, diferente do nosso primeiro contato, agora eu viro a cara e, abandonando qualquer sinal de simpatia, entro em casa.

Irritada demais para conseguir segurar meus pés, tento a todo custo não cutucar essa onça imprevisível que é o meu primo mas, estou muito vencida para segurar qualquer coisa na ponta da língua. Ele entra no banheiro no exato momento em que o alcanço e impeço que ele role a porta atrás de si.

— Você não pode ficar me tocando desse jeito, ouviu bem? — grito, cerrando as mãos em punho ao lado do corpo. — Tem apenas oito dias que estou aqui, e juro que tentarei ir embora o quanto antes. Mas, até lá, pare de me tocar, apertar ou tentar mandar em mim! Sou sua prima e só estou aqui porque preciso muito. Não sou sua mulher ou a droga da sua propriedade!

Ele ergue as sobrancelhas, e, por um momento, sinto medo de que volte a me apertar ou puxar meus cabelos. Mas o rosto dele se abre e o desgraçado ri. André me dá um sorriso tão largo, que tenho certeza de que está bêbado, como na maldita madrugada em que o conheci.

Eu amaldiçoo o meu destino.

Me amaldiçoo por achar esse sorriso a coisa mais perfeita que já vi.

Amaldiçoo e praguejo contra tudo o que acredito, porque o filho da puta me encara como se nada do que eu disser vá o abalar.

E dane-se! Estou xingando! Mas isso é o de menos se comparado às coisas que estou sentido desde ontem!

— É, sim! — São as únicas palavras que diz, antes de avançar e me segurar pelos ombros. Mas, diferente da outra vez, ele não se gruda em meu corpo. André apenas me afasta da porta do banheiro. — Enquanto estiver aqui, você me pertence! Minha mãe já sabia disso quando trouxe você. Sabia que eu sou incapaz de cuidar de algo se não achar que é meu!

Quando ele bate a porta na minha cara, meu corpo inteiro está tremendo. Minha boca está aberta, mas as palavras estão mortas sobre a minha língua. Quase surda, ouço apenas as trombetas que são as batidas irregulares do meu coração. Meus pés ainda estão sujos com a grama e a terra molhada do quintal, e sei que minha alma está do mesmo jeito: imunda. Porque, de uma forma muito

complicada, acho que gosto de ouvir alguém fazer questão de dizer que sou sua. E isso é tão errado!

Minhas irmãs nunca gostaram que alguém se referisse a mim como delas.

Meu pai nunca me quis.

E a minha mãe... Ela almeja um exemplar do que nunca foi. E se eu deixar de ser isso, não vai me querer também.

Vencida, tudo o que faço é dar um jeito de limpar os pés e depois os vestígios de lama do chão. E quando o meu primo se joga na cama, ainda de toalha, me ponho a fazer o almoço para conseguir acalmar a minha cabeça. E mesmo que a panela de pressão esteja funcionando a todo vapor, o barulho não parece incomodar o André, que dorme, de barriga para cima, no exato ponto onde estive horas atrás.

Passo o dia arrumando a casa, algo que realmente consegue aliviar minha mente e me deixar feliz. É quase tão bom quanto costurar. Mas ainda não consegui usar a Laila aqui, falta tudo: linha, tecido, moldes e tesoura...

E pensando na Laila, me vem uma ideia. Talvez, se eu conseguir trabalhar e juntar algum dinheiro, posso conseguir meios de ajudar minha mãe para a gente ir embora do Rio. Em outro estado, posso viver sem medo daquele ser maligno que arruinou minha vida me encontrar. Podemos levar uma vida normal outra vez.

E mesmo que às vezes fique com raiva das coisas que andam acontecendo comigo, sinto falta de frequentar a igreja. Agora, mais do que nunca, acho que preciso me aproximar dos meus princípios, pois André anda os arrastando para o fundo do poço onde jaz sua alma.



CAPÍTULO 6

Maçãzinha



Maria

“Então me olhe nos olhos
Diga-me o que você vê
Paraíso perfeito
Se desfazendo
Eu queria poder escapar”.
Bad Liar - Imagine Dragons

Fiz tudo o que precisava e não precisava hoje. Arrumei a casa, deixei a comida do fim de semana pronta e congelada, e ainda deu tempo de lavar roupas. Essa foi a parte que mais me irritou, porque as do André estavam fedendo a perfume de puta. Deu vontade de atirar no lixo, mas, como ainda estou na casa dele, me segurei.

Na televisão à minha frente, a novela das seis se arrasta em uma narrativa chata e previsível, que não consegue prender minha atenção por mais de um segundo, enquanto volta e meia uma cólica chata piora o meu humor.

André ainda dorme, e até fechei as cortinas para não o acordar. Não por me preocupar com o seu sono. Na verdade, estou enfiando as unhas nas cutículas e arrebentando as cascas que começavam a se formar, porque a todo momento penso que seria ótimo jogar um balde d’água em sua cabeça como um lembrete de que não estou a sua mercê. E me controlo assim, punindo-me. Alivio toda e qualquer outra sombra com meu vício pesado em sentir dor.

Cada vez mais convencida de traçar um plano para conseguir ir embora do Rio sem precisar dos meus parentes, penso em usar os trezentos reais que minha mãe me deu para comprar materiais de costura. Ela me entregou essa quantia, que arrecadou com minhas irmãs, enquanto eu me enfiava no porta-malas do carro da minha tia para sair escondida do morro. Era o único jeito de nenhum dos traficantes me reconhecerem na saída da favela, e acabarem me capturando antes da fuga. Também me sinto mal pelo André estar simplesmente me bancando, e me pergunto se essa é a razão de ele acreditar que sou sua posse.

Tenho algumas possibilidades com a costura, como fazer consertos em roupas e peças de costura criativa para vender, como capas de almofadas, nécessaires, panos de prato... Porém, como conseguir clientes para confeccionar peças sob encomenda, se nem consigo ir à esquina?

Meu telefone vibra, fazendo meus pensamentos se dispersarem como névoa. Quando olho para a tela, vejo a foto de uma mulher branca, com os cabelos pretos e cheios de rajadas brancas presos em um coque. Seu rosto enrugado, manchado e fechado me enche de saudade. Ela é tudo o que tenho no mundo. Sempre foi.

Atendo a videochamada com um sorriso:

— Oi, mãe! — digo, deixando uma pequena lágrima escorrer pelo nariz, enquanto observo que ela franze a testa para enxergar a tela.

— Maria, tá vendo a mamãe?

— Sim! — Sorrio, com o peito apertando a ponto de parecer que está sendo pisoteado pela saudade. Atrás dela, a cortina cor de vinho da sala da minha tia Vanessa aparece. Ela ainda está morando lá. — Como a senhora está?

— Com saudade e muita tristeza por todas essas tribulações que estamos vivendo. — Sua voz começa a tremer, até finalmente irromper em choro. — Minha filha, ainda não consegui ter dinheiro para levar você para algum canto. Mas sei que Deus vai iluminar nossos caminhos. Vamos encontrar uma maneira de ficar juntas.

— Maria, como tá Bill, hein? — minha tia grita ao fundo e, depois, sem muita cerimônia, joga-se ao lado da minha mãe no sofá. — Ele está te

respeitando?

Meu rosto inteiro esquenta com a frase da tia Vanessa. Se ela soubesse... Não posso contar que ele anda me encurralando. Minha mãe vai acabar me culpando de algum jeito, e, no fim das contas, nenhuma das duas tem como me tirar daqui agora.

— Está, sim! — minto, engolindo em seco e olhando de canto de olho para a cama. Minha boca seca quando noto meu primo sentado, com o rosto amassado, duas linhas marcando o meio da testa, enquanto olha fixamente para mim. Seus músculos pesados comprimem-se, conforme ele se estica para sair da cama.

— É claro que ele está respeitando! Maria é uma moça de família. Ele não é nem doido de se engraçar para cima dela — minha mãe fala, como se estivesse brincando, mas seus lábios finos se franzem em uma careta de nojo. Tenho certeza de que ela está se revirando na cama todas as noites com medo de que meu primo me corrompa. — Filha, como tem sido a rotina aí? Tem feito as preces e os salmos que te enviei?

— Sim. — Na maioria das vezes... Mais por sensação de culpa do que por vontade. Gosto de orar e me comunicar com Deus, mas do meu jeito. Não da forma como minha mãe me sufoca para fazer. — Estou pensando em fazer costura por aqui para juntar dinheiro. Assim, a gente pode ir embora do Rio, mãe.

— Junte, sim, minha filha. Ainda estou com medo de sair aqui da sua tia e aquele *filho de Satanás* me usar para chegar até você. Só por isso ainda não sei quando a visitarei, mas, assim que for possível, irei lhe dar um cheiro.

Ficamos por um bom tempo em ligação, com minha mãe fazendo um verdadeiro inquérito sobre minha rotina e a do Bill. Ela me perguntou se ele bebia, como se vestia, onde dormia e mil e outras coisas. E pior é que ele estava ouvindo tudo, porque meu telefone não tem fones de ouvido. Tia Vanessa não se meteu muito na conversa, e imagino que esteja sendo um dobrado ter minha mãe em sua casa. Isaura tem mania de limpeza e é muito fanática com nossa religião. Aposto que o tio Luís roga aos céus todos os dias para se ver livre dela.

Minha mãe é obcecada com a minha virgindade e, de certa forma, sempre me fez enxergar o sexo como algo muito sagrado. Por isso, ela tem me mandado vídeos diariamente falando sobre a importância do casamento e do sexo somente após as bênçãos de Deus. Parece que ela acha que, se não estiver olhando de perto, vou sair me abrindo para qualquer um feito uma vadia. E minha mãe literalmente já verbalizou isso inúmeras vezes, tanto a mim quanto a terceiros, tirando-me do sério em todas as ocasiões.

"Se eu não segurar essa menina em rédeas curtas, fará como as irmãs e vai me aparecer prenha. Maria é criada com virtudes. Só sairá de baixo das minhas asas casada", dizia volta e meia. E levei a sério os ensinamentos dela, mas, com o tempo e no auge da minha adolescência, quando começou a me deixar ainda mais presa em casa, sentia vontade de encontrar um menino só para contrariá-la. Só para arrancar de vez do meu corpo o símbolo da minha prisão.

Apanhei poucas vezes na vida, porque minha mãe, embora chata com seus ensinamentos, não costuma ser agressiva. Pelo contrário, sempre me enche de abraços e carinho. Mas a verdadeira surra que minha mãe me deu foi por isso. Porque pedi para ir a uma festa de final de ano na escola, e, para variar, ela não deixou. Alegou, como fazia costumeiramente, que era para o meu bem e pra que eu não acabasse mal falada. Fiquei brava e berrando que ficar presa em casa não iria me impedir de fazer sexo. Que eu poderia ir ao banheiro durante a aula e transar com um menino, se eu quisesse. Minha mãe deu tantos tapas em meu rosto, que nunca mais ousei respondê-la. E não adiantou a quantidade de vezes em que me abraçou e pediu desculpas ao me ver com hematomas roxos e as bochechas inchadas. A mágoa ficou entranhada em mim, virou cicatriz.

Eu ainda me guardo, porque ela conseguiu me transferir o sonho de me casar na igreja e ter uma família com o meu "príncipe encantado". Não para viver a vida que ela almejou para si e falhou em ter.

Minha mãe engravidou do namorado aos quatorze anos e foi abandonada. Ela criou a minha irmã, Maíra, com a ajuda da falecida vovó Deise. E todas as outras filhas também. Cada irmã minha tem um pai diferente, e nenhum deles assumiu a paternidade. Ela ficou tantas vezes

sozinha, sofreu tanto, que isso a faz tentar me modelar para ter a vida que ela julga ideal: pura, casta, cheia de virtudes...

Deslizando para fora dos pensamentos, navego pela sessão de ebooks no aplicativo *Kindle*, procurando os livros gratuitos do dia. Fico feliz ao ver que tem um do Charlie Donlea que estava doida para ler.

— Gosta de Romance Policial? — André pergunta, sentando-se ao meu lado no sofá.

Meu peito dispara automaticamente, e minha mão até mesmo treme. De soslaio, vejo que meu primo já esquentou o prato com o ensopado que deixei para ele no micro-ondas. Não que eu ligue para André comer ou não... Só coloquei lá para ele não sujar mais louça.

E não vou responder que livros desse gênero são minha paixão, ou que os lia escondido da minha mãe no telefone. Ainda brava com meu primo, dou de ombros. Sei que estou com um bico enorme no rosto.

André está sem camisa, para aumentar meu desconforto. Mas nem dá pra julgar tanto. Hoje tá um mormaço absurdo, e a chuva que volta e meia deságua lá fora só parece aumentar o vapor quente.

— Obrigado por botar minha comida, Maçãzinha! — fala, assoprando uma garfada, antes de a enfiar na boca.

Para me irritar ainda mais, agora me deu um apelido!

Tento ignorar sua voz, fingindo que estou conseguindo ler *Não Confie em Ninguém*, mas meus olhos fofoqueiros focam nele. Vestindo apenas um short de tactel negro, sorri enquanto come, porque sabe que o estou sondando. Seus olhos, ainda sonolentos, o deixam surrealmente mais gato.

Argh, eu o detesto!

Reviro os olhos, fugindo da risadinha presunçosa que corta sua boca. E só sentou aqui para me deixar aborrecida, porque podia muito bem jantar na cozinha.

— Não vai falar comigo? — Dessa vez, de boca cheia, ele insiste.

André apoia o prato, ainda pela metade, na mesinha de centro. Quando meu primo percebe que não estou disposta a gastar uma palavra sequer, se joga para cima de mim, de lado, até alcançar o controle remoto no apoio para braço do sofá em que estou recostada. Solto um grunhido,

com o antebraço dele resvalando em meus seios sensíveis pela menstruação, causando dor.

— Vê se me deixa em paz, tá? — rosno, fazendo menção a me levantar.

Sou impedida por um dos braços dele, que se posiciona feito uma barreira na frente da minha barriga, incendiando esse mesmo ponto com o seu contato. Tento não arfar e demonstrar como seu toque me deixa abalada.

Mal cheguei a ficar de pé, mas, bufando e vencida, permaneço sentada ao seu lado.

— Já que você curte Romance Policial, bora ver um filme? — convida. Volto a dar de ombros, feito uma criança birrenta. Não estou disposta a gastar mais palavras com esse idiota. — Já viu *A Garota no Trem*?

Não respondo.

Mas além de não ter lido o livro, estava doida para assistir ao filme.

Sendo eficaz em ler meu corpo, meu silêncio é interpretado como uma negativa, então meu primo coloca na *Netflix* e começa a caçar o título. Penso em me levantar. Entretanto, não tenho nada para fazer, então apenas me arrasto para o lado oposto do sofá e deito a cabeça no travesseiro que Bill costuma usar para dormir. Para variar, tem o cheiro dele entranhado em tudo.

— Quer alguma coisa da cozinha? — Se levanta, carregando o prato consigo. Evito olhar para ele. Quero lhe dar um bom gelo para que nunca mais fique me encurralando. — Vou trazer refrigerante, então...

A voz dele é calma de um jeito que até me tira do sério. Meu primo deveria me pedir desculpas por suas obscenidades. Eu sei que ele está agindo errado, mas André concorda comigo? Pelo que vejo, não parece arrependido de nada.

Ouço, daqui da sala, que lava o prato e depois demora mais alguns minutos escovando os dentes. Quando volta, percebo antes mesmo de vê-lo, pois seu costumeiro cheiro de limão e cigarro me brinda antes de sua chegada.

Ele está sempre cheirando a cigarro, mas minha tia Vanessa adora dizer que André deixou de fumar. Ou meu primo mente para a mãe, ou ela não convive o suficiente com ele. Segundo algumas fofocas sussurradas por minha mãe, André não costuma ver a minha tia desde que teve sua vida virada de cabeça para baixo.

Quando se senta ao meu lado, não tenta chegar perto. O sofá não está aberto para servir de cama. Então, estamos sentados em extremidades opostas. Meu primo aceita a distância, mas coloca um copo bem cheio de *Coca-Cola* na mesa de centro em minha frente. Minha boca enche de água, porque amo refrigerante. Ignoro isso também. Não vou aceitar seu suborno barato. Permaneço deitada, de lado, esperando que ele solte logo a joça do filme. E, como se o dia não pudesse ficar pior, cólicas começam a me assolar aos poucos, dessa vez mais intensas. Seguro a barriga e trinco as sobrancelhas. Tento segurar o gemido, que se arrasta por minha garganta e força a saída.

— Quer uma bolsa térmica? — indaga, e sua voz rouca e grave me traz a sensação de segurança e familiaridade que não deveria causar em mim.

Não me resta nada diferente do que aceitar quando até minha lombar passa a explodir e me torturar. Com um aceno de cabeça, me permito encontrar o rosto dele. Parece conter alguma pena, mas não se demora muito em meu semblante.

Gosto de dor. Mas qualquer desconforto que envolva a menstruação é uma dose de labaredas do inferno. Não existe nenhum prazer nisso. E essa menstruação podia ir logo embora, né? Já estou ferrada o bastante!

Aceito quando meu primo me entrega uma bolsinha laranja muito quente, enrolada em uma toalha de rosto. Quando a posiciono sobre o baixo ventre, sob a camiseta, é um alívio profundo. Pisco para a generosidade do André, quando vejo que está abrindo uma cartela de *Atroveran*, e depois me entregando junto a um copo com água.

Droga!

Como vou dar gelo nele desse jeito? Uma hora é um ogro, em outra, um lorde. Engulo o remédio com certa urgência, doida para encontrar algo

que me livre desse martírio.

— Você sempre sente dores assim? — pergunta, pegando o copo de volta, depois agachando em minha frente. Estremeço quando ele ergue o braço imenso em minha direção, mas seus dedos gigantes se concentram em tirar uma mecha larga de cabelo que já se grudava em meu rosto.

— Sim! Tenho endometriose — confidencio, vendo-o trincar as sobrancelhas e inclinar levemente a cabeça para mim. Está sério, vistoriando-me inteira. Meu peito começa a disparar, e tento não me encolher com o arrepio gelado começando a dominar minha pele. — É um distúrbio, causado quando as células do tecido que revestem o útero crescem do lado de fora dele. Isso causa dor durante o ciclo menstrual e outras coisas.

— Não tem um tratamento? — Ele realmente parece bem assustado e, como é de se esperar na maioria dos homens, não parece entender nada do assunto.

Morde os lábios, me encarando com os olhos um pouco abertos demais. Eu sei que é errado ser obcecada com a beleza que é a boca carnuda dele. Desviando do vício que é olhar para esse rosto, feito o diabo fugindo da cruz, ordeno meu cérebro a focar na pergunta que fez.

— Algumas mulheres usam anticoncepcional para ajudar na dor e interromper a menstruação, mas minha mãe não me deixou fazer nenhum dos tratamentos que a médica sugeriu — confesso, sentindo raiva momentânea por minha mãe sempre preferir me ver morrendo de dor, do que me deixar fazer a droga do tratamento.

— Ué... Por que minha tia não deixa você se tratar? — inquire, inclinando a mão para me tocar, no momento exato em que chego a dobrar o corpo e soltar um gemido alto de dor.

Ele acaricia meu ombro esquerdo, enquanto o direito se afunda no sofá abaixo de mim. Se não estivesse com tanta agonia, teria ficado nervosa com o carinho leve que faz em minha pele. Dessa vez, não contém malícia. Parece realmente tentando me confortar.

— Porque ela é louca! — A resposta escapa da minha boca, em meio ao descontrole causado pelo sofrimento. E imediatamente me arrependo,

embora seja tarde para voltar atrás na ofensa. — Minha mãe acha que a médica estava debochando dela ao sugerir remédio para evitar gravidez, que estava tripudiando da minha virgindade ou algo do tipo.

Silêncio recai sobre nós por muito tempo após minha frase. E só quando noto a escuridão que parece se formar atrás dos olhos dele, é que percebo que lhe contei sobre ser virgem. Parece repleto de interesse no assunto, e isso é nítido pela forma profunda como está preso em meus olhos, e só desvia para fitar meus ombros, hora ou outra. É estranho. O peito dele sobe e desce de maneira acelerada, e ele lambe os lábios, como se estivessem secos. Me pergunto se meus ombros estão sujos ou tem algo de errado, para lhe chamar tanta atenção assim. Quando me arrisco uma olhadela para eles, me parecem normais. Só então André demonstra notar que está me devorando apenas com uma encarada. Ele desvia do meu corpo, caçando um ponto qualquer no ambiente para focar seu olhar.

Deus! Não me parece certo conversar coisas tão íntimas com ele, e tenho medo de que isso alimente mais sua possessividade desmedida.

A cólica segue, me fazendo choramingar de desconforto. Fico assim por muitos minutos. De tempos em tempos, acabo tentando travar a raiva da minha mãe. Toda vez em que fico menstruada, a culpo por minhas dores.

Eu não precisaria passar por isso se ela não fosse tão quadrada. E todas as vezes em que tentei mostrar vídeos a Isaura sobre o assunto, que não tinha nada a ver com manter vida sexual ativa, mas com atenuar as cólicas, ela me ordenou que nunca mais voltasse ao assunto.

Aos poucos, a dor vai passando. Quando vê que já não estou mais me contorcendo, André sai do chão e volta para a outra extremidade do sofá.

— Quando a bolsa esfriar, me avisa que aqueço.

Assinto, observando de esguelha que ele parece bem preocupado.

— Solta o filme? — peço, pensando que seria bom ter algo para me distrair.

Conforme o enredo se desenrola na tela plana, tomando minha atenção, vou me envolvendo com a trama. Tanto, que nem percebo o momento em que a cólica me abandona por inteiro, e já estou de joelhos sobre o sofá, com a mão na boca, chocada com o *plot* do final.

— Meu Deus! Eu não ia prever isso nunquinha na vida! — falo, animada, ainda sentindo os olhos doloridos pelas lágrimas. Dou tapas de animação no sofá ao meu lado. — Você já tinha visto?

— Sim. Imaginei que você poderia gostar... — Ele está com cara de sono, dando um sorrisinho sem mostrar os dentes.

Está com as costas deitadas no apoio do sofá, os pés descansando na mesa de centro. Só o rosto está virado em minha direção. Seu maxilar marcado, a barba começando a crescer e dar as caras: tudo isso me hipnotiza quando me perco na paisagem perfeita que é seu rosto.

— Coitada da menina! — Balanço a cabeça, ainda pensando em tudo que aconteceu com a Rachel e em como viveu como uma sombra e obcecada por tanto tempo. — Você conseguiu adivinhar o *plot* na primeira vez?

Quando volto a encará-lo, ansiando pela resposta, seu pomo de adão sobe e desce adoidado, camuflado sob a tatuagem de uma caveira escura que lhe toma o pescoço inteiro. Seus olhos estão estagnados em minhas mãos, e, feito uma forte rajada de vento, ele se lança para perto de mim. Toma minhas mãos com delicadeza e, muito cuidadoso, investiga cada um dos cantinhos das minhas unhas. Seus olhos se demoram sobre o dedo que tem a unha arrancada, quebrada a ponto de estar em carne viva, embora eu tenha conseguido encontrar uma pomada em uma das gavetas do banheiro, e a tenha emplastado com o medicamento.

— O que anda fazendo em si mesma, hein?

Sua voz é tão suave e gentil, então por que parece conter fome? Meu coração, um tolo emocionado, já está palpitando. Minha boca seca, e demoro a perceber que estou perdendo muito ar dentro do corpo, e só o solto quando ele finalmente desgruda os olhos dos machucados.

— Tenho um tique de mexer nas cutículas, mas essa aqui ó... — Exibo meu anelar direito para ele — quebrou no casco da árvore quando você estava me perturbando hoje cedo.

André sorri, porque, se fosse o dedo médio, seria um sinal feio. Ele fica lindo demais quando ri, e toda vez que o vejo exibindo os dentes perfeitos assim, não consigo evitar admirá-lo.

— Vem, vamos limpar essas unhas! — Não é um pedido ou convite. Como ele sempre faz, é uma ordem. Porém, ainda seduzida pelo jeito carinhoso com o qual cuidou de mim, aceito sua mão quente e não tento desviar dela quando me leva para a cama. — Espera aqui, e tenta não enfiar essa unha em nada! Pode acabar pegando uma infecção.

Se ele soubesse que já caiu até vinagre nela na hora do almoço, não teria toda essa pompa. Contudo, acho que gosto desse lado cuidadoso e protetor. Eu só odeio o outro, o mandão e imprudente.

— Então, Maçãzinha... — Sua voz é calma e sussurrada, mas também provocativa. Ele pega algo dentro do guarda-roupas, bem no alto, em uma prateleira que eu precisaria de escada para alcançar. Ele nem precisou se esticar muito. Só olhar seu braço imenso todo retesado, com os músculos crescendo com o esforço, já fez algo se mexer em minha barriga. Desvio os olhos, como se tivesse sido pega cometendo um crime, assim que se volta para a cama, trazendo consigo uma caixa branca de primeiros socorros. — Quer dizer que gosta de se machucar?

A sensação é de que minhas bochechas estão sendo queimadas, de tanto que esquentam. Olho para minhas mãos, quando, deliberadamente, Bill as pega e as pousa em seu colo, após sentar-se em minha frente com as pernas dobradas. A cada vez que seus dedos roçam minhas mãos, sinto meu peito inteiro começar a arder.

Uma pedra. É o que tem em minha garganta com sua pergunta. Ninguém ousou falar abertamente sobre esse assunto comigo. E olha que minha mãe já reparou em meus machucados nas unhas outras vezes, mas sempre disse a ela que era alguma espécie de alergia. Sabe... Acho que ela preferia fingir que não via, embora gostasse de dizer que nosso corpo é um templo do Senhor que não deve ser profanado. E enquanto ouvia essa frase saindo pelos lábios dela, mais eu tentava enfiar as unhas profundamente na pele.

— Não — pela milésima vez desde que inundei sua vida com minha presença, minto. — É apenas um tique.

— Existem jeitos mais seguros de você provocar dor em si mesma, sem correr o risco de pegar uma bactéria e acabar tendo que amputar um

dedo. Fora esses furos que você faz com agulhas no topo das mãos. É um jogo perigoso! Tem que saber fazer. — Sua voz é ríspida agora, e tento puxar o braço quando percebo que está cortando minhas unhas.

— Não, André! — rosno, tentando fugir do cortador metálico, mas o apertão da mão direita dele em meu punho esquerdo é quase como uma algema. Demorei a conseguir que elas ficassem longas e afiadas assim, em formato stiletto. E tive que argumentar muito com minha mãe sobre a igreja não falar nada sobre o formato das unhas, porque ela tentou implicar. — Por que está fazendo isso?

Dou mais um tranco com o braço, dessa vez apoiando a mão direita em seu ombro rígido, cravando as garras e tentando empurrá-lo com força.

— Enquanto não souber se comportar, não terá unhas grandes! — avisa, me ignorando e tentando seguir com seu abuso.

Irritada, dou-lhe um tapa bem forte no rosto, que faz eu duvidar se não quebrei a mão, com quão duro é o maxilar desse gigante. É como se o tempo parasse, e cada reação dele se estende por muitos segundos, em uma velocidade exageradamente lenta. Seu rosto se contorce de raiva, enquanto, aos poucos, ele vai abandonando a minha pele. Eu deixo de ouvir o som da chuva lá fora, ou o barulho do ar-condicionado, de nossas respirações. O mundo inteiro está em silêncio, enquanto eu encaro uma escuridão assassina tomando seu semblante. E nem tenho tempo de correr, porque meu primo já enfiou as mãos imensas em meu pescoço, sufocando e me fazendo engasgar. Cravo as unhas nos pulsos dele, tentando respirar, lutando para afastar suas mãos. Quando acho que vou apanhar dele, André me joga na cama e me vira.

Estou de bruços, ele deitado em cima da minha bunda, forçando meus dois braços para cima. Tento espernear, me virar, gritar, em vão... Ele parece pesar uma tonelada.

Desespero varre o meu corpo, enquanto meu peito parece esmagado por um elefante e meu rosto é apertado contra o lençol. Sinto, apavorada, André deslizando minha camiseta para cima.

— Não! — grito, tão alto e potente, que minha garganta parece prestes a arrebentar. — Para, André!

Ele não ouve, e o resultado é o ar gelado beijando minhas costas nuas, causando arrepios de frio e pavor. Não sei o que ele pretende fazer comigo, mas o choro já começa a escorrer do meu rosto e pingar no colchão. Quando percebo, minha blusa está presa no alto da cabeça, onde meus pulsos estão presos com ajuda das mãos dele. Ele rasga a camiseta, e forço o pescoço pra trás para conseguir ver que está dando um nó nela, tornando-a a corda perfeita para atar-me os pulsos. Meu queixo reclama, afogado na montanha macia que é a cama, quando ele empurra minha cabeça contra ela.

— Por favor... Me... me desculpa! — imploro, gaguejando desesperada. Ele apoia os joelhos na cama, um de cada lado do meu corpo. — O que pretende, André?

— Cortar a porra da sua unha! — ele cospe as palavras, quase gritando, se inclinando para frente e agarrando minhas mãos, causando dor enquanto, com grosseria, segue o trabalho de deixar minhas unhas o mais curtas possíveis.

A cada clique que ouço do cortador, outra lágrima cai. Ele não tem o direito de me tratar assim. Sem falar que está enchendo a cama de lascas de unha.

Algum tempo se passa, e meu peito ainda dói, esmagado, massacrado com a humilhação que esse homem está fazendo comigo.

Ele é louco.

André é um desgraçado!

Fico quieta para evitar mais descontrole, enquanto ele limpa cada um dos machucados nas cutículas. Depois, passa pomada neles. No dedo onde a unha está completamente destruída, ele coloca um band-aid.

Meu rosto está quase grudado no lençol branco, e, quando ele finalmente termina, imagino que vá sair de cima de mim. Porém, eu o sinto se deitar contra o meu corpo. Seu peito desnudo se gruda em minhas costas, e xingo mentalmente o meu corpo por reagir de um jeito contrário ao que eu desejo. Queria sentir nojo dele, mas meu ventre inteiro aquece quando o desgraçado se aproxima da minha cabeça.

— Posso estar enganado, Maçãzinha, mas parece que você é um projetinho de masoquista — sussurra, roçando sua boca no meu maxilar em uma provocação agoniante, demorada, que faz até os fios dos meus cabelos arrepiarem. — Porém, aqui na minha casa e enquanto você for minha responsabilidade, não vai se machucar assim, de um jeito irresponsável. Caso queira, posso te ensinar a alimentar sua necessidade de dor, mas não tolero certos comportamentos. E quando alguém bate em mim, costumo revidar. Na próxima, vai dormir com o rosto quente...

— Dá para ver o quão intolerante você é! — debocho, mas o arrependimento vem quando ele puxa meu cabelo com força para trás, grudando-o em sua garganta. A dor no couro cabeludo é insuportável. — Ainda é covarde, é? — gemo, afrontando-o. — Vai bater na minha cara?

Minha língua é ferina, desobediente, pois sei que estou em uma posição desfavorável. Estou de bruços, apenas de sutiã, dominada, e ainda provocando um homem imprevisível.

Nada do que ele disse ainda foi inteiramente absorvido. Agora, só consigo ficar com raiva do meu primo ameaçar me bater.

— Tem ousadia demais nesse corpinho pequeno, Maçãzinha. — Eu o sinto crescer contra a minha lombar agora. É como um pedaço de rocha, longo. Ele está excitado, e o que trava os xingamentos crescendo em minha garganta é o medo de que meu primo resolva usar isso em mim. Ele não parece ligar muito para consentimento, no fim das contas. — Sabe por que chamo você de Maçãzinha?

— Por que você é um completo imbecil?

Ouço a risadinha inabalada dele esquentando o meu pescoço:

— Porque morder você é pecado!



CAPÍTULO 7

Masoquista



Maria

“Você é louco como eu?
Esteve sofrendo como eu?”.
Gasoline - Halsey

A minha respiração está entalada na garganta. Meu peito está doendo, sufocado, porque o peso dele é difícil de segurar, e sei que se imprensa contra mim de propósito. Meu primo deseja me causar desconforto. Feito o ogro que é, tenta me domar como se eu fosse uma égua, à força!

— Te darei um apelido também: Animal! — rosno, completamente minada, sentindo as energias evaporando com o suor que inunda minha pele.

— A próxima vez que me desrespeitar, Maria... — sua voz agora é dura, embora cheia de algo mais urgente — Castigarei você com uma boa surra nessa bunda. Não teste mais a minha paciência!

Não me surpreendo quando ele se dedica a roçar sua ereção contra o meu traseiro por um bom tempo, circulando o quadril e me fazendo nos odiar. Odeio-o por me submeter a isso, e nunca me perdoarei por ferver com seu contato obsceno e abusivo. Meu coração erra o ritmo das batidas com seu rosnado, o som que perversamente me faz entrar em combustão, que ata pesos em meus seios de uma forma que parece que eles vão cair, de tão densos e sensíveis.

Por uma minúscula fração de segundo, a curiosidade de ver como é sua coisa imensa — sei que deve ser monstruosa só por senti-la —, que tanto gosta de roçar em meu corpo, me devora. Mas eu a domo, expulso da minha mente e substituo por lembranças do que quero para meu futuro. Um futuro em que esse tarado terrivelmente bonito não estará

Seu rosto pecaminoso está contra o meu ouvido. O ar soprando de sua boca me confunde inteira. O calor do seu corpo, o seu tamanho, suas atitudes

ousadas... Céus! Ele está me enlouquecendo! Irei para o inferno por culpa do meu primo! Ele é a própria serpente, mas, ao invés de veneno, carrega uma substância viciosa em suas peçonhas da qual preciso fugir.

Sempre vai ter algo afiado como um estilete na ponta da minha língua, independente da temperatura alta do meu corpo ou da sensação estranha em meu baixo ventre. Quero xingar esse homem.

Já estou corrompida, porque antes ainda tentava driblar minha mente quando sentia tanta raiva, principalmente depois de ter feito uma série de besteiras que me arruinaram. Agora, vivendo sob o mesmo teto que essa muralha que adora me provocar, fica impossível não desentocar o arsenal enrustido de palavrões trancafiados por eras na minha mente. Como sei que André é bem capaz de ser meu carrasco e me dedicar um castigo pior, resolvo manter o silêncio. Só que o preço disso são lágrimas vergonhosas de frustração escorrendo por minhas bochechas. Odeio chorar. E o detesto por arrancar isso de mim à força, assim como todos os sentimentos que tem me causado. Eles são roubados. André não os merece.

Reclamei tanto de minha mãe ser uma tirana, e agora tenho esse homem. *"Bill é sua única salvação"*, Isaura choramingava enquanto alisava o meu rosto em nossa despedida. Na verdade, ele é minha perdição.

Pegajosa, suada e completamente derrotada, deixo meu corpo amolecer sob o dele. Se percebendo que entreguei os pontos ou não, finalmente se levanta e cessa minha agonia. A lufada de ar que escapa do meu pulmão parece eliminar uma boa dose de estresse.

Meu coração para quando André me vira de frente com um só movimento. Mal tenho tempo de balbuciar uma palavra ou organizar os pensamentos. Em minutos, meu primo se enfia sentado atrás de mim, envolvendo minha barriga com um de seus braços monstruosamente malhados.

O que esse cretino quer agora? Seja lá o que for, me assusta. Estou toda travada, mal consigo controlar meus olhos, que se escancaram com o pavor começando a tomar conta de mim.

Droga! É agoniante ficar tão impotente diante dele, mesmo que todo esse poder que usa para me subjugar acorde uma partezinha bem estranha. Um lado vergonhoso e todo contaminado que mora nas profundezas do meu corpo há tanto tempo, que fica até difícil definir quando surgiu.

Ele se recosta contra a cabeceira com armadura de ferro preto, fazendo a cama balançar abaixo de nós. André me segura pelos braços e me deita de lado contra seu peito. A forma carinhosa com que me envolve em um abraço faz meus neurônios guerrearem para entender. Sinto seus braços imensos e duros ao meu redor. Minha bochecha é empurrada contra o seu peitoral, e posso ouvir os batimentos serenos do seu coração. Um contraste absurdo com o meu, que tem bombeado o sangue na velocidade da luz.

Penso em fazer força para me soltar, mordê-lo ou até tentar socá-lo bem no meio do queixo. Com os punhos ainda atados na frente do meu peito, é perda de tempo tentar reagir. Serei novamente subjugada e reduzida a nada com muita facilidade. Acho que já fui humilhada demais, é bom evitar dar mais uma dose de vitória a esse cretino. Bufo, completamente exaurida:

— Cê tem sérias alterações de humor. — Às vezes, minha língua é um chicote e, quando ela resolve se mover, dribla minha vontade e ganha vida. — Talvez devesse tomar um banho gelado, e isso resolveria não só seu humor, mas seus hormônios de cachorro no cio.

Quando percebo, estou encolhida contra seu peito suado. Sinto medo, com sua ameaça sobre espancar minha bunda revivendo em meus ouvidos após minha alfinetada. Espero pelo castigo, mas sou surpreendida com a ponta dos seus dedos fazendo carinho no meu ombro esquerdo.

— Você é muito indisciplinada, Maçãzinha. Achei que era o estilo “boa moça”.

— E eu jurei que você era um “homem decente”. Pelo visto, nos enganamos um com o outro.

Presa em um silêncio doloroso que nos domina com força, percebo o quanto minha frase é real. Poucos dias se passaram desde que vim morar aqui, e todas as máscaras já se foram em queda livre.

Achei que ele fosse um anjo para me proteger e ajudar.

Cada vez mais tenho a certeza de que ele é um anjo, sim... Caído. E pior é gostar e não gostar disso. Eternamente perdida num zigue-zague entre esses dois pontos.

— Eu nunca disse a ninguém que sou decente — sopra a resposta, cortando o silêncio, com a voz tão serena quanto o seu peito, quanto seus carinhos, que deslizam por minha pele e eriçam meus pelos. — É bem ao contrário. E você? Costuma dizer às pessoas que é uma garotinha rebelde?

Essa voz dele parece uma bruma. É bonita, grossa, sedutora, e sempre parece cheia de mistérios. Dizem que demônios podem ser bem sedutores. E brumas são lugares perfeitos para abrigar monstros.

— Não sou rebelde! — A resposta é seguida por um longo bocejo. — Você é que tem feito coisas inaceitáveis. Tu não liga nem um pouquinho para eu ser sua prima?

— Não.

Ele solta uma risada, me irritando ao afundar o nariz no meu cabelo e fungar. Deveria ter medo em mim, não a calmaria que está me dominando. Estou amarrada, fui ameaçada e sigo em um contato muito forçado com um homem que prende minha atenção. Parecem os ingredientes perfeitos para um ensopado de caos.

— Pode soltar minhas mãos? — peço, brigando com o sono alimentado por seu carinho. É inaceitável ser tratada assim. *Maria, você deveria estar ultrajada!* Preciso ao menos fingir que estou. E não louca para dormir em seu peito, embalada por sua respiração, por seu cheiro de homem mau. O cheiro de cigarro, limão e, lá no fundinho, uma nota de erva doce, proveniente do sabonete líquido. — Essas coisas são bizarras. Vou contar tudo para as nossas mães. Que está me castigando, tocando de maneiras erradas, e ainda ameaçou me dar uma surra.

A risada dele é tão forte, que me balança em seu colo, e meus dentes trincam de raiva. Tento me erguer, aproveitando sua descontração, mas André me dá um verdadeiro abraço de urso, grunhindo de um jeito muito fofo enquanto o faz. Céus! Dificilmente sou agressiva com alguém, mas quero muito poder socá-lo. Juro pelos céus que realmente adoraria dar um murro potente em seu rosto por me fazer amar esse som.

— Não pretendo te soltar ainda. Está respondona demais.

— Você parece se esforçar para que eu te odeie!

— Você ainda vai me adorar, linda. Apenas a estou confortando por ter sido castigada, Maçãzinha. E, como a masoquistazinha que é, sei que no fundo gosta disso tudo. Desse joguinho de punição, da dor em seus pulsos amarados... — Agora seus lábios se enterram no topo da minha cabeça. Sopro o ar pelos lábios ao perceber que ele não se assustou com minha ameaça. — E pode contar às duas. Não ligo. Minha mãe sabe que eu sou um animal. Agora, a tia Isaura é que não vai gostar, mas estou pouco me fodendo também.

Minha boca escancara com sua sinceridade, chocada por ele ter noção de que não vale nada, por minha tia me deixar vir para cá sendo ciente disso. Então ela sabe que André é um galinha? Tipo, um homem tão safado que daria em cima da prima? Porque eu tenho dezoito anos, e ele, pelo que sei, 26. Nem os laços de sangue ou a idade importam para o meu primo. E a tia Vanessa sabia disso... Deus! Minha mãe nunca vai perdoá-la. E elas só tem uma à outra. Se eu contar, as duas brigarão feio.

— Elas vão querer me tirar daqui o quanto antes! — minto, mas minha voz soa estrangulada por eu não ter muita certeza disso.

— Isso, sim, me afetaria — admite, fazendo algo muito estranho se formar em meu peito, feito uma bola quente que se expande e escala minha garganta, formando um nó. — Gosto de você aqui. E acho que temos muita coisa para viver juntos, ainda mais agora que descobri que sente prazer com a dor. E também sei que você quer ficar!

— Isso tudo é errado. Somos primos. Isso deveria significar algo para você. E eu tenho uma religião, sabia? — Meu peito esmaga quando me lembro do quanto esses comportamentos passam por cima dos meus princípios. Não é mais sobre não querer ser o que minha mãe espera, é pisotear em tudo o que eu acredito. — André, não acha que deveria me respeitar mais? — Minha voz é mais fina do que eu desejo, e me puno mentalmente por tremer diante da infinidade de coisas que sua confissão sobre me querer aqui traz. — E não quero viver nada com você!

— Não ligo. Você vai querer, Maçãzinha, e terei paciência e muita vontade de te fazer implorar por isso.

Milhares de frases rondam minha mente, enquanto repasso todos os nossos diálogos mentalmente. Tudo, cada microscópico pedaço de acontecimento vivenciado com meu primo se repete.

Pouquíssimo tempo.

Desejos demais.

Parece que debater com ele não vai mudar nada. Por isso, prefiro manter minha língua parada e apenas pensar. Pensar em como tanta coisa mudou, como se um tsunami tivesse chegado com tudo e arrastado toda a segurança que eu tinha na vida. Agora, sobrevivo em um cenário de catástrofe. Morando com o meu primo, que é lindo, descolado, e que me quer...

Minha mãe nunca me perdoaria.

Ela é tudo o que eu tenho, mesmo que não tenha dado valor na hora da rebeldia.



Eu não sei quando fechei os olhos por tempo demais, mas adormeci. Estou enrolada na coberta, ainda no peito dele. Sua respiração está pesada, assim como seu sono. Giro o rosto para cima e encaro o seu queixo, seu maxilar afiado, o pescoço tatuado.

Meu primo é um frasco mal fechado de pecado. Não posso beber disso...

Me sento lentamente, tomada pelo medo de que acorde com o mínimo movimento e me prenda em seus braços novamente. Chocada, percebo que minhas mãos estão libertas, mas ainda estou de sutiã.

Sempre achei que morreria de vergonha de ficar de sutiã na frente de um garoto. Por isso, nem mesmo usava maiôs quando frequentava os retiros da igreja. Costumávamos ir durante os recessos de carnaval. Na minha religião, essa é uma festa mundana, e, para evitá-la, costumávamos nos reunir com nossa congregação e ir para um sítio, onde ficávamos em geral de três a cinco dias. Sempre tinha piscina. E o "grupo jovem" adorava. Jogávamos Biribol[2] ou apenas aproveitávamos para expurgar o calor em um dia na piscina, tomando drink sem álcool, refrigerante ou suco. Nessas ocasiões, eu sempre tomava banho de short e babylook. Nem era algo que minha mãe exigia, era por eu ter vergonha mesmo. As outras garotas usavam as partes de cima do biquíni ou maiôs... E costumavam rir ou me chamar de boba por não querer tirar a blusa.

Essas mesmas garotas eram bem hipócritas. Cantavam no coral, diziam o quanto viviam em comunhão com Deus, mas amavam fazer bullying comigo. Nunca entendi como não era aceita em lugar nenhum. Em casa, na escola, ou na igreja. Sempre a patinha feia. Sempre a que não se enquadrava...

Olho para meus seios sob o sutiã de renda. Então giro a cabeça para o gigante adormecido. Ele dormiu sentado. Pela posição dos ponteiros no relógio da cozinha, já passa das três da madrugada. Está há horas assim.

Tomara que fique todo entrevado de dor para aprender!

Não! É errado desejar mal assim aos outros, mesmo que sejam primos tarados. Fico de pé ao lado da cama. Dou um leve pulinho assustado quando ele se mexe, cruzando os braços, parecendo com frio. Eu deveria deixá-lo congelar. Porém, ele ainda cuidou de mim quando eu estava com dor. Brigando com minha empatia, deixo-a ganhar e arrasto a coberta pelo corpo dele, até o seu pescoço.

Será que daria para enforcá-lo com isso?

E se eu amarrasse as mãos dele com a mesma blusa com que me imobilizou? Seria uma vingança perfeita. Mas ainda tenho senso de autopreservação. Não duvido nada que ele bateria na minha bunda. E como não tenho para onde ir, melhor não arriscar irritar mais o "animal".

Na ponta dos pés, abro o guarda-roupas e procuro uma das minhas camisolas. Mas está escuro demais, e a única coisa que encontro é uma calcinha, porque as guardo na última gaveta, longe das roupas dele. Se eu ligar a luz, André pode acordar, e não sei até onde ele pretendia levar o tal "castigo" por eu machucar as MINHAS unhas. Agarro uma de suas blusas imensas e a levo junto a minha peça íntima para o banho.

Sob a luz clara do cômodo, consigo ver as marcas estranhas da pressão da blusa em meus pulsos. Não são feias. É errado achar até "bonitinho"? Tipo, minhas unhas estão horríveis, todas machucadas nos cantinhos. Essas marcas, não, elas são esteticamente bonitas... Ou talvez eu seja uma louca que acha hematomas, cortes e arranhões a oitava maravilha do mundo. Essa é uma das razões de eu sempre tentar brigar com meus pensamentos para não me tornar ainda mais pecadora.

Coloco a blusa preta de mangas com a estampa branca da frase *"I wanna be your slave"* — tenho certeza que o título de uma canção famosa — em cima da pia, junto à calcinha. Abro a primeira gaveta, que já virou minha, e pego uma presilha de cabelo. Faço um coque, descarto meu absorvente enrolado em papel higiênico na lixeira e caminho para o box. Retiro a camada de suor do copo com um banho morno, sentindo-me relaxar ainda mais.

Seco-me devagar, visto a calcinha com um novo absorvente e encaro meu rosto corado no espelho amplo. Minhas bochechas, costumeiramente pálidas, ganham cor o tempo todo nessa casa. Minhas sobrancelhas são grossas para uma mulher, o que sempre me fez ser tripudiada pelos garotos perversos na escola. Minha boca é cheia demais. E meu cabelo, ele tem uma cor sem graça. Minhas irmãs dizem que loiras e ruivas têm cabelos mais atraentes. Meu castanho claro é

comum demais. E tem essa magreza toda que tanto odeio. Meus ombros com ossos aparentes, braços magros e os pulsos finos demais. Minhas coxas então... A única coisa que tenho são seios médios e um traseiro que não é tão reto assim para alguém magricela.

O que André tanto vê em mim? Minhas irmãs sempre disseram que sou feia. Na escola, me apelidaram de “lombriga”, pelo baixo peso. Minha mãe jura que sou linda de um jeito que ela nunca viu igual. Mães sempre acham seus filhos bonitos... Ela não conta. Afasto a toalha, encaro a pele branca demais e tento, com força, ver algo de atraente. Eu só enxergo um patinho feio.

Visto sua blusa imensa, tentando riscar da minha mente o quanto gosto do cheiro dele em suas roupas. Eu as lavo, mas sempre tem aquele cheiro de cigarro que não sai, que já é dele, um carimbo, sua marca registrada.

Sei que não vou mais conseguir dormir. Minha mente está acelerada e ansiosa. Tem o almoço amanhã, no qual conhecerei os amigos do meu primo. Finalmente farei algo sem ter que pedir a minha mãe. É tipo uma festa. Vamos almoçar, e André me disse que ele e seus amigos vão beber, e que conversarei com as esposas deles. A tal vizinha, Isabela, e a Ana.

Não quero criar expectativas demais, só que, quando olho para o mundo ao meu redor, vejo que não vivi quase nada. Tem tantas coisas sob o céu que me esperam. Eu ansiei tanto por essas coisas, que corri mais longe do que meus pés podiam alcançar, então tropecei e... Balanço a cabeça e me concentro em pensar nas coisas que ainda quero fazer.

Eu quero ir à praia.

Pela tela da televisão ou do telefone, parece a coisa mais linda do mundo. Minha mãe sempre dizia que me levaria um dia, mas nunca podia porque tinha todo o volume de trabalho que pegava para poder nos sustentar. Faxinas e costuras nos garantiam comida na mesa. Então eu engolia meu sonho, o guardava em um potinho e esperava.

Com a mente um pouco distante, arrumo a sala. Despejo o refrigerante já quente na pia, depois afasto a mesa de centro e abro o sofá. Me deito sobre ele, enrolando-me na manta do André. Embalada pelo cheiro dele, me permito voltar a repassar as coisas.

Às vezes, fico obcecada com acontecimentos pequenos e costumo revivê-los dentro da minha mente, captando detalhes que até então tinham passado despercebidos. Viro de um lado a outro, sem conseguir deixar de pensar naquela

palavra nova que André usou para me espezinhar. Me estico e pego meu telefone sobre o braço do sofá. No *Google*, busco o termo "masoquistazinha".

Fico horas pesquisando sobre isso, e, a cada nova informação que leio, mais certeza tenho de que o maldito André descobriu algo sobre mim que eu não sabia. Masoquista é alguém que sente prazer com a dor. Em um dos sites em que pesquisei, dizia que o prazer do masoquista não vem apenas da dor física, mas pode ser alcançado com uma relação de inferioridade com o parceiro.

Minha alma é podre.

Suja.

Errada.

E como o André sabe disso? Como ele percebeu que sou assim? Só pelas unhas e furos na mão? É por isso que tenta me dominar? Tem tantas perguntas na minha cabeça, que ferve, grita, briga comigo por perceber que sou alguém arruinada pela minha própria mente. Odiando a mim mesma, tento enfiar as unhas nas cutículas, mas não tem como. Meu primo fez um ótimo trabalho em deixá-las no tamanho exato para que eu no máximo consiga arrancar as cascas quando se formarem.

Não me resta nada de diferente de continuar vasculhando a internet em busca de compreender mais esse lado de mim que eu ainda desconheço.



CAPÍTULO 8

Deliciosas verdades





“Quando passo pelo inferno não há regras
Sou um pecador, sou um coveiro de almas”.
Addictions - EMO

Na ordem natural das coisas, um homem deveria se sentir culpado por ter castigado a prima, por fazê-la dormir amarrada e chorando. Mas não existe nada de natural em mim. Não me sinto culpado. Na verdade, eu adorei tudo o que fiz.

Minha Maçãzinha é bonita para um caralho, e toda essa merda de inocência que evapora do seu corpo me seduz. Eu quero tomar toda a sua pureza e a manchar, macular, tornar minha.

Quero tudo nela.

Sua pele sem marcas.

Sua boceta virgem.

Sua boca abusada.

Não se chega diante de um homem sedento com um verdadeiro oásis e se espera que ele não se jogue e afunde. Eu quero afundar. Vou afundar. E já estou condenado, não tem nada que me faça mudar de ideia. Ela será minha! E que se fodam todos os que não aprovarem.

Ela vai querer se entregar.

Na verdade, Maria já quer.

Posso ver, no brilho selvagem por trás dos seus olhos, algo que grita, um desejo que só cresce a cada vez em que a provoco. O jeito como a respiração dela falha, os pequenos gemidos que libera sem sequer perceber. Seu desejo se mascara em raiva, mas é porque ela ainda está aprendendo a lidar comigo e com o que lhe causo.

Com minha experiência, posso perceber que acordo a masoquista nela a cada vez em que faço algo sem que ela permita. É errado agir assim? É! Eu deveria esperar o consentimento dela, é o que caras como eu, que vivem a liturgia de um sádico dizem. Mas eu não quero que ela consinta. Não vou meter meu pau nela nem nada do tipo, não sou um cara assim. Mas... todo o resto, eu vou. E não importa se ela gritar que não. Sua boca diz algo, mas, dentro dos seus olhos, eu vejo uma centelha de dúvida.

Ela quer!

Tenho pisado no freio, porque sei que sou um motor capaz de acelerar de uma só vez, e isso pode assustá-la.

Pensei em uma oferta para fazer a minha prima. Algo que pode ser bom para nós dois, mas a farei no momento exato. É contraditório dizer que é cedo, quando já pisoteei em todas as regras de pudor e passei por cima de muitos passos para chegar até aqui. Mas ainda preciso apresentar explicações a ela, mostrar que o que vou oferecer pode ser bom, ou Maria pode se fechar completamente ao que quero para nós dois.

Eu me considero um sádico, e no lugar onde pessoas com minhas inclinações costumam ser aceitas, eles também me rejeitam. Tenho um limite rígido com regras. Eu as faço, abomino segui-las. Eu as pisoteio, cuspo nelas, e por isso nem mesmo no meio sadomasoquista eu me enquadrei. Exatamente por ser assim, alguém que não liga para ter um sim antes. Eu apenas vou lá e tomo o que quero para mim.

Existem encontros, grupos, sites onde pessoas com as mesmas inclinações que eu se encontram. Raramente os frequento. Geralmente, entro em um site quando quero encontrar uma nova mulher para jogar. Nunca foi fácil. A maioria delas tem limites e se assusta com o jeito como vivo as coisas, mas, em geral, encontro masoquistas experientes que gostam e aceitam “jogar” comigo. Mas recentemente não tenho saído com ninguém assim.

A última mulher com que joguei foi a Bianca, cunhada da Isabela. Foi uma enorme surpresa quando começamos a ficar e descobri que ela era masoquista. Não esperava encontrar isso nela, apenas algumas transas esporádicas.

Acho que estou há tanto tempo sem alimentar minha fome de causar dor, que ando desesperado.

Continuo limpando minha coleção de facas. Tenho cinquenta, no total. Costumo guardá-las no segundo andar, mas, como não as tenho usado, estou

polindo algumas para mantê-las perfeitas.

Maria parece querer sair correndo a cada minuto em que finge fazer algo pela casa para poder bisbilhotar a caixa preta no tapete à minha frente. Aposto que acredita ser alguma mensagem subliminar de que desejo usar uma dessas em seu corpinho perfeito. E não estaria errada. Seria um sonho fazer um corte em sua pele intocada.

Depois de ter saído com a Eva, percebi que toda mulher me parece inferior à Maçãzinha. A beleza dessa garota é algo que nem o filósofo mais foda do mundo conseguiria definir.

Para piorar, cheguei bêbado e acabei quase a beijando no quintal. E como se tudo não pudesse se tornar uma amontoado de merda, Isabela viu e contou para todos os meus amigos. Ana encheu a cabeça do Jow, querendo saber a fofoca inteira de como tudo estava acontecendo. E nem os malucos sabiam direito que eu tava me rendendo ao desejo com a Maria. Eu tinha dito que não faria nada, mas, no fim, acho que os meus amigos já sabiam que, se minha prima ficasse tempo demais morando comigo, eu não ia resistir. Mas ninguém imaginava que seria tão rápido assim. Que teria tanta química emanando do corpo daquela garota doida para causar reações ao se unir com a minha. Conversamos sobre isso pelo grupo do *WhatsApp*, ainda vou falar com o Harry e o Josiah pessoalmente. Espero que eles não soltem alguma besteira na frente da Maria quando estiverem doidões. Mas, conhecendo-os bem e sabendo o quanto somos passadores de pano um pro outro, eles não vão me julgar pelo que ando fazendo.

— Acho que vou fazer um bolo — Maria diz, aproximando-se vagarosamente e parando diante do lado esquerdo do sofá, sem conseguir disfarçar o semblante apavorado e, ao mesmo tempo, curioso. — Melhor não chegarmos de mãos vazias na casa dos seus amigos.

Finalmente voltou a falar comigo. Só abriu a boca hoje cedo para pedir que eu desligasse o ar. Está emburrada por conta do seu castigo e me ignorando. Tá chateada. Mas não tinha outra alternativa. Eu tinha que mostrar à Maria que sou eu quem mando. E também precisava cuidar dela. Uma hora ia perder um dedo se continuasse com aquela doideira. Também queria apresentar a ela um pouco mais do que sou, então foi a ocasião perfeita.

Embora suas unhas não tivessem pintura, eram bonitas, afiadas e sedutoras. Até imaginei aquela mãozinha ao redor do meu pau. Foi uma pena ter

que cortá-las e desfazer minha imaginação pervertida. Se ela conseguir se comportar e aceitar o que irei propor, vai tê-las crescendo novamente.

Estou sentado no sofá, sem camisa e trajando apenas uma bermuda jeans, porque ela está com cólica e resolveu colocar a culpa no ar-condicionado. Então, estou no calor, porque não a quero passando mal ou com qualquer desculpinha para não ir comigo na casa do Jow. Tenho a ligeira impressão de que qualquer coisa vai fazê-la bater o pé e não querer sair.

Desvio os olhos da flanela preta em meus dedos, fitando-a de soslaio enquanto limpo a lâmina preta e curva de uma Karambit[3]. Maria está usando uma blusa minha. Fica tão grande em seu corpo minúsculo, que a barra passa de seus joelhos. Seu amontoado de fios está preso em um coque, com duas pequenas mechas caindo em cada lado do rosto.

Gosto de vê-la assustada, com parte de sua alma doce saindo do corpo de tanto terror. Então, deslizo o dedo indicador sobre a parte não afiada da faca, agoniante e lentamente, subo do cabo até a ponta. Observo o suor se formando em suas têmporas, sua garganta se elevando e caindo conforme engole em seco. Um sorriso se forma em meus lábios. *"Muito bem, Maçãzinha. Sinta medo!"*.

Antes que ela infarte, volto os olhos para minhas mãos, tentando focar em minha tarefa.

— Seus bolos são ótimos. O pessoal vai gostar. — Guardo a faca em sua case de couro preta e a coloco no sofá, depois pego um canivete *STK Wood* na caixa, segurando seu cabo de madeira natural. Percebendo que Maria ainda está no mesmo lugar, obcecada em bisbilhotar o que faço, destravo o botão que segura a lâmina, fazendo-a disparar para fora e fazer um pequeno barulho ao cortar o ar. Sorrio quando minha prima dá um saltinho assustado, sem sair do lugar. — Com medo, Maçãzinha?

— Os louros de morar com um louco... — sussurra, tão baixinho, que parece que pretendia dizer em sua mente.

Desvio os olhos para ela, sem deixar o sorriso nos meus lábios morrer. Deslizo a flanela sobre a ponta afiada, limpando, deixando que ela interprete do gesto o que bem entender.

Eu sou fascinado por objetos capazes de arrancar gritos das pessoas. Sejam os improvisados ou os que são próprios para isso. Diante dos meus brinquedos, sempre me sinto o demônio operando o próprio inferno.

— Não ia fazer o bolo?

— Por que tem todas essas facas? — pergunta, literalmente cagando para minha provocação. — É um assassino de aluguel ou algo do tipo? Por isso tem dinheiro para morar aqui? — Faz referência ao condomínio em que resido, afinal, apesar da casa ser pequena, meu condomínio não é.

— Gosto de colecionar... — Dou de ombros, olhando para os objetos de tamanhos e marcas variadas. Ela nunca entenderia a necessidade absurda que tenho de tentar preencher o buraco em meu peito os comprando. E sobre o dinheiro, ela também não vai querer saber o lado podre do que faço para o pai do Josiah. É apenas um hobby, mas me dá uma boa grana sempre que sujo as mãos. E só Josiah e Harry sabem o que eu faço, além de ser tatuador. Eles acharam ruim no começo, e o Jow, que tem sérios problemas com o pai, até ficou bem puto comigo e semanas me ignorando. Agora acho que ele já acostumou. As meninas, Ana e Isabela, não sabem. — E de usá-los nas peles das minhas garotas.

Meus olhos fixam nela, bebendo cada reação. Seu corpo travado, os olhos abertos demais, a lividez de sua pele. É tão fácil e gostoso aterrorizá-la. Seria foda poder jogar com a minha prima. Todo esse medo renderia tantas sensações.

Quando acho que ela vai sair correndo porta afora, de tanto que seu peito sobe desce, ela abre a boca:

— Então vo... Você... Você corta as mulheres com quem sai?

Ergo as sobrancelhas, chocado e admirado com sua pergunta gaguejada. Está mesmo interessada nisso. É um bom sinal. Fiquei me perguntando se ela havia entendido quando a chamei de masoquista. Então será que entendeu?

— Não. — Engulo em seco, soterrado por lembranças deliciosas das minhas lâminas imbuídas em sangue, do cheiro disso, do gosto. — Eu só as uso com as mulheres que aceitam jogar.

— Jogar? Tipo... vídeo game? Cartas? Dominó?

Meus olhos enrugam à medida que uma gargalhada invade meu peito. Porra, que fofa! Geralmente eu não tenho paciência para perguntas ou para ensinar nada. Gosto de “jogar” com mulheres que já conhecem e sabem bem o que querem. Mas ela... Eu seria seu professor, quero ser.

— Jogos sádicos. — Coloco o canivete já limpo ao meu lado, então me inclino e pego um suíço, pequeno e barato, em tons de vermelho. Enquanto o limpo, vejo que Maria está de braços cruzados, trocando o peso dos pés, encarando-me com muita atenção. Juro que seus olhos até brilham de expectativa

para o que direi. — Conheço mulheres que sentem prazer em ser machucadas. Então jogamos juntos. Eu sinto prazer em causar dor, medo, arrancar disciplina por meio de castigos. Encontro mulheres que buscam isso no parceiro, aí fazemos essa "troca justa de favores".

— Então você é um sádico, encontra masoquistas, e vocês brincam em uma relação sadomasoquista... — constata, mordendo o lábio inferior enquanto parece pensar sobre sua própria frase.

Atento-me a seu rosto corado. Seus olhos estão vidrados em mim, mas ela não ousa se aproximar mais. Acredito que agora não seja apenas o medo das minhas lâminas, mas de tudo o que sou. Ou do que somos!

— Isso mesmo, Maçãzinha. Então fez o seu dever de casa e pesquisou sobre o que eu disse ontem?

— Há quanto tempo você é assim? — Sua voz é séria, sem diversão.

Penso em sua pergunta. Não é algo simples de responder. Quando é que se descobre que é um sádico? Que a dor infligida em uma mulher pode gerar e alimentar o prazer? Então mergulho em minha mente, tento chegar até o mais perto que sou capaz de me lembrar de quando os meus impulsos surgiram.

— Desde que minha vida sexual começou. Aos quinze anos — conto, vendo o suspiro de choque que minha prima solta. Sei que ela está fazendo as contas. Que está tentando entender o que disse e confrontar com as fofocas sobre mim, que certamente ouviu pela família a respeito da relação com minha primeira namorada. — Eu tenho uma parafilia que envolve arrancar dor das minhas parceiras sexuais. É um jogo de prazer. Eu as puno quando não me obedecem, e essa punição nem sempre envolve machucar o corpo. Eu vejo o que a mulher gosta, então, posso privá-la disso como castigo, como fiz com suas unhas. Os jogos podem ser intensos ou leves, depende do que acordei com a minha parceira previamente.

— Então você é um dominador? — Sua voz é cada vez mais interessada, e ela se senta no braço do sofá, do outro lado, afastada de mim. — Tipo o Grey[4]...

Ela se aproximou, afinal. Sua postura mostra maior confiança, não apenas interesse. Reparo em seus lábios. Gosto de como eles se movem, de quando ela costuma pausar a fala e soprar o ar pela boca, depois os lamber para umedecer.

E quem diria... A "boa moça" leu o famoso livrinho que popularizou o BDSM[5]. Incrível como todas as mulheres "baunilhas"[6] amam falar disso quando comento sobre o que sou.

— Não! Eu não tenho paciência para ser um, nem busco uma submissão ou uma entrega de alma, como os dominadores fazem. Sou um sádico mesmo. Gosto de me relacionar com masoquistas. Porém, a dominação pode fazer parte do *game* quando vejo que isso desagrada a minha parceira. Jogos de humilhação também alimentam o sadismo. Se ela não gosta de obedecer a ordens, posso arrancar sofrimento dela a dominando. Exatamente como faço com você, Maria. — Seu rosto se franze de raiva quando termino de falar. — Você não gosta de ser dominada. Então é divertido forçá-la a ser.

— Não sou sua parceira de jogo, André!

— Mas pode ser, caso queira. — Ela engole em seco, e meus lábios se repuxam de prazer. *Ainda não, Bill!* — Mas, voltando a sua pergunta, se ela gosta de sexo oral, posso ficar sem chupá-la por um bom tempo para ser castigada. Posso privar o orgasmo, espancar, fazer cenas de humilhação, perseguições: tudo o que vá gerar algum tipo de dor ou medo. — O rosto da Maria se torna um tomate. Provavelmente é por eu falar em sexo. Até então, não tinha sido tão explícito com ela, apenas gosto de esfregar meu pau na sua bunda ou provocá-la, o que por si só já a deixa desesperada. — Existem muitas maneiras de fazer um jogo sadomasoquista.

— Você é um doente sujo! — rosna, se levantando e fechando as mãos em punhos com tanta força, que temo que os ossos dos dedos rompam a pele. — E eu não quero que fique "jogando" comigo! — Agora sua voz se eleva e vira um grito. — Não é porque provavelmente eu seja masoquista que preciso ser a SUA.

Tenho que trincar os dentes para não sucumbir à vontade de puni-la por sua ofensa.

— Se eu sou sujo ou doente, você é quase a mesma coisa. Afinal, é meu inverso, mas igualmente podre — debocho, mas não existe uma mentira em minha frase. É tudo uma deliciosa verdade. — Você é minha responsabilidade. E, enquanto for, vai se comportar. E, por se comportar, quero dizer: me obedecer. Se eu precisar te castigar para isso, o farei. — Minha voz é muito séria, e meu olhar até mesmo poderia cortá-la em duas. — Nem tudo o que faço contigo é apenas sobre prazer. Te acho bem irritante às vezes e sinto vontade de acabar com suas gracinhas.

E não minto. Às vezes, quero castigá-la com tapas na boca por falar merda. Mas é um passo longo, e não quero ir por um caminho que a faça se fechar completamente para o "jogo" por ficar traumatizada. Até então, a Maria tem tido

interesse com o assunto, por mais que negue. Estou explorando até onde sei que é seguro ir com ela.

Me levanto para encará-la de cima, e assim deixar bem claro que sou eu quem está no comando. É exatamente como os animais fazem, o mais forte tenta dominar o espaço por meio da força, ou o mais fraco acha que pode comandar. E ninguém me comanda. Então, essa parte não é sobre ser um dominador ou louco por controle, é porque não me curvo. Sempre fui assim. Por isso, fui expulso do exército assim que fui diplomado sargento. Ou minha relação é de igual poder, ou tenho que estar no topo sozinho. Nunca abaixo. Nunca sob o domínio dos outros.

— Eu deveria ter te enforcado enquanto você dormia! — rosna, então finjo que vou até ela, dando apenas um passo à frente. Maria se assusta, com os olhos e a boca abertos de horror, corre para longe de mim. Dou uma gargalhadinha e volto a me sentar. — Talvez ainda enforque.

Eu sorrio, ouvindo-a sussurrar da cozinha, e volto ao meu trabalho.

O tempo passa correndo, com o cheiro de bolo de laranja assando, o barulho da Maria varrendo a casa, enquanto eu termino de limpar toda a minha caixa de “brinquedos”.

Após um banho rápido, fico sentado assistindo a televisão, que passa uma notícia sobre um escândalo de corrupção envolvendo o senador Cristian Marquez. Coincidentemente, ele é o cara que me contrata para serviços sujos vez ou outra, e pai do meu melhor amigo. Já foi prefeito da cidade duas vezes, e volta e meia aparece na mídia com algum lance com amantes ou desvio de dinheiro. Ele não é apenas um político corrupto, mas faz parte da boa parcela dos nossos governantes que são mafiosos disfarçados. Não tem o menor pudor em mandar acabar com rivais ou pedras no sapato, como fez com uma sobrinha que andava dando problemas a ele. Todo mundo acha que a mina tá presa, mas ela provavelmente tá no estômago de alguns animais marinhos há algum tempo.

Meu estômago já está roncando, porque Maria está demorando muito para terminar de se arrumar. Já é quase uma da tarde, e o Jow me mandou um monte de mensagem dizendo que o Harry tá querendo comer a porra toda lá antes de a gente chegar.

Irritado com a demora, me levanto e vou até o banheiro, onde Maria está enfiada há quase uma hora. Quando chego ao cômodo, vejo-a trajando o vestido amarelo que fica bem nela. O traje deixa seus ombros sedutores quase

inteiramente aparentes. Está completamente brava enquanto tenta desatar nós enormes das prontas do próprio cabelo. Sem a menor sutileza, quase arranca os fios metendo a escova neles.

Porra! Desse jeito vai estragar o cabelo lindo que tem.

— A meta é ficar careca? — brinco, apoiando o braço na armadura da porta.

Ela me encara pelo espelho, fazendo um bico ao comprimir os lábios inferiores sob os de cima. Fendas se formam entre as sobrancelhas escuras.

— Não tenho muita paciência. Eles embolam muito!

Quando meu corpo se move, posso jurar que o ar ao redor do corpo dela é muito mais quente do que no restante da casa. Paro tão perto dela, que quase toco minha pelve em suas costas. Seu rosto avermelhado de vergonha encara-me com expectativa por nossos reflexos na superfície a sua frente.

— Me dê a escova!

Ela a segura com as duas mãos contra os seios escondidos pelo decote comportado e reto. Não fossem as duas alças finas, o vestido seria um tomara-que-caia. Suas sobrancelhas se erguem em surpresa, mas ela engole em seco. Parece trêmula, e isso tudo faz o meu sangue ferver. Minha respiração pesa. O animal acorda querendo comer, sentindo o cheiro da tensão que existe entre nós. Mas eu o obrigo a adormecer quando ela finalmente ergue o braço sobre um dos ombros e me entrega a escova.

Com delicadeza e calma, penteio os seus cabelos. Concentro-me totalmente na tarefa, evitando ao máximo machucá-la. Com paciência, desato cada um dos nós, até que as cerdas corram entre seus fios com facilidade. Quando termino meu trabalho, dedico um tempo para alisá-los. Ela estremece, parece até mesmo travar a respiração volta e meia. Espalmo minha mão do topo de sua cabeça até o quadril, onde o cabelo termina. Sinto-o umedecendo meus dedos, tão sedoso e macio...

— Seu cabelo é muito lindo, Maria! — elogio, gostando do cheiro doce que escapa de todo o corpo dela. — Gosto da cor dele, do tamanho, do cheiro.

Quando encontro o seu rosto no espelho, tem luz em seus olhos e em todo o seu rosto. Um pequeno sorriso se forma em seus lábios, deixando-a parecendo um anjo.

Ela gosta de elogios.

— Obrigada! — Ela entrelaça as mãos na frente do corpo, então olha para baixo. É como se ela visitasse uma tristeza profunda. Quando volta e me encara, tem um brilho de lágrimas permeando seus cílios. — Minhas irmãs dizem que ele é feio.

Meu queixo cai com sua frase. Tem explosões acontecendo dentro de mim. Fúria. É impossível não ficar puto em olhar algo tão lindo acreditar que é feio. Como alguém pode dizer que qualquer coisa nela é diferente de perfeito? Maria é quase um monumento. Tem mulheres que usam quilos de maquiagem e sequer chegam a uma pequena fração da beleza da minha prima, que é naturalmente bela.

— Você é a mulher mais bonita que eu já vi! Suas irmãs são invejosas. — Meus dedos deslizam calmamente até seus ombros, com meu sangue borbulhando e todo o meu corpo enchendo-se de sede, doido para mergulhar nessas águas sedutoras que formam essa garota. — Seus ombros são perfeitos. — Meus dedos passeiam por eles. Tão macios, delicados e quentes. Eles se perdem em minhas mãos. Pequenos. Frágeis. Perfeitos para mim. E sou capaz de sentir a respiração dela pesando, seus músculos enrijecendo, e até posso ver os seios dela endurecendo e marcando o tecido do vestido. — Sabe, é uma sorte que suas irmãs não estejam ao meu alcance. Eu poderia enforcar uma por uma por dizer algo assim de você. E só pararia quando elas engasgassem com o próprio veneno e aprendessem a nunca mais fazerem seus olhinhos tão lindos se encherem de lágrimas.

Meus olhos escurecem mais, assim como o meu corpo. E meu toque já não é mais sutil. É possessivo, doentio. Eu não quero ninguém machucando o que é meu. Só eu posso fazê-la chorar!

— Você é muito assustador, sabia? — ela murmura, cabisbaixa e envergonhada.

— Obrigado! — brinco, dando um leve apertão nos ombros dela e a roubando-lhe mais um sorrisinho. — Como você está da cólica? Passou?

— Ainda senti um pouco hoje de manhã. — Ela segura a barriga e olha para baixo enquanto diz. — Acho que vou melhorar agora. Minha menstruação já está indo embora.

Deslizo uma das mãos para a frente da sua e a seguro, pousando sobre a sua barriga.

— Quero que se cuide. Vou pagar um plano de saúde para você tratar a endometriose.

Eu não esqueci o nome. Pesquisei um pouco sobre isso depois que acordei. É uma parada bem séria, mas existem métodos para tratar e combater esse mal e a dor que causa, inclusive não menstruar. Foda é que a mãe, que deveria não querer vê-la sofrendo, é quem a impede de melhorar.

— A minha mãe...

— Ela não está aqui! — corto seu argumento. — Eu estou. E estou dizendo que você não vai mais ficar sofrendo por causa das bizarrices da minha tia! — rosno, puxando-a com tudo contra mim e apertando minha mão contra a sua. Suas costas estão grudadas em mim. — Você não tem por que ficar sofrendo. Entendeu?

— Ela vai ficar chateada se souber que estou tomando anticoncepcional. Vai achar que estamos dormindo juntos — choraminga. E mesmo que esteja com o nariz vermelho por lutar para manter uma barragem contra as lágrimas, posso ver a confusão em sua voz.

— Então não conte a ela — aconselho, alisando a sua mão. — Vou ver na segunda-feira o lance do médico para você, ok?

Por um breve momento, espero que Maria retruque, que argumente por medo da mãe. Mas não o faz. Ela apenas assente, assustada, mas assente.

Quando olho para nossos reflexos no espelho, para a forma como a abraço, pro local onde minha mão pousa em seu corpo, tenho um pequeno relâmpago mental que me afeta, que parece querer me destruir. Então me afasto e aperto as têmporas.

Eu quase senti agulhas sendo atravessadas pelo meu peito, chegando com as lembranças.

— Tudo bem?

— Sim! Termine de se aprontar. Vou colocar a moto lá na calçada.

Não espero sua resposta ou presto atenção em seu olhar confuso.

Tudo o que quero é fugir dos pensamentos.

É me exilar dentro da minha podridão atual e esquecer de qualquer momento em que a vida não era tão escura. Agora, eu só conheço isso. O lado podre de existir.



CAPÍTULO 9

Mordida



Maria

“A estrada é longa, nós continuamos
Tente se divertir nesse meio-tempo
Venha dar um passeio pelo lado selvagem”.
Born To Die - Lana Del Rey

Foi tão estranho quando penteou os meus cabelos. Sei que André tem um lado cuidadoso que já me mostrou antes, mas aquilo foi diferente. Tão íntimo... Como ele pode me jogar no inferno em um momento ao me contar sobre ser um sádico, para, na sequência, cuidar de mim de um jeito que me senti em nuvens de algodão doce?

Ele estava aqui, segurando minha mão e tão perto, me contaminando com seu jeito torto de tentar me tomar para si. Então seus olhos ficaram distantes, escuros, envenenados por algo que cheirava a uma espinhosa dor. Ele se afastou. Me confundiu. Queria que ele tivesse continuado. Poder ver até onde o seu carinho ou suas palavras iriam.

Antes de pensar em sair, fui ao banheiro e escondi um absorvente dentro do meu top, que faz as vezes de sutiã. Não trouxe nem uma mísera bolsa, e não quero gastar o dinheiro dos meus tecidos comprando uma. Também não vou pedir ao meu primo pra me dar. Não me parece algo de necessidade primária. E ele não é nada meu. Não tem obrigação de 1% do que tem feito.

Já na cozinha, tentando não ficar ansiosa demais com o fato de ir à casa dos amigos do André, enrolo a forma redonda de inox com o bolo em um pano de prato, depois o envolvo em uma sacola de mercado.

André já está lá fora, então me encaminho até ele. É um dia quente, com nuvens espaçadas e claras brincando no céu. Nunca venho até essa parte do quintal, como se chegar perto do portão da rua já pudesse me fazer mal. Agora já não tenho muita escolha. Quero ir ao almoço, então, mesmo que minhas pernas bambeiem, caminho até o portão. Quando meus pés finalmente pisam na parte da frente do quintal, meu corpo inteiro treme. Meus olhos param e fico momentaneamente cega. É como se meus pulmões parassem, se todas as minhas glândulas de suor trabalhassem dobrado e me inundassem inteira.

Eu o vejo.

É o meu "bicho-papão".

Ele está em toda parte.

Atrás de mim.

Ele me encontrou para me fazer pagar.

— Ei, linda... — Meu primo surge, embaçado, distante, como se estivesse atrás de uma parede de vidro. Está tudo tão doloroso. A voz dele parece um eco quebrado no meio do nada. Tão longe. Chegue mais perto! Fique comigo! Não me deixe sozinha... — Maria!

Eu sinto o André me balançar pelos ombros. Suas mãos estão aqui. Sinto-o ao meu redor, mesmo que não consiga enxergá-lo ao certo. Seu cheiro é de proteção e perigo. Sua voz, de salvação e perdição. Eu o deixaria me destruir, só ele...

— André! — consigo balbuciar e piscar. Sua voz está distante e, a cada novo segundo, vai aumentando de tom. — Eu...

— Ei, Maçãzinha... — Encaro-o, então noto que finalmente consigo realmente vê-lo. Tão preocupado e perdido. Respiro pela boca, com força, sugando e depois obrigando o ar a sair. — O que houve? Você está pálida.

— Acho que tive uma crise de pânico. — Minha frase é quase inaudível, e, cambaleante, tento me virar e voltar para dentro. — Melhor eu ficar em casa.

Sua mão encontra meu antebraço, e sua respiração, cada vez mais próxima ao topo da minha cabeça, anuncia um abraço. Meu primo me

envolve pela barriga, atrás de mim. Seguro o tabuleiro de bolo como se fosse um amuleto, agradecendo aos céus por ele não ter caído no chão.

— Nada disso! Precisa enfrentar esse medo. — Deus! Eu amo esse toque errado dele. Me sinto péssima por isso, mas é tão bom me sentir segura. Contraditório é pensar que o André pode me proteger do "outro", mas e dele, quem me protege? — Você não pode passar a vida presa em casa, Maria.

Engulo o nó entranhado em minha garganta.

— Não vai funcionar. Não consigo pisar na rua — admito, engolindo a vontade de chorar e a soterrando com raiva. Praguejo e xingo o desgraçado que acabou comigo, que me apavora nos sonhos e a cada segundo em que respiro desde que fugi da minha antiga casa. E por culpa dele! Eu não teria feito aquilo se ele não tivesse... Droga! Odeio pensar nessa merda! — Você pode ir ao almoço, e eu fico aqui. Quero limpar os armários da cozinha e...

— Não! Se não consegue pisar na rua, não precisa. Vamos de carro. Estaciono dentro da garagem na casa do Jow.

Penso em negar, mas ele não deixa espaço para questionamento. Ainda envolvendo minha cintura, meu primo me direciona para o lado esquerdo da casa, onde há uma garagem coberta. Ele vai empurrando o meu corpo com os passos que dá. Parecendo um casalzinho apaixonado para quem olha de fora, vamos até o carro. Quando chegamos diante do *Jeep Gladiator* preto, me pergunto para que ter um carro tão alto. É enorme, parece quase uma picape, porque tem uma caçamba atrás, coberta por uma lona.

André abre a porta do carona para mim. Tento entrar no carro, mas fica difícil fazer impulso para subir com as mãos ocupadas. Sem cerimônia, ele segura a minha bunda com as duas mãos e empurra para cima. Vermelha feito um tomate, finalmente consigo me sentar no banco. André se inclina para dentro e pluga o meu cinto de segurança, depois bate a porta.

O carro parece balançar quando o gigante se joga ao meu lado. Enquanto ele abre o portão da garagem com um controle remoto, observo

cada detalhe do painel imenso e rude do automóvel. É a cara dele. Bruto como seu dono.

Caramba... Isso tudo me distraiu da sensação de ansiedade. É incrível como me sentir dentro de qualquer tipo de redoma consegue silenciar os meus monstros internos. A estratégia dele pode dar certo. Talvez eu não sinta nada de ruim por já descer do carro dentro de outra residência.

— Você faz essas viagens para locais de serra? — pergunto, ainda tentando entender o modelo do seu automóvel.

Imagino meu primo dirigindo isso aqui no meio do barro, como nos programas que passam na televisão dos carros fazendo Rally[7].

— Sim! Gosto de acampar — conta, os lábios se expandindo aos poucos com um leve sorriso. Suas pupilas parecem dilatar, como se ele adorasse o que está contando. — Adoro ir pro meio do mato pra fumar, beber pelado e sozinho, com o barulho e o cheiro da natureza sendo a única coisa ao meu redor — diz, fechando os vidros e ligando o ar. — Já ficou pelada no meio do mato?

— Não. Sou civilizada. — Aceito sua provocação, erguendo o queixo. Mas sou inundada por uma imagem mental de uma cena muito quente e tortuosa com tudo o que ele acaba de falar. — Você viaja sozinho?

Mordo o interior das bochechas enquanto penso. Ele é estranho. Quem vai pro meio do mato pra beber e ficar nu?

— Na maioria das vezes...

— Seus amigos também fazem isso?

— Nunca fui acampar com eles. Mas já levei garotas para fazer jogos...

Me sinto levemente incomodada, como se o assento ao meu redor pinicasse e meu corpo inteiro começasse a coçar. Imaginá-lo fazendo isso com outra mulher é ultrajante.

— Então você as leva para o meio do nada e bate nelas?

— Eu as solto no meio do mato e as persigo. Como num pique-esconde. Se encontrar, eu as fodo!

Meu queixo cai e quase alcança o centro da Terra. Imaginá-lo fazendo isso com outra mulher faz minha barriga começar a rodar. Ela aquece, mas

meu peito, também. Eu fico com raiva da imagem mental que se repete quase em um looping infinito no meu cérebro.

— Que carinha de raiva é essa, Maçãzinha? — provoca, esticando o braço e pinçando meu queixo com a ponta dos dedos, guiando o volante do carro com a outra mão.

Dou um tapinha em sua mão. Idiota!

— Não sabia que suas perversões envolviam fazer cosplay de primata — zombo, olhando para o vidro ao meu lado.

Me dou conta, tarde demais, de que estamos fora de casa e andando pelas ruas do condomínio. No dia em que cheguei, era madrugada, então não pude reparar no quanto a paisagem é pacata. Tem casas que vão de compactas até as mais imponentes e caras, em maioria com fachadas contemporâneas. Árvores, arbustos com flores e crianças são vistas aos montes pelas ruas amplas e claras. É como se fosse uma cidade particular. Calma, bonita e acolhedora. Sabe esses lugares que aparecem em comercial de margarina? É o condomínio La Grassa, onde agora, e sabe-se lá por quanto tempo, eu também moro.

Sentada ao lado do meu primo, não há pernas bambas de medo ou pânico. Na verdade, só raiva e algo mais... fervendo, borbulhando ao imaginá-lo com uma mulher. Quero bater nele, e não entendo o porquê. Não devo ter ciúmes do André, muito menos de suas lembranças.

— É quase isso mesmo, cosplay de animal. Chamamos de *Primal Play*. Além de Sádico, dentro do BDSM, me considero um Primal. Gosto de agir feito um animal quando vou foder. Amo mordidas, gemidos, arranhões, cheiros, pelos... Tudo isso me fascina em uma mulher. — Não satisfeito em me condenar ao inferno, ele resolve me atirar de vez nas chamas com suas palavras.

André me tira o fôlego com isso tudo.

— Primal? — tento debochar da nomenclatura, mas o que mostro é curiosidade.

— Sim. Primal é quem gosta de jogar com emoções primais, abandonando os rótulos sociais e abraçando o que existe de mais primitivo na hora de um "jogo"[8]. Isso torna as coisas mais brutas, irracionais e muito

gostosas. — Minha boca resseca, e tenho que umedecer os lábios. — Usamos o instinto feito bestas, e o sexo pode se desenrolar em uma verdadeira luta. — Reviro os olhos e solto um grunhido, ficando brava por ele continuar me contando sobre suas perversões, falando sobre sexo abertamente, como se fosse normal abordar esses assuntos comigo. Odeio que esteja me contando sobre BDSM, viciando minha mente em querer saber mais. — Sim, soltamos grunhidos assim enquanto fodemos. Esfrego a cara delas na terra e soco fundo em suas bocetas, mordo, arranho, enforco, afogo, encontro o que tiver na natureza para dominá-las ou machucá-las. — Tudo acelera em questão de segundos. Em um momento, estou olhando para o vidro ao meu lado, tentando fugir de tudo o que me revela, lutando para impedir meu centro de pulsar ao cruzar as pernas, com meu primo estacionando diante de uma casa imensa e de fachada espelhada e branca. Em outro, ele toma o bolo dos meus dedos e o atira sem cuidado algum sobre o banco de trás. Não tenho espaço para reação, porque as coisas estão acontecendo de forma única, aceleradas ao extremo. Quando dou por mim, André já tirou meu cinto e me puxou pelo cabelo. Meus cotovelos pousam sobre o console entre nossos bancos. Meu primo puxa meus fios contra a nuca, forçando-me a olhá-lo. Meu peito está em frenesi, quase colapsando. Obcecada em observar o rosto dele, que me encara como se eu fosse um banquete, percebo que não tem como fugir do que pretende. Mas seus olhos parecem deixar clara uma coisa: ele quer tomar algo de mim. Agora! Deixando meu pescoço bem exposto, ele me puxa contra si. Meu couro cabeludo berra, meus olhos ardem, minha boca seca enquanto sua respiração se aproxima muito. Observo o rosto dele, completamente muda. Perplexa, penso que agora ele me beijará, mas seus lábios pecaminosos pousam sobre a pele desnuda da minha garganta. Sem cerimônia, deixa uma enorme lambida sobre ela. Meu corpo treme inteiro, não sei se de medo ou outra coisa. — Um dia, Maria, vou te soltar no mato e você vai correr. E se eu te pegar, vai ser no estilo lei da selva: derrubou, tem que comer!

É difícil respirar com ele tão perto, com sua respiração soprando contra a minha pele, tão ardente quanto todo o meu corpo.

— Me solta! — ordeno, mas nem eu tenho certeza se quero isso, o que o faz rir e começar a ajeitar o meu cabelo em suas mãos.

— Não! — Ele engole em seco e se afasta o suficiente para me fitar o rosto, com o olhar transbordando uma coisa obscura. Ele está segurando os meus fios como se fossem um joystick, em um rabo de cavalo. — Você é a porra da maçã sussurrando para ser mordida, e estou cansado de resistir. Não sou nenhum puritano e preciso me alimentar do fruto proibido para fazer jus ao título de pecador.

Cativa em suas mãos, não tenho margem para escapar quando sua boca vem com tudo para o meu ombro esquerdo. Não é uma mordidinha. É um cravar de dentes que se esforçam em arrancar a minha pele. E dói. Muito. Eu grito a plenos pulmões e agarro com força os músculos dos braços dele, tentando afastá-lo. Assustada e percebendo que me mexer faz os seus dentes se enfiarem mais, fico parada ao ser degradada. Me sinto um bichinho encurralado e dominado pelas presas do outro.

Humilhada.

Dominada.

E o mais assustador é que a sensação é boa.

Não deveria ser!

Meu coração está doendo, porque as batidas são irregulares e frenéticas. Minha garganta está ressecada, e meus olhos escorrendo lágrimas de ruína. Quando ele se afasta, encarando-me com um semblante satisfeito, sujo e lindo, sinto vontade de revidar e morder de volta a sua boca inchada pelo seu ato imprudente. Mas só abaixo a cabeça e vejo a alça do meu vestido arriada. Investigo os rastros de sua agressão. É uma mordida enorme, vermelha, latejante e... e... Eu a odeio, mesmo que a ache perfeita. Vai deixar uma cicatriz. São furos fundos, quase a ponto de sangrar.

Tem um bico se formando em meus lábios quando ele deixa o carro e bate a porta atrás de si. E choro por tudo. Por ele fazer coisas que eu deveria só odiar, porque não permiti; por ele ter arruinado o meu bolo; por eu não saber o que fazer... Mas me recuso a soltar um soluço. Por isso, esse bico infantil e tosco está ficando cada vez maior. Eu vou me detestar se soluçar.

Eu o sinto abrindo a mala do carro e, arriscando olhar para trás por cima do ombro, vejo pelo vidro traseiro que ele está buscando algo na mala. Quando caminha até mim, me encolho no banco.

Nesse momento, acho que o odeio mais do que tenho desejo ou medo. E se minha mãe vier me ver do nada e me flagrar com essa mordida? Eu já perdi tantas coisas: o lar, a rotina... Não quero perder a minha mãe. Eu a amo. Ela é a minha única família.

Ainda estou retraída quando ele abre a porta do carro. Tento encontrar alguma distância maior dele, mas, como sempre, meu primo impõe sua presença, me domina e me puxa pelos pulsos para ficar com as pernas penduradas para fora do carro. Ele abre uma pequena nécessaire preta e pega alguns intens. Não me surpreendo quando começa a limpar a porra do machucado que causou. Usa uma espuminha que não arde, depois utiliza algodão para a espalhar.

Acho que vou sair daqui e caçar uma igreja, mesmo que chegue até lá desmaiando de pânico. Preciso me reconectar com a minha fé e implorar a Deus que me ajude a sair dessa merda!

— Te odeio! Muito! — rosno e depois me rendo a um soluço. — Eu nunca vou te perdoar por estar arrancando coisas de mim.

Queria gritar que ele não deveria me mostrar que sou uma masoquista. Que não deveria me despertar para isso. Que viver fingindo que minhas bizarrices são normais era o melhor caminho, porque agora tenho certeza de que sou estragada como ele.

— Agora você é minha! Pode me odiar, eu já disse que não ligo. Você vai me amar e me querer, Maçãzinha.

— Eu nunca vou amar alguém que não me ama, André. Você quer o meu corpo, e só vou entregá-lo ao meu marido, alguém que vai respeitá-lo. — Enquanto ele emplasta meu ferimento com uma pomada, vejo que minhas palavras o atingiram. Talvez esse cretino tenha algum senso de moral, afinal. Ele engole em seco, depois fica em silêncio. Após um tempo com um semblante distante, se inclina para beijar minha testa. Irritada, viro o rosto. — Não serei sua parceira de jogo ou vou esquentar sua cama. Entenda isso, por favor, ou não me importarei de ir morar na rua.

— Aonde for, irei atrás e te trarei de volta. Você é minha, caralho! — rosna, forçando meu rosto para se voltar para ele. Cheio de fúria e um desespero doentio, que me torna ainda mais doente por adorar quando fala essa merda, beija minha testa mesmo que eu me debata. Como pode soar raivoso e carinhoso ao mesmo tempo? — Seu destino foi traçado quando veio até mim. Você não vai embora! Muito menos se entregar a marido nenhum. Você, seu corpo e sua maldita alma serão meus!

Aproximo o meu rosto dele, tão brava pela confusão dentro do meu peito, que agarro sua blusa e a puxo com força. De um jeito que nem pareço eu mesma, solto:

— Veremos, porra!



CAPÍTULO 10

Tribo



Maria

“Continue me fazendo rir, vamos ficar chapados
A estrada é longa, nós continuamos
Tente se divertir nesse meio-tempo”.
Born To Die - Lana Del Rey

Estamos presos no olhar um do outro. Nos provocando, cada um ao seu modo. Ele me encara com uma mistura de fome e desafio. André parece muito bravo, puxando de forma irritada a barra de sua blusa preta para baixo, quase cobrindo o botão da bermuda jeans escura. Até juraria que existe uma pequena centelha de medo em seu rosto por tudo o que eu disse.

Queria poder chacoalhá-lo e berrar *“Onde está o seu juízo?”*. Pois, se ele não tem, não deveria ficar tentando acabar com o meu. Porque sei que sou uma fraca em todos os sentidos, que ele me confunde e me causa coisas demais.

Não, eu não o odeio.

Acho que nunca seria capaz de odiá-lo, pois, no pouquíssimo tempo em que o conheço, André acabou se tornando uma pessoa importante na minha vida e já passei a gostar dele.

Por que não tenho gatilhos com os absurdos que tem feito? Deveria ter... Deveria ressuscitar dor e as coisas das quais fujo, mas, com o André, é tudo diferente, mesmo que seja absurdamente errado.

E me recuso a gostar da ardência latejando por cada furo deixado por ele. Me recuso a sentir algo além de raiva. Ele não pode me corromper mais. Já chega!

— Quero ir em casa e trocar essa roupa! — aviso, engolindo o temor e o empurrando goela abaixo, lutando para soar autoritária. — Não vou entrar assim, com esse machucado imenso exibido para todo mundo. — Tento manter uma voz de comando enquanto aponto para a mordida, mesmo sabendo que ele é quem realmente domina essa bosta de relação louca que temos, se é que posso chamar isso de relação.

André encara os meus ombros e alisa a barba. Já reparei que faz isso sempre que está nervoso. Não gosto do brilho que permeia suas íris quando mede o trabalho que fez em minha pele, do prazer que exala dali e parece gritar o quanto se orgulha.

— Ok!

Meus músculos travam com a resposta. Esperava que negasse. Do jeito que é louco, poderia querer me exibir por aí como uma propriedade, marcada. Voltando minhas pernas para dentro do carro, coloco meu cinto de segurança para evitar que ele resolva fazê-lo por mim.

A cada momento em que o ferimento arde, mais tenho vontade de gritar com ele. A dor não é algo que realmente me incomoda. Na verdade, é boa. Ao mesmo tempo em que causa agonia, é capaz de aliviar algo dentro de mim que não consigo nomear ou explicar. Mas não quero que meu primo fique dando passos difíceis de voltar atrás comigo. Tipo, achei que fosse me beijar... E se ele tivesse feito isso, como me recompor? Está difícil conviver com o André por conta das coisas que desperta em mim. Meu primo não deveria ficar fazendo isso comigo. Não sou o tipo de garota que conseguiria dormir com ele e manter as coisas apenas nesse patamar, de ser apenas sexo e nada além. E nem sei por que estou pensando sobre isso. Ele é meu primo, e eu quero me casar um dia. E para ser perfeito, eu quero ser virgem. Como imaginei a droga da vida inteira!

Não posso me apaixonar por ele. E será exatamente o que vai rolar caso consiga me levar para a cama, ou seja lá quais são suas outras intenções. Nada vai ser apenas casual, como meu primo está acostumado a fazer com todas as suas vadias.

E não sou uma vadia!

Sou uma boba emocionada que vai criar fantasias sobre casamento e uma família repleta de filhos. E sei bem que o André não é nem de longe o tipo de cara que sonha com isso. Pelo contrário. Diferente dele, que anda doido para saber quais são os demônios que correm atrás de mim em meus pesadelos, eu já conheço a história do que realmente acabou com ele. E por isso, também sei que André jamais poderia ser o rosto na trama perfeita que imagino para o meu futuro.

E somos primos!

Incrível que, diante de todas os empecilhos que enxergo no caminho, esse é um dos mais sérios, mas o coloco em último lugar.

André engata a ré e retorna para a casa dele. Esse condomínio é enorme. Creio que, embora desse uma caminhada um pouco cansativa, seria possível fazer o trajeto a pé entre a casa do André e a dos seus amigos. Porém, acho que ele já sabia que ainda estou amedrontada demais para andar por aqui. Por isso, creio que tenha vindo com a ideia inicial da moto, que também não deu nada certo.

Quando entro em casa, xingo mentalmente por vê-lo tirando o bolo do banco de trás. Ouço quando ele vai até a cozinha e sussurra algo sobre o bolo estar ferrado e que vai jogar fora.

Tá ferrado igual o caráter dele.

Pego as roupas no quarto e vou até o banheiro, ignorando sua sombra pegando algo na geladeira. Visto uma calça jeans desbotada e uma baby look rosa bebê, chateada por ter que usar essa roupa quente no meio do calor que está fazendo hoje. Penso em ir com uma saia jeans, mas minha mãe não tá aqui para reclamar da calça e todo mundo sempre diz que as saias são horrorosas ou o quanto me fazem parecer uma velha. E a maior verdade é que detesto usar essas roupas. Eu as vestia obrigada. Sentia vergonha quando me zoavam na escola por causa dessas saias. Queria ser como todo mundo e me manter um pouco invisível, não apenas o alvo perfeito para ser feita de chacota.

Eu usava essa calça em dias frios para ir à escola, e apenas isso. Muitas meninas da minha igreja vestem-se com roupas mais modernas, usam maquiagens leves, e algumas até já tem furos na orelha. Minha mãe é

que vive presa em uma realidade paralela e sempre me prendeu lá com ela. Eu queria arrombar a droga da porta e escapar, mas como fazer isso sem a magoar? Às vezes, penso que a culpa de tudo o que aconteceu é dela... Às vezes, também sei que apenas estou fugindo de entender que a errada sempre fui eu.

Minha mãe costumava dizer que meu gênio é difícil quando estava brava comigo. E eu não concordo. Só não sou uma boba como todo mundo espera. Eu aceitei coisas demais, na escola, das ridículas das minhas irmãs, daquelas bobas do grupo jovem... É chato engolir tudo. Depois dos dezesseis, comecei a dar respostas mais atravessadas para me proteger mesmo. Toda vez que a gente engole as farpas que os outros soltam, elas se entranham em nosso organismo e começam a ferir. Se a cuspirmos de volta, nos livramos de doses de automutilação.

Pego um laço de tecido amarelo no guarda-roupas e o amarro em um rabo de cavalo frouxo, para aliviar o suor. Penso seriamente em ficar em casa, mas, sabendo que isso vai resultar em um novo desentendimento com meu primo, vou sozinha para fora e me sento no banco do carona.

Noto quando ele sai da casa, mas, diferente do que espero, não vai para o volante. Droga! Ele abre a minha porta. Nunca sei o que esperar, mas meu primo se curva e me puxa pela cintura para fora do carro. Meus pés pousam no chão, mas me sinto flutuando quando ele me surpreende e segura o meu rosto com as duas mãos.

Eu o fito por cima dos olhos. Sou incapaz de entender como ele pode me morder, falar coisas obscenas e depois vir me fazer carinho, sabendo que estou profundamente irritada. Magoada, tento retirar suas mãos, mas ele aproveita para agarrar os meus pulsos.

— André, pare de ser um chato! — rosno, mas ele força meus braços para trás, apertando-os contra minha lombar.

Suas sobrancelhas se estreitam tanto, que quase se tocam. Sua risadinha despreocupada me enfurece. Toda minha animosidade morre com a boca dele se desfazendo num beijo demorado em minha bochecha esquerda. Não queria, mas fecho os olhos e me entrego ao seu carinho. E

dói porque... gosto dos toques dele, mas não queria gostar. Realmente me sinto mal por essa situação.

Caramba! Ele precisa parar de me atear fogo e depois vir encher meu estômago de borboletas.

Viro o rosto, fugindo dos lábios dele, mas sua boca desce, com seu nariz roçando-se contra o meu pescoço. Deixa um caminho incendiário por minha pele até encontrar o meu ombro, que ainda lateja e arde. Ele beija, por cima do tecido, os rastros de sua agressão, me arrancando um gemido de dor.

— Você não faz ideia do que isso aqui significa na minha linguagem — sussurra, voltando os lábios quentes pelo meu pescoço, nunca soltando os meus braços.

— Que você é um assediador? — zombo, mas arfo quando ele mordisca a pele do meu pescoço, com todos os pensamentos e sentimentos embaralhados.

— Significa que eu quero você para mim.

— Não precisava da mordida para deixar isso claro.

Como posso congelar se ainda estou pegando fogo? Estou quase petrificada, porque a boca dele agora paira muito perto da minha, quase realmente a tocando. Então, quando ele sussurra, seus lábios sutilmente tocam os meus:

— Para mim, precisava.

Não diz mais nada. Apenas se vira e desliza para a direção do automóvel. Fico paralisada, ainda sendo capaz de sentir a umidade que sua boca deixou pelo meu pescoço. Sopro o ar com muita força pelo nariz e me sento no banco do carona.

André não me provoca mais. Em um silêncio barulhento, dirige para a casa dos seus amigos, mesmo que seu rosto tenha um semblante sereno que me deixa irritada. Então ele me atira na lava, deixa minha pele fervendo, e fica simplesmente tranquilo...

Quando estacionamos dentro da garagem ampla da casa de fachada alta e contemporânea, fico mais aliviada do que ansiosa. Vai ser melhor ter

mais gente para prender minha atenção e me distrair de toda essa confusão que é o poço de pecado ao meu lado.

Pelo vidro do carro, noto que o ambiente que nos cerca é refinado, cheirando a dinheiro e pessoas com bom gosto. É uma casa enorme e muito bonita por fora.

Minha atenção se prende em um homem parado diante da porta suntuosa de madeira esbranquiçada. Ele é quase tão alto quanto o André, e sorri para nós enquanto acena para que meu primo puxe o carro mais adiante, para perto da outra picape preta que está estacionada na frente. Trajando apenas uma bermuda de tactel preta, seu corpo musculoso é uma maldição feita para impedir que desviemos os olhos. Ele é todo grande, e quase tão tatuado quanto o meu primo. Um homem muito bonito. Mas aquele tipo de bonito que dá raiva de olhar. O rapaz não tem absolutamente nada de errado em seu corpo. Seu rosto, seu maxilar afiado, os olhos tão verdes que parecem de mentira, a boca carnuda... e o corpo perfeito. Deus do céu! Quando olho para o André, ele puxa o freio de mão do carro como se quisesse o arrancar fora, e parecendo bravo ao me encarar atravessado, solta o próprio cinto.

— Limpa a baba, “boa moça”! Está escorrendo pela porra do seu queixo! — rosna, depois sai do automóvel e bate a porta.

Minhas sobrancelhas se elevam e meu peito dispara com o susto do estrondo que a porta batendo causou. Isso foi ciúme? Sério? Quem olharia para aquele homem parado lá fora e não o acharia incrivelmente lindo? André vai até ele e, por um momento, a impressão que tenho é de ver o demônio deixando o seu corpo. Ele parece se tornar outra pessoa quando dá um sorriso amplo para o cara de olhos claros. Eles tocam as mãos e começam a rir, enquanto falam sobre algo, gesticulando animados.

É chocante a mudança e o quanto André automaticamente suavizou o semblante.

Acho que acabo de presenciar um exorcismo!

Outro homem sai da residência e vai até eles. É aí que meu queixo resolve desmoronar de vez. Parece que estou diante de uma daquelas

revistas de homens tão lindos, que você se sente uma reles mortal encarando o paraíso onde certamente não vai pisar.

É uma comparação profana, mas já ando tão desvirtuada, que um pecadinho a mais nem vai fazer diferença no dia do meu juízo. Esse outro homem também é lindo, mas é mais magro, e eu diria que parece mais "doido". Ele tem muitos piercings no rosto, na sobrancelha, no osso do nariz, abaixo da boca, no septo... Deus! Esse deve gostar mais de sentir dor do que eu. Sua pele negra combina com seus olhos castanhos e seu sorriso estupendamente claro.

Ele abraça o André pelas costas e, pasmada, vejo quando consegue tirar meu primo do chão por alguns minutos e depois o soltar. André sorri para ele, dando um soquinho em seu ombro.

Como esse homem conseguiu levantar o André? Meu primo parece pesar o mesmo que um caminhão repleto de carga. Em um segundo, estou observando os galãs conversando. Em outro, com o rosto fervendo, porque seus rostos se voltaram para o carro ao mesmo tempo. Agora os três estão me encarando! Afundo no banco, querendo cavar um buraco no chão, me enfiar e depois cobrir com terra. Acho que meu primo tem planos que não envolvem eu me esconder, porque já está vindo até mim. Tento não parecer uma boba e acerto minha postura, enquanto André escancara a porta do carro e me oferece a mão.

Detesto ficar fazendo ceninhas em público, mas também não vou fingir que tá tudo bem entre a gente só por causa dos amigos dele ou de suas carícias viciantes. Desvio de sua mão desvirtuada e salto para fora do carro. Infelizmente ainda acabo me chocando com seu peito duro, perfumado, musculoso... e... perfeito.

— Pessoal, essa é a Maria... — André diz, girando-me pelos ombros. Estremeço com o toque dele sobre a ferida, percebendo, um pouco atrasada, que a blusa está grudando na pomada e provavelmente vai melecar tudo — Minha prima.

Insisto com meus olhos para que não se revirem quando ele me apresenta como prima. Somos mesmo, mas, na maior parte do tempo, esse anjo caído não parece se lembrar disso.

— Olá, Maria! — o rapaz dos olhos verdes diz, sorrindo e me fazendo quase suspirar, com seus cabelos lisos, molhados e negros brilhando ao sol. — Sou o Josiah, mas pode me chamar de Jow!

Ele não oferece a mão para que eu aperte, apenas cruza os braços, embora eu já comece a levantar a minha para apertá-la. Mas o toque possessivo do André já se insinua em minha cintura, puxando-me contra ele.

Que droga é essa?

Penso em olhar feio para ele por cima do ombro, mas minha mãe me deu educação e preciso cumprimentar o meu anfitrião.

— Olá, Josiah! É um prazer conhecê-lo!

Dou um aceno tímido e um sorrisinho, então me viro para o outro, o rapaz de visual descolado, usando uma bermuda como a do Josiah, mas azul escura. Sua regata preta é muito estranha, porque é tão baixa, que deixa seus peitos de fora.

Se existe um predicado que meu primo tem, são seus amigos gatos.

— Fala aí, Maria! Eu sou o Harry. Pode me chamar de "seu melhor amigo". — Ergo as sobrancelhas para sua voz um tanto anasalada, mas, ainda assim, máscula. — Então você é a *mina*... Quer dizer... Prima do mano Bill.

Engasgo com minha própria saliva, com as bochechas esquentando tanto, que tenho certeza de que podem até mesmo adquirir uma queimadura. Desvio os olhos para as minhas mãos, esperando que André o repreenda por sua brincadeira de mau gosto, mas o desgraçado solta uma risadinha.

— Prazer, Harry! — Quando vejo que só resta a mim corrigir as coisas, prossigo: — Sou prima dele!

— Harry, não começa! — Josiah diz, mas também não segura a própria risada.

Ok! Eles são meio babacas, ou sou alguma espécie de piada particular dos três?

— Qual é a piada? — pergunto, afastando a mão do André do meu quadril, mas ele calmamente a volta para o mesmo lugar.

— É a primeira vez que o Bill quase rosna só por a gente se apresentar para uma garota. — Algo estranho se embrenha em meu peito com a frase do Harry, mas tento não me emocionar demais com isso. — Foi mal, às vezes faço piadas sem graça.

— Tudo bem... — murmuro, ao menos ficando grata por ele reconhecer que sua brincadeira foi péssima.

— Ah, já chegaram!

Ouço uma voz doce se aproximando. Uma mulher surge por trás dos garotos. E para compor melhor o quadro de "melhores amigos lindos do meu primo", reparo no quanto ela é bonita. Está trajando um cropped de renda amarela e um short jeans curto. Ela vem até mim, sorrindo tão amplamente, que covinhas se enterram em suas bochechas brancas.

— Oiê! Tudo bom? — diz, me pegando pelos ombros e me dando dois beijinhos na bochecha. Me esforço para não gritar ou mostrar que tem uma mordida enorme embaixo do ponto em que apertou. — Sou a Ana.

Ah, ela é a esposa do homem esculpido por Deus, Josiah.

Meu primo é muito lindo, mas tenho que reconhecer que o marido da Ana beira a perfeição.

— Sou a Maria. Obrigada pelo convite, é um prazer te conhecer — digo, tentando não soar tão tímida.

Ela é tão bonita, e sua cascata de cabelos longos, castanhos e ondulados a deixa ainda mais perfeita. Parece uma musa. Ela para abaixo do braço do marido, que prontamente já envolve sua cintura e aproveita para dar um beijinho em sua cabeça. Não passa em branco o quanto Ana fecha os olhos e parece subir aos céus com o carinho do esposo.

— E aí, Bill! — ela cumprimenta, e meu primo revida com um aceno de cabeça. — Gente, já estão todos lá atrás e morrendo de fome. Minha filha já está a ponto de virar a mesa. Vamos lá?

Filha? Nossa! Ela parece muito nova para ser mãe. Tento disfarçar meu semblante chocado. Harry e Josiah dão a volta no carro, passando pelo corredor estreito entre a picape *Ranger* preta e a parede esquerda da casa. Me desvencilho do meu primo e os sigo, sentindo-o, feito uma sombra, caminhando atrás de mim.

Quando chegamos na área de trás, tem um pergolado enorme e uma ampla área gourmet, com churrasqueira, forno a lenha e uma mesa enorme, que deve ter mais de dez lugares, em uma madeira de lei. Eu adorava ver revistas sobre decoração, então me lembro perfeitamente sobre uma matéria com madeiras nobres como mogno e jacarandá.

Uma criança, de aproximadamente uns três anos, corre ao redor da mesa, com a Isabela de um lado, e um outro cara muito gato do outro, tentando pegar a menina. Eles soltam gargalhadas e parecem muito felizes.

A menininha é linda. Com cabelos de um loiro bem escuro presos em duas trancinhas, veste um maiô azul céu, que certamente é para imitar o traje da Elsa, de *Frozen*. Isabela está com os cabelos presos em dois coques, um de cada lado da cabeça. Sua saia é indecente, de tão curta, em um tecido de malha justa e vermelha. Seus seios são comportados em um cropped que parece muito um sutiã.

— Vem aqui, coisinha fofa! Titia vai te agarrar e encher de beijos — Isabela grita de um jeito fofo.

— Não me pega, tiaaaaa! — a criança devolve, em êxtase, mas o rapaz alto a agarra primeiro e a gira no ar, causando-lhe gargalhadas altas.

— Ah, chegaram. Eu tava com fome, hein! — nossa vizinha diz, se inclinando na mesa e pegando uma bebida que parece suco de laranja, mas ela serve em uma taça de champanhe.

Uma senhora muito elegante vem da parte dos fundos da casa, trazendo um tabuleiro imenso com algo que cheira muito bem. Sob saltos pequenos e grossos, ela o coloca no centro da mesa, ao lado de muitos recipientes com comidas variadas. Isabela já tenta fuxicar, mas foge a tempo de não levar uma tapinha na mão da idosa de cabelos grisalhos em corte chanel.

— Espere os outros, dona Isa! — ela ralha, mas em tom gentil. — Nate, querido, pegue os pratos ali na pia para mim, por favor!

Encaro o homem com quem a senhora conversa. Ele coloca a criança no chão, depois encaminha seu corpo alto e malhado até a pia no fundo do ambiente. Seu cabelo é escuro e em um corte rebelde. Seu rosto é branco, e, caramba, ele é lindo.

Eu sou a única mortal no meio desse povo perfeito, com cara de rico e descolado. Os outros dois amigos do André vão para a mesa, acomodando-se em seguida em seus assentos.

— Papai, você vai brincar comigo na piscininha? — a menininha pergunta ao Josiah, correndo para se sentar no colo dele.

Ela aponta para uma pequena piscina inflável no amplo gramado do lado direito da área onde estamos, próximo a um trampolim.

— Vou, Júlia! Vamos almoçar primeiro, ok?

Meus olhos desfocam do ambiente quando uma mão grande aperta de leve meu quadril no lado direito. Indecente e despudorado como sempre, meu primo cola o seu corpo nas minhas costas.

— Pare de agir como se tivéssemos algo — grasno por cima do ombro direito, surpreendendo-me ao bater meu nariz no dele.

— E não temos?

— O que seus amigos pensarão de nós? — Meus olhos marejam. Minha garganta arranha quando imagino que me julgam como uma puta que já chegou se abrindo para o primo. — Não gosto disso, André.

— Pare de dar uma de santinha. Sei que gosta, sim! — sussurra. — E nenhum deles irá nos julgar. Você não conhece a história deles ou o que viveram. Ninguém na minha tribo taca pedra no telhado alheio, porque... — Morde o lóbulo da minha orelha, fazendo minhas pernas bambearem e um arrepio se alastrar por meu corpo inteiro. Tento sair, mas, feito um gato que brinca com um ratinho, ele me prende, dessa vez com as duas mãos apertando minha carne. Milagre é não sentir seu membro ereto se roçando em minhas costas — todos aqui temos telhados de vidro.

— Ah, cês têm o dia inteiro pra ficar de agarramento, hein! — Isabela berra, fazendo todos os olhares na mesa se voltarem pra nós dois, até o da Júlia. — Eu tô morrendo de fome! Quero comer, então venham logo, pois a Marta não vai deixar ninguém comer até vocês sentarem na mesa!

Congelo. Sinto-me muito inadequada. Tenho vontade de sair correndo, mas meu primo, parecendo um vidente que tem o poder de enxergar o futuro, puxa-me pela mão em direção à mesa.

— Esposa, pare de constranger os outros! — o marido dela sussurra, mas está debochando, pois ri enquanto beija a bochecha dela, fazendo-a se derreter inteira e suavizar a carranca.

Sento-me ao lado do meu primo, de frente para Isabela, e André está diante do Nate. Não passa despercebido o quanto o marido dela olha de um jeito muito atravessado para o meu primo. E o André nem liga, mas também não o cumprimenta. Qual será a razão disso?

— Prazer, sou o Nate! — O homem estende a mão para mim por cima da mesa.

Levanto-me para apertá-la, mas, assim que retorno o traseiro para o assento, sinto a mesma mão possessiva do meu primo, dessa vez encontrando o meu joelho esquerdo. Ele o aperta, parece algum tipo de repreensão.

O que foi agora? Não posso mais falar com ninguém?

— Prazer! Sou a Maria!

— E aí, vizinha, curtindo a nova moradia? — Isa pergunta, parecendo muito animada ao servir um prato repleto de arroz de forno.

Penso em dizer que preferia estar na minha casa, mas eu não falaria mal do meu primo para ninguém. Mesmo que o ache um safado insistente, ainda gosto dele, e não sou fã de ficar falando mal das pessoas que eu gosto.

— Tem sido... diferente. Mas é bem calmo — minto. É tudo, menos calmo.

Sinto uma risadinha se formando no rosto do André, que começa a servir um prato com um pouco de cada comida. O cheiro do empadão é o que mais me atrai. Embora todos estejam se servindo, sinto um pouco de vergonha de colocar algo para mim. Fico um pouco surpresa com André entregando-me o prato que montou, como se soubesse exatamente que eu pretendia fingir que estou sem fome. Esse lado de pequenos detalhes atenciosos dele me seduz muito. Acorda a garotinha que poderia facilmente cair de amores por ele. E sinto vontade de matá-la e silenciá-la de vez.



CAPÍTULO 11

Batom da sorte



Maria

“Um dia, você deixará este mundo para trás
Então viva uma vida da qual você irá se lembrar”.
The Nights - Avicii

O almoço passa com muita interação entre todos. Pelo que entendo, são conhecidos de longa data. Me mantive quieta na maior parte do tempo, ficando sem jeito a cada momento em que o André não se importava de tentar passar a imagem de que tem algo comigo.

Me propus a ajudar Ana e Isabela com a louça, quando Marta — que descobri ser a mãe do Josiah — entrou com a neta no colo para colocá-la na cama, após a criança dormir assistindo vídeos no celular dela. Todos os homens foram jogar *Uno* e tomar cerveja no gramado. Nate queria, por alguma razão que com certeza se chama André, ficar e nos ajudar a tirar a mesa, mas Harry saiu arrastando-o para ir se juntar ao Josiah e meu primo.

— Então, quantos anos você tem? — Ana pergunta, enquanto me passa um prato que acabou de enxaguar.

— Dezoito. Fiz no mês passado — conto, secando a louça com um pano de prato felpudo. — E você?

— 23, quase chegando em 24.

— Pensei que tivesse uns vinte — sorrio ao dizer. Ela parece muito uma menina, assim como sua amiga. — E você, Isabela?

— Faço 24 no comecinho de novembro. Quase no mesmo dia que seu priminho — conta, enchendo sua taça e de Ana com a bebida amarela. — O “papa anjo” vai fazer 27 já...

Diferente de mim, vejo como ela é boa com isso, porque não lembra só a data do aniversário do André, mas também a idade que vai fazer. Costumo

esquecer os aniversários. Também, tendo cinco irmãs, já perdi o tato de tentar lembrar. Não que elas valham o esforço.

Quando Isabela para ao meu lado, consigo ver algumas rajadas meio alaranjadas nos coques do seu cabelo, como se tivessem partes manchadas de ruivo. Assim como a Ana, ela é muito bonita. E o nariz pequeno e perfeito dela faria inveja em qualquer um. É bem legal o piercing de argolinha que tem no septo. Sempre quis ter um, e também tinha vontade de poder usar vestidos mais despojados, ao invés das saias jeans. Acho que não gostaria de usar roupas curtas na rua, mesmo se minha mãe deixasse. É uma questão de estilo.

Isabela é mais baixinha que eu, e nós duas somos menores que a Ana. Porém, todas as duas têm mais curvas em seus corpos. Isa ainda é magra, mas tem coxas mais definidas que as minhas. Isso a deixa perfeita para poder ficar bem até em uma capa de botijão de gás.

Minha autoestima é bem no fundo do poço e nunca sinto que ficaria bonita com nada. Mesmo que poder ser um pouco mais eu e menos "Projeto X da mamãe" fosse me deixar mais feliz, acho que nem assim me sentiria bela.

— Vocês se conheceram como? — pergunto, tentando quebrar o gelo e fugir do flagelo que são meus pensamentos.

— Na escola, quando tínhamos dezesseis anos — Isa responde, depois me oferece a taça dela, com a borda maculada pela marca de seu batom vermelho.

— O que é?

— Mimosa. Um drink com suco de laranja e espumante. Quer um gole?

Seu rosto está aberto em um sorrisinho sugestivo, e suas sobrancelhas sobem e descem enquanto ela me provoca. Parece uma diabinha me ofertando algo errado, que sabe que está aprontando. Seu rosto redondo fica infantil assim.

Talvez eu não devesse. Porém, sou incapaz de controlar meu corpo quando inclino a cabeça para trás e deixo que ela vire um pouco da taça em meus lábios.

Não tem ninguém aqui para me dedurar a minha mãe. Então, e daí?

O gosto se espalha com facilidade por minha língua, em uma explosão saborosa de azedo e doce. É gelado, o que ajuda com o calor que essa roupa me

causa. Embora tenha um ventilador de teto acima de nossas cabeças, meus seios ainda estão suando um pouco.

— Gostou? — Ana pergunta, segurando o meu quadril com um sorriso sapeca. Assinto, rindo de volta. — É nossa bebida favorita.

— Quer uma taça? — Isa oferece.

Mordo os lábios superiores, sabendo que minha mãe reprovaria. Eu nunca bebi. Porém, acho que já posso fazer minhas próprias escolhas. Tenho dezoito, afinal. Arriscando uma encarada por cima do ombro, vejo que André está sentado no gramado, completamente à vontade. Ele bebe uma garrafa de cerveja direto do gargalo, depois inclina a cabeça para trás e ri de algo que Josiah diz. Harry reclama com Nate sobre ele ter lhe atirado um "compre duas cartas", e ele revida com algo como "Pare de ser um bebê chorão".

Sorrindo, entendo agora o que o André quis dizer com "Tribo". Ele fica feliz junto desse pessoal todo. E, entendendo que também quero ficar feliz assim, ter pessoas com quem me sinta bem, me volto para as meninas.

— Quero!

Isabela dá alguns pulinhos animados, enquanto Ana pega uma taça limpa para mim. Uma segura o recipiente, enquanto a outra o enche quase até a borda. Quando as duas me entregam a bebida, esperam ansiosas enquanto dou algumas goladas.

Não entendo de imediato quando elas pegam a enorme jarra repleta de Mimosas e me chamam para sentar embaixo da mesa. Sério, elas devem estar muito bêbadas, porque não param de rir, enquanto engatinham para baixo do móvel. Me pergunto, um pouco animada, como foi que vivi tantos anos sem fazer algo realmente divertido. Deslizo pelo chão atrás delas, equilibrando minha taça em minhas mãos.

— Sabem que eles conseguem ver que estamos aqui, né? — Ana sussurra para Isabela.

— O importante é o *Grey do Paraguai* não ver que estamos dando bebida para a Maçãzinha! — Isabela ri, arrastando-se para o lado, para que fiquemos em posição de triângulo, com a jarra feito uma oferenda pousada em nosso meio.

Me dou conta, demorando mais do que deveria, de que ela claramente sabe as inclinações sexuais do meu primo. Eu quase engasgo, mas, por alguma

razão bizarra, sinto vontade de rir.

— Ah, *Grey do Paraguai* foi muito bom! — Gargalho, virando o restante da taça de uma só vez. — Só que o *Grey* não se parece em nada com um assassino de aluguel, já o meu primo... — Isabela enche novamente a própria taça, e só então volta a colocar Mimosa na minha. — Mas, pera, como você sabe que ele é assim ou que me deu esse apelido ridículo?

— Ah, eles se pegaram no passado — Ana fala junto a uma risadinha, como se tivesse dito a coisa mais natural do mundo.

Meu olhar sobre a Isabela muda da água para o vinho. Então ela já ficou com o André? Isso me deixa bem irritada. Que droga! Mas não conseguirei odiá-la, porque agora já a acho legal demais.

— Ele disse isso aqui no nosso grupo do *WhatsApp*!

Isabela pega o celular no meio dos seios, que, por alguma razão misteriosa, eu não havia notado que estava ali. Quando exibe a tela de seu *iPhone* vermelho para mim, estreito as sobrancelhas para entender.

Bill: Não ousem dar bebida para minha Maçãzinha! Ela não é acostumada com essas coisas!

Isa: Ah, cala essa boca! Ela é quem tem que dizer se é acostumada ou não.

E então, daí em diante, foi ladeira abaixo da Isa discutindo com ele, enquanto meu primo dizia que não me levaria se todos não concordassem em não me corromper. Quis rir. Ver meu primo preocupado com me proteger de corrupção é hilário.

— Ele é muito sonso! — Lambo os lábios enquanto sorrio. — Fala em me corromperem, mas tem dias que anda se roçando em mim e querendo me pegar.

Imaginei que elas fossem rir, como se fosse uma espécie de piada. Mas ficam curiosas, até aproximam o rosto, com os olhos brilhando.

— Sério? Então vocês ainda não ficaram? — Ana pergunta, super interessada. — Vocês são primos de primeiro grau?

— Somos, sim. E a gente nunca se beijou, e nem vamos. Tipo... — Por que estou contando tantas coisas assim? A essa altura, acho que estou tão feliz, que minha boca tá ganhando vida própria, enquanto zomba do meu senso

crítico. — Ele me contou que sou masoquista, porque eu gosto de me machucar...

— Por essa, eu não esperava! — Isabela pousa a taça ao lado das coxas e me interrompe, só para bater palmas animadas. Viu? Como não gostar dela? Ela é animada, e linda, e casada, não me parece nenhuma ameaça. Céus! Por que alguma mulher seria uma ameaça? Eu não quero nada com o André. — As coisas são bem mais emocionantes do que imaginamos. Quando o vi te agarrando no quintal, fiquei chocada.

— Você é bem fofoqueira! — solto, fingindo uma cara de irritação.

— Ela é, sim. Todos aqui somos um bando de fofoqueiros, mas do bem. Sempre nos apoiamos e passamos pano para as merdas uns dos outros — Ana diz, reabastecendo sua bebida. — Então, fica tranquila! A gente ama saber do babado, mas ninguém aqui tem moral pra julgar nada.

— E nem queremos. Na verdade, eu acho que você e o Bill combinam. Tipo, preto e branco, sombras e luz... Bem opostos, mas que contrastam bem.

Ruborizo. Provavelmente estou bêbada, porque é muito lindo ouvir isso.

— Ok, posso reconhecer que, além de fofoqueira, você é fofa.

— Termina de contar e para de dar em cima da minha Bostinha! — Ana finge estar brava, então Isa se joga para o lado e deixa um beijo estalado na bochecha da amiga.

— Vou contar, mas primeiro me contem por que se chamam assim!

— Porque, quando nos conhecemos... — Isabela começa, alisando o rosto da amiga com um brilho tão permeado de amor nos olhos, que vejo o quanto elas realmente se gostam. — A gente tava super fodida. E a Ana me perguntou se eu queria ser amiga de uma bostinha, eu revidei que era outra. Então, agora, nos chamamos assim.

— Te amo! — Ana simplesmente se enrosca no pescoço da Isa, e entendo que deve ser algo realmente muito forte para elas.

— Também te amo, safada! Agora, deixa ela contar logo essa história, porque eu tô quase começando a roer as unhas.

Então, começo a contar a minha vida às duas. Na verdade, estou tão feliz, que conto tudo, até o que me destruiu, me persegue e me fez acabar na casa do meu primo. Algo que nem o André sabe. Sei que a história é longa, mas, enquanto umedeço minha garganta com mais dessa bebida deliciosa, percebo

que as duas mal piscam. Quando termino de narrar até minha relação com meu primo, afasto a blusa e mostro a mordida para ambas.

— Eita! — a loira solta, se ajoelhando para chegar mais perto e olhar. — E eu que achava que meu marido era bruto quando me dava uns tapinhas na cara.

— Boba! — Gargalho. — Ele não parece bruto.

— Pelo que minha amiga conta, Nate é um santo perto do Josiah — Ana fala, imitando a amiga e aproximando-se para ver a mordida. Quando ela se dá por satisfeita, volto a blusa para o mesmo lugar. — Meu marido realmente pode me deixar bem roxa na hora "h". Ah, e estou lembrando aqui: quando você chegou, te segurei pelos ombros e nem careta você fez. Cê é durona, Maria!

Eu deveria sentir vergonha desse assunto. Minha mãe nunca o abordou abertamente comigo. Apenas disse que sexo é para depois do casamento, e suas chatices costumeiras. Só que, inexplicavelmente, me sinto em casa com essas duas. Elas são muito simpáticas. É quase como se eu criasse uma amizade instantânea. Ou mimosas são *"confiança-líquida"*, que você bebe e fica estranhamente amigável? Porque, costumeiramente, sou mais fechada, embora educada com as pessoas que acabo de conhecer.

— Ao menos com você é na hora "h". Eu nunca nem fui beijada, e André já anda me atacando feito um animal.

— Bom, depois de tudo o que você disse, finalmente temos uma candidata perfeita para um trisal! — Isa diz, levantando sua taça, como se nos chamasse para brindar. — Então, se a Ana concordar, você vai entrar em fase de avaliação para o cargo de terceira Bostinha. Porque, menina, tu é toda lascada, hein...

— Por mim, podemos ficar com ela. Maria é das nossas... Só precisa soltar um pouco a piranha que mora dentro dela — Ana começa dizendo séria, mas, no final, nem aguenta a própria frase e começa a rir.

Isa desiste do brinde, fica de joelhos e, de repente, começa a rebolar, cantando o funk mais depravado que poderia sair de seus lábios. Algo sobre realmente soltar uma "piranha" interna. Reviro os olhos, mas não seguro a risada. Quando acho que a Ana vai fazer a Isa parar de balançar a bunda, ela simplesmente começa a fazer o mesmo.

— Eu não vou fazer isso! — aviso, me preparando para fugir debaixo da mesa.

— Ei, nada de sair! Vamos batizar você! — Ana grita, me segurando pelos braços. Isabela concorda, finalmente se sentando.

— Batizar? Eu já sou batizada, suas loucas! — Olho para as duas, querendo fugir, mas, um pouco tonta, apenas volto a me sentar.

— Você vai passar o nosso batom da sorte! — Isabela diz, enquanto sua amiga retira um bastão pequeno e preto do bolso do seu jeans. — Nós duas usamos quando estamos tristes.

Quando Ana mostra o batom, é no tom de vermelho mais vibrante que já vi. E só então reparo que as duas já estão com os lábios borrados com ele.

— Se vocês usam quando estão tristes, por que estão com ele agora?

De alguma forma, elas parecem se lembrar de algo que tentavam esquecer. Os olhos da morena se enchem de lágrimas e, quase que no mesmo instante, Isabela deixa uma lágrima escapulir ao pegar o batom com a Ana.

— Ana está tentando engravidar do segundo bebê, mas não tem tido sucesso — ela diz, olhando para o batom nas próprias mãos. É lindo que, quando uma chora, é nítido o quanto a outra parece sentir. — Eu sei que ela vai conseguir, na hora certa. E até me mudei para cá para ficar mais perto e ajudá-la a se levantar a cada mês em que não consegue.

— Você não pretende fazer um tratamento?

— Quero fazer uma fertilização, mas acho que agora estou meio sem forças.

Isabela se inclina e, com amor e paciência, retoca a camada de batom nos lábios carnudos da Ana, que, com o choro, parecem aumentar de tamanho. É fofo, porque parece que ela se esforça em sorrir para Isa, como se fingisse um efeito imediato do batom da sorte.

— Já chega de tristeza! Hoje não é dia para ficar triste. Vamos lá, garota! Hora de virar nossa amante — Ana brinca, me puxando para perto e pegando o batom com a Isabela.

Minha mãe teria um treco se me visse assim, com duas mulheres que julgaria promíscuas, bebendo e ainda passando batom vermelho. Mas, em tudo de ruim que aconteceu nos últimos dias, acho que esse é um dos momentos mais leves e felizes, mesmo que cada uma de nós carregue as próprias tristezas.



CAPÍTULO 12

A proposta



BILL

"Eu sou mais fria que esta casa
Eu sou mais cruel que meus demônios
Eu sou maior que estes ossos".
Control - Halsey

Já faz um bom tempo que não sou chamado para esse tipo de serviço, confesso que estava sentindo falta de torturar algum filho da puta.

O homem à minha frente urina no próprio corpo. O cheiro do mijo caindo no chão sobe, me fazendo ficar puto. Odeio quando vomitam ou se mijam. Embora aconteça durante a tortura, me deixa com vontade de arrancar suas bolas fora.

Uso uma pedra de amolar em um facão de açougueiro, deixando que o barulho da lâmina sendo afiada faça o baixinho amarrado a uma Cruz de Santo André quase cuspir o coração pela boca.

Ele está nu, e seu rosto já branco se torna ainda mais ausente de cor. Quando cheguei a esse sítio no nome de um dos laranjas do pai do Josiah, minha vítima já estava aqui. Completamente pelado e apagado no chão do casebre. Foi fácil só prendê-lo contra o instrumento de tortura que um dos capangas do Cristian trouxe. Enrolei arame farpado em seus tornozelos. Já os pulsos, amarrei com corda para não provocar alguma hemorragia difícil de conter. Não quero que ele morra na minha mão.

Só dei cabo de duas pessoas durante a minha vida. Uma delas foi a sobrinha do Cristian, mas porque a vadia quase destruiu o meu melhor amigo. Passou anos fazendo armações para separá-lo da Ana. Por fim, ainda deixou nosso outro amigo em coma até que morresse. Acabar com ela, cortar aquela piranha em fatias, foi bom, embora a ordem tenha partido do Cristian. E todas as

vezes em que durmo com a lembrança de jogar seus pedaços em alto mar, acordo feliz e de bom humor.

Não tenho prazer em matar os outros. Mas, se a pessoa mexeu com alguém que eu amo, não sinto remorso algum. E, provavelmente, quando descobrir quem é que está por trás do que fez a Maria fugir, darei um jeito de acabar com essa pessoa também.

A teia de pessoas emaranhadas com o meu contratante é muito grande, tem muita gente entulhada de merda até o pescoço. Isso nos dá uma rede maior de colaboradores, inclusive para apagar vestígios que deixamos de qualquer banco de dados da polícia. Roubar dinheiro dos cofres públicos é o de menos para eles. É cada coisa que ouço das minhas vítimas, que nem me choco mais com o quanto muitos políticos são mais parecidos com mafiosos.

Estou sentado em uma cadeira de alumínio, olhando para a mesa de madeira surrada ao meu lado. Encaro a folha A4 com as informações que devo tentar extrair desse aqui. Preciso descobrir onde colocou as fotos do meu patrão com a esposa do Pontes. Se for quem estou imaginando, o Cristian comeu a esposa de um dos ministros mais próximos do presidente. No fim da página, está a sugestão de que eu arranque um pedaço da língua do "mijão", antes de mostrar a ele uma série de mensagens que temos dele aliciando meninas menores de idade, como meio para que ele fique de boca calada após ser torturado.

Tá um calor do cacete aqui. Vestido de preto dos pés à cabeça para que esse homem não me identifique, fica ainda pior lidar com o rio de suor correndo por baixo do meu traje.

— Quanto ele te ofereceu? Eu pago... — arfa, parecendo um porco, quase se afogando na própria baba — Pago o dobro.

Dou um sorriso. Eu poderia esfregar um pano no sangue que escorre dos ferimentos causados pelo arame, depois enfiar na boca minúscula dele e fazê-lo ficar em silêncio até que eu comece. Mas tem tempo que não me abasteço da dor alheia. Quero ouvir gritos, choro e gemidos. Mesmo que torturar homens por dinheiro não seja minha maneira preferida de liberar meu sadismo, ainda me dá certo prazer.

O rosto quadrado e disforme dele exibe medo e desespero. Seus olhos claros estão quase saltando para fora do corpo. Encaro a sua barriga imensa e peluda, e penso no local exato onde fazer um corte, sem que isso deixe que corra algum risco de morte.

— Até um cara como eu tem princípios — digo friamente, caminhando até ele. — Não traio meu contratante!

— Ah, qual é? Você deve ter um preço. Quinhentos mil! Duvido que o porco do Cristian vá te pagar esse valor.

Não mesmo. A cada tortura, ganho cerca de cinquenta mil reais. Ele costuma achar caro, mas já não chia mais para pagar. Cristian sabe que sou bom, que sei fazer do jeito certo, com calma e paciência. Além de guardar bem segredos. Em nenhum dos meus serviços, deixei de extrair a informação que Cristian queria, ou compartilhei algo que ouvi com Josiah, por exemplo.

Muitas vezes, sou contratado para arrancar segredos dos desafetos do senador. Mas tem outras em que a tortura é apenas um aviso do que pode vir a seguir, um fim definitivo. Tem vezes em que eu nem torturo fisicamente, apenas os amordaço, imobilizo, brinco com os sentidos e os faço cagar nas calças. Sempre seguindo à risca o que me foi pedido pelo patrão.

Cristian chegou até mim quando fui expulso do exército. Ele descobriu meus podres, minhas inclinações sexuais, então me fez a oferta. Eu já estava tão atolado em merda, que nem pensei em recusar. O dinheiro podia resolver muitas coisas, inclusive finalmente me permitiu comprar uma casa aos meus pais. A minha, eu ainda não quitei, porque o Josiah não aceitaria que eu o pagasse com grana advinda das torturas, então tiramos direto dos lucros do estúdio. E as tatuagens nem me rendem tanta grana, no fim das contas. Trabalhar no Ravina suaviza o barulho na minha mente, o rombo na minha alma apodrecida. Tatuar é um escape, algo que me deixa calmo.

Outro dia, o Jow me perguntou se eu não tinha medo de ser preso ou tinha pena dos caras. A resposta era só uma para as duas perguntas dele: não tenho nem um pouco. Cristian nunca seria preso. E se ele não for, eu não irei. Meu chefe tem tanta gente nas mãos, que, se ele fosse parar na prisão, não ficaria nem meia hora atrás das grades.

E sobre ter pena das minhas vítimas, elas não valem porra nenhuma. Em geral, estão roubando dinheiro público ou fazendo coisas que comprovam que não merecem a pena de ninguém.

— Isso aqui não é apenas sobre dinheiro, porquinho. — Minha voz é um pouco abafada pela balaclava. Bato com a faca de lado contra uma das extremidades da cruz, ao lado de sua cabeça. O barulho reverbera pelas paredes mofadas do barraco caindo aos pedaços ao nosso redor. Ele estremece, se

contorce e tenta soltar os braços. Grita quando suas pernas roçam contra o arame. Posso ouvir o barulho da sua carne se rompendo. Minha boca saliva e os pelos eriçam. Esse cheiro de sangue é alimento para a minha ânsia por podridão. — É um enorme prazer torturar merdinhas feito você. Então, hoje você vai cantar tudo o que preciso saber. Depois, vai ter sorte se eu não cortar o seu pau pequeno e enfiá-lo na tua boca imunda.

Seus gritos são potentes. Minha fome, também...



Sob a lua cheia e o céu faiscando com estrelas e poucas nuvens, estaciono a moto em frente a minha casa. Não pretendo entrar com a motocicleta, porque são duas da madrugada e não quero acordar minha Maçãzinha, já que a garagem é ao lado do quarto e ela costuma dormir cedo.

Tenho chegado mais tarde na última semana por conta do fluxo de clientes no estúdio, mas sempre no finzinho da noite. Hoje é o primeiro dia que chego de madrugada nos últimos quinze dias, desde que fomos ao almoço na casa do Josiah. Ainda mandei uma mensagem para ela, avisando que ia chegar por volta desse horário, mas minha prima visualizou e não respondeu.

Quando tenho esses “serviços”, costumo ir para o local indicado, fazer meu trabalho sujo, então voltar para casa e dormir o dia seguinte inteiro para recompor meu corpo e minha mente. Embora eu goste disso, necessito de um tempo sozinho depois. Mas é estranho que tudo de que preciso agora é de um banho e olhar um pouco para a garota dormindo na minha cama.

Abro a porta devagar, fazendo um enorme malabarismo para não causar barulho, mas a luz amarelada do abajur ao lado da cama é uma pequena surpresa. Maria está no celular, com o nariz vermelho, como se tivesse chorado. Assim como tem passado a fazer, está usando uma das minhas blusas para dormir, com seu cabelo brilhoso solto feito uma cortina ao redor do rosto.

Penso em ir até ela e fazer o que virou um hábito desde o dia em que a mordi e aceitei de uma vez por todas que ela é minha: dar-lhe um beijo na testa

quando chego em casa. Mas estou impregnado com a energia do meu servicinho sujo.

Quando tiro o coturno na porta, noto que ela parece magoada. Seus olhos estão caídos e, ao mesmo tempo, sombrios de raiva.

— Acordada a essa hora? — pergunto, mas, conhecendo-a bem, sei que vai me ignorar.

Não contrariando minha previsão, ela vira de costas para mim, e daqui posso ver que está lendo um e-book em seu telefone. Eu não consigo conter meu sorriso quando bato de frente com esse gênio fodido dela. Parece uma santinha para quem olha de fora, quase brilhando feito um anjo. Porém, sei que tem uma pequena leoa dentro dela. Contudo, leões podem ser domados também.

Caminho direto para o banho. Quando a água gelada cai sobre a minha cabeça, é como se lavasse um pouco da sujeira em minha alma. Quase consigo ver a água caindo pelo ralo ainda mais preta que o piso ao redor dele.

"Quando foi que você virou um monstro?".

A voz da minha mãe se fragmenta em minha mente, como um vidro se partindo e estilhaçando bem diante dos meus olhos. Naquela época, eu ainda era um garoto aprendendo a lidar com o mundo caindo na minha cabeça, perdendo a única e mais preciosa pureza que já vi nessa vida. Talvez o garoto que existiu antes de perder tudo se sentisse mal com aquela frase repleta de pavor e desgosto vinda da própria mãe. Mas o demônio que nasceu dali, não... Ele resolveu libertar toda a sua imundice. E hoje já nem existe uma sombra daquele Bill dentro de mim.

Saio do banho com a toalha ao redor do quadril, então pego uma samba-canção preta no guarda-roupas e a visto atrás do biombo de madeira castanha, no canto do quarto. Coloquei aqui porque é um saco ter que ficar indo me vestir no banheiro. Maria não o usa. No fim, eu já sabia que ela não iria adotar a ideia. Morre de vergonha de mim. É até um progresso que esteja vestindo minhas blusas.

Algumas coisas mudaram nesses quinze dias. Ela tem feito costuras para as pessoas aqui do condomínio, então a sala está uma pequena zona. Tem uma mesa de costura atrás do sofá, que comprei para Maria colocar a máquina que trouxe no dia em que chegou aqui. E também um monte de tecidos e objetos de trabalho sobre a superfície branca do tampo. Eu disse a Maria que ela não precisa fazer

isso, posso custear o que precisar, mas ela é teimosa e não quer mais que eu pague as coisas para ela.

Maria gosta de costurar e venera a máquina que usa, porque era da nossa avó, Deise. O rosto dela fica iluminado quando está trabalhando naquela coisa velha e barulhenta. E vê-la animada ao conversar com as novas e inseparáveis amigas sobre o quanto de dinheiro está conseguindo, é até fofo.

Ana e Isabela não saem mais daqui. Quando levei minha prima até a casa do Josiah, fiquei pensando que as duas tratariam a Maria bem, mas não que iam se apegar ou se aproximar tanto. Elas conseguiram o feito de levar a Maria para dar caminhadas matinais no condomínio, comprei até um tênis e roupa de academia para ela poder fazer isso. O que a deixa muito gostosinha. Adoro ver a bundinha redonda dela naquelas calças apertadas.

E foram essas duas que levaram a Maria de carro em um polo têxtil aqui da Tijuca, onde minha prima comprou o que precisava para começar a trabalhar. E a Marta, mãe do Josiah, é quem trouxe um monte de idosas para encomendar serviços de reparos em roupas com a Maria.

Eu gosto de vê-la assim, se entrosando com a vizinhança e fazendo amigos. Outro dia, cheguei em casa e tinha um monte dessas velhas aqui na sala, comprando panos de prato e nécessaires que minha prima fez. Dei meia volta e fui fumar com o Josiah, mas não rápido o suficiente para fugir dos comentários sussurrados sobre eu ser um “chuchuzinho” ou “dar um bom caldo”.

O que importa é que Maria até parece mais feliz. Ou parecia, né? Neste momento, está mesmo é com o rosto inchado de choro. Vou tentar descobrir o que houve. Talvez seja saudade da mãe, ou raiva por eu ter chegado tarde.

Foda é como pareço em um relacionamento, sem de fato ter algo com ela. Se não dou satisfação da hora que vou chegar, me sinto devendo algo à minha prima. Quando saio do biombo, Maria me dá uma olhada de esguelha e revira os olhos:

— Por que você não veste uma roupa?

— Tá calor! — aviso, indo até o banheiro e estendendo a toalha no suporte de inox ao lado do box. — E quero deixar meu saco livre. Usei jeans o dia inteiro — complemento, caminhando para a cozinha. — Tem janta ainda?

— Por que não jantou com uma das suas putas?

Paraliso no meio da tarefa de abrir o micro-ondas. Agora entendi o choro: ciúme. Um sorriso muito largo se forma em meu rosto. Penso em ir até ela e

explorar isso, mas, primeiro, vou jantar, porque parece que estou sem comer há uma semana.

Ela deixou minha comida em um prato no micro-ondas. Minha prima sempre faz isso quando não chego a tempo de jantarmos juntos. E por mais que às vezes tente fingir que não gosta de mim, esses pequenos gestos mostram o contrário. Fora que tem feito comidas que não atrapalham tanto o meu desempenho na academia. Antes, ela sempre acabava fazendo macarrão, escondidinhos ou coisas deliciosas que faziam eu crer que acabaria fora de forma em pouco tempo.

Nossa intimidade parece ter permanecido no mesmo ponto desde o dia em que fomos à casa do Jow e aquelas duas deram bebida para a Maçãzinha, mesmo eu dizendo que não deveriam. Mas, no fim, eu até gostei. Maria acabou dormindo lá junto com a Isa e a Ana no quarto, enquanto eu jogava vídeo game com os rapazes na sala. Quando acordou, já estava sóbria. Queria ter ficado mais tempo a vendo com a boca pintada e rindo à toa, ou dizendo que eu sou bonito, mas que minha beleza não valia o seu lugar no paraíso, arrancando risadas minhas e dos meus amigos.

Lavo meu prato quando termino de comer e, depois de escovar bem os dentes e passar desodorante, caminho calmamente até o quarto. Ela continua de costas, tentando me dar gelo. Então, cedendo à tentação sussurrando em meu ouvido para fazê-la minha, me enfio atrás da Maçãzinha na cama. Seu corpo pequeno me convida a querer fundir minha pele na sua. Suas coxas desnudas compartilham calor contra as minhas.

— Ah, não! Sai daqui! — rosna e se debate, nem ligando de atirar o telefone no meio da cama com sua crise. Está com tanta raiva, que nem liga se seus peitos resvalam em minhas mãos enquanto se mexe. — Não vem com esse seu cheiro de puta pra perto de mim!

— Que ciúme é esse, linda? — pergunto, adorando que, quanto mais ela se debate e tenta sair de perto, mais sua bunda roça no meu pau. — Tem semanas que não saio com mulher alguma. Se tiver cheiro em mim agora, é o seu. — Eu a viro em minhas mãos, lutando com sua ira. Seus olhos possessos de raiva se injetam nos meus. Tem lágrimas em seus cílios. Cravo minha boca em sua testa e finalmente lhe dou o beijo que ela sempre gosta de receber. Por alguns minutos, Maria trava. Se perde no meio do caminho entre curtir o carinho ou me bater.

Seus olhos fecham e ela respira pesado, quase como se estivesse tentando ficar calma. — Me diga, prima, você é uma puta?

Agora, sim, ela endoida e me soca, até ouço um "vai se foder" sendo rosnado. Rindo, eu a puxo para os meus braços e a envolvo. Como a tampinha que é, some entre meus músculos. Fungo sua cabeça, embrenhando meu rosto no monte de fios sedosos, afogado em seu cheiro de maçã, que faz ainda mais jus ao apelido.

— Você é um canalha! — ofende, com sua voz abafada entre o meu peito.

— Sou um canalha que está cansado, Maria. Hoje foi um longo dia... — Bocejo. Será que ela correria porta afora se soubesse tudo o que fiz? Ou que tem um saco de dinheiro banhado em sangue abaixo do assento da minha moto? — Vou dormir com você!

— Não! Se ficar na cama, durmo no chão.

— Então terei que te amarrar?

Eu alivio o aperto em seu corpo, deixando que ela incline a cabeça para trás e trucide meu rosto com seu semblante cortante, quase capaz de rasgar minha pele. Seguro suas costas com uma mão, enquanto minha prima tenta manter uma barreira entre nossos corpos com seus punhos em meu peito. Esfrego o dorso do indicador no rosto dela e limpo o rastro de uma lágrima.

— Não quero dormir contigo! — Um bico se forma em sua boca bonita e inchada. Maria voltou a mordê-la, deixando os lábios cortados. Terei que doutriná-la logo para evitar que fique se machucando sozinha. Ainda não sei como fazer uma oferta a ela. Cheia de raiva como está, vai negar. Seu olhar por cima dos olhos é uma verdadeira súplica, mas minha prima ainda não entendeu que é impossível comover um carrasco. Na verdade, esse rostinho todo inchado de choro só faz meu pau latejar contra a barriga dela. — O combinado era você dormir no sofá.

— Não me lembro de ter dito isso. Eu disse que você podia ficar com a cama no dia em que chegou. Já faz quase um mês, Maçãzinha. E esse choro todo é por achar que eu estava com uma mulher?

— Claro que não! — quase grita, tentando afastar o rosto da minha mão, que segue trilhando rastros em sua bochecha. — Eu só estava com medo de ficar sozinha.

Mentirosa!

Até a voz dela fica mais aguda e fina quando mente, e seus olhos encaram do chão ao teto, menos a mim.

Puxo um pouco da blusa dela para o lado e vejo como está a cicatrização da mordida em seu ombro. Já sarou por inteiro e deixou uma bela marca. A cicatriz perfeita para gritar que ela é minha. No começo, Maria ficava brava sempre que eu a pegava para higienizar a mordida ou as unhas. Agora, ela já está adestrada quanto a isso, e não me impede mais quando quero cuidar dela. Também não tem mexido nos cantos das unhas, porque eu as corto e lixo sempre que vejo que estão maiores.

— Então não se importa se eu sair e foder bastante alguma gostosa por aí? — provoco, soltando o tecido branco e segurando com tudo a sua garganta. — Diga que não se importa!

A boca dela abre. Se de horror ou ultraje, eu não sei. Mantendo-a dominada pelo pescoço, mudo nossas posições e a deito de costas na cama. Maria segura minha mão, tentando forçá-la para longe do seu pescoço, quando me deito entre suas pernas. Sua calcinha rosa bebê fica exposta quando a blusa sobe e exibe sua pelve. As pernas dela se dobram na cama ao lado do meu corpo.

Maria enrubesce conforme eu aumento a pressão, impedindo sua respiração. Tenta me socar o braço e lidar com a força que aumenta ao redor de sua garganta. Seus olhos esbugalham e ela começa a ficar roxa, e só então eu a solto. Seu engasgo misturado com choro, a forma como suga o ar... Tudo isso me faz ter vontade de arrancar a calcinha dela e me enterrar em sua carne quente e intocada. Mas tem coisas que não tentaria tomar de alguma mulher sem que me permita. Então me inclino sobre ela e prendo suas mãos no topo da cabeça.

É foda vê-la desse ângulo. Seu olhar de submissão e medo me anestesia. Roço meu nariz em sua bochecha enquanto aguardo que ela se recomponha e normalize a respiração. Depois arrasto o rosto para muito perto da boca dela e digo:

— Responda, Maria! Ou vou te castigar até que me obedeça.

— Eu te odeio! — soluça, virando o rosto para o lado contrário, soltando as mãos do meu toque e alisando o próprio pescoço.

— Você tem mais uma chance para responder ou vai dormir amarrada.

— Eu te acho um louco. Azar é da mulher que se deita contigo! — Com ira explodindo em seu rosto, ela se aproxima da minha boca e praticamente a cola na

minha ao berrar: — Eu não ligo! Durma com quem quiser, e espero que seu pinto caia!

— Cuidado com o que deseja, Maçãzinha. Um dia, ele será todo seu...

Após ouvir suas palavras, eu saio completamente de cima dela. Maria respira com força, como se temesse nunca mais poder fazê-lo. Eu a observo, ficando de joelhos sobre a cama. Vejo claramente o formato da sua bocetinha contra o tecido da calcinha, ou os pelinhos ralos escapando pela virilha. Quando ela se dá conta de que está me dando a visão perfeita de suas partes íntimas, se senta, profundamente envergonhada.

— Eu vou embora daqui mais rápido do que você imagina! — ameaça, virando-se de lado e abraçando um travesseiro. — E vou adorar riscar você da minha memória.

— Eu nunca te esqueceria, linda! — digo, deslizando pela cama e deitando atrás dela, enquanto volta a chorar. Não sinto pena do seu choro. Ela está com muito ciúme e não quer admitir. — Acho que você deveria ser sincera com seus sentimentos e aceitar que é minha, assim não teria motivos para sentir ciúmes. Posso te contar exatamente aonde irei, com quem estarei e ser seu também. Apenas seu.

Eu a puxo pela barriga para deitar de conchinha comigo, e ela não me afasta. Na verdade, Maria deixa que eu a envolva com força, seguindo com o drama de choramingar.

— Eu te odeio mais porque me faz chorar feito uma fracote! — desabafa, beliscando meus braços. — E você vai sentir minha falta e se arrepender de me tratar assim.

— Certamente eu sentiria sua falta — confesso, esfregando o nariz em seus cabelos. — Tratar assim como?

— Como se eu fosse uma vadia.

Então é isso...

— E como eu deveria tratá-la?

— Com respeito.

— Sua noção de respeito é diferente da minha. Desejá-la não significa que te ache uma vadia. E eu não faria com vadias as coisas que pretendo fazer com você, não daria a elas o que pretendo te dar.

— A questão, André, é que você fez planos comigo de coisas que não quero. Está me obrigando a gostar de você e a te aceitar, a enxergar cenários que

eu não quero e não posso viver contigo.

— Então você considera a ideia? — estimulo, deslizando a mão pela barriga dela e a puxando mais contra mim. Maria não luta, nem tenta fugir. Na verdade, quando a abraço ao passar a outra mão por baixo dela, Maria deita a cabeça em meu braço. — De viver algo comigo?

— Você é meu primo. E eu quero me apaixonar, me casar virgem, na igreja, e ter uma família. Quero ter filhos com alguém que me ame. Você não pode me dar isso. O que me oferece é sexo e depravação.

Penso em tudo o que ela diz, e cada palavra é quase como uma facada. Não gosto de imaginá-la assim, vivendo com outro homem e tendo uma família. Mas, ao mesmo tempo, não imagino nada disso para nós. Na verdade, em longo prazo, não sei o que seríamos. Ela se tornaria minha namorada e moraria comigo... Seria minha masoquista e propriedade. Mas não nos casaríamos ou teríamos filhos, de jeito nenhum.

Sei que é errado querê-la tanto, mesmo sabendo que tudo isso pode apagar um sonho nela. Mas, se desejá-la assim me tornar um monstro egoísta, então eu serei a porra do monstro:

— E se eu te oferecer algo que não envolva tirar sua virgindade? Tipo, você pode ser minha masoquista. Eu te dou dor e prazer, mas sem chegar a uma via de fato. E você se torna minha propriedade, para jogarmos juntos, e me torno seu, sem sair com mais ninguém.

— Não!

— Tem certeza?

Vejo que a minha pergunta a deixa pensativa, o que me anima. Não me decepcionando, ela solta a pergunta:

— Como seria essa dor e prazer sem envolver sexo?

Muito bem, Maçãzinha! É esse o tipo de interesse que eu esperava! Meu coração até palpita de emoção, com cenas e mais cenas da minha prima se entregando a mim se formando em minha mente.

— Faríamos sessões com práticas sadomasoquistas, onde eu exploraria o seu corpo com segurança e responsabilidade. Você sentiria emoções únicas, no limite entre a dor e o prazer — explico, alisando a barriga dela lentamente. Meu pau está até molhando a minha cueca, de tanto que ficar nessa posição com ela está acabando comigo. — E podemos praticar coisas bem divertidas sem envolver penetração. Tem muitas maneiras de fazer isso, com as mãos... —

sussurro. — Com a boca. — Aproximo minha boca do pescoço dela e o lambo tão de leve, que só a ponta da minha língua toca sua pele.

Eu sou capaz de sentir o corpo dela vibrando de tensão e nervosismo sempre que desço um pouco mais a minha mão. Minhas carícias agora são abaixo do seu umbigo e cada vez mais sugestivas. A respiração dela carrega urgência e seu peito sobe e desce feito uma gangorra.

— Então você não me importunaria mais? Seria tudo dentro dessa tal sessão e nossa rotina não teria você me encurralando pela casa a bel prazer?

— Claro que teria. Isso nunca vai mudar — retruco, irritado só por ela cogitar que eu deixe minha maior diversão de lado. — Eu adoro te perseguir, Maria. Você se tornaria minha propriedade e nunca se negaria para mim.

— Se eu não poderia me negar, então tem uma contradição na sua proposta. — Quase se levanta ao dizer, mas minha mão insistente cruza o peito dela e a imobiliza, segurando-lhe o ombro, enquanto a outra não solta seu ventre. — Não era sem penetração?

É excitante prestar atenção em cada detalhe do desconforto dela. Parece que moveu uma montanha dentro da garganta para dizer a palavra “penetração”.

— Sim. Isso seria um acordo inquebrável. Eu não tentaria comer você! — Infelizmente. — O “se negar” não tem a ver com sexo. Você não se negaria a me obedecer quando eu quiser te castigar. Aceitar ser minha masoquista envolveria entender que eu escolheria os seus castigos, e você me respeitaria quando eu quisesse aplicá-los. Ou seja, não tentaria resistir ou fugir deles.

— Eu li que o bottom[9] é quem realmente dita as regras, porque pode usar uma palavra de comando para encerrar tudo.

Eu chego a paralisar quando essa frase escapa de seus lábios. Ela pesquisou mais a fundo sobre o assunto. O sorriso que me toma é incontrolável, e sinto vontade de beijá-la por ter estudado sobre BDSM.

— Exatamente. É nisso que entra a responsabilidade dentro de uma sessão. Você tem uma palavra para encerrar tudo para que as práticas sejam consensuais e seguras, mas só deve usá-la com sabedoria. Não para me irritar e impedir que uma sessão comece. Sua entrega deve ser em realmente aceitar jogar comigo e, quando entrarmos numa sessão, assumir seu papel de bottom e confiar em mim, o seu top[10].

— E a outra coisa que você mencionou, sobre eu me tornar sua propriedade e você ser meu... — Seu tom de voz cai drasticamente, como se

sentisse vergonha da pergunta. E meu coração, palpitando assim, me deixa parecendo um garoto, e não um homem que está negociando para perverter a prima virgem e intocada. — Como seria isso?

— Eu não ficaria com outra mulher. Seria fiel ao nosso acordo, já que você é bem ciumenta e chora só de achar que saí com alguém — dou uma pequena alfinetada, ouvindo a bufada que já esperava escapando de sua garganta. Só que, dessa vez, Maria não se preocupa em negar. — E nem preciso dizer que você também não ficaria com outro cara, né? — Ela não responde, parece estar refletindo sobre o que digo. — Agora, sobre castigos fora de sessões... — mudo o rumo da conversa para outro tópico que interessa. — Quando eu achar que merece ser castigada, encontrarei coisas que você não gosta para te punir.

— Tipo?

— Jogos de dominação, disciplina ou humilhação.

— Dê mais exemplos...

Adoro o quanto está interessada.

— Você não gosta quando é comandada, então teria que fazer algo que eu mandar, como buscar as cordas para ser amarrada, ou beijar meus pés, coisas desse tipo.

— Era para ser uma proposta que me interessa? — debocha. — Sabe quando eu beijaria os seus pés? Nunca!

— Sim, sei que você está muito animada com a ideia, só que gosta de ser uma garotinha mentirosa — sussurro em seu ouvido, sentindo-a arrepiar e se contorcer inteira. — E vai beijar meus pés muito em breve, linda!

— Já chega desse assunto! — Ela segura minha mão antes que eu a desça mais e alcance o meio das suas pernas.

— Pense no assunto, Maçãzinha, e pesquise ainda mais sobre isso na internet — aconselho, animado por finalmente ter conseguido soltar a proposta. Estou ansioso para contar isso aos meus amigos. — Vamos tentar dormir agora, ok?

— Como vou dormir com você e essa sua coisa encostando no meu traseiro, André?

Dou uma risadinha e circulo o quadril, fazendo-a se encolher e rosnar. A fricção do meu pau contra a bunda dela é de outro mundo. Caralho!

— Gosto quando me chama assim, mas, se quiser, já pode me chamar de Bill.

— Prefiro André! E já que vai me obrigar a dormir com você, podemos ficar em outra posição?

Eu a viro junto comigo, me sentindo no céu quando ela deita em meu peito. Seu braço direito me abraça a barriga. Enquanto deslizo uma das minhas mãos pelas costas dela, beijo forte sua cabeça e apago a luz do abajur.

Agora é esperar que ela pense em tudo.

— Boa noite, Maçãzinha!

Maria bufa e se mexe, depois enfia uma das pernas em cima da minha, enquanto eu passo o cobertor sobre nós dois. Contrariando tudo o que eu imaginava para essa noite, adormecemos juntos.



CAPÍTULO 13

Castigo



Maria

“Mãos santas, elas me tornarão
uma pecadora?”.
River - Bishop Briggs

Ele está em um sono profundo. Todos os traços pesados do seu rosto estão suavizados. Não existe a tensão costumeira que sempre aprofunda linhas entre suas sobrancelhas, fazendo-o ter cara de mau. É quase mágico vê-lo tranquilo assim.

Eu deveria ter despertado e corrido cama afora, para o mais longe possível do templo que é o corpo desse demônio. Mas a pele do meu primo é tão quente e cheirosa... Acordei agarrada nele, como se André fosse uma boia perfeita para me impedir de afundar. Estranho foi não ter sentido a mínima vontade de soltá-lo. Então fiquei, pelo que acho ter sido horas, deitada em seu peito malhado, olhando para cima e alisando sua barba.

Tem um sentimento tão estranho dentro de mim.

Chorei muito ontem, porque criei paranoias absurdas sobre o André estar ficando com alguma mulher, e que isso justificaria o horário que anda voltando para casa. Achei que ele iria se apaixonar e eu acabaria sobrando, que seu interesse ousado por mim morreria. E a hora que chegou ontem só reforçou os meus medos, me fazendo ficar possessa de raiva, insegurança e... ciúme. Muito ciúme! É tão impossível controlar o fogo que cresce no meu peito, clamando por explodir e incendiar o mundo inteiro quando penso nele com outra mulher. Isso me enlouquece. E não tem nenhuma explicação mais lógica para essa loucura que não seja paixão. Depois de

tanto lutar comigo mesma, cedi. Não há mais dúvidas: estou apaixonada pelo meu primo! Atolada em areia movediça. A cada vez que me mexo tentando escapar dos sentimentos que estão contaminando o meu coração, mais eu afundo e sou soterrada por eles.

Me sento, com as pernas dobradas ao lado do corpo, e sigo alisando o queixo dele. A cada vez que meus dedos se embrenham em sua barba, mais sinto as malditas borboletas na minha barriga ficando inquietas. Elas batem as asas e rodopiam no meu estômago, me deixando nervosa só de encarar o corpo dele, que parece ter sido esculpido por algum artista com um senso rebelde de beleza. Essas tatuagens que cobrem o corpo dele quase feito um agasalho são bizarramente atraentes. Ele tem tatuagens até na cabeça, mas estão camufladas por seu cabelo estar crescendo. É por isso que André raspava a cabeça antes, para exibir seus desenhos.

Quando eu era mais nova e o via pelas reuniões da família, o achava durão e bonito. Mas sempre tive medo dele, embora André jamais tenha me notado. Eu costumava passar despercebida em meio a minhas irmãs, sempre tagarelas e expansivas. Ah, e duas delas adoravam ficar de olho no meu primo, o que fazia minha mãe sentir ainda mais vergonha de ser a genitora delas. Diziam, na roda de mulheres da família, que ele deveria ter um pênis imenso, porque tem dois metros de altura, e coisas desse tipo. Eu adorava que ele nem olhava na cara de nenhuma delas, achava bem feito por elas serem sempre tão ruins comigo. E na verdade, ele não olhava muito na cara de ninguém.

Queria poder sufocar os sentimentos que crescem como ervas daninhas em mim, mas como? Ele me fez uma proposta, e estou ardendo com isso. Eu quero aceitar, mas sei que é um caminho sem volta. André vai me ensinar coisas, e depois, quando não pudermos mais fazer isso e eu for embora, outro homem que não me ofereça algo desse porte provavelmente nem terá sabor. E aprender a gostar do mundo sadomasoquista pode arruinar o meu sonho de ter um casamento comum.

Me sentirei uma aberração sempre que ousar entrar numa igreja. Vai ser como ter entrado no parquinho do diabo, andando em todos os brinquedos, e depois ter a cara de pau de ir buscar santidade.

Tanta coisa mudou. Falta pouco para completar um mês morando aqui. Agora consigo usar a Laila, máquina que minha avó ganhou da minha mãe biológica, a Rosa. Ela presenteou a vovó com a Laila pouco antes de morrer. E quando eu comecei a aprender a costurar com minha mãe, Isaura, a vovó me deu ela de presente. Por isso, eu tenho tanto amor por aquela máquina. É a única coisa que restou das duas, porque a vovó morreu há um ano. A última vez em que a vi, estava com uma piora do diabetes, e ela me disse que estava prestes a ir encontrar um dos maiores amores da vida dela, minha mãe.

Tenho costurado nela desde que me tornei amiga de Isa e Ana. Elas me levaram para comprar os tecidos. Assim que chegamos ao polo têxtil, tive uma crise de pânico horrível, com medo do homem que é minha maior ameaça ou algum dos seus comparsas me encontrarem lá. Mas elas conseguiram me ajudar a respirar e ficar bem. E mesmo morrendo de medo, comprei tudo o que precisava para começar a trabalhar.

Toda a minha rotina por aqui mudou. Isa propôs que todos os dias eu enfrentasse o meu medo caminhando com ela e a Ana pelo condomínio. No começo, foi horrível, eu nem consegui atravessar o portão no primeiro dia. Mas minhas amigas foram incansáveis, até que eu finalmente conseguisse sair na rua. Na primeira vez que consegui, minhas pernas tremiam o tempo todo, e eu volta e meia me apoiava em algum muro ou poste para não desmaiar. Mas, com o passar dos dias, fui ganhando mais segurança. Agora, nem consigo imaginar um dia em que não caminho com elas após o café da manhã.

Estou juntando dinheiro e, com a ajuda da mãe do Josiah, tenho conseguido muitas clientes para fazer ajustes em roupas ou vender peças de costura criativa. Não é nada muito expressivo, mas, de grão em grão, logo terei o montante necessário para poder ir para longe com a minha mãe. Espero que seja antes de eu me jogar por inteiro nas chamas que vão condenar minha alma e meu coração. Sei que eu também quero o meu primo, mas é errado, e toda a nossa família vai nos apedrejar se ficarmos juntos. Fora que me render a uma relação sadomasoquista torna tudo ainda mais mundano.

Passeio minha mão direita pela bochecha do André, subindo-a até sua sobrancelha grossa. Quando seus olhos se abrem e me pegam no flagra, tento encontrar alguma reação. Meu coração é o primeiro a dar as caras, galopando ensandecido. E só depois é que minhas mãos passam a tremer e suar frio.

Seus olhos intensos estão prendendo os meus, questionadores. Não demora até que uma de suas mãos se feche feito uma algema ao redor do meu pulso, que me puxe num tranco e eu acabe despencando de cara em seu peito. Parece uma parede de tão duro.

Ogro!

— Bom dia, Maçãzinha! — Como é possível uma voz que já é perfeita se tornar ainda mais sedutora quando está sonolenta? — Como se sente sendo flagrada com essa cara de safada apaixonada? Só dormir comigo já deixou você assim?

Eu nem sei por que ainda me choco com a ousadia desse cretino, ou como posso estar apaixonada por ele. André é tão impossível às vezes!

— Entende por que digo que te odeio? — rosno, torcendo os braços e conseguindo me livrar dele.

André, nem um pouco abalado por eu conseguir me soltar, desliza suas mãos e me segura pelos ombros, arrastando-me para cima, sentando-me de lado em seu colo, à medida em que se ergue um pouco e se recosta sobre a cabeceira da cama.

— Se tem algo que aprendi nos últimos anos observando os meus amigos, é que muitas vezes em que uma mulher diz que te odeia, ela tá doidinha pra ser fodida com força!

Reviro os olhos, tentando não sentir nada quando ele, exibindo total controle do meu corpo, puxa uma das minhas coxas e me obriga a montá-lo de frente. Meu rosto inteiro fervilha, e luto para sair ao tentar segurar os seus músculos do braço e me empurrar para o lado, porque nessa posição a minha vagina sente totalmente a potência do pênis dele. É só um fino tecido contra toda essa dureza. Desesperada, tento não me mover nem um centímetro para não sentir mais nada, para ignorar a reação no meu centro quando se encosta nele.

Algo úmido demais molha minha calcinha. Quando isso aconteceu na semana passada, enquanto André beijava minha testa ao chegar do trabalho, achei que fosse xixi. Quando contei a Isabela e Ana, elas riram da minha cara e explicaram que isso é desejo.

— Quero um tempo para pensar — solto, tentando sobrepujar o arranhar da garganta e encará-lo nos olhos. — Sem que fique me pressionando.

— Quem está pressionando quem, linda? Só estou te trazendo ao meu colo para dar um bom dia — avisa, segurando meu queixo com uma mão, e com a outra seguindo a rotina de agarrar meu cabelo acima da nuca, só para ter maior controle de mim.

— Não pode usar a boca para isso? — pergunto, bufando e tentando virar o rosto.

O arrependimento chega junto com a dor na raiz do cabelo, porque sempre que esse sádico o puxa, é com certa força. Gemo de raiva, porque ele está rindo e chegando tão perto do meu rosto, que, se não parar, vai bater contra o meu.

— Posso! — sussurra de forma arrastada, tão próximo da minha boca, que posso sentir seu hálito cheirando a cigarro. Os olhos dele investigam minha face com atenção, e quase que de um jeito imoral, despencam direto para os meus lábios.

Penso que, como em todas as vezes, meu primo irá recuar ou proferir alguma provocação. Porém, quando sua boca se choca com a minha, é como desmoronar. Eu caio em sua armadilha, sou enredada em sua energia profana e sedutora, incapaz de recuar. Minha pulsação acelera, e meus seios estão doendo, colados contra o abdômen dele. Suas mãos deixam meu cabelo e queixo, focadas na tarefa de retirar as minhas da barreira que eu tentava levantar segurando o seu peitoral. André prende meus braços nas costas. Com todos os pensamentos embaralhados, sou incapaz de fugir dos sentimentos que escapam das jaulas onde eu tentava prendê-los. O desejo é o primeiro a se rebelar, quando abro a boca e permito que seus lábios cavem espaço entre os meus. Eles causam uma reação que é bem próxima a ser queimada viva.

Não quero me afastar, quero me perder nele.

Aceitando que sou uma pecadora, arfo enquanto amoleço sob a posse dele. Calmamente, André mordisca meus lábios inferiores. Cada ruído escapando do corpo dele é como um grilhão, impossível de escapar. E com os olhos cerrados, sou incapaz de controlar um gemido. Se vendo que estou entregue ou não, ele solta os meus pulsos e desliza as mãos para a minha bunda. Seus lábios se abrem e invadem minha boca com uma paciência que contrasta com a fome exibida nos apertões potentes que dá em meu traseiro. André puxa meu corpo para cima, quase doido para conseguir fundir minha pelve no corpo dele, com roupa e tudo.

Seguro seus flancos com força e, chutando meu juízo para bem longe, roço minha língua contra a do meu primo. Tão macia e molhada. Sua saliva se perdendo na minha, suas mãos passeando por locais no meu corpo que não deveriam, mas já são dele, seu cheiro se impregnando no me corpo feito uma praga: tudo isso é retrato de que sou uma fraca e incapaz de resistir, que estou bebendo desse frasco de pecado. O gosto dele é de outro mundo. André tem sabor de erro... Um erro delicioso e que eu poderia cometer milhares de vezes.

Ele afasta a cabeça e lambe meus lábios por fora, os morde, suga, faz o que bem entende com a minha boca. E, droga, eu gosto que seja exatamente assim. Ensandecida, envolvo o rosto dele com as minhas mãos. Enquanto nossa boca se enrosca e nossas línguas quase se fundem uma na outra, me remexo no corpo dele e queimo com seu beijo e com o quanto é bom sentir seu pau contra o tecido da minha calcinha. Estou encharcada, gemendo a cada vez que o sinto rosnando contra os meus lábios.

— Maçãzinha... — sussurra, soltando a minha bunda e voltando a puxar o meu cabelo. — Essa boca é muito mais gostosa do que imaginei.

Puxo o ar boca adentro, como se tivesse fritado alguns neurônios por tantos segundos sem respirar, presa na boca desse cretino.

— Meu Deus! — rosno. Entregue à certeza de que estou louca, seguro o rosto dele com tanta força, que, se minhas unhas estivessem cumpridas, lhe rasgariam a pele. Invado a boca do meu primo mais uma vez, com tanta fome, que me pergunto se eu poderia me alimentar só desses

beijos para sempre. — Se eu ficar viciada nisso... — sussurro entre os seus lábios — Vou matar você!

Eu deixo que ele passeie suas mãos imensas pelo meu corpo. Deixo que me encha de marcas com seus apertões, porque esse é o preço a pagar para não ficar longe dessa boca, que já está vermelha e inchada por não deixar a minha. Cada apertão dele em minhas coxas me faz gemer, seus puxões de cabelo, suas sugadas em meus lábios ou queixo: isso tudo é como uma substância maldita feita para se entranhar no meu corpo e nunca mais sair. Uma substância que vai me fazer gritar por ela novamente.

— Chega! — peço, quando me dou conta de que a boca dele está marcando o meu pescoço com chupões, e suas mãos enormes apertando com tudo os meus seios. Deixo escapar um gemido, sentindo a súplica que minha pele profere em forma de dor. E seu apertão dói tanto, que quero gritar que nunca pare de apertá-los assim. Mas se não pararmos, não sei se conseguirei me negar caso ele resolva remover a barreira de tecido que envolve nossa pele e impede que ele entre em meu corpo. E... Merda... Eu não posso fazer isso. — André! Droga!

Sei que ele é o dono do jogo e quem realmente pode ditar as malditas regras, mas seus movimentos imprevisíveis e sua forma ousada de me dar xeque-mate é o que me enfurece. André enfia as mãos na gola da blusa e a rasga até que meu ombro direito esteja em evidência, e poucos segundos se desenrolam até que seus dentes predatórios estão contra ele, lascando uma mordida que me arranca um berro. Meus olhos estão arregalados enquanto lanço a cabeça para trás de tanta dor. Meus dedos estão perdidos nas rochas que ele chama de braço. Meus olhos salpicam com lágrimas, e a emoção crescendo pelo corpo é agoniante.

Deus do céu, Maria! Como você pode gostar disso?!

Como um homem morder o seu ombro te parece algo delicioso?

— Agora, sim, linda... — diz, orgulhoso, enquanto afasta a boca do meu corpo e a limpa com o dorso da mão. Ainda anestesiada, me arrisco a observar o seu novo presente abusivo. Tem um filete de sangue escorrendo do ferimento. — Mais uma mordida para deixar seus ombros combinando.

Meu peito está subindo e descendo tanto, que se eu não infartar agora, não o farei nunca mais. Engulo o nó na garganta, com minha cabeça presa na teia de confusões que são meus sentimentos.

Eu estou muito apaixonada.

E esses beijos foram a coisa mais deliciosa e emocionante que já recebi.

Quero brigar com ele por ter me beijado, mas também quero beijá-lo mais.

Quero ordenar que pare de morder, mas também estou ansiosa para ter seus dentes em outras partes do meu corpo.

— Por que mordidas? — É tudo que minha mente confusa consegue pensar para dizer, mesmo que minha boca esteja quase esfolada pelo resultado dos lábios dele, ou meu ombro esteja literalmente em carne viva.

— Porque quero você para mim. — Ele mira os meus olhos e tem tanta voracidade nos dele. Tanta sede... — Te morder é o meu jeito de dizer isso.

Não sinto vontade de sair do colo do André agora, ou de tirar suas mãos do meu corpo, que já se enfiaram novamente em minha bunda. A boca dele avermelhada assim parece um convite. Então, perdida demais para procurar algum tipo de juízo, me aproximo dela. Sei que suas expectativas envolvem um beijo, mas o que faço é descer a boca e morder com toda força que consigo o queixo dele. Assim, uso a linguagem dele para deixar claro que também o quero para mim.

Meu primo rosna, e, embora eu jure que é de desejo, quando me afasto, vejo muita raiva estampada onde antes havia a profunda sede de me tomar inteira. Agora ele parece irado. Antes que meu primo possa me agarrar e temendo que faça algo para me punir, luto contra as mãos dele, que feito ganchos tentam me puxar. Quando consigo me livrar, escapo da cama e corro muito, como se viver dependesse disso.

Não sei com precisão por que estou correndo.

Instinto de sobrevivência?

Estou em disparada rumo à porta, porque o arrepio gelado cortando minha espinha parece um presságio do que está por vir. Sei que vou ser

castigada, tendo aceitado a proposta dele ou não.

Meu corpo está tão acordado e em alerta, que consigo ouvir os passos do André ressoando contra o piso da casa, quase como se suas pegadas estivessem a ponto de furar o chão.

Minhas pernas estão tremendo e meu coração parece bombear o sangue em uma velocidade duplicada. Arfando, tentando ouvir a que distância meu primo está, consigo alcançar a maçaneta da porta. Estou prestes a girá-la quando sinto o corpo do meu perseguidor feito um vulto atrás de mim. A primeira parte que ele alcança é o meu cabelo, e como o bruto que é, o puxa feito uma rédea.

Automaticamente, eu berro de dor, sentindo minhas costas cortando o ar durante o trajeto de encontrar o peito dele. Choro... Mas não sei o motivo. Esperneio, também sem ter ideia do que esperar. André me agarra pela barriga e me levanta no ar.

— Você me mordeu primeiro! Eu só retribuí — grito, chutando e socando o vazio, porque sei que o castigo vem. — Não pode me castigar! Não aceitei ser sua.

André me joga sentada no sofá e dá três passos para trás. Rastejo o suficiente para minhas costas encontrarem o tecido cinzento do apoio. Enquanto torço a cabeça para cima, quase a ponto de quebrar o pescoço, tento observar cada movimento dele para prever o que me espera.

— Foda-se que não tenha aceitado! Você vai aprender uma lição hoje. E quando aceitar ser minha, já o fará tendo ciência do que te aguarda.

A voz dele é tão dura, que me encolho inteira e abraço os meus joelhos. Que merda! Estou com medo, mas existe uma maldita parte em mim que está vibrando, emocionada, querendo a todo custo saber qual é a sensação de ser punida. Qual é a sensação que um castigo de verdade vindo desse homem pode me trazer? Será que vou gostar disso?

— O q-qu-que vai fazer comigo? — Minha voz falha e tropica antes de concluir a pergunta.

André me mede, impassível, mas com os olhos injetados de algo tão escuro quanto a noite. Agora não há desejo ou o ar safado que costuma usar

comigo. Parece realmente bravo. Como se estivesse se contendo, ele segura as próprias têmporas.

— Fica de joelhos aí no sofá mesmo! — ordena, cruzando os braços e fechando ainda mais o semblante para mim.

Eu tenho duas opções, embora qualquer uma das duas sejam resultado da opressão dele. Se eu tivesse escolha mesmo, seria correr para bem longe até que eu conseguisse sufocar a masoquista gritando por castigo em minha pele. Porque meu lado normal tem medo de que a masoquista o mate e não reste nenhum juízo morando em mim.

A primeira opção é obedecê-lo cegamente e confiar que não vai me punir de um jeito que eu não possa aguentar, e a outra é tentar argumentar para que meu primo espere que eu pense no assunto, e guarde essa punição para caso eu aceite o acordo que me propôs.

— Qual vai ser o castigo? — Deixo o medo falar um pouco mais alto antes de me mover.

Meu primo trinca os dentes e até o maxilar dele se move. Quando ele começa a vir na minha direção para me obrigar a obedecê-lo, percebo que estou a ponto de fazer xixi nas calças de tanto temor.

E por mais insano que pareça, existe uma emoção bizarra disparando pelo meu sistema inteiro.

— Se eu tiver que te colocar de joelhos, ainda vai ficar amarrada após o castigo.

O rosto dele parece tomado por algo perverso. Ainda tem sede no olhar do André, no jeito como percorre os sintomas do terror exibidos no meu corpo. Só que agora o que ele quer não é sexo... É algo muito mais sombrio, mil vezes mais errado.

Penso em rebater, em argumentar, porque, mesmo curiosa, ainda estou receosa do que essa experiência vai disparar em mim. Entretanto, como sei que o único jeito de responder as coisas na minha mente e ter certeza de qual caminho devo realmente seguir é aceitar esse castigo, deixo de abraçar meus joelhos e começo a me ajoelhar.

Minha pele inteira vibra quando me sento sobre meus calcanhares. Como não sei o que fazer com minhas mãos, as pouso em meu colo.

Assustada e morrendo de medo de todo o poder que meu primo tem sobre mim agora, não tenho coragem de olhar pra nada diferente de minhas mãos.

— Abra as pernas!

Sua ordem é muito calma. Mas é aquele tipo de calma que encontramos em pessoas desalmadas. É a calma que alimenta seres capazes de fazer coisas ruins.

Emocionada demais para pedir alguma clemência, e muito ciente de que cedi aos sussurros da serpente e aceitei minha coleira de pecadora, eu o obedeço.

— Agora pouse as mãos nos joelhos com as palmas abertas para cima. — Obedeço. — Erga o queixo para mim, mas mantenha seus olhos baixos até que eu mude de ideia.

Eu posso crer que o demônio está em silêncio em seu trono infernal agora, feliz por garantir mais uma alma.

Emocionada e com rios escorrendo pela minha calcinha, faço exatamente o que André me ordenou.

— Você vai levar três tapas em cada lado dessa sua cara de safada! — avisa, com tanta raiva vibrando na voz, que temo que sinta vontade de me dar muito mais do que tapas. — Sua "frase de segurança"[11] é "não devo morder o meu dono".

Meus olhos marejam e sinto vontade de me levantar. Estou ultrajada. Ele não deveria me dar uma frase humilhante para terminar o castigo caso eu não aguente. Na internet, eu li que a "frase de segurança" deve ser acordada entre a dupla. Abro a boca para rebater, mas ele posiciona seu indicador enorme, grosso e quente sobre ela.

— Se ousar me rebater, questionar ou qualquer outra merda, vou enfiar uma mordaça nessa sua boca! — Sua voz é tão calma, que me pergunto se o André que me beijou ainda está aí dentro. — Agora olhe para mim!

Meu peito está convulsionando, e, quando meu olhar finalmente se ergue e encontra o dele, toda a raiva em mim parece aumentar. Um torto sorriso toma o rosto do meu primo, tão apagado quanto o seu olhar. Sua mão direita toca o meu rosto, e, feito uma coisinha patética, me encolho

temendo o primeiro tapa, quase saindo da posição em que ele me mandou ficar. Sou surpreendida com um carinho. Ele desliza sua mão gigante, que é capaz de ser maior que meu rosto inteiro, por minha bochecha esquerda. Seu carinho é delicado, parece até... sentimental. E desde que o mordi, esse é o único momento em que vejo uma rajada breve de luz tomando seus olhos.

— Lembre-se de usar a frase caso sinta que não vai aguentar, ok? — A gentileza que escapa de sua garganta junto à frase me deixa surpresa. — Vou começar.

Engulo o mundaréu de saliva em minha boca, com o coração inquieto. A expectativa do que virá é horrível, agoniante. É quase como andar no escuro, temendo o que posso encontrar nas sombras.

Fecho os olhos quando a mão dele se eleva. Meu peito dispara, tem suor em minhas têmporas. Luto para não me encolher, mas é impossível quando a ardência e o estalo do tapa reverberam em mim. Parece que André tacou fogo em minha bochecha, mesmo que não tenha usado quase nada de sua força.

— Abra os olhos!

Ainda não sei o que pensar ou sentir.

A única coisa que me domina agora é medo.

Estou com medo até de abrir os olhos.

Ainda assim, eu o obedeço.

Tem muito prazer no semblante dele, como se André estivesse diante de seu brinquedo favorito.

Sua mão passeia pelo local onde bateu, enquanto tenho dificuldade de respirar. Consigo encará-lo, mesmo aterrorizada com todas as coisas morando em meu corpo nesse momento. Com a outra mão, ele golpeia minha bochecha direita. Meus olhos faíscam dor e raiva, com lágrimas escapando como resultado.

Sua mão desliza por meu rosto, em uma tortura sádica de tão calma e demorada. A cada vez que ele toca o ponto onde a pele mais arde, estremeço e seguro um gemido. Seus dedos grossos deslizam por minhas bochechas e encontram os meus lábios. Seu dedão esfrega meu lábio

inferior, e só agora eu vejo um pouco do André que conheço, com desejo e até carinho fluindo em suas íris.

— Você está indo bem, Maçãzinha — seu elogio sussurrado arrepia minha espinha, enquanto seu dedão se enfia lentamente dentro da minha boca. — Agora chupe!

Ainda faltam dois tapas em cada lado...

Essa é a única razão de eu não querer contrariá-lo.

Eu poderia usar a frase ridícula dele agorinha, para que meu primo não fique ainda mais excitado ou tenha a imagem satisfatória de me ver chupando seu dedo. Mas quero ir até o final disso para tirar minhas conclusões do que vou escolher.

Então eu faço.

De qualquer modo, me parece tarde para voltar atrás.

Eu já me joguei nas chamas, então, enquanto olho para o rosto do André e vejo o desejo crescendo ali, sugo o seu dedo e deixo que ele veja minha língua passeando por ele quando termino.

Meu primo está me punindo. Mas a sua maior punição é que não terá minha boca onde ele mais quer!


CAPÍTULO 14
Cuidado





“Eu sei que você é errado para mim
Vai desejar que a gente nunca tivesse
se conhecido no dia que eu partir
Eu te coloquei de joelhos”.
Angels Like You - Miley Cyrus

Ela faz questão de exibir sua língua rosada e macia enquanto a roda pelo meu dedão. Maria até ousa soltar um sorrisinho tentando me levar ao delírio. Meu pau não está apenas acordado, mas ruge feito a porra de um bicho querendo se soltar e se enfiar nela. E o inferno sabe: se um dia minha prima se abrir para mim, ela terá muita sorte se eu não a foder a ponto de deixar sua boceta em carne viva.

Eu tô com a pica gritando de tanto tesão, mas nem sempre um castigo ou tortura é sexual. O que estou aplicando nela é mais no intuito de discipliná-la. E a disciplina visa a mostrar como quero que ela se comporte. Quero ensinar que, na hierarquia da relação que busco para nós dois, ela se submete às minhas regras. Não o contrário. Ela é a posse. Não eu.

E por isso não deve me morder, caralho!

Eu amo morder, mas, por alguma maldita razão que desconheço, odeio quando o fazem comigo. Me deixa fodidamente bravo. Não gosto de ser marcado com chupões, arranhões, porra nenhuma. Só eu é quem faço isso com minha propriedade. E foi assim que essa pequena diabinha que jurei ser um anjo conseguiu me tirar do sério.

Eu prometi a mim mesmo que ia me segurar e esperar que ela aceitasse antes de aplicar um castigo desse porte. Porém, percebi que, diante dessa garota, é muito difícil conter meus impulsos.

Suas bochechas redondas estão muito vermelhas, e os olhos dela, com camadas de lágrimas prestes a desabar. Ter minha prima ajoelhada, com a blusa degradada, seu ombro marcado, sangrando, e ainda com as bochechas inchadas por meus dedos, é quase como encarar uma fração do céu. Perfeita pra caralho!

Ainda me pergunto o que fiz para ganhar esse presente. E qual é o carma da minha prima para me receber como punição do destino?

— Está brincando com fogo, Maçãzinha — advirto, vendo que lambe meu dedo e segura meu olhar, com toda a intenção de me provocar.

Então a masoquista apaga por inteiro a santinha? Afinal, eu não sonharia que ela seria obscena chupando meu dedo desse jeito. Mas até que é bom ver que está encontrando uma coisa para se divertir em meio ao castigo. Porém, ainda é para ser algo que a faça se sentir punida, então resolvo acabar com a graça.

Sem que a Maria espere, uso a mão sobressalente para acertar outro golpe, dessa vez mais forte. O estalo é tão alto, que até ecoa pelas paredes. A palma da minha mão arde, e isso me faz sentir a emoção correndo pelas minhas veias. Porra! Eu adoro ser sujo assim. Estou amando sentir minha pele doendo à medida em que causa dor na minha prima.

Sua boca solta o meu dedo quando a cabeça dela vira para o lado. Seus cabelos cobrem sua face, e alguns fios até se grudam em suas bochechas, agora molhadas porque Maria não consegue mais conter as lágrimas. Lentamente, volta o seu rosto para mim, mas mantém a cabeça baixa, e até seus ombros caem. Parece ter sentido mais o golpe dessa vez. Retiro os fios de cabelo da frente de seu rosto com carinho, arrastando-os para encaixá-los atrás de sua orelhinha pequena. E só então reparo que não há furo para brinco nela. O corpo da Maria chacoalha, chorando um pouco mais intensamente do que eu esperava.

— Ei... — chamo, segurando-lhe o queixo. Levanto o rosto dela, fazendo uma pequena força para conseguir, porque ela não quer me olhar.

— Tudo bem, linda?

Ela assente, mas segue evitando os meus olhos, enquanto solta pequenos soluços. Vê-la chorar é foda. Esse rostinho, que já é maravilhoso, se torna perfeito, sem defeitos, ao demonstrar sofrimento. Curvo-me até ela, farejando seu cheiro de medo e bebendo cada pequeno vestígio de terror enquanto me aproximo. Seu corpo vibra, e não deixo de notar sua pele inteiramente eriçada. Então, sentindo um calor muito errado dentro do meu coração, vou até a boca mais gostosa que já beijei na vida e a toco com meus lábios. Tem certa resistência da minha Maçãzinha em ser beijada, mas, conforme me ajoelho no chão na frente dela e envolvo sua cintura, abraçando-a com cuidado e carinho, ela cede e me beija de volta. E sentir sua língua deliciosa contra a minha, a quentura de suas lágrimas tocando minha bochecha, ou ouvir os soluços dela morrendo contra minha língua, é algo surreal. Puta que pariu! Estou no paraíso. Nem acredito que estamos vivendo isso...

— Você está sendo maravilhosa, Maçãzinha — murmuro, arrastando a boca até seu ouvido. Aproveito e mordo o lóbulo da sua orelha. Posso sentir seu arrepio, enquanto ela funga um pouco. É comum que a Bottom fique manhosa ou chore durante um castigo, principalmente quando me aproximo para fazer carinho. É uma reação emocional bem-vinda. Gosto dessa manha, e encontrá-la na minha prima é incrível. — Ainda faltam três tapas. Acha que consegue aguentar?

Maria deita a testa no meu peito. Enxergo o topo da sua cabeça, mas posso ver também a briga dela com o próprio corpo. A todo momento, ergue as mãos dos joelhos, como se quisesse revidar meu abraço, mas se retrai. Se ela sair da posição, vou cessar o carinho e ensiná-la que não deve fazer isso durante o castigo. Mas minha prima é inteligente, ela já entendeu que não pode. Então só fica assim, choramingando no meu peito. E deixo que ela se recomponha, que chore, que sinta que é permitido ganhar carinho e apoio até mesmo durante a sua punição.

Faz parte da responsabilidade emocional do Top, aquele que comanda as atividades durante o castigo ou sessão, observar as reações do seu parceiro. O choro, às vezes, funciona para extravasar as emoções que são

exploradas durante uma prática. Mas também pode ser um sinal de que o *Bottom* está chegando ao seu limite, e é preciso observar, não apenas confiar na palavra de segurança. Durante uma prática, o *Top* é o responsável pelo seu parceiro de jogo. Por isso, estou vistoriando cada detalhe da minha prima, sua respiração, o inchaço da pele. Se romper alguma veia em sua face e der hematoma, tenho que parar de bater naquele lado do rosto. Se ela gritar ou sair da posição, é um sinal de que está perto do seu limite. E tem muitas outras coisas a serem observadas. Tudo isso também faz parte do que me fascina em subjugar uma mulher, em castigar. Toda a rotina que envolve uma prática BDSM é uma droga para mim. Sou viciado nessa porra.

Sendo o mais suave que consigo, toco-lhe o rosto com as duas mãos, ainda abaixando diante dela. Vistorio as marcas em sua pele. Não tem sinais de que ficará com hematomas, e nem cortes se anunciando até o momento.

— Eu aguento. — Engole um soluço para dizer.

Não vou negar a surpresa, inclusive até meu semblante demonstra isso com minha boca se entreabrindo. Sou rápido em corrigir e fechar a cara. Ela odiou a frase de segurança, mas também serve como parte da disciplina. É ração para o meu lado sádico. Tudo o que a pune me excita. E Maria tem que aprender e aceitar seu lugar na nossa relação. Ela é minha propriedade, e vai me dever obediência quando aceitar ser minha parceira de jogo. E ela o fará, certamente. Porque aquele rosto que encontrei ao acordar foi a coisa mais linda do mundo. Estava repleto de paixão, com seus olhos brilhando e exprimindo o quanto está perdida. Que já está entregue. Só precisa entender e aceitar isso.

— Muito bem, linda! — elogio, beijando sua testa demoradamente.

Me levanto aos poucos, sem tirar os olhos de seu nariz arrebitado, inteiramente rubro e molhado. Para aumentar o desespero dela e brincar com suas emoções, eu a deixo de joelhos e vou até o banheiro. Abro a primeira gaveta na pia, que é dela, e pego um dos seus elásticos de cabelo.

Quando volto até a sala, caminhando lentamente, meus olhos aquecem quando a ouço arfando alto, morrendo de medo a cada novo passo

que dou. Eu posso ver daqui o quanto o corpo dela chacoalha, porque está se tremendo toda. Maria quase engasga na própria respiração.

Só um sádico consegue apreciar isso. Esse terror. O jogo psicológico que é explorar o medo da parte submetida. Quando chego até ela, volto a me abaixar diante de seu pequeno corpo. Minha prima quase se arrasta para trás, mas repensa no último segundo ao perceber que só estou segurando seu elástico. Sorrio, saboreando suas reações. Seus olhos estão tão arregalados, que ela parece um bichinho acuado. Minha boca saliva com o sabor que é vê-la assim, completamente subjugada.

Pinço seu queixo e trago sua cabeça até mim, dando um singelo beijo em seus lábios que não dura mais que um segundo. Prendo o seu cabelo em um rabo de cavalo, cuidadosamente, sentindo a respiração irregular e pesada da minha prima contra o meu peito.

— Pronta para continuar?

Maria assente, mas seu semblante de pavor mostra que não há a menor segurança em seu gesto. Dou um tapa leve na bochecha esquerda, e ela solta um pequeno gritinho de susto. Não esperando que se recomponha, acerto o outro lado. Agora só resta o último. Para finalizar, desfiro o golpe mais forte de todos em sua bochecha esquerda. O estalo é potente, e minha palma da mão reclama. Como não a quero com hematomas, não usei tanta força na bofetada. Ainda assim, Maria quica sobre seus joelhos e solta um berro. Antes que ela saia da posição que mandei e eu tenha que a forçar a voltar para discipliná-la, eu a abraço, tirando-a eu mesmo da posição.

— Shhhhh! — consolo, puxando-a para o chão pelos antebraços, acomodando-a sentada em minhas pernas.

— Eu... — começa a balbuciar, com a voz completamente chorosa e soluçante.

Tenta tocar a própria bochecha, certamente tentando consolar a pele para aliviar a dor.

— Acabou, Maçãzinha — explico, embalando-a como se fosse um bebê e beijando-a vezes seguidas no topo da cabeça. — Você conseguiu. Foi muito corajosa, minha linda!

Maria me abraça, virando de frente e me montando. Meus cílios batem, surpresos por ela procurar se unir ainda mais ao meu corpo. Minha prima está tremendo tanto, que parece prestes a convulsionar.

Essa parte pós-castigo é muito importante. Punições podem — muitas vezes — desestabilizar o Bottom. Então é necessário um cuidado posterior com o psicológico e o físico deles, que é de total responsabilidade do Top.

Deixo que ela me abrace, que chore e descarregue tudo o que está sentindo. Maria está agarrada ao meu pescoço. Eu a tranquilizo com sibilos baixos, alisando do topo de seu rabo de cavalo até suas costas, e adorando o contato da sua pele suave nos pontos em que encontra a minha.

Eu deveria me atolar em culpa por tocar a sua alma clara e inocente com minha cor escura. Mas não é nem de longe o que acontece. Eu tô feliz pra caralho! Estou apaixonado por essa garota desde a primeira semana em que ela veio viver comigo. E agora Maria está, aos poucos — e por certa pressão —, entregando-se a mim.

Quando ela chegou aqui, eu tinha certeza de que era inaceitável tentar tomá-la para mim. Meu juízo gritava a todo momento em minha mente distorcida, quando a imaginava assim, entregue. Mas, agora, após ter alimentado toda a minha necessidade mórbida de ver sofrimento enquanto dava de comer à masoquista que mora nela... Agora tenho certeza de que o juízo era o único errado nessa história inteira. É inaceitável reprimir meus sentimentos, porque, se eu o tivesse feito, não estaríamos aqui, nesse exato momento.

E, caralho, até achei que ela fosse lutar contra esse castigo. Maria aceitou de primeira, colorindo com um pouco de vida o meu coração que se resumia a cinzas. Ela confiou em mim. É doentio estar ainda mais apaixonado por conta disso, mas eu nasci doente. Doente a ponto de venerar essa mulher por ela ter confiado em me deixar puni-la. Doente a ponto de não conseguir mais aceitar a ideia de que um dia queira ir embora. Doente a ponto de fazer qualquer coisa para que ela aceite se entregar de vez para mim.

Parece que quase uma hora se passa até que a respiração da Maria se tranquilize. Até que os ruídos pesados do coração dela, batendo contra o

meu próprio peito, suavizem. Ela ainda não me soltou, e não quero que solte. Gosto dela grudada em mim. Gosto de tudo nela, do seu sorriso aos choros. Das gargalhadas aos gritos.

Sinto vontade de fumar. Estava conseguindo parar, mas, desde que minha Maçãzinha chegou e arruinou minha cabeça, a vontade voltou com tudo. Tenho devorado mais de um maço por dia. Mas não poderia fumar agora, de qualquer forma. Quero cuidar dela e mimá-la por ter sido foda e aguentado o primeiro castigo. E não fui leve. Eu poderia ter dado apenas um tapa, ou espancar sua bunda. Tapas no rosto são mais degradantes, mas eu gosto disso. Gosto de jogar com humilhação, de sentir que ela sabe que é minha para que eu faça tudo. Que desde seu fio de cabelo até sua unha do pé me pertence. Seu corpo inteiro, porra! Toda minha! E passarei feito um rolo compressor por cima de quem tentar tirá-la de mim.

Disciplinar a Maria significa condicioná-la a obedecer a certas regras. A cada dia, ela vai aprender mais sobre como andar na linha como minha propriedade. E quando sair dos trilhos, será delicioso puni-la de formas variadas.

— André... — chama, despertando-me. Lentamente, ela ergue o rosto e me fita. Suas bochechas estão vermelhas, um pouco inchadas, mas não com sinais de que ficarão marcas. Isso vai atenuar em algumas horas. — Quero tomar um banho.

— Posso dar banho em você?

— Não! — Sua voz sai sem energia, mesmo que seu rosto deixe clara a raiva por minha pergunta.

Não custou nada tentar, né?

— Ok. Toma um banho e depois vem aqui pra eu cuidar de você. Vou fazer o seu café, tá?

Ela assente e começa a fazer impulso para levantar, mas, antes disso, envolvo a sua cintura com meu braço e a observo, trazendo-a para perto.

— É sério, você foi maravilhosa! — elogio e, delicadamente, beijo suas bochechas, uma a uma, sendo cuidadoso a ponto de parecer que o rosto dela é feito de cristal.

Maria chia baixinho e faz um semblante de dor, que só é suavizado quando eu uno nossas bocas mais uma vez. Eu engulo seus lábios com fome, incapaz de me cansar do sabor gostoso que sua língua tem.

— Você foi cruel — reclama baixinho, ainda entre a minha boca.

— Obrigado, amor!

Maria resmunga e se afasta, mas eu a levanto em meu colo antes que tente o fazer sozinha. Levo-a aninhada em meu peito até a porta do banheiro, e só então a coloco no chão.

— Porta aberta! — ordeno, abandonando qualquer diversão em minha voz.

— Mas...

— Não vou repetir!

Ela respira profundamente, mas nem ousa erguer o olhar. Parece cansada. Maria adentra o cômodo, mas, antes que vá para o box, se volta para mim, girando o rosto por cima do ombro:

— Você vai me explicar por que me castigou?

Seus olhinhos estão inchados, e os cílios naturalmente longos ainda molhados. Eu não canso de admirar a beleza desses lábios se mexendo. Sinto vontade de voltar a prová-los, mas me obrigo a pensar em sua pergunta:

— Claro que sim. Agora tome o seu banho!

Eu não quero que ela feche a porta do banheiro, porque, geralmente, sou eu quem dou banho em minhas garotas após os castigos ou sessões. A pressão pode cair, fora que mexe muito com o emocional. Como ela faz questão de que eu ainda não a veja nua, estou abrindo essa conceção de deixá-la fazer isso sozinha. Só hoje!

Enquanto ouço o barulho da água desabando no box do banheiro, envio uma mensagem para o novo secretário do Ravina, perguntando sobre como está minha agenda do dia.

Igor: Bom dia, chefe! Tem uma tatuagem longa para o dia inteiro, que você dividiu em três sessões.

Eu: É o cara do dragão chinês?

Igor: Esse mesmo.

Eu: Vê com o Josiah se ele pode trocar e fazer essa pra mim, que pego alguma dele amanhã. Se a agenda dele estiver lotada, remarca o cliente, por favor! Tenho uma prioridade para resolver em casa.

A gente tinha fixado um aviso na recepção sobre contratar uma nova secretária, porque a Ana não estava conseguindo dar conta de agendar nossos serviços e ainda cuidar da vida pessoal dela. Então contratamos o Igor. Moleque maneiro, parece trabalhador. Até achei estranho quando chegou pra entrevista, todo fortão e alto, mas com cara de criança, branco pra caralho, mas tatuado à beça. Me lembrou o Josiah quando o conheci. Bom é que agora nossa agenda de serviço está sempre bem organizada.

Enquanto Maria toma banho, começo a preparar o café. Faço ovos mexidos, corto banana e salpico com aveia e encho um copo com suco integral de laranja para ela.

Após deixar a bandeja com o café sobre a cama, vou até o meu armário e pego uma das camisolas de alça da Maria. Em geral, chegam até os joelhos e são iguaizinhas às que minha mãe usa. Assim que Maria chega, enrolada em uma toalha, ofereço a ela. Maria estreita as sobrancelhas, e mais uma vez contemplo o quanto seu rostinho degradado fica perfeito.

— Acho que prefiro usar uma roupa para o dia a dia — fala, segurando a borda da toalha sobre os seios como se fosse um escudo.

Seus fios úmidos e embaraçados caem sobre as costas, deixando a mordida exibida para mim.

— Preciso limpar o ferimento no ombro. Suas roupas são, em maioria, de mangas — rebato, tentando decifrar algo em meio à neblina tomando seu olhar.

Maria dá de ombros e pega a camisola da minha mão. Parando atrás do biombo, deixa-me pasmo quando vejo a toalha caindo ao redor de seus pés minúsculos. É foda como sempre me vem o desenho perfeito e delicado para tatuar em alguma parte do corpo dela, mas acho que gosto de vê-la assim, marcada apenas por minhas mãos, dentes, e futuramente por meus instrumentos.

Quando minha prima sai, já está vestida. Me oferta, um tanto incerta, a toalha molhada para que eu a leve embora. E de bom grado eu o faço,

ouvindo os passos dela caminhando até a cama.

Coloco a toalha para lavar, jogo um pouco de água no rosto e escovo os dentes. Quando volto ao quarto, Maria já está na cama. Enquanto minha prima come, com o olhar meio distante, me pergunto se fui longe demais. Como não sou dado à insegurança, decido não alimentar incertezas sem sondá-la antes e ir pegar os itens para cuidar dela. Pego gel calmante, espuma antisséptica para o ombro e pomada cicatrizante. No banheiro, também pego uma escova de pentear e creme para cabelos.

Carrego tudo para a cama e me sento na borda dela. Observo minha prima se alimentando.

— Sua nova diversão favorita é me fazer de reality show?

— Você é um pedacinho do paraíso, então me deixe admirá-la!

Maria revira os olhos, mas até esse gesto é demorado, exibindo que está exaurida. Ela não come os ovos, nem bebe o suco. Apenas devora a banana e toma poucos goles do café. Quando termina, movimenta a bandeja para o lado e me encara.

Me arrasto até a bandeja e a levo para a cozinha. Quando volto, já me aproximo da Maria para iniciar os cuidados.

— Lavou o ombro direito? — indago, arrastando-me para o lado dela, sentando-me no meio da cama. Ela assente com um movimento de cabeça. Bato no colchão, chamando-a. — Vem pra eu cuidar de você, linda!

Maria bufa bem baixinho, mas joga a coberta para o lado e se arrasta até a minha frente. Senta-se diante de mim, com as pernas dobradas ao lado do corpo. A alça da camisola direita está caída, então tenho o vislumbre exato dos rastros cavados por meus dentes em sua pele. Com um disco de algodão, espalho a espuma antisséptica por toda a sua extensão. Eu quase sou capaz de sentir o brilho nos meus olhos. É uma sensação de satisfação tão grande ver a pele dela com minha marca. Eu fico doido imaginando cenários de quando ela for minha.

Eu nunca senti essa porra com mina nenhuma.

Tipo, fui apaixonado pela Isabela. Embora até hoje haja muito carinho por ela em meu coração, vejo que não passa nem perto de toda a explosão do que sinto pela Maria. E o que me despertou interesse na Isabela anos

atrás, foi ela ter dito uma coisa chave, algo sobre não querer ter filhos ou se casar. Isso me fez crer que éramos perfeitos um para o outro.

Com o tempo, conhecendo cada vez mais o quanto ela era traumatizada, percebi que a Isa nunca seria uma mulher que se encaixaria comigo. Foi foda ter que abrir mão dela na época e me afastar. Sei que, assim como eu precisava dela naquele momento, ela também precisava de mim, e foi uma das coisas mais difíceis que fiz, mas foi preciso. Depois, comecei a ficar com a Bia e terminei com a Isabela. No começo, a minha vizinha tinha ficado brava comigo, mas, quando soube que sou um sádico e que, por isso, entendi que nunca seríamos realmente um casal, aceitou. Ela também estava voltando a ficar com o Nate. No fim, eu nunca nem tive chance de ser amado pela Isabela, e nem ela por mim. Foi apenas uma paixão rápida e que nem envolveu sexo propriamente, embora nem uma paixãozinha eu tivesse experimentado por outra mulher antes dela.

Com a Bia, a cunhada da Isabela, tinha o fascínio de ver a pele dela marcada, o carinho da amizade e confiança que nutríamos um pelo outro, e todo o calor do sexo bruto que fazíamos, mas não isso. Não essa coisa que esmaga meu peito de um jeito insano, que me faz rosnar só de ver algum cara falando com a minha prima. Tudo com o Maria tem um gosto diferente, que não encontrei em canto algum. Não faço ideia se é porque estou ciente que é profundamente errado ficar com ela, ou porque sou um merda que se apaixonou pela prima, mas o sabor da Maria é de algo terrivelmente valioso.

— No que você está pensando?

Quando a voz da minha prima me desperta, noto que está me sondando bem de perto e com certa curiosidade, a ponto de seus olhos até parecerem maiores.

— Em você!

Minha sinceridade parece chocá-la. É quase como se um feixe de luz acendesse acima dela, porque Maria parece ter gostado tanto do que saiu da minha boca, que está reluzindo feito uma estrela. Feito a estrela perfeita que me faria matar quem a tentasse apagar.

— Algo bom ou ruim?

Ela lambe os lábios após perguntar. Dou um sorriso de canto, emplastando sua mordida com um pouco de *Nebacetin*. Demoro propositalmente a respondê-la, agora focando em passar um pouco de gel calmante em suas bochechas. Embora eu o faça com calma, minha prima solta alguns resmungos de dor. Quando toda a tarefa de cuidar da pele termina, aliso seu queixo e fixo os meus olhos nos dela, vendo a ansiedade crescendo em seus globos oculares.

— Acha mesmo que algo sobre você pode soar ruim pra mim? — brinco, deixando um selinho rápido em seus lábios. — Você sabe por que foi castigada, Maçãzinha?

— Acho que porque mordi você. — A voz dela é baixa, evidenciando incerteza.

— Exatamente — confirmo, pegando a escova de cabelos. — Vire-se!

Ela obedece de imediato, mas um tanto letárgica.

É por isso que não posso sair pra trabalhar. Hoje o dia é dela.

— Então te morder é proibido?

— Eu te mordo para te marcar como minha propriedade. Mas, em nossa relação, eu sou o que comanda, você é a que obedece. Me morder é proibido, porque você precisa entender sua posição no que temos.

— Eu não sabia que tínhamos algo — retruca, parecendo resgatar um pouco de sua audácia, quando começo a aplicar um pouco do creme branco em seus cabelos. — Eu disse que ia pensar na sua proposta. E só aceitei que me castigasse para ter ideia do que eu sentiria.

Meus braços paralisam com sua frase. Meu coração dispara e o jeito como minha garganta arranha é uma surpresa. Tenho medo do que ela vai revelar. E mesmo que eu esteja temeroso, não demonstro por tempo demais. Começo a deslizar a escova pelos cabelos dela, quase que de forma devota. Eu amo a porra desse cabelo. Como posso venerar cada pedaço de uma mulher que ainda nem se entregou por inteiro?

Eu tô fodido com essa Maçãzinha!

— E o que sentiu?

É a única pergunta que realmente me interessa.



CAPÍTULO 15

Um tempo



Maria

“Seu rosto assombra
meus únicos sonhos agradáveis
Sua voz expulsou
toda a sanidade em mim”.
My Immortal - Evanescence

André penteia meus cabelos com calma, esperando por minha resposta e fazendo meus olhos pesarem a cada vez que as cerdas deslizam entre os meus fios. A sensação no meu corpo é de esgotamento. Mas não ouso dizer que se resume a isso, seria uma enorme mentira. Desde que minha punição terminou, não consigo parar de pensar em como tudo o que eu tinha lido e estudado sobre sadomasoquismo fez sentido na prática, de joelhos no sofá. Tem muitas outras coisas rondando a minha mente. Vão desde a palavra “pecado” piscando como um alerta em neon, até a certeza de que o meu primeiro castigo teve um efeito exatamente contrário ao que eu esperava. Achava que poderia ficar com raiva o tempo todo e querendo revidar, que me sentiria imunda, ou até mesmo que todo e qualquer sentimento bom pelo André morreria após um castigo. Todas as minhas suposições e temores em relação a isso foram contrariadas.

Hoje foi o dia mais emocionante — positivamente — de toda a minha vida. Dei meu primeiro beijo pra valer. E não foi apenas um beijo. Eu tive o melhor primeiro beijo que alguém poderia ter. E tanta coisa evaporou de mim pela junção da nossa boca, fazendo o desejo parecer uma centelha diante do mundaréu de sentimentos que deixei escapar.

Eu sempre ficava imaginando como seria ser beijada, o gosto que teria, qual seria a sensação. Nunca cheguei a sonhar que seria intenso a ponto de sentir o poder daquilo infiltrando os meus ossos. É como ter uma descarga elétrica correndo pelas veias, acendendo cada pedacinho do corpo com desejo.

Sou uma boba emocionada, que está apaixonada e com toda certeza de que vai quebrar a cara. Afinal, o que poderia dar errado? Ele é só um sádico, apaixonado por facas, cheio de desejo para me deflorar. E ainda por cima é meu primo. Reviro os olhos, pensando na grande confusão em que estou metida até o último fio de cabelo.

O que não posso negar é que nossos beijos me obrigaram a parar de fingir que não o quero. Porque, droga, estou perdidamente doida por ele! Mesmo que tenha me castigado. Na verdade, acho que o quero ainda mais por causa disso.

André acaba de me perguntar o que eu senti com o castigo. Eu morri e renasci mil vezes de joelhos naquele sofá. Era como se eu tivesse uma peça faltando dentro de mim, então, com algumas bofetadas e seu cuidado sedutor, meu primo foi lá e a colocou no lugar. Cravando em meu peito a certeza de que, sim, sou uma masoquista.

Eu amei tudo aquilo. Amei a ardência de cada tapa, o medo crescendo feito um vírus dentro de mim, multiplicando-se por minhas células a ponto de me dominar inteira e eu não conseguir me segurar quando ele foi apenas ao banheiro. Imaginei que meu primo voltaria com algo para me amarrar ou amordaçar, e fiquei apavorada.

Ser castigada é desesperador e, ao mesmo tempo, uma compensação. Chorei. Sofri. A sensação é quase indescritível, suprema, capaz de embaralhar a minha cabeça e desordenar todos os meus sentimentos. Foi muito além do que li sobre o assunto e do que imaginei.

Acho que o mais próximo que consigo chegar de descrever o que senti naquele sofá é como a sensação de ter um aperto cravado no pescoço, mas não a do ar faltando e fazendo o pulmão queimar. É a do alívio posterior, aquele que chega com sua primeira sugada de ar. Quando você começa a sentir a vida voltando pro corpo após vê-la se esvair.

Eu sempre senti um buraco dentro de mim. Uma sensação eterna de não pertencer a nada, de não ser aceita ou querida, e que isso me fazia merecer sofrer. Um exemplo muito claro é a quantidade de vezes em que atravessei agulhas na minha mão quando pesquisei vídeos sobre sexo na internet para entender como funcionava, porque minha mãe não me explicava nada sobre isso. Me sentia tão culpada, que a única coisa que trazia uma onda de alívio imediato era me punir com dor. O alívio que vinha com a agulha atravessando a pele da minha mão era desesperador, mas parecia que morreria se não me desse aquelas doses de automutilação.

Pesquisando sobre o masoquismo na internet, vi várias mulheres comentando sobre isso ser uma característica da personalidade, e sobre toda a sensação de preenchimento que vem com uma relação com um sádico. É por isso o medo de me entregar ao André para fazer sessões ou ser sua propriedade. Porque sei que isso é muito maior do que apenas um jogo sexual. Nós dois somos doentes, nascemos assim. E minha religião não oferece absolvição para esses pecados. Ou seja, estou me condenando.

O resultado de me relacionar com o André pode ser muito mais caótico do que imagino, ou pode ser perfeito, uma salvação para o caos que mora dentro de cada um de nós e da fome absurda que sentimos por essas coisas sujas e, de certo modo, belas. É como lançar uma moeda no ar e não fazer ideia de qual face vai dar. Um tiro cravado no escuro.

Esse castigo não me pareceu algo sexual, mesmo que eu tenha encontrado umidade escorrendo pelas laterais da calcinha e indo até as minhas coxas. Esse castigo foi mais como se ele estivesse exercendo poder, embora por si só seja bem sensual.

E entendo que é perigoso. Porque, durante o castigo, a cada vez que o André fazia carinho em mim, me fazia venerá-lo. É muito louco entender isso. Que ficava grata a cada consolo que dava por me esbofetear.

E não tem a ver com um abuso contra mim, porque, mesmo que os limites de consensual entre nós dois sejam bem tortuosos, eu o permiti que me castigasse.

Tem uma dúvida me aterrorizando: qual é o limite entre apenas jogar com ele e me tornar dependente emocionalmente? Pelo que entendi por

experiência própria, a dor física não é a única questão nesse jogo. Existe um fator psicológico atuando nessa relação de punição e consolo. O masoquista gosta de ser humilhado, sente prazer em tudo que o sádico faz, e o prazer é também emocional. Mas não quero me afundar nessa lógica para não enlouquecer. O mais importante aqui é o que André fez comigo no sofá, e parece uma droga, extremamente tentadora por causar sensações potentes, mas é quando vicia que pode destruir.

E volta e meia é como se eu ouvisse a voz do próprio diabo sussurrando ao meu ouvido:

"Ele vai te destruir!".

— Eu me senti... — tento colocar em palavras tudo o que está girando dentro de mim. Luto para organizar as emoções embaralhadas antes de dar as cartas. — Eu me senti caindo na sua armadilha.

Sinto quando a mão do meu primo trava, mas poucos segundos se esvaem antes que ele volte a correr a escova pelo meu cabelo. Tenho certeza de que já tem minutos que o desembaraçou. Ainda assim, André permanece os penteando, como se fosse algo que ama fazer.

— E isso é bom ou ruim?

Como a voz dele pode parecer tão segura e, ao mesmo tempo, tão assustada?

— Me diz você. — Me ajeito na cama para ficar de frente para ele e poder ver o que há dançando em seus olhos escuros. E, surpreendentemente, agora sou eu quem está causando medo no sádico. Porque é insegurança o que toma o rosto dele. — Estou até agora presa nas tramas da armadilha de um animal feroz, e sem a menor vontade de tentar sair, embora eu saiba o caminho. — Seus lábios entortam para um lado, o que enruga os cantos dos seus olhos. Tento desviar da sedução que seu sorriso se alargando se torna. A extraordinária camada de luz tomando o seu rosto é algo inédito. — Você fica tão lindo assim — sussurro, erguendo a mão e alisando sua bochecha. As surpresas continuam quando ele fecha os olhos, se entregando totalmente ao meu carinho. — Deveria sorrir mais.

É como se eu tivesse apertado um botão. A diversão some, e as trevas fazem a luz recuar no rosto dele, que segura meu pulso no ar e afasta minha

mão. É apavorante ver os olhos do André perdendo a vida, quase virando cinzas. Tão distantes, que fica bem claro o quanto a mente dele não está aqui. Deixo minhas mãos despencarem ao lado do meu corpo.

Quero chamá-lo. Trazê-lo de volta. Perguntar se tem a ver com o que aconteceu com ele no passado, se quer desabafar comigo... Mas sei que esses olhos tomados por trevas anunciam que ele está erguendo uma muralha entre nós.

Pelo visto, mirei em um elogio e acertei em um gatilho.

Empurrando meu receio por minha garganta ressecada, faço a única coisa que consigo pensar. Rastejo pelos rasos centímetros que nos separam e monto de frente em seu colo.

Como pode ser um erro querer ficar agarrada nessa pele cheirando a bad boy e perfeição, quente como o melhor agasalho do mundo, e musculosa pra caramba? Deito apenas a testa acima de seu peito, evitando encostar as partes doendo em meu rosto.

Minhas mãos passeiam por suas costas, deixando consolos enquanto me sinto horrível por ter disparado algo pesado nele. Não foi minha intenção, poxa! Era um elogio. Eu amo vê-lo sorrindo, então como iria imaginar que ele seria jogado nas lembranças do...

— Então você vai aceitar o acordo? — Sua voz grave e com pouca emoção me desperta, mas suas mãos envolvendo minhas costas e me apertando tanto, a ponto de parecer temer que eu escape, me fazem amolecer sobre suas coxas. Revido, exprimindo meus sentimentos no abraço forte que lhe dou. — Vai aceitar ser minha?

— Eu não consigo mais negar que gosto de você, André — revelo, vendo a esperança crescendo em seus olhos e inundando sua face inteira. É tão estranho ver alguém me querer tanto, quando todo mundo fez com que me sentisse indesejada. — Acho que foi necessário viver essa experiência com você para poder saber como é, para refletir melhor sobre o que quero.

— E como foi para você? Foi o que esperava, Maçãzinha?

— Foi terrivelmente incrível. E nada perto do que imaginei — confesso, correndo as mãos para o peito dele e alisando, me entregando de vez à vontade de tocá-lo, senti-lo, sem ligar para receios, seja com mãe ou

religião. Eu não quero pensar em nada disso agora. — Mil vezes melhor. O mais sinistro é o quanto me senti preenchida com essa vivência.

— Isso significa que está aceitando ser minha masoquista?

É muito mais difícil do que imagino abrir a boca para dar sua resposta:

— Não, André. Ainda não tive o tempo necessário para entender tudo isso, o lugar que essa descoberta de ser masoquista tem dentro de mim — explico, sentindo que estou caindo de um precipício com os ombros dele se curvando e uma decepção profunda se exibindo em seu semblante. Mesmo que estar nessa situação, completamente perdida e apaixonada pelo homem por quem não devo me apaixonar, seja inteiramente culpa dele, de sua ousadia, sedução e insistência... — Acho que preciso de tempo. Sem pressão ou novos castigos, para poder me decidir.

São poucos minutos sem que qualquer um dos dois emita algum som, mas parecem horas. Enfim, meu primo toma fôlego e diz:

— Quanto tempo?

Afasto o rosto, espalmando as mãos em seu peito para nos separar um pouco. O rosto dele está tão estranho agora. Não está tão frio, mas segue inerte em trevas.

Sei que é errado com meu próprio coração continuar fazendo isso, porque sinto lá no fundo da minha alma que o André vai me magoar. Mas, decidindo contrariar todo o meu senso de autopreservação, uno nossas bocas. É um beijo tão leve, gostoso... e... lindo. Sugo seus lábios inferiores, e nem me importo se o estou beijando bem ou não. Apenas quero nossas bocas unidas, torcendo para que isso de algum jeito o console.

— Você é tão perfeita, Maria! — elogia, com suas mãos segurando meus quadris e sutilmente os apertando. Não há dureza em sua cueca agora. Não há divertimento ou provocação. Há apenas uma densa tristeza no meu primo. — Gosto do seu cheiro — confessa, puxando minha cabeça para si e afundando em meu pescoço. André o cheira, morde, depois deixa um suspiro profundo sobre ele. — De quanto tempo você precisa?

Quanto tempo é necessário para pensar em algo assim?

Me entrego a uma relação que, embora não seja condenada pela lei, é profundamente malvista na minha comunidade religiosa e também pela sociedade? O rosto dele roça de leve em minha bochecha quando se afasta, o que me faz gemer de dor. E aí acontece, como se fosse uma injeção no pau dele, que o deixa duro abaixo de mim em segundos.

Eu arfo, sentindo meu ventre começar a esquentar com esse volume roçando contra o meu meio. E só agora me dou conta de que estou sem calcinha. Penso em sair de cima dele, mas não quero chamar atenção para o fato de estar sem peça íntima, então resolvo prosseguir com a conversa:

— Duas semanas, acho... — chuto, sem ter a menor ideia se posso me resolver antes disso, ou precisarei de mais tempo.

— Sem problemas.

Demonstrando sua total capacidade de operar nossos corpos como bem entende pela cama, em poucos movimentos, André nos coloca de conchinha, comigo deitada de lado, encaixando-se atrás de mim.

— Então você vai me esperar pensar na sua proposta por esse tempo?

— Enquanto você pensa, continua tudo como está, certo?

Balbucio uma breve concordância, mas completamente desconfiada da facilidade com que parece concordar. Ele acabou de dar um passo muito grande comigo, me castigando sem que eu tenha aceitado ser dele. E tem sido bem insistente e decidido a me ter para si, então como concordou tão fácil em esperar duas semanas?

— Continuamos sem castigos e você não vai me pressionar a aceitar, apenas como primos! — arrisco a imposição.

— E quanto a beijos e dormir juntos? — Tenta me conquistar com beijos castos e mordiscadas na pele do meu pescoço, que fazem arrepios percorrerem da base da minha coluna até a nuca. Ele alisa a minha barriga, depois a aperta de leve. Fecho os olhos, sentindo a umidade se amontando lá embaixo. — Esperamos quinze dias também?

— Não sei... Apesar de você ter me forçado a isso, gostei de dormir com você — confesso, alisando o seu braço, que segue sustentando o peso dos meus seios, abraçando minha barriga. — E acho que gosto muito de beijá-lo.

— Você ACHA que gostou de me beijar? — finge estar bravo e faz breves cócegas em minha axila, me fazendo saracotear na cama e gargalhar.

— Ok! — Sou vencida por seu golpe baixo. — Eu amei te beijar!

— Agora, sim! — rosna, beijando a parte de trás da minha cabeça com certa força, como se estivesse com raiva mesmo em meio à brincadeira. — Bom, o acordo que ofereci envolvia ser exclusivamente seu, te dar satisfações de minhas saídas e tudo mais. Enquanto você não aceita, fica tudo como está. Continuo levando minha vida sem o acordo.

Sua frase é uma tijolada capaz de fragmentar todo o meu ser. Não esperava ouvir isso, embora saiba que ele não é meu namorado e não me deve fidelidade. Porém, André está tentando me conquistar. Se quer uma resposta positiva, o mínimo é tentar ser decente, e não a droga de um galinha. Só não o afasto de mim porque a necessidade absurda de ter a pele dele perto ainda mora com força em cada átomo meu. Tenho certeza de que essa dependência é algum sintoma pós-castigo. Esgotei todo conhecimento que poderia ter sobre o assunto nessas semanas, e agora reconheço cada sintoma em mim do que foi relatado por outras masoquistas nos sites que visitei.

— Ok! — respondo, embora algumas lágrimas de raiva se acomodem em meus cílios.

O silêncio, tomando o quarto feito uma nuvem anunciando um temporal, berra por todos os lados. E embora ele doa, uso-o ao meu favor para tentar dormir e melhorar um pouco do cansaço que estou sentindo.



CAPÍTULO 16

Provocar



“Enquanto eu pareço dormir
Mal sabe você que todos os meus erros
Estão lentamente me afogando”.
Little Do You Know - Alex & Sierra

Harry joga o controle do videogame no sofá e xinga bem alto após ser morto pelo avatar de uma mulher usando um traje de urso rosa no *Fortnite*.

— Essa porra dessa garota é uma filha da puta, só quer saber de me perseguir! — reclama, pela centésima vez no ano, sobre a tal mina que consegue entrar em todas as nossas partidas online para encher o saco dele.

Ela o persegue em todos os jogos só para matá-lo.

Dou uma risadinha. Pode ser até um homem do outro lado, mas ele jura que é uma garota pelo jeito que escreve no chat ao debochar da cara dele sempre que o derrota no *Gang Beasts* ou *Fortnite*.

Tem dois dias que saio do Ravina e venho aqui para o apê dele jogar ou ver série. Faço hora até a meia noite, e depois atravesso a rua, cruzo o condomínio e entro em casa, para encontrar uma Maria emburrada e que me ignora, mas mal consegue recusar meus beijos ou a dormir de conchinha comigo.

Fazer o meu amigo guardar segredo do Josiah de que apenas estamos ficando em casa para fazer ciúmes na Maria é o mais foda. Harry fica me obrigando a comprar *V-Bucks*[12] no *Fortnite*[13] para ele como premiação por seu sigilo. Jow é meu mano, mas ele vai acabar soltando pra Ana, que vai correr e contar pra minha prima que estou querendo enciumá-la como estratégia para aceitar logo o meu acordo.

Meus amigos já sabem sobre a Maria ser masoquista, eu estar perdidamente doido por ela, e sobre toda a merda envolvendo religião, nossos

laços familiares e os valores morais da minha prima que ela precisaria quebrar para poder se entregar a mim.

Eu sempre fui monogâmico, ou seja, se eu estiver sério com uma mulher, não me interessarei por outras. E como estou louco pela Maria, não faz o menor sentido querer sair e foder qualquer outra. Nunca fui galinha, e só porque ando chegando tarde, Maria andou dizendo para as garotas que eu sou. Bater uma punheta pensando na minha prima já é o suficiente para me aliviar. Embora eu preferisse poder fazer isso em alguma parte do corpo tentador dela.

— Até quando tu vai ficar nessa? — Harry se vira para mim e pergunta, com uma carranca do caralho.

— Nessa? — Dou uma golada na lata de Brahma, quase colando uma sobrancelha na outra.

— Por que não pede logo sua prima em namoro? Não é o que ela quer?

— Ela quer se casar virgem. — Dou de ombros, lembrando do que Maria me disse sobre seu sonho colorido de ter uma família e um marido perfeitinho. Quando dou por mim, estou amassando o caralho da lata e com cerveja escorrendo pelos meus dedos. Irritado, levanto, caminhando pelo piso vinílico cinza e indo até o balcão da cozinha para caçar um pano e limpar a sujeira que fiz no sofá de couro caramelo. Seria bom que o Cristian me ligasse com algum servicinho imundo em que eu pudesse liberar minha podridão e um pouco de ódio na pele de um daqueles filhos da puta. — E você sabe que eu não quero me casar.

Enquanto volto para perto do meu amigo, deixo meus olhos circularem ao redor, por paredes que passeiam entre verde musgo e preto, com armários de madeira, detalhes em ferro e objetos de decoração rústicas encontrados vez ou outra pelo loft.

— Então vai arriscar que ela canse de você um dia? Maria quer casar, e você repele isso como se fosse uma doença mortal — Harry diz, com o tom de voz de quando está tendo um papo profundo. — Você tá todo emocionado pro lado da mina, apaixonado, cheio de ciúmes... fora que ela é masoquista cara! Sua prima é teu encaixe perfeito! Por que não se declara logo e tenta dar o que ela quer?

— Dar o que ela quer? — Quis rir. — Ela quer casar e ter filhos. Cara, tu entendeu isso?

— E daí? Tu acha mesmo que com o tempo não vai querer ter um filho ou se casar? — eu bufo, com a culpa me dominando quando me lembro do quanto sou covarde e não tenho coragem de contar aos meus melhores amigos sobre minhas piores merdas. Me abaixo e passo um pano no sofá, limpando a cerveja. — Acho que vocês se conhecem há pouco tempo para pensar num casamento, mas a Maria vive numa frequência diferente da nossa. Ela decidiu confiar em você para o lance do castigo, tá claramente apaixonada. Então, ao menos tenta ser mais flexível e oferecer algo decente a ela, ao invés de só já querer que ela seja sua masoquista.

— Desde quando tu virou cadela da minha prima? — provoco. — Tá de TPM, amigo? Tá tão sensível.

— Vai tomar no teu cu! Tô te dando o papo certo. Depois não vai ficar chorando quando ela juntar a grana dela, meter o pé da tua casa acertando um belo chute no teu rabo.

Me jogo ao lado dele, olhando meu relógio de pulso. Já são quase meia noite. É claro que as palavras desse cuzão que eu amo como se fosse um irmão penetram minha mente. E cavam fundo, acendendo e disparando alarmes de medo quando penso na possibilidade dela indo embora. De viver naquela casa apagada, sem a vida que ela trouxe. Isso me desespera, me faz ter certeza de que iria atrás dela, que a traria de volta de qualquer jeito, porra! Ela é minha! Mesmo que não aceite. Mesmo que lute contra isso. Eu já consegui me carimbar na pele dela, do mesmo jeito enfeitiçado que Maria se carimbou em mim.

Mas Harry nunca entenderia minhas ressalvas com o que a minha prima espera de mim.

Eu não tenho como oferecer algo assim a ela.

Meu mano tem razão em me fazer enxergar que Maria foi criada de um jeito muito conservador. Que tem valores diferente das mulheres que eu costumava sair. E eu sei que sou muito filho da puta por a querer a todo custo, inclusive sabendo que nunca me casaria com ela. Que nunca poderia dar um filho a ela, mas, ainda sim, a quero e consigo imaginar cenários perfeitos pra nós dois.

— Por que você não a leva à praia?

— Hã?

Do nada, o puto troca o assunto para isso?!

— Praia, caralho. Tá com uma piroca no ouvido?

Liberto uma gargalhada.

— Essa mina do jogo tá mexendo com os seus hormônios.

— Foda-se! — ralha, olhando de soslaio para o vídeo game e cerrando os cílios com ódio. Então se volta para mim, que coço meu saco e me esparramo ainda mais no sofá. — Eu tava lá filando o almoço na Ana outro dia e ouvi a Maria falando para as meninas que nunca foi à praia, o quanto seu sonho era conhecer o mar. Acho que você poderia fazer algo maneiro e a levar para realizá-lo.

Ela nunca foi à praia? E por que não me contou sobre isso? Na verdade, me lembro de algo que faz essa informação que o Harry trouxe ter bastante sentido. Meu pai costumava me contar, nas nossas ligações semanais para eu saber como ele estava, sobre minha mãe viver reclamando da tia Isaura, alegando que ela prendia demais a filha mais nova, e que a menina ia acabar tendo um colapso sendo tão sufocada. É foda como eu esqueci completamente essa informação. Na verdade, como era algo que eu cagava, até entendo ter riscado da mente.

Penso na ideia do Harry. Eu poderia levá-la para uma viagem. Talvez para um local com montanha e praia, como Angra dos Reis, e pedi-la em namoro. Porque, talvez, se ela for minha namorada, já seja algo com o qual consiga lidar melhor e aceite de vez ser minha. Nessa viagem, ela veria o mar e... Depois eu poderia a levar para acampar.

Porra! Olha como eu sou imundo... Penso em ver os olhos dela brilhando ao realizar um sonho, em torná-la minha namorada, e na sequência a imagino correndo para não ser castigada, e depois a pegando, e então... Utopia. Mesmo se ela aceitasse a porra do acordo, ainda seria sem poder me dar o meu final feliz na caçada. Um jogo com perseguição não teria tanto sabor se não terminasse a fodendo.

— Obrigado pelos conselhos! — agradeço, tocando o ombro dele. — Reconheço que você tem razão em alguns pontos.

— Que bom! Gosto de tu, mano. E acho que nunca te vi interessado assim numa mulher. Então, só não estraga tudo. Não quero ver você sofrendo como vi o Josiah.

Meu coração aperta como se eu fosse frágil, e não o homem feito e filho da puta que realmente sou, quando lembro do que rolou com o Josiah. Realmente, eu não quero passar por uma merda assim, nem de longe. Já tô fodido até a alma.

— Eles vão pra uma baladinha em casal amanhã. Nate, Josiah e as garotas — meu amigo conta, pegando um dichavador na mesinha ao lado do sofá e começando a moer a maconha. — Por que não leva tua mina?

Aceito quando ele me dá um papel seda e, depois que coloca a erva sobre ele, começo a bolar o baseado que vamos dividir.

Foda-se! Quero aliviar meu corpo fumando um.

Maria tá fodendo muito a minha mente. Ela conseguiu se entranhar em cada órgão do meu corpo, me dominar por dentro e me fazer pensar nela a porra do dia inteiro. E odeio o desespero que sinto quando penso na minha prima indo embora. E no quanto é possível que aconteça em breve. Que ela junte mais dinheiro e suma com a mãe, me deixando para trás e me riscando da sua memória, como já ameaçou fazer.

Dou um sorriso singelo quando me lembro do dia em que cheguei em casa e Maria estava passando nossas roupas, a primeira coisa que ela me perguntou foi sobre quando comecei a ser maconheiro. Disse que sentiu o cheiro em minha blusa, e que reconheceria de longe porque tinha vizinhos que usavam e o cheiro entranhava-se nas coisas da casa dela. Ela morava em uma casa muito pequena, colada em outras num dos becos da favela. Provavelmente, era por isso que sentia tanto o odor.

Contei a ela detalhadamente sobre a escola, e sobre ter fumado muito com meu pai quando era mais novo e estava terminando o ensino médio. Ela disse que ia falar pra minha mãe que meu pai me deu drogas, mas eu caguei. Embora sua ameaça tenha soado infantil e até fofa. Dona Vanessa sabia que meu pai fumava comigo. E não, eu não o odeio por isso. Ele me deu algo para aliviar meu sofrimento quando eu estava quase morrendo. E nem é um vício. Fumo raramente. Em geral, quando tô mais ansioso.

— Não sei se ela vai querer ir. Eu a vi mandando áudio para a Ana outro dia e combinando de ir à igreja.

— Como ela está com o lance de vocês serem primos? Tem religiões que não aceitam bem essa coisa.

— Você vai se chocar se eu disser que acho que, dos problemas, esse parece o menor? Acredito que ela realmente liga mais pro que a minha tia pensa.

— E a mãe dela ainda não apareceu lá no La Grassa?

— Ainda não.

— Se eu fosse você, eu a chamava para a balada. Vai ser uma noite pra deixá-la mais animada, beber com as garotas, dançar. Maria não viu muito do mundo. Você deveria apresentar coisas novas a ela e fazê-la mais feliz.

— Tu não acha que tá sabendo demais da minha prima? — Agora estou com uma ira crescendo no meu peito, me perguntando se, nesse tal almoço na Ana, ele ficou de papinho com a minha mina. — Fica de assuntinho com ela que arranco tuas bolas.

— Eu não sou talarico, não, seu arrombado! Tô te dando o papo do que eu observei.

— Vai observar minha rola!



Giro a chave na fechadura, sendo o mais silencioso que consigo. A casa está escura quando entro, e apenas uma faixa quase inexistente de luz escapa pelas frestas da porta do banheiro, o que faz com que não fique inteiramente entregue à penumbra.

Diferente dos outros dias, Maria não está lendo ou assistindo televisão. Ela costuma me esperar acordada e, feito uma esposa ou namorada ciumenta, fica de cara feia e encara o relógio sempre que dobro a porta.

Estou surpreso por vê-la dormindo, com seu rosto completamente sereno quase imerso em sombras. Seus cabelos escuros estão presos no costumeiro rabo de cavalo, e seu corpo está completamente enrolado abaixo de um grosso edredom.

Calçando apenas meias, caminho até a cozinha, tirando a blusa branca no trajeto. Eu a coloco no cesto de roupas do banheiro e, seguindo para fora, vou até o micro-ondas. Hoje não tem prato de comida nele, o que, ao mesmo tempo em que me faz rir por ver sua ravinha começando a crescer, também me deixa estranhamente chateado. Gosto quando ela tenta cuidar de mim.

Falando em cuidado, enquanto finalmente entro no banheiro e começo a tirar as meias, me lembro que preciso checar o ombro dela. Mesmo que eu não queira acordá-la, precisarei limpá-lo. Maria não mexe nele sem mim,

obedecendo o que ordenei, apenas o lava no banho e me espera. Quando cuidei da mordida ontem, vi que já deu até casquinha nos furos mais fundos. As unhas já estão curadas, mas as mantenho curtas para evitar que ela as machuque, porque já flagrei minha prima tentando machucá-las várias vezes.

Antes de tirar a calça jeans, pego a pequena caixinha de veludo em meu bolso frontal e coloco sobre a pia. Meu coração acelera quando olho para o compartimento, ansioso para saber o que Maria vai achar disso. Se vai gostar do que comprei para ela. Ao menos para mim, já tem bastante significado.

Relaxo no banho pelo máximo de tempo que consigo, limpando a sujeira e o cansaço do dia. Também não quero deitar do lado da Maria fedendo a baseado ou cerveja. Por isso, escovo bem os dentes e passo um pouco de desodorante corporal.

Com uma toalha branca enrolada no quadril, caminho com a caixinha nas mãos, em direção ao quarto. Estou quase na ponta dos pés, desejando ter o peso de uma pena e não a acordar. Quando deslizo a porta do guarda-roupas para o lado, percebo o medo que sinto de causar qualquer ruído e atrapalhar o sono da minha Maçãzinha. Apoio o presente em uma das prateleiras do guarda-roupas, caçando uma cueca. Como ela está dormindo e de costas para mim, me arrisco a tirar a toalha para colocar uma boxer branca, com preguiça de ir para trás do biombo. É só então que ouço o gritinho.

Fico paralisado, arrepiado até nos pelos do saco com o susto. Me arrisco a olhar por cima do ombro em direção à cama, e vejo uma Maçãzinha sentada, com as costas na cabeceira de ferro da cama e tapando o rosto.

Eu não deveria reagir assim. Ou melhor, ele não deveria. Meu pau, que antes estava todo encolhido, resolveu disparar feito uma flecha. Abro os lábios em um sorriso e então passo a cueca pelas pernas, acomodando meu pênis de lado. Vou até um interruptor ao lado do guarda-roupas e acendo a luz.

— Estava fingindo dormir, linda? — pergunto, com o coração, antes à beira de um infarto, agora se alegrando. — Isso que dá ser uma coisinha sonsa.

— Ugh! Você deveria ter se vestido no biombo! — fala, ainda com os olhos tapados. — Se vista logo, seu filhote de demônio!

Me xingando? Olha como anda abusada! Ainda assim, gargalho, adorando que ela mesma é quem está me dando as peças para que movimente o tabuleiro e lhe provoque ainda mais.

Não digo que já me vesti, apenas jogo a toalha molhada por cima do biombo, pouco me importando para ver se caiu no chão ou não. Pego o presente e vou até a cama. Maria está rosnando e reclamando baixinho, ainda escondendo o rosto, como se já não tivesse sentido meu pau contra o corpinho dela em diversas ocasiões.

— Tenho um presente para você! — conto, me arrastando de joelhos pela cama. — Não quer ver o que é?

— Achei que estivéssemos conversados! — relembra, com a voz abafada por suas mãos. — E seu pênis não seria nenhum presente, seu tarado!

— Essa doeu! — brinco, me sentando tão perto dela, que um dos meus joelhos roça sua coxa direita.

Ela estremece.

Seu peito infla.

Sua garganta sobe e desce.

Maria está com as pernas cobertas, usando uma das minhas blusas, como de costume. Resolveu adotar de camisola. E adoro vê-la assim, com o rostinho amassado de sono, o cabelo todo bagunçado.

Seus peitos, que têm um tamanho médio, estão duros, e minha boca inunda com a vontade maldita de sugar um a um, até deixá-los a ponto de sangrar, arrancando gemidos altos dessa safada com cara de santa.

— André, se veste logo!

Decidido a tentá-la, monto em sua frente, um joelho de cada lado do seu corpo. Meu membro, contido pelo tecido, está na frente do seu rosto. Maria se encolhe, parece querer fundir as costas na cabeceira da cama e se enfiar entre a parede, sentindo pela proximidade a exata posição em que me encontro.

Não querendo esperar mais, abro a caixinha contendo a joia. Uso certa força para conseguir arrancar uma de suas mãos da frente do rosto. Maria continua de olhos fechados, vermelha feito um tomate e cerrando tanto os cílios, que poderia esmagar os próprios olhos.

Com calma, consigo arrancar o anel de ouro branco da caixinha, descartando-a, e imediatamente o objeto de veludo azul cai na cama. Sua mãozinha magra está quente. Quando deslizo o anel em seu dedo fino e quase infantil, agradeço mentalmente a Isabela por ter sugerido que comprasse o menor número que tinha, quando a telefonei para pedir uma ideia do número do dedo da Maria, fazendo-a jurar que não contaria nada. E pela maneira como Maria reage,

sei que não o fez. Observo cada reação da minha prima. Vejo como sua feição muda, com um sorrisinho se arrastando lentamente por seus lábios, suas sobrancelhas se elevando com a surpresa, porém, com os ombros agora mais relaxados. Ainda sem ter coragem de abrir os olhos, ela apenas tira a mão que ainda cobria o rosto e toca o dorso da outra. Seus dedos deslizam sobre uma pequena maçã vermelha no topo do anel.

Quando estava saindo do trabalho hoje, feito um golpe do destino, meus olhos bateram direto na vitrine da joalheria ao lado do Ravina. Foram sugados feito ímãs para essa peça, e eu soube que foi feito e colocado ali pelo destino e pertencia a minha prima. A maçã mais perfeita do mundo. Gastei uma grana nele, mas teria gastado o triplo se fosse necessário.

— Abra os olhos! — ordeno o mais sério que consigo, tentando assustá-la como tática para que obedeça. Quando ela não o faz, o diabo resolve cutucar minhas costas com seu tridente e me vem a ideia mais suja e gostosa que eu poderia ter. Deixando qualquer escrúpulo de lado, guio sua mão enfeitada com a joia direto para a minha cueca, pousando-a com tudo contra o meu pau. Ele reage tão rápido, que o sinto vibrando a ponto de doer contra sua mãozinha minúscula. Eu aperto seus dedos em minha pica com força, querendo que ela sinta o que faz comigo. — Estou vestido, Maçãzinha.

Maria arfa alto, em choque, tentando dar um tranco com o braço e afastar a mão. Só então abre os olhos. Tem tanta ansiedade neles, na maneira como me encara por cima dos olhos... Tão fodidamente submissa.

— Para que tanto choque? Você acaba de ver o meu pau.

— Eu quase não vi nada! Você estava de costas — contradiz.

— Ainda posso exibi-lo no claro e bem de pertinho.

— Vai se ferrar! — xinga, e, antes que possa observar o anel, enfio a mão em seu pescoço e a puxo para cima, colocando-a de joelhos na base da força e aproximando as nossas faces, dominado por uma onda de fúria potente por seu desrespeito. — Desculpa!

— Sabe o acordo que fizemos? Vou quebrá-lo e castiga-la com tapas na boca se voltar a me xingar — aviso, tão perto da boca dela, que fica impossível de me segurar e a beijo.

Não há resistência. Muito pelo contrário, há entrega, quando ela embrenha as mãos em meu rosto e se lança ainda mais para perto de mim. Maria me beija de volta, com vontade, com necessidade. Sua língua gostosa, com sabor de

refrigerante e pasta de dente, invade com tudo a minha boca. Engulo cada gemido e arfada que ela solta, e tenho certeza de que muito tempo se passa com nossa boca fundida, com a minha mão apertando a bunda dela com raiva, com fome, com vontade de entrar na pele dela.

Me sento na cama, puxando pelo quadril para sentar no meu colo, e de bom grado, tão desesperada quanto eu por trocar carícias, me monta de frente. A cada vez que a aperto, ela se mexe, intensificando nosso beijo e deslizando as mãos, descendo-as por minhas costas desnudas. Uma delas sobe até a minha nuca, e a outra alisa minha lombar.

Quando percebo, em meio a nosso amasso, minha mão já se enfiou embaixo da blusa, circulando as bordas da calcinha comportada dela. Maria endurece o corpo. Quando ouso abrir os olhos, há algo muito saboroso neles: medo e muito desejo.



CAPÍTULO 17

Desabafo



Maria

“Olha só o que você me fez fazer
Eu não gosto das chaves do seu reino
Elas já pertenceram a mim”.
Look What You Made Me Do - Taylor Swift

Estou tão assustada, que meu peito palpita e minhas mãos tremem em contato com a pele dele. A intensidade do momento está me afogando em sensações de desejo, ansiedade e medo. Ele está com suas mãos enxeridas abaixo da minha blusa. Eu a sinto em minha bunda, tentando se afundar em minhas dobras, como se seus dedos fossem feitos de ferro em brasas, prestes a marcar minha pele com seus apertões dolorosos.

Nossos lábios estão separados apenas por milímetros de distância, nossos olhos, enredados no magnetismo um do outro. André consegue me puxar para a frente com suas mãos no meu traseiro, tentando, a cada vez que se move em minha pele, se enfiar mais abaixo do tecido da minha calcinha.

Está difícil reagir, mandá-lo parar, ainda mais quando sua boca, que é uma das coisas mais erradas e saborosas do mundo, volta pra mim. Meu primo toma meus lábios com tanta vontade, que é impossível segurar algum tipo de ruído de prazer de escapar da minha garganta.

— Olha o que você me faz fazer! — André sussurra, agora com a boca contra o meu pescoço, injetando arrepios em minha espinha. — Eu tinha prometido que iríamos nos beijar e apenas dormir juntos, e agora tudo

o que eu quero é poder socar o meu pau o mais profundo possível na sua boceta, Maçãzinha.

Palavras imundas e quentes. Minha calcinha é inundada com tanta facilidade por essas palavras, que chego a tentar roçar as coxas para conter as sensações.

Olha o fundo do poço onde você está afogada, Maria!

E pensar que minha mãe tentou me livrar da morte, mas me enviou direto para minha condenação eterna.

— Olha o que você me faz fazer... — choramingo, usando suas palavras, que mesmo capazes de fazer cada pedaço meu borbulhar com temperaturas altíssimas, também me despertam para a realidade. Estamos indo longe demais. — Precisamos parar!

Afasto as mãos dele de mim com certa luta, mas não lutando com ele. Lutando contra mim mesma e minha vontade absurda de querê-lo mais. Me arrasto para o lado, sarrando os seios nele para sair do ponto onde me encurralava. Meus mamilos doem, mostrando que podem ficar ainda mais excitados e sensíveis quando se trata dos estímulos do André. Mas não dou margem para que ele tenha espaço pra me agarrar mais, indo em passos curtos, porém rápidos, até a sala e me sentando no sofá.

O ar da casa está tão gelado, que eu estava dormindo de edredom. Agora, o calor que nossos corpos unidos estava gerando poderia ofuscar o sol. Estou coberta de suor, abanando-me com os dedos. E só então, após tanta euforia com os beijos amaldiçoados daquele íncubo[14], é que reparo na preciosidade brilhando em meu anelar direito. É um anel delicado, parece ouro branco. Tem uma maçã brilhando no topo dele, que faz meu coração derreter e depois levar meu corpo junto, tornando-me líquida sob o efeito desse presente.

Meus olhos brilham, eu posso senti-los cintilando. André está deitado de lado na cama, em meu travesseiro, apoiando a bochecha em uma das mãos e sorrindo ao me observar. Seduzida demais, fraca demais, apaixonada demais, volto para a cama e me embrenho em sua frente, recostando minhas costas em seu peito. Ficamos de conchinha por alguns segundos, antes que eu tenha coragem de dizer:

— Obrigada! — Aliso o braço que ele enrola ao redor da minha barriga. — É perfeito!

E pensar que eu estava com a mente a ponto de explodir com a demora do meu primo em voltar pra casa. Estava com tanta raiva, que preferi fingir que estava dormindo para não ter que falar com ele. E se não fosse o André ter ficado pelado no meio do quarto, me fazendo ter um vislumbre breve da coisa imensa que tem no meio das pernas, eu teria conseguido.

Como pode algo assim caber no meio de uma mulher? E nem estava duro como vi nos vídeos, e apenas vi de relance.

— Maçãzinha, por que nunca me contou que tem o sonho de ir à praia?

Sua pergunta me faz juntar as sobrancelhas.

Harry, aquele linguarudo!

— Ué... Não vi abertura para abordar isso. — Sou direta, sentindo o toque dos dedos dele se fechando em minhas costelas, como se estivesse bravo. — Por quê?

— Quero que me conte os seus sonhos. Se eu puder realizar algum, me fará feliz.

É impossível conter meu coração de apertar. Não esperava ouvir isso. Droga! Eu já estou apaixonada, quase com os quatro pneus arriados e tentando de alguma forma encontrar argumentos para resistir a ele, e aí esse brutamontes solta isso.

— Por quê?

— Porque você é importante para mim, ué.

Meu rosto se abre em um sorriso tão grande, com tanta coisa explodindo e faiscando dentro de mim, que não me contenho. Viro de frente e encho o rosto dele de beijinhos, seu pescoço, seu queixo, seu nariz. Quando finalmente paro de beijá-lo, pela primeira vez desde que o conheço, meu primo está vermelho.

— Você está com vergonha, primo? — provoco. — Vergonha do meu carinho? Ou por dizer que sou importante?

— Para de falar bobagem! Mas quero saber, quais são os seus sonhos?

Ele me abraça enquanto penso, apoiando o queixo no topo da minha cabeça.

— Bom, eu quero conhecer o mundo. — Engulo em seco, porque meus olhos já embaçam quando penso nisso. Porque dói, e, ao mesmo tempo em que preciso mexer em arame farpado para reconhecer meus sentimentos e contar a ele sobre minhas dores, também quero contar meus segredos. Quero confiar nele. Abrir meu coração antes de o entregar ao meu primo. — Minha mãe me criou de um jeito em que *"era a vida, o mundo, e era a gaiola"*[15]. Eu não podia fazer nada, ter amigos, usar as roupas que queria e nem ir a lugar nenhum. E nem cuidar da minha doença eu podia. Então passei a sonhar com vida fora das grades em que ela me prendia. Alimento há muito tempo o sonho de viajar o mundo e conhecer lugares incríveis, outros países. Inclusive, eu aprendi inglês sozinha, na internet, em aplicativos gratuitos, por causa disso.

— Não imaginava que você tivesse um sonho assim. — A voz dele é calma. Como se tentando me tranquilizar, André beija minha cabeça algumas vezes. — Como você se sente a respeito da minha tia?

— Eu tenho três sentimentos fortes que rondam a minha mãe... — conto, engolindo em seco e sentindo dor no coração por pensar nisso, e, ao mesmo tempo, alívio por estar falando sobre e por André estar me ouvindo — Amor, raiva e culpa. — Derramo algumas lágrimas frustradas. — Eu sinto bastante raiva quando penso que ela nunca me deixou cuidar da minha doença, e que se não fosse você me levando para tomar injeção anticoncepcional e no ginecologista na semana passada, eu ficaria mais tempo sofrendo com isso. Ela me via morrendo de dor e dizia que os malditos chás que me davam e orações iriam me curar. E a cada vez em que sinto raiva por nunca ter tido amigos, por ter que usar roupas que acho horrorosas, por nunca ter ido a uma maldita festa na escola e ainda ter apanhado quando me rebelei querendo ir a uma confraternização de fim de ano dos alunos, sou inundada por culpa. Eu me sinto em dívida com ela, porque a Isaura me adotou. É como se eu devesse a ela seguir suas regras

sem pestanejar, e a cada vez que uma das minhas irmãs dizia que eu era ingrata, que ela me adotou quando eu deveria ter ido parar num orfanato como a patinha feia que amavam repetir que eu era, penso que elas têm razão.

Eu falo tudo tão rápido, que chego a engasgar. Ao mesmo tempo, sinto como se tivesse tirado uma bola de chumbo da minha garganta.

— Acho que a sua raiva é legítima, que todos os sentimentos envolvendo a minha tia são. Ela é a sua mãe, então, é normal que sentir raiva dela te gere culpa. — André me abraça ainda mais forte, e tento enfiar meu braço direito embaixo dele para abraçá-lo com a mesma intensidade. — Eu vou enfocar uma das tuas irmãs, e assim ensinar todas elas a nunca mais se meterem com você.

— O quê? Não!

Ele é doido? Embora a imagem mental dele fazendo isso seja muito satisfatória. Eu não consigo amar nenhuma delas. Diziam que eu era tão feia e desajeitada, que ficaria mofando em um orfanato e, quando saísse, me restaria ser uma prostituta ou moradora de rua.

— Maçãzinha, você precisa entender que não tem que viver sendo o que sua mãe espera, ou tua vida sempre será ruim. Acho que a minha tia te ama, mesmo sendo uma doida do caralho. — Ele solta uma risadinha quando diz, mas não gosto que fale assim da minha mãe, mesmo que ela realmente seja louca. Mas a cada novo dia, acredito que todos nesse mundo só sobrevivem na base da loucura. — Então, mesmo que a tia Isaura fique chateada, você deveria externar tudo isso para ela. E, se for sua vontade, parar de viver do jeito que ela espera, e passar a viver como você quer. Pensando no que é melhor para a sua vida. E mesmo que eu respeite sua visão de mundo e sua religião, embora não acredite nela, acredito que a única certeza que temos é dessa vida. Então você deveria vivê-la de modo em que tente ser feliz. E, de toda forma, acredito que minha tia não vai deixar de te amar caso você entenda que não precisa ser o projeto de vida dela.

É impossível impedir que suas palavras criem sólidas raízes na minha cabeça. Porque é exatamente o que quero fazer há muito tempo. Quero

gritar que ela pare de me sufocar. Que me deixe viver. Eu amo a minha fé, mas não gosto de seguir a religião da minha mãe pelo medo de uma morte eterna. Eu quero usar as roupas que acho bonitas, ter as minhas amigas, das quais com certeza ela tentará me afastar quando conhecer, e ficar com o meu primo. Eu realmente quero ficar com ele. Mesmo que saiba que nosso relacionamento certamente terá prazo de validade, porque o futuro que sonho não é mais apenas um plano da minha mãe. Me casar, ter filhos e viajar o mundo com a minha família é uma pintura colorida na minha cabeça, e o meu grande sonho. Não quero ela em preto e branco e cheirando a luto, porque o André nunca me daria isso.

— Então não acha que eu serei uma ingrata por ir contra o que ela espera?

— Não! Acho que ela é errada nesse ponto. Sua mãe poderia te criar com valores conservadores, mas não impor como o único destino que você pode ter.

— Obrigada por me entender!

— Qualquer um te entenderia, Maria. Seus sentimentos são muito legítimos, e vou te levar à praia e comprar todas as roupas que você quiser usar.

— Posso comprar as roupas que eu quiser... — digo, mas sem tanta certeza. Meu dinheiro tem prioridades maiores do que roupas.

— Algo mais para me contar, que ainda não o tenha feito, além de se recusar a dizer como veio parar aqui?

Toda vez que o André me pergunta sobre isso, desvio de seus tiros como se tivesse um colete potente e à prova de balas no lugar da pele. E pensando na velocidade da luz para fugir do assunto, porque me gera medo e vergonha falar disso, principalmente com ele, encontro algo para dizer, mas sem pensar muito:

— Você foi o primeiro homem que beijei.

Me arrisco a olhar para cima e, esperando encontrar choque em seu rosto, percebo que ele não se espanta. André parece aliviado. Com um sorrisinho, beija minha boca e me aperta de um jeito carinhoso em um abraço reconfortante.

— E serei também o primeiro a te foder!

— Você tinha mesmo que acabar com um momento tão fofo?

— Gosto de ver você vermelha, linda. Me faz ter imagens perfeitas de como vai ser seu rosto quando eu te comer.

Meu corpo sempre me choca com o quanto consegue esquentar com essas putarias que ele fala. Balanço a cabeça, com os olhos revirando a ponto de quase irem parar na parte de trás.

— As meninas convidaram a gente para ir a uma balada amanhã — comento, pensando que eu quero viver do meu jeito. E talvez ter vindo parar aqui, mesmo que de um jeito horrível, seja um sinal de que estou certa em escolher quebrar a gaiola, explodi-la e impedir que voltem a me aprisionar. — Vamos?

— Porra, Harry me falou sobre isso hoje também. Vou adorar ver você rebolando sua bundinha.

— Ah, depois eu te xingo e você vai querer me castigar!

— Te castigar sempre vai ser um prazer. Amo que me dê motivos para isso — sussurra, se esticando por cima de mim e pegando o controle da luz na mesinha de cabeceira. — Agora vamos dormir, linda. Tenho um trabalho fora do Ravina amanhã bem cedo.

— Onde? — pergunto, curiosa com essa história de que ele vai pra um tal estúdio de tatuagem no interior do estado vez ou outra.

— Então, por que não vai ao shopping com as garotas amanhã e compra uma roupa do jeito que você gosta para sairmos à noite?

Ele desconversou. Eu li livros de romance policial o bastante para saber bem que, quando alguém foge do assunto, costuma esconder segredos. Irritada, penso em estourar o cartão preto dele com algo bem caro, só de imaginá-lo com outra. E sou insegura, me sinto inferior o suficiente para crer que qualquer garota seria melhor do que eu e poderia fazê-lo me esquecer.

— Entende uma coisa antes da gente dormir, Maçãzinha: eu não sou galinha. Não tenho outra mulher, e não quero. Eu quero você. E vou esperar a hora em que decidir ser minha. Agora, fecha esses olhinhos lindos e dorme!

Como se tivesse o controle de ler a minha mente, ele disse a coisa certa para me fazer dormir sorrindo.

Ele parece me querer de verdade.

E eu quero tanto o André.

Vou conversar com as meninas amanhã e ver o que elas acham disso tudo que conversamos hoje.

Me viro de costas, sendo abraçada por ele em uma conchinha quente e deliciosa.

— Boa noite, André!

— Boa noite, meu amor!

E sua última palavra, junto ao beijinho que se estica para dar em minha bochecha, são os ingredientes perfeitos para eu dormir sorrindo feito uma boba.



CAPÍTULO 18

Balada



Maria

"Você está chapado o suficiente
sem a Mary Jane como eu?
Você se detona todo para
entreter como eu?".
Gasoline - Halsey

— Acha que está decotado demais? — Ana pergunta, apontando para o top de decote transpassado na cor vinho.

Engulo um silêncio. Ela está belíssima assim, mas eu não teria coragem de usar um decote tão cavado. Faz um conjunto perfeito com a saia justa. Isabela sai do banheiro nos fundos do quarto da Ana, rebolando seu corpo magro em um short jeans para a frente da amiga. Quando ela enfia as mãos no top da Ana, imagino que vá subi-lo para comportar melhor os seios, mas, ao invés disso, ela o puxa ainda mais para baixo, aumentando a profundidade do decote.

— Estava pouco. Agora tá bom! — avisa, rindo e depois dando um beijo na bochecha da Ana. — E minha outra Bostinha, empolgada com a primeira balada?

Espio o reflexo da loira no espelho da penteadeira em estilo camarim. Isabela está usando o que deveria ser uma blusa de mangas preta, escrito *Nirvana* bem grande na frente. Mas é tão curta, que mais parece um cropped.

— Estou ansiosa. — Sorrio um pouco amarelo, encarando agora o reflexo da garota de pele pálida, olhos de um castanho que pode ser confundido com mel, e que pela primeira vez na vida está usando maquiagem. É estranho ver meu olhar mais destacado com rímel, ou minhas bochechas permeadas por blush. Ao mesmo tempo, me faz bem. Não quis deixar as meninas passarem sombras nos meus olhos. Só o rímel já foi uma luta e até coçou um pouco, fora que lacrimejei

e Isa teve que limpar minhas bochechas para reaplicar o blush. Mas é incrível como me acho linda usando o nosso vermelhinho Batom da Sorte. Faz meus lábios parecerem mais cheios do que já são. — Um pouco preocupada com essa história de vocês sobre quererem me ver dançar.

— Sei! — a morena rebate, se aproximando da penteadeira onde estou, soltando o cabelo do comportado coque que estava usando para se maquiar. — Vai dizer que nunca tentou dar uma reboladinha na frente do espelho?

Nego com um aceno.

— Eu não sei dançar. No máximo, balanço os ombros feito uma criança desajeitada — comento, vendo a Isabela começar a rebolar diante do espelho. — Então, vocês acham que, se eu aceitar ficar com ele como masoquista, vou conseguir me segurar e não fazer sexo... Tipo... Sexo de ver...

— Tipo ele te enfiar o pau? — Isabela me corta, fazendo a Ana tapar a boca e conter uma risada. — Duvido muito. Quando estamos apaixonadas, é mais difícil conseguir segurar o desejo.

— Eu acho que você consegue se estiver muito convicta do que quer. Se não deseja mesmo que ele te coma, é só se segurar e botar ele para te aliviar de outros jeitos. — Me atento à fala da Ana, mas sem conseguir não me afetar com a resposta sincera da Isa. A gente conversa tanto sobre essas coisas, que estou me acostumando e perdendo a vergonha de abordar esses temas. — Bota ele pra te chupar bastante, assim você garante que não ficará com muito tesão a ponto de fazer sexo.

— Concordo com a Aninha. E sobre ser masoquista dele, já te disse outras vezes: se você adorou que ele te encheu de tapas na cara e ama quando o Bill te morde inteira, se joga, que você deve amar todo o resto. — Isabela perambula pelo quarto enquanto diz. — E a gente sempre vai estar aqui pra segurar a tua mão para o que você escolher.

Refletindo sobre a opinião delas, passo os dedos pelo contorno da mordida em meu ombro, a que ainda está cicatrizando, observando-a. O vestido, que comprei hoje com as garotas no shopping, já foi escolhido para deixar meus ombros em exibição. Foi uma ideia da Isa para provocar o André. O traje azul céu é a coisa mais linda do mundo, com mangas longas e apertadas, mais justo no corpo do que qualquer peça de roupa que já usei. Mas quase chega até os joelhos, sendo do comprimento perfeito para não me deixar desconfortável. A barra dele tem um leve babado. Mas o que amei mesmo foram as fendas largas e

perfeitas nos ombros, deixando-os à vista. É uma peça tranquila de usar. Porém, a gola um tanto alta me gera um pouquinho de estranheza.

E para colocar mais uma coisa na lista do que pode fazer minha mãe infartar, pintei as unhas de vermelho e, mesmo curtinhas, ficaram lindas. Nunca tinha usado esmalte nelas. Foi uma das tardes mais empolgantes da minha vida, porque, pela primeira vez, eu fui a um salão de beleza. Hidratei o cabelo, fiz escova e ainda uma limpeza de pele. Me senti uma princesa, embora ter gastado tanto no cartão de crédito do meu primo tenha me dado uma certa vergonha. A todo momento, eu repetia mentalmente que foi ele quem me permitiu fazer isso, e só dessa vez. Não quero mais ficar dando contas para ele pagar.

— É hoje que o Bill vai gozar na cueca só de te encarar.

— Isabela, me poupe! — grasno, horrorizada. — Já basta ele falando obscenidades a cada segundo em meu ouvido.

Minha amiga ri, fazendo seu rosto se tornar infantil. Ela está com os cabelos soltos, assim como Ana e eu. Quando fico de pé e calço a sandália de salto preto que Isabela me emprestou, estranho completamente a mulher linda que encontro no espelho, que toma uma parede inteira do quarto em tons de madeira clara e branco.

Estou me sentindo desejável e bonita.

— Você está tão linda, amiga! — Ana me abraça por trás, ficando, pela primeira vez, menor que eu. Mas só porque ainda está descalça. — Bill vai ficar doidinho.

Eu acho tão estranho quando ouço as pessoas o chamarem de Bill. Esse é o apelido dele desde que me entendo por gente, mas, para mim, só consigo chamá-lo de André.

— É a ideia. — Meu sorriso se alarga quando digo. Ana desliza por trás de mim e fica do meu lado direito, ajeitando sua roupa no espelho e fazendo cara de sexy. Não consigo evitar a gargalhada. Ela chega a morder os lábios com caras e bocas. — Josiah não está aqui, mulher!

— Estou treinando para mais tarde!

Eu a encaro pelo espelho e imito sua feição, lambendo o lábio superior de um jeito sugestivo e balançando as sobrancelhas, mas não consigo sustentar a cara provocante por muito tempo, porque uma risada vibra por meu corpo todo quando vejo a cara de espanto da Aninha.

— Eita! — ela fala, se abanando de um jeito dramático, como se estivesse com calor por minha causa. — Se até eu fiquei balançada com essa carinha de safada aí, imagine o teu primo...

— Esse anel que o Bill te deu foi realmente algo muito significativo e fofo. — Isabela me abraça de lado. Do alto dos meus saltos, ela parece até uma anãzinha. — Ele está apaixonado, cê sabe, né?

Mordo os lábios superiores, desejando silenciosamente que seja isso mesmo. Que ele sinta por mim a mesma coisa desesperadora que toma conta do meu coração, que me faz parecer louca e sentir saudade dele o dia inteiro. Por querer beijá-lo mais do que sinto necessidade de respirar. Se ele sentisse ao menos 10% disso, acho que eu já ficaria feliz.

— Josiah disse que ele parece estar mesmo — Ana dispara. — E o Harry deu certeza.

E passamos a próxima meia hora trocando fofocas, que complementam o restante do que falamos o dia inteiro. Pedi conselhos e mais conselhos às duas sobre a situação com a minha mãe, sobre o que fazer em relação ao André. E ambas acham que devo seguir o meu coração com os dois.

E é exatamente o que farei, quando minha mãe puder vir me ver. Colocarei as cartas na mesa sobre me afastar da religião que ela tanto tenta empurrar na minha garganta. Eu vou viver a minha fé como sempre quis: Deus e eu, indo à igreja quando sentir vontade, sem me amarrar a ela. É o que importa.

Não é uma escolha da minha mãe!

Nunca deveria ter sido!

Quando as meninas colocam os próprios sapatos, saímos de casa e chegamos à garagem da Ana. Isabela puxa a mim e nossa amiga pelos pulsos, impedindo que continuemos. Tudo o que sentimos é cheiro de cigarro, e os sussurros tomam conta do ambiente. Fazemos uma escadinha, como nos filmes, com somente nossas cabeças olhando para fora da parede lateral da casa.

André, Harry, Nate e Bill estão em uma rodinha atrás da picape, fumando e falando baixinho. Parecem estar conspirando. Meu primo e Harry estão de costas para nós, os outros dois, de lado.

Estou até surpresa de ver o Nate e meu primo compartilhando a mesma ponta de um cigarro e falando normalmente um com o outro.

— E tu não tem medo de ser preso com essa porra? — Harry sussurra, parecendo chocado.

Por que ele está olhando na direção do André enquanto pergunta? Só a palavra “prisão” já faz meu peito doer e acelerar, imaginando tudo quanto é tipo de coisas erradas envolvendo o meu primo.

Será que ele está metido com drogas? Ou é mesmo um assassino de aluguel? Ou um contrabandista? Cafetão? Droga... Meu coração está a todo vapor, quase a ponto de parar. Estou suando, com medo de que eles nos peguem espiando, mas cheia de dúvidas, querendo ouvir todos os segredos dele e descobrir o que está escondendo.

— Ele nunca vai se foder com isso. Meu pai não deixaria seu soldado precioso fora de cena. — Agora é a voz do Josiah, parecendo amargurado, ribombando pelo ambiente.

Pai? O tal político corrupto e poderoso que a Ana detesta? O que o André anda fazendo para ele? A imagem do meu primo com todas aquelas facas está se acendendo em milhares de cores na minha cabeça. Algo me diz que tem a ver com isso.

— O que importa é que eu ganho bem pra fazer essa merda. E não tenho medo, já disse. Se eu rodar com essa porra, ao menos foi fazendo algo que gosto — a voz segura e extremamente fria do homem que tem meu coração nas mãos me surpreende.

— Mas agora você tem a Maria. Não acha que terá que fazer um sacrifício de deixar essa coisa toda de lado para protegê-la?

— E meu pai vai deixar tu sair numa boa?

Agora estou com raiva do Josiah. Queria ouvir a resposta do André sobre deixar seja lá que merda ande aprontando por mim.

— Não acho que ele tentaria me prender nisso, não. Meu papo com ele é sempre bem direto. Pagando, eu faço... E paro quando quiser. Esse sempre foi o acordo. — André traga o cigarro com força e, depois de soltar uma nuvem de fumaça que já deve ter incinerado o pulmão dele, prossegue. — E pela Maçãzinha eu pararia. Faria qualquer sacrifício.

Meu corpo inteiro arrepia. Meu Deus! Por que ouvir isso parece mais importante do que descobrir que ele faz algum serviço bem errado e fora da lei para o pai do amigo?

Esse homem é realmente alguma espécie de demônio... Até quando deveria ter raiva, estou morrendo de amores.

— Até se casar? — A voz do Harry é pura zombaria.

Todos os meus músculos estão endurecidos com a tensão que é esperar a resposta dele. Meu peito está subindo e descendo tanto, que estou me sentindo em um trampolim, sem ao menos sair do lugar.

— De que porra eles estão falando? — Ana sussurra. — Bill trabalhando para o Cristian?

Ele olha de relance por cima dos ombros, o que imediatamente faz com que nós três saiamos de trás da parede no mesmo segundo. Quando minhas amigas e eu trocamos olhares, o que realmente compartilhamos é medo da merda que eles estão escondendo, e uma vontade absurda de descobrir o que é. Algo me diz que tem a ver com essa tal ida para estúdios de tatuagens no interior.

Eu vou descobrir!

Nem que seja conseguindo invadir aquela bosta de segundo andar, onde certamente tem algo de muito errado, ou bisbilhotando o celular dele. Se vamos ter alguma espécie de relação, quero saber onde estou me metendo!

Isabela é a primeira a resolver ir até os garotos. Ana e eu vamos até eles, lado a lado, e tudo some quando meus olhos vão direto até o André.

Ele não me viu desde que saiu para trabalhar bem cedo, me enchendo de beijos e apertões antes disso. Passei o dia com as garotas e vim do shopping direto para cá, tomei banho e me arrumei aqui. Por isso, seus olhos estão me percorrendo feito os de um lobo, checando cada pedaço do que sou, parecendo prestes a me dar um bote certeiro a qualquer momento. O mais perfeito é a maneira como seus olhos brilham e se enchem de fome quando ele percebe que os meus ombros estão de fora. Ele nem se contém. Se jogando a toalha e pouco se importando com todos os presentes ou apenas sendo impulsivo, André vem até mim.

Estou parada, ignorando os ruídos ao longe dos garotos elogiando suas esposas, focada completamente no André e no jeito torto e viciante com que me enlaça em um puxão firme pela cintura. Em segundos, já estou com o ventre colado na barriga dele. Uma de suas mãos imensas encontra a minha bunda, a outra, sobe até a minha nuca feito uma serpente, procurando sua forma eficaz e costumeira de puxar minha cabeça no ângulo que bem entende, agarrando meu cabelo.

— Quer me provocar? — pergunta, baixinho, tão perto do meu ouvido, que a sequência da pergunta já é uma mordida no lóbulo da minha orelha. Me entorto

inteira com o arrepio se infiltrando em minha espinha. — Você está muito linda, Maria.

Nem sei o que fazer com minhas mãos, mas resolvo me lembrar que as tenho e seguro as barras da jaqueta de couro dele. Olho para cima quando meu primo afasta um pouco o rosto, com seu cheiro delicioso se impregnando até em minha alma.

Me lembrando de que estamos em público, tento girar o rosto um pouco pro lado, para desviar da montanha de músculos que é o seu corpo e espiar seus amigos, mas André não deixa. Ele usa seu joystick feito dos meus cabelos e me puxa para encará-lo.

— Obrigada! — resolvo falar, quando ele aperta com mais força, exigindo que eu foque nele. — Sim. Queria te provocar.

— Você precisa comprar todo o estoque de roupas do mundo que deixem seus ombros à vista. Quero todo mundo vendo minhas marcas em você.

Reviro os olhos, nem evitando sorrir. Gosto da possessividade dele. Gosto da forma como faz eu me sentir desejada. Nos encaramos um pouco, e esse rosto tão masculino e lindo é realmente algo que amo admirar. Subo uma das mãos e aliso o maxilar dele, esquecendo completamente qualquer receio que estava ao ouvir a conversinha suja que ele estava tendo com seus amigos.

Quando seus lábios tocam os meus, tudo que sinto é o meu coração apertar e aquecer. A mão dele cravada na minha bunda é algo que me faz corar, mas gosto. Adoro quando ele me toca e me aperta enquanto essa língua perfeita e molhada invade a minha boca.

Respiramos entre o beijo, afastando nossos lábios o suficiente para nos encarar, e demoro um tempo fazendo carinho no rosto dele, me perdendo em seu olhar e deixando que isso fale mais do que qualquer coisa. Acho que nem preciso verbalizar o quanto estou apaixonada. Deve estar desenhado na minha cara.

— Bora, povo! Vocês têm a vida inteira para se agarrar — Harry diz, enfiando a cara bem no meio de nós dois, nem se importando em ser inconveniente. — Eu quero beber!

— Não era noite de casal? — resolvo zombar de sua presença.

Todo mundo começa a fazer um som de concordância, zombando da cara dele.

— Poxa, Santinha, magoou — Harry revida, sem sair de perto de nós dois.

— Já disse para não me chamar assim! — eu quase rosno, cerrando as mãos em punhos para ele.

André ri, me fazendo bufar bem forte, ainda mais quando nossos amigos começam a fazer comentários sobre eu ficar fofa quando estou brava.

Quando as mãos do Harry se fecham uma em meu ombro e outra na do André, meu primo rosna feito um cachorro, nem precisando dizer nada para que o amigo entenda que não é para me tocar. Com uma risadinha, eu mesma afasto a mão do Harry do meu corpo, antes que meu primo parta a cara dele, como os olhos já ameaçam fazer.

Quando seguimos para fora, André agarra minha mão e entrelaça nossos dedos. Meu coração dá trancos, e, por dentro do meu corpo, estou dando pulinhos animados por essa intimidade toda que ele nem faz questão de esconder dos outros.

E durante todo o trajeto de táxi até a balada, meu primo não para um só segundo de olhar para mim.



Já tomei tanta cerveja, que perdi a conta, mas agora o André não está me deixando beber mais, e a toda hora vem até mim com um pouco de água. Já rebolei com as garotas até o chão, e nem sei onde foi parar a minha sandália. Estou feliz... Genuinamente feliz. Me sentindo livre e viva.

E beijei tanto o meu primo e sua boca deliciosa, que está toda manchada com o meu batom. Ele até tentou limpar, mas ainda tá um tiquinho vermelha. André está sentado no banco de couro preto do nosso camarote. Volta e meia, ele cochicha algo com Nate e Josiah, mas se dedica mesmo é a tomar conta de mim feito um gavião, fechando a cara sempre que algum grupo de homens passa perto da gente no corredor a nossa frente. Balanço o ombro de um jeito desengonçado com a música “Tubarão Te Amo”, enquanto Ana e Isabela me imitam. Harry já sumiu, mas o vi duas vezes passando por aqui com mulheres diferentes.

O ambiente ao nosso redor é de paredes escuras, com um ar meio nublado por fumaça, mas o jogo de luzes coloridas que cortam o teto em várias direções e

iluminam a pista lotada lá embaixo deixa o local mais animado.

Isabela chama o marido com o indicador para dançar, e quando Josiah também se levanta e vai até a Ana, ele sussurra algo no ouvido do meu primo. André sorri e bate a mão em uma das suas coxas, como se me chamasse para sentar em seu colo.

Acho que eu negaria se não estivesse *trêbada*[16], mas, quando encurto a distância e me sento no colo dele, com meu vestido que já subiu de tanto eu rebolar roçando sua calça preta, meu corpo parece esquentar ainda mais.

Quando André puxa minha barriga, me fazendo deitar as costas em seu peito, sua voz aveludada já se anuncia:

— É lindo te ver toda soltinha, Maçãzinha.

Ele engatinha a ponta de dois dedos pela minha coxa desnuda, subindo e descendo, fazendo minha barriga começar a dar voltas. Essa voz grossa dele é a coisa mais excitante do mundo, ainda mais quando ele a deixa baixinha assim.

— Estou amando nossa noite — confesso, me virando em seu colo e montando-o de frente, como tenho amado fazer em casa, durante nossos amassos. — E apaixonada por você!

Acho que minha frase o pega de surpresa. Mas, nesse segundo, sinto que não sou a melhor das pessoas para ler feições. Me inclino sobre ele e grudo nossas bocas, tendo algum juízo resgatado ao pensar que não quero esperar uma resposta, porque ela pode não vir e me magoar. Então eu só o beijo, com tanta vontade, que agarro sua nuca, enfiando o pouco da minha unha crescendo em sua pele. Roço meus seios no peito dele de propósito. Gemo contra a sua boca inchada, nem ligando para nada, só querendo senti-lo. Quando afasto nossos lábios, ele está me encarando, cheio de fascínio e algo bem escuro permeando o sorriso que ele parece segurar.

— Em casa você não faz isso, né? — provoca. — Sabe que eu só sossegaria se enfiasse esses peitos na minha boca!

Mordo os lábios inferiores e o encaro. Quando ele menos espera, sorrio de um jeito debochado. Sinto o pau do André endurecendo contra a minha bunda, e isso causa uma reação bem imediata na minha calcinha. Meu primo abre a boca para dizer algo, mas Harry surge falando sem parar e se jogando ao nosso lado.

— Aí, olha quem encontrei! — ele diz, colando a boca no ouvido do Bill para dizer. — A Eva e a Amandinha.

Tão bêbado quanto todos nós, a voz dele até está mais lenta. Saio de cima do meu primo e vou até um balde com gelo e bebidas em uma mesinha na nossa frente, tentando ver quem são as mulheres de que ele está falando. Pego uma garrafa de cerveja, e enquanto dou algumas goladas, duas mulheres se sentam no banco em frente ao André. Harry continua tagarelando e gesticulando, mas não consigo prestar atenção, pois Isabela me puxa pelo braço quando começa a tocar *Combatchy*, querendo dançar.

Eu só consigo ver uma das garotas se inclinando para o André, por cima da mesa do meio e dizendo algo. Ela é morena e alta, e sua jogadinha de cabelo por cima do ombro e a forma como olha pra boca do meu primo fazem o meu peito queimar de raiva. Ele desvia o olhar até mim, e para deixar bem claro que estou puta e quero que ele tire essas garotas do nosso camarote, fecho o semblante e me viro de costas, pensando em ir pra pista lá embaixo e me jogar no meio do povo para dançar.

Viro a garrafa de cerveja em três longos goles, sem mal respirar. André só me observa, trincando o maxilar e quicando o joelho, parecendo bem bravo. Desisto de descer agora, com uma ideia melhor em mente. Volto até a porra da mesa, coloco a garrafa em cima dela e pego outra. Ele não queria que eu bebesse, então eu vou entornar todas até ele tirar essa vadia daqui!

Se ele pode sentir ciúmes de mim, por que não posso sentir dele?

Eu não sei por que sou tão ciumenta, mas sinto uma raiva tão grande quando envolve imaginar o André com outra, ou vê-lo interagindo como acabou de acontecer, que sinto vontade de tacar fogo em algo de tanta fúria.

Essa parte da balada tem vários pares de sofás separados, mas, no corredor na frente, onde estamos dançando, é possível esbarrar com pessoas passeando entre eles. Um grupo de caras passa por nós saindo dos sofás ao lado do nosso, quando uma mão se fecha em meu quadril, deslizando até quase chegar a minha bunda, e uma boca se inclina com cheiro de maconha para o meu ouvido. Tento sair de perto.

É um cara alto, de rosto rosado pela bebida e cabelos escuros. Não consigo entender bem o que ele diz, mas é algo como *"Qual é o seu nome, gata?"*. Eu nem tenho tempo de pensar em afastá-lo. Só sinto o rastro de ódio do André passando diante de mim. Demoro um segundo para processar a cena, os gritos, e então a confusão.

Meu primo empurra o cara pelos ombros com força. Antes que ele consiga reagir, André pega a mão que o estranho estava usando para me tocar, levanta o próprio joelho, puxa o braço dele e literalmente quebra o antebraço do cara. O osso chega a arrebentar a pele e aparecer, pigando sangue e fazendo o cheiro metálico e rançoso tomar o ambiente. Horrorizada, encaro o semblante de dor no rosto do rapaz, depois seu grito bem alto... É algo que terei dificuldades de esquecer.

Eu sinto outras mãos me puxando para trás. Pelo cheiro cítrico, é Harry. Não dá tempo de fazer nada, quando Nate empurra Ana e Isabela para o meu lado e, na sequência, vai pro lado do André quando os amigos do estranho se juntam para tentar bater nele. Nate já chega dando um verdadeiro chute no peito de um deles, me fazendo me perguntar se eles estão acostumados a sair no braço com os outros assim.

Era a noite perfeita. Agora, estou encarando uma briga generalizada, gritando e morrendo de medo de que machuquem o André. Embora, em meio aos socos e xingamentos, tudo o que vejo são nosso grupo de amigos nocauteando todos eles.

É como ficar aérea, tanto que nem sei como essa briga realmente se dispersa. Eu sinto as garotas me puxando para a escada de saída, enquanto vejo os seguranças correndo em direção à confusão. Meu peito está em disparada, minhas pernas estão bambas.

— André quebrou o braço do cara porque ele me tocou — sussurro, apavorada, enquanto encaro os olhos arregalados das minhas amigas.

— Deus do céu! — Isabela puxa os próprios cabelos enquanto olha para a porta de entrada.

— Harry, vai lá ver se eles estão bem! — digo, preocupada com o André sair ferido lá de dentro.

— Se eu sair de perto de vocês, depois sobra pra mim! — ele fala. — Josiah e Bill têm dois metros de altura, e o Nate é um verdadeiro galo de briga. Fica tranquila! Eles vão sair presos... Não mortos.

Reviro os olhos, pensando que tudo o que não ficarei é tranquila!



CAPÍTULO 19

Um lado morto





“Eu sinto que estou sangrando
Tudo que eu quero são sentimentos
Deixe-me tentar acreditar”.
Pray - Emo

Josiah está com o olho direito fechado porque levou um soco. Nate torceu o pé por dar um chute no tórax de um dos caras, e eu tô com a porra da mão inchando, porque soquei tanto a cara do arrombado que pegou na minha mina, que arrebentei os nós dos dedos, estão vermelhos e doendo pra caralho.

Estamos em uma sala apertada, de paredes claras e manchadas na delegacia mais próxima que os canas encontraram para nos trazer. Já tem umas cinco horas que estamos aqui, porque a mãe do maluco que quebrei o braço tá lá fora dizendo que eu tentei matar ele e o caralho, querendo que meus amigos e eu sejamos presos por isso. O filhinho dela foi direto pro hospital por conta da fratura exposta. Deu sorte que eu não tinha nada para arrancar a mão dele fora, porque o inferno sabe que eu o faria.

Estou largado em uma cadeira, esperando que Harry tenha conseguido tirar as meninas de lá em segurança. Fiquei tão puto vendo aquele merda tocando na Maçãzinha, que tudo o que senti foi a vontade de arrancar cada um dos seus membros, pela ousadia de botar sua mão imunda no que é meu.

Ela disse que está apaixonada por mim. Porra! Maria falou, com todas as letras e olhando nos meus olhos. Harry tinha que surgir com a Eva e

estragar tudo? Eu nem tive tempo de confessar o quanto estou perdido por ela, porra! Meu amigo sabe que tô ficando com a minha prima, aí traz uma mina que já peguei pro nosso camarote?! Só vou deixar passar porque ele estava bêbado para caralho, mas teremos uma conversa para ele prometer não fazer mais essa merda. Maçãzinha é tão ciumenta quanto eu, e quando pegou a bebida e virou de costas, eu já pensei: “fodeu”. E ao mesmo tempo em que queria surrar a bunda dela por beber mesmo que eu tenha mandando parar, também senti medo, feito um fraco, de que ela ficasse brava comigo por algo que eu nem tinha culpa de estar rolando.

Também estou muito puto com a Maria, tanto, que toda hora a imagino chorando e recebendo um castigo por ter bebido quando a mandei parar, por ter feito para me provocar. Foda é esse acordo que me impede de dar o que ela merece, afinal, tenho que esperar. A vontade é chutar o balde, permitir ser dominado por meu lado impulsivo e deixar para me arrepender depois. Mas eu não quero perder a Maçãzinha, e sem dúvida alguma essa pode ser a consequência. Não quero que castigá-la seja uma desculpa para que não me aceite mais. E só por isso eu vou engolir a raiva e me segurar.

O homem que já passa dos sessenta, mas parece ter vinte anos a menos, passeia diante de nós com um sorrisinho no canto da boca que faz o Josiah trincar os dentes. Eu nunca me acostumo com o quanto meu amigo é a cópia do pai. Dá para ver direitinho como ele será quando ficar mais velho.

O senador Cristian Marquez se inclina pela mesa de madeira escura e cochicha algo com o delegado, um rapaz jovem, de cabeça careca e que, mesmo fortão, ainda tem um rosto bochechudo que o faz parecer um buldogue. O mais velho olha por cima do ombro em nossa direção.

Meus amigos estão sentados ao meu lado. E enquanto Nate parece estar se contendo para não surtar aqui dentro, Josiah só agita com as mãos o próprio cabelo, sem parar, pilhado também.

— Logo você, *carniceiro*? — Cristian se vira para mim, com seu rosto branco e esticado por plásticas se abrindo em um sorriso mais amplo, depois de acertar um valor com o delegado, retirando um envelope do bolso

de seu paletó cinza e entregando ao oficial. — Rendido por uma mulher? Agora entendo por que você e meu filho são amigos... Dois fracotes.

— Eu disse para não chamar ele! — Jow rosna, olhando o pai de um jeito atravessado.

Ignoro tanto o desdém do meu "patrão", quanto o chilique do Josiah. Cristian não perde a chance de dizer o quanto acha um absurdo quando homens "cadelam" ao se apaixonarem.

— Valeu, Cristian! — agradeço, levantando e apertando a mão dele.

Tenho que reconhecer que ao menos ele veio nos ajudar a evitar que realmente fôssemos em cana ou responder um processo por agressão.

— Por nada. Será um prazer descontar da sua próxima remuneração. — Seu sorrisinho amarelo volta a se insinuar. — Se a responsável por você surtar na balada for a de vestido azul que vi lá fora, te dará filhos lindos, Bill.

Trinco os dentes. Não quero esse filho da puta elogiando minha mina.

— Ok! Justo descontar do próximo serviço.

— Então estamos acertados — diz, como se tivesse enchido o saco da situação e já querendo ir embora. — Parem de se envolver em merdas, e como consequência, me chamarem para limpar a bagunça — ele diz, puxando as lapelas do terno para o lugar. Será que ele colocou essa roupa só para vir aqui? Ou por já passar das cinco da manhã, ele estaria indo trabalhar? — Tenho mais o que fazer!

— Obrigado, pai! — Josiah murmura, engolindo em seco, quase como se dizer isso o fizesse querer vomitar.

Até eu sou golpeado com surpresa por ele dizer isso.

— Nada, garoto! Manda um abraço na Ana.

E esse foi o jeito certeiro dele alfinetar o Josiah. Meu amigo odeia que o pai mencione a Ana. Quando o Jow quase quebra os dedos de tanto apertar os braços da cadeira, o senador sai da sala, sorrindo de maneira triunfante por irritar o filho. Seja lá o quanto ele se ache um *bandidão* perigoso, mesmo que do seu jeito doente e estranho, dá pra ver que o Cristian tem sentimentos pelo Josiah, embora todo mundo ache que não.

— Na próxima, vai ser cana nos três! — o delegado diz, rasgando os papéis contendo nossa entrada na delegacia. A luz amarela e fraca do ambiente faz o rosto dele parecer mais severo. — Agora, circulando direto para casa! Se algum oficial pegar vocês na rua ou voltando para a boate, é cadeia mesmo, estamos entendidos?

Josiah acena com a cabeça em concordância, Nate revira os olhos, e eu nem digo nada. Odeio que falem comigo assim. Me deixa puto, mesmo sabendo que estou completamente errado na história.

— Eu só quero dar o fora dessa porra! — Nate reclama, fazendo força para levantar da cadeira e mancando para longe de nós dois. Não antes de me olhar por cima do ombro e murmurar. — Meu ranço de você diminuiu 1% por ver que tu gosta mesmo da Maria.

— Continuo não indo com a tua fuça! — devolvo, puto demais para aceitar gracinhas, mas reviro os olhos e reconheço: — Valeu pela força lá na boate.

— Valeu o caralho! Fica me devendo uma!

Balanço a cabeça e me levanto, resolvendo que chegou a hora de ignorar o marido da Isabela. Quando chegamos na recepção de paredes claras, meus amigos são surpreendidos pelas esposas, tomando tapas e abraços, não necessariamente nessa ordem.

Harry cambaleia para a minha frente, bêbado pra caralho. Ele segura meu ombro, apoiando-se em mim e suspira. Faço esforço para compreender sua fala:

— Cuidei das garotas enquanto vocês brincavam de MMA.

— Tua obrigação! — retruco, deixando bem nítido o quanto estou irritado. — Ninguém mandou aparecer com aquelas mulheres! Mas depois a gente troca um papo sobre isso.

— Fodeu! — Harry cruza os braços, me olhando com confusão no rosto. — Vai sobrar pra mim mesmo?

— Josiah, deixa o Harry na casa dele! — peço, resolvendo que cansei dessa situação. Não esperando a resposta, procuro minha garota pelo local.

Maria está sentada em uma fileira de cadeiras pregadas na parede. Com olhos arregalados e molhados, percorre o ambiente, certamente me

procurando. Ela se levanta quando me vê e, meio incerta, dá dois passos adiante, mas, vendo o jeito fechado como a encaro, resolve dar três para trás, por pouco não caindo de bunda no assento.

Passo por ela em direção à saída, mas paro por alguns segundos e a fito por cima do ombro, vendo que permanece parada, parecendo completamente amedrontada. Eu não sinto pena do seu medo, na realidade, quero alimentar ainda mais essa sensação de pavor dentro dela.

— Bora pra casa!

Não espero resposta, apenas sigo para a rua, e assim que chego na beira da pista em frente à delegacia, sou golpeado pelo cheiro dela, anunciando sua presença atrás de mim. Faço sinal para um táxi que se aproxima pela via, e quando ele estaciona diante de nós, abro a porta de trás e dou espaço para que minha prima entre.

É gostoso sentir o receio emanando dela, que não faz ideia se corre ou fica. Confirmar que minha prima sabe que tô puto é maravilhoso. Gosto que ela perceba que eu queria mesmo era poder surrar o seu corpo com um cinto bem grosso, ou espancar esse seu rabo empinado até sair sangue.

Minha prima está paralisada acima do meio fio da rua, abraçando os próprios braços e me olhando de um jeito muito submisso. Acho que se eu ameaçar um passo em sua direção, ela sai correndo. Isso até aumenta a velocidade do sangue correndo em minhas veias, me deixando animado.

Maria segue hesitando para entrar no carro, e para prolongar o terror dela, a observo com o rosto bem fechado e fixamente, no meu jogo de poder favorito, até que a Maria desvie. Ela o faz mais rápido do que eu gostaria, e tremendo, finalmente entra no táxi.

Meia hora de silêncio depois, chegamos em casa. Quando abro o portão, resolvo deixar espaço para que ela passe na frente. É uma pena não poder soltar meus demônios, então, o único jeito de a fazer sentir um pouco por ter me provocado bebendo e dado margem para outro homem tocar nela, é dando um gelo.

Minha prima está descalça, com os pés imundos, então, quando atravessamos o quintal, mando:

— Vai tomar banho e depois dormir!

Sem paciência, tiro os meus coturnos e jogo no chão da varanda de qualquer jeito, pacientemente esperando que ela entre em casa primeiro. Cada reação dela tem receio, até os passos incertos que dá. Maria vai direto pro banheiro, sendo bem mais obediente do que eu esperava.

Acho que ela tem ideia de que não é bom me provocar agora.

A Maçãzinha é inteligente!

Retiro minha roupa, ficando apenas de cueca enquanto perambulo pela casa até sair pela porta da cozinha, e na área de lavar, encontrar o cesto e descartar a roupa suja. Eu sinto a raiva percorrendo a minha pele como se fossem farpas, perfurando-a e sussurrando o conselho errado para que eu castigue a Maria. Que a pegue e dê uma boa lição para que nunca mais tente me provocar. Mas não posso porra!

Xingando algumas dezenas de palavrões, pego um maço de cigarro no rack da sala e me sento em um banco na varanda. Enquanto trago o fumo, observo o céu nublado e aos poucos se iluminando com o raiar do dia.

Não fechei a porta da sala. Quero ouvir os passos dela lá dentro. E, pelo que parece mais de meia hora, fumo um cigarro e observo o nada, pensando que o melhor dos cenários seria perguntar o que ela decidiu sobre ser minha. Acho que assim as coisas ficam mais claras para nós dois.

Mas preciso esfriar minha cabeça antes. Eu sou orgulhoso pra caralho, e quando estou puto, posso ficar muito tempo sozinho e ignorando o mundo, por isso sei que vou dar um gelo na minha prima, mesmo que ainda tenha a porra de uma parte coerente na minha cabeça me lembrando de que aquele bosta tocou nela sem sua permissão. Ela não teve culpa naquela merda. Mas, bebeu para me irritar... Me desobedeceu. Esse é o caralho do ponto.

— Pode vir dormir comigo? — a voz baixa, quase com medo de se elevar, me surpreende.

Giro o rosto por cima do ombro, percebendo que me distrai com meus pensamentos ao ponto de me desligar completamente de ouvir os movimentos dela. Imaginei que Maria fosse me dedicar um pouco da raiva que costuma resultar de sua ousadia, sempre que não concorda com minhas ações. Mostrei que posso ser um monstro, fazendo o osso de um homem se

partir diante dos seus olhos. Quem não se assustaria por estar apaixonada por um homem capaz de coisas assim?

Mesmo que meu coração aqueça com a Maçãzinha querendo que eu durma com ela, ainda preciso manter as coisas claras, ainda quero ela obedecendo as regras.

— O que eu disse ainda há pouco?

Giro o corpo um pouco mais para o lado, para ter um ângulo melhor da confusão se formando em seu rosto corado, agora sem qualquer vestígio de maquiagem.

Maria estava tão linda. Tão feliz. Nem imaginei que tudo terminaria com esse clima merda entre a gente, com meu humor se tornando mais fodido que minha alma inteira. Agora seus cabelos estão presos em um coque torto no topo da cabeça, e está usando um babydoll cinza, bem curtinho e que me faz correr os olhos por suas coxas. Embora, nem que eu quisesse ficaria excitado, mesmo que ela esteja muito gostosa com o traje de dormir novo.

— Para... Para eu tomar banho e ir dormir. — Tem certa ansiedade em sua postura, mas algumas farpas começam a se anunciar em sua voz. — O banho, eu já tomei, e agora estou te convidando para deitar comigo.

Eu tento conter o meu corpo, porém, sei que é uma guerra perdida. Nem leva muito tempo para que eu fique de pé e a agarre pelo pescoço.

— Quando eu mandar você fazer alguma coisa, você faz. Não fica perguntando. Não hesita. Só vai e faz! — Não aperto sua garganta, apenas a seguro, observando as lágrimas começando a se amontoar em seus cílios, e o ressentimento se perpetuando em seu rosto. — Não quero brigar com você. Só preciso ficar em silêncio, ok?

Ela balança a cabeça, negando e apertando os lábios.

— Não. Eu não quero silêncio. Eu quero conversar, quero entender como o homem por quem estou apaixonada simplesmente deixa tudo ir por água abaixo quando eu revelo os meus sentimentos. — Ela está prendendo o meu olhar, sem temer o quanto meus dedos brigam comigo, ansiosos para se apertar em sua pele e a calar na base de uma boa enforcada. A calar porque suas palavras estão cavando buracos e se infiltrando em minha pele,

indo direto fazer ninho na minha mente. — Quero entender como você deixa uma vadia que estava te dando mole ficar no camarote, bem na minha frente, quando sabe que estou indo contra tudo o que eu acredito para ficar com você. Sério que você simplesmente vai brigar comigo e me colocar para dormir depois de tudo o que aconteceu hoje? Sério que você acredita que pode sentir ciúmes de mim a ponto de quebrar o braço de um cara, mas eu não tenho absolvição por ter bebido sem sua permissão, mesmo que minha maior desculpa seja estar tão enciumada quanto você?

Engulo em seco, querendo a fazer me obedecer, querendo a fazer dormir a força. Minha mão chega a se contrair e apertar um pouco, fazendo uma reação instantânea de medo se aprofundar no rosto dela. Maria segura o meu braço com as duas mãos tentando afastá-la do seu pescoço.

Suas palavras começam a se repetir em minha mente, uma a uma, cavando espaço, me fazendo ponderar e, mesmo que lentamente, entender que ela tem razão em sentir ciúmes. Então, ao invés de deixar o sádico sedento por dominá-la tomar as rédeas da situação, engulo em seco para depois dizer:

— Não deu tempo de mandar Harry as levar embora. Fiquei irritado com você insinuando com a postura que iria para a pista de dança, e ainda bebendo mesmo quando eu já tinha te mandando parar.

— Eu bebi porque... porque estava louca de ciúmes e estou apaixonada, merda! Eu tenho certeza de que aquela mulher de cabelo escuro estava te paquerando.

— Mas eu nem olhei na cara dela! No mais, você não quer aceitar ser minha, por que age como se fosse? Eu disse que seria exclusivamente seu quando aceitasse o acordo, e você até agora não me falou porra nenhuma sobre isso.

Eu a solto, mesmo que lutando contra mim mesmo, e caminho para dentro de casa. Penso em tomar um banho e aliviar um pouco esse furor que está me dominando, tentar relaxar embaixo de alguns jatos de água morna até ameninar os sentimentos. Mas ouço os passos curtos dela atrás de mim, me seguindo pela sala.

— E você não já age como se eu fosse sua? Ou arrumou aquela briga na balada por diversão?

Maria ri, mas quando viro de frente para ela, percebo que não há nem sombra de alegria em sua boca. É um sorriso amargo, acompanhado de uma lágrima preguiçosa escorrendo por sua bochecha. Ela balança a cabeça, revira os olhos e depois os fixa em mim. Não há satisfação em vê-la sofrendo agora. Não há prazer, diversão, nada. Existe apenas um aperto doendo em meu peito.

— Eu quero muito que seja. Já deixei isso claro. Porém, no fundo eu sei que você não é.

Não controlo minha mão, que insiste em acariciar sua bochecha. Estou confuso. Quero beijá-la, e ao mesmo tempo, surrar. Quero falar algo que a conforte, mas também, não dizer nada por um bom tempo.

Eu nem sei o que pensar quando ela segura o meu braço e tenta afastar minha mão da sua pele. Inicialmente, resisto a largá-la, mas, quando minha prima faz força para baixo com o corpo, como se fosse sentar no chão, eu a solto. É como se estivessem ateando fogo em minha pele quando ela começa a se ajoelhar. Uma mistura de surpresa e apreço. Medo e admiração. Nada do que eu imaginei dessa conversa chegaria perto de pensar que ela simplesmente faria uma posição de entrega. Ajoelhada como eu a ensinei em seu castigo, com o rosto elevado em orgulho para servir, os olhos baixos deixando claro que ela entende que sua posição é submissão, e as mãos viradas para cima como a necessidade de ser minha propriedade. A posição das mãos, do rosto, cada coisa que eu disse a ela só uma vez, Maria decorou e refez.

Ela está aceitando ser minha? Está pedindo um castigo? Caralho... Eu estou nervoso feito a porra de um garoto. E, pela primeira vez diante de uma mulher, estou sem saber o que fazer.

— Eu vou te oferecer todos os meus sentimentos, os bons e os ruins, quando aceitar ser sua, não só a minha pele. Te ofereci o meu primeiro beijo, talvez te dê o meu primeiro sexo e assassine o meu maior sonho, tudo por querer você loucamente. Eu tenho muito pra te oferecer, e posso aceitar ser sua agora. Mas é sério que não tem nada de melhor dentro de ti para me

dar? Nem uma consideração? Uma desculpa? A porra de um pedido decente? Porque, do mesmo jeito como estou de joelhos para você fazer quase tudo o que quiser, posso me levantar e nunca mais reconsiderar essa ideia se não deixar bem claro o que quer comigo.

Dou uma volta em sua frente, atormentado, percebendo que preciso falar. Cada palavra dela fervilha em minha mente, espeta meu coração e deixa claro que esse é o momento que eu precisava. O momento perfeito. Mas, quando abro a boca, nada sai. Eu não consigo, caralho. Não agora. Quando Maria olha para cima, tão cheia de expectativa e um medo que não atiça o caçador em mim, tudo o que consigo é dar as costas e seguir para o banho.

Feito um covarde, tiro a cueca e me enfio embaixo de jatos fortes de água, deixando que escorra pelo meu corpo, acreditando fervorosamente que isso possa me acalmar e trazer alguma luz sobre o que fazer.

Ela quer mais.

Maria não quer apenas o que eu ofereci. Ela agiu exatamente como o Harry disse, esperando que eu oferte algo além. Não sei o quanto sou capaz disso. Eu sou estragado, cheio de sequelas provenientes do quanto a vida roubou de mim. Amargurado e preso num looping eterno do paraíso que eu perdi.

Ela é cheia de luz, tão linda, perfeita e atípica como *"a risadinha bem no meio de um funeral"*[17]. Um arco-íris que se forma de um temporal. Eu posso simplesmente tornar o sonho dela de ter um casamento, ter filhos, tão preto como tudo em mim. Ou... ela simplesmente pode pegar as coisas embaralhadas que rasgam a minha pele e colocar no lugar, fazer parar de doer.

Eu gosto dela.

Tanto.

Em tão pouco tempo.

O quão idiota eu serei se, por medo de não ser o que minha prima espera, a perder para sempre?

"Ela é seu encaixe perfeito", meu amigo disse. E nem em um milhão de anos eu teria sonhado que o destino a traria para minha vida, que, de

bom grado, me entregaria uma masoquista, linda, intocada e com vontade de ser minha. Tendo o sonho de ter uma vida perfeita comigo. Ela toparia ter uma família, ser minha esposa, Maria espera por isso. Minha prima iria contra a mãe, contra tudo... Ela está realmente me entregando muito.

Devo deixar tudo escapar por medo de não suprir as expectativas dela?

Bato a testa na parede do banheiro. Meu corpo inteiro está tenso, minha mente, dando nós. E quando soco o azulejo do banheiro e termino de arrebentar os nós dos dedos, sentindo a pele sangrar, só então parece que consigo aliviar um pouco a sensação absurda de ser um merda. Agora, é o sádico quem se pune. Quem busca a dor para aliviar suas merdas internas.

Maria é perfeita, caralho. Devo condená-la a viver ao meu lado?

Devo ser egoísta demais a ponto de não acabar com tudo agora e priorizar o que é melhor para ela?

E todos os cenários mundanos e perfeitos que imaginei para nós? Neles, não existe um vestido branco ou uma barriga crescendo, mas existe a gente vivendo nossos sentimentos, nossos desejos, e ela sorrindo ao viver os seus sonhos de conhecer o mundo ao meu lado.

Eu deixaria meu trabalho sujo. Me concentraria em tudo o que fosse melhor para dar uma vida decente a ela, apoiar o seu trabalho, seus sonhos, dentro das minhas limitações. Seria o suficiente?

Então, respirando profundamente, soltando o ar como se ele aliviasse uma carga dos meus pensamentos caóticos, cuido dos machucados na minha mão, finalizando com uma pomada cicatrizante, e só então resolvo me enrolar numa toalha e sair do banheiro.

Não há mais uma Maria de joelhos na sala. O que eu encontro é algo capaz de desesperar cada pedaço imundo e imperfeito do meu ser. Ela amontoou suas roupas em uma pilha sobre o sofá, e está enfiando todas elas em uma das minhas malas. Seu rosto está vermelho, tomado por lágrimas, e ela assopra os lábios para conter os soluços.

Achei que nunca mais fosse sentir tanto medo. Que meu coração fosse rachado o suficiente para não se partir nunca mais. Então, tolo, percebo que sempre estive enganado.

É como sentir o mundo caindo na minha cabeça. Meu peito dispara, e não há mais medo de não ser o que minha prima espera, é medo de perdê-la de vez. Um medo insano, absurdo, desesperador.

— O que você está fazendo? — eu quase sussurro, sentindo as pernas, pela primeira vez em anos, ficarem bambas.

— Entendi que não tem nada melhor dentro de você para mim, além da promessa de perversão e pau. — Sua voz é fria, quase como um cubo de gelo. — Isso posso achar em qualquer lugar!

Quando ela fecha a mala preta e apoia as rodinhas no chão, sem ao menos dedicar um olhar em meus olhos, é como se a ficha caísse de que vou perdê-la. Maria vai até sua bancada de costura, nem ligando de jogar uma penca de tecidos no chão enquanto a retira da tomada. Ela abraça a máquina, me dando um pequeno vislumbre da menina assustada que chegou de madrugada na minha casa, e que eu nem sonharia que pouco tempo depois seria tanto para mim.

E então é como se uma nuvem se dissipasse diante dos meus olhos, me fazendo colocar a mente no lugar.

Estou perdendo a minha Maçãzinha.

E só tem um jeito de reverter essa merda. Preciso colocar os meus sentimentos para fora. Tentar minhas fichas, ou aceitar que ela vá embora, seja lá para onde pretende ir. Tenho que deixar essa bosta sair:

— Estou apaixonado por você desde a primeira semana que você veio morar aqui. Desde o dia em que você fez bolo para mim e tentou me convencer a não sair à noite. Eu lutei para não me interessar, tentei brigar com meus impulsos, mas foi impossível — confesso, dando passos muito cautelosos até ela. Maria finalmente ergue o olhar para mim, e, onde só havia ressentimento e frieza, consigo ver alguma nota de interesse. — Eu não quero só a sua pele, Maçãzinha. No começo, foi apenas o que eu quis, mas eu quero mais agora. Embora morra de medo de não conseguir ser o que você espera de mim. — Meu rosto está quente, e me sinto fraco por estar tão exposto, mas... Eu quero tanto essa porra dessa mulher, que nada vai conseguir segurar as palavras escapando pela minha garganta. — Então, o que eu quero de você é bem simples: tudo. Que seja minha namorada.

Que pare de dizer que vai embora, que vai juntar dinheiro, ou todo tipo de merda que costuma dizer e me faz morrer de medo. Que fique de joelhos e seja minha masoquista, que seja minha. Quero seu coração. E o seu corpo, aceito até onde você puder me entregar.

Agora, ela está chorando quando solta sua máquina de volta contra a mesa e se volta para mim. Não demora nada até que eu esteja em cima dela, com as duas mãos segurando o seu rosto lindo e beijando cada uma das lágrimas que ela deixa escapar.

— É lindo ver que eu não estou apaixonada sozinha — sussurra, com seus olhos brilhando para mim. — Achei que estivesse louca, que você não sentisse nada por mim.

Tem tanta coisa misturada no meu corpo. Algo novo se formando dentro de mim, quase conseguindo expulsar um pouco da podridão que venho alimentando desde que perdi um pedaço da minha alma. Quando a única e maior inocência que já tive foi arrancada de mim. Então, vem essa garota, com cara de santa e a beleza de uma profetisa profana, e consegue acordar o mais sedento sádico existindo em mim, como um lado completamente morto, e também o cara que se apaixona, o que quer cuidar e proteger a ponto de fazer qualquer coisa. Um lado que mudaria, que buscaria alguma merda de redenção. A redenção que achei jamais ser possível para mim.

E quando entrelaço as nossas mãos e tomo sua boca com tanto carinho quanto consigo ter, meu coração está batendo com vida. Eu subo minhas mãos, soltando as dela e indo até os seus cabelos. Percorro-a inteira, não deixando um segundo de beijá-la, de engolir os soluços emocionados que ela ainda solta. Afasto meus lábios dos seus, voltando minhas mãos para os seus ombros, tão marcados e meus. Agora, são realmente meus.

— Então você quer ser minha namorada? — pergunto. — É um pedido decente para você?

— Quero mais do que tudo, André!

Sua resposta me faz sorrir. Ela poderia se assustar a ponto de não me querer mais após ver o que sou capaz de fazer. Poderia não me querer porque quer casar virgem. Porque quer ser mãe... Mas ela é tão

maravilhosa, que ficou emocionada com minha declaração. Que desistiu de ir embora.

Só que eu ainda sou sujo, mesmo que agora não seja por completo. Quando olho no fundo dos seus olhos do castanho mais lindo que já vi, estou mais duro do que nunca. Aliso o cabelo dela com carinho, soltando-os do coque e vendo, quase que hipnotizado, o movimento deles deslizando para suas costas. Uso o nó de um dos dedos para alisar sua bochecha molhada, e, quando o trago até mim, provo o sabor do seu choro. Ela solta uma risadinha, quase dizendo com o olhar o quanto sou impossível.

— Até onde podemos ir como casal, linda? — minha pergunta é séria, mesmo que minha voz agora tenha o tom que ela já conhece e que a faz ficar vermelha como um pimentão. — Só não posso te foder com meu pau?

Ela fica tensa, juntando as mãos e tentando mexer nas unhas. Isso me faz automaticamente fechar o rosto. Lendo bem minhas intenções de punição, ela rapidamente afasta as mãos e arregala os olhos, assustada.

Tá! As coisas podem ficar mais interessantes, e isso já me deixa mais acordado.

Porra!

Ela aceitou.

Aceitou ser minha.

Essa mulher linda é minha namorada. Que tipo de otário eu tô virando, a ponto de ficar com um sorriso largo pensando nisso? Vendo que estou feito um bobo, ela alivia um pouco a tensão em seu corpo e me olha um pouco mais segura:

— Só não quero transar ainda. Não acho que isso será realmente um limite rígido, porque eu quero ficar com você. Acho que... só por agora eu não quero ir além de mãos e boca — fala e, depois, morde o canto do lábio inferior. Me olha por cima dos cílios, me fazendo ter dúvida de se está querendo me seduzir ou apenas com vergonha. — Apesar de eu nunca ter feito nenhum dos dois.

É aí que meu pau acorda por inteiro. E para começar bem nosso relacionamento, resolvo deixar bem claro o quão ousado eu posso ser. De uma única vez, me livro da toalha.

Mais duro do que nunca, meu membro lateja vendo o olhar de horror que minha prima dá a ele:

— Então vai, Maçãzinha, chupa o meu pau como uma boa namorada!



CAPÍTULO 20

Errar juntos



Maria

“Não me culpe, o amor me deixou louca
Se você também não fica, não está fazendo direito
Senhor, salve-me, minha droga é meu amor
Vou usá-la pelo resto da minha vida”.
Don't Blame Me - Taylor Swift

De tudo o que imaginei para esse momento, nem por um minuto passou por minha mente que, após virarmos namorados, a primeira coisa que meu primo faria seria ficar pelado e me mandar chupá-lo.

Eu estava prestes a ir embora e de coração partido, me sentindo usada. Agora, não só vou ficar, como tenho um namorado. Esse é o verdadeiro significado da frase “foi de zero a cem em segundos”.

Ainda estou com o corpo refletindo sobre a montanha russa de sentimentos onde meu primo acaba de me obrigar a andar, um pouco trêmula, com a pele quente. Pensei que fossemos terminar sem nem ter começado oficialmente algo. Agora, estou a ponto de ter meu primeiro contato sexual.

Estou paralisada, sem conseguir desviar os olhos do seu corpo forte, investigando seu abdômen definido que pela primeira vez me faz ter vontade de beijar cada um dos gomos, suas coxas grossas, torneadas e inteiramente nuas para que eu repare em cada tatuagem que as percorre, até que meu olhar finalmente se dedique a observar seu pau imenso.

É tão grosso, que tenho dúvidas se é normal que os pênis sejam monstruosos assim. Mas não é o tamanho ou a robustez o que mais me

choca. É o que parece ser a tatuagem do contorno de uma chama vermelha abaixo da cabeça o que detém mais minha atenção. Como ele conseguiu tatuar o próprio pau? Ainda tem uma gota molhada que escorre do buraquinho na cabeça chegando até a tatuagem, dando o golpe certeiro para fazer minha calcinha ficar úmida. Ele desliza sua mão grande pela extensão do seu membro, me encarando de um jeito sedento e, ao mesmo tempo, repleto de luxúria. Obcecada, não consigo fixar os olhos em nada diferente do movimento da sua mão, que empurra a pele do seu pênis para cima e para baixo, muito lentamente. Quando ele solta um arfada, encaro o seu rosto.

— Gostou da tatuagem, Maçãzinha? — sua pergunta é prosseguida por uma erguida na sobrancelha direita que me faz começar a suar.

Assinto, embaraçada e com as bochechas ardendo. Minha boca está tão cheia de água, que parece que estou diante de um prato perfeito e muito louca para poder colocar na boca.

André caminha para o sofá, me fazendo girar sobre os calcanhares e o seguir, parando em sua frente após ele se sentar. Meu primo abre as pernas, recostando as costas no encosto. Meio divertido e até com raiva, empurra com o pé a minha mala, fazendo-a parar do outro lado da sala. Como o seu pau pode parecer ainda maior olhando-o desse ângulo? Seus lábios se abrem e um sorriso singelo deixa claro o quanto ele está se divertindo ao me ver devorá-lo com os olhos.

— Fica de joelhos aqui na minha frente!

A gente ainda não conversou sobre nada, apenas disse até onde podemos ir no sexo, mas sei que o André quer tanto isso, que não vai ter margem para papo algum. Não que eu queira conversar agora... Garantindo minha parcela diária de pecado, obedeço ao seu comando. Tremendo e até mesmo com medo de não saber chupá-lo direito, fico de joelhos. Sento sobre meus calcanhares e olho para cima. Gosto do poder que ele demonstra sempre que me olha desse jeito, como se fosse meu dono, como se soubesse que pode fazer o que quiser comigo. Meu namorado alisa o meu rosto, com um brilho selvagem e perverso rondando os seus olhos escuros.

Percebo, só agora, que a mão que ele está usando para movimentar o seu pau está completamente machucada. Penso em checar se precisa de cuidados, mas ele me trava segurando o meu queixo. Volto a focar em seu rosto, tentando adivinhar seus próximos passos.

André sorri largamente, depois desliza a mão para cima, abandonando o meu queixo e enfiando o dedo indicador na minha boca. Sem saber o que fazer, mas imaginando bem o que ele espera, eu o sugo. Fico tímida, tentando encontrar outra coisa que não seja o rosto dele para encarar, mas meu primo solta o pênis e dá um tapa leve no meu rosto. Meu ventre incendeia, e meu corpo inteiro acorda com o sabor pecaminoso que isso tudo tem. Dou uma pequena gemida, apenas porque sou incapaz de conter o ruído se arrastando pela minha garganta. E o som abafado pelo dedo dele em minha boca torna tudo ainda mais fervente.

— Suga o meu dedo do jeito que você vai fazer no meu pau, Maria! — sua ordem é precedida de outro tapa. — E olhe para mim enquanto o faz!

Obedeço, sugando e movimentando a cabeça, engolindo e soltando o dedo dele. André cheira a pura satisfação. E quando se dá por vencido, tira o dedo, aperta meu queixo com força e me puxa para um beijo. O apertão dele em meu rosto chega a doer, mas nunca me iludi esperando sutileza em nossos momentos. Eu sei que ele é um ogro, faço ideia de que sua pegada será sempre nesse ritmo dolorosamente perfeito.

— Agora, minha Maçãzinha, segura o meu pau e mete ele na boca. E enquanto faz isso, me olhe com essa cara de santinha que só você tem!

Meu ventre aquece, e tenho que dobrar as pernas para conter a pulsação absurda que acontece no meio delas, me fazendo sentir a necessidade doida de aliviar isso de algum jeito.

Tento me concentrar em fazer o que ele mandou.

Tem receio em mim, mas, aceitando que também quero muito isso, respiro profundamente e me inclino para a frente, e mesmo um pouco trêmula e com o coração batendo desregulado, seguro o seu pau. O cheiro do membro dele é bom. A temperatura, a forma como sua grossura preenche minha mão: é tudo enlouquecedor.

Eu sinto o corpo dele se retesando, e quando André começa a enrolar o meu cabelo em seu pulso, sinto meus seios começando a pesar. Amo quando ele toca o meu cabelo. Antes de enfiar o pênis dele na boca, observo bem a tatuagem. É assustador como esse detalhe deixou o pau dele ainda mais perfeito, e espero que realmente ele seja quente como esse desenho supõe ser. É apenas o esboço vermelho da chama, sem qualquer preenchimento. Tão simples e cheio de significado. Passa bem a imagem do quanto meu namorado é um safado.

Sem saber bem como fazer, mas cansada de hesitar, coloco a língua para fora e lambo o líquido que sai do topo da sua cabeça rosada e robusta.

É salgado.

Quente.

E errado.

Muito errado!

Mas esse pecado temperado com erro também é delicioso.

André estremece e solta um sibilo que me arrepia, com minha língua o percorrendo e rodando em volta da parte de cima do seu pênis. Quando tenho coragem e engulo parte da cabeça, abrindo a boca o máximo o que consigo, a ponto de doer, sugando-o de forma desajeitada e instintiva, é como abrir as portas do inferno. O sabor é muito bom. E sugá-lo é melhor ainda, porque enche meu corpo de desejo. Vê-lo estremecendo, apertando e puxando o meu cabelo, tentando empurrar minha cabeça mais para baixo, me deixa em chamas.

Tento ir mais fundo com a boca, mas percebo que nem um terço do membro dele está dentro dela, embora também tenha a certeza de que é impossível engolir mais dele sem engasgar. Quanto mais minha boca umedece, mais saliva eu pareço produzir, babando o pau dele enquanto movimento minha cabeça para frente e para trás.

— Isso, porra! Mama o meu pau como a safada que você é!

Todas essas palavras imundas me deixam excitada, e tento ir mais rápido, sugando o pênis dele com força, movimentando a minha cabeça em "vai e vem" e decidindo usar a mão na parte em que não consigo engolir também. Eu o sugo com tanta pressão, que meus lábios às vezes escapam e

produzem barulhos de estalos. E a cada vez que esse som sai, mais André contrai o corpo e arfa.

— Mais fundo! — ordena, puxando o meu cabelo com força e me empurrando de um jeito grosseiro para baixo. — Para ser minha namorada, tem que se acostumar a ter minha pica sendo socada na sua garganta, desse jeito aqui, Maçãzinha. — Não tenho tempo de pensar. Ele empurra minha cabeça com força e impulsiona o quadril. Quando seu pau bate no fundo da minha garganta, sinto vontade de vomitar. Ele segura meu queixo com uma mão. Com a outra, puxa minha cabeça para baixo, socando o pênis o mais profundo que consegue. — Respira pelo nariz, linda!

Sua voz é de puro tesão e sadismo. Ele está adorando me ver desesperada, cravando as unhas em sua coxa e tentando levantar a cabeça. Eu babo pra caralho, a ponto de escorrer pela minha boca, inundar o meu queixo e pingar nas bolas dele. E quando começo a tentar tossir com o engasgo, ele finalmente me solta e eu tento respirar. Tusso, com rios de saliva saindo quando o tiro completamente da boca.

Respiro fundo, desesperada, com baba escorrendo do meu queixo para os meus seios.

— Não dá pra respirar com o seu pau me sufocando — reclamo, entre uma sugada de ar e outra, alisando o pescoço, percebendo que meus olhos estão queimando na mesma proporção que a garganta.

Ele fica de pé, com um semblante do mais puro triunfo, de alguém que sabe o poder que tem. André apoia um dos pés no sofá, enfia a mão no meu pescoço e me puxa para ficar na sua frente.

— Para de reclamar e chupa o meu saco! — Meu primo aproxima o pênis do meu rosto, depois o segura pela base e o puxa para cima, expondo o seu saco para que eu o chupe. E, completamente submissa, obedeço. Eu gosto disso, do quão safado e gostoso é passar a língua pela linha entre as bolas dele, enquanto meu primo masturba o próprio pau. Mas ele se cansa mais rápido do que eu imaginava, puxando os meus cabelos para trás, me fazendo inclinar a cabeça. André usa a outra mão para enfiar três dedos dentro da minha boca e me fazer sufocar. Não deveria ser sexual, deveria ser estranho, mas é tão excitante. Eu engasgo e, em meio à agonia, percebo

o prazer que ele sente ao me ver assim. Isso me faz novamente esfregar as pernas. — Você está cheia de tesão, não é?

Assinto, aliviada por ele tirar os dedos da minha boca e me permitir respirar em paz. André nem me dá um minuto de pausa, porque mete as mãos com tudo na camisa do meu baby doll, puxando os botões em um tranco tão forte, que a maioria deles desabotoa de uma só vez, outros arrebentam, mas o traje se abre e exibe a ele os meus seios.

O vento gelado do ar-condicionado faz os meus mamilos endurecerem muito mais. Sentir minha pele arrepiar inteira com a sondada faminta que ele dá nos meus peitos é emocionante.

O rosnado que André solta me faz fechar os olhos e gemer. Como só a porra do som que sai da garganta dele pode me incendiar assim? Céus! Eu deveria mesmo ir para a fogueira por todas essas coisas erradas pelas quais ando me apaixonando.

Me apaixonei pelo meu primo e seu pau tatuado, sua forma de me dominar, por sua voz rouca, seu cheiro de homem mau... Eu sou tão errada quanto ele. Mas o bom é que finalmente aceitei que gosto quando erramos juntos.

André usa a mão que estava dentro da minha boca para esfregar minha própria saliva em um dos meus seios, enquanto usa a mão machucada para beliscar o bico do outro. De joelhos, diante do homem por quem estou apaixonada, é sem dúvidas o melhor lugar do mundo. E quando ele aperta o meu peito e me olha com tanto desejo presente em seu rosto, dessa vez, sou eu quem geme.

— André...

— Olha esses peitos! — Ele os aperta agora, os dois. Meu coração nunca bateu tão forte, e jamais tive a pele fervendo assim. — Caralho, o que eu fiz para ganhar você? — A voz dele, tão rouca e sussurrada, me faz jogar a cabeça para trás. — Você é toda magrinha, mas tem os peitos no tamanho certo, cheios, firmes... Perfeita pra caralho! E como pode achar que eu teria olhos para outra quando tenho você, o banquete perfeito?

— Eu coloquei seu pau na minha boca. Agora, coloca os meus peitos na sua?

Meu pedido quase suplicado o faz parar de apertar os meus seios. Me assusto quando sinto o toque dele indo para o meu cabelo. Com um puxão breve, mas doloroso, André me coloca de pé. Quando ele me pega assim, tão impulsivo, fico um pouco assustada. Mas o medo junto ao tesão é quase capaz de fazer minha cabeça explodir. Os movimentos dele são rápidos, eu mal pisco e ele está sentado no sofá, comigo montada sobre suas pernas, de frente, com a extensão do seu pau resvalando na minha boceta, sendo o tecido do short e a fina calcinha a única coisa a nos separar.

André não diz nada, apenas aperta os meus seios de um jeito tão gostoso, que fecho os olhos e respiro pela boca, pedindo silenciosamente que não os deixe de apertar jamais. E mesmo quando ele o faz, não tenho tempo de ficar triste, porque ele pega meu seio direito na boca e o suga tão profundamente, que me contorço inteira, sentindo, pela primeira vez, o poder que roçar minha boceta contra o seu pau duro tem. E quanto mais ele chupa, lambe, morde, aperta ou deixa chupões nos meios seios, mais eu gemo e me esfrego contra o pau dele, sentindo meu clitóris latejar. Eu sinto algo crescendo lá embaixo, pulsando, se tornando intenso, me fazendo gemer e nunca querer parar de me esfregar nele.

Não entendo quando meu primo me pega pelo queixo, o apertando, puxando o meu rosto para perto do seu. Estava tão perto de um precipício, que me despertar assim parece injusto. Eu estava prestes a ter uma explosão dolorosamente gostosa lá embaixo. Acho que... Pelo que minhas amigas já me descreveram, eu ia ter um orgasmo.

— Você fica linda assim, com essa carinha vermelha, querendo gozar. Mas, amor, a nossa lei é assim: eu primeiro! Você, só quando eu deixar — cada uma das suas palavras me deixa mais louca, porque, por mais injusto que pareça, ainda fico molhada sabendo que ele quer ter todo esse controle sobre mim. — Então, faça a sua posição de entrega, porque agora você vai beber a minha porra. E eu vou encher tanto a sua boca com ela, que depois de você a engolir, nunca mais vai conseguir livrar seu corpo do meu DNA.

Ele me dá outro tapa, como se estivesse tentando me despertar do transe em que suas palavras me colocaram. Minha bochecha arde dessa vez,

e ainda que meus olhos se encham de lágrimas, fico de joelhos, na posição de entrega, do jeitinho que ele me ensinou e eu nunca mais vou esquecer.

— Agora, inclina mais a cabeça para trás e abre a boca!

Obedeço de imediato, sem erguer os olhos, arfando, com medo do inesperado e também rogando por ele. Meu namorado se abaixa na minha frente, desliza sua mão gostosa, rude, quente e grande por meu pescoço. André certamente pode sentir o quanto minha pulsação está alterada, acelerando feito louca. Quando ele aproxima os lábios dos meus, imagino que vá me beijar. Chego a fechar os olhos.

— Abre mais a boca! — Eu expando os meus lábios o máximo que consigo. Quando o sinto cuspindo dentro dela, abro os olhos para ver se não estou louca. Com a saliva dele depositada em minha língua, fico imóvel, confusa, sem nem saber o que devo fazer com isso. — Agora usa o que te dei para molhar a minha pica.

Seu membro toca a minha bochecha. Antes que eu consigo fazer o que ele me mandou, André faz um movimento de catapulta, batendo com a cabeça do pau em minha maçã do rosto.

Me arrisco a fitá-lo nos olhos, e tem tanto desejo lá. Tanta admiração e paixão, que ver isso é o combustível perfeito para ficar descontrolada, para segurar a base do seu pau e depois lambuzá-lo com a mistura das nossas salivas.

E quando eu o chupo, sugando, rolando minha língua pelo topo gostoso do seu pênis, ele solta alguns ruídos, tão masculinos e grosseiros, que me fazem sentir que posso chegar ao orgasmo só com isso. Eu o chupo o mais rápido e forte que consigo, amando ver que ele fica na ponta dos pés, que sente prazer, que gosta do que faço com a boca.

O maior choque é o jato quente que ele deixa sobre a minha língua. Me assusto tanto, que afasto a boca bem na hora, o que faz com que o restante da goza dele caia em meus seios. O gosto estranhamente bom do líquido branco que ele soltou em mim me surpreende. Engulo o que ficou na minha língua, sem saber o que eu deveria fazer com isso.

André está tremendo, com os olhos fechados e o rosto mirando o teto da casa. Me arrisco a olhar para a camada de líquido esbranquiçado sobre

os meus seios. E é tão feio o quanto acho isso perfeito. O quanto amo que ele tenha gozado em mim. O quanto acho emocionante o que acabamos de fazer.

Meu namorado alisa o próprio cabelo, e só então me encara, soprando o ar pelos lábios. O rosto dele está sério, mesmo que eu veja em sua postura que ele está satisfeito.

— Muito bem, linda! — elogia, acariciando a minha cabeça. — Você aprendeu rapidinho. Só errou uma coisa... — Cerro o cenho, confusa. Eu abro a boca para tentar perguntar, mas ele resolve ilustrar bem onde está o erro, quando enfia dois dedos nos meus seios e limpa o seu esperma deles. — É feio desperdiçar alimento. Quando eu te dou minha porra, você bebe ela toda! Entendeu?

Merda! Eu vou precisar de duas horas de um banho gelado depois disso. André enfia os dedos na minha boca, perfurando-me com os olhos injetados de prazer, observando cada movimento que faço para beber o que me dá. Quando seus dedos estão inteiramente limpos, ele dá dois tapinhas em minha bochecha e sorri.

— Entendi! — finalmente sou capaz de responder.

— Agora tira esse short e deita no sofá!

E agora eu começo a me tremer inteira. Fico nervosa, tentando esconder dele o quanto minhas mãos começam a balançar de forma involuntária, me fazendo parecer um boneco de posto. Eu o obedeço em partes, apenas me deitando no sofá. E daí que está vendo os meus peitos? Ver a minha parte de baixo é diferente. Me sinto uma boba, mas não consigo ficar menos nervosa quando ele se ajoelha diante do sofá. Estou tão ansiosa, que quase começo a mexer nas unhas, mas como não quero um castigo agora, apenas aperto minhas mãos.

Meu namorado segura os meus quadris e, sem a menor dificuldade, me puxa para a borda do estofado. Fico com a metade da bunda para fora. Meu peito está subindo e descendo sem parar, e eu até tento disfarçar o meu olhar de horror enquanto ele começa a descer o meu short e, junto dele, a calcinha, mas é impossível.

André não tira nem por um segundo os olhos da minha boceta, vistoriando-a inteira, enquanto abre as minhas pernas e apoia minhas coxas em seus braços. Me sinto acanhada quando ele esfrega o indicador no rastro de pelos ralos e escuros acima do meu clitóris. E mesmo quando seu dedo se afasta, ainda sou capaz de sentir o rastro quente que seu toque deixou.

— Que cheiro delicioso essa boceta tem. Vai ser impossível esquecer esse momento, Maria! — Eu não consigo nem respirar direito. Parece até que meu pulmão esqueceu como funcionar, enquanto André desce o rosto, para bem no meio das minhas pernas. Quando acho que vai me chupar, ele ri. — Desse jeito, você vai ter um treco, Maçãzinha. Tenta relaxar. — Assinto, mas tudo o que não consigo agora é relaxar. — Sua boceta é linda e delicada como você.

Cada fala dele arrepia minha espinha. André desce tanto a boca, que seu hálito quente sopra contra o meu clitóris. Quando a língua dele encosta na minha pele sensível, arqueio as costas. É enlouquecedor o quanto meu corpo inteiro deseja mais disso! Ele desliza a língua por minha boceta inteira, do topo dos pelos até embaixo, e, a cada vez em que se move, me faz gemer.

— Está gostando?

— Aham... — é mais um gemido do que propriamente uma palavra.- — Acho que você deveria me fazer gozar como um bom namorado.

Eu posso sentir seu sorriso contra minha umidade. Ele move a língua devagar, fazendo minha boceta pulsar e ficar ainda mais úmida. Minhas pernas tremem com a forma como ele a movimenta, com o jeito como suga e oscila entre me lamber e chupar. Doida, pegando fogo, aperto meus próprios seios e tento jogar ainda mais minha pelve contra o seu rosto.

— Você quer gozar, namorada? — Ele para do nada, me fazendo grunhir de frustração.

— Para de falar e me chupa! — rosno, louca demais para conseguir me controlar, entregue demais para ter algum pudor. Tento segurar a cabeça dele e puxá-la de volta contra mim, mas André ri e segura os meus pulsos. — Por favor, amor...

— Vou acrescentar sua ousadia em me dar ordens ao seu castigo.

Ele volta a me chupar, indo bem devagar, torturando-me como ama fazer. Reviro os olhos de prazer, respirando por meus lábios entreabertos. Quanto mais ele aumenta a velocidade e me surra com sua língua, mais eu gemo, sentindo tudo aumentar, tudo incendiar, quase beirar a explosão. Quando suas mãos imensas se enfiam na minha bunda, apertam a ponto de as unhas dele quase rasgarem a minha pele. Meu clitóris explode em um gozo tão delicioso, que eu gemo o nome dele o mais forte que consigo. Minhas pernas amolecem, meu corpo inteiro arqueia, enquanto jogo para fora todo o tesão que tive que acumular ao longo dessas semanas.

Quando meu primo ergue o rosto, com o queixo todo molhado do meu orgasmo e um sorrisinho cheio de satisfação, me pergunto por que não fizemos isso tudo antes.



CAPÍTULO 21

Purgatório



“Quero ser o erro.
A palavra em seu lábio”.
Whatever It Takes - Imagine Dragons

É quase impossível encontrar um arsenal adequado de palavras para descrever o que estou vendo. Minha namorada deitada, com as pernas abertas, inteiramente trêmula e se recuperando por ter gozado na minha boca. Sua boceta rosa, peludinha do jeito que eu gosto...é mais do que eu ousei sonhar. O cheiro da minha prima está impregnado no meu rosto, o gosto doce do orgasmo dela na minha língua. Mas nem de longe minha imaginação chegou na beleza que é viver isso.

Me inclino no sofá e a puxo para o meu colo. Maria está toda molinha, se mexendo devagar para se aninhar em meu pescoço, com sua bocetinha quente encostando no meu pau. Sua respiração segue forte, e quando ela recosta sua cabeça em meu peito, penso que quero ela assim pra sempre.

Entregue.

Minha.

— Como está se sentindo? — minha voz é um sopro fraco contra sua cabeça cheirosa.

— Parece que meu corpo é feito de gelatina. — Sou dominado com um sorriso após sua voz preguiçosa me dar essa resposta. — Mas amei o que fizemos. Foi incrível.

Meus dedos serpenteiam por suas costas em carícias leves, por baixo da sua camada incrível de cabelo. Eu finalmente tive a mulher por quem estou apaixonado se entregando para mim. Não por inteiro, mas só o que ela já está me dando faz todo o esforço de tentar conquistá-la valer a pena.

Somos enredados em um silêncio que se alarga por bastante tempo, e pelo jeito como ela está soltando os roncos baixinhos que são o único defeito nela, embora sejam até fofos, sei que pegou no sono. Com minha namorada aninhada em meus braços, faço força para nos levantar do chão. Com todo o cuidado do mundo, a coloco deitada de lado na cama. Maria está suada, por isso não a cubro com o edredom com o qual ama dormir enrolada.

Me sento na borda da cama e a observo. Como seria possível cansar de achar esse rosto lindo? Ela é a mulher mais bonita do mundo, porra. E sua carinha de recém fodida é o golpe perfeito para me deixar mais doido por ela.

Estou aliviado, porque mesmo que por poucos minutos, ter encarado a possibilidade dela indo embora acabou comigo. E, pela primeira vez desde que eu era um adolescente, tenho novamente uma namorada. Uma que eu posso amar. Que estou muito perto de amar. E a linha é tão fina entre o desejo, a paixão e os outros sentimentos ainda mais profundos, que me pergunto qual é o verdadeiro nome do que sinto por ela.

Eu, o sádico, que jurava ter um coração podre, estou encarando uma garota nove anos mais nova do que eu, apaixonado feito um moleque. Quem ousaria apostar que o destino me daria um golpe assim?

E do que ela tanto foge? Devo amarrá-la agora que é minha, acordá-la direto para um castigo onde sua única palavra de segurança é berrar o que a fez fugir de casa? Não. Não consigo fazer isso.

Eu vou castigá-la hoje, principalmente pela porra toda que rolou na balada, mas também por ousar me dar uma ordem, mesmo que me mandar chupá-la logo tenha sido sensual pra caralho. Ela tem opinião, voz e direitos na nossa relação amorosa. Porém, ainda sou eu quem manda. Mas ela vai entender essa dinâmica com o tempo, e com muita surra nessa pele branquinha e macia.

Mesmo não querendo, a deixo dormindo e vou para o banho. Quero me lavar e depois encher a banheira de mármore preto que fica ao lado do meu box do chuveiro. Vou deixar um banho bem relaxante preparado para ela, para que esteja bem recomposta para finalmente matar sua curiosidade e descobrir o meu inferno pessoal: o segundo andar.

Após me banhar, enquanto me seco e vou caminhando para o quarto, penso em como é bom sentir que meu saco não tá mais pesando com tanta porra nele. Caralho! Eu gozei tanto, que ela nem conseguiu segurar tudo na boca. Acho que eu deveria ter me certificado de que estivesse tudo dentro da garganta dela antes de gozar. Vai ser divertido vê-la sufocar com minha porra.

Depois de vestir uma calça de moletom preta, me sento na borda da cama e aliso o rosto dela. Seus cabelos bagunçados, alguns fios grudados na testa e sua boca toda inchada por nossas preliminares é como admirar uma fração do Olimpo. Acho que nem Afrodite teria uma beleza que se equiparasse a essa mulher dormindo em minha cama.

— Ei, linda... — Acaricio seu braço, esfregando a mão lentamente nele, até que ela abre os olhos.

São necessários alguns segundos até que ela desperte totalmente e foque sua atenção em meu rosto. Maria se espreguiça, ronronando feito a gata mais manhosa do universo.

— Oi, lindo... — Ela dá um sorrisinho tão perfeito e ligeiro, que me sinto um bobão. Nem tendo como me conter, me deito em cima dela e encho a sua boca de selinhos. Ela ri, tenta lidar com o meu peso a imprensando contra o colchão. — Hum, amei esse seu novo lado cadelinha.

Afasto o rosto, sentindo a bochecha esquentando com sua piada que me acertou em cheio. Amo que ela tenha senso de humor e venero sua forma ousada de brincar com o perigo. Afinal, eu sou um homem acostumado a torturar políticos e criminosos, que ama ver sangue escorrendo dos corpos alheios, e, ainda assim, estou fraco de tanto sentimento por uma Maçãzinha.

— Como você é engraçada! — Aperto seu nariz.

— Obrigada!

Reviro os olhos para o quanto ela parece doida para ficar de bunda quente. Me levanto, parando ao lado da cama. Maria lentamente se senta, depois estica os braços no alto da cabeça, me fazendo olhar direto para seus mamilos rosados e que quase sussurram o quanto querem ser mordidos, esfolados, massacrados por minhas mãos e instrumentos.

— Preparei um banho para você. Então vai lá, só não lave o cabelo. Quero ele seco para o que faremos daqui a pouco.

E lá está, meu jogo favorito acontecendo sem muito esforço: ela esboça medo pelo olhar. Esse sentimento escorre do seu corpo, quando ela entrelaça as mãos e seus olhos se abrem tanto, que parecem prestes a explodir.

— Vai me castigar?

— Vou. Mas primeiro você vai obedecer ao que acabei de mandar.

No reino animal, muitas espécies usam a encarada como meio de dominação. Fixar os olhos no oponente é um jogo de poder. Aquele que desvia demonstra fraqueza e submissão, e, pelos poucos segundos em que Maria ousa encarar os meus olhos, sou o mais firme que posso a trucidando de volta. Ela desvia e faz impulso para sair da cama. Sorrindo, triunfante, dou um passo para trás, deixando um espaço confortável para que ela possa passar, mas não sem sarrar seu corpinho no meu pau.

Em silêncio, ela obedece e vai para o banho. Pego a chave do purgatório, que fica no chaveiro único que tenho, onde tem também a do Ravina, da minha moto e do carro. Maria poderia até ter aberto lá em cima se quisesse, era só ter a coragem de roubar o meu chaveiro.

Quando ela tentou entrar lá na primeira semana aqui, eu fiquei puto. Puto porque eu não queria imaginar ela na sala principal, o que eu poderia fazer com ela. Mas principalmente, eu não queria que ela visse outras coisas. Que mexesse em itens que me fariam odiá-la. Coisas que nunca mostro a ninguém.

Aproveito para mandar mensagem no grupo do *WhatsApp* para ver se os meus amigos chegaram bem em casa. Mas não esperava que já tivesse dezenas de mensagens deles. Maria vai ficar roxa de vergonha quando ver isso, afinal, as garotas já a adicionaram no grupo há uns dias...

Isa: O couro comeu aqui na casa dos vizinhos. Foi cada gemido...

Ana: ISABELA!!!! Pare de expor nossos amigos! Mentira... Expõe mais. Quando era comigo, todo mundo ficava ouvindo.

Nate: Odeio morar do lado desse cara. Agora sou obrigado a ouvir ele rugindo.

Harry: Pelo menos alguém transou hoje.

Eu: Vão se foder! Literalmente...transem e sejam menos fofoqueiros.

Josiah: Você transou? Porque, se não, se foi só preliminar, nem tem moral de mandar a gente ir se foder.

Isa: Janta ele, Jow! E depois a Aninha, assim ela não fica com ciúmes!

Nate: Já estou descendo aí no quintal, esposa. Acho que preciso te saciar para você esquecer a vida dos outros.

Isa: Vem logo porque já quero o segundo tempo, marido. E, no mais, não são outros. É a vida da minha amiga, que por sinal é bem interessante.

Eu: Sabia que eu sei fazer bomba caseira? Posso tranquilamente atirar uma na casa de vocês.

Isa: Maria daria um pé no seu rabo. Ela me ama, sabia?

Nate: Eu tenho uma boa experiência em incendiar coisas. Cuidado! Sua casa, às vezes, parece bem tentadora.

Reviro os olhos, jogando o telefone na cama quando ouço minha namorada saindo do banheiro. Foda é que eu gosto do quanto esse cuzão do marido da Isabela é espirituoso. Daríamos bons amigos, mas ele nunca vai perdoar eu ser “ex” da Isa, e de quebra ter fodido muito com a irmã gêmea dele.

— Acho que posso me acostumar com você me preparando banhos quentinhos — minha namorada diz, saindo do banheiro enrolada numa toalha branca.

Sua voz está tão doce e apaixonada quanto seu semblante.

— Depois dá uma olhada no grupo dos nossos amigos — digo, torcendo para conseguir ver o rosto dela quando ler aquela porra.

— Tá bom!

Quando ela vai em direção ao biombo com uma calcinha na mão, chego até ela e puxo sua toalha de uma só vez, deixando seu corpo nu em exibição.

— Chega disso! Eu acabei de te ver peladinha. Vou doar esse biombo para você nunca mais querer se esconder de mim.

— Vai acabar enjoando se passar a me ver pelada o tempo todo — fala, abraçando o próprio corpo, como se estivesse com frio. — Que roupa eu visto?

Penso em suas palavras, amando o quanto ela já está submissa a ponto de ter perguntado que roupa devia usar. Mas ela vai ficar sem nada durante o castigo, de qualquer forma. Quando minha prima me dá as costas, vejo como a sua silhueta é foda de se admirar. Seu cabelo liso escorre até a bunda redonda e durinha.

— O que você quiser. Não vai estar vestida quando estivermos lá em cima.

Depois de vestir a calcinha, ela já estava abrindo o guarda-roupas, mas seu corpo inteiro travou no meio do percurso. Ela gira a cabeça por cima dos ombros, e o receio brigando com a curiosidade em sua feição me deixa fascinado.

— Lá em cima?

— Sim. Vou te apresentar o inferno, antes de você finalmente me entregar sua alma.

Ela revira os olhos, parecendo brava por minha frase profana. Cruzo os braços, observando-a trajando uma calcinha de renda azul céu, comportada como todas as que já vi no varal, depois veste uma das minhas blusas. Na verdade, acho que já posso nomear como “nossas blusas”, já que Maria anda usando até as que uso pra sair.

— Quero que compre roupas novas — aviso, pensando que gostei do jeito como ela estava ontem, mostrando pro mundo as marcas que deixei em seus ombros. — Todas a que você desejar, mas, em maioria, que deixem seus ombros expostos. Tomara-que-caia, vestidos de alças, blusas... O que você quiser. Mas quero ver os seus ombros o tempo inteiro.

— Não quero gastar tanto dinheiro assim, porque pretendo conversar com a minha mãe sobre morar aqui de vez, então, vou dar uma parte do dinheiro que juntei pra ela e...

— Você é o que minha? — corto friamente.

Ela parece confusa, e sei pela forma da lividez que toma sua pele, que ela tem medo quando uso esse tom de voz autoritário.

— Namorada...

— E?

— Masoquista? — Sua voz é cheia de confusão.

— Propriedade — corrijo. É o que ela é. Minha! — Quero ouvir você dizendo!

— Sou sua propriedade.

— Então, como seu dono, eu tô mandando você comprar roupas.

Maria assente, cruzando as mãos na frente do corpo e esperando o que direi. Só que não tenho nada para falar agora. Vou até o guarda-roupas e pego uma venda para olhos, que as vezes uso para dormir. Quando vou até a minha prima. Um olhar minucioso mostra o quanto ela está nervosa.

Paro atrás dela, sentindo sua respiração aumentando o ritmo e intensidade, e quando passo a venda em seus olhos, ela solta um suspiro longo, como se quisesse se acalmar.

Eu a quero assustada. Com todos os seus órgãos sentindo o pavor correndo pelo sangue dela, infiltrando-se em cada célula, berrando que ela tem que me temer. Só de pensar nisso, eu já fico duro. Mas, depois do que farei com ela hoje, não pretendo gozar. Só o prazer de aplicar esse castigo vai ser como ter gozado dez vezes.

Seguro nos ombros da Maria, irritado por ela ter colocado uma das minhas blusas brancas, mas com mangas. Quando sinto seu corpo vibrando, aproximo a boca do seu ouvido e digo:

— Eu amo o seu cheiro, mas quando seu aroma doce tem notas de medo... Ah, aí sim se torna perfeito! — provoco.

Sem mais enrolação, a guio com calma para fora de casa. De degrau em degrau, subimos as escadas de ferro branco, com calma para que não

haja riscos. Maria fica com as palmas das mãos na frente do corpo, tentando apalpar tudo e entender um pouco do que está acontecendo.

Reviro os olhos quando arrisco olhar para a casa da Isabela, tendo certeza que ela estaria vigiando nossa vida. Minha amiga está nos fundos da casa, sentada em uma cadeira na sua mesa de madeira do quintal. Parece estar fazendo um *after* particular com o marido, tomando cerveja e o caralho. Quando minha vizinha percebe que estou entrando com a Maria no segundo andar, que nem ela sabe o que tem dentro, pega o celular e começa a digitar.

Filha da puta fofoqueira!

Abro a porta do Purgatório. O cheiro de ferro, couro e coisas sombrias se choca contra nós. Acendo a luz amarela e torpe do local, percebendo como as paredes propositalmente manchadas e sujas me trazem a sensação de poder. Eu gosto do que criei aqui. E mais ainda, da mulher que tenta tatear as paredes quando eu a solto e tranco a porta atrás de nós.

— Cuidado para não pisar numa ratoeira, Maçãzinha! — provoco, só para pode me deliciar com ela apavorada. — E não tire a venda até que eu permita!

Para o meu desprazer, ela está sim com medo, mas sua curiosidade se sobrepõe a qualquer coisa, com ela simplesmente se apoiando na parede e sentindo o ambiente com os dedos. Inclino a cabeça de lado, chocado com o quanto isso é inesperado.

Deixo que ela percorra meu painel de ferro onde prego minhas ferramentas, mas só o tocando pelos lados, como temo que ela acabe enfiando a mão em um dos meus facões, cutelo ou martelos grudados nele, eu a puxo, a guiando para a parede descascada da frente.

O ambiente escuro, decorado com perversão e propositalmente inspirado em um abatedouro caindo aos pedaços, não combina com a minha prima. Não à primeira vista. Não para alguém que não tenha trevas habitando suas entranhas. Para mim, ela é uma rosa branca em meio a um deserto feito de cinzas. Gosto disso. Desse contraste absurdo.

Quando ela cai de barriga contra uma mesa alta de ferro maciço, resolvo finalmente a puxar contra mim, alisando sua barriga enquanto roço

minha boca em seu ouvido. Subo as mãos até o seu coração. Bate forte? Sim. Mas não chega nem perto do que deveria. Minha namorada não está com o medo que eu esperava. Puxo sua venda, depois jogo o apetrecho pelo chão de cimento queimado.

Assim que ela olha ao redor, o fascínio que encontro em sua postura é enlouquecedor.

"Ela é seu encaixe perfeito!".

Acho que essa frase nunca fez tanto sentido.

Maria encara os ganchos espalhados pelo ambiente, nas paredes, no teto, as cordas dispostas em prateleiras de ferro. Passeia pelo local, descartando o chinelo pequeno em um canto qualquer. Cruzo os braços, trinco as sobrancelhas. Como ela consegue me surpreender ainda mais?

Como se fosse o enigma mais difícil do mundo de ser decifrado, ela se senta na mesa de metal para açougue, balança os pés e gira o olhar sobre tudo. Investiga de longe o meu painel de facas variadas, meu arsenal de chicotes de couro, chibatas, palmatórias e varas. Encara as algemas, inspecionando desde as de ferro até as de couro, mas seus olhos parecem mais focados em dois pontos distintos. Ele corre entre a porta com fechadura eletrônica nos fundos da sala, e na gaiola de ferro do tamanho exato para enjaular um humano ao lado dela.

— Então isso aqui é o seu *"quarto da dor"*? — Ela ri, me chocando mais.

— Não está com medo?

Aliso o queixo, observando o quanto ela dá de ombros.

— Achei que você escondesse um corpo aqui em cima, tipo aquele canibal dos Estados Unidos que guardava cabeças na geladeira. — Sorrio, mordendo o lado interno da bochecha para não soltar uma gargalhada. — Sabe, parece mais que entramos em um barraco caindo aos pedaços, nada sofisticado como no livro que eu li.

Eu olho ao redor. A sala ampla tem diversas luzes pelo teto e de cores variadas, inclusive bem brancas, para práticas onde preciso ter uma boa visibilidade do corpo da Bottom. Acendi a amarela de proposito, assim aumenta a sensação de ser um local em ruínas. Gosto do papel de parede de

um branco cheio de manchas, fazendo parecer que as paredes estão imundas. Esse lugar é como eu quero que seja: meu antro de podridão.

— Não é para ser ardente, Maria. Eu não acho que ser um sádico é algo bonito. Aqui é onde eu deixo meus demônios saírem, por isso eu chamo de Purgatório.

— Então é a penitência das suas "propriedades"?

Não gosto do tom da sua pergunta. Parece ter ciúmes incrustrado em julgamento.

— E minha também. Eu não queria ser assim — confesso, me sentindo o merdinha frágil de quinze anos que enterrei na minha mente, que se sentia péssimo pela mãe o ter visto surrando a bunda da namorada com um cinto ao voltar da missa.

Não queria ser o cara que todas as garotinhas da vizinhança queriam mamar porque sabia fazer elas gozar na base da enforcada. Tudo isso caia no ouvido da dona Vanessa, e ela me perguntava por que eu era assim. Porque ela me pegava com os olhos brilhando sempre que eu via uma das suas amigas chorar.

E quando isso começou? Impossível saber.

Mas eu sei que sou assim acima de qualquer desculpa. Não existe um grande trauma que me tornou um sádico. Já era assim antes de ter minha vida destruída, apenas aceitei. Eu somente não entendia, e depois de ter sido dilacerado pelo destino, abracei meus demônios e me lancei nas sombras, passando a viver meus desejos e impulsos sem me julgar mais.

Mas se existe um ponto inicial que marca onde eu comecei a agir como um sádico... Foi na escola. Certo dia, vi uma garota chorando no recreio, eu tinha quinze anos. Ela estava em um banco, solitária. Um dos babacas implicava com as tranças loiras que ela usava, afinal, já era uma adolescente. Me sentei ao seu lado, e ela me olhou como se eu fosse um lorde por ir reconfortá-la. Porém, eu só havia feito aquilo porque, hipnotizado, tudo o que sentia era vontade de provar o sabor daquilo. Daquele choro que a deixava perfeita. Que fazia seu rosto doce se tornar vermelho. Então eu lambi. E nunca mais consegui deixar de gostar de ver mulheres assim, chorando.

Aquela garota riu e fez cara de nojo com minha bizarrice. Mas ela colou em mim. Se apaixonou. E nem deu duas semanas para eu estar metendo nela quando os meus pais iam trabalhar. Foi nela que eu comecei a descontar o meu sadismo, com os tapas inocentes que dava em sua bunda quando a comia, e ela, tão louca quando eu, pedia por mais. Depois migraram para o rosto, e então nos peitos. A gente tinha algo perfeito. Ela alimentava o monstro que habitava em mim. Ela o domava por rédeas finas e frágeis, mas domava. Só que ela também foi a verdadeira ponte para ele quebrar as grades, se rebelar e nunca mais aceitar adormecer.

Ela foi o início do fim para mim.

E sei que também fui o início do fim para ela.

Nós fomos destruídos.

E tantos anos depois, percebo que eu nunca a amei. *Eu amei a coisa perfeita que ela me deu.* E a odiei quando tudo acabou. Sei que ela me odeia também. É um eterno jogo de quem é mais culpado.

Fazem oito anos que eu não a vejo.

E sei que nunca mais verei.

Olhar para ela seria ver um fantasma.

— Causar dor me alivia, mas nunca alivia a culpa eterna que eu sinto por nascer doente. Surrar pessoas também faz a dor das coisas que perdi diminuir.

Maria abaixa os olhos. Ela cessa os movimentos divertidos que fazia com a perna, sentada na mesa onde pretendo domar cada átomo do seu corpo.

— Bom... — Ela raspa a garganta, percebendo o que estou mencionando. Minha grande ruína que foi sussurrada até por nosso parente mais distante. — Se eu pudesse pedir algo... Seria que você só pintasse as paredes. Elas estão sujas — desconversa.

Quis rir. Balanço a cabeça e caminho até meu quadro de facas. Não gosto de ter a mente levada por memórias nos momentos de sessões ou castigos. Só que, quando você é sugado pelo buraco negro das suas tragédias, não existe força que resista a pressão que é feita para afundar. Para ser engolido.

— Vamos conversar sobre nossa relação, namorada — começo, e a emoção faltando na minha voz é do tamanho exato do buraco que existe em meu peito. Que nem a Maria, nem nada que ela pudesse me dar taparia. — Eu vou falar as práticas que pretendo fazer contigo, e você vai me dizer quais você faria, e quais nunca faria, além de seus "limites rígidos". — Pauso para respirar, batendo com a ponta dos dedos sobre uma faca de caça com cabo preto. Eu não preciso olhar para ela. Ouço daqui ela arfando quando a retiro do painel de ferramentas. — Limites rígidos são coisas que você repudia, que não existe negociação sobre.

Eu me viro para ela. Maria já não está mais sentada na mesa. Está ao lado dela, com as costas colada na parede, os olhos arregalados que a faz parecer uma corça pronta para ser abatida. Sua cabeça paira abaixo de um nicho de metal com vibradores, separadores de perna, e mais apetrechos.

— Ok! — Ela engole em seco antes de dizer. — Estou ouvindo, André.

— Deita na mesa! — Aponto com a faca para a bancada de metal.

Ela obedece, e se com medo do castigo ou da faca em minha mão, os olhos começam a amontoar lágrimas. Observo ela se deitando de barriga para cima, e meio desconfortável, remexe o corpo. Eu sei que é bem gelado ali e ela deve estar sentindo frio por causa do ar-condicionado, que sempre liga quando aciono as luzes.

— Não se mova!

Após a ordem, ela começa a respirar tão fundo, que ouço cada vez que o ar entra em seu nariz. Me concentro em me aproximar sorrateira e lentamente, um passo de cada vez, observando a barriga dela subindo e descendo como resultado do medo, muito bem-vindo, que agora ela demonstra. Completamente apavorada, ela encara o teto do Purgatório. Me aproximo da sua face, e quando levo a faca de lado e a pressiono em sua bochecha, no ângulo certo para não haver cortes, ela solta arfadas altas, misturadas com choramingo e salpicadas com lágrimas.

— Estou com medo, amor...

— Que bom, Maçãzinha! — elogio, descendo o rosto e deixando um beijo bem rápido em seus lábios.

Desço a faca lentamente, mas afastando-a da pele dela para não haver riscos. Maria morde os lábios e engole os soluços, estremecendo. Ela está com as mãos deitadas ao lado do corpo, e quando enfio a parte afiada na gola da blusa, ela solta um grito.

Meus lábios se abrem num pequeno sorriso satisfeito, e quando rasgo a blusa até embaixo, ela começa a se acalmar, percebendo que não vou cortá-la. Não hoje. Retiro os frangalhos da blusa do corpo dela, deixando-a apenas de calcinha.

Gosto da tortura que ela sente quando pouso a faca gelada em seu mamilo enrijecido pelo ar gélido e pela lâmina.

— Por favor... Isso me assusta muito.

Ela está chorando agora, a ponto da saliva se prender em seus lábios. Hum... Gosto disso. Ela morre de medo das facas. É delicioso. Com uma onda de prazer se formando no meu corpo, pouso a ponta da faca na borda de sua calcinha, na altura da pelves. Puxo um pouco o tecido para ajudar, e quando começo a cortar, Maria treme mais, compulsoriamente, chorando e soltando pequenos gritinhos. Eu só corto o tecido até a altura exata para começar a ver os seus pelinhos, que estou doido para poder puxar com os dentes e roçá-los na minha cara novamente. Vou até um aparador fino, do mesmo material da mesa onde minha namorada está, e pouso a faca. Quando volto até a Maria, ela está assoprando o ar pela boca, tentando se controlar. Enfio as mãos na calcinha e termino de rasgar.

Após também jogar a peça íntima pelos ares, me dedico a engatinhar a ponta dos meus dedos pela barriga dela. Minha namorada funga, ergue as mãos e limpa com o dorsos as bochechas molhadas, parecendo uma criança. Isso me faz querer rir, porém, sigo concentrado em arrastar os dedos para baixo, na velocidade necessária para deixa-la ansiosa, e quando chego até sua boceta, abro suas pernas a ponto dela estar preparada para um sexo na posição de “frango assado”, mas apenas esfrego sua boceta com os dedos. Com uma das mãos, me dedico a massagear seu clitóris, com a outra mão, rodeio sua entrada, nem precisando de muito para sentir o quanto é lacrada. Meu pau dói, clamando para se enfiar nela e rasgar isso de uma vez. Mas é limite rígido. Eu vou respeitá-la.

— Os dedos, amor, posso enfiar? — Ela nega, balançando a cabeça. Me seguro para não fazer um beiço de frustração. — Não penetrar envolve também seu cuzinho?

Ela fica tão vermelha, que me pergunto se todo o sangue do seu corpo se concentrou no rosto. Ela assente, dizendo que atrás também é proibido. Meu pau terá que esperar.

— E nada de coisas nojentas como necessidades fisiológicas — ela fala de maneira convicta e com cara de nojo.

— Anotado. Não curto isso, de qualquer forma — concordo. — Spanking é uma prática que visa "espancar", ou seja, bater em você, seja com as mãos ou com chicotes, chibatas, varas. Topa?

— Sim! Acho que eu vou gostar bastante disso.

Ela me olha, com seu jeitinho submisso e safado, porque eu percebi que a masoquista que existe nela é capaz de acabar com seu senso crítico. Ver o quanto ela curte nossos joguinhos me deixa doido. Faz até minha paixão louca se tornar pior, a ponto de arder dentro do peito, e descer até a minha pica.

— Cortes, com facas, bisturi...

— Facas me assustam muito, mas eu não acho que isso é um limite rígido. Quero que você me mostre mais materiais sobre isso, me ensine, para que possamos pensar juntos.

Que orgulho dela. Pensando comigo, expondo suas vontades. Nem conseguindo me segurar, me inclino sobre a mesa e a beijo. Eu a devoro, sugo a porra da sua língua a ponto de a deixar sem ar, mordo sua boca com força, querendo que ela sinta dor, que me sinta em sua carne.

— Gostosa pra caralho! — rosno, apertando as coxas dela, a fazendo soltar um sonzinho de satisfação e dor. — Fear Play, são jogos de medo, onde eu vou te assustar para que nós dois sintamos prazer.

— Como assim? Como isso funciona? Eu fico aterrorizada com algumas coisas que você faz.

Quis rir dela. Meto a mão no meio da sua boceta, sentindo a umidade escorrendo feito o curso de uma cachoeira.

— Isso aqui te parece que o medo é ruim para você? — Enfio com tudo a mão na boca gostosa que ela tem, com sua carinha de sonsa se abrindo em um semblante de prazer, quando ela lambe o que sua bocetinha soltou. — Você ama sentir medo, Maria. Não seja uma putinha sonsa!

— Gosto quando me chama assim, mas não significa que você me ache uma puta, né?

Solto uma risadinha, a puxando para cima e quebrando o clima de dominação ao colocá-la sentada. Eu acho excitante pensar nela como uma putinha.

— Gosto de chamar você assim quando estou excitado. Eu quero você sendo tudo para mim, até a minha puta. Só que você é a garota mais certinha que eu já conheci. Fica tranquila que nunca vou te ver como algo diferente disso, e se quiser, posso parar.

Ela me encara, tão por cima dos olhos, que sinto vontade de bater na sua cara para que pare de ser tão safada.

— Não quero que pare. Eu só queria entender.

— Então, o Fear Play envolve jogar com o seu psicológico, é um tipo de tortura mais na esfera mental. Eu vou fazer coisas para explorar o seu medo, liberar adrenalina no seu sistema e, com isso, dar prazer a nós dois. Lembra as perseguições no mato que te contei? Isso é um tipo de Fear Play, chamado Perseguição. Mas é um campo amplo, envolve diversas práticas e jogos.

— Ok! Podemos praticar sempre.

— Que bom! É minha prática favorita, só perde para espancar com tapas na cara! — Os seios dela parecem ficar ainda mais duros, e quando ela simplesmente coloca a mão no meu pau, ergo as sobrancelhas. Deixo que ela o massageie, que demonstre o quanto minhas palavras podres a deixam excitada. Seguro o seu queixo, balançando sua cabeça de um lado para o outro, quando a safada ri. É a deixa perfeita para dar o tapa na cara que agora eu sei o quanto ela gosta. Seu rosto vira para o lado com a pressão da bofetada, e, quando se volta para mim vermelho pelo golpe, eu quase gozo. — Você não vai mais me chupar hoje! Ainda não dei o seu castigo. Então, se contenha! — Afasto sua mão de mim, e o biquinho de

tristeza que ela faz, atrelado aos olhinhos de cachorra pidona, me fazem quase mudar de ideia. — Agulhas?

— Sim! — Ela nem precisa pensar muito, e eu não demorei explicando nada, porque sabia que ela iria confirmar. — Acho que vou amar isso.

— Tenho certeza que sim! — Beijo sua testa e aproveito para alisar um pouco seu amontoado de fios sedosos e sempre cheirosos. — Bondage? Consiste em te imobilizar por meio de cordas, algemas, suspender em ganchos e usar afastadores de pernas. Acha que vai gostar?

— Claro. Eu vi algumas fotos e achei visualmente bonito, e também amei quando você me fez dormir amarrada.

Ela morde os lábios superiores, me fitando com atenção. Suas palavras são quase como música para os meus ouvidos, capazes de relaxar o meu corpo inteiro. Aliso seu rosto com carinho, realmente com carinho por perceber o quanto eu seria burro se a deixasse escapar.

— Privação de sentidos? Amordaçar, tapar os olhos e ouvidos? — Ela pensa um pouco e, sem mais palavras, concorda com um gesto de cabeça. — Asfixia?

— Me enforcar? Só se for com a mão. Qualquer outro meio, eu não quero.

— Nem afogar?

— Como assim?

— Enfiar sua cara na água, ué...

— Afogar não é limite rígido, mas ainda não acho que seria apropriado fazer isso comigo. Quero ganhar mais confiança, assim como com as facas.

— Então é isso. Algum outro limite rígido importante além da penetração?

— Não quero fazer sexo com outras mulheres, e nunca vou te dividir com outra masoquista, submissa ou o que quiser chamar. Se chegar a me propor isso, acabamos com tudo!

Gosto da segurança em sua voz, mas mal sabe ela que nem com uma mulher eu a dividiria. Ela é apenas minha. A joia que encontrei sozinho e

nunca deixaria alguém colocar as mãos.

— Combinados. Minhas regras são: você não me morde, arranha ou deixa qualquer tipo de marca. Se fizer, é castigo dos mais pesados e na hora. Você não me xinga, nem durante alguma atividade sexual, tampouco me dá ordens. Você entende que é minha. Usará uma coleira como propriedade, em sessões, uma específica; na rua, um colar que comprarei e será símbolo de que você é minha. Você não se nega a castigos, sempre vai aceitar de bom grado e tendo uma palavra de segurança para quando chegar ao seu limite.

Ela encara um ponto na parede atrás de mim por muito tempo, me deixando ansioso enquanto reflete:

— Eu acho que gostaria de poder arranhar ou morder você. Por que não posso?

— Por que você é minha posse, e todas essas coisas marcam isso: propriedade. Não sou seu submisso. Não gosto e pronto. Não te quero questionando isso, ou ganha castigo com tapas na boca, entendeu?

Maria faz um bico de raiva e revira os olhos. Quando não responde, entendo que ela precisa aprender logo uma lição com isso. Meto a mão na nuca dela, puxando um monte de fios com força e obrigando a sua cabeça a ir para trás.

— A disciplina nem é discutível na nossa relação. Eu usarei meios fora das sessões para condicionar seu comportamento. Então lá vai sua primeira lição: quando eu pergunto algo, você responde.

— Ok! Eu entendi sua afirmação sobre não questionar. Me desculpe! — Ela está assustada, tentando me fazer não a punir por isso, mal fazendo ideia de que está alimentando o monstro sussurrando nas sombras do meu ser.

— Tudo bem! Mas cada transgressão dessas custa um tapa nos lábios. Fique com a cabeça parada, entendeu?

Mesmo chorando a ponto de as lágrimas já escorrerem pelas bochechas, mesmo segurando meus flancos e com as mãos balançando de medo, ela assente. Ergo a mão e dou um tapa de intensidade fraca em sua

boca. Não quero que ela corte os lábios. É muito mais para deixá-la com a sensação de punição.

— Agora vai para a porra do tapete, faz tua posição de submissão para ganhar o teu castigo!



CAPÍTULO 22

Dança



Maria

“Me deixe em chamas. Me faça cansar.
Te amar é como se estivesse
dançando com o diabo no escuro”.
Dancing With the Devil - Emo

Sigo para onde ele apontou, mesmo que andar até lá seja difícil, porque o receio que estou sentindo faz minhas pernas teimarem comigo. Obedeço a sua ordem, sentindo o tapete áspero em meus joelhos. Até o tapete parece feito para causar dor...

Vejo meu primo se movendo pela sala, com seu pau tão duro, que marca a calça, mesmo que ela seja bem folgada na pelve. Parando diante de mim, me olha de um jeito pesado, cheio de desejo, posse e uma certa ameaça.

— Tem certeza de que está fazendo a pose direito? — Sua voz é de uma frieza que arrepia mais o meu corpo do que o gelo do ambiente. Jogo mais a cabeça para trás para encarar seu rosto inerte em sombras.

Meu namorado não parece muito bem. Mencionou, mesmo que por alto, que não sente orgulho de ser sádico. Acho que seu humor mudou depois disso. Olho para baixo, observando minhas mãos no lugar certo, minhas pernas, meu corpo. Não consigo ver o que há de errado.

— Acho que sim — sussurro.

No fim, ele não precisa de muito para um Fear Play. Eu sinto medo de tudo o que faz, mas nada que me faça desistir. Pelo contrário, quanto mais

terror André me causa, quanto mais me aterroriza, mais eu fico obcecada por ele, por seus movimentos, pelo poder que tem sobre mim.

Meu primo agarra meu queixo com tanta força, que seus dedos poderiam tatuar a minha pele. Meu coração quase sai pela boca quando ele me dá um tapa na bochecha. Forte. Doloroso a ponto de eu ter que lutar para não chorar.

— Olhos sempre para baixo, a menos que eu mande você os erguer. É esse o erro!

Prontamente volto meus olhos para os seus pés.

— Me desculpe! — A frase escapole pelos meus lábios.

— Sua palavra de segurança é "Chega". Usando-a, encerramos tudo. Entendeu?

— Sim.

Eu sinto o temor em cada pelo arrepiado do meu corpo, na minha pele gelada... No meu rosto, que sinto como se perdesse a cor, no meu coração à beira de uma pane total. A cada vez que ele perambula ao meu redor, mexendo em coisas pelo ambiente assustador que é o Purgatório, mais eu estremeço. Me atento a cada ruído, cada barulho como se estivesse ampliado por um alto-falante, como se meu instinto de sobrevivência me fizesse apurar os sentidos. Expulso ar pelo nariz quando o sinto movendo-se atrás de mim. Quero olhar. Quero correr. Mas... Mas eu também quero obedecer e me entregar. É confuso. Desesperador. Sombrio... E muito, muito sedutor.

André se agacha na minha frente, e solto um grasnado assustado quando ele puxa meus pulsos, atando-os com o que parece ser uma corda fina. Eu mal consigo respirar, agoniada, ansiosa pelo que vou sentir nesse castigo.

Ele se levanta, circulando ao meu redor a passos lentos e agoniantes.

— Você não deve falar. A única coisa que pode sair da sua boca são gritos, gemidos, mas nenhuma palavra além da que combinamos como "segurança" — ele explica, em um tom de voz tão sério que me deixa preocupada. — Acene com a cabeça se entendeu.

Aceno, mordendo os lábios superiores, arregalando os olhos. Quando sinto que ele mexe no meu cabelo e faz um rabo de cavalo, tento me concentrar e relaxar, o que sei ser impossível. Cerro os olhos, a pele suando frio, o peito subindo e descendo.

O que realmente me deixa em choque é sentir meu primo atando uma corda por cima do elástico com o qual amarrou os meus fios. O que ele vai fazer? Sem saber o que esperar, começo a realmente entrar em pânico. Sei que posso confiar nele, mas o terror ainda é impossível de controlar.

Será que ele vai puxar essa corda?

— Levanta!

Obedeço.

André me leva, pelos cabelos, até um ponto na parede, colocando-me de frente para ela, e tudo o que meus olhos focam é no gancho de metal preso ali. Ele vai prender meu cabelo naquilo? André puxa a corda para frente, ao mesmo tempo em que, com a mão espalmada em minhas costas, me faz curvar o corpo para a frente, me fazendo ter que empinar a bunda e ficar com o rosto mirando o chão. Quando ele prende a corda no gancho, não sei se trinco mais os dentes ou as sobrancelhas. Ela puxa muito o meu cabelo. A dor no couro cabeludo é suportável. Porém, quanto tempo é necessário para que não seja mais?

Quando eu digo que nós dois nascemos doentes, não estou exagerando. Eu sinto a umidade se acumulando na minha vagina. Tanto, que chega a incomodar, a me fazer querer que meu namorado faça algo. Que me sacie.

— São vinte tapas em cada lado da bunda. E cinco chibatadas nas costas. — Ele alisa minhas nádegas enquanto fala. Agora, suas palavras são baixas, mais sedutoras. É incrível como o contato da pele dele consegue acalmar um pouco as batidas irregulares do meu coração, mesmo que esse castigo pareça bem mais difícil do que o primeiro que tive lá embaixo. — Vou começar, ok? — Não sei como concordar. Não posso falar, ou provavelmente vou levar tapa na boca. Não posso mover a cabeça, ou vai doer muito por conta da corda. Um relâmpago de ideia surge em minha mente. Mesmo sem saber se ele vai ver, faço um sinal de “joinha” com a

mão, levantando apenas o polegar direito. Ele se inclina só um pouco para o lado, por tempo suficiente para checar minhas mãos, em seguida voltando para trás de mim. — Muito bem, linda! Pensei que fosse cair na armadilha.

Sabia! Acho que ele adora dar tapas na boca, além da face. Sou surpreendida com uma palmada forte do lado direito que faz meus pensamentos se dispersarem completamente, com um estalo tão potente, que as paredes o fazem ecoar seguidas vezes. Engulo o ar com força, com uma tensão presa em minha garganta que parece feita de espinhos doidos para me fazer gritar. Sinto o meu namorado pressionar a palma da mão no local onde bateu, depois alisar com carinho e calma o mesmo lugar.

Depois da segunda palmada, sou atingida várias vezes seguidas em ambos os lados das nádegas. Tantas vezes, que minha pele ferve. É impossível de contar. Tento girar o quadril e fugir dos golpes, gritando, mas a dor agora berra por meu couro cabeludo. Eu choro, sendo golpeada sem parar. Quando a dor aumenta tanto, a ponto de a palavra de segurança começar a rondar minha cabeça, ele para. Soluço alto, chorando copiosamente, porque dói. E não é porque sou masoquista que a dor não incomoda. O prazer está exatamente nos momentos em que ele cessa os golpes, na hora em que faz carinho. Esse é o lado viciante, o lado que parece receber alimento. A verdadeira fonte de alívio advinda do contato da pele dele é que parece o ópio.

É doentio que minha boceta esteja implorando para ser tocada, que lateje enquanto ele alisa a minha bunda com carícias leves. A pele está tão dolorida, que até seus movimentos delicados me trazem sofrimento.

As emoções são dúbias aqui. Flertando com a loucura, entendo que eu amo e odeio cada golpe. Que minha boceta os venera, mesmo que a pele não goste.

— Tudo bem até aqui, Maçãzinha?

Assopro um jato de ar, tentando conter um pouco do choro que parece vir da minha alma corrompida, e só então faço o gesto para confirmar. Percebo, pelas sombras que seu corpo projeta no chão, que ele está se mexendo, e novamente isso me deixa em colapso. O terror se infiltra em minhas veias, contamina o meu sangue, chega até meu coração.

A dor no meu cabelo está insuportável, ela se espalha por cada maldita raiz de cada fio de cabelo. E quando sinto uma superfície plana e gelada tocando minhas costas, entendo que é a chibata. Sei que esse objeto é composto por uma vara longa e uma tira de couro larga na ponta, porque pesquisei alguns instrumentos na internet enquanto tentava aprender sobre o que nós dois somos. Também vi que a dor que ela causa é moderada, e pensar nisso quase me faz fazer xixi de tanto medo.

Comprimo os lábios para segurar o impulso de falar o nome dele, quando ouço o objeto cortar o ar e castigar a minha pele. Arde pra caramba. Chego a me contorcer, soltando um longo gemido de dor. Aflita, não sei se sou capaz de aguentar isso mais quatro vezes. Minha garganta emite sons esquisitos, parecem arfadas misturadas a soluços, enquanto minhas bochechas são cada vez mais inundadas, fazendo coro com o meio das minhas pernas.

Os pés dele passeiam pelo ambiente, afastando-se de mim. Ouço quando ele mexe em coisas, e o barulho de um ruído vibrante me intriga.

A dor inicial da chibata começa a dispersar, embora o ponto agredido ainda esteja queimando. Não sei o que sentir quando meu primo enfia a mão no meio das minhas pernas, separando-as por trás, e na sequência coloca algo duro e vibrando sobre o meu clitóris. É estranho. Inicialmente, é agoniante. Poucos segundos são necessários para se tornar enlouquecedor. O prazer se mistura à dor em meu corpo, me fazendo entrar em uma dança maluca entre chorar e gemer. O apetrecho sexual faz meu clitóris pulsar vez ou outra, me trazendo ondas loucas de puro relaxamento. Como posso esquecer que estou com o cabelo preso por uma corda, imobilizada e tomando uma surra? Como minha boceta é capaz de trair meu corpo inteiro e começar a caminhar para um orgasmo ensandecido, que me faz colapsar, tremer, berrar de tanto que é bom? A sensação é incontrolável, sufocante... E quanto mais eu tenho espasmos nas pernas com meu gozo, mais meu cabelo puxa contra a corda, e a dor que isso causa parece tornar meu orgasmo muito mais poderoso. Minhas cordas vocais se confundem, mesclam os gritos aos gemidos.

Meus seios estão pesados, mesmo que meu corpo comece a amolecer. Arfo sem parar, tentando controlar meu coração e conter os meus espasmos. Sinto as mãos quentes, grandes e deliciosas do meu namorado percorrendo minha boceta molhada, após ele afastar o que com certeza era um vibrador do meio das minhas pernas. Ele a acaricia, e fico ainda mais mole quando o sinto se abaixando, quando sua boca começa a sugar o que já começava a escorrer por minhas coxas.

— Que gozo gostoso, porra! — ele geme, fazendo barulho com sua sucção. — Quero matar minha sede com isso todos os dias da minha vida!

Meus olhos semicerram, começo a ficar cansada, querendo descansar. Querendo o colo dele. Mas eu preciso aguentar o meu castigo. Quero que ele sinta orgulho, quero me orgulhar de mim também. E quando, segundos depois, ele volta a bater na altura da minha lombar com a chibata, solto um berro desesperador. Droga! Ele dá outra, agora mais em cima, no meio das costas. Cerro o cenho, quase quebro os dentes de tanto que os trinco, querendo aguentar, querendo segurar o que está flutuando na ponta da minha língua. Quando a próxima chibatada chega com ainda mais força, meu corpo reage por si, dando pulos, puxando contra a corda, me fazendo berrar tão alto, que minha garganta arde ao ponto de poder rasgar:

— Chega! — grito. — Por favor! Chega!

— Shhhh! Calma, linda! Acabou. — Eu ouço quando ele me reconforta, mas não consigo parar de chorar. A primeira coisa que ele faz é atirar a chibata em algum canto onde faz barulho. Depois, uma onda de alívio me domina quando ele começa a soltar o meu cabelo da corda. Na sequência, desamarra-a do meu rabo de cavalo, depois desatando meus pulsos e livrando-se da corda vermelha. Eu nem o deixo fazer nada, pois pulo em seu pescoço e o abraço, querendo carinho, querendo conforto, querendo o meu presente depois de ter aguentado quase o meu castigo inteiro. — Você foi foda, amor. Aguentou bastante — elogia, envolvendo minhas costas em um abraço reconfortante, mesmo que toque nas partes onde a pele grita por ter sido judiada.

Passo as mãos por baixo das axilas dele, abraçando-o com força, apertando suas costas cálidas e desnudas, para que ele não se afaste. Choro,

libertando todos os meus sentimentos confusos. Ele afaga a parte traseira da minha cabeça com os dedos, solta sibilos reconfortantes e elogios sobre o quanto sou linda e resistente.

— Não fui! Eu não aguentei — rebato, chateada porque eu queria conseguir.

— É o seu primeiro contato com Bondage e chibata, Maçãzinha. É normal não aguentar. — Ele vai me puxando para uma chaise de couro marrom perto da porta de entrada do Purgatório, que ainda não havia notado. — Com tempo e treinamento, você vai ver que sua resistência vai crescendo. E não quero você se cobrando assim. Eu amei o quanto foi corajosa e estou realmente muito feliz com sua entrega para tudo isso, para mim, para nós dois.

Me deito de lado na chaise, querendo que aqui tivesse uma cama para que ele se deitasse comigo. André vai até um cantinho afastado da sala, abrindo um armário feito de um ferro aparentemente enferrujado, mas, acredito eu, esteja apenas estilizado para imitar ferrugem. Tem um frigobar escondido ali, e vejo meu namorado pegando uma garrafinha de água.

Me levanto, tentando fazer uma posição estranha, meio sentada e meio de lado, porque minha bunda dói quando encosta no couro. Engulo um pouco do líquido gelado, mas o único refresco que eu quero é ele.

— Quero carinho... — aviso, erguendo as mãos e o chamando.

Meu primo sorri, de um jeito leve e preguiçoso, parecendo menos tenso do que quando começou nossa sessão. Ele se senta na minha frente e traz seu rosto lindo, pelo qual tanto sou apaixonada, para perto de mim. Sou agraciada com seus lábios molhados, gostosos e gentis, beijando com tanto cuidado, que fica claro o quanto ele está querendo me reconfortar.

— De que tipo de cantores você gosta? — ele pergunta, cessando nosso beijo e me deixando carente, querendo mais. — Quero alegrar um pouco minha namorada enquanto cuido da pele dela!

— Gosto de Halsey, Miley Cyrus, Lady Gaga…

Falo muitos nomes, em uma lista quase infinita, porque eu realmente adoro música. Seu semblante inteiro parece se confundir entre surpresa e diversão.

— Nenhum da sua religião?

Eu o fuzilo com os olhos. Não queria que ele me lembrasse disso agora. Eu não quero seguir a religião da minha mãe, mesmo que minha fé no Criador sempre vá viver em meu coração, mas certos medos ainda existem em minha mente. Eu mentiria se dissesse que não temo o inferno, mas, hoje, acredito que ficar sem esse homem que tanto quero, já seria viver em um martírio eterno.

Quando não respondo, André vai até um armário e pega um frasco de óleo. Sei que é aquele que contém calmante e alivia a pele, o que usou em meu primeiro castigo. Ele primeiro o passa delicadamente em minhas bochechas. Depois, me puxa para ficar de pé e vira-me com cuidado, aplicando o gel nos pontos onde minhas costas doem, e termina o passando na minha bunda.

Quando ele vai até um aparelhinho redondo como o que tem lá embaixo, resolvo voltar a me deitar. Acho engraçado quando ele coloca *Gasoline*, da Halsey, para tocar, balançando a cabeça enquanto a melodia se desenrola, fingindo acompanhar o ritmo. A cada nova música tocada em um volume agradável, mais meus olhos pesam.

Meu namorado agora está novamente sentado no chão, diante de mim, alisando meu cabelo com cuidado e massageando com muita delicadeza o meu couro cabeludo maltratado pela corda.

— Como está se sentindo agora?

Tem tanto zelo no jeito como ele me trata após os castigos. Tanto carinho e preocupação em sua voz grossa. Giro a cabeça o suficiente para fitar o seu rosto. Ele sempre me olha como se eu fosse linda. Como se eu fosse algo bom de admirar.

Por que André consegue fazer eu me sentir bonita?

— Um pouco cansada, mas relaxando aos poucos.

— Eu te acho ainda mais bonita quando está com esse narizinho todo vermelho de choro.

— Você está sempre lindo para mim.

Ele sorri com meu elogio, abaixando o rosto e encostando os lábios no topo do meu nariz.

— Dança comigo? — Sou surpreendida com meu namorado ficando de pé e me estendendo a mão.

A playlist aleatória está tocando a música perfeita para nós dois. Um pouco mais lenta que o comum, me levanto, aceitando sua mão, que é sempre na temperatura exata de me causar dor ou conforto.

Nua, exposta e entregue, apoio meus pulsos no pescoço dele, nunca deixando de mirar os olhos escuros, ainda mais sedutores por parecerem imersos em sombras. As paredes ao nosso redor são as únicas testemunhas silenciosas do quanto eu estou pecando, dançando ao som de *Dancing With the Devil*, do Emo.

A cada passo que damos, com as mãos dele parecendo querer se fundir à pele do meu quadril, noto o quanto a letra da canção parece ter sido escolhida a dedo pelo destino, em mais um dos seus golpes certeiros. Estou literalmente nos braços do diabo, dançando com ele, entregue, loucamente apaixonada. Estou vendendo minha alma ao demônio em seu Purgatório, mas o pior de tudo é o quanto eu gosto disso. E não mudaria nenhum só passo que demos até aqui.



CAPÍTULO 23

Ruptura



BILL

“Cada mentira que me diz que
nunca vou estar à altura
Será que sou mais do que apenas
a soma de todos os altos e baixos?
Me lembre mais uma vez de
quem eu sou porque preciso saber”.
You Say - Lauren Daigle

O interfone não para de tocar enquanto visto uma camiseta. Não consigo parar de pensar nas coisas tensas que tenho para conversar com a Maria. Precisamos entrar em um consenso sobre chamar nossas mães aqui e contar para elas sobre nós dois. Talvez seja interessante contar primeiro para a minha, e, por último, para a dela. A dona Vanessa já deve desconfiar que isso tá rolando entre a gente. Ela sabe que sou impossível. Conhece bem o filho que tem. E eu também conheço a minha mãe. Mesmo que ela não vá concordar com o meu relacionamento com a Maria, também não irá tentar atrapalhar ou nos repudiar. Ela tem um coração bom.

Procuro uma roupa para a Maria que não sejam suas camisolas antigas ou que envolvam blusas com mangas. Ignoro o barulho irritante, deve ser o porteiro com alguma encomenda que comprei na internet.

Pego o vestido amarelo da Maria no guarda-roupas, junto a uma calcinha de algodão da mesma cor, e volto para o Purgatório. Ela foi muito resistente, aguentou quase o castigo inteiro, mas ainda ficou se cobrando no final. Minha namorada é tão foda, que queria ter aguentado o castigo todo.

Tê-la castigado foi incrível. Acalmou meus demônios, que sussurraram com fome, clamando por causar dor. Me deixou satisfeito e realmente admirando o quanto ela gosta, fica molhada durante os castigos. E a safada ainda gozou.

Ela adormeceu algum tempo depois da nossa dança, e aproveitei para organizar meus instrumentos e planejar as práticas de uma nova sessão. Maria dormiu por mais ou menos uma hora, antes que eu descesse para buscar essa roupa, porque nem em mil anos a minha mina desceria essa escada pelada.

Tem todo tipo de fetiche no mundo. Inclusive, várias pessoas que gostam de fazer sexo publicamente, ou compartilhar seus submissos com outros sádicos e dominadores. Eu nunca faria essa porra. Ninguém vai ver minha mulher pelada, ou sendo castigada. Esse privilégio é apenas meu.

Quando abro a porta do Purgatório, ela está deitada de lado, cochilando com a mão embaixo do rosto. Eu a cobri com uma manta preta e felpuda, porque estava se tremendo.

Sento-me no chão a sua frente, observando seu rosto sereno, doce e tentador. Embora eu prefira o cabelo dela solto, esse rabo de cavalo deixa os seus ombros à vista. Ombros que se tornaram minha obsessão. São tão delicados, brancos e frágeis. A única coisa maculando a inocência que eles transmitem são minhas dentadas cravadas para sempre nos dois, feito uma tatuagem.

Ela é minha!

Finalmente minha.

Nem parece real.

Comecei a castigá-la com todos os meus músculos contraídos, afogado em gatilhos, mas surrar a pele dela foi soltando cada um dos meus nós de tensão, me relaxando, tranquilizando. Ouvir seus gemidos é quase como ouvir uma canção sussurrada pelos deuses.

Aliso sua bochecha com o dorso do indicador. Quando ela abre os olhos e esboça um sorrisinho ao me encarar, arrasta suas mãos delicadas para o meu braço e o alisa, depois vai levantando aos poucos e se senta, sem me afastar do seu rosto, evitando soltar o meu braço. Sigo por uma trilha

com os dedos, empurrando a manta para baixo, até chegar ao seu seio. Aperto-o de leve, tão gostoso e durinho, enchendo a minha mão.

O brilho se acendendo em seu olhar diz que ela quer mais coisas, o jeito como mordisca o lábio inferior, também. Maria não para um segundo de me encarar, enquanto faço círculos com o polegar ao redor de seu mamilo.

Ela geme de frustração quando, lutando contra meu próprio desejo, livro seu peito do meu toque. Puxo a manta completamente do corpo dela. Aproveito para passar o vestido por sua cabeça, vestindo-a, depois ela se ergue e se apoia em meu ombro. Maria ergue uma das pernas, para que eu suba sua calcinha.

— O que tem naquela outra porta?

Eu já esperava essa pergunta. Ainda assim, me arrepio quando ela finalmente vem. Pressiono os lábios, tentando não deixar que minha namorada perceba os rastros do nervosismo cintilando em mim. Por cima do ombro, vislumbro o fundo da sala. Tem uma porta com uma fechadura digital e que só abre com senha. Lá dentro, não é mais o Purgatório, embora esconda os vestígios da minha maior penitência. Da minha maior dor.

— Coisas minhas. E não quero que mexa lá, tudo bem?

Quase posso ver os neurônios dela trabalhando em velocidade redobrada, e sua hesitação grita em seu semblante. Ela quer perguntar mais. Isso fica claro com a encarada que dedica à porta, seguida por sua bufada profunda.

— Sim — diz, por fim.

— Vamos descer, linda? Deve estar com fome, né? Eu já tô com um rombo no estômago.

— Estou faminta. E também precisando de outro banho.

— Estamos! — concordo, segurando sua cabeça e puxando-a para o meu peito, beijando-a com a intensidade necessária pra fazer meus lábios doerem. — Estou muito orgulhoso da sua coragem, da sua entrega. Você tem sido incrível, minha Maçãzinha.

— Tenho mesmo? — Levanta a cabeça só um pouco, me olhando feito um cãozinho pidão. — Não ficou nem um pouco frustrado por eu ter

usado a palavra de segurança?

— Não. E achei que, por ser seu primeiro castigo moderado, você só fosse aguentar a metade. Você até me surpreendeu, Maçãzinha. Como eu disse, sua resistência só tende a aumentar.

Sem mais enrolação, entrelaço nossas mãos e a puxo em direção à porta. Já do lado de fora, Maria se gruda em mim, abraçando-me mais uma vez, enquanto tranco a fechadura, depois o cadeado.

— Tão manhosa! — brinco, beijando o topo da sua cabeça e a virando para descer a escada na minha frente. — Gosto de você molinha e carinhosa.

— Depois do banho e do café, quero passar o dia na cama com você!

— Sou todo seu, linda!

Quando chegamos à base da escada, eu a puxo com tudo e colo minha boca na dela, não resistindo ao seu cheiro doce, seu sabor de fruto proibido. Minha mão não se preserva de apertar seu rabo gostoso. E no exato minuto em que minha boca trilha o caminho até o seu pescoço, no segundo em que deixo um longo chupão em sua garganta, ouço a voz que eu daria tudo para que não fosse real:

— Maria!

O mundo para. Minha prima e eu congelamos. Afasto minha boca da sua pele, mal tenho tempo de observar a mancha roxa que acabo de deixar nela. Os olhos da Maria estão quase fugindo do rosto, e até eu estou com receio de observar o portão, mas sou traído por minha curiosidade. Enquanto minha namorada aperta tanto os meus antebraços, que parece prestes a atravessar os dedos por minha pele, observo minha tia com sangue nos olhos, com um semblante mesclando-se entre nojo, descrença e ódio. Ela agarra as grades do portão social, parecendo uma fera enjaulada, que, quando for solta, vai tentar me matar a todo custo. Como ela conseguiu entrar no condomínio, porra?

Maria começa a chorar. Ela treme, nem tem coragem de olhar para trás e observar o portão. De todos os cenários que a minha mente criou para nossas mães saberem sobre nós dois, minha tia nos pegar no flagra nem de longe foi um.

— André! Abre essa merda aqui! Agora! — ela grita, com seu rosto naturalmente carrancudo parecendo prestes a explodir, de tão roxo. — Abre, ou eu dou um jeito de quebrar!

Não que ela realmente possa quebrar, mas sei que preciso deixá-la entrar para resolver as coisas.

— Não... — Maria sussurra, e ver que ela está com mais medo da mãe do que sentiu de mim, me deixa até um pouco enciumado. — Não abre!

— Não tem o que fazer. Ela já nos viu. E você é minha, sua mãe vai ter que entender!

Me desvencilho das mãos insistentes da minha namorada. Enquanto caminho até o portão, sou capaz de sentir a fervura do ódio escapando do corpo da mulher baixinha, magra ao extremo e trajando uma saia jeans enorme, desbotada e feia. Seus cabelos, costumeiramente presos em um coque, o que não me surpreende. Quando abro o portão, inabalado, tendo a certeza de que a única coisa que minha tia pode fazer é aceitar nosso relacionamento ou se afastar, sou surpreendido com dois socos bem no meio do peito.

— O que você fez com a minha filha, seu pervertido? — ela grita, irada, puxando a minha blusa, me arranhando, gritando a ponto de cuspir em mim.

— Mãe, para! — Ouço a voz trêmula da Maria.

E de repente somos um nó engalfinhado. Minha tia não sabe se bate em mim ou na Maria, e enquanto minha namorada tenta impedir a minha tia de bater em mim, eu fico puto querendo segurar a Isaura pelo pescoço por ela ousar puxar o cabelo da minha mulher.

Eu não sei quem é o dono desses braços me puxando do meio da guerra, mas, quando arrisco uma olhada, vejo que é o Nate.

— Para com isso! — Isabela grita, puxando a mãe da Maria, que a estava estapeando.

— Não toca nela, porra! — grito, tentando me livrar do Nate e ir segurar minha tia, para impedir que ela machuque minha Maçãzinha.

— Eu confiei em vocês dois! — Isaura acusa, quando Isabela se coloca feito uma barreira no meio das duas.

Maria segura a própria bochecha, com os cabelos meio soltos, meio presos, por conta dos puxões da mãe. Meu peito dói ao ver o semblante de sofrimento no rosto dela, as lágrimas que foram causadas por outra pessoa, o hematoma se arroxeando na bochecha. Eu quero expulsar a minha tia da minha casa. Quero gritar que nunca mais ouse tocar na minha garota, mas, quando a Maria me olha com uma súplica enorme em seus cílios marejados, entendo que ela quer que eu a deixe resolver.

— Mãe, me deixa explicar para a senhora... — Maria soluça, com o peito em frenesi. Ela tenta tirar a Isabela do meio, mas nossa amiga não sai. — A gente se apaixonou.

— Eu te criei com todo o amor do mundo. Ensinei valores. Eduquei. Te amei mais do que fui capaz de amar as filhas que saíram do meu ventre, Maria... — Isaura está massageando o próprio peito, prestes a desmaiar, mas a ira em sua voz parece ser também o que sustenta seu corpo de pé. — E olha como você me retribui: sendo uma rameira...

— Você me prendeu em uma redoma, nunca me deixou viver, mãe. Eu tentei, a todo custo do mundo, ser o que você esperava. Mas ninguém é obrigado a aceitar viver preso em uma gaiola, e toda aquela porra que aconteceu foi culpa sua! Se você não tivesse me prendido tanto, eu não teria...

Maria trava. Olha para o lado com um semblante de medo. Ela engole em seco, como se tivesse chumbo preso na garganta.

— Vai! Conta pra todo mundo aqui, Maria! — A voz da minha tia é de puro desdém. — Conta que se envolveu com um traficante, que quase foi queimada viva, que teve que fugir num porta-malas, por conta da tua rebeldia. Eu te prendi para que você não desse voz ao sangue de vagabunda da tua mãe correndo nas tuas veias! Para que não seguisse o caminho da Rosa.

São palavras demais.

Pesos demais.

Confissões demais.

Olho para a Maria, confuso. Ela se envolveu mesmo com um traficante? Ela me disse... Disse que nunca havia beijado. Ela é virgem. Eu senti tocando o quanto a boceta dela é fechada. E realmente nem sabia me beijar, fui eu quem conduziu sua língua. Não. Ela não se envolveu com um bandido nesse ponto. Algo deve estar muito errado nessa história.

E como ela pode falar da irmã morta desse jeito? Dizer que a mãe biológica da Maria era uma vadia? É cruel. Eu posso ouvir o barulho dos cacos que resultam do coração da Maria se partindo. Ela tinha apenas tristeza nos olhos, mas, agora, esse rostinho perfeito fuzilando a minha tia só exibe decepção.

— Pensei que você fosse a minha mãe. — A voz da Maria não é mais doce. Não é mais uma jovem incerta falando. Parece uma mulher amargurada. — E você sabe muito bem que não me envolvi com um traficante porra nenhuma. Ele era meu amigo, o único garoto da escola que falava comigo, porque você me obrigava a me vestir feito uma velha, e não me deixava conviver com ninguém, por conta da sua eterna obsessão por eu ser o que você nunca foi: uma santa. — Maria exala raiva e revolta, cerrando as mãos em punhos e ficando rubra ao falar. — Porque você se envolveu com homens casados a vida inteira, e teve filhas, uma de cada pai, e foi abandonada. Por isso, tinha medo de que eu fosse como você, não como a minha mãe biológica. E não precisa jogar na minha cara que não é minha mãe verdadeira. Eu vou me lembrar para sempre que não tenho mãe. Que não tenho lar. Que sou sozinha. E talvez seja bem melhor assim.

Ela tem lar.

Eu sou o lar dela agora.

Serei para sempre, se ela assim quiser. E se não quiser, também. Maria é minha, porra!

— Não ouse falar do meu passado, porque estou no caminho do Senhor e fui absolvida... — minha tia grita, querendo avançar novamente na Maria. Tento dar um passo a frente, mas o filho da puta do meu vizinho entra no caminho. — Ou te darei a surra que está merecendo!

— Deixa que elas resolvam. Você tá de cabeça quente. Se maltratar a mãe dela, Maria nunca vai te perdoar.

Reviro os olhos para mim mesmo, para o meu senso crítico que é obrigado a reconhecer que esse cuzão tem razão. Estou tremendo de agonia. Triste por ver o mundo da Maria desabando. Por ser o causador da ruptura que está acontecendo entre ela e a pessoa mais importante do mundo dela, a sua mãe. Elas estão se atirando lanças, mas eu seria um idiota se dissesse que, mesmo com tudo o que uma joga na cara da outra, elas não se amam.

— Vou falar do seu passado, sim! Eu estou apaixonada pelo André e estamos namorando. Eu não estou rodando de mão em mão como você ou as suas filhas fizeram! E estou muito longe de ser uma rameira — agora, ela berra, a ponto de sair saliva junto às palavras. — E o André fez o que você sempre se recusou: ele me ajudou a cuidar da minha doença, porque você, em seu fanatismo bizarro, me deixou sofrer por todos os meus ciclos menstruais, morrer de dor, comprometer minha fertilidade.

— Fertilidade? — Minha tia ri, mas tudo o que não tem dentro dela agora é diversão. Isaura olha para o céu, e, mesmo irada, uma lágrima estranha rola por sua bochecha quando ela se volta para a filha. Seu olhar corre até mim, e eu juro que não é mais ódio o que vejo ali. É pena. É dor. — Não importaria você ser fértil se o intuito for ter filhos com o Bill. Nenhuma igreja casará vocês dois. Nunca poderiam ter filhos. Ninguém na Terra ou Céu vai perdoá-los.

Essas palavras são cruéis. Embora eu não ligue para nenhum desses itens, sei que a Maria se importa. Sei que as lágrimas escorrendo pelas bochechas dela são do mais profundo sofrimento. E me sinto impotente por não poder impedir que ela se sinta assim.

— A Bíblia não condena o matrimônio entre primos, tampouco a lei! — Isabela se intromete, e, nesse segundo, minha tia parece pronta para voar no pescoço dela. — E se houver compatibilidade genética, eles podem ter filhos, sim.

— Você tem razão, menina. — A voz dela é cheia de algo muito difícil de decifrar. E o arrepio que cruza a minha espinha, gelado, profano, parecendo comandado pelo próprio diabo, é quase idêntico ao que senti no dia em que perdi tudo. É como um anúncio do fim. — A igreja não condena o casamento entre primos. Mas entre irmãos é condenado por Deus,

proibido pela lei e abominado pela sociedade em que vivemos. Maria é filha do Luís. É meia-irmã do Bill.

— Mentirosa! — Maria grita, caindo de joelhos, socando a grama e depois gritando, desvairada de raiva, frustração e dor.

Eu cambaleio para trás, poderia cair... Não faria diferença. É como se o mundo estivesse caindo junto comigo. Como se, diante da única coisa boa que tenho em minha vida nos últimos anos, eu novamente estivesse morrendo. Então, querendo que seja mentira, querendo que minha tia esteja errada, querendo que tudo isso seja um pesadelo, depois de oito anos com os canais lacrimais intactos, eu choro. A maldita lágrima presa em minhas entranhas escapa, rola por minha bochecha, escorre por minha face e vai parar no chão.

— Rosa era uma mulher muito invejosa. Vivia em uma competição eterna comigo e a mãe do Bill. Ela roubava todos os namorados da Vanessa. Quando engravidou de você, tacou na cara da família, da sua avó, minha e da sua tia, que você era filha do Luís. — Eu queria poder fechar a boca da minha tia, impedi-la de falar, viver cego diante dessa informação. Preferia não saber. — Por que você acha que eu, já tendo cinco filhas, ainda adotei você? E Vanessa, que tinha apenas um, não ficou com essa responsabilidade?

Então as peças começam a se encaixar. Meu pai sempre desconfortável na presença das filhas da minha tia; minha mãe sempre perguntando se a filha mais nova da tia Isaura estava precisando de algo, ajudando financeiramente minha tia pelas costas do meu pai. Tantos detalhes...

E o pai que eu tanto amei, diante do quebra-cabeça montado, agora se parece um monstro. Renegou a filha. Traiu a minha mãe com a irmã dela. Caralho!

E se isso tudo for verdade, minha mãe nunca odiou a Maria. Ela realmente falava o tempo todo que ia na casa da minha tia ver a caçula. Deveria ter se ressentido. Odiado a Maria. Rejeitado.

— Fizeram DNA? — pergunto, limpando o vestígio da minha fraqueza em minha bochecha com o indicador, mas outra lágrima toma seu

lugar. — Da Maria e do meu pai?

— Sim. Tenho os documentos até hoje.

— Então me deixou viver uma mentira? Eu tinha o direito de saber! Você disse que meu pai era um alcoólatra, que minha mãe o conheceu na porta de um bar, que ele nunca me quis, quando, na verdade, eu sou o fruto sujo de uma traição familiar. Escolheu mentir para mim, então a culpa de eu estar me envolvendo com o André também é sua! Se nunca tivesse me escondido as coisas, não teríamos nos envolvido amorosamente. Agora, olha as consequências! Mãe... Ou melhor, tia... Vai embora!

— Eu não vou largar você aqui, vivendo feito uma meretriz, afogada em uma relação incestuosa. — Minha tia tenta ir até a Maria, tenta se jogar por cima da
Isabela e agarrar o pulso da minha... da minha... da Maçãzinha. — Eu vou levar você embora agora comigo! Ainda sou a sua mãe! Eu criei você. Amei cada passo seu, cada palavra que falou, e ainda amo, mesmo que esteja muito decepcionada.

— Você não tem mais nada a ver com a minha vida. Mentiu para mim. Disse que herdei genes de uma vagabunda, e que estava evitando que eu virasse uma. Então, o que eu faço da minha vida não te diz respeito. Não vou voltar para a sua gaiola. Entende de uma vez por todas: eu quebrei a porra da gaiola! E quase morri fazendo isso. — Agora Maria empurra a Isabela com tudo, fazendo nossa amiga cair de bunda no chão. Ela segura a mãe pelos ombros, a chacoalha, chora... Parece indecisa entre abraçá-la ou não. — Eu nunca me envolvi com o Tiago. Ele era meu amigo. Ele entendeu as coisas errado e quase me matou. Eu te contei, e, ainda assim, você resolveu repetir o discurso das suas filhas, me tratar como uma "Maria-Fuzil". Vai embora, Isaura! E pode me esquecer. Eu sempre estive sozinha no mundo. Como suas filhas sujas amavam dizer: a patinha feia rejeitada. Eu vou encontrar um lugar onde eu seja aceita. E sei que ele nunca vai ser com você.

Maria puxa a mãe pelo ombro e a empurra de leve para a rua. Quando ela bate o portão, sinto meu próprio coração se desfazendo. Doendo. Quebrando de um jeito muito difícil de remendar.

— Filha... Não. Eu... Maria! — minha tia grita. Ela balança o portão, chorando, com o sol refletindo em seus cabelos rajados entre preto e grisalho.

Tem dor nos olhos enrugados dela. Ela ama a filha. Mesmo que desse jeito doido. Mesmo escondendo a verdade. Mesmo tendo feito tudo errado.

Meu queixo treme quando eu caio de joelhos.

Eu sabia... Ganhar a Maria parecia um presente.

E desde quando a vida é generosa? Desde quando a felicidade parece ser algum destino para mim? A vida sempre me deu apenas caos. Destruição. E sombras. Por que ter ganhado minha Maçã parecia ser real?

Tudo ilusão.

Um grande truque dessa vida desgraçada.

Maria entra em casa, chorando, correndo, sem nem olhar na minha direção.

Isabela corre atrás dela.

E eu?

O que eu faço agora que tudo o que eu sabia era uma grande mentira?

Minha irmã, porra!

E esse pecado? Eu sou capaz de cometer para ficar com ela?

Ela ainda vai me querer?



CAPÍTULO 24

Muros



Maria

“Sempre vai existir outra montanha
Eu sempre vou querer movê-la
Sempre vai ser uma batalha difícil
Às vezes, terei que perder”.
The Climb - Miley Cyrus

Meus olhos estão doendo, porque estou há quase uma hora em posição fetal, chorando sem parar. Isabela está deitada atrás de mim, de conchinha comigo, dizendo palavras que tentam me tranquilizar.

Ana, sentada na borda da cama, ostenta um semblante de culpa. Ela acabou deixando minha mãe entrar no condomínio quando estava chegando do mercado. Reconheceu por uma foto que eu mostrei. Sei que ela só tentou ser prestativa, como foi no dia em que me autorizou pelo telefone a entrar com a minha tia, quando vim morar aqui. Mas não importa quantas vezes eu diga a ela que está tudo bem. Minha amiga não vai parar de se martirizar.

— Ana, no fim das contas, você ter deixado... — tento falar, mas um soluço me corta. Respiro fundo, assopro o ar pela boca, então fito os olhos cor de mel da minha amiga — Ter deixado a minha mãe entrar foi a melhor coisa. Agora, eu sei a verdade sobre a minha existência.

— Sinto muito, Maria! — Ana se estica e agarra a minha mão, soltando-a momentos depois.

O cheiro doce da Isabela está entranhado no meu corpo, porque ela não me solta, e tudo o que consigo pensar é no quanto eu já amo as duas.

Elas estão aqui, comigo, tentando conter os danos do meu mundo desabando.

— O que o André está fazendo? — tomo minha dose de coragem para finalmente fazer a pergunta que está me matando.

Hoje cedo, eu estava com o pau dele entalado na minha garganta. Agora, descubro que ele é meu meio-irmão.

Que porra de mundo cruel é esse?

Sério, o destino está olhando para mim e rindo. Rindo por eu ter acreditado que, em meio a toda a solidão que sempre foi a minha vida, eu finalmente estava encontrando alguém que, além da minha mãe, fazia com que eu me sentisse segura, querida, alguém que também podia ser um lar.

Agora, diante dos destroços da bomba que minha mãe soltou, tudo o que consigo pensar é no muro repleto de espinhos que parece estar se erguendo entre o homem que estou muito perto de amar e eu. Mas não se ama um irmão do único jeito que eu poderia amar o André. Todos os meus sentimentos por ele já são regados a paixão e fertilizados com desejo. Nunca haverá algo fraterno entre a gente.

— Ele está sentado no gramado lá da frente, fumando com Nate, Harry e o Josiah — Ana conta. — E chorando. Eu nunca o vi chorar.

— Nem eu — Isa sussurra.

— Acham que ele ainda vai me querer?

Minha pergunta faz a Ana arregalar os olhos e ficar vermelha. Isabela me solta aos poucos, e, seguindo os movimentos dela, me sento contra a cabeceira da cama e limpo os olhos. Tem tanta coisa rondando minha mente. O Luís é meu pai e nunca ligou para minha existência. Sempre que eu corria até ele quando era pequena e visitávamos a casa da tia Vanessa, ele meio que me enxotava e mandava eu ir para a minha mãe.

Um grande filho da puta! Eu nunca vou querer contato com ele. Quero distância dele. Das minhas irmãs. Mas da minha mãe... Dela, não. Dói pensar em nunca mais ganhar seu abraço ou ouvir sua voz, sentir seu cheiro. Ela sempre foi a base do meu mundo. E mesmo que agora eu esteja brava por ela ter mentido, mesmo que milhares de palavras agressivas tenham escapado de mim, eu ainda a amo. Vou amar para sempre.

E o meu genitor... Traiu a esposa com a irmã dela, teve uma filha, e ainda a renegou. Quem é mais culpado nessa teia de mentiras? Ele contribuiu de alguma forma para minha mãe me criar? Porque eu só me lembro da minha tia Vanessa ajudando financeiramente, comprando meu material escolar, me dando presentes. O Luís nunca olhava na minha cara. Minha tia tinha todos os motivos do mundo para me detestar, mas ela sempre foi carinhosa comigo.

Será que essa é a razão de minhas irmãs me odiarem tanto? Eu ser filha do Luís? Elas também sabiam disso? Talvez a Maíra, a mais velha, soubesse. Só que ela teria jogado esse veneno na minha cara. Minha irmã não perderia essa oportunidade. E quando forço minha mente a viajar a qualquer vestígio de memória sobre isso, não encontro nada, nenhum rastro dela mencionando ou jogando indiretas sobre algo assim. Maíra só dizia que minha mãe, um dia, se arrependeria de ter me adotado, que eu era sonsa, daria trabalho e nem de longe era a santinha que nossa mãe acreditava. Então, provavelmente nem ela saiba desse segredo sujo.

E mesmo que tenha todas essas coisas sérias envolvendo minha concepção, meus pais e todas as mentiras, o que mais volta feito uma assombração em minha mente, é como vai ficar minha relação com o André.

E daí que ele é meu meio-irmão? Nós já pecamos, já tivemos contato sexual, fizemos sessões BDSM. Não tem mais absolvição para isso. O que me resta é saber como o meu namorado vai agir a partir de agora.

Ele ainda é meu namorado?

Eu quero que seja. Não me importo com nossos laços de sangue. Eu não quero que isso seja uma barreira para o que temos. Se o meu amor estiver me cegando, então quero ser cega. Foda-se que eu esteja louca. Se minha mãe não tivesse soltado essa bomba, teríamos continuado juntos, pecando, errando. Então, não faz mais diferença. Eu não quero que faça.

Mas e ele?

Que merda!

— A questão que importa é: você ainda o quer?

Giro o rosto para fitar a Isabela, está parecendo uma garotinha com um pijama de fundo rosa e estampado com morangos. Limpo as novas lágrimas escorrendo por minhas bochechas.

— Quero! Mais do que tudo. De forma desesperada — confesso, assoprando o ar e balançando a cabeça, xingando esse destino maldito que me fez ficar envolvida com o meu irmão. — A gente já está apaixonado. Ele me pediu em namoro e fizemos... sexo oral um no outro — mesmo com vergonha, consigo dizer. — E hoje também foi minha primeira sessão como masoquista dele. Nós dois já fizemos tudo errado. No estágio em que meus sentimentos estão, não acho que dê para voltar atrás. E não quero voltar.

— Bom, agora você precisa conversar com ele, Maria. — Ana junta os cabelos longos e ondulados no alto da cabeça, os prendendo em um coque que só se sustenta por poucos segundos, desfazendo-se rapidamente, arrancando uma bufada da minha amiga. — Nós, os amigos de vocês, vamos apoiar o que escolherem. E é bem nítido o quanto vocês estão apaixonados. Nunca vamos julgar as escolhas que fizerem. Só que as coisas são mais complicadas agora. — Ela se aproxima de mim, massageando meus pés enquanto fala. — Irmãos não podem ter filhos, é arriscado trazer alguma doença adormecida nos genes para a criança. A lei não permite que contraiam matrimônio. E tem o seu sonho de casar na igreja. Como primos, Isa descobriu que várias igrejas fariam o casamento. Agora, como irmãos, é impossível.

Dói ouvir essas palavras. Me dilacera saber que eu julgava o destino por me fazer ficar louca pelo meu primo. Agora, diante desse cenário de merda em que estamos, vejo que antes eu estava no paraíso. Hoje, me sinto no inferno.

— Amiga, a gente já não ia casar ou ter bebês. Sabe, o André nunca me daria isso...

— Acho que o Bill está bem apaixonado, Maria — Isabela interrompe, me fazendo perceber o quanto detesto esse apelido do André. — Tenho certeza de que ele repensaria esses temas para ficar com você.

— Ele nunca contou, não é? O que aconteceu com ele quando tinha dezenove anos. Quando entrou pro exército...

Olho para a porta, porque, antes que eu consiga mencionar o assunto, André está diante dela, me encarando bem sério. Ele estreita as sobrancelhas, parecendo com raiva por me pegar no flagra, prestes a contar sobre o que aconteceu com ele para as nossas amigas.

— Meninas, preciso que nos deixem a sós por uns momentos — ele pede, saindo da frente da porta. — Não precisam ir embora, só esperem lá fora um pouco com os caras.

Minhas amigas não dizem nada, apenas obedecem ao pedido do André. Subitamente, minhas mãos tremem. Antes, eu acreditaria que sua voz brava desse jeito, atrelada a esse olhar mortal, seria a iminência de um castigo. Sentiria medo disso. Agora, eu quase imploro aos céus para que ele me castigue por querer fazer fofoca, que faça o que quiser comigo, porque isso significaria que ele não vai me rejeitar como mulher. Como sua propriedade ou namorada.

— Amanhã cedo, vamos a uma clínica fazer um exame de DNA — avisa, parando na borda da cama. Distante demais. Frio demais. — Vou dormir na casa do Harry hoje, mas pedirei às meninas para ficarem com você essa noite. Nate e Josiah também vão para lá comigo.

Sinto o meu coração não só quebrando, mas esfarelando, tornando-se nada. Uno minhas mãos trêmulas, as aperto, tentando lidar com o nó apertando minha garganta. Eu quero falar, perguntar milhares de coisas que rodopiam em minha cabeça, mas não sai nada. Eu só o vejo indo para o banheiro, ouço o barulho dele ligando o chuveiro, enquanto, completamente despedaçada, tento recalcular as possíveis rotas da minha vida.

Eu não quero ficar aqui se ele não me quiser como sua mulher. Sou incapaz de viver ao lado dele aceitando esse muro erguido entre os nossos corações. Ele nunca será um irmão para mim. NUNCA! Eu me recuso a aceitar essa porra. E agora é raiva o que domina o meu corpo. Eu quero quebrar tudo. Quero xingar a vida, Deus, o maldito destino.

Por que essa porra tinha que acontecer?

E no fim das contas, feito a fraca que eu sou, tudo o que eu faço é chorar.

Algo vibra no meio das cobertas, enquanto, ao mesmo tempo, ouço o chuveiro sendo fechado lá no banheiro. Pego o meu telefone e, quando vejo cinco notificações em um grupo chamado “Irmãs”, imagino que possa ser algo com a minha mãe.

Meu coração acelera, e nem enxergo o vulto do André perambulando pelo quarto. Desesperada, com medo de que a minha mãe esteja mal, me sentindo culpada e sabendo que, se algo acontecer com ela, nunca vou me perdoar, abro o grupo onde acabo de ser adicionada:

Maíra: Então a nossa mãe pegou a putinha no flagra beijando o Bill.

Marlene: Eu sempre soube que você era uma sonsa, Mariazinha.

Mariana: Ao menos, ela pode contar pra gente se o nosso primo realmente tem pau grande. Conta aí, Maria, ele tem?

Meire: Eu não estou achando a menor graça, meninas. Nossa mãe tá na casa da tia Vanessa em uma crise de choro, tremendo sem parar. Eu tô puta com o quanto essa garota é uma ingrata. Se meteu com um traficante, colocou a vida de todas nós em risco com essa porra. E quando foge, corre para sentar no pau do Bill.

Marcia: Eu sempre soube que a mãe ia se arrepender de adotar essa patinha feia.

Grito de raiva, atirando com tudo o telefone na parede em frente à cama. Quase atinge o corpo do André, que estava mexendo no guarda-roupas. Cada maldita palavra que eu li ecoa na minha mente, deixando-me tonta, irada, com o corpo fervendo de raiva. Eu quero ir até elas e arrebentar uma por uma. Quero gritar. Chorar. Acabar com elas!

Por que elas me odeiam tanto? Eu nunca fiz nada. Eu só existia. Eu só era a bosta de uma órfã querendo ser amada. Tentava de tudo para chamar atenção ou ganhar o carinho delas, mas só recebia xingamentos e puxões de cabelo.

— O que foi? — André me desperta do transe, e, quando dou por mim, estou conseguindo enfiar o pouco de unha que tenho em minhas cutículas, rompendo a pele, causando dor e libertação. É como se a ardência

da pele se partindo fosse algum tipo de anestésico. — Para com isso, AGORA!

Me encolho contra a cabeceira da cama com o susto causado por seu grito. Obedeço ao seu comando, mas na base do ódio. André se abaixa e pega o meu telefone, que agora ostenta uma tela trincada. Embora o aparelho esteja quebrado, eu consigo ver por seu semblante, se tornando macabro, que ele está conseguindo mexer e ver as mensagens.

É como se o rosto dele tivesse passado por três fases: curiosidade, ira e uma total apatia. Como se ele estivesse perdendo a alma. Como se estivesse sendo possuído por algo gelado, cruel.

— Volto amanhã para a gente conversar. Se eu pegar suas unhas machucadas, além de não te dar nenhuma resposta sobre o que estou pensando disso tudo, ainda vou te surrar! — ameaça, colocando uma calça jeans. Ele joga uma blusa de manga preta por cima do ombro, coloca o boné preto na cabeça e caminha para a porta, segurando um par de tênis na mão. Quando ele segura a maçaneta com a outra mão, imagino que vá sair. Mas meu coração se enche de vida quando ele volta, se inclina até o meu rosto e beija com vontade a minha testa. Fecho os olhos, me alimentando do contato dos lábios dele em minha pele, desejando que ele não se afaste. Mas ele o faz, aos poucos, fitando o meu rosto inundado de lágrimas no processo. — Quero que se alimente e aproveite a noite com as garotas. Lembre-se: até agora, nós não terminamos! Você ainda é minha. Obedeça às minhas ordens!

Mesmo que ele esteja indo dormir no amigo, mesmo que não tenha conversado comigo, ainda estou aliviada. Ao menos... Ao menos ele disse que ainda sou dele, ameaçou me castigar, me deixou ordens para cumprir.

Embora eu esteja com o peso do mundo em meus ombros, com ódio cintilando em meu peito dedicado as minhas irmãs, ainda estou feliz porque, ao menos até agora, não parece que o estou perdendo.



CAPÍTULO 25

Panos limpos



“Para manter a deusa a meu lado
Ela exige um sacrifício
Para drenar todo o mar pegue algo brilhante
Algo carnudo para o prato principal”.
Take Me To Church - Hozier

Quando eu estava na casa do Harry, desolado, ainda consegui ficar surpreso com todas as palavras gentis e conselhos que o Nate me deu. Ele me disse para esperar o exame de DNA com a Maria antes de me desesperar, sugestão que também foi apoiada por Josiah e Harry.

Josiah, segurando o meu ombro, fez questão de deixar claro que eles vão me apoiar caso eu queira continuar com a Maria. E o Harry falou que, no estágio em que meu relacionamento está, se fosse com ele, mandaria o mundo se foder e ficaria com a mulher que ama.

“A mulher que ama”.

Eu já a amo?

Todas as palavras deles foram absorvidas, trouxeram algum tipo de remendo para minhas feridas. É bom saber que tenho neles uma família, uma família que formamos juntos, que se apoia, e que eu realmente amo. Eles são um lar onde eu posso ser leve. Onde posso ser eu. Onde fazemos tudo uns pelos outros.

Eu não pretendia deixá-los para trás e pegar quarenta minutos de estrada sozinho com a minha moto. Eu não pretendia ficar horas parado na frente de uma padaria, feito um vulto, com milhares de merdas rondando feito aves de rapina na minha mente.

Eu tô com tanto nojo do meu pai. Como ele pode não assumir uma filha? Como ele pode trair a esposa? Então, quando minha mãe se referia a ele como "insuportável" por todos esses anos, não era de brincadeira. Era mágoa. Eu achava que ela gostava de implicar com ele, mas, agora, as coisas fazem sentido. Eles dormem em quartos separados desde que eu era pequeno. Sempre dividi o quarto com o meu pai. Achava que eles estavam juntos por minha causa com todas as brigas que eu presenciei. E quando eu saí de casa, que permaneciam casados porque ainda se gostavam.

Como minha mãe perdoou aquele cretino? Foda-se que ele é o meu pai. Ele deixou a garota crescer abandonada, porra! E agora toda essa merda acontecendo com a gente é culpa deles, dos três.

Minha mãe sabia que a gente ia se envolver. Ela me conhece, caralho! Por que não falou que a mina é minha irmã? E o que eu faço agora? Estou apaixonado, perdidamente louco por ela, e agora tudo vai ruir. Ela não vai me querer. E como eu vou tocá-la? Toda vez que eu encostar nela, vou lembrar que somos irmãos.

Sermos primos não era nada. Nunca me abalou. Mas não sei se consigo, se sou capaz de aguentar essa pressão na minha mente agora, com tudo o que sei, com tudo o que nós dois somos.

O dia escurece, e as nuvens escuras e pesadas tomando conta do céu se igualam a minha cabeça, prestes a desaguar num temporal. E agora estou aqui, com ódio retumbando com as batidas do meu coração. Estou sedento, preso nas teias sombrias da mais pura vontade de ferir. No meio de uma caça, querendo vingança, querendo ceder a uma vontade que já estava dentro de mim há um tempo.

Quando olho a garota baixinha, loira e desengonçada se despedindo de suas amigas de trabalho ao sair da padaria, o sangue parece borbulhar nas minhas veias. Dou partida na moto, indo o mais devagar que consigo e numa distância confortável para que ela não me note. Ela atravessa ruas, perambula entre pessoas, cumprimenta algumas no caminho, seguindo em direção à entrada do morro em que mora. É quando ela vira em um beco estreito, longo e mal iluminado, que tenho meu momento perfeito. Desço da moto e caminho a passos largos.

Já tinha um tempo em que eu procurava informações sobre a rotina dela e onde trabalhava. Em um telefonema com meu pai na semana passada, ele abriu o

bico e me contou o local exato, sem nem desconfiar das minhas intenções.

Com a calça jeans marcando todas as suas dobras, Maíra aperta o passo ao perceber que tem alguém em seu encalço na ruela mal iluminada, com casas de fachadas desbotadas e grudadas umas nas outras. Não existe o menor pudor quando eu avanço, feito um lobo dando um bote em sua presa, e a puxo pelo cabelo.

Foda-se o mundo!

Foda-se a porra das regras sociais!

Eu faço tudo, tudo por ela, pela minha Maçãzinha.

Essa vadia vai aprender de uma vez por todas a nunca mais maltratar a minha garota.

Em um só giro, viro a minha prima e a empurro com força contra uma parede. Sob a luz tremeluzindo do poste ao nosso lado, vejo seu semblante de terror. Seu rosto feio e disforme se contorce, seus olhos claros e grandes se enchem de lágrimas, quando, usando do meu mais profundo ódio, cravo meus dedos em sua garganta e a enforco.

— Escuta bem, sua vadia — rosno, chegando o mais perto do seu rosto que consigo, com apenas alguns centímetros nos separando. — Nunca mais ouse xingar a Maria! Não fale dela, não pense nela, não lembre que ela existe! Ou na próxima não vai ser apenas a minha mão que vai apertar sua garganta, pode muito bem ser a ponta de uma faca.

Maíra segura o meu pulso com as duas mãos, lutando para respirar, seu rosto redondo e bochechudo ostentando desespero. Ela tenta me chutar, ficando rubra, e então roxa. E só quando a boca dela começa a espumar é que a solto. Minha prima cai no chão, segura o pescoço, tosse sem parar.

E não espero que a maldita diga nada. Eu me abaixo, a puxo pelo cabelo e sussurro em seu ouvido:

— Leva essa mensagem para as outras vadias que você chama de irmãs. Diga a elas que esqueçam a Maria, ou juro que vão acordar com a casa pegando fogo. Eu não tenho nada a perder, caralho. Então não entrem mais no meu radar!

— Vocês se merecem! — ela diz, entre engasgos e tossidas, massageando a garganta.

— Que bom que você pensa assim. Maria é uma joia rara, linda, inteligente, audaciosa. Qualquer um que for merecedor do presente que ela é, deve ser visto como um sortudo. Então, obrigado, é um grande elogio — retruco,

coçando o queixo. Aponto o dedo para ela e me despeço com um lembrete. — O aviso foi dado. Deixem a Maria em paz ou lidem com as consequências!

E sem que ela diga mais uma palavra, me viro de costas e parto.

Não sinto culpa.

Não sinto pena.

Eu não sinto nada.

Agora me falta acertar as contas com os meus pais.



Estaciono na entrada da vila de fachada verde que comporta quatro casas geminadas. Munido com a chave da entrada do portão social branco, adentro o local. Me encaminho para a primeira casa de dois andares estreitos do lado direito, e não quero bater à porta. Eu tenho a chave.

Quando entro na sala, a aura pesada do ambiente me atinge, e nem eu, que não sou supersticioso, consigo deixar de sentir a energia densa. Eu não gosto de vir na casa da minha mãe, de sentir o cheiro das coisas dela. Eu não gosto de olhar para ela, porque minha mãe me traz lembranças que doem, me fazem encarar um pedaço perdido da minha alma.

Minha mãe está entregando um comprimido grosso e marrom para Isaura, que parece ser para dor de cabeça, porque minha tia não para de segurar as têmporas. Dona Vanessa já está de camisola, com seus habituais bobes na cabeça, alisando o coração enquanto encara a minha tia.

Passeio pelo piso claro, sem tirar o tênis. Não vejo o meu pai. Deve ter ido fumar um baseado para se acalmar. Mas eu vou achá-lo onde estiver, e vou deixar sair todas as merdas acumuladas no meu peito.

— Boa noite!

Elas não haviam me visto. Quando se assustam com a minha voz, sorrio. Existe um prazer em vê-las assim, preocupadas por darem de cara comigo. Ou achavam que eu não viria atrás de satisfações?

— Olha quem chegou, o pervertido! — Sua voz é de ira atrelada a pura repulsa. — Além de corromper a própria irmã, ainda acaba de agredir a Maíra!

Ela me ligou chorando!

— Filho, o que você pensa da vida?

Sinto vontade de rir, mordendo o lábio inferior para pensar antes de soltar algo. Rodopio pela sala, olhando os porta-retratos com momentos em família espalhados pelo aparador de madeira abaixo de um espelho largo. As paredes brancas da sala pequena contrastam com o que eu sou agora, apenas uma nuvem escura.

— O que eu penso da vida... — pondero, alisando o queixo. Ignoro a enxurrada de pragas que minha tia lança contra mim em voz alta, com minha mãe a encarando em puro choque. Não é a Isaura a pessoa que vive na "graça" divina? Pragas são permitidas na religião dela? — O que você pensaria se descobrisse que seu namorado é o seu irmão? Que teu pai tava fodendo a sua tia e ainda abandonou a filha? Fala, mãe! O que você espera que eu pense?

Ela não tem palavras para mim, como já havia imaginado. Minha mãe empurra os óculos, um pouco antigos e já desajustados, para cima do nariz, aproximando mais dos olhos, porque já escorregavam para a ponta.

— Você não é namorado dela! — Minha tia levanta, tentando avançar em mim, mas minha mãe se coloca na frente. — Maria é minha filha, e eu não aprovo que se relacione com ela. É podre! Abominável!

— Você não tem que querer porra nenhuma — perco a paciência, elevando a voz. — Ela é maior de idade!

— Eu resolvo, Isaura — minha mãe ergue a voz, tão alto e firme, que chega a sobrepor a minha. — Deixe-nos a sós, por favor!

Com uma carranca de ódio, minha tia sobe as escadas de caracol para o segundo andar. Com o peito fervendo com todas as emoções que estão presas dentro de mim, me jogo de qualquer jeito no sofá. Eu não sei se fico mais puto por minha mãe não falar nada, ou por vê-la enchendo uma xícara de café na cozinha singela, separada da sala apenas por uma pequena ilha. É surreal que, diante de tudo o que tá rolando, ela me ofereça a bosta de uma bebida. Aceito a xícara, mas nem ouso a levar aos lábios. Minha mãe se senta em uma poltrona, ao lado do sofá onde estou.

— Quero os exames de DNA do meu pai e da Maria — vou direto ao ponto. — Vocês pretendiam esconder da Maria pela vida inteira? Nunca contariam que ela é filha do meu pai? E como você a enfiou lá em casa sem me contar?

— Achei que você fosse ter algum pudor. — Quando minha mãe ergue sua voz, está serena, inabalada. — Que fosse se manter distante dela.

— Achou? Sério? Eu comi até as suas amigas, as alunas para as quais você dava aula de reforço. Você achou mesmo que enfiar uma garota linda na minha casa, para dormir na minha cama, ia dar certo?

— Você achava que ela era sua prima, achei que tivesse barreiras que você nunca quebraria, que as de sangue estivessem entre elas.

— Conta outra! Você está mentindo! — acuso, atirando a xícara em um dos degraus da escada a nossa frente. O objeto se parte em milhares de pedaços, mas isso não assusta a dona Vanessa. — Por que não me contou que ela é minha meia-irmã?

— André, você precisa se afastar dela! Não importa se não contei. Hoje você sabe a verdade — ela fala, depois bebe outro gole do seu café. — É muito errado ter se envolvido com a menina, e espero, do fundo do meu coração, que você não tenha ido longe demais, que não tenha tirado a inocência dela.

— Mãe, você não tem o direito de achar nada. Você escondeu algo primordial de mim. Quando eu decidi nunca mais te ver, essa foi a decisão mais certa que tomei em minha vida. Você é tão mentirosa quanto o meu pai, e nunca vou te perdoar por ter escondido a verdade da Maria. Nunca vou perdoar nenhum dos três — rosno, me levantando do sofá, irado. — E tem mais: avise a sua irmã que, se uma daquelas vadias das filhas dela voltarem a atacar a Maria, eu vou fazer uma besteira! Agora me dá a porra dos documentos que comprovam que a Maria é filha do meu pai!

Ela me encara. Não tem decepção no rosto dela. Pelo contrário. O que paira no fundo dos seus olhos claros é algo muito próximo de culpa. Dentro dela, sei que tem ciência do mal que causou ter escondido essa porra.

Eu nunca teria olhado para a Maria se soubesse disso. Nunca teria a visto com outros olhos. Agora, olha onde estamos? Eu tô tão perdido, tão doido por ela, que desejo conseguir ignorar todos os limites para conseguir ficarmos juntos. Eu seria capaz? Se fizermos essa merda de DNA e comprovarmos tudo o que estão dizendo, ainda vou conseguir tocá-la, dominá-la, amá-la como minha mulher?

O barulho no clique da porta desperta meus sentidos. O homem baixinho, barrigudo e careca entrando na sala é o responsável por toda essa merda. Os olhos dele estão vermelhos, estava fumando mesmo. E pior é que eu nem posso

falar todas as merdas que quero, pois ele pode passar mal com a pressão indo nas alturas. Então, tudo o que eu posso dizer é:

— Eu tinha orgulho de ser seu filho. Te via como um homem de honra, trabalhador, família... — Novas lágrimas se acumulam nos meus cílios. Mas acho que já fui fraco de mais por hoje. Eu as forço a não saírem. Engulo os espinhos macetando minha garganta. — Mas não existe honra em trair sua esposa com a irmã dela. Em ter uma filha e deixá-la crescer como órfã, sendo humilhada por irmãs que a rejeitavam, vivendo em uma redoma de uma religião de que nunca gostou de verdade. Não existe honra em um homem que abandona o seu filho. Nunca vou entender como você pode ter rejeitado uma filha.

— Eu não podia ficar com ela — ele diz, tentando se aproximar de mim, com sua costumeira blusa do Fluminense refletindo alguns pontos de luz. — Destruiria o meu casamento.

Quando minha mãe surge com um envelope pardo, em segundos eu o pego da mão dela. Abro e checo os papéis. Meu coração sangra, porque, se isso estiver certo, ela é realmente filha do meu pai.

— Você foi quem não quis ficar com a menina, seu miserável! Eu sempre amei a minha sobrinha, sempre! — minha mãe diz, gritando e indo para a frente do meu pai. — Você sempre me traiu, com todas as vadias que encontrava pelo caminho. Tu é meu carma, Luís. E eu te aturei por tempo demais. Te aturei para criar o meu filho. Te aturei porque não tinha como me manter sozinha, e hoje estou velha demais para conseguir pagar minhas contas apenas com a minha aposentadoria ou com as aulas de reforço escolar que dou para a criançada do bairro. Se não fosse isso, eu já teria chutado o seu rabo inútil há muito tempo!

— Vanessa, você odiava a sua irmã! Eu sempre soube que tu dizia que ia cuidar da menina apenas da boca pra fora. Quando eu a trouxesse para nossa casa, você iria me infernizar — meu pai rosna de volta, pisando duro até a cozinha e pegando um copo de água.

— Eu amo a Maria com toda a minha alma! Eu sempre ajudei a sustentá-la, a vesti-la e alimentá-la, porque independente da vadia da mãe biológica, ela nunca teve culpa. Sempre foi inocente em meio a sua podridão e da Rosa! Você é que foi imundo, que nunca amou ou quis cuidar da garota! Não tire o seu da reta. Honre as suas bolas!

— Pai, se você tiver alguma decência, arrume um lugar para você morar e deixe a casa da minha mãe! Ao menos dê um pouco de paz a ela por ter aturado

você todos esses anos — digo, quase aos sussurros, cansado. No fim, ele realmente foi o responsável por a Maria ter crescido sem saber de nada. Pela situação em que estamos. — Você já causou sofrimento demais.

Dou uma última olhada para a minha mãe. Nesse segundo, sou completamente capaz de entender que ela é quem menos tem culpa nessa história, embora pudesse ter contornado e contado a verdade.

Eu amo os dois. Sempre amarei a minha mãe. Sempre amarei o seu cheiro. Mas não posso ficar perto dela. E, nesse momento, eu nem quero.

Fechando a porta para esse assunto, saio da casa que dei para os meus pais, com o pensamento fixo em resolver as coisas com a única pessoa que realmente importa.



CAPÍTULO 26

Uma inconveniência



Maria

“Minha igreja não oferece absolvições
Ela me diz: Louve entre quatro paredes
O único paraíso para onde serei enviado
Vai ser quando eu estiver sozinho com você”.
Take Me To Church - Hozier

Eu estava tendo um sonho perfeito, com um aconchegante dia de sol, onde eu podia sentir a fofura da areia da praia abaixo dos meus pés. Meus olhos ficavam semicerrados pela claridade do dia, e a brisa escapando do mar calmo a minha frente era inebriante.

É incrível como as sensações do sonho pareciam reais. Eu era capaz de sentir o bebê se mexendo na minha barriga já grandinha, enquanto o André brincava de fazer castelos de areia com outra criança na beira da água. Era uma menina de aproximadamente dois anos, com os cabelinhos castanhos e cheios como os meus. Como é possível que eu sentisse a felicidade dentro do meu corpo, como se fosse algo verdadeiro, capaz de transbordar pelo meu peito, escapar por meu sorriso?

Apenas uma miragem de algo que jamais será possível. Não com ele.

Eu sou uma emocionada! Eu sabia que, se um dia me apaixonasse, seria como uma avalanche dentro de mim. Que imaginaria todos os cenários bobos que sempre sonhei para mim com o alvo da minha paixão.

Uma lágrima rola enquanto encaro o teto claro, deitada de barriga para cima embaixo dos lençóis. É impossível contar quantas vezes eu chorei desde ontem. Mas esse sonho me derrubou. Parece um deboche divino, um vislumbre perfeito do paraíso na Terra que eu jamais terei.

E a minha mãe? Ela simplesmente jogou as coisas que aconteceram com o Tiago bem na minha cara, como se eu fosse realmente culpada pelo que ele fez comigo. E nem me deu chance de contar eu mesma ao André sobre esse assunto. Falou de um jeito que parece que me envolvi com um traficante, que dei alguma abertura para que ele tentasse aquelas coisas, para que quase me queimasse viva.

Preciso contar ao André sobre isso.

— Bom dia, linda! — a voz grossa e baixa faz meu peito disparar.

Meu namorado — se é que ainda somos um casal — surge, sentando-se ao meu lado na borda da cama e me entregando uma caneca fumegante de café. Olho ao redor do quarto enquanto me sento. Onde estão Ana e Isabela? Elas passaram a noite comigo, conversando, tentando me colocar para cima com planos de viagens de casal, papos sobre eu fazer faculdade, planos de ir comprar roupas... Acabamos dormindo abraçadas. Lembro que a Isa disse que íamos fazer uma "pilha" feito os *Croods*[18] para dormir bem quentinhas e juntas. E a Aninha? Como pode ser tão preciosa? Ela deixou a filha dormindo na casa da mãe do Josiah para poder ficar aqui com a gente, me ajudando a não desabar de vez. Só não passamos o Batom da Sorte, porque a Ana esqueceu de trazer.

— Cadê as meninas? — Após aceitar a caneca e já aproveitar para sorver um gole, pergunto.

— Pedi para que fossem embora.

O rosto dele está diferente hoje. Parece cansado, e tem até algumas olheiras profundas ao redor de seus olhos. Queria beijá-lo, poder abraçar, mas até isso o receio me impede de fazer. Noto que ele está usando uma calça de moletom preta, sem camisa para acompanhar o traje, o que significa que não pretende sair agora.

— Podemos conversar? — Eu não aguento nem mais um segundo sem falar sobre o que descobrimos. Sem ter minhas respostas sobre nós dois. — Foi uma noite difícil. Preferia que você tivesse ficado e conversado comigo.

— Eu queria respirar, Maria. E também tinha que ir buscar isso aqui... — Ele vai até o rack da sala e pega um envelope. — Dê uma olhada, e então conversaremos.

Apoio a caneca na mesa de cabeceira e abro o envelope que ele acaba de me entregar. Investigo os papéis amarelados pelo tempo, que contêm a maldita comprovação de que sou filha do Luís. Meu queixo treme, mas nem é de choro. É de raiva. Atiro os documentos ao meu lado na cama, vendo os papeis

deslizando pelo ar antes de pousar sobre o lençol. Comprimo os lábios, querendo xingar, querendo gritar, querendo colocar pra fora todo o furor que me percorre, porque não é possível que essa merda inteira seja verdade.

Eu sempre quis saber quem era o meu pai. A ironia da vida é que, agora que eu sei, preferia continuar no escuro.

E se o André pegou esses exames, significa que foi até a casa da minha tia.

— Você encontrou a minha mãe?

— Infelizmente.

— Como ela estava?

— Brava e me atirando uma praga por segundo.

Imagino que o André tenha entrado na lista de pessoas mais detestadas pela minha mãe. Mas agora que sei que ela estava segura, na casa da minha tia, saudável o bastante para poder ainda brigar com o sobrinho, meu coração tranquiliza e tudo volta a ter apenas um único foco:

— E o que vai ser de nós dois agora? — pergunto. — Eu não quero mais enrolação, preciso que você vá direto ao ponto. Preciso saber. Porque estou endoidando, com o coração sangrando só de pensar...

— Calma, Maçãzinha! — Ele se senta, depois me puxa para um abraço enquanto me interrompe, forçando-me a ficar de joelhos, e sussurra em meu ouvido: — Primeiro a gente vai fazer um exame de DNA, nós dois, para descobrir se somos irmãos mesmo. Eu só vou acreditar realmente nisso tudo quando o resultado estiver em nossas mãos.

Eu não consigo me segurar. Não sei se é desespero, medo de perder ou desejo, mas me arrasto para o colo dele. É horrível sentir o corpo do André enrijecer. Ver que, pela primeira vez, ele não parece me querer com a fome absurda que costuma dedicar a mim. Na verdade, o que demonstra com minha proximidade é medo.

— Então, até o resultado, ainda sou sua? — Ele olha para o lado, notavelmente desconfortável com a forma como me arrasto ainda mais para ficar em cima do seu pau. Mordo o lábio inferior enquanto seguro o rosto dele e tento forçá-lo a me encarar. — Você me fez ficar apaixonada. Não me deixe sem respostas, por favor!

— Você entende que, se formos realmente irmãos, as coisas mudam de lugar? Eu não sei se consigo, Maria. Não sei se posso ter você como minha mulher, sabendo que somos filhos do mesmo pai.

Ele inspira profundamente, e, quando solta demoradamente o ar quente contra o meu pescoço, porque agora ele deita a cabeça em meu ombro, resolvo corrigir:

— Meio-irmãos.

— Dá no mesmo, linda!

— Isso não mudaria nada. Eu já estou entregue, já fizemos milhares de coisas erradas, pecamos incontáveis vezes... Qual vai ser a diferença se decidirmos continuar juntos?

Meu coração está por um fio. Um fino pilar parece o sustentar de desmoronar: a esperança de que ele ainda possa me querer. Que, assim como eu, esteja envolvido o suficiente para dar um belo "foda-se" para o mundo e ficarmos juntos.

— A diferença é a consciência do erro — ele fala, fechando os olhos quando, desesperada, puxo o rosto dele para a frente do meu, levo minha boca até os seus lábios e o beijo. É quase palpável o quanto ele estremece. Incerto. Nervoso. André segura o meu quadril e dá uma ligeira apertada. Demora até retribuir, até deixar que sua língua toque a minha. Mas é só ele se permitir, que sua pegada aperta, que ele se torna faminto, me devorando, subindo a mão pela minha coluna até conseguir agarrar o meu cabelo. Gemo contra a sua boca, sofrendo pelo medo de perder o sabor que ela tem. Temendo que, depois dele ter me levado ao inferno, me abandone lá. Não quero queimar sozinha. — Eu quero você! Muito! De um jeito perturbador. Mas ainda não sou capaz de dizer o lugar pra onde nossa relação irá depois do exame.

— E se você não me quiser mais, como fica a nossa vida? — murmuro contra os seus lábios. — Nunca mais vai falar comigo? Vai conseguir me ver seguir em frente, casar com outro homem, sabendo que dormirei com ele todos os dias, que darei a ele todas as coisas que poderia te dar? Porque eu não consigo pensar em você seguir sem mim, depois de ter se forçado contra a minha pele, se entranhado nela feito um vírus. — Minhas palavras são regadas à agonia excruciante que me toma inteira, por isso aperto os braços dele com necessidade, com raiva por pensar nele me deixando. — Me responde!

— Você ainda é minha! — Quando meus olhos caçam os dele, percebo algo diferente da tristeza e do cansaço que exibiam. Ele parece raivoso, com um semblante anuviado. — Não quero que fique me falando sobre seu futuro sem mim.

— Sério? Porque você acabou de dizer que não sabe se vai me querer caso o exame confirme que sou sua meia-irmã. — Engulo em seco e lambo os lábios inferiores para ajudar a umedecê-los. — Você espera o quê? — Agora, minha voz é muito raivosa, repleta de veneno, doida para mostrar a ele que eu posso seguir sem ele, para fique tão louco de raiva quanto eu estou. — Que eu faça um voto de castidade, viva para sempre enlutada por nosso relacionamento morto que mal começou? Eu seguirei em frente se não me quiser. Irei embora, vou morar na faculdade que a Isa e o Nate são donos, porque ela me disse hoje que me dá uma bolsa lá para eu estudar Moda. E ainda consegue um emprego para eu costurar os figurinos para as rotineiras apresentações das turmas de Teatro e Dança. Então, eu tenho todos os meios de seguir sem você, de encontrar alguém para me apaixonar e...

Ele agarra minha garganta, com força, com ferocidade. Seu puxão em meu cabelo dói, e muito. André me traz com força para perto do seu rosto. Seus olhos estão fogo puro, repleto de promessas de acabar comigo. E não sinto medo. Me deixo queimar com a vontade de que ele acabe comigo mesmo. Que me trate como dele. Que me queira.

Porque, se não quiser e eu decidir partir, me perderá de vez!

— Nunca mais fale em viver a porra de uma vida sem mim! — ele rosna, e aperta meu pescoço o suficiente para que a passagem do ar seja difícil, mas não impossível.

— Então me trate como sua! — ordeno com dificuldade, com a voz quase inaudível por conta do apertão de sua mão cravado em minha garganta. — Diga agora que, independentemente dessa porra de exame, você me quer! Que continuarei sendo sua. Ou eu realmente vou aceitar o que a Isabela me ofereceu.

Ele me solta, contrariado.

— Pare de me pressionar! Eu já disse que, até essa bosta de exame sair, você continua sendo minha. A sua pele. A sua alma. Seu coração. E se você, por um só segundo voltar a falar desses planos infernais de uma vida sem mim, vou te levar para cima e te chicotear, deixar tua pele queimando, para que sua mente nem tenha tempo de produzir um cenário sequer onde eu não esteja.

— Foi você quem me fez planejar seguir sem você. Eu ainda te quero, estou chutando o balde e abandonando todo o meu senso crítico, todo o meu pudor. Pare você de dizer que vai me deixar!

— Assunto encerrado, Maria! A gente vai sentar e conversar com o maldito exame em mãos. Afinal, como temos pais bem mentirosos, não sei no que acreditar. — A voz dele parece assumir um tom completamente irritado quando menciona nossos pais. — Até lá, seguimos juntos. Nada muda. Sou seu dono. Você é minha namorada e propriedade.

Tento esconder o meu sorriso com suas palavras, me agarrando à hipótese quase nula de que o maldito exame diga que não somos irmãos. Me agarro em seu pescoço, abraçando-o com força.

— Quando faremos o exame?

— Hoje! Vamos sair para almoçar — ele diz, segurando meu pescoço e me afastando o suficiente para poder olhar no fundo dos olhos. — Vou te levar em um lugar, e depois seguiremos para as clínicas. Faremos em dois locais diferentes para que não haja dúvidas. Levanta, toma o seu café e depois já se arruma para gente começar a resolver esse problema.

Me levanto do seu colo, mesmo que isso seja tudo o que menos quero. Quando viro de costas e ele dá um tapa na minha bunda, cujo estalo ecoa ao nosso redor, meu sorrisinho safado e satisfeito deixa claro o que eu penso: somos uma confusão!



É enorme. E tão, mas tão lindo. Embora o dia esteja nublado e frio a ponto de o vento levantar a barra do meu vestido longo, que ganhei de presente da Isabela ontem, não tira a perfeição do que é ver o mar pela primeira vez. Tiro minha rasteirinha e entrego ao André. Enterro meus pés na areia, e, como no meu sonho, ela é muito macia.

Minhas bochechas doem com o meu sorriso que se recusa a morrer. O barulho das ondas quebrando é uma melodia linda que nunca vou esquecer. Abro os braços, girando sem sair do lugar, sentindo a energia que a natureza tem.

— Você fica tão linda quando está feliz — André fala, com uma voz tão mansa e serena, que nem parece ele. — Você é uma deusa. Perfeita.

Minhas bochechas esquentam, e, feito uma boba apaixonada e completamente pecadora, vou até ele, fico na ponta dos pés e lhe dou um selinho. Seu sorrisinho tímido me aquece o peito. E cansada de esperar, viro de costas e corro em direção ao mar.

A areia fofa vai dando lugar a um chão mais duro, conforme se torna molhada pelo encontro da água. Assim que meus pés encontram o mar, dou um gritinho. A água é muito gelada. Mas gelada de verdade. E perfeita. Tem cheiro de sal. E quando molho as mãos e depois levo à boca, também sinto que tem sabor de sal.

Sei que pareço uma criança, perdida em meio à praia de Copacabana, realizando um sonho que guardava dentro do peito há tanto tempo. Meus olhos se enchem de lágrimas, e, quando giro na ponta dos pés, encontro um André completamente apaixonado me encarando de volta.

Com a barra do vestido de renda branca molhada e grudando areia, corro até ele. Animada, dou alguns pulinhos em sua frente, amando ver o brilho nos seus olhos.

— Estou realizando um sonho — falo, quase fechando os olhos por conta da claridade, com os cabelos sendo balançados pelo vento.

André aperta ligeiramente uma das minhas bochechas e ri. Ele sorri tão largamente, que vejo cada um dos seus dentes retos e brancos. Amo a covinha solitária que aprofunda em sua bochecha direita quando ele sorri.

— Eu sei, amor. Gosto do seu rosto quando realiza sonhos. Você se enche de vida — fala, depois enlaça minha cintura e me aproxima do seu corpo. Tenho que torcer o pescoço para ver o seu rosto sob a sombra de seu boné preto. — Pretendia te levar em uma viagem, mas achei que te trazer aqui poderia te animar.

— E acertou. Meu coração está mais em paz agora. — Deito a cabeça em seu peito, sentindo a rasteirinha que ele segura bem em cima da minha bunda. — Depois do exame, queria conhecer o local onde você trabalha.

— Por quê? Só curiosidade ou quer fazer uma tatuagem?

Mordo os lábios, fechando os olhos por um instante e amando o som das batidas singelas do coração dele atrelado ao barulho das ondas quebrando na areia. A melodia perfeita... Eu poderia ficar horas aqui, com o cheiro dele, com a energia tranquila que essa praia tem. E por isso demoro a responder:

— Os dois.

— Você não para de me surpreender. Mas, tudo bem, vou amar fazer uma tatuagem nessa pele perfeita! Desde que não seja em cima das minhas mordidas.

— Jura? Eu estava planejando as tapar todinhas... — minto, mas ele não leva na brincadeira. Quando percebo, já está puxando meu cabelo para trás, obrigando-me a fitar o seu rosto mortalmente vermelho. — É brincadeira, amor.

— Nunca ouse tapar isso. Eu sou possessivo, doente, o que você quiser chamar. Mas esses ombros lindos não devem ser maculados por nada diferente dos meus dentes! — Não é uma conversa. É um ultimato, uma ameaça. — Entendeu?

Confirmo com a cabeça, escondendo o rosto em seu peito para que ele não veja quão satisfeita eu fico por ouvir isso saindo da sua boca. Porque, em meio ao medo absurdo de perdê-lo para sempre, ouvir toda essa posse me faz algum alento.

— Bora! Vamos nos livrar logo da obrigação de fazer esses exames.

Estamos a uma hora sem comer nada, quando entramos no carro do meu namorado. Agora, ele liga o som, e o mais estranho é que, em meio a milhares de músicas que poderiam tocar, *Take Me To Church*, do Hozier, é a que está sendo reproduzida na rádio aleatória que André escolheu. Um deboche divino? Acaso? Destino? Que porra de letra perfeita é essa?

"Minha igreja não oferece absolvições
Ela me diz: Louve entre quatro paredes
O único paraíso para onde serei enviado
Vai ser quando eu estiver sozinho com você"[19]

— Acho que temos uma música, Maria — André diz, inclinando-se para o lado quando para em um sinal vermelho, pousando sua mão em minha coxa e dando um apertão sutil. Os olhos dele cintilam um sentimento novo, bem mais tranquilo que a paixão doida ou a fome absurda que costumam exibir. É diferente, leve feito uma brisa. — Você é uma inconveniência do destino, como a *"risada bem no meio de um funeral"*, a prima proibida e inocente pela qual me apaixonei, e que agora posso confirmar ser minha meia-irmã. Quão doentes somos por pensar em ficar juntos mesmo assim? Sei que ter você exigiria um sacrifício, mas acho que já te amo tanto, que, se pudermos ficar juntos, eu repensaria todos os meus passos só para não te perder. — A minha garganta

embarga, e todas as palavras são assassinadas bem na ponta da minha língua. Ele disse... Disse que me ama. — Eu nunca sonhei com um paraíso. Mas se ele existe, não é do outro lado da vida. Para mim, a única opção de paraíso é ficar contigo. Meu amigo me falou que você era meu encaixe perfeito, e se realmente eu acredito em algo, é que você é o pedaço faltando da minha alma. Estou assustado, morrendo de medo de tudo o que vai acontecer daqui para frente, mas, se tenho algo de bom para te oferecer para todo o sempre, é essa coisa movendo o meu coração agora. Esse sentimento que me enfraquece, que me faz imaginar um futuro junto de você, que me faz pensar em fazer sacrifícios, em recalcular as minhas rotas para te fazer feliz.

O sinal abre. Ele volta a dirigir e desfaz nosso contato visual, abrindo as grades da prisão onde mantinha os meus olhos.

Meu Deus! O André se declarou. Ele disse que me ama. Meus olhos estão fervendo. Meu coração, embora quentinho por cada palavra linda, também está desesperado, frenético para ouvir que sacrifícios seriam esses.

— Acho que também amo você. — Ele freia bruscamente quando eu falo, mas não demora até voltar a dirigir, e me pergunto se é a hora certa para compartilhar tantos sentimentos, porque não tô a fim de morrer nesse minuto. Mas todas as palavras presas se rebelam, lutam contra mim, rogam por sair. — E sobre sacrifícios, eu já fiz todos os que podia. Minha mãe já sabe sobre nós dois, abandonei todos os meus medos de ir para o inferno, todas as minhas regras morais, para me entregar a você. E não me entreguei apenas como namorada, eu me entreguei como masoquista, te dei minha pele e a minha mente para você jogar.

— Não fez todos os sacrifícios... — Trinco a testa para sua interrupção, assustada e refletindo sobre o que falta. Mas quando o safado abre um sorriso de lado a lado, meu coração desacelera e é o meu ventre o que começa a aquecer. — Sua bocetinha... Você não ofereceu.

— Você tinha que estragar esse momento lindo?

— Ué, apenas estou trazendo os fatos à tona. — Ele ri, me arrancando uma risadinha. — Eu pensei até em casar, mas, se tu for minha irmã, tua mãe já disse que ninguém nos casaria.

Sua voz é em tom de brincadeira, mas a hipótese, lançada assim, do nada, ainda faz meu peito se encher de esperança. Eu queria que ele parasse esse carro,

porque, totalmente fora do meu juízo perfeito, montaria nele aqui dentro mesmo e o encheria de beijos, mas ainda resolvo entrar na onda:

— Agora que provavelmente nunca seria possível um casamento entre nós, você solta essa.

— Não, amor. Você já mora comigo, uma aliança e um papel assinado não mudariam nada. E eu pensei, sabe, seria foda dizer "minha esposa". Eu só não te daria um filho...

— Acho que sobre o filho você está sendo honesto, e o casamento é xaveco.

— Você já está na minha... Não preciso mais te xavecar.

E sobre o clima leve das nossas confissões, chegamos à clínica singela em Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Acabou que nem tomei café, porque, quando André me mostrou todos os exames que as clinicas ofereciam, escolhi uma delas para fazermos o mapeamento completo do nosso DNA, para descobrir riscos de doenças no futuro, além da nossa compatibilidade sanguínea, para o caso de o destino nos presentar com a descoberta de não sermos irmãos porra nenhuma, já sabermos se poderíamos ter filhos.

Achei estranho ele topar fazer esse exame para futuros filhos, porque ele sempre deixou claro que não teria um bebê. Mas, enfim, só mais um dos traços confusos que compõem o homem que amo. Porque, sim... Amo! Acho que tenho facilidade de amar as pessoas. Amo essa nova família que nossos amigos são para mim. E agora, pegando de vez meu ingresso para a fila vip do inferno, sei que também amo o meu namorado.

Entramos na clínica de mãos dadas, e não demora nada até que somos levados por um corredor de paredes brancas e quadros abstratos em moldura preta. A coleta do material para o exame é simples. Algumas ampolas de sangue são retiradas de nós dois, e dois cotonetes são esfregados por um minuto em nossas bochechas internas.

Em menos de meia hora, já estamos na segunda clínica, que fica duas ruas depois da anterior. Repetimos o processo com os cotonetes e então finalmente estamos livres da agonia de realizar os exames.

Agora é esperar e ver se a mancha em nosso relacionamento gritando "é proibido" se mantém, ou se, de alguma maneira, Deus vai nos absolver com um exame negativo.

Seja lá qual for a resposta, eu vou ficar com o homem que eu amo, caso ele ainda me queira!



CAPÍTULO 27

Agora tenho cor





“Juro pela minha vida
Ao meu amado, eu nunca mentiria
Ele disse, seja verdadeira,
eu jurei, vou tentar”.
Him & I - (feat. Halsey) G-Eazy

Saímos para comer, e depois viemos para o estúdio. Fiquei me perguntando como dei a mancada de nunca convidá-la para um jantar. Sei lá, eu não sou muito romântico. Mas acho que gostaria de ver os olhos dela brilhando ao viver essa experiência.

A Maçãzinha é tão linda! Todas as novidades que ela vive a deixa feliz. Ela vibra com coisas pequenas, como comer no *McDonald's*, onde acabamos de almoçar. Maria me disse que nunca havia comido lá. Também confidenciou que a primeira vez em que foi ao shopping, foi com Isabela e Ana. Se eu soubesse, teria feito questão de a levar, e fiquei enciumado de saber que não fui eu a realizar isso com ela. É foda perceber o quando a Maria realmente vivia em uma gaiola. O lado bom é que existe um mundo de coisas novas e acessíveis que pretendo apresentar a ela.

Maria olha tudo ao redor, tão curiosa e interessada. O estúdio está fechado, pois é domingo, o que torna tudo perfeito para que a minha namorada tenha uma experiência só dela no Ravina.

Teremos vinte agoniantes dias pela frente até o resultado do exame. E tudo o que consegui pensar enquanto os realizávamos, é que eu morro de medo de acabar longe dela. Em perder a alegria e a vida que ela traz para

mim, para a nossa casa. Sofro ao pensar em não ter mais esses sorrisinhos tímidos, sua doce sedução que exala apenas no jeito como me encara.

Tem uma vozinha bem irritante dentro da minha mente, ela surge vez ou outra, mas é só olhar para o jeito doce, apaixonante e sedutor da minha namorada, que todos os temores sobre não aguentar a pressão moral dentro da minha mente por sermos irmãos desaparecem. São apagados e sobrepostos pela certeza de que, nosso pecado se torna uma centelha diante de tudo o que somos juntos.

Eu nunca tive isso.

Nunca amei uma garota.

Nunca pensei em fazer sacrifícios por ela.

A Maria é atípica. Única. Perfeita para mim.

Eu amo o quanto a sua leveza contrasta com a decoração desse lugar. Vestida de branco, com um laço de tecido grande prendendo o rabo de cavalo baixo, perdida no meio de todo esse preto que permeia as paredes, o chão, o lugar inteiro.

Parada diante da mesa de recepção, ela pega um peso de papel que segura alguns dos panfletos do estúdio. Seu vestido está enchendo tudo de areia, mas ela pode sujar a porra toda aqui que não me importaria.

Minha namorada aperta na mão o patinho de porcelana, quase como se estivesse com raiva. Nunca tinha visto ele ali, deve ser coisa de alguma das ficantes que Harry trás para tatuar aqui, ou do Igor, nosso atendente. Maria parece perdida, como se sua mente viajasse para longe por alguns segundos. Quando larga o objeto sobre a bancada, chega a fazer barulho.

— Tudo bem?

— Sim! — ela mente, engolindo em seco e alisando o pescoço. Tenho vontade de bater nessa boquinha linda até ela aprender a não mentir para mim, mas resolvo deixar passar dessa vez. — Me mostra a sua sala?

De mãos dadas, caminhamos para o meu local privado de trabalho. Feito uma coisinha curiosa, Maria sai mexendo em tudo que encontra pela frente, enchendo-me de perguntas sobre cada uma das coisas que tem no ambiente, sentindo o peso da minha máquina de tatuar em suas mãos, tirando as biqueiras descartáveis do lugar, mexendo nos decalques. Fico

sentado em um sofá no fundo da sala, observando minha garota parecendo no parque, se divertindo ao virar as folhas plastificadas com artes para tatuar.

— Eu já sei onde quero minha tattoo — diz, tão animada ao me encarar. Está sentada na cadeira para tatuagem, com as pernas para fora e balançando os pés sem parar, com a pasta catálogo com capa de couro sobre suas coxas. — Aqui, abaixo da clavícula.

Resolvo me levantar. Só minha Maçãzinha tem o dom de me arrancar tantos sorrisos, que minhas bochechas até ficam doendo. Vai ser muito difícil conseguir abrir mão do que temos por conta do pudor, do que é moralmente aceitável. Ela me trouxe algo tão belo: vontade de viver, de criar planos para o futuro. Minha vida era apenas existir, sem expectativas, só uma linha em branco. Agora, sou feito de nós emaranhados, coloridos, repletos de uma sede absurda de viver coisas ao lado dela.

— O que você quer tatuar, linda?

Ela pressiona os lábios, cerrando-os enquanto me encara por cima dos olhos, completamente brincalhona. Chega a balançar as duas sobrancelhas.

— Adivinha...

— Ah, difícil. Tem muita coisa aí nesse caderno — respondo, apertando sua bochecha que nem precisa de maquiagem, sempre coradinha. — Fala logo!

Ela sorri quando vira a folha e me mostra uma pequena Maçã. Por que isso faz o meu coração acelerar? Ela parece o ter nas mãos, sendo capaz de mexer com ele quando bem entende.

Onde está o sádico em mim? O cara que não se curva, que dita as regras? Bastou eu me apaixonar de verdade, que já estou rendido, com os quatro pneus arriados.

— Então vai tatuar na pele o que mais te define, que você é o fruto proibido capaz de condenar um homem a morte eterna? A maçã, o verdadeiro pecado... — sussurro, me inclinando sobre ela e unindo nossos lábios. O gosto dela é exatamente disso, de coisas erradas, doces e proibidas. Isso deixa tudo ainda mais gostoso. Lambo o sabor que ela

deixou em meus lábios enquanto nos afastamos. — Não existe nada mais perfeito.

Delicadamente abaixo as alças finas de seu vestido, não deixando de prestar atenção em suas feições. Ela está ansiosa, observando enquanto limpo com álcool a região do corpo dela onde farei a tatuagem. Não desvia seus olhos por um só segundo, vistoriando enquanto transfiro o decalque com o esboço da pequena maçã para sua pele, e depois fica bem curiosa com a fina camada de vaselina que aplico por cima.

O olhar dela mostra decisão. Ao menos eu não consigo ver um mísero rastro de hesitação na minha garota.

— Vê como vai ficar... — Entrego a ela um pequeno espelho de mão redondo. — Maria encara os rastros arroxeados do esboço. É lindo o brilho animado que o rosto dela adquire. — Gostou, amor?

— Sim. Vai ficar delicado. — Maria morde os lábios inferiores, demorando mais do que necessário enquanto admira o reflexo da própria pele. Eu tenho sede dela! Observá-la assim, com os ombros de fora, mordendo essa boca linda, investigando a primeira etapa da sua primeira tatuagem, me deixa doido. Eu amo a ideia de ser o primeiro a fazer tudo com ela! — Sempre achei que nunca teria uma tatuagem. Minha mãe, minha igreja... Eles sempre diziam que não se deve profanar o corpo, que tatuagem é pecado. Mas isso é o de menos, eu costumava questionar esses ensinamentos, e nunca achei que realmente fosse pecado fazer um desenho na pele. O que me deixava pensando contra ter uma tatuagem quando fosse livre, é que elas são eternas, então é uma decisão forte. Agora estou aqui, prestes a fazer uma e sem a menor vontade de desistir. Mas gosto que seja algo sútil, não chamativo, e ao mesmo tempo que não fique escondido.

Ergo as sobrancelhas, interessado em cada palavra que escapa da garota mais linda do mundo.

— Vamos começar a eternizar logo isso em você então? — pergunto, pegando o espelho da mão dela e o pousando ao seu lado na cadeira de tatuagem.

Ela assente, e quando começo o trabalho, Maria segue observando tudo, os furos da máquina injetando tinta no desenho perfeito para ficar para

sempre marcado nela, cada segundo em que passo papel em cima para tirar o excesso de tinta ou rastros de sangue. Sua carinha de dor, medo e curiosidade me deixa duro. Eu nunca tatuei alguém com o pau doendo, querendo a todo momento parar o trabalho para poder foder.

— Tudo bem aí? — Embora seja um desenho pequeno, resolvo parar na metade do caminho e perguntar, afinal, é a primeira tatuagem da minha Maçãzinha, além de ser em uma região sensível.

— Sim.

— É como você imaginava?

— É pior. Parece que você está cortando a minha pele e ainda esfregando o corte — explica, olhando-me intensamente dentro dos olhos enquanto diz. — Mas eu aguento. Gosto de sentir dor.

Como não ter orgulho dela? Tão corajosa...

Eu mal dormi essa noite. Pensando que ia acabar me afastando dela, que ia desistir de nós dois, e agora...tudo o que penso é em destruir qualquer um que tente se meter entre a gente. Que tente nos dizer que não podemos ficar juntos. Eu cometeria qualquer crime, pecaria milhares de vezes, morreria...tudo por essa mulher. Ela mal chegou na minha vida, e agora, não existe mais André... Não existe mais Bill. Não existo se não pensar no meu futuro com ela.

Eu fiz milhares de tatuagens ao longo dos anos, e posso dizer, com muita convicção, que nenhuma delas, por maior que fosse, por mais trabalho que tenha dado, se comparou a beleza que agora minha garota ostenta em sua pele.

É uma tatuagem bem pequena, o esboço de uma maçã, sem preenchimento, delicada e toda em traços de vermelho, não usei preto para nada, porque a pele dela é tão clara, que só o rubro já contrastou bem. Apenas uma pequena folha verde está no topo da maçã. É leve como tudo nela.

Dou um pequeno espelho redondo na mão dela. E quando Maria vistoria o desenho, seus olhos brilham e ela me dá o sorriso mais lindo do mundo.

— Aahhhh! Eu tenho uma tatuagem! — diz, animadíssima, saltando da cadeira e fazendo uma dancinha muito desengonçada, depois dando um jeito de me abraçar sem encostar o ombro em mim. — Obrigada, amor! Te pago com um bolo mais tarde.

— Me paga com uma mamada! — retruco, tomando um soquinho no ombro como revide. — Não engorda, além de ser um pagamento adequado.

— Vai sonhando! — Cerra os cílios para mim. Como se não fosse exatamente o que ela vai terminar a noite fazendo, sendo sufocada por minha pica, que pretendo socar tão fundo na garganta dela, que Maria vai se acostumar a respirar com ele lá na base da marra. — Ainda preciso de mais uma coisa... — ela diz, imóvel, enquanto termino de finalizar os cuidados com a tatuagem e colocar um plástico filme por cima. — Quero que fure minhas orelhas.

Beijo sua testa demoradamente, adorando ver quão decidida sobre as coisas que quer para si ela está. Maria sobe apenas a alça de um lado do vestido, deixando o lado que ostenta a tatuagem abaixado. Me afasto para providenciar o seu pedido. Demora um pouco até que eu encontre o material necessário na sala do Harry, ainda tive que caçar um par de brincos em aço cirúrgico. É uma joia pequena, usada em bebês, mas vai servir.

Maria está tão corajosa hoje. Isso me orgulha. Ela não treme quando, após ter preparado o lóbulo da sua orelha, atravesso a agulha por ele. Esboça apenas uma careta de dor. O quão pervertido eu sou por ficar ainda mais duro, prestes a explodir só com isso? Encaixo o brinco na sequência, colocando a tarraxa. Os olhos castanhos dela estão marejados, e tenho que lutar para não lamber a lágrima involuntária que escapa por sua bochecha quando repito o ritual na outra orelha.

— Pronto! Oficialmente uma namorada de tatuador — brinco, dando um beijinho em seu queixo para reconfortá-la. — Tudo bem aí?

— Sim! Por mais estranho que pareça, hoje tem sido um dia incrível. — Ela estala os dedos enquanto fala, terminando a frase com um tímido sorriso. — Obrigada por ser tão bom comigo!

— Você está me colorindo, Maria. Eu era cinza... Agora tenho cor.

— Que lindo! — Maria me puxa pelo cós da calça jeans, trazendo-me para o meio das suas pernas. Me abaixo até sua boca e a beijo, novamente perdido em meio ao oceano dos sentimentos que existem em mim, vastos, todos só para ela. — Te amo!

— Também te amo, Maçãzinha! — Após uma série de beijos castos por todo o rosto dela, fazendo pausas para admirar a nova mulher diante de mim, que usa brinco, que tem tatuagem, que quer ser minha mesmo diante da iminência de ser vista como uma aberração, finalmente resolvo ordenar: — Agora você vai me contar tudo sobre o tal traficante! Não é um pedido. É uma ordem. Posso te levar para casa e te deixar presa dentro daquela gaiola lá do Purgatório, e só a libertar quando falar. E então, conta por bem, ou por mal!

É notório, pela confusão em seu rosto, que ela não esperava que eu dissesse isso. Que fosse do lado romântico ao cruel em pouquíssimos segundos. Maria vira praticamente um fantasma, sem cor alguma no rosto. Gosto da face do medo em seu semblante, tomando o corpo dela, a fazendo encolher os ombros.

— Tudo bem... — Ela respira muito profundamente, mas quando ela abraça a si mesma, sentindo frio, demonstrando que o medo que está sentindo não é provocado por mim, mas resultado de suas lembranças, sinto ódio. Ódio pelo responsável por ter a traumatizado assim. — A gente se conheceu na escola...

“Eu era muito solitária, embora passeasse bem entre os grupinhos e conseguisse conversar um pouco, sempre fui o alvo preferido para bullying. Falavam da minha roupa, por eu usar saia jeans. Zombavam da minha religião, da minha mãe muitas vezes me levar e buscar na escola, o que era bem atípico para garotas da minha idade. Enfim, era confortável para todos que eu fosse um alvo de piadas.

Só que tinha um garoto, o Tiago, que sempre era legal comigo. Eu estudava em uma escola estadual do outro lado da cidade. A maioria dos alunos não eram do morro onde eu morava”.

Ela suspira após dizer, morde com força os lábios inferiores e com os olhos fechados, parece lutar para não mexer nas unhas. Meu coração

esquenta, quer deixar o fogo irradiar dele e queimar o mundo antes mesmo dela contar tudo, só por vê-la sofrendo, só por saber que alguém a quebrou.

“O Tiago sempre sentava do meu lado para fazer trabalhos em dupla, quando ninguém o queria fazer. Ele dividia sua merenda comigo, porque minha mãe não tinha muito dinheiro, e o que eu ganhava nas costuras que eu fazia, dava para ela complementar os gastos em casa.

Ele era um fofo, e eu mentiria se dissesse que não o achava bonito. Ele era, muito até. A questão é que, para mim, Tiago era apenas um amigo. Alguém gentil, com quem eu podia conversar sobre as coisas que eu sentia, sobre a raiva absurda por ser obrigada a viver presa, sem ter voz, com inveja das meninas que podiam ter o mínimo de liberdade a mais que eu. Até que começamos a matar aula escondido. Eu escolhia os dias em que sabia que minha mãe não poderia me levar ou buscar, para podermos ficar sentados na praça em frente à escola. A gente ouvia música, assistia a séries no celular dele, conversávamos sobre livros, sobre tudo. Foi o melhor ano escolar da minha vida, onde me senti igual a todo mundo, tendo finalmente um amigo, e não a única que ficava na margem de tudo, largada, como costumava ser.

Ele nunca tentou me tocar. Jamais tentou me beijar. A gente nem se abraçava. Tiago não deu nenhum sinal sequer de que tinha segundas intenções comigo. No ano passado, quando minhas aulas terminaram, fiquei muito solitária, o tempo todo em casa. Eu ia de casa para a igreja e ficava cada vez com mais raiva da minha mãe. Ela não me deixava fazer mais nada, era um tédio total, e as vezes eu pensava que viver daquele jeito era uma verdadeira tortura mental. Eu não aguentava mais as mesmas coisas na televisão, as mesmas coisas sendo ditas na igreja todos os dias, as mesmas coisas saindo dos lábios da minha mãe a todo maldito momento, minhas irmãs desgraçadas me infernizando sempre que podiam. Era tudo uma grande merda”.

Maria me encara, tão fixamente, que sua mente saiu do passado e está tentando ver o que eu penso diante de suas confissões. Ergo o braço o suficiente para alisar seu lábio inferior, tentando dar algum tipo de conforto

a ela. Após alguns segundos de olhos fechados aproveitando o carinho, volta a dizer:

“Minha revolta começou com a festa de fim de ano para quem estava terminando o Ensino Médio, como era o meu caso. Minha mãe não me deixou ir, e eu não pude me despedir do cara que eu julgava ser o meu melhor amigo. Eu contava tanto com aquilo. Seria a primeira festa que eu iria fora da igreja. Que me sentiria uma adolescente de verdade. Eu briguei com a minha mãe porque ela me proibiu de ir, achando um absurdo que eu tivesse um amigo homem, que ainda por cima nem era da igreja, e ela ainda me deu uma porção de tapas no rosto.

Depois disso, comecei a ficar com muita raiva, obedecendo a tudo o que ela dizia, mas muito irritada, querendo traçar caminhos de fugir de casa, porque eu odiava não ter escolha. Eu conversava com o Tiago todos os dias pelo celular, e um dia ele me chamou para ir a casa dele. Disse que eu podia dar um “baile” na minha mãe. Que eu já tinha feito dezoito anos e ela não deveria mais poder mandar em mim. Que era um absurdo eu viver tão infeliz, sendo que eu tinha o direito de fazer minhas próprias escolhas.

Eu fiquei por uma semana inteira remoendo aquele convite, olhando para minha rotina monótona, indo para a igreja ouvir os sermões que eu odiava, porque sempre quis apenas professar minha fé entre quatro paredes, e ir à igreja apenas quando quisesse uma maior conexão com Deus, e não a cada maldito encontro, duas vezes ao dia. Eu odiava aquela porra”.

Maria está vermelha, como se, só pensar naquilo tudo já a deixasse sufocada, raivosa. Eu mesmo estou sem saber o que pensar, preocupado com cada nova palavra que ela diz, mas ansioso e curioso demais para conseguir pedir para ela respirar e tentar se acalmar.

“Foi bem no meio da semana, em um dia que minha mãe me mandou ir levar algumas costuras para uma das senhoras do grupinho dela da igreja, que me rebelei. Eu disse que queria sair, queria viver mais coisas, que não aguentava mais ficar presa em casa. Minha mãe começou com as ladainhas costumeiras de que, garotas de bem não perambulam pelas ruas, expondo sua índole a julgamentos, e todo o tipo de merda que ela amava dizer. Eu fiquei tão puta, que tudo o que fiz foi pegar minha bolsinha com o telefone,

a pilha de costuras dela e fingir que ia obedecer. Deixei a encomenda da minha mãe no portão de casa, e sem ao menos me dar ao trabalho de me tocar onde era o local em que eu ia me enfiar, peguei o ônibus para o outro lado da cidade, para algumas ladeiras depois da escola onde eu estudava, indo encontrar o Tiago.

Quem é que sobe em uma favela comandada por uma facção rival à que você mora? Mas eu confiei nele. Em suas palavras de *'Fica suave, Patinha, eu conheço todo mundo aqui, e você estando comigo, está com Deus.'* Eu fui burra, eu sei".

— Ele te chamava de Patinha? — Se é curiosidade ou ciúmes, eu não sei, tudo o que sinto é vontade de matar o filho da puta por ter dado um apelido para minha mulher. — Por que?

— Sim. Ele me chamava assim porque eu contei que minhas irmãs me comparavam com a história do Patinho Feio.

— Então era pejorativo...

— Ele dizia que era carinhoso.

— Aham... Continua, aí você se meteu no morro rival.

Como ela pôde ser tão inocente? Todo mundo sabe que, na lei de qualquer favela comandada pelo tráfico, não se sobe em morro rival, não se faz amizade com pessoas de lá, porque você pode morrer sendo visto como um X9.

— A gente foi subindo o morro, não era uma grande favela. Era bem menor que a minha. Tinha um desses bares com mesinhas de plástico, onde costumam fazer rodas de pagode, sabe? — ela pergunta, gesticulando, como se quisesse mostrar como eram as posições das mesas. Assinto com um gesto de cabeça. — Tinha uns três bandidos sentados ali, bebendo cerveja, com seus fuzis apoiados no chão ao lado deles. Um deles era a cara do Tiago, muito parecido mesmo, e jovem. Eu presumi naquele exato segundo que eles eram irmãos. Ele nunca havia me dito que tinha ligação com o tráfico, e quando foi até um por um dos caras e apertou a mão, eu vi que podia estar no meio de uma grande merda. Mas todo o meu sentimento de carinho e confiança por ele me cegava, eu ainda tentei silenciar meu sexto sentido, fingir que não era nada. Que tava tudo bem ele ser irmão do cara e

podia não me oferecer o menor perigo. — Balanço a cabeça, descrente com a inocência da Maria. Ele podia ter levado ela lá já na intenção de fazer milhares de coisas, arrancar informações de rotina dos traficantes de onde ela morava, abusar dela, entregar na maldade para o irmão só por represália ao povo da facção rival. — Só que a confiança morreu ali, quando ele, usando um tom de voz completamente diferente do que eu conhecia, com gírias e mais gírias, segurou no meu quadril e me apresentou como "mina dele". O irmão dele, o *bandidão* que eu soube ser o dono daquele morro, me mediu de cima a baixo e ainda perguntou se o irmão dele tava chegado nas "beatas", rindo da minha roupa...

"E daí para frente foi tudo virando um filme de terror. O Tiago me puxou para a frente dele, abraçou minha cintura e começou a simplesmente conversar com os caras, como se fosse muito normal me tocar daquela forma. Eu fui ficando vermelha, sentindo-o contra as minhas costas, e tentei sair. Acho que ele teria deixado passar, que não teria o orgulho tão ferido com meu olhar de repulsa, se o irmão dele e os outros bandidos não tivessem começando a zombar dele. Um deles, que chamavam de Ovinho, creio eu ser por conta da cabeça careca e morena que tinha esse exato formato, caiu na gargalhada e disse *'tomando toco até das mina da igreja, Tiaguinho?'*. Meu colega tentou, trazendo à tona um gingado que eu nunca havia visto nele, dizer que me pegava direto, que eu estava na dele há um tempão, mentindo na cara dura. O que eu estava lutando para admitir estava na minha cara, ele não era mais o meu amigo de escola, era um cara que queria ser visto diferente no morro, seja lá por quê. Eu deveria ter endossado, se soubesse que aquilo valeria a minha vida, mas quando abri a boca e disse um 'mentiroso', ele perdeu a compostura. Me deu um tapa tão forte no rosto, que cheguei a cair no chão. Foi tudo rolando muito rápido, ele começou a me arrastar pelo cabelo, no meio da rua. Eu só conseguia sentir o desespero, o asfalto da rua rasgando as minhas panturrilhas, a minha saia na altura da bunda se despedaçando.

Eu esperneava, pedia para ele parar. Mas quando Tiago me pegou do chão e me jogou sobre o ombro, quando começou a me levar para cima, para o local onde em todos os morros costumam queimar as pessoas, eu

sabia que meu fim estava perto. Era impossível entender aquela mudança brusca de comportamento. Tão sem sentido. Era como se o garoto doce e gentil da escola, que ganhou minha confiança, tivesse morrido. Que fosse uma entidade maligna no corpo dele naquele momento. E eu não conseguia acreditar que morreria nas mãos de alguém em que eu confiava, a única pessoa da escola que parecia gostar de mim".

Meus olhos estão cheios de lágrimas. Eu não sei o que falar. Quero abraçá-la. Quero... beijá-la. Mas também tem o monstro em mim. Ele quer ouvir tudo. Ele quer saber cada detalhe, quer saber tudo o que fizeram com ela e quem fez, e só por isso eu não a interrompo.

"É desesperador encarar a morte. Você repensa toda a sua vida, se pergunta, milhares de vezes, como se meteu naquela confusão. Eu ouvia os caras rindo atrás de nós, via o rosto quadrado e bem barbeado do irmão dele me encarando com uma ausência de alma tão grande, que eu parecia encarar o próprio demônio. Eu socava as costas do Tiago, pedia para ele parar, dizia que não estava entendendo nada, mas não adiantava. Quando ele me jogou no chão, desferindo chutes nas minhas pernas, tentei levantar e correr, mas todas as vezes em que fiz isso, ele conseguia me puxar de volta pelos cabelos e me jogar no meio de uma clareira com um monte de pedaços de móveis e madeira no centro.

Era agoniante ouvir os caras falando no rádio que era para subirem com o maçarico e álcool para o *micro-ondas*. Eu me humilhei, fiquei de joelhos, abracei ele, e não adiantava nada. Tiago me olhava com ódio, com o orgulho ferido, e nos pouquíssimos segundos onde parecia sentir pena, olhava por cima do ombro para o irmão dele, que tinha o apelido horroroso de Fogaréu. Era dele que o Tiago buscava aprovação, provavelmente pelo julgamento e zombaria do irmão é que estava me condenando a morte. Quando chegaram mais dois caras com o maçarico e as garrafas de álcool, tudo o que eu conseguia fazer, sentada no chão, era abraçar os meus joelhos e pensar na minha mãe.

Ela nunca saberia quem fez aquilo comigo. Ela não saberia que eu seria assassinada no morro vizinho, por simplesmente ter negado ter algo com um cara em quem eu confiava. Naquele momento, enquanto eu

apertava os meus joelhos e sentia o Tiago virando uma garrafa inteira de álcool na minha cabeça, eu só pensava que ela sempre esteve certa. Que ela me prendia para eu não fizesse merda. Para que eu não acabasse daquele mesmo jeito, e que, ter me rebelado, fugido, tinha feito Deus me castigar com uma morte dolorosa.

Tiago me olhava com uma mistura horrorosa de ódio, obsessão e incerteza. A boca grossa dele tremia, suas tatuagens brilhavam no sol e eu desejava, do fundo da minha alma, conseguir puxar ele pro fogo comigo quando ele acendesse o maçarico. Porque era injusto aquilo tudo. Eu não havia feito nada, senão confiado nele. Então eu disse, com todas as letras, que ele estava matando alguém que só tinha gostado dele, e por nada. Que eu confiei nele. Pareceu que realmente o tocou, ele hesitou enquanto derramava a segunda garrafa pelos meus cabelos, desesperando-me.

Quando um senhor de idade, barrigudo, vestindo uma camisa do Flamengo e um short de tactel, entregou o maçarico a ele, eu fechei os olhos e imaginei que eu estava em outro lugar. Não era a Maria prestes a morrer queimada, feito uma bruxa, sem ter chegado perto de ser uma. Me imaginei em um cenário paradisíaco, feliz, livre, vivendo a vida que eu nunca tive, mas sonhei ter.

Eu ouvia o clique do aparelho e várias risadinhas, e depois de vários minutos flertando com a morte e ela se recusando a chegar, resolvi abrir os olhos. Tiago brigava com o maçarico, que não funcionava por nada. *'Alguém tem a porra de uma caixa de fósforos, um isqueiro, o caralho que for?'*, ele gritava. O irmão dele, rindo ao apoiar o fuzil no chão ao lado do seu corpo baixinho, me olhou demoradamente e perguntou por que o Tiago estava querendo me queimar, complementando com o questionamento de se ele nunca havia recebido um não de uma garota. O responsável por eu estar ali, a beira da morte, ficou mais puto e voltou a insistir por algo que fizesse fogo, que pudesse me matar logo. O senhor de idade disse que era para eles descerem, que tinha um tal de Mosca ali perto, que poderia ter um isqueiro. E então, todos eles foram. A maior surpresa foi que, quando fiquei sozinha com o tal Fogaréu, ele olhou no fundo dos meus olhos e disse uma só palavra: 'Corre'. Eu não precisei de mais nada, apenas corri. Corri, cheia de

álcool, pelo meio do mato, feito uma louca. Eu corri pela minha vida e mais do que nunca, tudo o que eu queria era poder viver. Poder correr para casa e me enfiar na gaiola da qual eu nunca deveria ter saído. Não sei por quanto tempo eu corri, por quantas plantas rombudas e afiadas eu passei, cortando os pés em capins-navalha, rasgando o braço em galhos de plantas, mas nada doía. Eu só precisava encontrar a rua, sair daquele morro.

Sei que, quando encontrei uma avenida movimentada, nem coragem de pedir socorro aos carros eu tive. Eu continuei correndo, e sentia que teria que correr para sempre, porque, se parasse, o Tiago estaria lá. Ele me pegaria. Ele me mataria".

Eu nunca cerrei tanto os dentes. Nunca quis tanto poder torcer o pescoço de uma pessoa. Nesse exato segundo, estou sentado no chão, de olhos fechados, estalando o pescoço e tentando me controlar.

O filho da puta quase matou a minha alma-gêmea. Ela realmente esteve à beira da morte, salva por uma falha em um maçarico, pela clemência que veio de um verdadeiro demônio, que enxergou que o irmão queria dar fim nela atoa. A sorte da minha namorada ali foi além do maçarico, o imbecil do Tiago não contou que ela era de um morro rival, ou o irmão mesmo, o tal Fogaréu, poderia repreendê-lo por apresentá-la como namorada. Se ele soubesse que a Maçãzinha morava em um território pertencente a seus inimigos, nunca teria deixado ela fugir.

"Eu consegui chegar a uma padaria e encontrar um conhecido da igreja, que, de bom grado, me levou de carro junto a sua esposa para a minha casa. Eu mal tive tempo de tomar um banho para tirar o álcool, porque minha mãe chegou aos prantos, com minhas irmãs no encalço, enquanto eu, trêmula, tentava explicar o que havia acontecido.

Foi horrível ver minha mãe me chacoalhar pelos braços e dizer que eu estava mentindo. Que o Tiago não teria tentando me matar apenas por um orgulho ferido, que eu, com certeza, tinha algo com ele.

Eu chorava, pedia desculpas por ter fugido e ter ficado horas desaparecida, pedia perdão por tudo e por nada, tentava desmentir minhas irmãs, que me chamavam de Maria-Fuzil, que me diziam que eu era sonsa, vadia, e um monte de merdas. A única coisa prudente, foi quando a tia

Vanessa...a sua mãe, chegou. Minha tia, que tinha ido fazer as unhas com a Maíra, assim que ouviu tudo o que eu contei, me mandou juntar algumas mudas de coisas minhas e da minha mãe para irmos embora, porque, se alguém havia me visto entrando no outro morro, eu seria jurada de morte também no que eu morava. Fora que o Tiago também sabia que eu morava ali, e certamente ficaria à espreita para me dar um bote quando eu menos esperasse

Eu saí de casa no porta-malas, escondida como precaução. Não houve nenhum problema na saída. Eu fiquei sem dormir por duas noites na casa da sua mãe, sofrendo de terror noturno. Qualquer barulho eu achava que era ele, que era o Tiago, que havia me encontrado, que ia tentar me matar. Ele me enviou mensagens de números diferentes várias vezes, dizendo que nunca ia se cansar, que um dia me acharia e arrancaria minhas penas, depois me assaria. Literalmente, ele dizia isso em suas ameaças.

Depois de uma semana sofrendo de Síndrome do Pânico, eu acordei aos berros, horrorizada, e no mesmo segundo minha mãe disse que a Maíra contou a ela que foi parada por um dos traficantes da nossa favela, dizendo que eu estava marcada, que se me encontrassem, matariam como uma X9, porque eu fui vista com o irmão de um inimigo. Eu não tinha apenas o Tiago no meu encalço, tinha outra facção inteira, e por nada. Sem ter feito merda nenhuma!

Foi naquela noite, em total desespero, que nossos pais chegaram à conclusão de me mandar para você".

Engulo em seco, encarando o rosto da minha Maçãzinha, o receio que dedica a mim, talvez esperando que a julgue, que brigue com ela. Mas o que consigo fazer é me levantar e abraçá-la.

— Você ainda tem medo que ele te encontre? — pergunto, fungando sua cabeça e amando a força com que se agarra em meu corpo, com que geme em meu abraço, como se estivesse aliviada com isso.

— Tenho muito medo dele.

— No fim, te enviar para mim foi a melhor decisão que nossos pais tiveram — sussurro em seu ouvido. Não sei se minha alma está mais sombria agora por tudo o que ouvi ela contar, ou por saber que tem um filho

da puta assustando a minha mulher. Que ela tem mais medo dele do que de mim. No final das contas, a soma disso tudo vai me fazer entrar numa caçada: — E fica tranquila! Eu vou achá-lo primeiro e o fazer morrer gritando.



CAPÍTULO 28

Aprender a respirar



Maria

“Me chicoteie, me chicoteie
Me domine como um cavalo de corrida
Me puxe como um cordão que desata nós
Me quebre e me reconstrua”.
Whatever It Takes - Imagine Dragons

Cinco dias.

Apenas cinco dias desde que fizemos o exame. E parece uma eternidade, independente do quanto de coisas legais eu faça com meus amigos ou meu namorado, o tempo se arrasta de forma lenta enquanto esperamos uma sentença que pode ser um veneno em nosso relacionamento, ou o milagre que pode nos absolver de um grande pecado.

Ao longo desses dias, trabalhei bastante com costuras, principalmente porque o André tem voltado mais tarde para casa, então fico até anoitecer sentada em frente a *Laila*, costurando.

Ontem, após ter praticamente sido “devorada” pelo André enquanto saia do banho, fiquei horas nua, deitada no peito dele, relaxada pelo oral incrível que fizemos um no outro, conversando sobre o que quero estudar.

Tem algumas ideias novas rondando minha cabeça, novos planos de futuro. Porque, tudo o que eu quero realmente planejar é baseado em não sermos irmãos.

Ele quis saber sobre a bolsa que a Isabela me ofereceu na Faculdade Revolta. Lá os alunos moram no campus, e ela, junto ao presente da bolsa integral, também me ofertou viver no alojamento durante a graduação. Eu

só sei que meu namorado está visivelmente com raiva da nossa amiga. Não por ela ter me oferecido algo incrível como me graduar na melhor faculdade de Moda do país. Mas por me oferecer morar longe dele...

A alternativa que encontrei, que é bem óbvia por sinal, é estudar lá e continuar morando aqui, visto que fica a apenas meia hora de distância. Incrível como o semblante dele mudou completamente de “assassino em série” para “namorado feliz e sorridente”.

O que eu mais gostei, foi ele ter dito que me apoia em qualquer coisa que eu queira estudar, e depois ter olhado para a Laila e dito que Moda é o curso que mais combina comigo. Estou tão animada, porque estamos quase terminando esse ano, e eu poderia já começar na faculdade no começo do próximo. Agora minha mente cria milhares de cenários diferentes, me formando nesse curso, posso desenhar roupas e acessórios, ter um ateliê de confecção de peças por encomenda, tem tantas possibilidades. É realmente algo que tem super a ver comigo.

Hoje deixei boa parte da comida da semana pronta e congelada, assim tenho mais tempo para fazer meus outros afazeres em casa e trabalhar. Estou sentada na minha mesinha de costura, assistindo a um programa chamado “O Brasil visto de cima”, imaginando conhecer cada um desses lugares.

André me disse ontem que vai me levar para viajar em breve. Eu quis saber para onde, mas ele retrucou que era uma surpresa.

É estranho como volta e meia minha mente joga a lembrança dele me dizendo que vai matar o Tiago. Eu deveria sentir medo dele por causa disso, mas a chamazinha vingativa dentro do meu corpo deseja que ele o faça. Que alguém acabe com aquele maldito psicopata. Que o faça pagar por tudo o que fez comigo.

A tela do meu telefone apita, trazendo-me de volta dos pensamentos vingativos, me apresso para ver se é alguma mensagem do meu namorado, mas meu coração aquece de um jeito muito forte quando vejo que é uma mensagem da minha mãe.

Mãe: Oi, filha. Você está bem?

Ela falou comigo!

Não sei o que pensar. Ela havia me bloqueado. Um fiapo de esperança me toca, me faz criar hipóteses de a gente retomar nossa relação, dela conseguir respeitar minhas escolhas e meu relacionamento com o André.

Sei que minha mãe pode ver minha foto de perfil. Eu nunca tive uma, mas, agora resolvi colocar. Tem muitas informações nesse retrato. Estou maquiada, com os ombros mordidos e a tatuagem aparente, e como uso um rabo de cavalo, também dá para ver os meus brincos.

Meus olhos, já marejados, se arregalam quando vejo que ela continua digitando.

Mãe: Você está linda nessa foto!

Eu poderia esperar mil coisas dela, mas nem em um milhão de anos sonharia com um elogio. Fiz tudo o que ela condena e juntei em uma só imagem, e minha mãe elogiou. Será que me ama o suficiente para me aceitar assim? Sendo o oposto de tudo o que sonhou para mim?

Não é possível!

Deve ser uma das minhas irmãs com o telefone dela, se divertindo ao zombar de mim.

Eu: Posso te ligar?

Só vou acreditar nesse milagre se ouvir dela, em seu tom de voz, que não é uma piada de mal gosto daquelas cretinas das suas filhas. Me surpreendo com uma chamada de vídeo da Isaura, e meio incerta, atendo.

Minha mãe está como sempre, com seu habitual coque apertado e preso com um grampo, blusa de mangas, mas seus olhos fundos e o rosto amarelado partem o meu coração.

Eu tenho tanto amor por ela, tanto, que nada nesse mundo conseguiria fazer isso morrer. Nem minha rebeldia, nem o fanatismo dela ou sua repulsa

por meu relacionamento. Nada mataria esse sentimento sólido e forte enraizado em meu coração.

— Oi, mãe. — Tento segurar a voz de choro.

— Oi, Maria...

Dou um leve sorriso ao sentir sua voz serena e até doce comigo. E por mais que ela seja a pessoa mais próxima de mim a vida inteira, nesse segundo, não sei o que fazer. É estranho. Como se, mesmo com todo o sentimento que tenho por ela, ainda houvesse algum tipo de barreira entre a gente, meio esquisita, meio gelada.

Observo, pelo cenário atrás dela, que está na cozinha da casa da minha tia. Fico pensando que minha mãe acabou perdendo a sua casa por minha culpa. Não pode voltar pro morro, porque poderia haver alguma consequência para ela. É impossível prever a mente daqueles bandidos.

Minha mãe deve estar insegura morando com a minha tia, conhecendo-a bem, deve estar se corroendo e sentindo-se mal por precisar morar de favor com a irmã.

— Como a senhora está?

— Estou levando, me apegando muito ao Senhor para me ajudar a lidar com tudo o que tem acontecido — ela fala muito alto quando está ao telefone, como se estivesse conversando com alguém que está há metros de distância, aos berros. — E você? Como tá aí com aquele cara?

É notório o quanto sua voz muda quando fala do André. É uma voz raivosa, ressentida. E não vou exigir que minha mãe goste dele. Seria pedir demais. Eu reconheço que qualquer mãe ficaria brava com essa situação, e também entendo que a minha já é uma idosa, cheia de valores errados muito bem fincados em sua mente. Não vai mudar de uma hora para outra.

E mesmo com todas as mágoas se acendendo em meu peito pela teia de mentiras onde vivi grudada por todos esses anos, alimentada por ela, ainda a quero em minha vida. Se ela respeitar meus limites, minhas escolhas, eu a quero para sempre como minha mãe, porque, por mais que merdas tenham saído da boca dela na hora da raiva, Isaura me criou com amor. Mais amor do que a vi demonstrar pelas outras filhas. Eu a respeitava, me esforçava e éramos praticamente inseparáveis, apesar de não

ter a mesma opinião que ela. Ela cuidou de mim, se não tivesse feito, sabe se lá onde eu estaria.

— Estamos bem, mãe — conto, apoiando o celular na mesinha de costura, para ir organizando meus utensílios enquanto conversamos. — Eu juntei um dinheiro com a costura aqui, gostaria de mandar para a senhora para te ajudar.

Enquanto guardo alguns botões coloridos dentro de uma caixinha de acrílico, olho de soslaio para a câmera. Eu vejo que ela está reparando, correndo o olho por toda a tela do celular, me vistoriando. Estou com uma camisola preta, adornada com um decote e bojo em renda. Fui ao shopping com as garotas e comprei as roupas de acordo com o que o André pediu, sempre deixando meus ombros em evidência. Hoje, em especial, estou cheia de chupões no pescoço e seios, porque meu namorado anda mais possessivo do que nunca.

— Você não estava juntando para irmos embora juntas? — Agora ela parece um pouco chorosa.

É estranho que ela esteja agindo como se não tivéssemos brigado. Como se eu claramente não tivesse dito que André e eu estamos namorando.

— Mãe... — É uma súplica, mas também uma advertência.

— Tudo bem! — Suspira, vencida. — Estou precisando mesmo de uma ajuda. Ando passando muito mal da enxaqueca e não tenho tido encomendas de costura. Me sinto um peso morto aqui, dando trabalho para a Vanessa.

— O André me disse que o... — Engulo em seco, tentando não xingar ao pensar no meu possível maldito genitor — pai dele e minha tia se separaram, meio que vocês duas podem se ajudar, dividindo as contas da casa.

— Ela me disse a mesma coisa, que podemos somar forças e viver juntas — minha mãe fala, puxando um lenço de tecido e limpando a testa. A câmera treme quando ela a apoia em algum canto. Está mais magra que o normal, e isso faz meus olhos intensificar o acumulo de lágrimas. — Eu amo você, Maria. Todos esses dias eu pensei no que aconteceu, e quero

pedir desculpas por não ter te contado antes, por ter colaborado, de algum jeito, para que você acabasse nesse relacionamento. Eu orei muito, conversei com meu líder da igreja, e senti que Deus me disse para respeitar sua decisão. Para respeitar o que você escolher, porque cada um é responsável por sua jornada aqui na Terra, por seus pecados. E independe do quão desvirtuada você seja, ainda é minha filha.

Eu sinto uma vontade absurda de rir, mas ela está falando tão sério, que me contenho. Não quero rir como um deboche, mas porque, até o pedido de desculpas dela é carregado com seu fanatismo habitual. E como não reconhecer que isso é uma grande evolução? Ela está me vendo toda modificada, namorando com o meu possível meio-irmão, tatuada, com a pele marcada por ele, e ainda assim me pede desculpas, diz que me ama, que vai me respeitar. Então, ao invés de rir, eu choro.

— Eu te amo, mãe. Você é a única família de verdade que eu tenho, sempre foi. E se você puder respeitar as minhas decisões, eu sempre vou te querer por perto. Eu só não quero a sua religião.

Uma pausa longa se faz do outro lado, e com o mesmo lenço que usara em seu suor, seca as lágrimas que escorrem dos seus olhos.

— Eu já sabia que não queria. E há bastante tempo — agora ela fala baixinho, tristonha, resignada até. — Só não conseguia aceitar.

— Estou feliz que Deus tenha tocado o seu coração para entender isso. — Faço uma pausa por um tempo, segurando um soluço que tenta escapar por minha boca. — Eu tentei muito seguir tudo o que você me ensinou, adotar sua religião, mas não consegui. Tenho as minhas crenças, mas prefiro vivê-las do meu jeito. E estou feliz que a senhora esteja entendendo isso.

— Como não entender? Você é minha filha mais amada, porque foi um presente, foi a única vez em que eu realmente quis ser mãe.

Eu a queria aqui agora, porque a abraçaria, e, talvez, em meio ao abraço, conseguiria esquecer as mágoas que cintilam no escuro de uma vez por todas. Mas mesmo com essa declaração perfeita, ainda preciso deixar uma coisa importante bem clara:

— Você entende que vou ficar com o André, né?

— Eu odeio a ideia de você viver como uma incestuosa. Mas, acho que também odeio a ideia de o Bill ter se deitado com você e não a assumido. Ele precisa ser homem, e mesmo que não possam se casar, precisa ser responsável por você. Fazê-la mulher dele de verdade, com respeito, com honra. — Tem muita firmeza em sua voz. E eu até penso em corrigi-la, em deixar claro que ainda sou virgem. Mas para que mexer em um time que tá dando certo? Se quer acreditar que transamos e por isso precisamos ficar juntos, que acredite. Cedo ou tarde transaremos mesmo... — E tem mais, eu sempre vou odiá-lo! Sempre! E se um dia ele fizer com você o que fez com a Maíra, assino meu acordo com o diabo e eu mesma o mato!

Uno as sobrancelhas, confusa. Como assim?!

— Do que está falando?

— Ele enforcou Maíra na semana passada. — A voz dela entrelaça ódio e pavor. — Disse a ela para nunca mais falar de você, ou taca fogo na casa dela e das suas irmãs!

Sei que minha mãe está contando isso para me assustar. E realmente existe um pé atrás se formando em mim por saber que o André teve estômago para ir atrás da vadia da Maíra, mas, aquele pequeno lado corrupto que existe dentro de cada ser humano, o lado vingativo, esse está saciado. Esse quer chupar o meu namorado, beijá-lo, dar o que quiser como recompensa por ter feito algo que eu sempre quis e não consegui.

— Que absurdo! — eu tento fingir horror, mas o sorriso largo em meu rosto me denuncia e minha mãe fica vermelha de raiva.

Eu não consigo segurar e escondo o rosto entre as mãos, soltando algumas risadas.

— Menina, como pode rir disso? Ela é sua irmã.

— Mãe, Maíra me trata feito lixo a vida inteira! Não é, nunca foi minha irmã, mas eu não quero brigar com a senhora por causa dela. E tudo bem, não precisa gostar do André. Se respeitar as minhas escolhas, eu vou ficar feliz.

E conversamos por quase uma hora, de tantas coisas, como a faculdade, minha mãe me contando do quanto tem sido boa as reuniões em

sua nova igreja, porque, como está morando com a minha tia, tem indo em uma nova célula. Agora ela não fica mais feito uma obcecada indo a cultos duas vezes no dia. Nesse novo local, as reuniões são semanais, e achei ótimo, porque esse núcleo parece um pouco mais moderno do que o antigo em que ia, onde as pessoas tinham as mentes presas em uma caixa e viviam paradas no tempo, conservadoras ao extremo.

Quando eu já ia encerrar a ligação, ela resolveu me perguntar se a tatuagem havia doído. Aquilo foi de uma evolução tão grande na nossa relação, que fiquei me perguntando se era algum jogo de "morde a assopra" divino. Tipo, eu sou derrubada pelo destino, e depois massageada. A questão é que, agora que desliguei a chamada de vídeo, estou serena, com o coração alegre, e sorrindo ao perceber que minha relação com a minha mãe não morreu, na verdade, acho que renasceu e pode ser bem mais saudável.

— Que sorrisinho é esse, Maçãzinha? — André diz, entrando em casa enquanto estou dobrando as fronhas que fiz para a mãe do Josiah. Ela me pediu para fazer algumas com um tecido especial, uma réplica que vira na internet. — Parece até que viu um anjo.

Solto as encomendas em cima da mesa e vou bem rápido até ele. Na ponta dos pés, grudo meus pulsos em seu pescoço e o beijo. É um toque de lábios leve e demorado, apenas um selinho.

— A minha mãe me ligou! — falo entre nossas bocas. — E ainda elogiou minha foto de perfil.

— O que deu nela? Sofreu lavagem cerebral? — brinca, soltando uma sacola no chão e enlaçando o meu quadril, afastando nossos rostos. — Vocês se resolveram então?

O cheiro dele é um vício que eu amo ter. Eu gosto de cheirá-lo, de fungar seu pescoço só para depois beijar. É uma pena ser uma proibição mordê-lo, é o que mais tenho vontade de fazer.

— Sim! Ela me pediu desculpas e também disse que não vai se opor a nossa relação, porque ela acha que você transou comigo e por isso temos que ser um casal — falo em meio a risadas, e ele me acompanha, me soltando e dando um passo para trás para admirar minha nova camisola. — Então, quando ia me contar que enforcou a Maíra?

Eu jurei que encontraria surpresa ou vergonha no rosto dele. Porém, o que toma sua face antes alegre, é a mesma sombra desalmada que vi no dia em que ele olhou meu celular, ou quando afirmou com todas as letras que encontrará meu perseguidor e o matará.

— Não vi necessidade de contar. Quis guardar o prazer de ter feito isso apenas para mim.

— Não gosto que seja agressivo com as pessoas, mas, não vou mentir e defender aquela vaca! — Minha voz até sai meio rosnada, porque só de pensar nela meu sangue ferve. — Porque gostei tanto de tê-la feito pagar por me humilhar, que quero te recompensar...

Tento ficar de joelhos, enquanto posiciono as mãos para descer o zíper de sua calça jeans. Mas ele não deixa, segurando-me os ombros para me manter no lugar. André coloca alguns fios soltos do meu rabo de cavalo atrás da orelha, depois olha no fundo dos meus olhos e diz:

— Vamos lá para cima! A gente vai fazer uma sessão porque quero te ensinar uma coisa.

É incrível o poder que ele tem de fazer meu ventre acender com tão pouco. Só essas palavras já me arrepiam inteira, são capazes de apagar todos os outros assuntos, fazê-los evaporarem, enquanto tudo se resume a ansiedade do que viveremos lá no Purgatório. Eu estava contando os dias para voltarmos lá.

É claro que existe uma sombra pairando sobre a gente, a eminência do resultado dos exames, de descobrimos que nos agarramos em uma hipótese quase inexistente de sermos apenas primos. De haver mais mentiras ou algum mal-entendido. Mas, sim, estamos passando por cima disso como se não fosse nada, para viver nosso amor, para viver tudo o que queremos um com o outro. Então, quando sigo na frente dele e subo as escadas para o nosso templo de coisinhas sujas e deliciosas, me desgrudo totalmente de todos esses receios, e quando ele abre a porta e eu piso na sala de tortura, sou apenas a masoquista dele. Entregue para o que quiser de mim.

— Estava ansioso para voltarmos aqui. — André passeia pela sala, analisando as coisas, como se planejasse cada passo do que fará comigo. — Para brincar com essa pele perfeita do meu fruto proibido.

— O que vamos fazer hoje? — pergunto, sentando-me na chaise e cruzando as pernas.

André coloca a sacola em cima da mesa de aço, e quando abre e pega uma coleira de couro preto com um fecho em formato de fivela na parte de trás, meu coração acelera em um impulso só, como se fosse uma taquicardia, chegando até a doer. É singela, sem muitos adornos ou detalhes.

Ele vai me dar mesmo uma coleira? Antes do resultado do exame?

— Primeiro vou colocar isso aqui em você, para que seja oficialmente minha e vai usar sempre dentro de casa, só tirando para dormir e tomar banho. — Ele me chama com um dedo indicador, e quando me levanto, dando passos vacilantes até a sua frente, me pergunto se vai ser tipo um ritual de *encoleiramento* como tanto li nos blogs de submissas. — Depois, vou te surrar com um instrumento, então te ensinarei a respirar. Caso seja uma boa menina, te darei algo bem gostoso no final.

— Respirar?

— Sim! Agora, fica de joelhos na minha frente!

Eu não hesito. Em segundos já estou na posição. Eu sinto o cheiro do couro na gargantilha preta que ele ajusta ao redor do meu pescoço. Toco com a ponta dos dedos uma argola de metal que fica na frente do adereço, perfeita para que ele coloque uma corrente e me puxe feito uma cadela na hora que bem entender. É degradante pensar nisso, e tão excitante, que meus mamilos enrijecem.

André não diz nenhuma palavra. Não me manda falar nada também. Não me parece um ritual. Como tudo nele, é bem curto e direto. A coleira apenas define que sou dele, que sei disso, que vou usar com orgulho o símbolo da nossa relação sadomasoquista.

— E na rua? — A curiosidade se infiltra em minha pele e escapa pelos lábios. — O que usarei?

— Você está perguntando demais! Levante-se, tire a roupa e então volte a ficar de joelhos! — Me levanto pelos instantes necessários para ficar nua. Ele pega minha camisola e calcinha das minhas mãos, e sentindo o ar

gelado endurecendo os meus mamilos, volto meus joelhos para o chão. — Estique os braços e abra as mãos com as palmas para cima.

Após sua ordem, André tira a blusa branca que estava usando. Apenas de calça jeans, com a barra de sua cueca boxer branca aparecendo, ele parece um pedaço ambulante de tentação. Seus músculos em evidência, brilhando com a meia luz do ambiente, com suas tatuagens adquirindo um ar meio horripilante, meio sedutor. Gosto quando ele pega o seu boné preto e vira a aba para trás, torna tudo muito diferente do glamour que eu esperava de um sádico. Em todas as fotos e relatos que li, parecia muito mais sofisticado. André faz as coisas serem mais cruas e densas.

Acelerada, respirando pela boca e sentindo um pouco de suor se formando em minha pele, não desgrudo os olhos do meu namorado, que, descalço e com a barra da calça jeans dobrada, percorre um painel de aço repleto de chicotes e chibatas.

É quase impossível descrever o que sinto quando o André pega um chicote de couro preto, que possui uma haste longa e muitas tiras. Ele o pousa sobre as minhas mãos. Posso sentir o peso do instrumento, sua textura, e o cheiro de algo prestes a acabar comigo. É agoniante segurar algo que vai me torturar em minhas mãos.

— Não vai doer tanto. A quantidade de tiras faz com que ele atinja uma área maior de pele, distribuindo bem a sensação. O peso que coloco na mão e a forma como vou manusear o instrumento também conta na intensidade do golpe, e não pretendo que seja algo forte — ele explica, enquanto, ansiosa e amedrontada, me tremo de medo, a ponto de as mãos balançarem, e com isso chacoalharem o objeto. — Não direi quantos golpes serão como fiz das outras vezes. Só vou parar quando bem entender. Observarei você enquanto utilizo o chicote, como vai reagir, mas você sempre pode me pedir para parar, e assim eu cesso o uso do instrumento e partimos para as outras coisas. Se utilizar a palavra “Chega”, encerramos tudo, mas você também fica sem gozar por uma semana. É uma escolha, Maçãzinha. Vou imobilizar a sua boca em algum momento dessa sessão, e você pode fazer um sinal com as mãos, só um *joinha* invertido, para funcionar como o “Chega”.

Não quero usar palavras de emergência hoje. Quero conseguir, e quero aproveitar tudo, o prazer, a dor, as emoções. Além do mais, não estou nem um pouco afim de ficar uma semana sem gozar.

— Tudo bem!

— Levanta!

Meu corpo está uma confusão quando fico de pé, ainda com as mãos do jeito que me foi ordenado, tentando não deixar o chicote cair. Olho o tempo todo para baixo, querendo evitar ser castigada de alguma outra forma.

Quando André pega o chicote das minhas mãos, eu quase posso sentir a energia poderosa que emana do corpo dele, tão segura e cheia de si. É incrível como cada movimento, barulho ou ato que ele faz me causa alguma coisa.

Entendi que ele me fez segurar o chicote para brincar com o meu medo, porque agora ele o toma de mim e o pousa sobre a mesa de metal ao nosso lado. Calmamente, ele caminha para pegar a mesma corda vermelha que usou da outra vez.

— Una os pulsos na frente do corpo.

Quando eu o faço, ele faz algumas voltas com a corda e depois dá um nó. É só quando ele ergue meus braços no topo da cabeça, que percebo que ele vai amarrar a corda em um gancho de aço preso no teto bem acima da minha cabeça. Eu chego a ficar na ponta dos pés, sendo tomada por um vendaval de medo, ansiedade e desejo.

— Abra as pernas! — Prontamente eu o faço, com os olhos arregalados ao ponto de ficarem secos demais, porque nem pisco. Respiro pela boca, tentando não arfar tão alto com o medo que se torna cada vez mais gritante. — Vou começar!

Fecho os olhos, antecipando o golpe mentalmente e tentando não pirar enquanto, feito um predador, ele me rodeia. Eu consigo ouvir o barulho das tiras brandindo enquanto ele ergue o objeto. O choque contra a pele abaixo da minha bunda não dói, e o grito assustado que eu dou não é por isso, é pelo terror que o barulho do chicote cortando o ar me causa. A sensação na pele é de calor, como se o golpe a aquecesse.

Meu coração está quase escapulindo pelos meus lábios, quando eu ouço mais uma vez o estrondo do apetrecho anunciando a pancada. André espaça bem os golpes, me deixando respirar e me acostumar com isso, com a pele pegando fogo como resultado do espancamento.

Ranjo os dentes quando ele começa a acelerar os golpes, torcendo as pernas, me contorcendo e tentando fugir, puxando os pulsos e tentando arrebentar a corda, porque a pele sendo machucada passa de sentir apenas calor, caminhando para a ardência, fazendo meu rosto inteiro ferver e eu querer gritar. Agora ele bate também nas minhas nádegas, atingindo-me vezes seguidas. Quando, abruptamente ele para, chego a suspirar, aliviada. Eu já estava dançando de um lado para o outro, tentando me livrar das pancadas.

— Você está fugindo dos golpes. Não faça isso, Maria! Fique parada! — avisa, puxando-me com grosseria novamente, tentando me fazer ficar estática. — Quanto mais foge, mais demora a acabar.

Ranjo os dentes, sendo novamente trucidada com chicotadas, uma atrás da outra, nas costas, nas nádegas, nas coxas. Algumas lágrimas caem dos meus olhos, mas não por dor, é por meu corpo que arde, queima, que faz minha boceta gotejar. Comprimo os lábios, segurando os gemidos e lutando para não fugir da dor e libertação que vem de cada pancada.

— Muito bem! — Sou surpreendida por um elogio, enquanto, enlaçando-me a cintura com suavidade, ele beija o topo da minha cabeça. — Você aguentou bastante!

Quando meu namorado apoia o chicote na mesa atrás dele, depois me segura pelo rosto e olha dentro dos meus olhos, me pergunto: como posso me apaixonar ainda mais por uma mesma pessoa?

Ele me surra, faz minha pele ferver na base das chicotadas, me destrói e depois reconstrói com carinho, e ainda assim eu o venero, me vicio, o quero cada vez mais.

— Acabou?

Ele ri da minha pergunta, sendo delicado ao beijar-me demoradamente os lábios. Fecho os olhos, com a pele doendo, o coração animado e uma vontade absurda e carente de ganhar carinho dele.

— Não! — A voz dele é sussurrada, tão cheia de malícia e ameaça. André começa a soltar a corda, e um alívio doido me toma quando consigo pousar a sola dos pés inteira no chão frio. Soltando-me os pulsos, volta a dizer: — Esse foi só o aquecimento do seu corpo, linda! Agora, sobe na mesa e fica de quatro! — Eu já estou quente, mas essas palavras fazem meu ventre literalmente pegar fogo. Eu não penso muito, porque, cada ordem que ele dá aqui em cima, quero cumprir no mesmo segundo. Então, quando subo na mesa gelada e prateada, mesmo envergonhada, me posiciono de quatro e olho para ele. — Empina mais esse rabo! — ordena, olhando-me com uma mistura de poder e desejo. — E olhe para mim o tempo inteiro!

Meus olhos não focam em nada além dele. André retira a roupa, e quando olho seu pau todo depilado, duro feito uma rocha, minha boca inunda. Minhas bochechas estão ardendo quase que da mesma intensidade que os locais onde ele surrou, pela vergonha de ficar com o traseiro empinado assim. Trajando apenas o boné, meu namorado procura algo pelas prateleiras ao lado do painel de facas. Quando ele surge com um apetrecho esquisito nas mãos, meu corpo inteiro arrepia. André retira alguns fiapos de cabelo da frente dos meus olhos, com o pau tão perto, que por mais uns milímetros ele se chocaria contra a minha cara.

— Isso é uma mordaça conhecida como aranha ou borboleta — ele explica, me fazendo estremecer quando começa a colocá-la em mim. André ajusta a cinta de couro ao redor da minha cabeça, prendendo a fivela na parte de trás, enquanto eu instintivamente entendo que devo enfiar esse aro de metal, que fica na frente, dentro da boca. Eu o encaixo entre os meus dentes, tendo que abrir os lábios o máximo que consigo para isso. — Vou enfiar o meu pau nessa argola e foder a sua boca. Desse jeito, vou te adestrar para aprender a aguentar por mais tempo a minha pica na sua garganta, entendeu?

Assinto com a cabeça, olhando-o com medo. Seus olhos brilham com pura luxúria, e quando ele segura o meu rabo de cavalo, depois cospe no próprio pau e o traz até os meus lábios, tudo o que penso é no quanto somos depravados. Ele, por estar enfiando seu pênis na minha boca com auxílio de

uma mordaça, eu, por estar quase gozando sem ele nem tocar na minha boceta.

Quando ele atravessa a cabeça do seu membro pelo aro, percebo que minha língua, ao contrário da boca inteira que fica imobilizada, está livre para se mexer. E ela se recusa a ficar parada enquanto ele se arremete para dentro da minha boca.

É enlouquecedor me sentir dominada, à mercê da vontade dele. André está mordendo os lábios inferiores, puxando meu cabelo sem nenhuma dó enquanto vai devagar, entrando e saindo, fechando os olhos enquanto solta aquele líquido salgado e gostoso contra a minha língua. É impossível não babar, porque não tem como engolir a saliva. E esse excesso de umidade faz com que um barulho extremamente gostoso surja sempre que ele mete o pau na minha boca.

A cada nova investida, ele vai mais fundo. Não sei se estou vivendo o momento, o sabor desse pau maravilhoso, a dor que o objeto rude de metal causa dentro da minha boca, ou a expectativa de quando ele vai me sufocar com o seu pênis. Mas não demora muito. Após mais algumas arremetidas lentas, ele se cansa da tortura e enfia com tudo o pau inteiro na minha boca. Eu sinto as suas bolas raspadas em meu queixo. Tusso, percebendo, mais uma vez, que é impossível respirar com essa coisa imensa tapando minha entrada de ar. Meus olhos ardem, a garganta queima, e quando ele puxa um pouco o pau, tento a todo custo sugar um pouco de ar, mas só me atrapalho com minha própria baba e gemo mais.

Sou surpreendida com um tapa na cara. Tão forte. Tão doloroso. Tão...gostoso! André puxa minha cabeça para trás com um tranco, usando meu cabelo como se fosse uma rédea, dominando-me feito uma égua, guiando minha cabeça novamente de encontro ao seu membro.

— Eu vou socar nessa garganta e você vai aprender a respirar com o meu pau lá, entendeu, porra? — rosna, enfiando o pau de uma só vez e metendo sem dó, com força, com rapidez, me fazendo ver estrelas, ficar tão sufocada, que minha visão turva. Meu coração, meus olhos, minha pele...eles queimam. — Respira pelo nariz, Maria!

Eu tento, mas sufoco, engasgo, faço ânsia de vômito, e se vendo que estou prestes a desmaiar ou vomitar em seu pau, ele finalmente retira seu membro, me dando alguns segundos de ar antes de voltar a sua tortura. E ele repete isso incontáveis vezes, beliscando-me os bicos dos seios com tanta força, que parece querer os puxar fora, me fazendo soltar um gemido estrangulado que é sufocado pela cabeça do seu pau preenchendo-me a garganta.

Rios de baba escorrem da minha boca, por suas bolas, pousando na mesa abaixo do meu corpo. Quando menos espero, ele passa a foder minha boca sem piedade, mas termina jorrando um jato muito quente de goza no fundo da minha garganta, sem pudor, me fazendo tossir, o nariz queimar, mas não me solta até que eu beba tudo. Como se houvesse a opção de não fazer isso...

Quando ele saí, tusso, completamente atrapalhada, cuspindo o que sobrou na língua mas sem poder fechar os lábios. Meus olhos escorrem lágrimas, tal qual a minha boceta desagua a umidade lamentosa por querer ser tocada e estar sendo desprezada.

A descarga de alivio que me preenche quando ele começa a retirar a mordaça é foda. É uma libertação, e quando finalmente estou livre do apetrecho, minha mandíbula pesa, dói a cada movimento que faço para tentar mexer a boca.

Penso em dizer algo, enquanto vou me sentando aos poucos, mas sou surpreendida pela velocidade e grosseria do ogro que chamo de namorado. Ele me puxa pelas coxas, forçando-me a deitar de barriga para cima na mesa.

— Ainda tem um caminho para aprender a respirar com meu pau na sua garganta, mas você foi bem, aguentou o chicote, bebeu minha porra sem tentar botar pra fora, então, agora você vai ganhar seu alívio. — André se inclina sobre a mesa e beija minha testa. Fecho os olhos, excitada por suas palavras, por seu cheiro, por tudo o que faz para acabar comigo. — Se você pudesse se ver com as minhas lentes, entenderia que é uma deusa, linda, perfeita, e quando está com cara de fodida, fica mais incrível ainda.

André alisa o ponto exato em minha bochecha onde dera uma bofetada ainda há pouco. Fecho os olhos, sentindo ele descendo a mão, arrastando-a lentamente por minha pele. Estou tremendo, com a garganta, o nariz, os olhos pegando fogo, mas nada se compara a agonia absurda que tem no meio das minhas pernas, querendo ser libertada, estimulada, saciada.

— André...

— Oi, amor!

— Me chupa? — suplico, sentindo ele descendo a mão pelas marcas vencidas de chupão em meu pescoço. — Eu quero muito a sua boca em mim.

Ele sorri contra minha pele, descendo sua boca quente por beijos pelo meu pescoço, presenteando com sugadas que certamente me renderão novas manchas roxas.

— Não! — Me joga um balde de água fria, no mesmo minuto em que enfia meu seio esquerdo dentro da sua boca, e o chupa como se pudesse extrair algo, causando dor e tesão. Sua boca me engole com tanta pressão, que produz estalos, e quando fala, sem nem mesmo ter a educação de retirar meu peito da boca, dobro as pernas de tanto desejo. — Hoje você vai gozar com os meus dedos.

Quando tira meu peito da boca, é só para arreganhar as minhas pernas. Engulo em seco, estremecendo ao ver o olhar de fome que tem no rosto dele, nos vincos que se formam entre suas sobrancelhas. Seus dedos grossos, quentes e hábeis abrem os meus grandes lábios, com ele parado ao meu lado direito, curvando-se contra o meu corpo para me fazer enlouquecer.

— Você está toda molhadinha! É mesmo uma putinha. Mas me diz, amor, posso enfiar o dedo?

Mordo os lábios, fechado os olhos quando sinto ele dedilhando minha umidade, descendo a mão por toda a extensão da minha boceta. Sem pensar muito, sussurro um sim, me contorcendo com ele me tocando, me incendiando. Tudo o que eu quero é que ele arranque essa agonia de mim, que me ajude a libertar tudo o que está preso, que me faça gozar.

E ele parece entender isso, porque usa uma das mãos para massagear o meu clitóris, e com a outra, com delicadeza, introduz o dedo médio dentro de mim, aos poucos. Minhas pernas tremem, e chego a jogar o ventre para cima quando ele consegue alcançar um ponto em sua massagem, me arrancando um gemido longo.

— Porra, amor! Isso é tão bom!

Eu ouço sorriso dele, enquanto acelera seus movimentos, passando a socar o dedo dentro de mim, enquanto se empenha em masturbar o meu ponto sensível de prazer. Dentro da minha boceta, agora ele coloca dois dedos, acelerando os movimentos a tal ponto, fazendo tanta pressão enquanto me fode, que fica impossível controlar os meus espasmos, as pulsações.

Algo explode lá embaixo, muito mais forte do que qualquer orgasmo que ele me deu. Meu ventre contrai, minha coluna arqueira, e gemo tão alto, que seria capaz de tremer as paredes. Eu sinto minha boceta expulsando muito líquido, enxarcando a mão dele, jorrando na mesa abaixo de mim. Trêmula, sem controle do corpo, tudo o que sinto é um prazer poderoso tomando minha boceta inteira. E após tanto me contorcer e gozar feito louca, amoleço contra a mesa, tentando controlar minha respiração, tentando ordenar que minhas mãos consigam afastá-lo do meu corpo, mas elas parecem geleias, nem me obedecem.

Cansada, tento enxergar algo, mas minhas vistas estão embaçadas. Sinto ele retirando os dedos de dentro de mim, enquanto exalo o ar e tento me recompor. A mão molhada e com o meu cheiro se enfia na minha nuca. Tento entender o que ele está fazendo, quando ele me senta e empurra um pouco minha cabeça para baixo.

— Olha só esse desperdício, Maçãzinha. Daria para matar minha sede por um mês inteiro! — Olho a poça que minha boceta desaguou na mesa, escorrendo e pigando no chão. — Se você gozou assim com a minha mão, só consigo imaginar quando for com o meu pau... Agora, fica de joelhos e bebe tudo!

Tento obedecer, mas falho algumas vezes enquanto tento me virar e ficar de joelhos na mesa, então, vencida por meu próprio cansaço, apenas

me abaixo sentada de lado mesmo, e dou um jeito de lamber o meu próprio gozo. André está de braços cruzados, e eu o observo pelo canto dos olhos, enquanto concluo a tarefa pecaminosa de beber meu próprio orgasmo.

Quando termino, arfante, mais quente do que nunca e vencida por meu próprio prazer, me deixo cair sobre o local onde acabei de lamber.



CAPÍTULO 29

Contra a parede



"Mas eu sou um péssimo mentiroso
Péssimo mentiroso
Agora você sabe".
Bad Liar - Imagine Dragons

Não sei se estou vivendo ou sonhando com o momento em que finalmente vou conseguir enterrar meu pau na boceta virgem da Maria. Ao menos houve uma evolução. Ela liberou algo que até então era limite rígido: a foder com os dedos.

Depois daquela sessão deliciosa no Purgatório ontem, fiz questão de dar banho nela e pentear seus cabelos, além de fazer massagem em seus pés até que dormisse.

Na real, acho que mesmo se aquela merda de exame confirmar que ela é minha meia-irmã, vamos continuar juntos. Mesmo que pese em nossa consciência. A gente se gosta demais. E tenho certeza que nunca mais serei capaz de me conectar assim com outra mulher.

Hoje foi um dia bom. Tive um trabalho para o Cristian e descontei todo o ódio que ainda não fui capaz de libertar no filho da puta que tentou matar a minha garota. Mas estou no encalço dele, com a ajuda de um dos infiltrados na polícia federal que trabalha para o meu contratante. Ele ficou de buscar a ficha do tal Fogaréu, e assim chegar ao Tiago. Tendo mais informações em mãos, posso iniciar uma caçada ao desgraçado com mais eficiência.

Sei que ultrapassei os limites e usei uma serra para dilacerar a mão do amante da esposa do Cristian, que foi o meu servicinho sujo de hoje. Ele me disse que era apenas para castrar o cara. Mas eu estava mais sedento, querendo mais gritos, querendo mais sangue, querendo ver o osso.

O médico, na verdade um legista que faz parte do esquema de “caça aos inimigos” do senador, ficou meio puto comigo, disse que fiz uma lambança e deixei pra ele consertar. Geralmente o Geraldo, um velho careca e mal encarado, cheio de manchas no rosto e um nariz quebrado e torto, é quem fica lá para garantir que as vítimas não morram, a postos para realizar os primeiros socorros. Eu nunca sei se alguém morreu depois. É um acordo meu e do Cristian, além de não ser minha função dar cabo dos caras. Ele acha que vou dar uma de sensível e me sentir culpado, mesmo sabendo o que fiz com o responsável por desmoronar o meu mundo, e depois com a Luana, prima do Josiah. Ele diz que não senti culpa por ter matado essas duas pessoas porque elas haviam me feito mal, mas que os inimigos dele poderiam me gerar culpa.

Que contraditório esse pensamento do Senhor Senador...

Eu torturo caras não só por dinheiro. É por prazer. Por sede de vê-los chorando, de sentir o cheiro delicioso do sangue, de vê-los humilhados. Não dá tesão. Não sou gay. É realmente algo demoníaco em mim. Uma natureza podre e perversa que já abracei, que se anima com a desgraça de homens que julgo merecedores. Então, como ele acha que posso me sentir culpado por fazer algo com aqueles arrombados? Eu não tenho pena...

Finalmente chego em casa e estaciono minha moto na garagem coberta, acionando meu modo romântico e apaixonado de forma automática. Tem um bolo com o dinheiro que ganhei pelo trabalho de hoje escondido na minha mochila. Sei que preciso subir com a grana para o quartinho nos fundos do Purgatório, mas estou com preguiça, cansado pra caralho e só querendo um beijo e uma boa mamada da minha mina.

Tiro minha mochila preta das costas, lembrando que tenho algo para a Maçãzinha dentro dela. Algo que expande nossa relação e traz mais simbolismos. Quando tiro meus coturnos na varanda, vendo meus sapatos e da minha namorada organizados em um apoio ao lado de um vasinho de plantas, dou um leve sorriso. Ela tem se sentido muito mais em casa nos últimos dias, enfeitando as coisas, como fez comprando esse organizador para nossos calçados. Gosto disso. Que sinta que a casa também é dela. Que não se veja mais sem rumo.

Entro na sala, sentindo um cheiro gostoso de bolo, que parece ser de laranja. Eu já a mandei parar de fazer bolo. Malho pra um caralho, e ela me

empurra essas coisas gostosas o tempo todo, mesmo que tenha dado uma melhora e feito os pratos principais mais saudáveis.

— Boa noite, linda! — digo, soltando a mochila no sofá e a abrindo.

Minha deusa abre um sorrisão, secando a mão em um pano de prato que ela mesma enfeitou, cheio de renda e coisas delicadas que nunca teria na minha casa se não fosse por ela. Pego uma caixa escura de veludo retangular dentro da mochila, escondendo atrás do corpo quando ela vem toda animadinha até mim.

Adoro as novas camisolas que tem usado, geralmente com fendas em um lado da perna, mostrando sua coxa gostosa, e com renda nos seios, dando um vislumbre dos peitos mais deliciosos do mundo. A de hoje é branca, intensificando a imagem delicada que ela tem.

— Eu já estava com saudade! Você está chegando tão tarde...

— Estava mesmo? — provoco, deixando que ela fique na ponta dos pés e me beije. Seu cheiro doce, agora não mais remetendo a inocência, mais sim a sedução, me deixa sempre feliz. — Vai fazer o que para demonstrar isso?

— Você só pensa safadeza quando olha para a sua irmãzinha?

Ergo as sobrancelhas para sua piada infame, saindo assim, tão naturalmente. Meus músculos não retesam como deveriam. Na verdade, eu sorrio. É leve e errado, e bom pra caralho poder fazer piada disso.

— Eu penso muitas coisas quando te olho, maninha — aviso, segurando a caixa agora com apenas uma mão, e com a outra, agarrando o ombro dela e a virando de costas para mim. — Feche os olhos! — Pouso a caixa no braço do sofá, depois retiro a coleira de couro dela, o adereço perfeito para gritar que ela é minha, que tem orgulho disso. Coloco sua coleira no sofá, sentindo o corpo dela todo ansioso. Amo o quanto Maria estremece quando a toco, sempre sem saber o que esperar. Abro a caixinha e pego a gargantilha fina de ouro branco, sem pingentes. Quando passo por a joia por seu pescoço e a fecho, a levo para a frente do espelho do nosso guarda-roupas. Peço para que abra os olhos e a observo enquanto admira sua nova joia, então me inclino contra sua orelha pequena, que agora ostenta um brinco pequeno em formato de argola. — Sempre que sair na rua, use-a. É um lembrete de que, a todo momento, onde estiver, você continua minha. Devota. Entregue. Orgulhando-se de me pertencer.

Maria ergue as mãos, meio indecisa, então toca a joia devagar. Ela olha para baixo, depois, lentamente se virando para mim. Seus olhos perfeitos estão

cheios de luz, e o sorriso largo exibindo seus dentes claros e alinhados faz meu coração palpitar.

— Que lindo! — Sua voz é doce, melodiosa e cheia de carinho. — Eu amei! Obrigada! Usarei com orgulho, que é o que sinto por ser sua. E espero que me queira independente de qualquer coisa.

— Eu sempre vou querer você, amor! — Puxo minha namorada contra mim, afundando minha cabeça em seu peito e deixando alguns beijos sobre sua tatuagem, que agora está dando cascas. Depois, pego sua mão, a mão onde costuma usar o anel de maçã. Eu a beijo, e na sequência, checo os cantos das suas unhas, vistoriando se ela segue sem mexer neles. — Você tem sido uma boa menina com esses dedinhos, então já podemos deixar suas unhas crescerem para testar. Mas se voltar a se machucar, volto a cortá-las, entendeu?

Maria sussurra um sim, tão sorridente e animada, que não existe outro caminho, se não tirar seu cordão, depois sua roupa, a levando comigo para um banho onde vou chupá-la até fazê-la desidratar de tanto gozar na minha boca.



Maria saiu do chuveiro antes de mim, fugindo enquanto eu tentava só sarrar o pau na boceta dela. Eu nem ia tentar meter, porra... Mas ela não facilitou.

Embaixo da água quente, deixo que a pressão do jato potente me relaxe ainda mais, após ter gozado na língua macia da minha garota a ponto de acreditar que vou ficar um bom tempo sem conseguir produzir esperma.

Quando saio completamente nu, adorando que agora não preciso mais andar de toalha, cantarolando, vou direto pro quarto e visto uma cueca. E só então percebo que Maria não está aqui. Deve estar colocando ou tirando roupa do varal. Quando penso em caminhar para a cama, dou de cara com a casa caindo. Maria está no meio da sala, com os olhos cheios de lágrimas e um bolo de dinheiro manchado de sangue em suas mãos. Ela treme os lábios, e quando, com o coração batendo acelerado, tento ir até ela, Maria recua vários passos. Ela ergue uma barreira invisível, porém bem nítida entre nós dois.

— Então minha intuição estava certa! Você faz algo muito errado nessas tais idas para o estúdio de tatuagem no interior do estado. — A voz dela é cheia de medo e algum senso de traição. — Eu sempre desconfiei disso.

Penso em responder milhares de coisas, mas nenhuma mentira sairia da minha boca para contar a ela. Eu poderia desconversar, fugir do assunto, mas mentir não faz o meu feitio. Então fico em silêncio. Não me envergonho, não curvo os ombros. Um único resquício de medo sussurra agouros em meu ouvido: e se ela quiser me deixar quando eu contar? E se me achar sujo de mais? Se me comparar ao homem que tentou matá-la?

Vale a pena perder meu relacionamento por meu senso apurado de verdade? De odiar mentir? Reviro os olhos, brigando comigo mesmo, enquanto encaro o único ponto de luz que tive nos últimos anos se apagando.

Sempre vivi feito um anjo caído amaldiçoado por Deus. Agora, mesmo em meio a tantas merdas, como descobrir que ela pode ser minha meia-irmã, ainda me senti um pouco sortudo por tê-la ganhado.

Mentir pode impedir que nossa relação acabe. Mas eu sou incapaz de viver essa relação baseada numa mentira. Torcendo para que ela me aceite mesmo com todas as minhas manchas, com a toda a lama que carrego em minha alma, resolvo falar:

— Sim. Eu faço algo muito errado. E esse dinheiro é fruto disso. Uma remuneração. E tem mais dele lá em cima, muito mais, atrás daquela porta com senha dentro do Purgatório.

Maria já recolocou sua coleira de couro, seu adorno caseiro gritando que ela me pertence, e agora, a mesma camisola branca que antes transmitia suavidade, parece um deboche me lembrando da única leveza que tenho nessa vida, e que posso estar perto de perder. Maria ainda vai me querer como dono após eu detalhar meus pecados?

A Maçãzinha joga o bolo de dinheiro no chão, com força, ultrajada. Limpa as mãos na roupa, como se com nojo dos traços de sangue que mancham o papel. Ela cruza os braços enquanto uma lágrima rola por sua bochecha.

— Então o que você é? Cafetão, assassino de aluguel, estelionatário?

Não gosto da amargura em sua voz. Nervosa, ela alinha os cabelos em um coque no topo da cabeça, e cada vez em que ele se desfaz por ser liso de mais, ela repete o gesto. Seus olhos quase expelem fumaça, de tão visível que é a explosão da raiva dentro dela.

— Um torturador de aluguel. Torturo pessoas para um homem poderoso, visando extrair as informações que ele precisa, ou simplesmente vingá-lo por alguma desavença.

Meu tom de voz é frio, calmo, mesmo que uma certa insegurança corra por minhas veias, corrompendo o meu sangue com o medo doentio de perder a garota que se tornou minha mulher.

— Desde quando?

Não tem emoção alguma além de desapontamento em seu rosto. Respiro profundamente antes de falar:

— Desde que fui expulso do exército. O meu contratante investigou a minha vida, ligou fatos e desvendou um segredo sobre mim, descobrindo minha natureza imunda e me ofertando ganhar dinheiro com meus... "talentos". — Cruzo os braços, vendo que, por sua expressão, ela quer que eu fale mais sobre o assunto, que lhe dê mais informações. — Não gosto de lembrar dessa época, onde eu tinha que me esconder atrás de uma muralha de homem fechado para que ninguém visse que eu estava despedaçado. Me enfiar no exército foi uma válvula de escape. Eu tentava fugir dos meus pensamentos, da minha dor, da minha perda. Mas não demorei a descobrir que aquilo não era para mim. Aí o meu contratante me fez a oferta que me permitiu libertar minha raiva, meu ódio da vida.

— O homem que te contratou é o pai do Josiah! Por isso investigou sua vida, porque o Cristian era obcecado em saber tudo sobre o filho, inclusive sobre as amizades dele. Ana me contou sobre a relação do marido dela com o pai. E não tente negar, eu não sou burra, André! Ouvi você e os garotos cochichando sobre o Cristian no dia da balada.

Ela até tenta, mas não vou confirmar isso. Posso contar sobre o que eu faço, mas não vou revelar nada sobre o Cristian. Ele é um homem perigoso, não a quero fofocando com as garotas sobre essa porra!

— Não mencione o pai do Josiah nunca mais! — Eu a encaro com muita sede, deixando muito transparente em meu olhar que, independentemente do que ela diga agora, se me contrariar, vai ser castigada.

— Quando ia me contar sobre sua vida dupla?

— Nunca!

A decepção se formando com seus lábios abertos me atinge feito um soco bem no meio do estômago. Eu não queria magoá-la, mas não existe um caminho

para voltar atrás. Esse sou eu.

— Então seria igual aos nossos pais, mentindo para mim, me escondendo coisas? — Agora, sim, acho que fodi tudo. Cometendo um verdadeiro *"sincericídio"*, percebo que dei um tiro no pé e talvez tenha cruzado uma linha pesada, e mesmo que não seja impossível, será difícil de contornar. — Sério? Ia ficar comigo a porra da vida toda, vivendo na base de uma mentira, torturando pessoas e trazendo o fruto sujo disso para dentro da casa onde moro com você? Que porra de relacionamento seria esse?

— Não grite! — Engulo em seco enquanto tento manter os nossos papéis bem definidos. Mesmo brava, ela precisa me respeitar. — Eu...

Não sei o que dizer. É como se as palavras fossem extirpadas na ponta da minha língua, porque, agora percebo o quão absurdo soa minha ideia de esconder dela para sempre o que faço para o Cristian.

— Não gritar? Você acabou de dizer que ficaria comigo mentindo, escondendo um trabalho podre — ela segue berrando, ficando roxa, cerrando os punhos ao lado do corpo. — Eu não quero ficar com um criminoso, com alguém que machuca os outros por prazer, por dinheiro!

Dou um passo em direção a ela, sendo bem mais fraco do que esperava só dela mencionar não querer ficar comigo.

— Maria...

— Você já matou alguém?

Ela não quer algo baseado em mentiras. Eu também não. Eu ia omitir meu trabalho, mas não consigo negar quando aceno com a cabeça e confirmo. Ela cambaleia para trás, e quando sua mão vai para a parte de trás da coleira, abaixo a guarda. Esqueço nossos papéis. Sou afogado em medo, morando em um pesadelo, mais uma vez flertando com a possibilidade de perder a mulher que amo, mas agora é por total responsabilidade minha.

— Maria, não é como você está pensando. Eu...

— Quantas pessoas?

Não tem calma nela. É uma repulsa tão forte em seu rosto, um medo em seu corpo que, pela primeira vez, eu não gosto. Ela desce as mãos, desistindo de retirar a coleira, depois se abraça e anda tanto para trás, que chega a bater com as costas na porta.

— Duas.

— Quem?

— A Luana foi a segunda... — Respiro fundo, empurrando o chumbo tapando minha garganta enquanto engulo em seco, tentando controlar as lágrimas que se acumulam quando eu lembro da outra pessoa, da primeira vez em que sujei as mãos. Não por pena, mas pelo motivo de eu ter tido que o fazer. Por lembrar do que me foi roubado, de forma injusta, cruel e desumana. Quem cobraria humanidade de mim naquele momento? E acho que qualquer luz que eu tinha se apagou naquele dia. E que se dane se os céus me julgam! Eu nunca vou conseguir entender, se Deus existe, como permitiu que aquilo acontecesse? Como, porra?! — E antes dela foi o desgraçado que acabou com a minha vida.

— A Luana, a que matou o amigo de vocês? — Maria sussurra, agora, é como se um pouco do julgamento dela desaparecesse, só um pouco. — Ela não estava presa?

— Nunca esteve. E não, eu não me arrependo.

— Como você a matou?

— Você não vai querer ouvir isso, Maria...

— Me conta logo ou juro que terminamos agora!

— Cortei a garganta dela. Depois, eu a esquartejei e joguei os pedaços em alto-mar. — É foda o quanto o peito dela está subindo e descendo. Acho que minha namorada está à beira de uma crise de pânico. — Eu sei que sou podre, mas eu te disse isso desde a sua primeira semana comigo. E sinto muito não ter revelado nada disso antes, mas é algo pesado. Sei que você teria fugido se eu contasse.

— Não gosto de todas essas mentiras.

— Eu não menti em momento algum. Assim como você não tinha coragem de contar sobre o traficante, eu não tinha coragem de contar sobre as minhas merdas. Não por ter vergonha delas, mas por saber que você não conseguiria lidar.

— Não sei o que pensar.

— Eu quero você mais do que tudo, passando por cima de vários limites para isso, querendo te dar o que sempre achei ser impossível para mim mesmo. — Abro os braços, como se estive abrindo o meu corpo e expondo meu interior, minhas fraquezas e minha podridão. — Não vou fingir que sou um cara ferrado buscando redenção. A única redenção para a minha alma é você.

— Não estou enxergando redenção em ti agora. Eu quero saber tudo, sem mais nada sendo escondido, então me conta logo, ou eu juro por Deus... Juro que

vou embora e nunca mais olharei para trás. — Ela segue gritando, chorando, cada vez mais histérica e nervosa. — Eu te amo pra caralho, mas estou achando que me apaixonei por uma mentira. Por alguém que não existe.

— Nada do que vivemos foi uma mentira. Eu te amo também, porra! Você não entende... Tenho que mexer nas minhas feridas para você entender como isso começou. — Meu coração sangra quando resolvo falar: — E realmente, eu não me arrependo. — Sei que está visível em mim a falta de alma que se escancara quando penso em me vingar, quando me lembro de ter feito alguém que merece pagar. Posso sentir no meu rosto fervendo, nos vincos se formando entre minhas sobrancelhas. Sei que ela sempre percebe a face do próprio inferno que toma a minha cara nesses momentos. — Nenhum arrependimento me seria possível, porque no dia em que mataram o meu filho, me fizeram morrer também! E eu nunca vou me arrepender por ter picado o filho da puta que sequestrou, estuprou e matou o meu bebê. — As palavras escapam de mim feito farpas, elas dilaceram minha garganta, envenenam minhas cordas vocais, me sugam e lançam de volta no meu maior pesadelo. — Eu vi um anjo, porra! Eu o peguei no colo, eu amei como nunca achei que fosse possível amar, e então, então eu perdi tudo de um jeito horrível. —— Caio de joelhos, lembrando do rosto do meu filho, do meu pequeno Antoni. — Bruna engravidou quando tínhamos dezessete anos. Era minha primeira namorada, um romance que surgiu dois anos antes, e se tornou forte, sério. Só que, como dois irresponsáveis, não nos protegemos e acabamos diante de uma responsabilidade enorme: ser pais. Eu não tinha uma casa, e minha ex-namorada foi expulsa por seus pais, sendo obrigada a morar comigo na casa da minha mãe. Eu me desdobrava entre dois empregos, um como barbeiro, outro como açougueiro em um mercado. Juntava cada centavo para que não faltasse nada a ela na gravidez.

Maria conhece uma parte da história. Ouso dizer que cada pequena viela da nossa cidade ouviu sussurros da desgraça que se abateu sobre mim. Quem esqueceria aquela barbárie? Mas, quero contar os detalhes. Ela quer a verdade, então, vou relevar tudo o que ninguém além da minha mãe sabe.

— André, não precisa falar sobre o Antoni. Eu entendo que isso te traz dor...

— Com o tempo, alugamos uma casinha ao lado da dos meus pais, e quando o nosso filho nasceu, minha mãe ajudou a cuidar dele para que a Bruna pudesse trabalhar. Eu não a amava, gostava do que ela me dava, além de ser

extremamente grato por ter dado à luz ao nosso filho. Ao meu garotinho loiro, de sorriso inocente e olhinhos puxados. A cada mês dele, mais eu o amava, mais eu sentia que meu coração batia fora do peito, que eu faria qualquer sacrifício, que daria todos os meus ossos se fosse necessário para poder cuidar dele.

Maria está com raiva, mas não consegue se segurar quando se ajoelha diante de mim, vendo-me chorar compulsivamente, porque meu peito dói tanto quando lembro dele. Quando lembro do meu anjo de cabelinhos dourados...Eu tento sair das minhas memórias, mas elas são tão fortes, doloridas e reais. Elas me dominam, se embrenham na minha pele e lutam para se rebelar, para que eu as relembre.

— Minha mãe se apegou muito ao neto, afinal, ele se parecia muito com ela.

— Parecia mesmo... — Maria sussurra, limpando uma lágrima.

— Você o conheceu?

— Eu o vi na casa da minha tia uma vez. Eu era bem pequena, acho que tinha quase dez anos.

— Às vezes, esqueço da nossa diferença de idade — sussurro, sentindo os dedos cheirosos e delicados dela limpando as minhas lágrimas.

— Eu também...

Respiro fundo, exalando o ar corrompido que pesa dentro de mim pelo nariz. Quando eu a puxo para o meu colo, querendo um pouco de consolo da sua pele quente, me sentido em cacos, torcendo para que ela não fuja, para que me remende, ela aceita. Se aninha em meu peito quando eu abraço e tomo coragem de continuar a falar:

— A cada palavra que ele dizia, cada passinho vacilante que dava, mais bobo e apaixonado eu ficava. É impossível descrever o amor de ser pai. É uma força tão grande, que você se sente em segundo plano. Você vive para o seu filho, para amá-lo, protegê-lo. — Aperto a Maria com tanta força, que até me esqueço que o assunto inicial não era sobre o Antoni. Mas quando eu penso nele, quando deixo que minhas dores emerjam e venham para a superfície, tudo se torna sobre ele. Sobre a dor, sobre o buraco queimando, em carne viva e cada vez maior dentro de mim. — E eu queria tanto dar o melhor a ele, que as vezes passava muito tempo fora de casa. E a Bruna também. A gente queria dar tudo ao nosso príncipe, os melhores brinquedos, as melhores festas de aniversário, e hoje tudo isso parece o nosso maior erro.

“Quando ele tinha acabado de completar dois anos, saímos juntos em um sábado para encomendar a decoração da festa de aniversário dele. Seria com um tema da Turma da Mônica. Antoni ficou com a minha mãe. Eu confiava nela, Maria. Confiava que ela fosse cuidar do meu filho, que seria como uma extensão do cuidado e zelo que a Bruna e eu tínhamos por ele”.

Eu não consigo segurar os meus soluços, sei que posso a estar machucando com a força com que a aperto. Mas eu me sinto tão ferrado agora. Tão injustiçado. Eu quero xingar os céus. Quero xingar a Deus. Quero praguejar contra o meu maldito destino pela injustiça, pela covardia, pela dor que meu filho sentiu. Era para ser eu no lugar dele. Trocaria de lugar, morreria incontáveis vezes se fosse preciso para que o meu anjo não sofresse...

“Quando chegamos em casa, caímos em um abismo. Meus pais estavam desesperados, com uma viatura na porta de casa. A Bruna desmaiou quando minha mãe gritou que meu filho tinha sumido. Ela estava brincando com ele numa piscininha inflável na porta de casa, como a residência não tinha quintal, era comum que sentássemos na calçada. Ela entrou em casa para pegar alguns brinquedos para colocar na água para ele, mas quando voltou, já tinham levado o meu filho.

Foram dias desesperadores. Eu não perdoava a minha mãe. Vagava pelas ruas feito um louco, sem comer, sem tomar banho, sem dormir. Eu espalhava panfletos com o rosto dele pelos postes, ia duas vezes no dia falar com o responsável pela investigação. Foram dois meses, Maria. Dois meses em que eu fazia tudo o que me diziam, jejum, vigílias nas igrejas, até as Escadarias da Penha eu subi de joelhos. Eu rezei por um milagre, acreditei que seria possível. Do fundo da minha alma, eu sentia que encontraria o meu filho. E encontrei, mas quando isso aconteceu, eu desejei ter morrido.

Quando me chamaram na delegacia e disseram que haviam encontrado o corpo de uma criança em estado de decomposição em uma mata fechada da cidade, me desesperei. Quis fingir que não podia ser o meu filho, mas a sunguinha de praia do homem aranha que vi nas fotos, que minha mãe viu, que minha namorada viu... Deixava claro que era ele. Os exames posteriores comprovaram que ele havia sofrido abuso sexual e sido morto provavelmente por uma torção no pescoço.

Eu passei dias à base de remédios. Sem forças. Quando eu ficava lúcido, culpava minha mãe, culpava a Bruna por ter insistido que eu fosse com ela

naquela merda de loja. E me culpava. Eu me culpava por não ter estado lá, por não ter cumprido com a minha única obrigação: cuidar do meu filho.

Minha relação com a Bruna se desgastou. A gente passou a se detestar, a projetar um no outro a culpa por aquela tragédia, então nos separamos e nunca mais nos vimos. E com o tempo a sede de vingança passou a me sustentar. Eu decidi que descobriria quem matou o meu filho.

A polícia era uma merda. Não encontrava nenhum vestígio de quem tinha feito aquilo. Então eu comecei a pesquisar sozinho, obcecado, obstinado em fazer o desgraçado pagar. Via todos os documentários possíveis sobre assassinos de crianças, sobre perfis de pedófilos, e cheguei à conclusão de que muito provavelmente era alguém da vizinhança. Meu filho não fez barulho. Nenhum dos vizinhos o ouviu gritar. A única testemunha visual, que minha mãe também vira perto, foi um senhor da esquina da nossa rua. Ele estava sentado lendo seu jornal no portão, mas entrou em casa na mesma hora que minha mãe, indo almoçar, conforme sua esposa confirmou posteriormente em um depoimento. Agnaldo, o tal vizinho, disse para a polícia que não ouviu choro ou grito do meu filho, apenas teria ouvido um carro cantando pneu em alta velocidade."

— Sinto tanto, amor... Tanto... — Maria está chorando, apertando tanto as minhas costas, que suas unhas chegam a furar a pele, mas dessa vez ela pode me marcar se quiser, estou fraco demais para corrigir.

Eu só a quero agora, comigo, porque eu tô fodido pra caralho.

— Agnaldo era a única testemunha. A única pessoa na cena do crime, e ainda assim a polícia nunca desconfiou dele. Quem desconfiaria? Ele servia comida para desabrigados todos os domingos no centro da cidade, todas as crianças da rua viam nele um avô, e os adultos o respeitavam. Seu caráter era ilibado. Mas foi exatamente por isso que eu fiquei obcecado com ele. O maldito foi a única pessoa na cena do crime além da minha mãe. Porra! Algo no fundo da minha alma me dizia que era ele.

"Eu passei dias quase alucinando de tanto pensar nisso. Então planejei um sequestro. No mesmo horário em que meu filho sumiu, quando a rua ficava mais vazia e silenciosa o bastante para que os demônios pudessem agir, cheguei perto dele como se não fosse fazer nada, mas o desmaiei com um pano embebido em clorofórmio. Puxei seu corpo franzino e ossudo para o porta-malas do carro da minha mãe. Depois o levei para um lugar afastado, um casebre abandonado às margens de uma cachoeira.

Eu o torturei por dias, sempre indo para casa para que ninguém desconfiasse de mim quando ele desaparecera. Fazia minha rotina normalmente, mas saia de madrugada e voltava para torturar o homem que negava veemente ter feito algo ao meu bebê. Seu rosto, depois de eu tanto socá-lo, estava irreconhecível.

Mas quando comecei a cortar a ponta dos dedos dele, uma a uma, cegado porque os demônios que habitavam o meu corpo, que tinham tomado conta da minha alma, sussurravam que era ele, que o maldito havia matado o meu pequeno, foi aí que ele confessou.

Ele narrou o passo a passo do que tinha feito. Que havia atraído meu filho para o seu carro com alguns pirulitos. Depois, o levara para a mata, e porque ele gritava, dera um soco em seu olho que o fez desmaiar. Ele abusou do meu filho, depois quebrou o seu pescoço. O desgraçado me disse que foi um acidente, que não queria matá-lo naquele momento, mas como o Antoni não parava quieto, acabou o fazendo enquanto tentava segurá-lo.

Eu gostaria de acreditar que ele havia inventado aquilo para fugir da tortura. Mas foram os detalhes que o velho deu que confirmaram...o meu filho foi encontrado com um olho roxo e o rosto enfiado na terra.

Eu surtei, fui possuído por uma entidade sedenta por dor, e com uma serra, picotei o corpo dele em pedaços muito pequenos. Comecei pelas mãos, ouvindo-o gritar. Depois subi pelos braços, sentindo o cheiro do sangue dele vingando o que o maldito havia feito.

Quando cheguei aos seus ombros, ele já estava morto.

Tem ideia do quão gostoso foi ver o maldito que estuprou o meu filho morrer daquele jeito?”

— Isso é... é... horrível! — Maria soluça. — Eu ouvi na igreja sobre esse senhor que havia sumido e nunca sido encontrado. Chegaram a dizer que era algum tipo de quadrilha que estava sequestrando pessoas na região, e minha mãe nem me deixava ir à igreja sozinha por causa disso.

— Depois dele, eu nunca mais segurei minha vontade de causar dor. Eu me libertei, me permiti ser podre. E assim como a polícia foi uma merda e nunca descobriu que o meu vizinho havia assassinado o meu filho, nunca chegou à hipótese de que eu havia revidado tirando a vida dele. — Engulo em seco, beijando a cabeça da Maria, mas completamente cego, sem ver um palmo em minha frente. — Já a minha mãe, ela sabia que fui eu. Não sei se era seu instinto

materno, ou se ela podia ler bem minhas feições quando alguém comentava do sumiço do maldito. Mas ela me encurralou e eu confessei, com orgulho, revelei que foi um prazer. Ela me chamou de monstro. Quis rir. Se virei um monstro por matar o cara que estuprou e matou o meu filho de dois anos...Então eu seria a porra do monstro!

— Você sempre vai culpá-la por essa tragédia?

— Eu a culpo, assim como me culpo, como culpo a mãe do Antoni. Mas eu não gosto de vê-la porque sempre acabo enxergando o rostinho dele. E isso me fode, me faz querer morrer...

— Eu sinto muito, André! Sinto que você tenha sido dilacerado, que o pequeno Antoni tenha sofrido tanto, e quero que saiba que eu não julgo o que você fez com o assassino dele. — Maria segura o meu rosto, aperta-o, querendo me obrigar a enxergá-la. — Eu teria feito o mesmo se fosse o meu filho. Só não quero que você continue se destruindo ao descontar essa dor nos outros. Não quero e não vou ficar com você se não me prometer agora que abandonará esse trabalho...

Cerro os lábios e vejo a dor nos olhos dela. Tem empatia ali, mas também uma certeza assustadora.

Quantos sacrifícios eu faria por ela?

Muitos.

Só um seria impossível, o que me faria viver todos os dias com medo de passar por tudo novamente, amar um filho e tê-lo arrancado de mim. Nunca poderia dar um filho a Maria.

— Tudo bem! Eu vou parar, mas só depois que encontrar o seu “amigo”. — Sou firme em minha voz. — Preciso do meu chefe para me ajudar a acabar com as ameaças a sua vida. Se eu encerrar nosso trabalho agora, meu contratante é filho da puta o suficiente para me deixar na mão.

Maria parece incerta agora, diante de uma dúvida enorme. Rendido por querer algo para aliviar minhas feridas, me inclino e lambo a sua lágrima. O gosto salgado e viciante se espalhando por minha boca faz meus músculos relaxarem por um breve segundo, e a carinha de surpresa que encontro em sua face quando me afasto, é algo animador.

— Ok! E dê um jeito de tirar esse dinheiro daqui! Eu não acho legal e vou ficar assombrada de saber que moro em uma casa com isso.

— Tudo bem! Amanhã mesmo o farei.

Vou alugar um *Self-Storage*[20] para guardar tudo referente ao meu trabalho. E não vou me livrar da grana. Ela vai garantir um futuro bom para nós dois.

Aliviado por minha namorada não estar falando mais em me deixar, a abraço apertado.

— Estou mais calmo por você não pensar realmente em terminar comigo, por entender que preciso vingá-la ou não terei paz. — Beijo muito a sua cabeça enquanto falo, sabendo que meu amor está me tornando dependente, mas sem medo algum disso. — Essa é minha natureza, Maria. E só por amá-la é que tentarei silenciá-la, que buscarei ser algo melhor.

— Eu acredito que você pode concentrar sua sede de causar dor em mim, com responsabilidade, como tem feito. Sem precisar viver se equiparando às pessoas que te causaram mal. Me promete que vai tentar?

— Eu prometo, amor! — Sinto as batidas do meu coração se suavizando, enquanto entendo que preciso dizer mais uma verdade: — E saiba que eu nunca te machucaria. Jamais! Eu mataria e morreria por você.

— Prefiro que não faça nenhum dos dois.

Com uma risadinha, me permito fechar os olhos e só relaxar, aliviando minha mente dos pensamentos traumáticos e fungando o cheiro bom do seu cabelo, o cheiro que me remete a paz.



CAPÍTULO 30

Igreja



Maria

“Leve-me à igreja
Louvarei como um cão no
santuário de suas mentiras.
Vou lhe contar meus pecados
para você poder afiar sua faca”.
Take Me To Church - Hozier

Faz dois dias desde que o André me narrou as estradas infernais pelas quais andou, desabafando sobre a morte do filho e o quanto se deixou apodrecer após isso, igualando-se a seus malfeitores. A dor na alma dele, escapando por suas lágrimas e palavras, se entranhou em mim, me atingiu, me fez amolecer diante da firmeza que eu tinha de que o largaria naquele instante, se não me prometesse abandonar aquele trabalho horrível.

Ele não está nada bem desde essas revelações. Quase não come. Às vezes, eu o pego encarando o nada, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. Não tem ido para o estúdio Ravina e repassou a maioria das tatuagens para o Josiah fazer. Também não quer sair de casa. O único momento em que foi para a rua e demorou algumas horas anteontem, foi quando levou seu dinheiro ilícito para fora daqui. Fiquei surpresa com a quantidade de caixas que o vi retirando e colocando na caçamba do seu carro. E sei que ele só o fez naquele momento, mesmo despedaçado e sem energia, porque havia me prometido que tiraria aquela remuneração imunda lá de cima.

Nesse momento, ele está afiando uma faca com um amolador, sentado no sofá de casa, com olheiras tão roxas, que parece que não dorme há um ano, mesmo que sejam apenas dois dias desde que descobri sua vida dupla e todos os detalhes desconhecidos da morte do Antoni.

Sem saber bem o que fazer, acabei chamando os garotos aqui mais cedo. Eu não sei o que conversaram quando foram junto ao meu namorado para os fundos do quintal, mas, quando Josiah e Harry saíram com os olhos marejados cerca de quarenta minutos depois, enquanto eu estava varrendo a varanda, presumi que o André finalmente havia contado a eles sobre o filho.

Eu segurei essa informação quando me tornei amiga das esposas do Josiah e do Nate. Apesar de quase ter contado a Ana e Isabela em um momento de dor e confusão, decidi segurar o segredo, porque se o André mesmo nunca havia mencionado que era pai a nenhum dos meninos, mesmo que sejam como uma família para ele, é porque tinha suas razões.

Está difícil acessá-lo. Nos beijamos, ele me abraça a todo momento em que cruzo com ele pela casa, mas não conversa nem tenta fazer "preliminares", como habitualmente fazia. Fica meio perdido dentro da própria mente, e isso anda me deixando arrasada.

Eu não sei bem o que fazer. Tentei animá-lo com um bolo de cenoura, fazer perguntas sobre suas facas, tatuagens, chamá-lo para o banho comigo... Nada deu resultado, e isso faz meu coração doer.

Quando eu morava com a minha mãe, mesmo não querendo ser da mesma religião dela, gostava de ir falar com Deus nos momentos em que ficava triste. Em geral, por ter baixa autoestima, sempre ficava mal quando minhas irmãs me chamavam de patinha feia, então ia para lá para fugir de tudo.

E se eu o chamasse para ir falar com Deus? André diz que não acredita em nada, mas, quando o filho dele estava desaparecido, ele tentou acreditar. Talvez, agora, convencê-lo a ir à igreja ajude.

Eu acho que a vida é muito pesada, um fardo em muitos momentos. Sem fé, tudo se torna pior. Se eu conseguisse fazê-lo resgatar só um pouquinho disso, acredito que pode lhe fazer bem.

Desligo a máquina de costura, resolvendo deixar o ajuste na barra de um dos meus vestidos novos pra depois. Quando me sento ao lado do meu namorado no sofá, ele não me olha. O seu nariz está vermelho. Estava chorando de novo.

— Amor... — reflito sobre como falar com ele. Não sei se abordar direto que eu quero levá-lo à igreja vai ser bom. André pode achar que estou querendo exorcizá-lo. — Eu quero muito ir a um lugar, mas você sabe que tenho medo de sair do condomínio desacompanhada, né? — Sob a sombra de seu habitual boné preto, seu rosto parece ainda mais cansado. De soslaio, ele me encara, colocando sua faca de volta na capa protetora. Assente sem dizer uma palavra. — Pode ir comigo?

— Onde? — André parece saber que tenho segundas intenções, porque seu rosto se fecha e ele faz um bico meio irritado.

— À igreja.

Tem uma aqui do lado, católica, mas, para falar com Deus, qualquer uma serve. Eu nunca fui católica, e acredito muito que Deus está em todos os lugares, mas, nos templos onde mais pessoas se concentram e chamam o nome Dele, Ele se faz mais presente.

— Não!

Curto e grosso, ele se levanta do sofá e deposita sua faca no rack da sala. Exalo profundamente, mais perdida do que nunca. André vai para a cama e se deita. Meu coração aperta, vendo-o cobrir a cabeça com uma manta clara e me ignorar, voltando para as muralhas da sua mente, isolando-se em suas feridas.

— Depois do peso de tudo o que conversamos, das escolhas que estamos fazendo sobre nos relacionarmos mesmo com a hipótese de sermos irmãos, preciso muito ir lá. As meninas não poderão ir comigo, mas tudo bem. — Me esforço para que ele não perceba em meu tom de voz que eu estou querendo o manipular. — Irei sozinha, já que não pode fazer isso por mim.

Essa é minha última cartada, porque não quero deixá-lo na cama o tempo inteiro. Se nem os amigos dele conseguiram o fazer querer sair de casa hoje cedo, não faço a menor ideia do que pode funcionar além disso.

Uma sessão *hardcore* para ele descontar seu sadismo?

Decidida a tentar ainda a ideia da igreja antes de oferecer minha pele para ele machucar, troco minha coleira pela gargantilha, depois pego minha bolsa em um mancebo ao lado da porta. É claro que não vou tentar sair do condomínio, ou é capaz de eu desmaiar ao chegar do lado de fora. Farei uma caminhada até a portaria, e se o André não for atrás de mim, volto para casa e peço para que me surre e se liberte. Mas sua voz, soando abafada por ele estar saindo debaixo da coberta, me detém quando giro a maçaneta:

— Ok, Maria. Vou contigo. — É um tom de voz nublado, não me diz muita coisa. — Mas foi você quem pediu!

Troco o peso dos pés e cruzo os braços, esperando que meu namorado coloque uma regata branca, porque já estava usando uma calça de moletom cinza. Ele calça um par de meias, depois passa por mim e atravessa a porta. Na varanda, calçamos nossos sapatos, depois partimos.

Caminhamos em silêncio, de mãos dadas em direção à igreja. Não sei por que meu pulso está tão acelerado. Talvez seja a expectativa de vê-lo na presença divina. Após mais passos agoniantes, chegamos ao templo que fica bem ao lado do condomínio. É uma paróquia simples, com poucos bancos de madeira avermelhada e cruzes espalhadas pela parede. Atrás do púlpito, um padre reza a missa. As paredes amarelas e vívidas do local dão um ar mais alegre, me trazendo estranheza. Minha igreja tinha paredes azuis, faziam a parecer muito séria. Acho que gosto dessa aqui.

Eu sinto a mão do meu namorado mais rígida, unida à minha, quando nos sentamos juntos em uma fileira no fundo, a última, para a qual ele me puxa, nem dando margem para que eu vá mais para frente. Deve ter umas oito fileiras de bancos ao todo. Se tem cinco pessoas, já é muito.

Quando o padre reza uma prece famosa, fecho os olhos e uno as mãos, acompanhando, sentindo aos poucos a ansiedade pela impressibilidade do comportamento do André ir se desfazendo.

O padre faz outra reza, que eu não conheço, porque na minha igreja ela não era comum. É gostosa a aura do local, leve, com uma voz mansa do líder religioso trazendo serenidade enquanto ele começa a falar sobre o

poder do perdão, discursando sobre o amor divino pela humanidade. Meu peito se enche de paz, porque eu realmente gosto do que estou ouvindo.

Está bem gelado aqui, e com meu vestido rosa pálido que chega até os joelhos, sinto a pele eriçar um pouco. Mas é o arrepio estranho, repentinamente cortando-me a pele, que me faz olhar para o André. Ele não está prestando atenção na missa. Está com a mandíbula cerrada, o rosto virado para mim, os olhos pétreos, mais escuros do que nunca. Acho que jamais o vi me olhando assim, parecendo realmente ser tomado por algo ruim.

Eu penso em me afastar, mas tudo o que consigo fazer é sussurrar:

— Tudo bem?

— Tudo ótimo! — A sua voz é toda ironia, no mesmo momento em que se arrasta para o meu lado até que nossas pernas fiquem coladas. Ele se inclina para o lado, joga sua respiração em minha orelha. E querendo ver se alguém está prestando atenção em nós, de olhos arregalados, observo o restante da igreja. Os fiéis estão concentrados no sermão. E nem o padre olha em nossa direção. Talvez faça missas tantas vezes, que nem enxergue as pessoas presentes. — Por que me arrastou para um santuário de mentiras? — o sussurro dele me faz congelar. É regado a uma raiva cortante. Engulo em seco, sentindo-o tocar meu joelho esquerdo. — Achou que estava conseguindo me manipular? Não seja uma maçã venenosa, ou posso te fazer engolir o seu veneno! — Quando percebo o que ele está fazendo, tento segurar sua mão, impedir que avance pela pele da minha coxa. Mas ele não recua. Livrando-se da minha com facilidade, rastejando cada vez mais para cima, murmura: — Não me importo com esse lugar. Não tenho respeito, fé, medo... Porra nenhuma! Eu sabia suas intenções desde que me pediu para vir, então, entenda de uma vez por todas: igrejas não me oferecem alívio. Não me fazem bem! Mas agora vou te mostrar minhas intenções por trás de ter aceitado sua pressão!

Eu estremeço, me sinto imunda, profana, enquanto me vejo esquentar por ele encontrar a minha calcinha, por arrastá-la para o lado, por enfiar seus dedos em minhas dobras molhadas. Tento dobrar as pernas, mas isso também não o detém.

— Para! — suplico, pensando em me levantar, sofrendo para não me contorcer com a forma como ele gira a ponta de três dedos sobre o meu clitóris. Mas até isso pode chamar atenção para nós dois, para a bizarrice que ele está fazendo. — Por favor...

Engulo um gemido, quando ele desce os dedos e me penetra. Mordo os lábios, tentando não amolecer, tentando ficar rígida, rogando para que minhas bochechas se avermelhando com o prazer não entreguem nossa profanação.

— Só quando você gozar, linda!

André está olhando para a frente, muito calmo, mas com uma veia saltando em seu pescoço, de modo que nem parece que está me masturbando em um local sagrado, mesmo que, para ele, igrejas não signifiquem nada. Tento resistir, ordenar que meu ventre não se contraia, que minha boceta não comece a pulsar com a forma como ele a fode, como se esforça para socar os dedos do jeito mais gostoso e impossível de resistir do mundo. Quando eu sou vencida pelo meu corpo, eu gozo, mesmo não querendo, mesmo lutando com todas as minhas células contra isso, com os seios doendo de tão sensíveis e pesados.

Uma lágrima de vergonha rola por minha bochecha.

Eu tremo sem sair do lugar.

Engulo todo e qualquer barulho que tenta escapar.

Quando dou meu último espasmo, entregando o fim do meu orgasmo, André tira a mão do meio das minhas pernas, leva à boca e lambe os dedos, fazendo um semblante de puro deleite, como se estivesse provando um doce saboroso. Quando termina, olha para mim como se quisesse me comer viva. Uma ameaça e um deboche, como se dissesse que tem um castigo me esperando em casa. Deixo a minha cabeça cair, me sentindo muito suja enquanto ele simplesmente sai, sussurrando:

— Te espero lá fora, Maçãzinha!



CAPÍTULO 31

O único paraíso



“Eu não consigo parar de pensar nos meus vícios.
Entenda que eu sou um pecador.
Quando eu passo pelo inferno, não há regras”.
Addictions - Emo

Ela sabe, porra!

Maria sabe como eu sou.

Que estou em frangalhos.

Que tenho raiva de tudo que me remeta a alguma religião.

E ainda assim tentou me manipular para me arrastar para aquela porra.

Eu tentei. Lutei para ter fé. Eu acreditei em algo maior, e fui derrubado. Foda-se que eu seja um pecador! Foda-se que eu profane o que é sagrado para os outros! Só quem pode me julgar é quem andou pelo inferno na Terra, quem se fodeu de um jeito muito horrível como eu. Talvez nem os céus tenham coragem de me condenar.

Porra! O meu filho morreu sofrendo. Um bebê inocente. Que tipo de bondade divina e amor é esse? A Maria pode ter fé no que ela quiser. Eu nunca terei e ela precisa entender. E toda vez que a minha mulher tentar me enfiar nessa, vai arcar com as consequências como acabou de fazer. E não importa que ela esteja chorando enquanto me segue pela rua, a passos largos para tentar me alcançar. Maria vai chorar ainda mais no Purgatório. E só não vou meter um castigo nela hoje, porque estou fora de mim, ou poderia pesar a mão e machucá-la.

Assim que batemos o portão de casa, ela já está pisando duro, grunhindo enquanto fala:

— Como pôde fazer aquela merda?

Entro na sala, mas, quando ela vem atrás de mim, só consigo girar e agarrar o seu pescoço. Eu a empurro contra a parede ao lado da porta. Maria se assusta, mas não tenta me afastar.

Não dou tempo para respostas. Fora de mim, me afogando no lodo dos meus sentimentos ruins, solto o seu pescoço, depois tapo a sua boca e ao mesmo tempo o seu nariz, sentindo a respiração quente da minha garota manipuladora cada vez mais difícil de sair contra a minha mão.

Sem que ela espere, enfio meus dentes feito um animal em seu ombro, mordendo até que sinta o sangue em minha língua. Ela geme, mas não faz esforço para se soltar.

Sabe que é minha.

Escolheu ser.

Eu bebo o líquido metálico e vivo que sua pele deságua na minha boca, feito um ser das trevas, me alimento dele. E gosto disso. Gosto do sangue, do sabor. E quando retiro minha boca, o vejo escorrendo pelos furos do ferimento. Limpo uma gota que desliza pelo canto dos meus lábios com o dorso da mão.

— Não me arraste para aquela porra nunca mais, ouviu bem? — eu rosno contra o rosto dela, finalmente a deixando respirar, admirando o roxo dos seus lábios pela ausência de ar. Sinto meus olhos ardendo de raiva, tentando travar as memórias, tentando me concentrar só no ódio que é capaz de me aliviar. — Você mereceu! Entende de uma vez por todas que eu detesto essas merdas e tenho minhas razões. Guarde sua fé para você!

— Eu só queria te trazer de volta, porque te ver sofrendo me faz sofrer também. — Volto a segurar sua garganta, mas sem enforcar, somente a dominando, por isso suas cordas vocais estão funcionando a todo vapor, enquanto fala alto: — Achei que, que a energia daquele lugar pudesse te fazer bem.

— Achou errado!

— Me desculpa então...

Seu pedido me atinge diferente, consegue abrandar um pouco da raiva, e meio confuso, apoio minha testa na dela e solto um grunhido. Maria está quente e suada. E eu, bravo pra caralho, com a tristeza sendo totalmente soterrada pelo ódio, pela mais pura revolta.

— Não estou arrependido por tê-la fodido com a mão naquele lugar. E se um dia tentar me arrastar para lá novamente, farei algo pior!

— Eu sei que não está! Só quis ajudá-lo. Se quiser, me castigue, me machuque. Eu só quero te ver melhor.

— Nada do que me oferecer vai conseguir amortecer o que eu tô sentindo. É um buraco impossível de tapar. — Irritado, eu a solto e perambulo pela sala. — Limpe o seu ombro, agora!

Penso em fumar enquanto ela corre para o banheiro, doido para carbonizar meus pulmões e tentar relaxar, ou tomar uma garrafa inteira de vodca, querendo esquecer minhas emoções, atenuar minha fúria e os gatilhos que aquela igreja me trouxe.

Meu vício doentio por torturar começa a sussurrar no meu ouvido enquanto minha namorada está no banheiro, obedecendo a minha ordem. Talvez uma dose de sangue escorrendo pelo chão, desaguando do corpo de alguém possa silenciar meus fantasmas. O foda é que eu não posso ligar para o Cristian atrás de um serviço, afinal, prometi a ela que vou parar, e se eu continuar cedendo a cada vez que minha sede de caos vier à tona, nunca vou conseguir cumprir minha promessa.

— Nem se eu te oferecer meu corpo? — A voz suave, temerosa e triste me desperta, quando sai a passos leves do banheiro. Fecho os olhos, ponderando se me contrariar e castigá-la hoje seria uma solução. — Não só a pele, mas tudo, incluindo o que te neguei até agora.

— Como assim?

— Quero que faça sexo comigo!

A única coisa que consigo fazer é virar de frente para ela, enxergar a esperança em seu rosto lindo me trucidando. Estou sendo um cuzão, descontando nela minha frustração, e a Maria ainda assim me oferece algo tão importante.

Eu não mereço essa mulher!

Sou um filho da puta, condenado pelos céus, preso a âncora dos meus pecados, abraçado ao ódio que me move. Como posso corromper essa garota? Tão perfeita... E até quando eu sou um monstro, ela ainda me quer. Ela me perdoa. Tenta me fazer ficar melhor.

— Não posso! Não assim. Com você querendo me dar isso para me deixar bem, sem pensar em você.

Maria dá um passo à frente, meio bamba, como se com medo, mas lutando contra isso.

— Não tem a ver apenas com você. Eu quero dar esse passo na nossa relação. — Parada em minha frente, segura-me o rosto. Olhando para baixo, para sua boca inchada e se movendo, sua pele pálida contrastando de um jeito suave com a peça rosa pálida, me pergunto se sou capaz de resistir a ela querendo me dar o que tanto sonhei. Não quero ser injusto com a mulher que amo, tomar algo dela na hora em que está vulnerável. Eu também estou vulnerável, mas quero ser racional e não ceder à pressão do momento. Quero focar no que seria melhor para ela. — A gente está se agarrando a uma falsa tábua de salvação. Esse exame vai confirmar que somos meio-irmãos, vai acabar com a gente e nunca poderemos nos casar, ter filhos. Então, por que esperar? Eu quero isso. Quero sentir você dentro de mim, mesmo que esteja chateada pelo que rolou na igreja. Eu te quero agora. Não me faça ficar insegura! Seja aquele que comanda, que traz segurança e faça esse momento ser bom para nós dois.

Balanço a cabeça. Olho para a mordida no ombro dela, agora emplastada de pomada, tão viva e funda, vermelha. Eu ainda posso sentir o gosto do sangue dela em minha boca, e isso me endurece. Mas não dá...Eu a amo demais para fazer isso. Preciso me conter, ou ao menos tentar.

— Não! Não desse jeito, amor. Eu vou te levar para viajar. Vou fazer ser especial, inesquecível para nós dois.

Ela revira os olhos e solta o meu rosto, arrasta as mãos por meus músculos dos braços, os aperta, depois me encara bem séria.

— Então me castiga. Me faz sentir algo. Se liberta comigo... Mas volta para mim. Volta a ser o meu André!

— Isso, eu posso te dar! — Quando encosto minha testa na dela outra vez, sou engolido por uma repentina onda de culpa. — Me desculpe! Eu fui um merda!

— Eu te manipulei mesmo. Tentei te enfiar em um lugar que te gerou gatilhos, não que isso anule o quanto você errou em arrancar um orgasmo de mim, me forçando a profanar algo importante na minha vida. Mas é um erro pelo outro. Estamos quites.

— Eu não te mereço, sabia?

Tento beijá-la, mas meus lábios se chocam contra sua bochecha quando vira o rosto.

— Vamos subir? Vou só trocar minha coleir...

Não a deixo falar, seguro com força o seu queixo e roubo a porra do beijo que eu quero, que preciso. Eu a beijo e a corrompo, a forço a sentir o sabor do seu próprio sangue que ainda se mantém em minha língua. Sua língua está um pouco dura, como se ela não estivesse confortável com o beijo. Ouso abrir os olhos, vendo a careta que ela faz, odeia o sabor e isso é bem claro, mas nem tenta cessar o beijo antes de mim. Quando me afasto, ela me encara. Existe um brilho submisso em seus olhos, e mesmo que ela não seja uma, gosto da entrega que costuma ter. Do jeito como se mostra minha.

— Troca sua coleira, então! Te espero lá em cima enquanto penso nas práticas do nosso "jogo".

— Quero algo mais pesado. Algo que faça você aliviar tudo o que estiver sentindo, ok?

— Não acho que esteja preparada.

— Estou sim! E gostaria muito que você usasse agulhas em mim. Pode ser, amor? — A voz dela é manhosa agora, querendo me convencer a dar algo que tanto gosta. — Assim como você, quero libertação para minhas agonias, preciso de uma coisa que me faça não querer mexer nas unhas...

— Ok! Agulhas...



Quando ela entra no Purgatório, nem a deixo dar muitos passos. Está usando o vestido rosa, tão bonito e angelical, que nem a mando tirar. Prendo uma guia de cachorro toda feita de correntes na argola frontal de sua coleira.

Alguns sulcos se aprofundam em sua testa, mostrando o quanto fica surpresa. Com uma das mãos, faço um sinal de silêncio tocando meu indicador em seus lábios. Ela é esperta, entende rápido que não quero ouvir uma palavra sequer. Feito uma cadela, eu a guio para a gaiola de ferro imitando ferrugem nos fundos da sala. Vejo a confusão no rosto da minha namorada, certamente duvidando se caberá no compartimento minúsculo. Abro a portinhola, ouvindo as engrenagens rangendo e ecoando pelas paredes. Quando seguro com uma das mãos no ombro dela, sinto o quanto está gelada e com a pele tremendo.

Ela engole sem parar, como se sua garganta estivesse seca. Eu não preciso falar, Maria entende por si só que precisa entrar lá, o fazendo sem enrolar. Ela abaixa, e de joelhos, engatinha para dentro. Minha garota precisa se deitar de lado sobre o fundo almofadado e vermelho, com as pernas dobradas e os joelhos chegando na frente da barriga. E mesmo sendo uma mulher pequena, fica toda apertada dentro da estreita jaula. Me abaixo e prendo a guia dela em uma das grades da gaiola. Quando tranco a portinhola pelo lado de fora, o olhar de medo dela me arranca um sorriso.

Viro de costas, sentindo calor e retirando minha blusa, depois os sapatos e as meias, posicionando ambos em um aparador abaixo do painel de facas. Em uma bandeja de inox, separo as agulhas que utilizarei, todos os materiais para esterilizar a pele dela, como álcool, gases para limpar os possíveis sangramentos, e as fitas da cor do seu vestido, que utilizarei para deixá-la bem linda.

Olho de soslaio para a Maria, parecendo um anjo sendo atraído para o covil de um monstro que só quer devorá-la. A força como morde os lábios sem parar e seus olhos arregalados, que nem por um só momento desviam de mim, isso tudo faz meu pau latejar.

Quero jogar com seu desconforto e medo, ansiando dar a ela uma sessão mais pesada psicologicamente, mas não tão forte quanto poderia ser em questão de força física. Mesmo porque, estou desestabilizado emocionalmente, posso ser mais cruel do que deveria se surrar a pele dela.

Saio do purgatório e fico do lado de fora da porta, me sento em um dos degraus da escada e fumo. Fico por vários minutos tragando meu cigarro aromatizado com limão, pensando em tudo o que ela me ofereceu hoje. Quando meu cigarro termina, e crendo que ela já deve estar toda dolorida dentro da gaiola que visa restringir seus movimentos, aumentando sua percepção de ser humilhada e dominada, volto para a sala.

Quando noto seus olhos marejados, a esperança e felicidade dela quando me vê, parecendo um bichinho domesticado que enxerga o dono voltando para casa, sinto vontade de beijá-la.

Me abaixo e abro a gaiola, solto a guia da grade, e com um leve tranco, deixo claro que deve rastejar para fora. Já de pé, a observo saindo, se arrastando e fazendo uma careta de dor quando se move.

— Agora beije os meus pés como uma boa cadelinha que recebe o seu dono, Maria! — Ela não hesita, não tripudia da ordem, apenas se inclina para os

meus pés e os beija delicadamente. São beijos suaves, indo de um dos pés ao outro. Seus cabelos cumpridos, chegando até a bunda enquanto ela molha minha pele com seus lábios gostosos, me deixam com o corpo fervendo de tesão. Vê-la se entregando assim, cumprindo o que ordeno sem nem pensar, faz o meu coração aquecer. Uma pontada de triunfo contamina minhas veias, pois no começo da nossa relação, quando ofereci a ela que fosse minha masoquista, Maria disse que nunca beijaria os meus pés. Vê-la fazer isso me deixa contente, entendendo que ela é mais minha do que sonhei que fosse. — Muito bem, linda! Você já pode parar.

Entorto a cabeça, vendo que, ao invés de ficar diante de mim, ela engatinha para o tapete endurecido e rude da sala. Deve estar arranhando seus joelhos, e a ideia me anima.

Fico confuso quando a vejo fazer coisas sem que eu mande, como subir o vestido, atrapalhando-se com a guia se enroscando nele. Quando por fim consegue, o joga pelo chão. Me sento sobre o teto da gaiola retangular, cruzando os braços e pensando se, ao invés de só brincar com um punhal e agulhas como pretendo, ela não merece umas boas cintadas por decidir coisas por si durante uma sessão.

Maria tira o sutiã de renda rosa, com seus peitinhos lindos e de mamilos suculentos balançando ao se verem livres da peça. O rosto dela está apreensivo, e continuo confuso, pensando no que essa pequena diabinha está querendo fazer.

É quando ela dá um jeito de se sentar de lado e deslizar a calcinha do mesmo material que o sutiã, quando se deita de costas no tapete, de frente para mim e abre as pernas, que percebo o que minha namorada está querendo.

Eu vejo tudo nela, sua boceta rosada, com a virilha raspadinha, só repleta de pelinhos ao redor dos grandes lábios. Ela está molhada a ponto de brilhar, e sei que preciso resistir. Que não devo cair nessa. Que ao invés de fodê-la, deveria espancar com tapas essa tentação que ela chama de boceta.

— Levante-se! Agora!

Mas ela não obedece. Ao invés disso, abre-se mais. O meu pau dói. Se rebela. Quer entrar nela.

— Eu disse que quero que me foda hoje. Quero me entregar, André! — Ela está com uma voz diferente, tão segura e sexy, como se nem conseguisse conter o próprio desejo. — Quero você e já me decidi. Me dê isso, por favor! Me puna,

acabe comigo, com seu pau, com seus castigos, mordidas. Eu sou sua, então me tome como sua!

Eu sei que não deveria.

Que é errado tomá-la nesse momento.

Mas mesmo assim faço.

Sem conseguir tirar os olhos dela e da verdadeira miragem que é contemplá-la deitada assim, me atrapalho tirando as calças e jogando tudo para a puta que pariu, incluindo meu juízo. Me ajoelho diante dela. Mais duro que já ousei ficar, me deito sobre o seu corpo e a beijo, eu a beijo com mais desejo do que já tive por ela. Com mais sentimento do que ousei exprimir. Quando minha língua se enrosca na sua, quando ela geme contra a minha boca, mordisca meus lábios e aperta com suavidade as minhas costas, entendo que, se ela vai me entregar algo único, preciso agir de acordo.

— Hoje você pode me morder, me marcar, arranhar. Só agora, embaixo de mim, e nunca mais!

O brilho em seus olhos é quase emocionado, mas também tem desejo ali, um desejo doente, alucinado, louco. Ela é como eu! Tão fodida quanto, e quando me afasto, com o pau resvalando em sua barriga e soltando líquido nela, a puxo pela guia lentamente, vendo o corpo dela se elevando, até que seu rosto está bem rente ao meu.

— Obrigada! — ela sussurra. — Por me querer.

Meus olhos se estreitam. Como alguém tão linda pode ser tão insegura?

— Eu que agradeço, por aceitar ser minha. Eu nunca tive uma mulher tão valiosa.

Solto aos poucos a guia, mas não a deixo despencar de costas no tapete, sustentando sua nunca com uma mão. Retiro a guia, atirando a corrente longe, deixando seu pescoço lindo adornado apenas pela coleira. De joelhos, abro minhas pernas, assim afastando também as delas. Com a outra mão, encaixo meu membro na sua entrada úmida e quente. E só então ouso fitar seus olhos de um castanho claro, segurando seu quadril com a minha mão molhada pela baba que saiu do meu pau. Tem tanta segurança e expectativa ali.

Suas pernas estão abertas e dobradas ao meu redor, com os pés no chão ao lado dos meus joelhos. Ela está meio deitada, só não completamente, porque estou segurando sua nuca e a mantendo com as costas elevadas.

Beijando-a, misturando nossas salivas, sentindo meu coração batendo forte pra caralho, começo a empurrar meu pau dentro dela. É doloroso desbravar sua carne apertada e intocada, e excitante. Uma boceta virgem. Minha. Minha para a vida toda, porra!

Eu deslizo devagar, sem deixar que ela respire. Maria enterra as unhas na pele dos meus braços, me arranhando, se deleitando ao fazer algo que era proibido, me marcando. Choraminga, massacrando meus lábios e tornando nosso beijo deliciosamente doloroso.

Cerro os olhos, sentindo meu pau doer ao ser esmagado, mas quanto mais a boceta dela se molha, provavelmente sangrando por eu arrebentá-la, mais eu me excito.

Não tem camisinha.

Não precisamos.

Ela é minha mulher, e toma injeção por conta da Endometriose. Isso me deixa seguro para saber que posso jogar tudo dentro dela.

Retiro minha boca da sua, fito sua cara de sofrimento, gosto da dor que encontro ali.

— Eu vou te foder tanto, Maria, que você nunca mais vai esquecer.

Ela só solta um gemido de dor. Suas sobrancelhas franzidas, as bochechas vermelhas, isso é o único paraíso que existe. Essa mulher. Essa boceta. Esses gemidos. Quando dou um tranco mais forte e me enterro mais, ela grita. Maria me alimenta. Me faz gemer e, sem resistir, me enfio mais, a ponto de sentir minhas bolas se chocando contra sua entrada.

— Amor... Por favor... Dói.

— Vai passar!

Eu sou um ogro do caralho. Quero ser mais carinhoso, mas não consigo, ela não faz ideia de que abaixar meus olhos enquanto puxo meu pau para fora e encontrar sangue ali me deixa doido. Eu meto mais, lentamente, aos poucos entrando e saindo, soltando sua nuca e deixando finalmente que ela caia com as costas no tapete.

O tecido rude, endurecido e áspero machuca meus joelhos, mas a dor misturada ao prazer de enterrar meu pau na minha garota me faz cerrar os lábios. Apoio os braços ao lado da cabeça dela, começando a meter mais rápido. E quando ela solta o primeiro gemido mais longo, meu pau lateja.

Sou surpreendido por ela erguendo a cabeça e mordendo muito forte o meu peito.

— Caralho! — rosno. Isso me instiga, me faz meter mais forte dentro dela como castigo, socar bem fundo, a ponto de vê-la perdendo o ar e sendo obrigada a retirar os dentes da minha pele. Maria abre a boca, olha para cima com os olhos vidrados, chocada com a pressão que isso tem. — Pode morder, mas vai ser repreendida.

— Isso é um castigo? — Sua voz tão baixa, manhosa e gostosa me choca. — É bem gostoso quando bate no fundo.

— Não disse que estava doendo?

— E dói, mas a dor da entrada passou, agora estou sentindo uma dor boa do seu pau me fodendo.

Sorrio, abaixando a boca e mordendo com força seus lábios inferiores. Não deixo de socar minha pica, de sentir o cheiro da boceta dela atrelado ao sangue da sua virgindade maculada, de enlouquecer.

Sua boceta é quente. Estreita. Rasa. E ainda assim ela aguenta mais o meu pau do que muita mulher experiente. Sem se conter, deixando sair o lado ousado que também gosto de ver nela, Maria mete a boca no meu pescoço e suga, deixando um chupão bem forte. Suas unhas cavam a pele das minhas costas, me deixando excitado pela primeira vez ao ser arranhado. Diaba do caralho!

— Vira de costas, ou vou acabar gozando antes da hora.

Eu tiro o meu pau de uma só vez, a vendo suspirar. Sua pele suada, quente, perfeita é algo bom de se admirar. Ela tenta virar, mas está mole, por isso seguro seu quadril e a viro em um só giro, a deixando de quatro. Arregaço um tapa bem dado em seu rabo gostoso, e quando ela menos espera, enfio minha pica com tudo dentro dela.

Maria solta um sibilo alto, enquanto enrolo com prazer seu cabelo perfeito em meu punho. Estão molhados de suor, grudados as costas dela, mas se moldam bem ao redor do meu pulso. Eu os puxo com força para trás, a sentindo gritar.

— Se acostume, Maçãzinha. Essa é a minha pegada. É para doer, para gozar chorando! Não tem amorzinho quando eu estiver metendo em você. Tu vai dar muita sorte se meu pau não te esfolar inteira.

E eu soco nela, forte, rápido, querendo até meter as bolas nesse buraco quente. Ela geme, rosna, grunhe e quase chora. E quanto mais eu fodo, mas a

sinto tremendo. Solto seu cabelo apenas para agarrar os seus quadris, apertando tanto, que provavelmente ficarão manchas roxas com minhas digitais.

Quanto mais eu soco, mais ela enlouquece. Abaixo o rosto e mordo suas costas no trecho onde minha boca alcança, quase próximo do ombro, e quando deixo de morder, agarro de qualquer jeito um punhado do seu cabelo. Intensifico cada vez mais meu entra e sai, e quando ela amolece, quando berra, quando começa a se tremer toda e apertar o meu pau a ponto de quase o quebrar, me liberto. Eu gozo como nunca gozei. Esporro nela rugindo, quase arrancando seu cabelo, metendo o mais forte que consigo. Eu encho a boceta dela com tanta porra, que é impossível que meu DNA não se funda ao dela.

Quando solto seu cabelo e retiro o meu pau, Maria tomba com tudo no tapete, arfando, quase colapsando. Com o coração prestes a fugir por minha boca, quase afogado em meu próprio suor, me sento sobre meus calcanhares.

É de matar ver minha porra escorrendo da boceta dela, que está toda trêmula, com a cara no tapete e o rabo para cima.

Se existe paraíso, é só com ela!



CAPÍTULO 32

Rompo os meus limites



Maria

“Porque adoro a adrenalina
nas minhas veias
Faço o que for preciso
Porque amo a sensação de
quando rompo meus limites”.
Whatever It Takes - Imagine Dragons

Eu não consigo explicar os meus sentimentos com o que acabou de acontecer.

A gente transou. E foi bom pra caramba! É estranho como consegui me sentir mais dele, como morri de dor e em minutos já estava sentindo prazer.

Eu demorei tanto a ter coragem de querer me entregar, porque escolhi que queria me casar virgem. Mas tudo perdeu o sentido quando se mostrou impossível um casamento entre nós dois, e fui percebendo que não precisava mais me guardar.

Eu já tenho o homem da minha vida.

Ele é todo ferrado da cabeça. Um ogro. Sádico. Mas meu. Tão louco quanto eu. Para que me privar mais de algo que nós dois queríamos?

Foi enlouquecedor transar. O orgasmo foi mais intenso, muito mais compartilhado, algo que era dos dois ao mesmo tempo. Sentir o pau dele vibrar enquanto expulsava seu sêmen em mim, no mesmo momento em que o meu gozo estava a todo vapor, isso tudo foi único.

Estou deitada de lado, nesse tapete horrível, olhando para ele. André está sentado, com os joelhos dobrados e os pulsos apoiados neles. Posso ver seu saco imenso assim, seu pau já amolecendo. Isso não é nada sexy...

— Como você está se sentindo agora que se tornou mais minha mulher?

— Sou sua mulher? — Minha voz é arrastada, pois estou molenga, mas sua afirmação me deixou toda boba.

André assente com um sorriso de orelha a orelha, me dando a impressão de que, aos poucos, ele está voltando do abismo onde havia caído.

— Muito minha mulher! Você é toda minha. E tudo para mim! — E se arrasta para o tapete, deitando-se na minha frente e puxando pela cintura. Ele tem um dom perfeito para me girar de uma só vez, me colocando na posição exata em que deseja, e nesse caso, é uma conchinha. — Estou feliz por darmos esse passo. Não queria que fosse assim, mas, foi inesquecível.

André acaricia minha barriga, funga o topo da minha cabeça. Sua pele quente me envolvendo me deixa nas nuvens, e chego a fechar os olhos e sentir sono com o seu carinho.

— Isso foi por você, mas também por mim. Estava agoniada em apenas nos chuparmos, querendo coisas mais — confesso. Acaricio o braço dele que envolve minha cintura, percorrendo com a ponta dos dedos algumas de suas tatuagens coloridas, tem uma bússola enorme, adornada por caveiras disformes, um pouco de fumaça e listras estranhas. André gosta de tatuagens com caveiras, tem várias pelo corpo, incluindo no dorso das duas mãos, fora a que cobre seu pescoço. — Foi muito bom! E ouso dizer que do jeitinho que imaginei. Eu não consegui imaginar algo romântico como você falou, em uma viagem e tal. Quando comecei a me decidir por querer que transássemos, sempre achei que acabaria rolando aqui em casa.

— Eu já achava que seria na viagem. — André me vira aos poucos, puxando-me para deitar a cabeça em seu peito. — Às vezes, a vida é assim, né? A gente planeja todos os detalhes, e tudo acontece na hora que tem que ser, do jeito que precisa.

— Mas foi incrível. Eu amei.

— Eu também amei. Estou honrado por ser o seu primeiro, por você se entregar para mim, por passar por cima do quanto nos desaprovam e ainda assim me querer.

— Eu me sinto honrada por ser sua.

E ficamos por um bom tempo assim, comigo deitada em seu peito, sentindo seus carinhos por minhas costas, as vezes subindo até o meu cabelo e me relaxando inteira. Eu nunca vou cansar do cheiro dele, da temperatura da sua pele. Não tem um pedaço de seu corpo pelo qual eu não seja louca.

É incrível como, mesmo ardida, mesmo dolorida no ombro pela mordida mais forte que ele já me deu, com as partes onde me apertou durante o sexo latejando, ainda me sinto alegre. Me sinto feliz por ele ter dito que sou sua mulher, por se sentir honrado em me ter.

— Quero transar com você mais vezes! Todos os dias, em todas as partes da casa.

— Será um prazer te comer sempre, Maçãzinha! E não só em todas as partes da nossa casa, eu vou foder você inteira, sua boca, sua boceta e o seu cu! Só não vou meter nele hoje porque ainda temos muitas contas a acertar. Afinal, mesmo muito feliz com o que você acabou de me entregar, tu ainda atrapalhou nossa sessão, e agora precisa pagar a conta.

Essas palavras tortas me deixam arrepiada, criam ninho na minha mente, me fazem criar cenários dele me tomando inteira. Meu ventre incendeia, mas tento me dispersar, obrigando meu corpo a esfriar, a parar de pensar besteira pois acabamos de transar. André me afasta calmamente, e quando me sento, ele se levanta.

— Ok! Antes da nossa sessão, quero pedir uma coisa...

— Sou todo ouvidos.

— Queria uma cama aqui em cima, de casal, para você poder cuidar de mim depois das sessões e ficarmos abraçadinhos. E também acho que precisamos de um chuveiro. É ruim não poder me lavar. Estou me sentindo suja e grudenta no meio das pernas.

— Não quero que se lave agora. Mas, atrás daquela porta tem um banheiro. — Ele aponta para seu esconderijo protegido por senha. — Tem dois cômodos ali. Uma salinha, e um banheiro bem equipado.

— Essa salinha agora está vazia, né?

Os olhos dele entristecem. Será que está chateado por ter tido que tirar o dinheiro daqui?

— Tem algumas coisas do Antoni. Álbuns de fotos e um pequeno moisés. Não tenho coragem de jogar fora.

Meus olhos marejam.

Penso em dizer algo, mas sei que ele vai afundar de novo dentro da sua mente se eu não o tirar agora dos pensamentos.

— E o que vai fazer comigo hoje? — desconverso. — Vai usar só agulhas? E quando usá-las, vai sangrar?

— Vou usar uma faca também. Mas sobre as agulhas, hoje não usarei as grandes, que são as causadoras de mais sangramento. Quero mais algo estético, te deixar linda e enfeitada. Do jeito que farei, dificilmente sairá sangue. — Não entendo do que ele está falando, e quando abro a boca para perguntar, André me atropela: — Mas pode, sim, sangrar um pouco, embora você já tenha me dado bastante sangue hoje, nunca vou me cansar de arrancar um pouco de sua essência vital. Eu amo jogar com sangue. — Ele aponta com os olhos para o próprio pau, me fazendo corar e querer esconder o rosto por ver o quão vermelho está. — Vou tomar um banho, mas você não. Deita na mesa de aço e me espera!

Ele digita a senha na porta e entra no quartinho. Não demoro a obedecer, e a cada segundo em que ele demora, enquanto encaro o teto assustador do local, mais em êxtase fico por tudo o que tem acontecido entre nós dois. Tamborilo os dedos no metal, e sempre que penso nas agulhas, sinto minha vagina latejar, excitada. Porém, quando minha mente produz imagens de uma faca sobre a minha pele, sou aterrorizada.

Tenho um verdadeiro pavor do objeto que pelo visto é uma obsessão para o meu namorado.

Minha pele arrepia quando o ouço abrindo a porta do banheiro. Sinto cheiro de pele recém lavada, lutando contra a vontade doida de lamber cada pedaço dele, de provar seu gosto de homem mau misturado a sabonete.

— Abre as pernas, Maçãzinha!

Sua voz é retumbante, desfazendo meus pensamentos. E meu corpo, sabendo que é dele até mais que a minha mente, obedece de imediato. André está de toalha. Ele coloca algo pousado no meio das minhas pernas, mas não consigo ver o que é. Com a cabeça tombada para o lado, com a dureza da mesa abaixo de mim, vejo que ele está vestindo a cueca, depois a calça.

Sinto-o mexendo no que colocou em frente à minha bunda, parece uma embalagem. Eu o sinto passando algo molhado na minha boceta, me deixando desconcertada e ao mesmo tempo desconfortável, porque estou dolorida e ardida. Parece lenço umedecido. Eu o ouço os trocando, enquanto os esfrega em minha virilha, meus pequenos e grandes lábios, e até na minha bunda.

— Você está em sessão agora. Faça silêncio e me obedeça, entendeu? — Assinto, nem um pouco disposta a cair numa pegadinha e acabar levando uma surra com algum apetrecho mais forte por falar quando me mandou fazer silêncio. Tudo o que minha mente doente e masoquista grita é por agulhas. Elas

serão meu presente. A faca, o meu castigo. — Sua palavra de segurança é "Pare", ok?

Assinto novamente, mordendo os lábios, enquanto o vejo levando os lenços sujos de sangue para longe de mim, depositando-os em uma lixeira de metal em um canto afastado. Podia ter me deixado tomar banho. Seria bem mais eficiente pois ainda me sinto grudenta.

André arrasta um carrinho de metal com rodinhas para o lado da mesa. Tem cordas nele, além de uma bandeja cheia de instrumentos. Meu coração começa a se descontrolar, como costuma acontecer aqui em cima. Eu suo frio, comprimindo os lábios e torcendo os dedos dos pés para lidar com a ansiedade.

— Sente-se, Maria!

Quando o faço, ele vem para o meu lado e toma meus cabelos nas mãos, em segundos estou com um rabo de cavalo mais apertado, sem nenhum fio cobrindo o rosto. Quando ele dá dois leves empurrões em meus braços, entendo que preciso me deitar de costas novamente.

Meu namorado se volta para o carrinho e pega uma das cordas. Puxa meu braço direito para cima, colocando-o ao lado da minha cabeça. Agora não é mais o André, meu possível meio-irmão. É um sádico, obstinado, que enrola meu pulso em uma corda e depois a puxa, amarrando-a ao topo do pé da mesa. Faz a mesma coisa com meu outro pulso, depois com os tornozelos. E então estou completamente imóvel. Ele pega uma garrafa que, pelo cheiro quando desenrosca a tampa, contém álcool. Quando molha um algodão e vem para o meu lado, chego a estremecer. André passa o álcool por toda a zona acima dos meus seios, embaixo da clavícula.

— Vou atravessar agulhas pela sua pele. Depois, transpassar fitas por elas. Tente ficar o mais imóvel possível, entendeu, linda?

Assinto, mesmo que completamente assustada. Quero as agulhas, mas nunca furei essa parte do corpo, apenas o dorso das mãos. Meu namorado pega um *bow* de metal em cima da bandeja, está repleto de agulhas hipodérmicas. Ele puxa, com a outra mão, o carrinho para mais perto ainda da mesa.

Engulo em seco quando ele pousa o *bow* ao lado do meu corpo, na superfície em que estou deitada. André passa álcool nas mãos, depois coloca luvas cirúrgicas pretas. Mas por que porra vê-lo fazer isso faz meus seios endurecerem? Quem é mais louco nesse jogo?

Meu namorado pega o que parece ser uma tesoura de metal na bandeja, mas quando a usa para pinçar uma fina camada da pele abaixo da minha clavícula direita, arfo bem alto. Não rasga a pele, é realmente uma pinça.

— Respira e fica calma, amor...

André segura uma das agulhas com a outra mão, depois a atravessa pela pele bem rápido. Não dói tanto. É mais como furar a orelha. Uma dor aguda que se dispersa rápido, mas como a safada masoquista que sou, consigo sentir a onda anestésica e viciante se espalhando por meu corpo. Respiro, olhando para baixo, contemplando a beleza que é ver o objeto que atravessa uma camada muito fininha de pele. E quanto mais ele repete, colocando uma agulha atrás da outra, parando poucos centímetros antes de chegar ao meu seio, mais insana tenho certeza de que sou. Toda ardência emanando dos furos me deixa doida, excitada, maravilhada.

Olho para baixo, checando que nenhuma mísera gota de sangue saiu dos furos. Como isso é possível? Ele realmente sabe como fazer. Lembro dele me repreendendo e dizendo que mexer com agulhas era um jogo perigoso, bem no começo da nossa relação. Falou que tinha que saber fazer. E ele é mestre nisso. Em quantas mulheres já o fez? Por que isso me deixa doida de ciúmes? Preciso contornar esses pensamentos, porque sentir ciúmes me faz enlouquecer e perder a linha. Pode acabar com o clima.

— Agora vou fazer do outro lado. — André se inclina e beija a minha testa, e só o contato dos seus lábios macios e molhados na pele gélida da minha testa me deixa calma. Amo tanto esse homem! — Tudo bem até aqui?

Faço que sim com a cabeça.

Mais furos são feitos do outro lado, um atrás do outro.

Quando ele termina, quando minha pele grita, dor e prazer, inspeciono o trabalho lindo que ele fez. Como alguém poderia achar isso bizarro? Sei que meus olhos estão brilhando. Que eu estou vendo algo que é mais bonito do que qualquer obra de arte.

— Pode falar agora. O que acha disso?

Olho para o meu namorado, queria poder beijar sua boca gostosa. Por um breve momento, foco na mordida que deixei em seu peito. Me sinto plena, vingada, mas também orgulhosa. Finalmente André também tem marcas gritando que ele é meu.

— Acho perfeito. É a coisa mais linda, dolorosamente deliciosa.

— É por isso que você é a mulher perfeita para mim, Maria! — André sorri, com seus olhos cheios de algo denso, mas orgulhoso. — Mas vai ficar ainda mais lindo. — Ele mexe em uma caixinha de madeira em cima do carrinho, quando tira uma fita de cetim rosa de dentro dela, por uns segundos, fico curiosa, incerta até. André se aproxima com um sorrisinho de canto, e quando ele começa a fazer zigue-zague com a fita entre as agulhas, fazendo meu peitoral parecer um verdadeiro corselete humano, meus olhos se arregalam. Sei que parece que estou encarando um pote de ouro. Ele também está assim.

— É tão lindo e bizarramente fofo.

— Você parece uma princesa. Uma princesa sombria, reconheço. Mas rosa fica bem em ti.

— Obrigada! Amo ser sua. Quero ser para sempre.

— Eu quero que seja minha para sempre. E se um dia você for para o céu e eu não, garanto que tentarei invadir para te arrastar pro inferno comigo.

Quando dou uma gargalhada, meu peito vibra, o que faz as agulhas se mexerem um pouco e causarem dor. Com uma careta se desfazendo e sendo substituída por um semblante divertido, fixo uma mirada em seus olhos.

— Você não cansa de ser profano...

— Não! Agora volte a fazer silêncio!

Cortando totalmente a diversão, ele agarra algo que me faz querer puxar as cordas. E eu realmente o faço. Tento me encolher, pouco me fodendo para o quanto a pele grita com as agulhas se mexendo. Só quero fugir do que parece, agora olhando de perto, um punhal.

— Shhhhh! Só vamos nos divertir um pouquinho. Você disse que quer ser minha para sempre, não foi? — Assinto, mas algumas lágrimas aterrorizadas escorrem, quando, com a outra mão, ele começa a usar um algodão embebido de álcool na testa da minha boceta. Aperto os lábios para não falar, sentindo gotas de suor tomando-me a testa. Rompendo meus limites, tento me manter quietinha, tento lutar para lidar com o medo, embora saiba que esse terror que demonstro é combustível para a sede de causar dor do meu namorado. — Então, vou te marcar mais uma vez como minha. Vai doer um pouco mais que as agulhas.

Eu grito a ponto de quase ficar muda, de meus ouvidos doerem, quando ele começa a riscar a ponta do punhal inteiramente negro, com um aro na ponta do cabo, por minha pele. Ele não está rasgando de um jeito profundo, é superficial, mas eu consigo sentir o cheiro do sangue escapulindo. Quero olhar, juro que

quero ver o que ele está fazendo na minha vagina, mas sou impotente e fraca, cerrando tanto os olhos, que eles doem.

Quanto mais ele rasga a pele, mais eu choro, puxo as cordas e lacero a pele dos pulsos. Berro, mas não uso a palavra de segurança. Eu quero romper minhas limitações. Ser mais forte a cada sessão. E eu disse que quero ser dele, se para isso tenho que aguentar cortes, aguentarei.

E após mais minutos de pura agonia, medo e dor, finalmente ele para e lança o punhal na bandeja de metal.

— Olha para a sua boceta, Maçãzinha! — Fraca, mal enxergando e até com a pressão caindo, faço força para erguer o pescoço. Tem uma palavra pequena rabiscada em minha pele, cravada com metal e sangue. — Minha! É o que está escrito. Você é o meu presente, eu, sua maldição. Eu te amo, mas te ouvir gritando é meu maior prazer!



CAPÍTULO 33

Entre os mundos



“Despedaçando, bato em uma parede
Agora eu preciso de um milagre
Ande logo agora”.
Don't Let Me Down (feat. Daya) - The Chainsmokers

Maria está dormindo, deitada de barriga para cima, nua. Seus seios estão repletos de manchas vermelhas. É lindo de ver. Estou sentado no sofá da sala, enfiando a arte que imprimi de uma gueixa para a tatuagem de um cliente em um envelope pardo.

Fodi minha namorada a madrugada inteira, de lado, tomando cuidado para não roçar nos cortes que fiz na sua bocetinha. Ela está exausta, e num sono tão pesado, que resolvo nem a acordar para tomar café.

Meu celular apita, e quando olho para a tela do iphone ao meu lado, vejo o nome de um dos laboratórios onde fizemos o exame piscando na notificação de um e-mail. É como se meu coração parasse.

Será o resultado?

Não deu vinte dias ainda.

Eu tremo feito um covarde, quando deixo o envelope de canto e resolvo pegar o aparelho. De soslaio, olho para a cama, para a mulher linda que me deixaria sem rumo se eu um dia perdesse. Não quero que nosso mundo desabe de novo. Acabamos de ter algo tão perfeito.

E se nunca abrirmos esses exames? Se eu excluir os resultados e nunca descobrirmos a verdade? Talvez fosse melhor assim, mais fácil para a nossa cabeça. Aperto meus lábios, fecho os olhos com força, entendendo que é burrice. Que precisamos saber.

Não vou acordá-la antes de abrir o e-mail, sem nem saber o resultado. Pensativo e ansioso, vou para a varanda com meu maço de cigarro em mãos. Com um isqueiro de metal estampado com uma caveira, acendo o fumo e me sento no banco. A cada tragada que dou, sentindo a fumaça infiltrando os meus pulmões antes de soltá-la, penso no que tenho com a Maria, em todos os passos que estamos dando.

Acho que esses exames apenas vão servir para manchar o que temos, jogar mais lama em cima do nosso amor. Mas que se foda, não tem como fugir disso, se precisarmos rolar na lama para ficar juntos, a gente vai rolar.

Decidindo ser forte, finalmente consigo abrir o anexo e ver o resultado. Meu coração parece falhar, deixar de bombear o sangue por tantos segundos que meu ar falta. Minha boca fica aberta por tanto tempo, que chega a secar. Incrédulo, balanço a cabeça, sentindo algo com o qual estou acostumado serpenteando pelo meu corpo, se infiltrando pelas tramas da minha pele, me possuindo: ódio. Sou capaz de senti-lo dominando minhas veias, se fundindo as minhas células.

Quando o destino resolve me surpreender, dando mais um golpe certeiro, vejo a notificação do outro laboratório. Acho que eles levam o mesmo tempo para fazer os exames, para os resultados terem chegado no mesmo dia...

Dessa vez não tem hesitação ou incerteza, tem fome, uma curiosidade louca de confirmar o que diz no primeiro.

Os dois resultados são idênticos.

Não há dúvidas.

Tem um gosto amargo tomando a minha boca.

Eu tento pensar, juntar peças, entender o que está diante dos meus olhos, mas ainda é uma quebra-cabeças difícil de conectar.

Resolvo mandar uma mensagem para o Igor, pedindo que venha até a minha casa e busque com a Maria a arte da tatuagem, e se não conseguir reagendar, ver se consegue passar para o Josiah fazer. Pois será impossível trabalhar tendo essa merda me assombrando. Sei que tenho falhado muito com minha função no Ravina e sobrecarregando o Josiah, mas ele vai entender. Meu amigo sabe que ando caminhando por um inferno pessoal, tendo problemas um atrás do outro, lutando contra o próprio destino para ficar com a garota que dominou cada milímetro do meu coração.

Eu deveria acordá-la, contar a ela. Mas me rendo a impulsividade e faço o contrário. Apenas saio de casa, e querendo tirar essa história a limpo o rápido possível, pego minha moto. Nem a roupa de segurança eu coloco, apenas munido do meu capacete, acelero pelas ruas do condomínio para chegar logo à cancela da portaria. Quando passo pelo segurança, um homem alto, jovem, de rosto quadrado, nariz inchado e olhos estreitos, deixo o nome do Igor autorizado para entrar. Paro do outro lado da portaria, e antes de pegar a avenida movimentada, envio uma mensagem para a minha mulher, avisando que preciso resolver algo e meu funcionário irá buscar o envelope que deixei no sofá.

Estou quase cego, dirigindo o mais rápido que consigo. Sei que não devo deixar meus demônios emergirem, mas tem muita raiva soterrando a coerência em minha mente.

Quanta podridão uma família é capaz de esconder?

Em uma teia de mentiras, cada vez mais confuso e preso, tudo o que penso é que preciso da verdade. Preciso que a minha mãe explique essa merda que descobri.

Eu não vejo nada, não me importo com os sinais vermelhos que eu furo, não me importo com os buzinaços que tomo quando, desesperado, tudo o que faço é correr o máximo que consigo para chegar logo na Baixada Fluminense.

E quase quarenta minutos depois, finalmente chego diante da casa da minha mãe. Entro chutando o portão, berrando o nome dela o mais alto possível que um ser humano possa fazer, atraindo os vizinhos, fazendo-os sair nas portas, e crianças que brincavam pelo chão de cimento, correrem para as pernas dos seus pais.

Eu chuto a porta da casa com tanta força, que ouço o mural de vidro dela se partindo. Na sala, minha tia tricota algo, quando me vê, seu rosto muda de assustado pelo jeito como escrachei a porta, para cheio de nojo e rancor.

— É assim que entra na casa da sua mãe, demônio?

Eu ignoro a sogra mais caninana que alguém poderia ter. Sei que ela vai me odiar para sempre por ter roubado sua filha para mim. E não ligo. Que me odeie! Maria é minha, não dela. Ela que se acostume a essa ideia, agora mais do que nunca!

— Mãe! — grito, e quando não a encontro na cozinha, subo as escadas a passos largos. — Cadê você?

Quando empurro a porta da sua suíte, a encontro saindo do banheiro, com um esfregão na mão e um avental por cima de seu vestido colorido. Tem medo em seu rosto quando me vê. Será que passa por sua cabeça que eu sei que mentiu para mim?

— O que é isso, menino? O que foi?

Eu ouço a minha tia subir as escadas, arfando pra caralho quando chega até nós dois.

— É bom que esteja aqui, tia! — Gargalho de nervoso, querendo vomitar todas as minhas hipóteses. — Eu fiz dois exames de DNA com a Maria, mãe. Dois! Em locais diferentes, clínicas sem qualquer ligação uma com a outra.

Ela fica lívida, tão sem cor, que parece um cadáver. Minha mãe bambeia, tonta, se apoiando em uma cômoda de mogno para não despencar no chão.

— Eu...eu... — gagueja, depois tapa a boca com uma das mãos.

Eu posso ver a casa caindo em seu semblante. A vergonha de ser pega em uma grande mentira.

— Os dois deram que não compartilhamos DNA o suficiente para ser irmãos, sugeriram tios ou primos. Então, explica para mim e para a tia Isaura, como Maria e eu somos filhos do mesmo pai, e não irmãos?

Giro o rosto para o lado, tão nervoso, que meus dentes rangem e meus olhos quase expelem lava. Ela mentiu, caralho! Deixou todo mundo acreditar nessa porra. Quase destruiu minha vida novamente. Quase arruinou o próprio filho, a sobrinha.

— Você deixou a Maria e eu vivendo dias de merda, nos culpando por termos nos apaixonado, sabendo que não somos irmãos porra nenhuma. — Me viro e dou um soco muito forte na parede. Eu sinto os nós dos meus dedos arrebentando, e quando me afasto, vejo o rastro de sangue marcando a pintura. Volto a encará-la com ódio, com decepção. — Fala, eu não sou filho dele, né? É a única explicação, porque, se aqueles exames velhos que dizem que a minha namorada é filha do meu pai estão corretos, quem não é filho dele sou eu! — Quero rir de tudo isso, mas irritado, tenho é que conter as lágrimas. — Você sabia tia? Acobertou essa imundice? Porque, caso tenha feito parte dessa merda, tu tem um lugar fixo no inferno.

— Claro que eu não sabia, seu mequetrefe! — retruca no mesmo segundo, e mesmo arrasada, ainda me dedica ranço no olhar. Se voltando para a minha mãe, pergunta: — Que história é essa, Vanessa?

Minha tia está chorando, com o queixo tremendo, as mãos também. Seu rosto de feições sempre severas, parece mais triste do que nunca, e quando ela começa a girar os olhos de um lado a outro, percebo que está raciocinando sobre as minhas hipóteses.

O silêncio da minha mãe me apavora, me faz sair de mim.

— Fala, mãe! Conta logo, que porra tá rolando?

— Você é filho de uma noite em um bar — vencida pela pressão, com os ombros despencando, confessa. — O Luís me traía tanto, que, quando descobri que ele estava dormindo com a Rosa, minha própria irmã, fui para um bar e enchi a cara. — Minha mãe chora, mas tudo o que eu sinto por ela agora é repulsa, nem um mísero rastro de compaixão me é possível. Como ela pôde? — Flertei com um desconhecido a noite inteira, e então terminamos a noite juntos. Meses depois, quando descobri estar grávida, rezei para que você fosse filho do meu marido, mas, quando nasceu com a cara do homem com quem o traí, com os olhos, a boca, o nariz idênticos aos dele, soube que nenhuma reza funcionaria para uma pecadora. Mesmo sem exames que comprovassem que tu não era filho do Luís, jamais tive dúvidas. Me igualei ao seu pai e, então, fui punida por isso. — Ela se abraça, encara a irmã com tristeza, mas minha tia não parece guardar a menor empatia por ela. — Maria nunca foi fruto de uma transa de bar, e sinto muito que você tenha sido, Bill. Mas eu precisava do meu marido ao meu lado, porque seria impossível manter um filho sozinha, pois eu não podia contar com um homem que mal conhecia para me ajudar a cuidar de você. Luís fez uma filha fora de casa, por isso nunca tive pena por mentir para ele. Eu sinto por não ter contado a você...

— Sente? Você teve a chance de desfazer isso, de ter ao menos se redimido ao me contar no momento em que viu que esse segredo poderia me separar da mulher da minha vida. Eu sou arruinado pela desgraça de perder o meu filho, então encontrei alguém que me trouxe vida, e você me deixou acreditar que não poderia ficar com ela. Além de ter sido a porra de uma relapsa, de ter largado meu filho sozinho na rua, sendo um banquete perfeito para um tarado, tu ainda me deixou acreditar que a Maria era minha irmã — eu grito, seguro a cabeça, atormentado, fora de mim. — Eu nunca mais quero te ver! Nunca mais! Vou te ajudar a distância, honrando meu dever de filho, mas jamais vou perdoá-la. E olha que eu tentei não te culpar tanto pela morte do Antoni, mas agora vejo que não existe modo de fazer isso. Você não vai parar até me destruir de vez!

Ela chora alto, murmura pedidos de perdão, desliza para o chão, mas sou forte e rancoroso o suficiente para ter certeza que cumprirei minhas promessas. Quando caminho para a escada, antes de descer o primeiro degrau, olho por cima do ombro. Minha tia está ajoelhando diante da irmã, e mesmo com um semblante de decepção no rosto, de mágoa, ainda consegue abraçá-la, acolhê-la. Que faça seu papel de boa irmã!

Desço as escadas o mais rápido que consigo, despedaçado, com minha visão de família completamente arruinada. Tem uma tempestade na minha mente, querendo me inundar, me afogar.

Só quero ir para casa, contar a minha Maçãzinha que não somos irmãos. Que podemos nos casar. Que quero me casar com ela, dar o que sou capaz para fazê-la feliz. Já na rua, quando subo em minha moto e estou prestes a colocar o capacete, ouço meu telefone tocando. Penso que pode ser a Maria, e só por isso eu o retiro do bolso frontal do meu jeans. O nome piscando me surpreende. É o PJ, o infiltrando na polícia federal que trabalha para o Cristian.

Eu só deslizo o dedo na tela e atendo por uma razão, quero encontrar o único filho da puta que ainda é uma sombra no meu relacionamento, que pode querer fazer mal a minha mulher. Trêmulo, mal conseguindo respirar ou sustentar um tom de voz compreensível, atendo:

— Fala, PJ!

— Enviei para o seu *WhatsApp* a ficha do cara que me pediu.

E sem dizer mais nada, sendo curto e grosso, desliga na minha cara. É melhor assim. Nunca fomos de trocar mais palavras que o necessário mesmo. Estou doido para ir até a minha namorada, que já não é proibida para mim. O que é ser minha prima, quando cheguei a achar que fosse minha irmã? Agora nada pode impedir que seja minha mulher oficialmente.

Resolvo abrir o arquivo.

E não sei se ter feito isso foi a melhor ou a pior coisa.

Quando eu abro a ficha do tal Fogaréu, olhando a foto dele, percebo uma semelhança absurda com uma pessoa que eu conheço. Ele parece gêmeo do moleque que coloquei dentro do meu estúdio. Do garoto com aura de bonzinho e voz mansa que está há semanas trabalhando para mim.

E só então me dou conta de que dei as chaves do meu paraíso a uma serpente. Entreguei de bandeja o acesso ao meu maior tesouro. Quando desço mais na ficha, há uma foto do Igor conectado como irmão do Tierre, o Fogaréu.

Na mesma ficha, consta que o morro onde o Fogaréu dominava foi tomado pela milícia, e ele foi morto nessa invasão. Pelo visto, Igor na verdade se chama Tiago. Enquanto ligo a moto, mando um áudio no grupo Tribo, dos meus amigos:

"Corram lá pra minha casa! Maria está em perigo."

Eu preciso chegar a tempo! Preciso que alguém chegue, e quando dou partida na moto, percebo que toda a minha vontade de viver está naquela mulher. Se eu a perder, me perco também.

Irei atrás dela.

Eu a perseguirei no céu, no inferno, entre os mundos.



CAPÍTULO 34

Patinha



Maria

“Acalme-se, meu bem, tem sido um ano difícil
E terrores não atacam vítimas inocentes
Confie em mim, querida”.
Bad Liar - Imagine Dragons

Sentindo um frio súbito, puxo a coberta para cima de mim. Estou dolorida em todas as partes, principalmente nos cortes que meu namorado fez na minha vagina e na mordida em meu ombro.

Eu sinto o toque dele em meu cabelo, o alisando. Ainda estou com preguiça de levantar, tão cansada, que mal abro os olhos. O cheiro do André está meio diferente hoje, como se tivesse passado outro perfume, mais amadeirado. Seu toque em meu cabelo está leve, fazendo vários círculos em meu couro cabeludo que me fazem voltar a ficar sonolenta. Gemo, dando um sorrisinho quando ele desce a carícia por meu rosto.

Eu posso senti-lo aproximando de mim por sua respiração. Está perto o suficiente para me dar um beijo, e meu coração está quentinho por ele querer me acordar assim.

— Bom dia, Patinha!

Abro os olhos de uma só vez, dando de cara com o meu maior bicho papão. Seu sorriso branco, sem emoção me deixa completamente aterrorizada. Eu nem consigo me mover, me enrolando o máximo que consigo embaixo do lençol branco. Ele está sentado ao meu lado na cama.

Minha respiração falha, o sangue corre mais rápido, e posso sentir a veia do meu pescoço quase arrebentando de tão saltada. Tiago se aproxima mais de mim e me beija, segurando o meu queixo com tanta força, que dói. Sinto nojo dele, fecho os lábios o máximo que consigo, tentando virar o rosto.

— Sai! — Minha voz soa estrangulada. Quando ele não dá o menor sinal de que vai se afastar, quando agarra meu ombro desnudo, apertando a mordida que meu namorado deixou com tanta força, tento usar a arma mais primitiva que tenho, os dentes, mordendo sua boca com toda a fúria que consigo, quase arrancando seu lábio inferior fora. — Filho da puta! — Grito contra a boca dele.

Gemo de dor quando o maldito aperta ainda mais a mordida a ponto de enfiar as unhas, mas mesmo que a pele berre, o ódio que sinto dele me domina. Eu o soco nos braços, chuto o ar porque agora ele está em cima de mim, não deixando espaço o suficiente para que eu acerte os pés ou joelhos no corpo dele.

Quando o cara em que pequei ao depositar uma confiança cega pousa uma arma bem embaixo do meu queixo e sinto o cano frio empurrando minha pele para cima, fico imóvel. Meu instinto de sobrevivência me manda não resistir, não alimentar o ódio dele quando o bandido tem algo capaz de matar bem na minha cara.

— Você mudou, Patinha... — ele cantarola, com seu rosto bonito se contorcendo em uma careta, sem a menor diversão. Seu maxilar afiado e bem barbeado se contrai. Seus olhos claros não exprimem emoção. Tem sangue nos furos que cravei em sua boca fina demais, e quando ele ri, deixa bem desenhado sua ausência de humanidade enquanto o sangue brilha entre seus dentes. Ele puxa meu lençol para baixo, deixando meus seios de fora. Mas seus olhos também se focam no adereço que me adorna o pescoço. — Virou cadela? Até usa coleira... — Minha primeira reação é cobrir os seios com as mãos. Meu queixo treme com a humilhação e o medo. Eu odeio tanto esse homem! Tanto! — Agora está tatuada... Com brinco, cheia de chupões e marcas feitas pelo primo. Onde está a santinha pela qual me apaixonei? Não quis nada comigo, mas agora ofereceu muito mais para aquele merdinha!

Ele arrasta a arma pelo meu pescoço, e a cada vez que o instrumento mortal se move em minha pele, mais eu me arrepio, tremendo, apavorada. Queria poder pegar essa arma e acabar com ele. Fazê-lo pagar.

— Para com isso! Vamos conversar... — Tento apelar para alguma empatia que quero fingir existir dentro dele. — Não faz isso...

Me contorço de nojo quando ele arrasta o cano da arma para baixo, encontrando os furos cicatrizando abaixo da minha clavícula. Duvido muito que ele saiba que isso é porque sou uma masoquista, que sejam causados por agulhas.

E suas sobrancelhas bem feitas, ostentando um piercing prateado em uma delas, se estreitam, confirmando sua confusão.

— Conversar? — Ele ri, depois afasta a arma e dá um tapa muito forte no meu rosto, quase me fazendo quebrar os dentes com a força com que os cerro, porque nem o meu namorado me deu um tapa tão potente assim. Meu pescoço dói pelo movimento involuntário causado pelo golpe. Essa merda que ele faz não tem nada a ver com minhas sessões com o André, não me excita, na verdade, me faz repugná-lo. Quero chorar, de medo, de dor, de ódio, mas não consigo. Apenas sugo o sangue que se amontoa em minha língua. — Você me humilhou diante do meu irmão um dia antes de ele morrer, sua vagabunda! Se fingia de santa, mas me seduzia, me fez ficar apaixonado, depois rejeitou. Eu te apresentei como minha namorada, e tu me fez de chacota. Você deu sorte de eu não conseguir te queimar viva, mas hoje eu vou te furar toda, e você vai morrer parecendo um queijo suíço, de tanta bala que vou meter na tua cara!

Suas palavras horríveis me fazem tapar os ouvidos, chorando. É como se ele conseguisse me lançar de volta no dia em que quase me matou. O mesmo sentimento de horror, de impotência, de encarar a morte tão perto, que ela quase toca a minha pele, grita que vai me levar.

— Eu amei você como meu amigo! Por que me odeia tanto? Você nunca me disse que estava apaixonado, Tiago... — Tento novamente recorrer para algum sentimento, uma parte humana dentro dos destroços que formam esse monstro.

— Eu precisava dizer? Deixei claro em todas as vezes em que metia medo em geral da escola para te proteger, em que me colocava na reta do meu irmão por andar com uma mina de um morro vizinho. Tu tem noção, vadia?

A tatuagem de uma entidade cadavérica em seu bíceps direito parece um deboche anunciando o meu fim, e a luz entrando por uma fenda aberta na janela do meu quarto ilumina a foice que a figura segura, enquanto, fora de si, ele se afasta da cama e começa a girar a câmara do revólver preto. O barulho que a arma solta me faz querer gritar. Mesmo apavorada, insisto em me defender, argumentar:

— Eu também me arrisquei, por confiar em você, por gostar de ti! Entrei em um morro rival para ir à sua casa, buscando sua companhia! Não te amei como você queria, mas realmente gostei de você.

Ele ri, balança a cabeça, então aponta a arma para mim. Assustada, me arrasto para a cabeceira da cama e cubro meu corpo com o lençol até o queixo. Tremo tanto, que meus dentes rangem.

Onde está o André? Se eu conseguisse correr, será que Tiago atiraria em mim? Espero que meus vizinhos ouçam alguma coisa, que entendam que tem um estranho aqui em casa, que percebam que estou em perigo. Mas é uma utopia, eles não entenderiam que o maldito que tentou me matar conseguiu entrar em nosso condomínio, que está com uma arma apontada para o meu rosto.

— Você é uma puta, como todas as mulheres são! Mal veio para cá e já se abriu para aquele merda! É de tipos assim que você gosta, né? Riquinhos que moram em casas de luxo. O cara do morro você não quis... — Ri de maneira amarga. — Tem noção de quanto tempo eu tive que fazer a linha de empregadinho do tatuador? Do teu priminho? Agindo feito um subordinado, esperando o momento certo para ter acesso a você? Há dias que guardo a cópia de todas as chaves do Bill, sonhando em poder entrar aqui.

Estou de mãos atadas, esperando a hora em que ele vai disparar o gatilho e cravar uma bala na minha testa. Abraço meus joelhos, enquanto ele dá voltas na frente da cama. Estou agoniada por também estar nua, com medo dele resolver abusar de mim antes de cravar meu fim.

— E como... como... — tento falar, mas todos os meus soluços e a gagueira proveniente da adrenalina do momento me atrapalham. — Como me encontrou?

— Não foi fácil. Tive que stalkear toda a tua família nas redes sociais até finalmente chegar ao estúdio do teu primo, porque uma das vadias das tuas irmãs compartilhou uma tatuagem dele. — Tiago está olhando ao redor da casa, ficando de lado para mim. Nem sendo bobo de me dar as costas, ele abre o guarda-roupas. Seus braços fortes me surpreendem ao perambular entre os meus vestidos pendurados em cabides. O cretino aumentou de tamanho nesse pouco tempo, como se tivesse malhado feito um louco. — Então fui fazer uma visita, e aí tinha uma loira linguaruda na recepção, falando com o Harry, até que citou o seu nome. Gritou para o Bill: *"Estou indo almoçar com sua priminha. Maria ainda disse que vai me fazer um bolinho"*. Disfarcei, peguei o cartão do estúdio e a segui até aqui. Foi aí que te encontrei, Patinha. Brindando com o destino porque minha vingança estava mais perto do que nunca. Me candidatei a vaga de recepcionista do Ravina, e muito perto do Bill, esperei o momento certo de te

encontrar. Esperei que você aparecesse por lá, até deixei um patinho na recepção em sua homenagem.

Me lembro desse maldito pato, da raiva que senti quando o objeto me remeteu ao apelido que Tiago em deu. Nem em mil anos imaginaria que era obra dele, que estava infiltrado no Ravina.

— O que você quer tanto vingar? Quer me matar porque eu disse que você estava mentindo? Que eu não era sua namorada? Isso não te parece absurdo?

— Cala essa boca e veste essa roupa, vagabunda! — ele grita, atirando um vestido verde para mim, da mesma cor da sua blusa de mangas.

Parece que ele abomina refletir sobre suas motivações, chegando a coçar os cabelos escuros com o cano da arma. Engolindo a agonia que parece uma pedra em minha garganta, passo o vestido por minha cabeça. Ao menos não morrerei pelada...

— Tiago...

— Cala a boca ou vou socar tanto ela, que tu vai engolir os dentes! — Quando ele dá um passo em minha direção, me encolho contra a cabeceira da cama, como se quisesse encontrar um buraco capaz de me esconder, de me proteger dele. — Levanta! Bora!

Hesitante, vejo que não existe outra saída. Jogo a coberta para o lado, com lágrimas frustradas serpenteando minhas bochechas. Abraço o meu corpo quando ele caminha para a minha frente. Tenho que dobrar o pescoço para enxergar o seu rosto, um rosto que gostava, onde encontrava uma proteção, algo fraterno. Agora, tudo o que vejo é algo ruim, maldoso, uma face do mal. Ele me empurra contra a parede com muita força. Bato de costas e ergo as mãos na frente do meu peito, tentando criar uma distância entre nós dois. Encaro o fogo em seus olhos, temendo que ele atire em mim nesse segundo.

— Não me mata, por favor! Me fala o que quer, faço o que você quiser... — Desesperada, é tudo o que encontro para dizer.

Eu não quero morrer. Eu não vivi nada do que queria. Tem tanta coisa que eu preciso fazer. Não viajei para os locais que sonhei, não me casei, não me formei na faculdade. Morrer assim, de um jeito horrível para vingar um homem pelo crime único de ter lhe rejeitado...é tão injusto.

— Faz o que eu quiser? — Seu tom de voz é um alerta. Deixa claro segundas intenções quando se torna sussurrado, quase ronronado. — Então fica de joelhos e me mama, filha da puta! Se me chupar com o empenho que

certamente mama a rola do teu primo, talvez eu não te mate! Talvez fique com você até que me canse.

É como se ele cravasse uma faca bem no meio do meu peito. Olho para as mãos dele. Tiago passa a segurar a arma com apenas uma, dedicando a outra para abrir o zíper de sua calça jeans. É irônico que nas falanges da mão que abre sua calça esteja tatuado a palavra “paz”. Ele parece apenas um agente da guerra.

Balanço a cabeça, agoniada, morrendo de medo e nojo.

Eu não quero morrer, mas não vou fazer um boquete nesse maldito.

Ele vai me matar de qualquer jeito, então enojada, tento dar uma joelhada no seu saco. É tudo em segundos. Ele percebe o que vou fazer, e além de se afastar a tempo, revida com um soco em minha bochecha direita. Eu tento me manter de pé, quando sua pancada por si só me joga para trás. Minhas sobrancelhas trincam sozinhas, um som absurdo silencia o mundo, porque tudo que ouço é o maldito zumbido. Eu sinto uma dor irradiando pelo osso da minha face, por minha bochecha, chegando aos meus dentes. Gemo, ficando tonta e perdendo o equilíbrio.

Seguro a bochecha, chorando de medo, impotência e uma lancinante dor.

— Não estou para brincadeira, vagabunda! Eu vou te arrebentar se tentar alguma gracinha.

— Por favor... — tento murmurar, mas sei que ele é incapaz de ouvir, pois minha voz mal sai.

Sem paciência, ele se abaixa e sinto uma pressão na cabeça, mal entendo o que acaba de acontecer. Só a sinto doer. Meus olhos são tomados por manchas escuras, minha boca é inundada por um gosto amargo e meu corpo é incapaz de responder aos meus estímulos. Ao longe, ouço um baque, demoro a perceber que é meu próprio corpo despencando de costas no chão. Posso sentir um ponto no alto da minha cabeça se molhando, e meio torpe, ainda consigo entender que ele me deu uma coronhada.

Sou arrastada feito um animal abatido pelo chão da casa. Tento gritar, mas minha boca não produz som. Tento rogar por alguma clemência divina, mas agora, minhas esperanças começam a ir para o mesmo destino que me aguarda, a morte.

Aos poucos minha visão vai voltando, mas minha língua segue parecendo morta, quando percebo que estou nos fundos da casa. Pela primeira vez cordas me parecem um pesadelo, quando ele as amarra em meus pulsos e tornozelos.

Incapaz de me mover, certamente com uma concussão, sinto a claridade do dia agredindo minhas vistas, e quando cerro os olhos e trinco a testa, a dor na bochecha dando as mãos a da minha cabeça parecem um coquetel para me matar antes de receber um tiro.

Sinto a grama do quintal arranhando minhas coxas, elevando meu vestido e deixando minhas partes baixas à mostra. Quando ouço o barulho da chave automática abrindo o carro, mesmo ao longe, percebo que não existe mais salvação.

Ele está me levando em direção à morte.



CAPÍTULO 35

Tê-la venerado antes





“Eu deveria tê-la venerado antes
Se os céus falassem,
ela seria a última palavra”.
Take Me To Church - Hozier

Eu não sei como cheguei até a Tijuca, como não morri no caminho. Meu coração está resumido a cinzas, porque eu sei que não vou aguentar que me arranquem mais uma vez alguém que amo.

Cada segundo que passa, que demoro a chegar em casa, pode ser uma chance perdida de salvar a minha garota.

Preciso chegar a tempo! Não existe outra opção, porra! Quero conseguir ligar para um dos meus amigos, para a portaria, pro próprio diabo e pedir auxílio. Mas não existe essa opção. Não tem maneira de parar a moto para isso, porque posso perder tempo.

Quando chego na rua do meu condomínio, pouco antes da entrada, parece que o destino literalmente me dá uma rasteira, pois perco o controle da moto, sendo arremessado para metros de distância quando ela tomba de lado a toda velocidade. Meu corpo derrapa pelo asfalto. Eu sou capaz de sentir a minha calça rasgando nas pernas, a pele se abrindo, e tudo o que consigo, enquanto escorrego de costas pela pressão do acidente, é manter a cabeça elevada para não acabar fodido com um traumatismo, mesmo de capacete. Quando finalmente meu corpo paralisa, com ondas de dor o percorrendo, ranjo os dentes e faço força para me levantar. Não é fácil, estou com tudo doendo, os braços arrebentados, com partes laceradas em carne viva, mas não tem como ser de outro jeito, fraco ou não, machucado ou não, eu preciso chegar em casa. Tiro, com muito esforço, o

capacete e o jogo pela rua. Até respirar dói. Como se um elefante tivesse caído em cima do meu tórax.

Algumas pessoas tentam me socorrer, mas nem vejo os rostos, desvio até do porteiro, que diz algo e tenta me segurar pelos ombros. Mancando, mais arrastando a perna do que conseguindo andar, passo pela catraca de entrada do condomínio, usando minha digital. E com o coração a mil por hora, arranco forças para seguir até a rua onde fica a minha casa.

Quando, arfando e suado, chego perto do meu portão, tento ser cuidadoso, sorrateiro até, me forçando a ter sangue frio para não despertar a atenção de quem quer que possa estar lá dentro. As cortinas estão fechadas, como eu havia deixado, para que a claridade do dia amanhecendo não acordasse minha namorada.

Vistoriando pela grade do portão, noto tudo silencioso dentro da minha casa, mas olho para o muro ao lado da garagem, é uma surpresa ver Nate se pendurando nele, tentando se equilibrar e ainda segurar um taco de baseball de madeira maciça. Se me lembro bem, meu vizinho é um pichador, está acostumado a escalar prédios, subir em muros, e ainda ser silencioso.

Vestindo apenas um short preto, antes de conseguir pular a parte do muro que separa nossas casas ao lado do portão social, ele me faz um sinal de silêncio colocando o indicador sobre a boca. O cara que sempre jurei jamais poder contar, pousa sem produzir ruídos sobre a grama, segurando o taco contra o seu corpo e olhando ao redor.

Estou quase sufocando de tanto nervosismo, quando ele, andando o mais devagar que consegue, abre o trinco do portão para mim. Estou suando, nem tendo tempo de sentir nada além de medo, medo de que algo de ruim aconteça com a minha garota.

É como se a onda de adrenalina estivesse silenciando a dor, me fazendo esquecer que estou todo fodido e que larguei minha moto quebrada no meio da pista.

E também dou graças a qualquer divindade que exista, mesmo que eu não acredite nelas, por Nate abrir o portão, porque, se eu usasse a chave, ainda poderia fazer barulho e chamar atenção indesejada.

Nate se vira, quando, ao mesmo tempo, nós dois ouvimos alguém acionar a chave do meu carro. Quero ser impulsivo, correr, mas quem me garante que não tem alguém junto com o Tiago tentando entrar no meu Jipe? Que posso estragar

tudo, piorar a situação e fazer com que matem a Maria, caso ainda não o tenham feito?

Mesmo que meu coração peça pelo contrário, acho quase impossível que, nas quase duas horas que fiquei fora, ele não tenha conseguido entrar e fazer algo. Isso me faz ter que conter o ódio e as lágrimas.

Tenho que pensar, ser frio, ou posso botar tudo a perder. Sopro o ar pela boca, e resolvo fazer alguns gestos para o Nate. Aponto para ele, depois para a lateral direita da casa, onde fica a garagem, indicando que ele deve ir por ali. Ele assente, depois me dá as costas, empunhando o taco enquanto caminha para lá.

Já eu, resolvi ir pelo lado esquerdo. Devagar, coloco a cabeça para fora da parede frontal da casa, observando o corredor que dá nos fundos do quintal. Não tem ninguém. Engulo em seco, sabendo que estou em um jogo de Kamikaze, desarmado, prestes a me meter no meio do fogo para salvar minha mulher. Pode estar cheio de bandido aí dentro, mas eu vou tentar, custe o que custar, salvar a minha Maçãzinha.

É quando me inclino sobre a parede lateral da casa, sondando os fundos do quintal, que vejo o Tiago arrastando a Maria pela grama. Ela está inconsciente com a cabeça ensanguentada e a bochecha completamente inchada.

Minha vontade é correr e largar uma voadora no peito dele, mas vejo o Nate agachado atrás do carro. E só então me vem a ideia de distrair o arrombado, de me meter na mira de uma bala, se isso for dar margem para que meu vizinho atinja esse desgraçado, e consiga livrar minha namorada dele.

— Igor! — chamo, saindo de trás da parede, com as mãos erguidas do lado da cabeça, para que ele acredite que não sou uma ameaça.

Quando o filho da puta me vê, tira a arma do cós da calça, e com uma mão completamente trêmula, a aponta para mim.

— Ah, olha aí o comedor de priminhas inocentes... Chegou para tornar meu dia mais perfeito?

— Cara, abaixa essa porra. Bora conversar como homens?

— Conversar? — Ele ri, pulando por cima do corpo da Maria e se aproximando de mim. — Meu lance é com ela, não contigo!

Eu não me movo.

Não tenho medo da morte.

Essa arma apontada para a minha cara não me causa nada.

A única coisa que realmente me abala, é pensar na Maria caída nesse chão, sangrando, sem que eu possa ir ajudá-la, ou condenarei todas as chances de salvá-la desse imbecil.

— Sim. Conversar. O que você está fazendo? Por que essa sede de destruir a Maria?

Falo, sem revelar que sei que ele é o Tiago.

— Ela parece boazinha, né? Maria é apaixonante, com essa voz meiga e rosto de princesinha, mas ela é uma puta sedutora, que me fez de otário. E nem reclame por eu estar aqui, foi você quem me deu acesso a ela, de bandeja. Eu deveria te agradecer, sabia? Planejei milhares de formas de conseguir entrar nesse condomínio, e por um golpe de sorte, você o liberou para mim.

Minha mandíbula trava por vê-lo xingar a minha namorada. E quando estou prestes a abrir a boca, Nate acaba deixando o taco cair no chão, fazendo um barulho alto, que chama imediatamente a atenção do Tiago. Antes que eu perca a chance, corro até ele, depois tento lhe dar um soco, mas o garoto percebe, empunhando novamente a arma e tentando atirar na minha direção. Se por sorte ou apenas velocidade, não sei, mas consigo segurar os pulsos dele e levantar suas mãos há tempo. Ele tem força, tenta fazer uma "queda de braços" comigo, mas o som oco é o que precipita sua queda. Tiago amolece, cai sobre o meu ombro, mas o solto e deixo que caia no chão feito um saco de carniça.

Para não dar sorte ao azar, puxo a arma de sua mão. Penso em jogá-la longe, mas ainda pode ter alguém dentro da casa.

Meus pés já me guiam até a Maria, que está caída poucos passos adiante, mas no meio do caminho, vejo um homem muito alto, trajando-se inteiramente de preto saindo da minha cozinha. Suspiro aliviado ao ver que é apenas o Josiah. Pilhado demais com a situação, quase tenho um AVC, acreditando que poderia ser um ajudante do projeto de bandido desmaiado em meu gramado.

— Tudo limpo aqui dentro! — meu amigo diz, segurando uma peixeira enorme na mão, e só então jogo a arma pelo chão para que ele a pegue, podendo me dedicar a correr até a mulher que amo.

— Maria! — grito, me jogando de joelhos diante dela.

Ela está com os olhos abertos, mas sangrando tanto, que o decote do seu vestido está inundado. E mesmo que pareça me ver, consigo perceber que está completamente fora de órbita. Dói ver seu rosto machucado, sua bochecha com o dobro do tamanho, o olho quase se fechando pelo edema.

Eu sinto todos os meus ossos clamando por sangue, por matar o filho da puta, mas não posso focar em nada que não seja a minha mulher agora. Puxo minha Maçãzinha contra o meu peito e a abraço, aliviado que ao menos esteja viva. Certamente levou um golpe na cabeça, e com medo de que seja tarde demais, a pego no colo para levá-la para ser socorrida por cuidados médicos.

— Se quiser, eu taco fogo nele... — Nate diz, apoiando o taco ensanguentado no chão. Tem uma coisa diferente no semblante do meu vizinho, algo que admiro, uma ousadia, misturada ao ódio que sou capaz de farejar feito um animal. — É só pedir.

Olho para o desgraçado que teve a audácia de agredir a minha mulher. Eu poderia pegar a arma e descarregar o pente na cabeça dele, mas qual seria a graça? Uma morte lenta é um presente. Não estou a fim de dar algo bom a esse arrombado.

— Se tu puder apenas amordaçar e o amarrar muito bem, já tá de bom tamanho. Deixa esse desgraçado aqui e fica de olho nele, por favor! Alguém virá buscá-lo, para que eu mesmo possa dar-lhe o fim que merece.

E sem pestanejar, corro com Maria amolecida em meus braços. Ao menos ela está viva! E isso é a porra de um milagre. Algo para eu ficar grato, mesmo querendo matar o Tiago com todos os requintes de crueldade possíveis. Quando coloco Maria deitada no banco de trás do meu Jipe, tiro a sua coleira e meço a pulsação da veia em seu pescoço, está fraca. Vejo Isabela atravessando o meu portão e correndo até nós. Ela tem a chave porque nunca troquei a fechadura quando Josiah me vendeu a casa.

— Meus Deus! — ela grita. — Eu vou... vou... chamar a polícia. A gente viu a mensagem. Mas, eu não estava por perto e... e...

— Nada de polícia, porra! Eu vou resolver quando Maria estiver bem. Fica no banco de trás com ela.

Quando deslizo para o banco da frente do meu carro, mal tenho tempo de prestar a atenção no semblante confuso da loira trajando um vestido claro, que entra com cuidado no banco de trás e deita a cabeça da minha namorada em seu colo.

Meu peito está dilacerado, porque é horrível ver que um maldito machucou a minha mulher. Ousou meter a mão nela. Ousou quebrar a minha joia perfeita.

Mas ela está viva, porra!

Viva!

E isso é algo para agradecer a qualquer maldito deus que exista. Ao menos isso, caralho! Embora eu saiba que esse milagre é algo dado a ela, não para mim, o cara amaldiçoado pela vida.

Quando dirijo, lutando para ser cauteloso, porque qualquer movimento brusco pode piorar a dor que provavelmente minha namorada está sentindo, mais ansioso eu fico, tentando lembrar onde é o hospital mais perto. Enquanto isso, resolvo ligar para o Cristian. Ele não atende, e, já nervoso, ligo pela segunda vez.

— Fala, carniceiro! — A voz do senador soa pelo alto-falante do meu carro.

Pelo retrovisor, vejo o olhar da minha vizinha, que passeia entre confusão e julgamento.

— Fala, Cristian — cumprimento, engolindo em seco por ter que falar algo de trabalho na frente da Isabela. Furo um sinal vermelho, sendo xingado por pessoas que tentavam atravessar a faixa de pedestres. — Preciso que mande alguém pegar um *saco de carne* na minha casa e levar para o nosso *"açougue"*.

— Hoje? — A voz dele é despreocupada, risonha até...

Sei que ele ama uma desgraça. Vai amar saber que quero matar alguém.

— Sim. Agora, se possível.

— Tudo bem, Bill! Deixa comigo! — Até estranho sua voz de boa vontade, mesmo que com seu tom debochado habitual. — É bom não deixar o "açougue" sem uso por tempo demais. Manda um abraço na patroa!

Ele desliga na minha cara, me deixando puto por mencionar a Maria. Eu odeio o quanto esse velho vive de olho em todos os passos das pessoas ligadas a ele. Seja do Josiah, ou meu. Antes de ter a briga na balada, ele já sabia da Maria. Feito um espião de merda, ele quer sempre estar um passo a frente das pessoas, sejam seus aliados ou não. Mas não importa. Eu preciso dele. Agora, mais do que nunca.

— Sabia que você era louco, mas, a esse nível, é melhor do que plot de novela mexicana... — Isabela debocha, tirando seu sarcasmo usual da marga.

Reviro os olhos e a ignoro.

Cristian entendeu bem sobre o lance do açougue e do saco de carne.

É nosso código quando ele quer me dar um trabalho.

Eu poderia ter pedido ao Josiah para dizer isso ao pai, mas em meio a emoção e desespero do momento, esqueci que ele é filho do meu contratante. E, apesar de ele detestar o meu trabalho, entregaria o recado ao pai.

Ao menos alguém vai levar o desgraçado do Tiago para um lugar onde eu possa dar a ele uma morte digna.

Farei questão de mostrar a ele que, quando se mexe com a mulher do demônio, não se deve esperar algo diferente de morrer queimando!



Passamos um bom tempo no hospital, onde os médicos fizeram exames nela, e descartaram um traumatismo craniano. Eu tive que falar com a polícia e dizer que tentaram roubar nossa casa, mas, pelo visto o próprio Josiah telefonou pro pai, que mandou um assessor ir ao hospital me aliviar e dispersar os “canas”, que queriam investigar a tal invasão a residência que vitimou minha namorada. Quando liguei para o Cristian, nem passou pela minha cabeça que pudesse ter problemas no hospital, mas que bom que meu amigo pensou nisso.

É óbvio que eu não tinha como falar a verdade. Se eu dissesse tudo o que de fato rolou, certamente eles iriam querer prender o Tiago, e como ficaria minha vingança? Cadeia de cu é rola, porra! Ele não vai ficar preso por uns anos e depois se ver livre para vir atrás da minha mulher! O cara é obcecado por ela. E só um maldito pode ser doido pela Maria, eu!

Então, farei questão de varrer da face da terra o desgraçado, e só não fui ainda até a cabana para onde um dos funcionários do senador o levou, porque não sairei daqui até ver que a Maria está bem, desperta, e após termos conversado.

Já estamos em casa, e estou esperando a minha tia chegar aqui. Não achei certo esconder dela que a filha está nesse estado. Ela ama a Maria, independentemente do quão doida seja. E no final das contas, que tipo de hipócrita eu seria para julgar a loucura de alguém? Desde que minha tia entenda que a filha dela é minha, tá tudo certo.

Estou deitado ao lado da minha namorada, feito um guardião, uma sombra, que não vai sair daqui até que ela esteja lúcida e segura. E por mais que vê-la toda inchada pelas agressões do maldito me deixem doido, existe, bem no fundo

das minhas entranhas, um alívio por ela não ser minha irmã, e saber que o único risco verdadeiro a vida dela está amarrado feito um presunto, esperando que eu o mostre como é “brincar” no meu açougue.

Desde que encontrei a Maria, ela está a maior parte do tempo dormindo. Até acordou no hospital, mas choramingou tanto, que a médica resolveu dar um remédio mais potente para a dor, o que a fez apagar.

— Tem certeza que não quer cuidar dos machucados? — Ana pergunta, deitada ao lado da Isabela no sofá da minha casa.

Meus amigos, Harry e Josiah, estão largados no chão. Está o maior silêncio, porque, o clima tá pesado e ninguém quer fazer algazarra para acordar minha namorada. Nate está brincando com uma das minhas facas, sentado na banqueta da minha cozinha. O taco dele largado abaixo dos seus pés.

— Já lavei no banheiro e passei remédio! Estou tranquilo. — Falo, me inclinando mais para perto da minha namorada e alisando alguns fios de cabelo que escapam por baixo da atadura ao redor da sua cabeça.

É estranho ter o coração batendo tão fora do peito por uma mulher.

Nunca foi assim com ninguém, na verdade, tenho convicção de que nem cheguei a sentir a metade disso por qualquer uma. É insano. Um sentimento capaz de borbulhar nas minhas veias, clamar o nome dela por meus ossos, tomar todos os meus pensamentos.

— Tô me sentindo culpado! — A voz do Harry soa trêmula, e todos nós olhamos para ele após seu sussurro. — Eu vi a notificação do grupo e pensei *“bom, deve ser alguma zoeira daqueles pau no cu, então posso olhar depois”*. E na real tua mina estava em perigo. Se ela tivesse morrido, eu não ia me perdoar, mano.

— Tu não tinha como saber! — Josiah segura no ombro do nosso amigo. — Na real, eu também vi que tinha mensagem no grupo e não olhei de imediato, porque tava brincando de chá com a Júlia. Eu só vi bem depois, quando corri para cá.

— Não posso nem dizer para vocês não se culparem, Ana e eu estávamos na casa dela, planejando vir chamar a Maria para fazer um almoço. Se tivéssemos vindo logo, teríamos evitado.

Ana olha para a miga e segura sua mão, com os olhos marejados.

— Ninguém tinha como saber. Não adianta a gente ficar nessa — Nate diz. — Nem eu olhei o celular. Vi o cara arrastando a Maria pela janela da minha

casa. Por isso, consegui chegar a tempo. Se eu não tivesse subido pro quarto naquela hora e ido abrir as cortinas, não teria como socorrer também. O que importa é que ela está segura agora!

Assinto para o marido da Isabela, o único com a cabeça no lugar aqui. Mas, gosto do quanto os nossos amigos se importam tanto com a minha namorada, a acolheram tanto como membro da nossa tribo, que se recusam a irem embora. E olha que já os mandei ir. Ninguém tem coragem de nos deixar sozinhos. Querem ter certeza de que minha Maçãzinha acordará bem. Gosto da capacidade que temos de segurar o mundo uns do outro.

— E te devo uma vida, cara! A vida da minha mina — reconheço, encarando o vizinho que me detesta, que me vê como um rival. — Obrigado!

— Sei que tu faria o mesmo pela minha esposa. Não me deve nada, seu pau no cu!

A espontaneidade do xingamento deixa muito claro o que somos: dois caras que vão se tolerar, se ajudar quando preciso e até se defender, mas nunca seremos amigos mesmo. A gente vai se respeitar, mas o ranço será eterno. Se ele fosse ex da Maria, certamente já teria tido vontade de socar a cara dele várias vezes. Então entendo o seu semblante sempre dizendo o quanto quer me matar.

— Valeu, arrombado! — revido, conseguindo ter algum senso de humor, que faz meus amigos desfazerem as caras de enterro.

— Tá liberado o xingamento? Vai todo mundo se foder! Bora se abraçar? — Harry brinca.

Eu realmente daria um abraço nele se minha garota não começasse a grunhir e se remexer. Coloquei um baby-doll nela assim que chegamos em casa, rosa pálido como o vestido que ela usou na noite anterior, a noite em que foi minha, onde nem em mil anos eu sonharia que quase a perderia assim.

— André... — ela choraminga, abrindo os olhos aos poucos.

Sua testa se trinca em uma carranca de medo com pitadas de dor, que atinge direto o meu coração, o fazendo estremecer de tristeza.

Se tem alguém que pode sempre carregar culpa por essa merda toda, sou eu.

Eu autorizei o arrombado a entrar no condomínio.

Eu dei mole.

Eu quase perdi minha mulher por um deslize.

— Oi, linda!

— Eu tive um sonho ruim. — Ela segura minha mão, com seu anel de maçã reluzindo enquanto seus dedinhos finos se embrenham com uma lentidão anormal entre os meus. Até a fala dela está se arrastando, com a língua embolando. — Sonhei que ele tinha me achado. Que tinha tentando me levar...

Uma lágrima de merda escapole das barreiras que tentei erguer, e quando escorre por minha bochecha, decido que farei milhares delas saírem dos olhos daquele filho da puta.

— Não foi um sonho, Maçãzinha. — E mesmo que essas palavras doam, sempre falarei a verdade a ela. — O Tiago tentou te sequestrar... — Ela me interrompe, começando a arfar alto quando assimila minhas palavras. Seus dedos esmagam os meus, e assustada, tenta se rastejar para trás. É então que ela trava, geme de dor e segura a cabeça. Observo, completamente derrotado por vê-la nesse estado, Maria tocar a atadura em sua cabeça. — Calma! Você está segura agora, e nunca mais ele vai poder te fazer mal.

— Como? Você o matou? — Maria olha no fundo dos meus olhos, e quando Isabela engasga com o choro no meio da sala, minha namorada direciona seus olhos para lá. — Ele... — Agora se volta para mim, sentando-se e segurando os meus ombros, apertando minha blusa de mangas preta. — me beijou à força. E tentou me obrigar a... a...

— Eu não quero que me conte. Não tem porquê, a menos que te faça bem falar, mas não é hora, e você tem que descansar. Preciso que entenda que isso passou. Que ele vai pagar pelo que fez, e nunca mais conseguirá chegar até você.

— Ele vai me achar outra vez. Tiago vai tentar me matar de novo... E de novo... Até conseguir. — Sua voz vai aumentando, conforme, em pânico, ela se joga em meu peito, e quando me abraça apertado como se temesse que eu pudesse fugir de seus braços, é minha vez de gemer de dor, pois toca no ponto exato onde a pele está arruinada pelo acidente.

— Eu vou garantir que ele não possa fazer isso.

— Não me deixa sozinha — sussurra em meu ouvido. — Estou sentindo dor e também morrendo de medo.

— Você não vai ficar sozinha, nunca mais! Além de ter toda essa galera aqui que vai grudar em você, sua mãe está vindo para cá. — Maria se afasta um pouco de mim, então olha para os nossos amigos enquanto eu falo, mas só dura poucos segundos, porque ela volta a me agarrar como se temesse que eu sumisse. — Prometo que não deixarei algo assim acontecer nunca mais.

— Onde ele está agora?

O corpo dela não treme, na verdade, ele quase convulsiona, chocando-se contra mim a cada solavanco de medo que ela dá. Envolvo meus braços ao seu redor, apertando-a bem leve, para não a machucar.

— Em um lugar de onde não conseguirá fugir.

— Na prisão?

Subo as mãos e seguro os seus ombros, com suavidade, a afastando momentaneamente para poder olhar em seus olhos. Eu quero que ela saiba, e mesmo que discorde, nunca me fará mudar de opinião, jamais será um muro que me impeça. Aproximo os lábios do seu ouvido, e o mais baixo que consigo, sentindo seu cheiro gostoso contaminado com o do remédio dos seus ferimentos, sussurro:

— Não. Ele está num lugar seguro, vigiado, preso até que eu vá lá e o torture até me cansar, para depois matá-lo.

Maria não diz uma palavra. Apenas me abraça forte, e nem faz ideia de que gemo porque estou todo quebrado, apertando minhas costelas judiadas, e muito lentamente, se arrastando por cima das minhas pernas e sentando de frente em meu colo.

— Obrigada!

Sorrio.

Bom, essa é a minha mulher! Ao menos não vai pedir clemência por alguém que, com toda certeza, sempre que pudesse, tentaria matá-la.

Ela me abraça de novo, e quando acabo não conseguindo me segurar e solto um grunhido alto, se afasta de imediato.

— Ele machucou você?

Sua voz é alarmada, mas eu a puxo para os meus braços novamente, a apertando de leve, querendo sua pele quente em mim.

— Caí de moto antes de chegar aqui. Mas já cuidei dos ferimentos — antes que ela possa voltar a se preocupar com os machucados, sussurro. —Tenho algo para contar não só pra você, mas pra geral aqui. — Então me afasto, e aumento o tom de voz para prosseguir. — Os resultados dos exames saíram. E não somos irmãos.

Eu imaginei que, quando contasse a ela, fosse sorrir, me beijar, chorar. Mas ela não o faz. Seu olho, o que não está fechado por conta da agressão do Tiago,

gira sem parar. Eu quase sinto o cheiro das engrenagens da sua mente funcionando na velocidade da luz.

— Então nossas mães mentiram? Não sou filha do seu pai?

— Você é filha dele. Eu é que não sou. Minha mãe traiu o Luís com um cara e engravidou de mim.

E enquanto conto todos os detalhes do que descobri, ouço meus amigos dando sussurros surpresos. Maria não faz perguntas, feito a coisa linda que é, apenas me ouve e acena com a cabeça, quando repasso tudo o que aconteceu na casa da minha mãe.

Também aproveitamos para comentar sobre o Tiago, que enganou a todos nós e se infiltrou no nosso estúdio, e o sentimento compartilhado entre meus amigos e eu, em voz alta, é o quanto fomos burros. O maluco nem documento confirmando o nome dele nos deu.

E quanto Harry e Josiah começam a se xingar, culpando um ao outro por esse furo, Maria gargalha. Abre um sorriso regado a um pouco de dor pelo movimento do rosto, mas tão leve e feliz.

— Mas o que interessa hoje é essa notícia maravilhosa de que os dois são apenas primos, porra! Até que enfim o Universo mandou bem! — Harry muda completamente o assunto, quando todos estávamos quase chegando à conclusão de que a culpa de não ter pego a identidade do Tiago foi dele, que foi quem preencheu a ficha. — É o que agora? Meio-incesto? Primo se pegar não dá tão ruim, né? Isa disse que pode até casar.

— Graças a Deus, são apenas primos mesmo. Não estava a fim de ir pro inferno por passar pano para o relacionamento de vocês! — Ana murmura, e posso ouvir daqui o tapa que Isabela dá na coxa dela.

— Nem vem, amiga, pois tem muita gente que diz que dar o cu é pecado! Tu já está condenada. E se passar pano para coisa fofa que é o amor desses dois fosse me condenar, eu ia descer de tobogã tomando vodca! Vou encontrar todos vocês lá no inferno mesmo...

Maria ri alto com a frase da Isabela. E, embora até mesmo eu consiga gargalhar disso, queria, só nesse segundo, estar sozinho com a minha mulher.

— Porra nenhuma! — Harry retruca. — Eu não vou pro inferno, não. Sou um cara sangue bom.

— Maconheiro. Libidinoso. Boca suja. Tem tudo pra descer pro colo do capiroto com a gente! — Nate fala.

— Não posso ir pro inferno. Não ficaria longe da Júlia — Josiah diz.

Enquanto eles debatem sobre quem desce e quem sobe, como se realmente pudessem ter controle disso, me perco no meu único universo que importa, o rosto da minha mulher. E mesmo inchada, machucada e com os olhos marejados, ela continua minha.

Tem algo na ponta da minha língua, lutando tanto para sair que nem contenho:

— Quer ser minha esposa? — Eu toco o seu coração com uma mão, enquanto a outra está ao redor do seu quadril, querendo sentir seu coração reagindo, e os solavancos emocionados que o seu peito dá me deixa feliz. — Eu imaginei que, se um disse fizesse esse pedido, seria no mesmo cenário em que imaginei nossa primeira transa. Uma viagem. Um cenário romântico e paradisíaco. Mas já percebi que o destino é incontrolável. *"Eu deveria tê-la venerado antes"*[21], como a deusa que é, rainha do meu mundo, que tomou meu coração, minha sede de viver, tudo para você. Não quero e não vou perder tempo. Foda-se que seja cedo! Nada entre nós dois foi comum, foi normal. Então vamos viver na nossa velocidade. Te quero comigo, usando não só uma coleira no pescoço, mas uma aliança com meu nome.

Acaricio seu queixo, que treme, porque ela chora. Suas mãos seguram os meus ombros, tão trêmulas. Sorrio para ela. É um momento que, mesmo cheio de imperfeições, mesmo feio por ser logo após ela quase ter morrido, ainda é bonito. Maria é como uma flor que desabrochou bem no meio do deserto, provando que até mesmo um demônio é capaz de amar.

— Eu quero ser sua esposa e tudo o mais que você quiser fazer de mim. Quando pensei que estava prestes a morrer horas atrás, uma das coisas que achei mais injusta era que, eu ia partir sem viver nada que sonhei. E eu sempre sonhei em me casar. Só que meu sonho nunca teve rosto, mas, hoje, enquanto eu repassava minha vida e encarava a morte diante dos meus olhos, era você lá. Em minha moldura de futuro perfeito. Eu quero que essa moldura se torne real, e mesmo que não possa me dar tudo o que eu quero, o que você quiser me dar eu aceito.

Ela sobe seus dedos frangeis por minha bochecha quando, mais uma vez sendo fraco hoje, algumas lágrimas despencam. Queria poder dizer a ela que lhe daria tudo, mas eu sou imperfeito. Um filho não seria possível.

— Então aceita ser minha esposa?

— Claro que eu aceito!

— Aê, caralhooooo! — Harry começa a pular no meio da sala. Até nos esquecemos que nossos amigos estavam aqui, e, ao mesmo tempo, minha noiva e eu nos assustamos. — Pega arroz pra gente tacar neles!

E eu realmente não achei que Nate fosse fazer isso, mas, segundos depois eles estão jogando arroz em nós dois e sujando nossa cama. Quero xingar os putos, mas eu só consigo beijar a boca machucada da minha garota, pensando em como ela vai ficar linda vestida de noiva.



CAPÍTULO 36

Reze!





“Reze, o tempo está acabando
Estradas estão quebradas
aqui para sempre
Sem saída, então reze agora”.
Pray - Emo

Ele está preso em pé, com os pés amarrados a argolas de aço chumbadas no chão. Seus braços, elevados e atados a ganchos no teto. Observando-o pelado, entendo de onde, talvez, venha toda essa amargura e orgulho ferido que o faz não deixar a Maria em paz. Seu pau nem existe, tem apenas duas bolas tortas e uma minúscula pinta onde deveria ser a pica. Isso é realmente algo capaz de frustrar um cara... Deve ser foda mal ter uma rola.

Seus olhos me ameaçam de morte em tantas línguas diferentes. Sorrio. Isso pode ser bem divertido. Vai competir com o dia em que matei o desgraçado que abusou do meu filho, mas, talvez, como hoje estou mais frio e calmo do que no dia em que acabei com o maldito tarado, seja bem melhor, além de eu ter mais experiência planejando torturas.

Encaro a mordaça de um pano encardido tapando a sua boca.

Ele está há quase 48 horas aqui. Antes de chegar, pedi ao Machadinha, um dos capangas do Cristian, que costuma sequestrar os alvos e trazê-los para cá, que o deixasse amarrado assim e apenas lhe desse água para que não morresse antes que eu pudesse vir aqui apresentá-lo ao inferno.

— Bom dia, Igor! — cantarolo, caminhando pelo casebre, arrastando uma pequena mala de rodinhas. — Ou prefere ser chamado de Tiago, ou “Aspirante a Fogaréu”? — Enquanto elevo a minha mala e a pouso em cima da mesa de madeira gasta, assovio e olho para ele de soslaio. Está me fitando de olhos

semicerrados, com uma ausência total de medo. Não balança o corpo, mal pisca, e nem por um segundo desvia seus olhos claros de mim. E se eu os furasse? Parece tentador. — Estive pensando, cara... Não é irônico que teu irmão tenha sido queimado? Morte perfeita para alguém com esse apelido.

Então, enquanto abro o zíper da mala, percebo que o projetinho de *stalker* finalmente treme um dos olhos. Fica claro que falar do manino o atinge em cheio. Ele até tenta pagar de inabalado, de orgulhoso. Tenho que admitir que até sinto um leve apreço pela forma como quer manter sua honra, demonstrar coragem até ao saber que está muito perto de uma morte lentamente dolorosa. Ele não sabe nada a meu respeito. Provavelmente, por eu ser tatuador e ele ter visto meu dia a dia, meu lado leve com os garotos, nem faz ideia de que tenho uma vida dupla. Do meu apreço por torturar merdas como ele.

Volto meu olhar para a mesa. Quando abro a mala preta de mão, esparramando as duas partes, observo meus brinquedos de estimação todos dispostos lado a lado, presos por elásticos pretos ao tecido da mala. Eles vão de pequenos punhais a adagas, martelos, alicates e por fim uma das coisas que mais amo: um cutelo artesanal com cabo preto. A lâmina é curva, com uma marca à lazer escrito Bill. Personalizada. Quem olhasse despretensiosamente, até pensaria que é apenas parte de uma memória afetiva de quando fui açougueiro. A verdade é só uma: nunca deixei de ser um carniceiro. Na verdade, esse cutelo já foi banhado em tanto sangue das minhas vítimas do trabalho, que tenho até sentimentos por ele.

Vai ser uma pena parar com um trabalho que gosto tanto, mas, flertei com a possibilidade de perder a Maria, e foi um grande tormento. Ela é tudo para mim. Diante da grandiosidade do que sinto por ela, tudo se torna microscópico, fácil de ser sacrificado.

Pego uma faca de caça com um cabo de madeira simples. Quando passeio pelo chão sujo, com meus coturnos escuros retumbando e levantando poeira, me aproximando do maldito ser humano que precisa ser varrido da face da terra, ele dá uma leve tremida. Gosto da forma como sua respiração falha. Tenta ser casca grossa, não demonstrar nada, mas no fim, é apenas mais um mortal. Sente medo, tanto, que quase sou capaz de sentir o cheiro. Tiago fecha os olhos com força quando aproximo a faca do seu rosto.

— Me diz, por que tanto ódio da Maria?

Enfio a faca por baixo da mordaça, propositalmente cortando sua boca no processo, e assim deixando um rasgo nela, que sangra moderadamente, depois arrancando o tecido ensanguentado e o descartando pelo chão, para que ele possa falar.

Meu corpo está tão calmo, o coração tão brando, que posso jurar que o próprio diabo está nessa sala agora, observando de algum canto, enquanto cravo mais uma sentença que me guiará direto ao inferno após a minha morte.

— Vai tomar no cu!

E quando ele cospe na minha cara, é como se ele riscasse um fósforo direto nas minhas veias, que fervem. Contraindo meu maxilar, balanço a cabeça de um lado a outro, vagarosamente. Mas como é ousado esse filho da puta...

Hoje não estou usando uma balaclava, como habitualmente faço em minhas torturas. Quero que veja meu rosto, que saiba que sou eu. Que estou vingando a mulher que será minha esposa muito em breve. Puxando a barra da minha blusa preta em direção ao rosto, limpo a saliva imunda desse merda, que faz minha pele até coçar. Eu penso em revidar de imediato, mas, gosto das coisas um pouco mais performáticas quando estou na pele de um carniceiro.

Vou até a minha mala, guardo a faca e abro um pequeno compartimento. Pego um soco inglês em aço carbono, e enquanto enfio meus dedos direitos nos anéis, me preparando para revidar sua audácia em meter cuspe na minha cara, ele resolve abrir a boca:

— Não chega perto de mim, seu desgraçado! — grita a ponto de seu rosto quase infantil se tornar inteiramente vermelho. Tem uma veia saltada em sua testa, saliva salpicada pelo ar quando sua boca se move. — Meus caras vão te achar! Eu liguei para os manos da minha facção, avisei que tava na cola da “falsa crente”. Eles vão meter tanto no cu daquela cadela da tua prima, depois picar ela em pedacinhos e...

— Foi você quem pediu por isso!

A minha voz é de uma calma tão grande, que sei que nesse momento nem tenho alma. Eu solto um soco tão forte na boca dele, que o barulho dos seus dentes trincando e quebrando, é bem maior que o da pancada. Parece música. Nem uma sinfonia do Beethoven cairia tão bem nos ouvidos quanto isso. Quando me afasto, quase me sinto de alma lavada. Até meus músculos relaxam tanto, que parece que estou na brisa de um baseado.

Eu vejo a cabeça dele pendendo, e quase um a um, cinco dos seus dentes caindo com uma cascata de sangue sobre o chão. Eles tilintam. É poético, reconheço.

A única coisa que estraga o cheiro bom do sangue, é o mijo que começa a se misturar em uma poça abaixo dele.

E o próprio demônio é quem sussurra em meu ouvido: ele merece!

Retiro o soco inglês dos meus dedos, vendo o quanto é patético que ele se mije todo apenas com o primeiro golpe. Os almofadinhas que torturo costumam demorar bem mais. Só por isso sei que ele é um fraco, fala mais do que faz.

— Perdeu a chance de morrer com os dentes — cantarolo, caminhando para a mala e colocando o soco inglês dentro de um saco preto. Gosto de separar os objetos que utilizei, assim posso limpá-los para depois guardar com os outros. — Bom, você não é muito chegado em conversar, né? Mas, vou te contar uma coisa: quando estou aqui, gosto de falar com minhas vítimas. Vou até te contar um segredo... — agora estou sussurrando, amando o jogo psicológico que isso se torna. — Sabia que, misteriosamente, rolou uma chacina no presídio dos teus comparsas nessa madrugada? Eu tenho até uma teoria sobre esse rolê. Talvez um policial muito amigo de uns camaradas meus tenha dado umas armas pro povo de uma facção rival. Depois, liberado total acesso à ala dos bostas dos seus amigos... Aí já viu, né? Foi tanto tiro na fuça deles, que realmente morreram "parecendo queijos suíços".

Ele não consegue responder. Está engasgando com o próprio sangue. Chega a ser artístico, o cara que tentou matar a minha mulher sufocando com os próprios dentes.

E, sim, Cristian conseguiu que rolasse uma chacina em um presídio famoso. Tá sendo transmitido em tudo que é jornal. Quem restava da gangue do Fogaréu e estava preso lá, rodou do mesmo jeitinho que esse cuzão na minha frente ameaçou matar a Maria: com muito tiro.

Foda é que minha noiva falou para caralho na minha mente, porque tive que concordar em ainda fazer mais três serviços pro senador antes de me "aposentar", ou ele não ajudaria a acabar com os caras que possivelmente poderiam querer vir atrás da gente quando percebessem o sumiço do Tiago. Certamente seus comparsas sabiam que ele estava no rastro da Maria. E quem garante que já não havia compartilhado o paradeiro dela?

E depois de chorar, reclamar pra caralho no meu ouvido, Maria entendeu que era pra salvar a pele dela, então parou de falar, mas não antes de me ouvir prometer que, depois dos três serviços onde ainda vou conseguir embolsar mais uma grana, vou parar.

E vou mesmo!

Quero me dedicar ao que vamos construir juntos.

— Desgra.... des...

Tenta me xingar, mas não consegue terminar, pois desmaia. Sem paciência para esperar que ele acorde, encho um pequeno balde de água em um barril azul em um dos cantos do casebre, depois atiro na cara dele, o fazendo despertar com um susto. Aproveito para responder:

— Obrigado pelo elogio! Ah, já ia me esquecer: te trouxe um presente.

Pego o pequeno pato de cerâmica que ele deixava como um peso de papel na recepção do Ravina. Um deboche velado que provavelmente se deliciou ao fazer comigo. Pouso o pato em cima da mesa, um pouco distante da mala, e sacando um martelo comum do elástico que o prendia, uso-o para quebrar o pato, depois descarto a ferramenta na mesa. O enfeite se partiu em muitos pedaços pequenos, até esfarelando em alguns pontos. Puxo alguns destroços para a minha mão.

A raiva só me desestabiliza quando lembro da Maria segurando esse pato maldito, sem saber que era do Tiago, seu perseguidor. E quando me lembro que tinha outro homem se sentindo dono dela, a perseguindo, querendo tomá-la de mim, a fazendo sofrer, finalmente liberto todo o meu ódio. Caminho a passos largos até ele e seguro o seu queixo, depois aperto, com seu sangue inundando minhas luvas, e só então enfio os pedaços do pato em sua boca.

Ele tosse, tenta cuspir, mas com as duas mãos, forço seus lábios a se fecharem e o obrigo a engolir. Tiago luta comigo, tenta resistir, chacoalha a cabeça. Medo, dor, desespero, ele dá todos esses alimentos perfeitos para o monstro em mim.

— Engole essa merda, desgraçado! Engole o deboche que tu tentou fazer com a minha cara! — rosno, e quando vejo que ele realmente engole algumas partes e sufoca a ponto de ficar roxo, solto sua boca e dou dois tapas bem grandes em suas costas, com o barulho dos estalos se tornando sussurros pelas paredes. Testemunhas silenciosas do animal faminto por desgraça que costumo alimentar aqui. — Tem sabor de quê? Para mim, o gosto é de vingança!

Agora as coisas aceleram como não costuma acontecer. Eu começo a ter gatilho de cada palavra dos relatos da Maria, de quando ele tentou queimá-la, de tê-la pegado desfalecida em nosso gramado, dos machucados que deixou no corpo dela. Isso tudo me enfurece, e feito um ser tomado por trevas, deixando cada teia suja da minha alma vir à tona, pego o cutelo dentro da mala.

Tiago tenta gritar, se balançar, como se ainda tivesse esperança de se livrar das amarras e fugir de mim. Mas sou implacável, me abaixo e meto com força o cutelo na ponta de um dos pés dele, arrancando-lhe os dedos. O grito que ele dá quase me deixa surdo, seu sangue podre escorre sem piedade, com seus dedos imundos separado do restante do pé. Eu posso ver osso, pele, tudo...

E quando me levanto e olho para ele, assim que me aproximo do seu rosto, pisando no que sobrou do seu pé para aumentar a dor, chego o mais perto que é possível sem encostar no maldito e berro:

— Antes de finalmente te dar o fim que tu merece, vou confessar que não fiquei nada contente por você tentar obrigar a minha mulher a chupar esse teu pinto de merda. — Cerro os lábios após dizer, tentando não ceder e meter esse cutelo bem na garganta dele. Me abaixo, pego seu pau nojento na mão, tendo que puxar muito para que ainda tenha algum ângulo suficiente para cortar, enquanto ele grita:

— Me desculpa! Por favor, Bill! — A voz dele é fraca e chorada. — Eu não quis fazer isso... Só queria que ela gostasse de mim. Sinto muito, cara... De verdade! Eu não quis. Juro por Deus! — ele tenta de tudo, mesmo sem energia, sangrando feito um porco.

Não se pede clemência a um homem que quase perdeu a mulher por sua causa, e ainda se espera que ela venha.

— Então você é um homem de fé?

Solto o pau dele e me afasto, trincando a sobrancelha por ele realmente apelar para que eu tenha amor a Deus, e assim, compaixão por sua vida.

— Porra, cara...

— Vamos, não tenha vergonha. Reze para mim!

Me afasto alguns passos para que o idiota tenha mais coragem. E quando olho para sua figura patética, para a hemorragia correndo solta pelo seu corpo, mais satisfeito eu me sinto.

Então, soluçando, ora chupando o sangue da boca, ora cuspindo, ele faz a reza mais famosa de todas. E bem no meio, começa a chorar.

É tão patético que um homem assim ouse clamar aos céus na hora da morte.

Ele literalmente ia matar uma garota inocente só porque o rejeitou, e tentou mais de uma vez. Agora quer que eu tenha pena?

Quando ele termina, tento bater palmas do jeito que dá, batendo mais na lateral do cutelo do que em minha mão.

— Amém! — conclamo. — Agora olhe para cima! Quem sabe algo interrompa o que farei com você.

Ele começa a gritar quando me aproximo e volto a puxar o seu pau. Ergo bem alto o braço que ostenta o cutelo, e quando despenco a mão, quase posso ouvir a lâmina fazendo um corte no ar, antes de decepar seu projeto mal formado de pica.

— Isso é para você se lembrar, para ficar tatuado na tua alma até depois da morte, que mexeu com a mulher errada, com a mulher do cara errado! E nenhuma clemência divina virá para você, amigão...

Antes que eu faça a besteira de cravar a lâmina na jugular dele agora mesmo, levo meu cutelo de estimação para a mala e o guardo no mesmo saco em que o soco inglês. Essa lâmina é uma tentação, sussurra cantigas sobre as partes exatas do corpo onde cortar e causar dor, como arrancar dos outros aquele combustível que mantém aquecida as chamas negras da sujeira em minha alma.

Cruzo os braços e o encaro, todo pintando de vermelho, com sua essência vital escorrendo do corpo feito um manancial, de tantos locais diferentes. Eu o encaro o bastante para que nunca esqueça essa cena. Para que meu lado vingativo tenha o presente eterno de saber que ele sofreu, que sua morte foi agoniante. Viverei aliviado por ver que ele sentiu o medo, o pavor, a dor que pretendia causar na minha garota, na minha alma-gêmea. E só de pensar nisso eu sinto uma fúria infernal cravando garras em meu coração sujo. Possesso, começo a soltar as cordas dos seus braços, quando termino, ele cai no chão. Amarro as duas cordas, tornando-as algemas, atando bem seus pulsos na parte de trás do seu corpo. Depois solto completamente a corda dos tornozelos dele.

Ao lado da porta do casebre, ancorei uma balestra preta, com uma aljava repleta de setas de carbono com pontas afiadas para caça.

— Sabia que as bestas foram armas proibidas pela igreja para serem utilizadas contra outros cristãos, Tiago? — falo, caminhando para uma das minhas armas preferidas. As balestras, ou Bestas, são arcos para flechas

adaptados para serem acionadas por um gatilho, como uma arma de fogo. Ela dispara muito mais facilmente os virotes, que são setas muito parecidas com as flechas. — Inocêncio III, o papa, denominou essa arma assim, permitindo apenas que ela fosse usada contra os infiéis. — Enquanto continuo minha palestrinha, o rapaz suplica, sendo mais uma vez patético ao pedir clemência citando os céus. Reviro os olhos. — Acho interessante essa história, tipo, deram um nome perfeito a uma arma maravilhosa, pois ela dispara setas capazes de sair rasgando as entranhas do alvo, e ainda tem gente que se ofende com isso. Acha profano. Mas chega de falar de bestas, entranhas ou tudo o mais. — Apoiando a balestra em meu ombro, com a ponta virada para minhas costas, pouso a alça da aljava em cima do outro ombro e prossigo: — Decidi te dar uma chance. Vou abrir a porta e você pode correr, ok?

Ele ergue o rosto por alguns segundos, fraco por todo o sangramento. Está tão desesperado por uma fuga, para sobreviver, como qualquer ser vivo estaria, que se arrasta até a parede mais próxima. Com muita dificuldade, fica de pé. Ele manca, se apoiando para conseguir seguir em frente, desidratado, faminto, com parte do pé faltando e um pau decepado, ninguém teria chance de fuga.

Abro a porta, depois puxo uma cadeira velha e com uma das pernas bambas ao lado da mesa, me sentando, resolvendo dar alguma vantagem a ele antes de ir atrás. Calmamente pouso a arma ao meu lado, então acendo um cigarro, sem nem me dedicar a retirar a aljava de couro preto.

Eu sei que sou ruim.

Que sou sujo.

Vingativo.

Mas também não sinto a menor culpa por isso. Na real, tô feliz para caralho por poder dar um fim a esse merda do jeitinho que imaginei.

Decidindo que está na hora disso tudo acabar, apago meu cigarro no chão com a sola do meu coturno, depois finalmente caminho para fora. Vejo o corpo pelado e branquelo tentando partir para longe. Eu não vou atirar nele agora. Na real, conheço de cor tudo ao redor. Estamos em uma zona afastada, cerceados pela Serra das Araras. Na direção em que ele está indo, existe uma pequena ponte. Ele precisaria atravessá-la para chegar a uma estrada. Já terá sangrado até morrer antes de alcançá-la, mas, antes disso, tem uma clareira. É apenas por isso que o permito seguir, indo atrás, a passos calmos e pacientes.

Cerca de vinte minutos depois, em uma caminhada que uma pessoa saudável concluiria em cinco, chegamos diante da clareira. Quando ele percebe o palco perfeito que montei para o seu fim, tenta ir pulando para o lado oposto, então eu armo a seta, miro com precisão, e só então disparo. É um barulho baixo do virote rasgando o ar, quase um sibilo. Alto mesmo é o grito que ele dá, quando é atingido bem no ombro.

Sem equilíbrio e castigado demais, ele tomba para a frente. Sem a menor empatia, adorando o sabor que o sofrimento dele causa em minha pele, em minha boca se enchendo de água, disparo outra flecha, dessa vez em seu quadril. Me aproximo a passos largos, arranco a flecha do seu ombro, depois o viro de frente e atiro mais duas vezes, uma em cada coxa, para garantir que ele fique no ponto exato onde planejei o show, sem tentar fugir.

— Você se meteu com a deusa de alguém que daria tudo por ela. Que faria qualquer sacrifício, que arrancaria teu coração, empalaria e levaria para ela sem nem pestanejar, se ela quisesse — falo, me abaixando e puxando a seta do seu quadril, apenas querendo fazer o sangue jorrar e vê-lo gritar mais, e o carinha não decepciona, berrando mais que um bezerro poderia fazer.

Sem tirar as flechas restantes do corpo dele, que jaz desfalecido, o arrasto para o meio da armação para uma fogueira, feita de móveis velhos, exatamente como Maria havia me contado que era o local onde ele tentou queimá-la. Eu o coloco sentado, com as costas contra algumas partes de uma cômoda.

Quando vou até a frente de uma árvore, pegando duas garrafas de álcool que deixei guardadas ali antes de entrar no casebre e torturá-lo, ele desperta assustado e volta a falar:

— Por favor, cara... Não me mata! — implora, mal tendo forças de erguer a cabeça. — Estou arrependido. Posso pedir perdão a ela. Maria gostava de mim, não vai querer que faça isso comigo.

Tento não rir, enquanto abro uma das garrafas e a derramo em sua cabeça. Se ele soubesse que falar essa merda faz meu coração até doer de ciúmes e ódio, não tentaria apelar para esse argumento. Após esvaziar a segunda garrafa, dessa vez nos móveis, a atiro no meio do que será a mais bela fogueira.

Dando-lhe uma última olhada, tiro meu isqueiro do bolso, disparando-o e mantendo a chama engatilhada. Quando o lanço em cima do corpo dele, o fogo se alastrando faz meus olhos brilharem. Seus gritos são perfeitos, arrematando com chave de ouro o show.

— Queima, filho da puta!



CAPÍTULO 37

Você não existe...



Maria

“Ele está fora de si, eu estou enlouquecendo
Nós temos esse amor, do tipo maluco
Eu sou dele e ele é meu”.
Him & I - (feat. Halsey) G-Eazy

Praticamente duas semanas se passaram desde que quase fui morta pela segunda vez. Muita coisa mudou desde então. A primeira foi finalmente descobrir que não somos irmãos. Depois, o pedido de casamento. E embora eu estivesse muito prejudicada naquele momento, toda machucada, foi algo inesquecível.

Trocamos as alianças de noivado no dia seguinte, diante da minha mãe, que, feito uma coruja, ficava o tempo todo nos olhando e observando enquanto enfiávamos a aliança de ouro nos dedos um do outro. Foi fofo vê-la dizendo que dava sua benção ao André, mesmo que o tivesse olhado com raiva.

Ela veio correndo me ver no mesmo dia em que voltei do hospital, com uma concussão que me rendeu dias de dores horríveis. Achei que minha mãe fosse infartar, porque me abraçou tanto, tão nervosa, que chegou a desmaiar em cima de mim. Mas quem julgaria uma mãe por não querer sair de perto da filha após ela quase ser morta? Ninguém! É por isso que ela não foi mais embora, pediu a minha tia para enfiar as coisas dela num Uber, e simplesmente está morando com o André e eu. E não foi por convite. Ela decidiu que seu amor de mãe me protegerá do mal, porque errou me mandando para longe quando Tiago tentou me matar pela primeira vez.

André não ousou se opor. Ele sempre me diz o quanto vê que, mesmo sendo completamente doida, minha mãe me ama muito.

Ela sabe que o Tiago foi morto, mas não sabe que foi pelas mãos do André. Ela acredita que ele morreu por causa da chacina que ocorreu no presídio onde todos os comparsas do irmão dele foram assassinados por uma facção inimiga. E, embora eu deteste me lembrar que o meu noivo já matou e torturou pessoas, todas as vezes em que me lembro dos detalhes que ele me deu sobre como matou o Tiago, fico feliz. Foi meio assustador ver o quanto os olhos dele brilharam com prazer, mas, ainda assim, não posso negar que amei quando ele me disse que o queimou em uma fogueira, como o desgraçado havia tentado me matar. Isso me deixou contente. Sei que meu coração foi corrompido, que sou mais suja do que já fui, mas não me culpo por ficar feliz que meu futuro marido tenha acabado com ele. Foi bem feito!

Desde que minha mãe veio morar com a gente, algumas coisas têm sido um saco, como ela simplesmente deitando na cama comigo todas as noites, e o André sendo obrigado a dormir no sofá.

É claro que eu queria adormecer no peito dele, grudada em sua pele. Mas não vou negar que amo dormir com a minha mãe, e que tem sido importante ficar agarrada nela durante esses dias, para me sentir segura e lidar com o trauma que um segundo ataque do meu perseguidor causou em nós duas.

Minha mãe não troca muitas palavras com o André, mas cozinha para nós dois e cuida da casa, além de ter finalizado todas as encomendas que eu tinha para as minhas clientes. Ela só fala com meu noivo para perguntar do casamento, afinal, desde o dia em que ele pediu para que eu seja sua esposa, começamos a planejá-lo.

E mesmo respeitando a minha mãe, sei que o homem com quem estou a um passo de me casar não aguenta mais ela ouvindo louvor pela casa, ou sentando entre nós dois o tempo todo no sofá ou na cama para fazer crochê, nunca nos dando um tempo sozinhos.

A gente tem fugido dela para conseguir transar no Purgatório, enquanto me recupero da dor causada pela pancada na cabeça, e nem minha coleira de couro eu posso usar em casa, porque ela pode desconfiar. Passei a usar apenas a gargantilha de ouro branco.

Nunca vamos contar a ela sobre sermos sádico e masoquista.

É algo nosso. Ela não entenderia. E nem tem por quê.

Estamos sentadas juntas agora, vendo uma novela da tarde no sofá da sala. Enquanto minha mãe *crocheta* mais um jogo americano, que disse que é um

presente para minha vida de casada, estou pesquisando alguns modelos de bolos de casamento.

— Eu estava pensando, filha... — minha mãe diz, desfazendo algumas tramas do trabalho em tons de azul claro, porque certamente errou algum ponto. — E se eu pegasse um empréstimo no banco para montarmos um ateliê para vestidos de casamento. Eu sei fazê-los muito bem, você sabe...

Reflito sobre sua ideia por um momento, vendo que é realmente boa. Não sei confeccionar vestidos assim, mas ela pode me ensinar, e também podemos contratar funcionários, dependendo de quão grande se torne a demanda.

Minha cabeça começa a fervilhar com ideias, pensando que montar um negócio nosso seria maravilhoso. Minha mãe poderia ocupar a mente, parar de ficar tão enfiada dentro da igreja e se manter financeiramente. Fora que trabalharíamos juntas em algo que amamos: costura.

— É uma ideia muito legal, mãe. — Coloco o celular sobre o braço do sofá, sorrindo. — Mas a senhora sabe que pretendo fazer faculdade, né? Talvez no próximo ano.

Ela dá uma leve murchada, mas, levando em conta que tenho dezoito anos ainda, penso que posso dedicar um ano para levantarmos esse negócio, antes de dividir minha ocupação com uma faculdade.

— Tudo bem.

— Não, espera... — falo, apoiando minha mão em sua perna, coberta pela saia jeans. — A gente realmente pode fazer isso. Montamos um ateliê. Dedico o próximo ano para fazermos funcionar, e, quando estiver tudo mais tranquilo e o negócio andando, começo a faculdade. Assim, a senhora poderá mantê-lo sozinha quando eu for me dedicar aos estudos.

O sorriso que ela dá é lindo. Ela está sempre tão séria... Quando sorri assim, me torna mais feliz. Engatinho pelo sofá até subir de lado no seu colo, deitando a cabeça devagar em seu peito, porque ainda não estou totalmente recuperada.

— Te amo, filha. Estou feliz por estar mais perto de você.

— Também amo a senhora!

Fungo seu cheiro bom de talco misturado a alfazema. Fecho os olhos, agradecendo a Deus por nossa relação ter mudado tanto, por ter evoluído e estar ficando mais saudável. Quando penso em falar mais sobre os planos do ateliê, André nos assusta ao entrar em casa.

Está cedo para ele voltar do trabalho, pois não são nem três da tarde.

Minha mãe não olha na direção dele, enquanto, aos poucos, saio do seu colo. Nunca vai perdoá-lo por ter "seduzido sua filhinha", conforme palavras dela mesma. André está vestindo uma calça de moletom cinza, com uma regata branca que adoro ver em seu corpo, deixando seus músculos, que tanto amo, exibidos. Ele vem até mim e beija minha boca com um selinho, e, quando se demora demais, minha mãe tosse.

Ela é uma mala! Reconheço.

— Boa tarde, tia!

— Boa tarde! — revida apenas por educação, voltando a usar sua agulha em seu trabalho manual. Suas mãos começam a trabalhar com a velocidade duplicada.

Encaro o meu noivo, cruzando as pernas momentaneamente, porque, como temos transado pouco, só de vê-lo assim, tão másculo, fico excitada.

— Boa tarde, Maçãzinha!

— Oi, amor...

Ele olha um pouco para a minha boca, então engole em seco, como se, assim como eu, estivesse subindo pelas paredes. Desvia com dificuldade e olha para a minha mãe.

— Bom, queria levar as duas a um lugar aqui perto. Tenho um presente para a senhora, tia Isaura.

A reação de surpresa é compartilhada entre minha mãe e eu. Sei que ela ergue muros entre o André por puro ciúmes, mas, nesse momento, curiosa demais, ela os derruba e pousa seu crochê no sofá.

— Vou pegar minhas havaianas!

Eu calcei uma rasteirinha, e estou usando uma bermuda jeans, porque está bastante sol hoje. De mãos dadas com meu noivo, com minha mãe do outro lado, atravessamos a rua onde fica o nosso condomínio.

Agora que Tiago está morto, assim como sua quadrilha, não tenho mais medo de andar por aqui sozinha. Às vezes, vou ao mercado, à padaria, e não tenho o menor sintoma de pânico.

Quando começamos a entrar no prédio simples de cinco andares, com apartamentos que, pela fachada, não têm varandas, me pergunto por que meu noivo está nos trazendo à casa do Harry.

Não tem porteiro, tanto que o portão do prédio é aberto por uma chave. Passamos por um hall muito simples, com porta de vidro e chão de madeira. Depois, em total silêncio, subimos um elevador para o quarto andar. Estranho totalmente isso, afinal, o Harry mora no quinto e último.

— Onde estamos indo? — sussurro, vendo o sorrisinho no rosto do André me deixando ainda mais curiosa.

Tem até um friozinho na minha barriga, assim que saímos do elevador. Tem duas portas nesse andar, mas, quando André pega um chaveiro com o número 401, me pergunto se ele comprou um apartamento para nos mudarmos.

— Bem-vinda a sua nova casa, tia! — meu noivo diz, abrindo a porta e deixando espaço para que minha mãe entre.

Fico paralisada, com uma emoção tão grande em meu peito quando vejo o queixo da minha mãe quase caindo. Ela parece uma criança, que, diante de um presente, nem sabe como agir. Mas, mesmo que a passos lentos e desacreditados, ela entra na residência com porta de madeira antiga e marrom.

— Minha? — ela pergunta.

— Sim!

Quando a sigo, quando tento entrar, André me enlaça pelo quadril. A boca dele vem pro meu pescoço e deixa um beijo. Mas, sorrindo e repleta de curiosidade, me desvencilho de sua mão boba, que já começa a descer para a minha bunda, aproveitando a distração da minha mãe. Entro no modesto apartamento. Na verdade, é um estúdio. Tem uma cozinha pequena, uma sala maior e uma escada que conduz a um pequeno quarto.

— Eu não tenho como pagar por isso, Bill!

— É um presente, tia. Eu já comprei para a senhora.

— Meu filho, eu não tenho como retribuir algo assim.

Ver a voz dela ficando emocionada, enquanto, tímida, ela percorre o local observando os móveis simples, porém novos, me faz querer chorar.

Ele comprou um apartamento para a minha mãe! Como não me apaixonar ainda mais por esse homem?

— Tia, a senhora não precisa me retribuir. Entenda isso como um agradecimento por ter me dado minha futura esposa!

Ela sorri e, quando vem até ele, dá um abraço breve, sussurrando um “Deus te abençoe” em seu ouvido. Realmente deixo uma pequena lágrima

escapulir. Minha mãe se afasta, sorrindo com as mãos unidas na frente do corpo, indo até a cozinha.

— Espia só esse fogão lindo, Maria!

Ela fica encantada com o cooktop em cima de um balcão que separa a cozinha da sala. É um momento tão precioso...

— Feliz, Maçãzinha? — André se aproxima por trás de mim, abraçando a minha barriga.

— Você não existe, amor...

— Sabe o que está me deixando mais emocionado nisso tudo?

— O quê?

— Agora vou poder voltar a te foder em todos os cantos da casa!

Solto uma pequena gargalhada, com as bochechas fervendo enquanto sinto sua dureza contra minha lombar. E mesmo que o gesto de dar um apartamento à minha mãe seja nobre, agora entendo que ele quer mesmo é voltar a ficar sozinho comigo.

— Estou ansiosa para isso, futuro marido...



CAPÍTULO 38

Um cisne



Maria

“Eu acho que você é único para mim
Porque fica tão difícil respirar
Quando você está olhando para mim
Eu nunca me senti tão viva e livre
Quando você está olhando para mim
Eu nunca me senti tão feliz”.
Dandelions - Ruth B.

Eu sempre achei que me casaria em uma igreja, com um véu tão longo que arrastasse no chão, como minha mãe dizia que era o jeito mais lindo de uma moça se tornar esposa. Diante do Deus que eu escolhi depositar minha fé, e o único que acredito que exista, eu me tornaria um só com o meu amado, que também seria um presente dele.

Eu estaria pura para ter minha virgindade maculada pelo meu marido.

O quão irônico é que eu esteja mais corrompida do que já ousei sonhar? Não existe pureza em mim. Ouso dizer que jamais existiu. Eu fui criada para ser uma santa, mas dentro do meu corpo sempre morou o contrário: uma pecadora nata.

O lado bom disso tudo é que encontrei a metade perfeita para os meus erros. E a gente ama errar juntos. E queremos ser unidos por nossos pecados para sempre, tanto, que estamos prestes a nos casar.

Hoje, quase dois meses depois de ter encarado a morte pela segunda vez, estou dentro de uma cabana de madeira, esperando a hora de encontrar o meu noivo diante do juiz de paz, usando um vestido que minha mãe fez. E só de pensar nisso, de que ela abençoou minha união com o meu primo fazendo ela mesma o meu vestido, percebo que, mesmo que hoje esteja prestes a me casar

em um sítio no interior do estado, em uma cerimônia simples, estou mais feliz do que imaginei em todas as minhas miragens.

Meu relacionamento tinha tudo para dar errado.

Quando eu sonharia me casar com um ex torturador, frio, que é capaz de ser completamente implacável com seus inimigos? Que matou com requintes de crueldade o cara que tentou acabar comigo?

E quantos elementos são necessários para se desenhar um sonho? Eu imaginava um casamento enorme, com uma limusine que faria as vezes de carruagem, me levando feito uma princesa para o meu príncipe encantado.

Foi tudo ao contrário.

A gente veio para o pequeno sítio repleto de verde, na picape do Josiah, e foram minhas amigas quem me maquiaram e arrumaram meu cabelo. Minha mãe me ajudou a colocar o vestido branco, um tomara que caia em estilo princesa, em tule francês, com algumas aplicações de rendas e pedrarias bordadas na região do busto. A longa saia evasê é um charme a parte. Fiquei apaixonada quando o provei pela primeira vez.

Não uso véu. Minha mãe me preparou apenas uma grinalda que prendeu em meu coque bem elaborado, porque, em seus costumes ultrapassados, eu não sou digna de um, pois já me deito com meu futuro marido.

Mas nem ouso reclamar. O véu é o que menos importa.

Ganhar a benção da minha mãe significa muito para mim.

Aliso a saia do meu vestido. Estou um pouco nervosa, principalmente quando penso em atravessar o curto tapete branco lá fora, e chegar até o arco de madeira enfeitado com rosas brancas, onde já vi pela janela da cabana, que meu noivo está parado.

Isabela dá um último retoque do iluminador em minhas bochechas. Foi ela quem fez meu penteado também. Está linda, usando um vestido rosa claro bem longo, porque é minha madrinha. Minha outra amiga, Ana, está usando um modelo similar e de mesma cor. A Júlia, filha dela, está tão fofa segurando uma pequena cesta de madeira com algumas pétalas de rosas. Seu corpinho roliço está perfeito no vestido de daminha. A mãe dela se abaixa, ajeitando um de seus cachos embaixo da tiara de flores, e quando olho para Ana, ela me dá uma piscadinha e pergunta:

— Como se sente, futura senhora Bill Silveira?

Isso me rouba uma risada. Isabela e Ana amam fazer essa piada com nosso sobrenome, afinal, elas dizem que, se eu acrescentar o sobrenome do André, ficaria Maria Silveira Silveira. As vezes amo e odeio a criatividade dos nossos amigos para piadas.

— E só para constar, o nome dele é André!

— Nem começa! Ninguém vai tirar da minha cabeça que o nome dele é Bill! — Ana retruca, enquanto Isabela guarda o iluminador e resolve dar uma puxada na cortina, fuxicando o lado de fora.

Nosso casamento tem mais pessoas do que imaginei. Afinal, minha mãe fez questão de chamar quase metade da igreja dela. Também tem uma quinzena das minhas clientes de costura do condomínio, que se juntaram e alugaram uma van em conjunto para virem ao meu casamento.

Tem horas que me pergunto se o André não está triste por seus pais não estarem aqui. Reconheço que eu me sentiria mal com a presença do Luís. Eu não quero proximidade com ele, já a tia Vanessa... não consigo deixar de gostar dela. Mas meu noivo não quer mais sua mãe por perto. Me sobrou a opção de respeitá-lo e me contentar com a ausência dela hoje.

— Está na hora, filha! — minha mãe diz. Ela está usando um vestido longo, rosa pálido como o das garotas, mas de modelo diferente. As mangas são longas, e também tem uma gola ao redor de seu pescoço. Não está maquiada. A única coisa que ela deixou, por muita insistência da Isabela, foi passar um pouco de gloss nos lábios, e que Ana fizesse um coque baixo em seus cabelos grisalhos. — Quero que saiba... — Ela vem até mim, toma-me as mãos e olha-me nos olhos. Seu queixo já treme com o esforço de barrar as lágrimas, e isso me faz começar a piscar para conter minha própria emoção. — Que eu me arrependo por ter sido rígida com você, que enxerguei onde errei, e por isso não me intrometo mais em nada sobre a sua vida. Você é minha maior joia, meu maior e mais bonito amor. Estou feliz que esteja se casando com o homem que ama e que parece amá-la também.

— Já passou, mãe! Agora a gente olha para a frente, juntas, porque eu sou muito grata por você ter me adotado, por ter cuidado de mim e te quero para sempre em minha vida! E a senhora não sabe o quanto estou feliz por ter abençoado meu casamento. Eu sei quando é difícil pra você. — Então me abaixo, porque ela consegue ser menor que eu, e a abraço. Eu sinto o carinho que tenho por ela em todos os meus ossos, chega a doer. — E te amo muito!

— Também te amo, Maria! Mais do que tudo nessa vida...

— Isso é lindo, porra! — A voz da Isabela interrompe nosso momento, soando emocionada enquanto elogia.

Minha mãe, apesar de um pouco mais acostumada com meus amigos, faz uma cara feia para a boca suja da Isa.

Quando saímos da cabana, que fica em um pico verdejante e mais elevado do terreno, percebo que estou arrepiada da cabeça aos pés, até tremendo a mão que segura meu buquê de rosas brancas. De onde estou, tenho uma visão perfeita do local da cerimônia, que fica há metros de distância, depois de um muro feito de arbustos, por isso eles não conseguem nos ver. Quando observo o meu noivo, começo a suar. Droga! Espero mesmo que essa maquiagem seja à prova d'água, ou vou chegar no altar parecendo uma boneca de cera!

André, está no altar elegante e singelo, feito apenas por um arco simples adornado com trepadeiras e flores brancas, além uma mesa de madeira rústica. Está usando um terno preto, e isso o deixa tão sexy. Ele podia me deixar mordê-lo na lua de mel... Brigo com meus pensamentos! Não quero chegar no altar com a boceta molhada...

As mãos do meu amor estão cruzadas na frente do corpo, e mesmo que seu rosto inteiro esteja sereno, o jeito como se balança é a maior denúncia de sua ansiedade.

— Tá de óculos escuros para ninguém te ver chorar, né?! — Ana comenta, enquanto se apressa com a Júlia, alfinetando o Harry.

— Qual foi, Surtada? — Harry pergunta, tirando o óculos e levantando, pousando-o no topo de sua cabeça. — Tá me marcando agora?

— Não posso nem opinar, chorei feito um bebê quando casei com a minha Ana — Josiah diz, dando uma piscadinha para a esposa.

— A gente sabe que você vai chorar, cara! — Nate segura no ombro do Harry, por cima de seu terno cinza. — Eu trouxe isso para você.

Do bolso de seu paletó, Nate retira um lenço e oferece a ele.

— Soca no teu cu! — nosso amigo retruca, e ver que ele retirou a maioria dos piercings no rosto para o dia de hoje é bem lindo, não que eu visse problema nos piercings, Ana é que encheu o saco para ele tirar, deixando apenas o da sobrancelha. — Tu chorou igual um bebê no teu casamento. Eu taquei na tua cara?

— Mas era o meu casamento! — Nate fica vermelho feito um pimentão enquanto revida o nosso amigo. — Espere só até ver como você ficará no seu.

— Rá! Eu nunca vou me casar! — Harry retruca.

— A mãe de vocês não lhes deu educação? Que feio! Um bando de marmanjos falando todos esses palavrões... — É impossível não rir quando os dois abaixam a cabeça para a bronca da minha mãe. — Deixem para brincadeiras outra hora! Todo mundo em suas posições porque quero casar minha filha!

Nossos amigos se posicionam diante do tapete branco, obedecendo a ordem da mulher ao meu lado. Isabela apoia o antebraço sobre o do marido, porque são o primeiro casal de padrinhos a entrar na área da cerimônia, que está toda privativa por ser cerceada pelo muro de arbustos, deixando aberto apenas a entrada por onde irei passar, entrando direto pelo tapete.

Foi a coisa mais incrível do mundo quando André convidou o Nate para ser nosso padrinho junto com a Isabela. Isso não partiu de mim. Veio do meu noivo, e quando a minha amiga me contou que o Nate aceitou, eu quase chorei. Sou testemunha de uma amizade completamente improvável entre dois caras muito casca-grossa, que jurei que jamais se aturariam, porque abertamente se detestavam. Sei que o maior passo para os dois se tornarem "colegas" foi no dia em que o nosso vizinho ajudou o meu futuro marido a salvar minha vida. Dali em diante, eles baixaram a guarda um com o outro.

Ouço um violinista começar a tocar uma melodia tranquila, quando Ana posiciona a filha para entrar primeiro. E a criança obedece. Não consigo ver sua entrada de onde estou. Mas, embora completamente trêmula, arfante e ansiosa, nunca estive tão feliz, de braços dados com a minha mãe, a única e verdadeira pessoa que tem o direito de me levar ao altar. A quem devo tudo! E quando olho para o lado, quando olho para o rosto dela cheio de orgulho, não me contenho e deixo um beijo em sua bochecha, maculando-a com o batom nude. Ela dá um sorrisinho tão leve, que faz meu coração esquentar.

Mesmo que minhas pernas estejam bambas, e o ritmo cardíaco completamente descompensado, me obrigo a ficar calma, observando Isabela me dar uma piscadinha, depois se virar para frente, e junto ao marido, ir em direção a entrada. Depois, Ana e Josiah entram também. Harry aguarda num canto, porque sua função em nosso casamento é outra.

Quando a música muda, é impossível conter meus olhos de inundarem. Sob as cordas de um violino, *Dandelions*, da Ruth B., parece ainda mais lindo.

Eu quase travo, mas feito o leme perfeito, minha mãe me guia para dentro.

É estranho quando piso no tapete branco, quando cada nota da música, que acho perfeita para definir meus sentimentos mais nobres por aquele homem do outro lado do tapete, parece acariciar os meus ossos.

Os convidados, de pé, encaram minha mãe e eu com sorrisos largos e olhos marejados, mas é como se o mundo inteiro fosse movido para um efeito desfocado, e a imagem do André diante de mim fosse ampliada mil vezes. Os flashs dos fotógrafos espalhados ao redor, registrando o momento, nem me incomodam, as vozes, a música, os olhos emocionados das minhas amigas ao redor do noivo, tudo fica em segundo plano.

São aqueles olhos escuros, me encarando com o jeito apaixonante e sombrio que só ele tem, o que realmente captura minha atenção. Eu quase esqueço como respirar, minhas pernas, parecem que se desligam propositalmente e querem parar de se mover, o fazendo apenas porque minha mãe não me deixa paralisar.

Quando finalmente chegamos diante do altar, entrego o meu buquê a Ana, enquanto minha mãe gentilmente entrega minha mão a do meu noivo. Imagino que ela vá se posicionar ao lado do Josiah, mas, antes disso, ela se inclina para o André:

— Cuida bem dela! Estarei de olho.

— Com todo o prazer do mundo.

O tom de voz dele é tão sereno e sussurrado, que um arrepio toma a minha nuca. Sei que minha mãe fica feliz com o que houve, e principalmente por ter deixado claro que vai marcar em cima para ver se ele está sendo bom para mim, mas essa voz gostosa dele me fez mesmo foi ficar ansiosa para quando estivermos sozinhos.

Eu sinto o calor da pele dele contra a minha, quando entrelaça nossos dedos e nos viramos para o juiz de paz. É um senhor alto, esbelto, de rosto ossudo e olhos fundos. Fala com uma voz potente e uma dicção impecável, começando a cerimônia que vai me unir ao homem que amo.

— Você está, mais do que nunca, se parecendo uma deusa — André sussurra próximo ao meu ouvindo, surpreendendo-me.

Mordo um sorriso enquanto tento manter minha atenção nas palavras do juiz, mas não antes de agradecer com um sussurro. O discurso dele é lindo, fala sobre amores que surgem apenas uma vez na vida, que são implacáveis, capazes

de passar por cima de tudo, dos julgamentos, da dor, do que estiver no caminho para ser vivido. Um amor que só se importa em ser livre para ser explorado.

André está apertando os dedos nos meus, com seu cheiro perfeito sendo soprado pela brisa do vento direto para as minhas narinas. Sei que ele está sendo atingido por cada palavra desse discurso perfeito, assim como eu. Eu sinto a mão dele vibrando, esquentando, porque ele está tentando prender o choro.

Já no final de suas considerações, o juiz fala que não tem problema não querer fazer votos públicos, quando as juras de amor são vividas a dois. Mas é nesse segundo que meu noivo solta minha mão.

— Eu gostaria de fazer meus votos apenas no ouvido dela, se for possível...

Meus olhos arregalam e momentaneamente fico gelada. Encaro o celebrante, que, assim como eu, parece estar com todos os parafusos do cérebro rangendo para recalcular a rota.

— Não vejo problemas. Fique à vontade!

Engulo em seco quando André segura meus ombros com suas duas mãos. Meus olhos, assustados e ansiosos, desviam do seu peito, para o bolso do terno que carrega uma rosa branca, em seguida, para o seu rosto. Seus olhos estão marejados, e com um sorriso tímido e as sobrancelhas acanhadas, aproxima a boca do meu ouvido:

— Talvez, um dia, em algum lugar do mundo, alguém conte uma história sobre uma deusa que fugiu da morte durante a madrugada, que procurando um anjo, caiu nos braços de um terrível demônio. — Eu consigo sentir que estou muito perto de um ataque do coração, com a respiração estagnada a ponto de os pulmões doerem, de tanto que essas palavras me deixam ansiosa. Ele me disse que não faria votos. — Dizem as más línguas que anjos caídos não sabem amar. Mas o mundo foi testemunha que um homem destruído e amaldiçoado por Deus se apaixonou por uma deusa. Ele entregou seu coração incinerado e feito de cinzas a ela, e, com seu poder profano, ela o tornou vermelho, cheio de vida, voltando a bater por desejar uma vida ao lado dela. Você é a minha deusa! Minha única religião. A mulher da minha vida. Eu cometeria todos os pecados do mundo por você. Eu quero ficar contigo para sempre, realizar seus sonhos, te fazer sorrir. Espero ser digno da divindade que é você.

Penso que, após fazer seus votos de casamentos lindos e tortos como tudo nele, que vai se afastar, olhar nos meus olhos, mas chutando o balde e

literalmente pouco se lixando por estarmos em público, André encaixa sua boca em meu ombro e dá uma mordida que contém muito mais significado do que força.

Eu estou uma mistura de tudo: chocada por ele me morder após seus votos, e emocionada por cada palavra linda que ele me disse. Esse homem é a única pessoa que consegue silenciar os monstros na minha mente berrando que sou insuficiente, feia, desengonçada. E não importa quantas pessoas me digam que eu sou bonita, minha baixa autoestima foi cravada a fogo na minha pele por minhas irmãs, fortalecida pelo bullying na igreja e na escola. Ele é o único ser vivo que faz eu me sentir linda e desejada. E eu o venero por isso.

Tem um certo choque entre os convidados ao nosso redor, enquanto meu noivo afasta a boca do meu ombro. Meu rosto está fervendo tanto, que devo estar parecendo um tomate. Evito olhar ao redor, para não travar, enquanto, mesmo insegura, me aproximo do ouvido cheiroso do meu noivo, meu dono e meu amor:

— Uma vez, a minha mãe me disse que você era a minha única salvação. Naquele dia, eu não fazia ideia de que ela estava completamente certa. Eu estava presa em uma gaiola, sentenciada a morte, e você me salvou. Você me mostrou que eu não sou errada, me ensinou a usar o meu vício em dor de um jeito seguro, de um jeito bom. — Sei que não deveria tocá-lo assim, me encostar tanto nele enquanto falo, com nossos peitos grudados, mas estou enfiando minha mão esquerda na nuca dele, fazendo carinho enquanto falo. — Você me tornou sua, e mesmo sendo sua posse, saiba que jamais fui tão livre. Você realmente me liberou de uma prisão que existia na minha mente. Eu pude ser eu, como sempre quis. Eu também me olhava no espelho e tudo o que costumava enxergar era uma patinha feia. Então encontrei você, que me olha como se eu fosse um cisne. E realmente me faz acreditar nisso. Você é precioso, André, algo raro e que é somente meu! E quero tudo o que você puder me dar. Seu lado bonito, mas também suas sombras. E fico feliz por saber que não foi só você que me salvou, que eu também te salvei. Quero envelhecer ao seu lado, sendo sua, até o fim. E talvez após ele.

Quando me afasto de seu ouvido, vejo que ele está chorando, e mesmo que uma lágrima escorra da sua bochecha, meu noivo ainda mantém a pose de fodão e não dá o braço a torcer. Apenas a limpa, pega minha mão e se vira para o celebrante. Sei que demos um bug total no sistema do juiz, porque ele até demora a voltar a si.

— Vamos as trocas das alianças então...

Olhamos para a entrada, quando Harry entra com uma almofada vermelha carregando nossas alianças. Não tinha ninguém mais perfeito. André me disse que queria que fosse seu amigo, pois Harry lhe disse que eu era seu encaixe perfeito, o estimulando a ficar comigo.

Estiloso, mas com os óculos escuros escondendo o rosto, ele chega até o altar. Sorri largamente para nós dois, enquanto, meio desengonçados, pegamos as alianças e trocamos sem dizer mais nada.

O juiz segue o rito, perguntando se estamos nos casando por livre e espontânea vontade, até por fim nos declarar marido e mulher. André nem o deixa terminar de falar, me beijando antes que a frase liberando que meu marido o faça seja finalizada.

Eu já provei sua boca centenas de vezes, mas beijá-lo como meu marido tem um sabor diferente. Como se ele fosse ainda mais meu. E nem nos sonhos mais bonitos onde me imaginei casando, foi tão perfeito assim!



CAPÍTULO 39

Esse lado...



“Cale a boca e me percorra como um rio
Contos de um coração eterno”.
River - Bishop Briggs

Após a cerimônia do casamento, nos acabamos na pista de dança. Eu nunca fui de dançar assim, ainda mais em público, mas a alegria da Maria e dos meus amigos me deixou feliz e acabei me jogando. Até a minha sogra arriscou uns passinhos com nossas músicas de Rock. Foi engraçado ver ela sem jeito, com aquela cara fechada, dançando *I Wanna Be Your Slave*, do Måneskin junto com a filha.

Minha esposa dançou tanto, que dormiu toda a viagem de carro para Búzios. Quando estaciono em frente a recepção imensa da pousada de madeira marrom e vidraças grandes, aliso sua bochecha linda. Está tão serena, com os lábios levemente entreabertos, em um sono profundo.

— Ei, Maçãzinha...

Ela desperta devagar, usando um vestido lindo, branco, que chega até o meio das coxas gostosas. O que mais gostei nessa roupa, é que é amarrada no pescoço e deixa seus ombros à mostra.

— Chegamos?

— Sim!

Ela se espreguiça, esfrega os olhos e depois olha ao redor. Seus olhos parecem crescer, e animada, ela desce do carro. Com um sorriso torto, observo ela indo na minha frente para dentro da recepção. Está ansiosa. Nunca viajou.

Pego nossas malas, depois entrego a chave do carro a um manobrista. Enquanto preencho as nossas fichas como hóspedes na recepção com pé direito

alto, piso em um porcelanato branco que brilha ao extremo, Maria tira foto de tudo, até dos enfeites espalhados pelo salão.

Um funcionário leva nossas malas para o quarto, e mesmo que Maria queira ver tudo na pousada agora, estou cansado pra caralho e querendo dar algo a ela.

— Você vai ver tudo pela manhã. Já é madrugada e estou cansado. — Enquanto ela fecha o rosto, brava, parando no meio de um corredor repleto de portas, a enlaço pela cintura e sussurro em seu ouvido. — Me obedeça, esposa! Não queremos o castigo em meio a lua de mel, né?

Ela bufa, depois deita a cabeça em meu ombro, cedendo. Está suada e cansada, mas a ansiedade dela a está mantendo de pé. Seguimos de mãos dadas para a nossa suíte. É bonita, com uma pequena saleta como hall de entrada, com um sofá de madeira e bancos acolchoados, um tapete com estampa tribal e algumas decorações bem praianas. Já o quarto, é imenso. Tem uma cama de casal decorada com lençóis brancos e pétalas de rosas vermelhas, com dois cisnes feitos de toalha por cima, além de ter um balde de champanhe em uma das mesas de cabeceira. É tudo em uma madeira escura, dando um ar rústico, mas cheio de características que lembram verão e dias ensolarados, como quadros com marinas, um espelho redondo de parede com o formato de uma boia, remos aqui, conchas em potes ali. Em frente a porta da sacada, uma banheira de imersão branca fecha tudo com chave de ouro.

— É maravilhoso! — minha esposa elogia, enquanto o funcionário se despede de nós com um sorriso. — Olha essa vista!

Maria corre para a varanda, vendo a praia, mesmo que escura e banhada por uma lua cheia que inspira malícia e noites românticas. Tiro a camisa, depois pego a garrafa de champanhe e me aproximo vagarosamente dela.

— Gostou?

— É magnífico!

Maria se vira para mim, com os olhos brilhando mais que as estrelas espaçadas que enfeitam o céu.

— Não mais que você! Agora, para tornar esse cenário mais perfeito, vou te dar algo que você gosta muito, então se ajoelha e abre a minha calça!

Minha Maçãzinha lambe os lábios inferiores, e obediente como é na maioria das vezes, faz exatamente o que mandei. É só ela colocar as mãos na minha calça jeans, que meu pau fica duro pra cacete. E quando ela abre o zíper e

abaixa a roupa, fico só de cueca, dando um jeito de chutar a calça jeans. Por fora da minha peça íntima, minha mulher aproxima a boca e morde a região onde a cabeça do meu pau está.

A luz da varanda está apagada, e como as paredes laterais que separam ela dos apartamentos do lado nos dão privacidade, não tem problema que ela me mame bem aqui. Enquanto a safada passa a língua pelo tecido, me fazendo ficar na ponta dos pés e me arrepiar inteiro, dou um jeito de abrir a garrafa de bebida. A rolha voa pelo ar, com o barulho oco assustando um pouco a minha esposa. Sorrio. O medo nela é sempre um combustível pro meu tesão. Montes de champanhe vazam pela boca da garrafa, que levo aos lábios e tomo um largo gole. Enquanto ela continua massageando meu pau sem tirar a cueca, derramo o líquido saboroso pela minha barriga, molhando minha cueca, deixando que caia sobre o rosto de santinha dela.

— Agora bebe essa porra direto do meu pau! — ordeno, e sem paciência, abaixo de vez o meu traje, fazendo com meu pau salte bem na cara dela.

Derramo mais bebida sobre ele, sentindo a temperatura gelada me deixar mais excitado. Sem perder tempo, Maria começa a lamber ao redor da minha pica. Sua língua quente contrasta com o gelo da bebida. E quanto mais derramo, mais ela tenta lamber.

— É tão gostoso, amor.

— Então mete ele na boca! — Maria sorri, olha-me por cima dos olhos, querendo me tirar do sério, fazendo meu pau latejar. Ela desce a boca para as minhas bolas, tentando sugar toda a champanhe que se acumula nelas. Mas eu não gosto de desobediência. Com a outra mão, agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás. — Abre a boca, Maçãzinha! — Sedenta, me olhando com a fome nos olhos que costumo encontrar nela quando está doida para ser fodida, ela obedece. Derramo a bebida em sua boca. — Agora cospe no meu pau e engole ele!

Empurro sua cabeça com tudo contra a minha pica, e após ela cuspir, quando ela a mete na boca, jogo a cabeça para trás e arfo. Isso é bom pra caralho. Essa boca carnuda, macia, suga meu pau como ninguém. E quanto mais ela engole, já adestrada o suficiente para meter minha rola no fundo da garganta, mais eu engulo em seco, e começo a sentir meu pau vibrar. Ela não me chupa, maceta meu pau com sua boca. Suga, mexe a língua com ele dentro da boca, e sufoca com minha pica quando eu começo a socar sem dó. Não demoro muito e

acabo sentindo meu pau inchar, desaguar dentro dela rios de porra, enquanto gemo de tesão, agarrando seu cabelo com força só para conseguir socar mais fundo na garganta dela, para ver ela engasgar enquanto bebe minha porra. Assim que meu pau começa a doer porque já jogou tudo pra fora, começo a puxá-lo da sua boca.

— Gostou?

— Sim — fala, sem ar, vermelha e toda molhada de champanhe e porra. — Sua goza foi o ingrediente perfeito para o nosso brinde de lua de mel.

Instigado por essa frase, me ajoelho, pouso a champanhe no canto e a puxo com tudo, até que caia de costas. Tiro sua calcinha sem a menor delicadeza, depois seguro sua bunda e puxo sua boceta até a minha boca. Dou a surra de língua que ela merece, sugando da fonte o mel que tanto gosto. Nem vou ousar tacar champanhe e tirar o gosto que essa bocetinha tem. Meto a língua dentro da sua carne úmida, e que por mais que eu meta até que fique toda cortada, continua sempre apertadinha.

Maria geme, aperta minha cabeça enquanto eu sugo seu clitóris, e quanto mais acelero os movimentos da minha língua, mais ela se contorce, e quando joga o quadril pra cima, quando começa a sambar embaixo de mim, sorrio sem parar de lamber. A chupo até que o último espasmo grite que é o fim do seu gozo. Só quando ela começa a empurrar minha cabeça é que eu paro. Mas não lhe dou descanso, já duro novamente, eu a viro de quatro, agarro seu cabelo e me enterro dentro dela até o talo, até minhas bolas baterem nela.

— Agora você vai olhar esse cenário que tanto sonhou a madrugada inteira, mas com teu marido socando dentro dessa boceta até o raiar do dia!



Tem dois dias que nos casamos.

Dois dias em que vejo esses olhos lindos, da mulher que amo, brilhando a cada coisa diferente que ela vê.

Quem diria que eu, o cara trevoso e de coração ferrado, se apaixonaria por uma garota mais nova, se casaria e em pouco tempo estaria assim, feito um bobo,

admirando cada sorriso dela?

Como explicar todas essas mudanças em mim?

Para começar, eu sempre odiei tomar sol, mas estou sentado em uma cadeira de praia, olhando minha esposa parecendo uma criança, mergulhando e tentando “cortar” as ondas, mas, volta e meia toma um caixote e se espatifa na areia.

Não quero acabar com a diversão dela, e, enquanto tomo minha cerveja, resolvo filmá-la alegre assim, e mandar para a sua mãe. Depois que termino a gravação, percebo o quanto meu coração está tranquilo.

Vejo que está saindo da água, e desengonçada, balança o biquini na parte de baixo, tentando tirar a areia acumulada pelos caixotes. Como não rir dessa porra? Ela é muito fofa!

— Meu Deus! Isso é tão divertido! — ela fala, sentando-se na cadeira ao meu lado, com o cabelo molhado e áspero pelo sal da água do mar. — Eu amo a praia.

— Eu amo você ainda mais quando está na praia!

Encaro suas bochechas vermelhas, porque, mesmo que passe protetor, acaba assim. Seus olhos cerrados pela claridade me conquistam, e me aproximando, dou-lhe um beijo contaminado pela cerveja. Ela não recua, não liga para o sabor que não gosta tanto, na verdade, suga minha língua e sorri entre o beijo.

Estou de bermuda.

Nada de sunga.

Não quero que o povo veja meu pau duro. Afinal, é impossível vê-la andando de biquíni e não ficar excitado feito um adolescente punheteiro.

— Estou ansiosa para fazermos o mergulho amanhã... — ela começa a falar, enquanto pega sua água de coco em uma mesinha de plástico ao seu lado.

E por mais que seus lábios lindos se movam, acabo pensando em tudo o que quero fazer com ela. Tem tantos lugares para onde podemos ir. Investi uma parte da minha grana em uma franquia para o Ravina, onde pessoas nos pagarão para usar a nossa marca, que fica cada vez mais famosa na internet. Se der certo, vou ter mais lucro sem tanto trabalho, e assim, poder viajar mais com minha mulher. Mesmo que agora ela esteja investindo o tempo no ateliê que montou com a mãe, e que ainda pretenda fazer faculdade, sei que vai dar para conciliar as datas e irmos juntos rodar o mundo.

Quero levar ela para ver a neve, a aurora boreal, o festival das lanternas na Tailândia. Tem tanta coisa que ando planejando para nós dois, tornar real os sonhos perfeitos que ela me disse que mantém dentro da sua mente, mas, por enquanto só podemos tirar férias duas vezes no ano e nada muito longo, por causa do Ravina e do novo trabalho dela ao lado da minha tia.

— Você está branco! — Ela ri, enfiando a mão no meu peito e deslizando, tirando uma camada de protetor. — Por isso não gosta de tomar sol, né?

— Sim! Tenho tatuagens demais. Não quero que desbotem. Imagina o trabalho que daria retocar todas elas... — explico, pegando sua mão e a trazendo aos meus lábios. Encaro a aliança grossa de ouro em seu dedo pequeno, a aliso e depois beijo o dorso da sua mão. — Você está muito gostosa bronzeadinha.

— Não estou bronzeada. Na verdade, estou vermelha.

Querendo comprovar minha tese, vistorio os arredores, vendo se a trupe de pessoas ao nosso redor curtindo o dia de sol na areia, pode ver o que vou fazer. Mas tá todo mundo perdido em seu descanso, curtindo sua vida. Então não me contenho, deslizo o meu dedo pela alça do seu biquini vermelho, vendo a marquinha sútil deixada por ele em sua pele branca.

— Não quero saber se vai ficar ardida do sol, quando voltarmos pro quarto, vou chupar tanto esses peitos, que você nem vai conseguir colocar um biquíni depois!

— Estou salgada! Não vai ser gostoso... — ela brinca, depois morde os lábios inferiores e sorri.

É um sorriso safado, que me faz querer socar o pau em seus lábios grossos, acostumados a me sugar com maestria.

— Eu decido isso! — respondo, retirando a mão do seu biquini, depois dando mais goles em minha bebida.

Tem muito tempo que não fico leve assim. Que não tenho um músculo sequer contraído de raiva, de ansiedade. E nem ando tendo a sede de sangue que costuma me consumir. Eu realmente estou calmo, vivendo o momento mais suave da minha vida nos últimos anos. Tudo graças a essa mulher do meu lado.

Não faremos sessões esses dias. Castigos, só se ela me desobedecer de um jeito bem irritante. Pretendo que essa primeira parte da nossa lua de mel seja romântica. Ela já não casou virgem como queria, então, tentarei ao menos dar leveza a ela, dentro do que consigo, já que a fodo feito um cão no cio sempre que entramos em nosso quarto.

— Você está feliz?

Sua pergunta me surpreende.

— Mais do que já sonhei ser, linda. E você?

— Não dá para ver em meu rosto?

— Dá, sim!

— Você não vai entrar na água? — pergunta, debruçando-se sobre mim e olhando para o balde de cerveja na mesinha enterrada na areia ao meu lado.

Ela é uma putinha safada! Está disfarçando! Quer se encostar em mim, e quando se afasta, mas vai arrastando a mão pelas minhas pernas, despretensiosamente encostando no meu pau, reconheço que amo essa sua versão, provocativa, desinibida.

— Não quero tirar meu protetor. — Dou de ombros. — Quer cerveja?

Ela nega e me fita nos meus olhos, sei que deseja algo, porque é aquele olhar de cachorro pidão.

— Vamos na água comigo? — pede, fazendo um bico fofo que queria poder morder. Talvez eu morda. — Queria aproveitar a água com você.

Penso em negar, mas então me lembro que é nossa lua de mel. Quando deixo a lata de cerveja ao meu lado e me levanto, o rosto dela se ilumina ainda mais. Sorrindo, ela agarra minha mão, depois, vamos juntos para o mar.

Eu não fazia ideia que existia esse lado em mim.

Talvez ele não existisse mesmo.

Talvez tenha nascido com essa Maçãzinha.





CAPÍTULO 40

A caçada



Maria

“Baby, serei seu predador essa noite.
Te caçarei, te comerei viva”.
Animals - Maroon 5

Estamos há três dias em uma cabana linda, cerceada por uma mata densa, integrados na natureza. Começamos nossa lua de mel na praia, por lá viajamos de lancha, mergulhei com peixinhos, e descobri como é tomar um “caixote” das ondas e ficar com a calcinha cheia de areia.

Cada nova coisa que vivo é mágico. É como bater as asas e finalmente poder viver, ver o mundo, coisas novas, como sempre sonhei.

E, nossa, eu sou casada! Às vezes, me pego pensando nisso, na imprevisibilidade da vida. Porque, no começo do ano, eu não fazia ideia de que terminaria ele assim, me tornando esposa do meu primo, me descobrindo masoquista, usando uma coleira e beijando os pés dele com orgulho.

E amo minha aliança, é incrível como é realmente algo ainda mais importante que as coleiras que tanto amo usar. A todo momento, eu ergo a mão na frente do rosto e a admiro. Também gosto quando a mão imensa do meu marido está no meio das minhas pernas, quando olho e vejo a aliança dele brilhando, dizendo que ele é tão meu quanto sou dele. Oficialmente somos um do outro.

E, céus, a gente estava transando tanto, que acho que ele até cansou. Minhas partes íntimas estão doloridas ao extremo. Meu corpo, repleto de marcas de mordidas e chupões; minha boceta, toda cortada, porque não importa quão molhada eu fique, é sempre difícil quando o pau dele começa a entrar, até que finalmente eu me molde ao seu redor. Mas tem dois dias que não transamos, algo pelo qual estou momentaneamente grata, afinal, preciso de algum descanso.

Ficamos uma semana no litoral, e agora viemos para a serra terminar a lua de mel. O que também é maravilhoso, pois acordo bem cedo com o canto dos passarinhos, nessa cabana alugada em modelo triangular, com decoração rústica e aconchegante. Amo tomar café enquanto encaro o verde, sentindo o cheiro das árvores, o ar limpo desse lugar. Eu só não gostaria de morar aqui, porque não quero ficar longe dos nossos amigos ou da minha mãe.

André me disse que já veio para cá várias vezes. E eu logo quis saber se trouxe alguma mulher, o que certamente teria arruinado nossa lua de mel, mas meu marido negou. Ele disse que não me levará em locais onde esteve com outras, que quer criar memórias apenas nossas. Também contou que, às vezes gostava de se desligar de tudo, ficar sozinho, caçando animais no meio do mato com sua besta. Quando não ia acampar, alugava isso aqui.

Todos os dias, de manhã cedo, ele se enfia no mato para fazer trilha. Disse que conhece os arredores como ninguém, o que me deixou mais tranquila, porque ficava preocupada dele se enfiando entre essas densas árvores sozinho. Às vezes, esqueço que ele já foi do exército, que sabe se virar no meio do mato muito bem. Acho sexy quando ele volta, todo suado, e fico me segurando para não voar nele, excitada por seu corpo inteiro molhado, marcando as regatas brancas que costuma usar.

Ele não fez sessões comigo em nossa lua de mel, me deu apenas uns tapinhas durante nossas transas. Acho que ele quis forcar mais no romantismo desses dias. Não que ele seja tão romântico assim...

Acabei de tomar banho, e estou nua, terminando de aplicar um pouco de óleo nos meus seios. É um saco que, depois das injeções contraceptivas, eles cresceram um pouco, o que me rendeu estrias. Minha mãe cismou que estou grávida quando mandei um áudio contando a ela e perguntando o que eu devia passar para amenizar, e sugeriu que usasse óleo neles. Então estou passando, mas acho que ela anda delirando. Eu tomo injeção religiosamente todos os meses, e morrendo de medo de estar mesmo grávida e meu marido ficar bravo comigo, fiz dois testes de gravidez escondidos do André, enquanto estávamos no litoral, daqueles de farmácia. E não estou esperando um bebê. Aqueles malditos testes só serviram para me deixar chateada. Tive, por alguns poucos momentos, a esperança de que pudesse estar grávida. Criei cenários na minha mente, e depois eu mesma os desfiz. Aceitei ficar com o meu marido sabendo que é um limite doloroso para ele pensar em filhos. André não quer ser pai novamente. E não

quero dar um filho a ele sem que consinta, que deseje isso. Também não vou me iludir, acreditando que um dia ele mudará de ideia. André não vai.

— Hum... Esses peitos ficam mais bonitos cheios de óleo assim. — Ele está com o ombro apoiando na armadura da porta.

Como estou diante de um espelho vintage e oval, com pés de madeira, observo o reflexo dele, agora caminhando até mim, parecendo segurar algo em suas mãos, que estão escondidas atrás do corpo. Sinto ele quase grudando seu peito em minha cabeça, quando ouço algo caindo no chão acarpetado. Penso em olhar para baixo, mas algo em seu olhar me faz travar.

É um olhar estranho.

Visceral.

Cheio de fome!

— Levanta os braços e coloca as mãos na parte de trás da cabeça, Maria!

Por um breve segundo, eu encaro o reflexo dos meus próprios olhos. Minhas pupilas se dilatam como se eu encarasse a coisa mais valiosa do mundo inteiro.

Vamos fazer uma sessão!

Só de pensar nisso, enquanto subo os braços e obedeço, tenho que grudar as pernas e esfregá-las, de tão excitada que fico. A mão dele vem para a frente da minha barriga, passando um enorme cinto de couro preto por ela. É um adereço grande, cobre parte da minha barriga. André o fecha por duas fivelas na parte da frente.

Estou emocionada, com a pulsação descompensada, a respiração falhando, porque quero tanto isso, que ele me bata, me morda, que me faça sentir dor e então prazer.

— O que faremos? — Acabo me rendendo à curiosidade, depois comprimo os lábios, sentindo meu marido se abaixando e pegando algo que havia deixado cair no chão. — Quais práticas?

— Uma role play. Sabe o que é, linda?

Assinto, observando todos os músculos brilhosos dele se delineando conforme ele coloca um cinto de couro no alto da minha coxa. É bem mais fino que o da barriga, parecendo até mesmo uma cinta liga, mas tem fivelas e argolas de metal. André faz o mesmo na outra perna, e quando me olho no espelho, me sinto tão gostosa usando isso, que cada pequeno pedaço do meu corpo esquenta.

— A role play é um jogo no qual interpretamos papéis. Como se fôssemos personagens.

— Muito bem, Maçãzinha. Você é tão espertinha! — André, trajando apenas uma calça jeans, com as barras dobradas na altura das panturrilhas, se abaixa e roça sua ereção na minha bunda, com vontade, enfiando suas mãos imensas no meu quadril. — Hoje faremos o meu jogo favorito. Eu quero você apavorada, lembrando que, não importa que seja minha esposa, você ainda é minha posse, minha masoquista, para eu te degradar, machucar, e depois fazer chorar de tanto prazer. Então, agora coloca suas mãos para trás e abaixa a cabeça, mantendo seus olhos no chão. Fique em total silêncio!

Engolindo em seco, tento não sorrir. E escondo o rosto enquanto observo os meus pés, porque estou animada, quase em abstinência desse lado dele. Quando coloco minhas mãos para trás, sinto-o deslizando uma algema de couro por meu pulso, depois seguindo o ritual no seguinte. Quando ele prende as algemas na parte de trás do meu cinto, puxo um pouquinho as mãos para sentir o quanto estão presas. Pelo visto, tem argolas na parte de trás, onde ele prendeu as algemas.

André passa uma venda em meus olhos e um fio gelado de medo engatinha por minha espinha. Meu marido segura meu antebraço com um apertão firme e, calmamente, guia-me pela casa.

O que ele vai fazer comigo? Uma role play pode ser de tantos jeitos. Fingir que sou a seu pet, ou uma empregadinha, tantas coisas. Mas é quando meus pés encontram um terreno diferente que começo a me preocupar. É arenoso. Estamos no quintal. Eu não falo, não questiono, aceito bem meu lugar em nossa relação. E quando o chão vai ficando cada vez mais úmido, quando sinto a vegetação roçando os meus pés, o cheiro da mata se tornando cada vez mais forte, entendo que ele me trouxe para o meio do mato.

Meu coração está mais acelerado do que poderia, uma trilha longa de suor percorre minha espinha. Quanto mais andamos, mais nervosa eu fico. De repente, após uma longa caminhada, paramos. Estou respirando pela boca, com olfato e audição mais apurados do que nunca, já que a visão está comprometida.

Sinto o meu marido me abraçando por trás. O toque quente das suas mãos, sua respiração sendo soprada em minha pele, o beijo em meu pescoço: tudo me reconforta por alguns segundos e faz meus músculos relaxarem um pouquinho.

— Então, amor, hoje a gente vai brincar de caçador e presa. — Sua voz rouca e sedutora eriça todos os pelos do meu corpo. Meu coração quase para, com minhas células inteiras entrando em pânico com o que ele quer que façamos agora. — Você vai ser a caça, e eu serei o monstro que, se te pegar, vai te comer inteira.

Sem nem avisar, André retira minha venda. Estamos no meio de uma minúscula clareira rodeada de árvores imensas, com um chão úmido pela chuva recente. Meus pés estão sujos de lama, e quando olho para essa mata densa nos rodeando, fico apavorada. Meus olhos umedecem, mas sei que o meu marido está bebendo cada reação.

— Não sei o que tenho mais vontade de lamber: as lágrimas que você vai soltar, ou sua boceta, que deve estar molhadinha. — Morde o lóbulo da minha orelha após murmurar. — Ajoelhe-se!

Meu corpo despenca sozinho, sendo mais fiel ao meu marido do que minha mente medrosa queria ser. Eu queria correr agora mesmo, voltar para a cabana, por mais que meu lado podre e safado queira viver isso tudo.

Mas o que mais me apavora não é o mato, suas palavras sobre me perseguir, ou pensar no quanto terei que correr em meio a um bioma do qual tenho medo. É o fato do meu marido parar na minha frente e pousar o objeto que considero apavorante abaixo do meu queixo.

— André... — Meus olhos escorrem, e tenho que engolir o soluço querendo escalar minha garganta.

— Tsc Tsc! — repreende com calma, deslizando a lâmina afiada para cima. Quando ele arrasta o objeto até a minha bochecha, quase grito, mas percebo que, feito um animal sedento por esse líquido que tem facilidade de arrancar de mim, ele leva a faca à boca e lambe a lágrima grudada nela. — Eu disse para você ficar em silêncio... Agora, coloca a língua para fora!

Quero hesitar, mas não tem jeito, André já virou dono da minha alma, de cada mecanismo do meu ser, que o obedece e me faz exibir a língua. Tento não me mexer quando meu marido coloca a lâmina de lado pousada sobre ela.

Ele não é o homem apaixonado e cuidadoso com quem durmo e acordo todos os dias nesse momento. Agora, diante de mim, existe apenas o sádico com dois buracos negros no lugar dos olhos, exibindo apenas caos e promessas de acabar comigo.

É aterrorizante ficar com essa lâmina sobre minha língua. Tenho medo de que a corte, mas, de algum jeito muito errado e sujo, meu clitóris lateja com isso, meus mamilos endurecem a ponto de parecerem prestes a cair. Mas só quando ele finalmente retira a faca do meu rosto, é que consigo respirar de verdade.

Olho para baixo, engolindo o acúmulo de saliva em minha boca. André guarda a faca no chão na frente de uma árvore, em cima de uma caixa de madeira. Quando vem para trás de mim, tento controlar meus espasmos. Estou morrendo de medo e louca de tesão com isso tudo.

É alívio o que inunda meu peito quando percebo que está soltando minhas algemas. Chego a exalar o ar, sem nem saber que o prendia por tanto tempo.

— Quando eu mandar, você vai correr de mim. Pode se esconder se quiser. E assim que eu te pegar, porque eu vou, tem permissão de lutar comigo. Pode me morder, arranhar, bater, o que conseguir fazer para impedir que eu te coma. Pois, quando eu conseguir, vou socar no teu cu como prêmio. Não serei gentil, então se esforça, amor. Me segurei esse tempo todo para não meter no teu rabo. Por isso, saiba que estarei com muita fome.

Essas palavras imundas como a lama abaixo dos meus joelhos me deixam doida. Eu mal sei o que pensar, o que falar, quando tento me concentrar no que ele disse. André quer me pegar por trás e sem pena. Preocupada, percebo que eu até quero que ele faça isso, porém, ainda assim, tenho medo. Mas tem uma única coisa boa: vou poder mordê-lo e arranhá-lo como sempre quero fazer.

— Tem palavra de segurança? — É o que consigo pensar.

— Não!

— E se eu me perder na mata?

— Não vai! — Ele segura meu queixo, enquanto meu olhar esquadrinha as redondezas, vendo que é uma mata fechada, onde eu não conseguiria me situar porque não conheço esse lugar como ele. — Eu sempre vou te achar, Maria! Esse jogo está ganho para mim. Agora, cala a boca e corre!

Eu não sei o que dá em mim, mas, quando ele fala sua última palavra, meu corpo já age por si só. Eu realmente corro, o mais rápido que já fiz na vida, com a cabeça em branco e meu senso crítico não existindo.

Não sou a Maria agora. Eu sou uma presa tentando sobreviver. Lutando para não ser encontrada pelo monstro que quer me comer inteira. Não me importo com o mato roçando minhas pernas, com o quão suja de lama estou. Em meio ao canto de cigarras, silvos estranhos de animais espalhados pelo ambiente,

tudo o que faço é tentar percorrer as árvores, às vezes em linha reta, as vezes em zigue-zague.

Meu peito queima com o quanto eu respiro rápido, com a quantidade de esforço e energia que gasto com minha fuga. Meus ouvidos tentam ficar apurados, mas a verdade é que estou quase surda.

Não faço ideia de onde ele está, mas posso sentir a adrenalina envenenando minhas veias. Meu sangue corre mais rápido que a luz, meus pulmões queimam, e estou inundada de suor. Sinto o couro da cinta em minhas pernas doendo, lacerando, mas não vou ousar tirá-las, porque teria que parar para isso, e, ao mesmo tempo em que quero ser pega e fodida, também quero correr. É contraditório, mas o que não é assim em mim?

Eu corro a ponto de chegar diante de um pequeno riacho. Na margem dele, encontro um amontado de pedras enormes. Estão repletas de musgo, e, quando resolvo me aproximar para me esconder atrás delas, sinto o quanto estão úmidas.

Eu nunca senti tanta emoção com ele. Tudo o que vivemos foi intenso, mas nada se compara ao meu instinto de sobrevivência sendo explorado ao máximo.

Tapo a minha boca, não querendo emitir nenhum som, me perguntando onde meu caçador está. De onde estou, consigo ver uma trilha de terra que sai do meio da mata e dá direto no riacho. Engulo em seco, tremendo, com os olhos arregalados ao ponto de doerem.

Sou obrigada a ordenar que meu corpo se tranquilize quando finalmente o vejo. Está pelado, com o pau duro feito uma rocha, parecendo a mistura sombria de um anjo caído e um rei que sabe muito bem o poder que tem. Ele olha ao redor, andando calmamente, e daqui, é quase como se a tatuagem de chama no pau dele fosse acesa pelos raios de sol sutis e apagados que entram pelas brechas das copas das árvores.

Ele não vai me achar!

Vou ficar aqui o máximo que der, e depois, acho que, se eu seguir essa trilha, consigo voltar para a cabana.

Pensar nisso alivia só um pouco dos meus pensamentos, mas, quando dou por mim, André sumiu do meu campo de visão. Isso faz minha garganta ressecar, meu peito quase parar a ponto de doer, mas é quando uma mão imensa tapa minha boca, quando o cheiro dele denuncia sua vitória eminente, que começo a me debater. André me puxa para fora do meu esconderijo, com seu braço parecendo uma rocha na parte de baixo dos meus seios.

Esperneio. Tento dar gritos mudos que são abafados por sua total falta de clemência. Enfio minhas unhas, agora grandes e pintadas de rosa, em seus braços. Tento enfiar o pé no chão, mas André me vira e me empurra com tudo contra uma das rochas. Quando ele levanta uma das minhas pernas, querendo meter seu pau em mim, sou o mais feroz que consigo, e feito um animal acuado, uso o que tenho para me defender. Eu mordo o ombro dele com muita força. Enfio as unhas em seus braços e as arrasto para baixo.

Feito uma fera ferida, ele ruge, desistindo de tentar me comer, enfiando a mão com tanta força no meu pescoço, que eu terei sorte se não ficar com marcas. Engasgo, lutando para ter algum ar, com os olhos esbugalhando e ardendo por ele me enforcar.

Estou fora de mim, pois, enquanto ele quase drena minha vida ao me deixar sem ar, minha boceta inunda a ponto de trilhas molhadas escorrerem pela parte de dentro das minhas coxas, chegando à lateral dos joelhos.

— Nesse jogo, eu sou mestre, Maria! Se renda! — ordena, mas ele disse que eu podia lutar. É o que faço quando enfio as unhas em suas bochechas, com força, até que ele pragueje e me solte.

— É porque não jogou comigo!

Tento correr, passar por baixo do braço dele, mas sou domada com facilidade pelos meus cabelos, que, por sinal, meu marido deve achar serem rédeas. Ele me puxa contra suas costas, me joga de frente contra a rocha, e com um só movimento, consegue enfiar seu pau na minha boceta.

Eu não gemo, grito. Não existe pudor, apenas um pau imenso se enterrando em mim até o talo, querendo resumir minha boceta a farelos. Meus seios, minha bochecha, minha barriga são esfoladas contra a rocha, sendo machucados, mas os gemidos que eu solto são insanamente de prazer.

— Geme, porra! — ele rosna, sendo implacável, me dando uma verdadeira surra de pau. Mas quando ele afasta meu cabelo do ombro e o morde com a força, eu berro. Sinto minha boceta se contrair, sabendo que vou ser humilhada e explodir, gozar. — Ainda não!

Sua última frase é dita ainda contra o meu ombro, enquanto ele resolve dar o golpe baixo de travar meu orgasmo ao retirar seu membro de dentro de mim. Choramingo, sentindo-o puxar meu cabelo sem qualquer sensualidade, feito um animal, um verdadeiro homem das cavernas, arrastando-me em direção à água.

— Está jogando sujo. — Não sei se gemo ou apenas grito, sendo forçada a ficar de joelho na margem do riacho. — O que vai fazer?

Eu quero lutar mais, brigar mais, mas não tenho forças. Estou mole, rendida, quando ele empurra minhas costas e me faz ficar de quatro. Meu corpo enrijece, porque o pau dele, pela primeira vez em nosso relacionamento, vem para a minha parte de trás.

— Estou tomando a única parte da minha mulher que ainda não foi minha!

Não existe clemência quando ele empurra meu rosto contra a água. Eu não sei o que é pior: sentir o ar escapando dos meus pulmões, o desespero de ser afogada, de ter os olhos ardendo por se abrirem dentro da água, ou sentir ele deslizando a cabeça do pau para dentro do meu cu.

Enfio as mãos na terra molhada, tento subir a cabeça, e quando não consigo mais me conter, acabo tendo água entrando pela boca e pelo nariz. André puxa minha cabeça para cima, e, nesse movimento, eu mesma acabo me movendo e engolindo mais o pau dele com o meu rabo. Eu quero gritar, mas meu corpo só quer expulsar água. Eu choro, tusso, sinto o pau dele entrando cada vez mais fundo.

Não há clemência.

Não há pudor.

Existe apenas o lado mais pesado do meu marido.

E minha face mais suja e devassa, que, mesmo degradada, sofrendo, continua excitada.

Ele não me afoga novamente, apenas rosna e desliza mais o pau para dentro. E mesmo com o pulmão incendiado, com a garganta e nariz ardendo pela agressão da água, ainda me excito quando ele move a mão pela minha barriga e depois a desce por minha boceta. André massageia meu clitóris sem deixar, por um só instante, de enfiar mais seu pênis dentro de mim. Arde, e agora que me recomponho do afogamento, percebo que isso dói bastante.

Dor e prazer. Agonia e libertação. Tudo isso se mistura enquanto ele me fode.

André finalmente enterra seu pau inteiro, movendo lentamente dentro da minha bunda. Minhas mãos estão soterradas pela areia do rio, imersas na água, enquanto começo a sentir mais prazer do que dor.

Ele começa a entrar e sair forte, a massagear meu clitóris com mais vontade, mais intensidade, a cada estocada firme que parece querer me quebrar

inteira.

— Esse cu é o paraíso, Maria. Queria morar dentro dele.

E essas palavras são o golpe certeiro para me fazer desmoronar. Gemo alto, desesperada, sentindo minha boceta contrair, meu ventre incendiar, apertar. E quando ele simplesmente empurra minha cabeça novamente contra a água, quando me afoga, o ar sendo tomado faz meu gozo se tornar milhares de vezes mais forte.

Eu sinto que vou morrer.

Que estou gozando como nunca.

É tão forte, potente e bom, que sinto que vou desmaiar.

Antes que acabe engolindo água, ele me puxa novamente. Uma cortina de água é lançada pelo ar por meus cabelos, e só então sinto o pau dele inchar, um urro vibrando por seu corpo inteiro, enquanto posso sentir a goza quente do meu marido sendo jorrada dentro do meu cu.

Eu não sei o que foi que deu em mim.

Mas quero ser a caça dele pelo resto da minha vida.


Epílogo



“Eu tenho tudo o que preciso quando você está comigo
Eu olho à minha volta, e vejo uma vida boa”.
Flashlight - Jessie J

O dia não está tão quente. Sob o céu com nuvens espaçadas e claras, aproveitamos uma temperatura amena na praia de ondas serenas, e como ainda não são nem dez da manhã, é uma hora boa para brincar na areia com a Luz. Também passei protetor solar em suas bochechas brancas, mas acho que exagerei. Está tudo emplastado, fazendo-a parecer um fantasminha. A mãe colocou nela um maiô infantil rosa, com mangas para proteger contra raios solares.

Tem pouco tempo que minha filha parou de usar fraldas, e como está quase com dois anos, já fala feito um papagaio, ama fazer perguntas, sendo curiosa feito a mãe.

Seus cabelinhos castanhos e curtos são lindos, seus olhões idênticos aos da Maria. Mas a boca, as sobrancelhas, e até o quanto ela é grande para uma criança da sua idade, isso, ela puxou a mim.

Minha Luz!

Teria outro nome para uma criança que resolveu vir ao mundo contrariando tudo? Que conseguiu curar meu coração?

Maria engravidou antes do nosso casamento, tomando injeção. Minha filha veio ao mundo porque realmente tinha que ser. Porque como sempre acontece com Maria e eu, as coisas não são como planejamos. O destino, indomável, quis que eu fosse pai mais uma vez.

E eu fiquei arrasado.

Após uma madrugada em que Maria não parava de vomitar, eu a levei no hospital. Ela fez alguns exames de sangue, mas, quando a médica viu os resultados, não disse nada e resolveu fazer um ultrassom no abdômen da minha esposa. Eu nunca vou esquecer aquele momento. Sabia, pelo sorriso da médica, que Maria estava grávida. Quando o som dos batimentos do bebê começou a soar pela sala, minha Maçãzinha começou a se tremer, apavorada. Magra como sempre foi, era de se esperar que, aos quatro meses de gestação, tivesse alguma barriga. Mas não tinha. Era apenas uma elevação rasa abaixo do umbigo que passara despercebida até por mim.

Maria me olhou com tanto medo...

Eu quis sair chutando tudo no hospital, praguejar mais uma vez contra o céu, quem me julgaria? Mas aquela mulher, com os olhos cheios de lágrimas, descobrindo uma gravidez daquele jeito, precisava de mim. E por amá-la tanto, enfiei rédeas nos meus demônios internos, os silenciei, e segurei a mão da minha esposa. Travei os medos que sussurravam no escuro que aconteceria tudo de novo, que alguém tomaria aquela criança de mim também. Mas me dediquei a perguntar a médica se o bebê era saudável, e ela respondeu que aparentemente era.

Tão improvável...

Maria teve medo de que eu a culpasse, que acreditasse que ela não estava se cuidando. Não o fiz. Eu sabia que fora apenas um golpe do destino. Confiava na minha mulher.

Ao invés de culpá-la, me meti numa terapia onde apenas falava do meu filho, para lidar com o medo de tudo o que aconteceu, para não espelhar na Luz, almejando ser um bom pai e um bom marido. Nunca revelei ao psicólogo os outros lados da minha vida. Apenas relato até hoje sobre a paternidade.

Eu surtei muitas vezes durante os meses finais da gravidez, com medo, tentando não demonstrar para a Maria, tentando não estragar a experiência dela.

Luz nasceu gorda, grande e muito saudável. E quando a peguei no colo, quando olhei em seus olhos enormes, ouvi seu choro, eu soube que a amava. Que a protegeria com todo o meu ser.

E a cada dia, eu enfrento os meus medos e tento ser o melhor pai do mundo. E gosto disso, de fazer castelos de areia como estamos fazendo agora, de enchê-la de beijos todos os dias, de dizer que a amo tanto, que ela diz para todo mundo a mesma frase. Aprendi a fazer penteados no cabelo dela, decorei

milhares de músicas de desenhos infantis, aprendi a brincar de bonecas... Tudo para a minha deusa mirim.

Com uma breve olhada para minha esposa, sentada na areia e nos admirando, vejo como está linda com sua barriguinha de grávida. Depois da terapia e da luz, venho perdendo o medo da paternidade. Dessa vez, o bebê foi planejado, um plano Kamikaze com nossos amigos, onde todas as nossas mulheres resolveram engravidar na mesma época.

— Sabia que eu tive um sonho igualzinho a esse momento? Foi logo após acharmos que éramos irmãos — Maria diz, bem alto, enquanto passa protetor na barriga. — Sei que você não acredita em destino ou que exista algo lá em cima, mas eu realmente vi o dia de hoje.

Dou um sorrisinho para minha esposa. Será que teve uma visão? Nunca saberemos! Mas hoje eu sei que destino existe. Ele me deu minha esposa, e depois minha filha... Não ouso duvidar disso.

É como se eu tivesse sido destruído até quase não restar nada, e agora, encaro uma vida boa, tranquila, onde tento ser o melhor que eu poderia para a mulher que escolheu me amar, que está me dando filhos.

Eu olho a minha volta e vejo que tenho tudo.

Meu coração ainda tem um buraco com o nome do Antoni, mas, ao redor dele está tudo refeito, remendado pela Luz, pela Maria, e pelo bebezinho que cresce na barriga dela.

Eu não preciso de mais nada.

Já estou completo.

Fim.


Agradecimentos

Eu vou começar pela pessoa que me ajudou muito nesse processo de Pecado: Adriana Mantovanelli, minha beta. Dri, você é uma profissional muito foda no que faz, e fico muito feliz por ter te encontrado nessa jornada da Série Ravina. Você foi super humana comigo, e nem sabe o quanto suas palavras ajudaram durante minhas crises de insegurança. Eu serei sempre grata e espero muito que você seja cada vez mais reconhecida pelo seu trabalho!

E preciso também falar do Bruno, que entrou nessa jornada doida de revisar esse livro por capítulo. Desculpa por te fazer surtar pelo prazo apertado. Aprendi com a sua esposa, hahaha!

Dresa Guerra, eu nem vou falar que gosto de você, eu já disse isso! A nossa amizade é doida, a gente não sabe como se conheceu, mas eu sempre vou lembrar que você nunca teve medo da minha loucura. A única coisa que eu lembro da época em que nos conhecemos, é que eu estava cancelada até o último fio de cabelo e você cagou para isso. Obrigada por todos os conselhos que você me dá sobre esse meio literário de cão em que a gente resolveu se enfiar e por ter lidos os capítulos que te mandei, além de ter me dado sua opinião!

E preciso agradecer a uma pessoinha muito doidinha, que mal entrou na minha vida e eu já amo super. Raquel, obrigada, do fundo da minha alma, por ter me dito para deixar o Bill livre! Você não faz ideia do quanto aquela frase mudou tudo. Eu realmente o deixei falar, consegui me ver livre dos meus medos e soltei as correntes dele.

E dona Elane, tu pensou que não ia estar aqui, né? Cara, eu sou tão grata por você me mandar mil áudios com suas opiniões sobre os capítulos! Te acho uma menina de coração bom! Espero que você sempre seja cheia de luz! Obrigada por tudo!


Nota da autora

Escrever esse livro se tornou uma tarefa difícil, que jurei não conseguir dar conta.

Crises de ansiedade. Necessidade de aprovação. Alterações de humor. Traumas com minha primeira jornada como escritora se reacendendo a cada dia. Eu encarei toda essa barra para terminar esse livro. Reconheço que muito disso também veio como herança do livro *Revolta* e o quanto me aprofundei na Isabela, abordando alguns dos meus próprios gatilhos, tornando *Revolta e Outras Coisas*, até o momento, o livro mais pessoal da minha carreira.

O Bill veio nesse momento em que eu estava com um pé na depressão, com uma baixa de humor forte. Eu não tinha ideia do quanto escrevê-lo seria desafiador. Embora ele seja o personagem central dessa trama e que faz parte do Ravina Tattoo (que deu origem a Série), minha maior conexão foi com a Maria. A leveza e ao mesmo tempo ousadia dela foram mais fáceis de lidar do que a natureza crua e animal do Bill.

Ele me escancarou a certeza de que o lado feio do ser humano é algo que sempre me fascina no campo da escrita, mesmo que amedronte, e que não importa o quanto eu tente me afastar disso, sempre vai ter um personagem me puxando pelos cabelos e me trazendo de volta. Então, mesmo caindo muitas vezes diante de *Pecado*, com inúmeras crises de insegurança e até medo do personagem e do enredo que o Bill estava me dando, aceitei me jogar na lama com ele e me sujar inteira.

Me sujar porque eu reconheço que ele é o personagem mais denso de toda a Série, embora nem de longe seja o pior que posso escrever. Também preciso reconhecer que nunca vi alguém tão pesado conseguir ser tão quente. Bill e Maria me queimaram no meio do fogo que nutriram um pelo outro, e me fizeram me apaixonar pelos dois, enlouquecer diante da dança maluca que era a relação deles. E agora eu tenho certeza: se antes minha alma ainda tinha uma chancezinha de não descer de tobogã, ela morreu com esse livro.

Mas nem só de trevas e drama vive a minha escrita. Se esse livro não funcionou para você, não desista de mim. Terei coisas mais leves em breve para contar também.

Então, depois de abrir meu coraçãozinho enrolado em arame farpado para vocês, espero que venham para “O lado Red da força”, sigam minhas redes sociais e acompanhem meus outros livros.

Nos vemos no livro do Harry!

Com amor e meu coraçãozinho arruinado, Red! <3
Instagram: @autoraredr


Red R.
AUTORA

[1] Profissional responsável por colocar piercings

[2] Vôlei de piscina

[3] Modelo de faca tática costumeiramente usada para defesa pessoal.

[4] Personagem do livro Cinquenta Tons de Cinza

[5] Acrônimo para Bondage, dominação, submissão, sadismo e masoquismo

[6] Que não faz parte do "universo" BDSM.

[7] Competição automobilística.

[8] O "jogo" é o mesmo que "cena". Utilizam-se essas nomenclaturas para dizer que atividades BDSM estão se desenrolando.

[9] Bottom é quem assume a postura de submissão durante uma prática BDSM.

[10] Aquele que domina a prática durante a sessão.

[11] Frase de segurança ou palavra de segurança são utilizados para parar uma sessão ou castigo no BDSM

[12] Moeda do jogo

[13] Jogo de multijogador online

[14] Lenda popular de um demônio que assume uma forma masculina para roubar a energia sexual de mulheres durante o sono.

[15] Trecho do poema A Gaiola de Maria do Carmo Barreto Campello de Melo

[16] Muito bêbada

[17] Trecho da tradução da canção *Take Me To Church*, do Hozier

[18] Filme produzido pela DreamWorks em 2013

[19] Trecho da música Take Me To Church do Hozier

[20] Espaço de armazenamento de aluguel.

[21] Trecho da música *"Take Me To Church"*, do Hozier